

# NÚCLEO DE APOIO À PESQUISA EM ETIMOLOGIA E HISTÓRIA DA LÍNGUA PORTUGUESA

## FAUNA E FLORA DO BRASIL (ESPECIALMENTE DO MATO GROSSO) SEGUNDO JOSEPH BARBOSA DE SÁA (1769)

(Dialogos geograficos, coronologicos, polliticos, e naturais, escripos (sic) por Joseph Barbosa de Saa nesta Villa Reyal do Senhor Bom Jesus do Cuyaba - Manuscrito 235 da Biblioteca Pública do Porto)



NEHILP

Catálogo na Publicação (CIP)  
Serviço de Biblioteca e Documentação  
Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas da Universidade de São Paulo

---

- F264 Fauna e flora do Brasil (especialmente do Mato Grosso) segundo Joseph Barbosa de Sáa (1769) [livro eletrônico] : (Dialogos geograficos, coronologicos, pollíticos, e naturais, escripos [sic] por Joseph Barbosa de Sáa nesta Villa Reyal do Senhor Bom Jesus do Cuyaba – Manuscrito 235 da Biblioteca Pública do Porto) / Nelson Papavero ... [et. al.] ; [coordenador da série:] Mário Eduardo Viaro. -- São Paulo : NEHiLP/FFLCH/USP, 2013.  
168960 kb ; PDF. -- (Arquivos do NEHiLP, ISSN 2318-2032 ; v.1)

Modo de acesso:

<[http://www.usp.br/nehilp/arquivosdonehilp/NEHiLP\\_1.pdf](http://www.usp.br/nehilp/arquivosdonehilp/NEHiLP_1.pdf)>  
ISBN 978-85-7506-217-3

1. Língua portuguesa (História e crítica). 2. Manuscritos (Brasil) (Século 18). 3. Biogeografia (Mato Grosso). I. Sáa, Joseph Barbosa de. II. Papavero, Nelson. III. Viaro, Mário Eduardo. IV. Série.

(21. ed.) CDD 469.798

NELSON PAPAVERO  
DANTE MARTINS TEIXEIRA  
JOSÉ LIMA DE FIGUEIREDO  
CHRISTIAN FAUSTO MORAES DOS SANTOS  
RAFAEL DIAS DA SILVA CAMPOS

**FAUNA E FLORA DO BRASIL**  
**(ESPECIALMENTE DO MATO GROSSO)**  
**SEGUNDO JOSEPH BARBOSA DE SÁA (1769)**

*(Dialogos geograficos, coronologicos, polliticos, e naturais, escripos [sic] por Joseph Barbosa de Saa nesta Villa Reyal do Senhor Bom Jesus do Cuyaba –  
Manuscrito 235 da Biblioteca Pública do Porto)*

FFLCH/USP  
São Paulo  
2013

## **UNIVERSIDADE DE SÃO PAULO**

**REITOR:** Prof. Dr. João Grandino Rodas

**VICE-REITOR:** Prof. Dr. Hélio Nogueira da Cruz

## **FACULDADE DE FILOSOFIA, LETRAS E CIÊNCIAS HUMANAS**

**DIRETOR:** Prof. Dr. Sérgio França Adorno de Abreu

**VICE-REITOR:** Prof. Dr. João Roberto Gomes de Faria

## **COMISSÃO ORGANIZADORA**

**COORDENAÇÃO GERAL:** Mário Eduardo Viaro

**PRODUÇÃO GRÁFICA:** Nilsa Areán-García

## **ARQUIVOS DO NEHILP**

Núcleo de apoio à pesquisa em Etimologia e História da Língua Portuguesa

[www.usp.br/nehilp/arquivosdonehilp](http://www.usp.br/nehilp/arquivosdonehilp)

[arquivosdonehilp@usp.br](mailto:arquivosdonehilp@usp.br)

## **CONSELHO EDITORIAL:**

Aldo Luiz Bizzocchi

Artur Costrino

Bruno Oliveira Maroneze

Carlos Eduardo Mendes de Moraes

Clotilde de Almeida Azevedo Murakawa

Daniel Kölligan

Elis de Almeida Cardoso Caretta

Federico Corriente

Francisco da Silva Xavier

Graça Maria Rio-Torto

José Marcos Mariani de Macedo

Joseni Alcântara de Oliveira

Mamede Mustafa Jarouche

Maria Clara Paixão de Sousa

Manoel Mourivaldo Santiago Almeida

Marcelo Módolo

Marco Dimas Gubitoso

Margarida Maria Taddoni Petter

Mariana Giacomini Botta

Maria Filomena Gonçalves

Mário Eduardo Viaro

Mario Ferreira

Martin Becker

Michael J. Ferreira

Nelson Papavero

Nilsa Areán-García

Paulo Chagas de Souza

Phablo Roberto Marchis Fachin

Safa Alferd Abou Chahla Jubran

Sandra Aparecida Ferreira

Sílvio de Almeida Toledo Neto

Solange Peixe Pinheiro de Carvalho

Valéria Gil Condé

Volker Noll

**ISBN 978-85-7506-217-3**

**ISSN 2318-2032**

# Arquivos do NEHiLP

Núcleo de apoio à pesquisa em Etimologia e História da Língua Portuguesa

[www.nehilp.usp.br/arquivosdonehilp](http://www.nehilp.usp.br/arquivosdonehilp)

---

Volume 1: 1- 203, 2013

ISBN 978-85-7506-217-3

ISSN 2318-2032

**NELSON PAPAVERO**

Museu de Zoologia, Universidade de São Paulo, São Paulo, SP

**DANTE MARTINS TEIXEIRA**

Museu Nacional, Universidade Federal do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, RJ

**JOSÉ LIMA DE FIGUEIREDO**

Museu de Zoologia, Universidade de São Paulo, São Paulo, SP

**CHRISTIAN FAUSTO MORAES DOS SANTOS**

**RAFAEL DIAS DA SILVA CAMPOS**

Departamento de História, Centro de Ciências Humanas, Letras e Artes,  
Universidade Estadual de Maringá, Maringá, PR

## **FAUNA E FLORA DO BRASIL (ESPECIALMENTE DO MATO GROSSO) SEGUNDO JOSEPH BARBOSA DE SÁA (1769)**

*(Dialogos geograficos, coronologicos, politticos, e naturais, escripos [sic] por Joseph Barbosa de Saa nesta Villa Reyal do Senhor Bom Jesus do Cuyaba –  
Manuscrito 235 da Biblioteca Pública do Porto)*

Núcleo de apoio à pesquisa em Etimologia e História da Língua Portuguesa (NEHiLP)  
Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas (FFLCH)  
Universidade de São Paulo (USP)  
São Paulo  
2013

## RESUMO

*Joseph Barbosa de Sáa (? – 1775), mais conhecido por seus escritos sobre a história do estado do Mato Grosso, Brasil, completou em 1769 um volumoso (408 fólhos) e erudito manuscrito, intitulado “Dialogos geograficos, coronologicos, polliticos e naturais”, que nunca foi publicado na íntegra. Esse manuscrito está depositado na Biblioteca Pública do Porto (manuscrito no. 235), em Portugal. Dez capítulos desse manuscrito tratam dos produtos naturais do Brasil (acima de mil, quase a metade sendo animais), observados por Sáa ao longo da costa do Rio de Janeiro, em São Paulo, sul de Goiás e especialmente no Mato Grosso, sendo a primeira monografia sobre a história natural deste último estado. Esses capítulos são aqui transcritos e comentados.*

Palavras-chave: Joseph Barbosa de Sáa; 1769; *Dialogos*; MS 235 (Biblioteca Pública do Porto, Portugal); Animais, Plantas; Mato Grosso.

## ABSTRACT

*Joseph Barbosa de Sáa (? – 1775), more known for his writings about the history of the state of Mato Grosso, Brazil, completed in 1769 a voluminous (408 folios) and erudite manuscript entitled “Dialogos geograficos, coronologicos, polliticos e naturais”, which has never been published in its entirety. This manuscript is deposited in the Biblioteca Pública do Porto (Manuscript no. 235), in Portugal. Ten chapters of the manuscript deal with the natural products of Brazil (over a thousand, nearly half being animals), observed by Sáa along the coast of Rio de Janeiro, in São Paulo, southern Goiás and especially Mato Grosso, being the first monograph about the natural history of this last state. Those chapters are here transcribed and commented.*

Key-words: Joseph Barbosa de Sáa; 1769; *Dialogos*; MS 235 (Biblioteca Pública do Porto, Portugal); Animals; Plants; Mato Grosso.

# SUMÁRIO

INTRODUÇÃO .....	8
LEITURA DIPLOMÁTICA DO MANUSCRITO E NOTAS EXPLICATIVAS .....	13
I. O REINO ANIMAL .....	13
Dialogo 4 (Fólios 275r-297v) .....	13
Dialogo 5 (Fólios 298r-325r) .....	41
Dialogo 6 (Fólios 325v-345v) .....	69
Dialogo 7 (Fólios 346r-356v) .....	96
II. O REINO VEGETAL .....	113
Dialogo 8 (Fólios 357r-378v) .....	113
Dialogo 9 (Fólios 379r-384v) .....	137
Dialogo 10 (Fólios 385r-396v) .....	145
III. Os AROMAS .....	160
Dialogo 11 (Fólios 397r-403v) .....	160
REFERÊNCIAS .....	171
ÍNDICE DE NOMES POPULARES .....	197

## INTRODUÇÃO

Aberta oficial e definitivamente ao público em 4 de abril de 1842, dia do aniversário da rainha d. Maria II, a Biblioteca Pública Municipal do Porto teve seu núcleo de documentação relativo ao Brasil, de acordo com os preciosos dados publicados por Meireles & Cabral (1997: 31-32), “em grande parte, originariamente reunido em duas bibliotecas particulares, cujos proprietários estiveram, de algum modo, ligados ao país. A primeira a salientar é a de Luís Máximo Alfredo Pinto de Sousa Coutinho, 2º visconde de Balsemão (que deteve os cargos de guarda-mor da Torre do Tombo, inspetor da Agricultura do Reino e que foi sócio efetivo da Academia Real das Ciências). A sua biblioteca deve-se, em parte, a seu pai, o 1º visconde de Balsemão, Luís Pinto de Sousa Coutinho, tenente-coronel de artilharia e capitão-geral de Cuiabá e Mato Grosso, cargo de que tomou posse em 1769 e que deteve até 1772. A segunda pertenceu a Sílvio Mondânio, nome arcádico de Manuel Francisco da Silva e Veiga Magro de Moura que, depois de ter exercido o cargo de desembargador na cidade do Rio de Janeiro, onde se encontrava em 1766, veio para a Relação do Porto, sendo aí chanceler até 1809, ano em que foi assassinado no meio dos tumultos que precederam a entrada do exército de Soult na cidade, durante a segunda Invasão Francesa. Na sua maioria, os códices de que aqui se trata são cópias. Algumas delas revestem-se, no entanto, de assinalável importância, quer devido à inexistência dos respectivos originais, quer por poderem ser complemento de outras versões manuscritas. Os seus limites temporais situam-se entre os séculos XVI e XIX, com particular incidência no século XVIII”.

Dentre as preciosidades existentes nessa Biblioteca, destaca-se o Manuscrito de nº 235, os *Dialogos geograficos, coronologicos, polliticos e naturais*, de Joseph Barbosa de Sáa. Ainda segundo Meireles & Cabral (1997: 33): “Autógrafo de José Barbosa de Sá, escrito em Vila Real do Senhor Jesus de Cuiabá em 1769, dedicado ao governador de Mato Grosso e Cuiabá, Luís Pinto de Sousa Coutinho<sup>1</sup> [e provavelmente constante do seu acervo posteriormente depositado por seu filho na Biblioteca do Porto]. O escritor, que já se encontrava no Brasil em 1723, como ele próprio refere nesse manuscrito, fez parte das expedições de bandeirantes a regiões auríferas e foi encarregado de proceder ao reconhecimento de terras e das missões dos jesuítas espanhóis. Em 1771 escreveu, também na Vila Real de Cuiabá, a tradução métrica dos salmos de Davi, que igualmente ofereceu ao visconde de Balsemão (MS. 147)”.

<sup>1</sup> Diz a dedicatória (Fólio 1r do MS. 235) [Figura 1]: “Ao Il<sup>mo</sup> e ex<sup>mo</sup> S<sup>or</sup> Luis pinto/ de Sousa Coutinho, do Conselho de Sua. Mag<sup>de</sup> fidelissima que Deos goarde/ Seo Governador, e Capitam general das/ Capitanias do Máto grosso ecuyabá.// S<sup>or</sup>.// Como v.ex<sup>cia</sup> foy o astro que illustrou/ essa, não antipoda, sim a mais incognita regi-/aõ da America; obsequiosa oferese por hum mi-/nimo filho, estas noticias suas; adonde achará que/ conta da America, o lugar easento que ocupa, as/ provincias e portos maritimos enque sedivide, a descripsam de suas Cos-/tas e portos maritimos, as gentes que nelas habitaõ/ leis ecustumes que practicão, efinal mente as/ producçoens de minerais, animais, e plantas que nella/ seachaõ; de donde poderá v. ex<sup>cia</sup> colher huma/ breve noticia sem corer muitos lugares; e posa/ como cultor desta rustica herdade ter conhecimen-/to dos meynos mais convenientes para sua cultura./ Seo ofertorio hé menos rellevante, supra a vont-/de, pois quem oferece tudo o que tem, sempre/ oferece muito. E se alguma cousa mereseo este/ disvello pede o amparo de v. ex<sup>cia</sup> por que se naõ/ perca total mente nas trevoas do esquecimento. A/ pessoa de v. ex<sup>cia</sup> g<sup>de</sup> De<sup>s</sup> muitos annos &a.

humilde subdito  
Joseph Barbosa de Sáa”.



Ao Ilmo e exmo Sr Luis Pinto  
 de Sousa Coutinho, do Conselho de Sua  
 Mage. fidelissima que Deus guarde  
 seu Governador. Capitão-general das  
 Capitãniã do Mato grosso e Cuiabá

Por

Como v. ex.ª foy o astro que illustrou  
 esta, não antipoda, sim a mais infognita regi-  
 aõ da America; obsequiosa operete por cum mi-  
 nimo fillo, estas noticias suas; adonde aclarã que  
 conta de America, e lugares extensos que ocupa, as  
 provincias em que se divide, adscriptam de suas Cos-  
 tas, e portos maritimos, as gentes que allã habitaõ  
 leis e costumes que practicaõ, e final mente as  
 produções de mineraes, animais, e plantas que nella  
 se achã; de donde podera v. ex.ª colher uma  
 breve noticia sem cores muitos lugares; e possa  
 como Cultor desta rustica Estado ter condesimen-  
 to dos meos mais convenientes para sua cultura.  
 Deo o portorio e manõ velle vante, supra avonta-  
 de, pois quem operete tudo o que tem, sempre  
 operete muito. E de alguma coisa meriteo este  
 diavello pede o campo de v. ex.ª por que não  
 perca total mente nãstrosos doos queiamento. A  
 peson de v. ex.ª o de do. muitos annos etc.

Humil de Subdito  
 Joseph Barbosa de Sá

Figura 1. Fólio 1r do MS. 235 da Biblioteca Pública Municipal do Porto – Dedicatória de Joseph Barbosa de Sá a D. Luís Pinto de Sousa Coutinho, Governador de Capitão-General da Capitania do Mato Grosso e Cuiabá.

Esse alentado cartapácio, com 408 fólhos, é dividido em duas partes.

A Primeira Parte, apenas indicada como “Parte p<sup>ra</sup>” na folha de rosto, contém 11 diálogos:

Diálogo 1 – fólhos 2r-22r (*Sobre a ideia de Deus e seus atributos*)

Diálogo 2 – fólhos 233-39r (*Sobre a criação do mundo*)

Diálogo 3 – fólhos 40r-53v (*Continuação da mesma matéria*)

Diálogo 4 – fólhos 54r-78r (*Descrição da América Setentrional*)

Diálogo 5 – fólhos 79r-98v (*Descrição da América Meridional*)

Diálogo 6 – fólhos 99r-113r (*Descrição da América Portuguesa*)

Diálogo 7 – fólhos 114r-125r (*Continuação da mesma matéria*)

Diálogo 8 – fólhos 126r-138v (*Descrição das diferentes raças, usos e costumes dos naturais da América*)

Diálogo 9 – fólhos 139r-160 (*Continuação da mesma matéria*)

Diálogo 10 – fólhos 161r-171r (*Descrição dos usos, costumes e nações a que pertencem os indivíduos que se têm introduzido na América*)

Diálogo 11 – fólhos 172r-210r (*Acerca das coisas da Igreja, governo e leis com que se dirigem aqueles povos*)

A Segunda Parte (título que consta no fólho 212r) trata do mundo material:

Diálogo 1 – fólhos 213r-238r (*Dos elementos do mundo*)

Diálogo 2 – fólhos 239r-253v (*O reino mineral*)

Diálogo 3 – fólhos 254r-274v (*Continuação da mesma matéria*)

Diálogo 4 – fólhos 275r-297v (*O reino animal: animais terrestres*)

Diálogo 5 – fólhos 298r-325r (*Continuação da mesma matéria*)

Diálogo 6 – fólhos 325r-345v (*Animais voláteis*)

Diálogo 7 – fólhos 346r-356v (*Animais aquáticos*)

Diálogo 8 – fólhos 357r-396v (*Reino vegetal: árvores e arbustos*)

Diálogo 9 – fólhos 379r-384v (*Continuação da mesma matéria*)

Diálogo 10 – fólhos 385r-396v (*Frutos*)

Diálogo 11 – fólhos 497r-403v (*Aromas*)

Nos fólhos 408r-408v Saa termina sua gigantesca obra submetendo-se à censura e à Inquisição:

“Se alguma cousa escrevi nestes meus/ dialogos, que não seja muito conforme, ao/ que tem cre [sic] e insina a Sancta madre Igreja/ ja Catholica Romana, professo e declaro/ ser por ignorancia, e não por mallicia; e tenho [?] sujeito a censura e coreçam/ dos superiores”.

Cópia manuscrita dessa obra existe no Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro (cf. Papavero, Teixeira, Figueiredo, Barros-Cordeiro & Pujol-Luz, 2012: 12-14), mandada fazer por Varnhagen.

Na sequência transcrevemos e comentamos os diálogos 4 a 11 da Parte Segunda, baseados em cópia em CD obtida junto à Biblioteca do Porto pelos dois últimos autores (CFMS e RDSC).

\*

Apesar de pretenderem ser “diálogos” entre dois personagens, Polivio e Felino, na realidade os diversos capítulos constam quase que exclusivamente de longos monólogos, extremamente doutorais e eruditos, feitos por Felino.

Saa demonstra nessa obra grandiosa e ímpar, a mais extensa do Brasil Colonial, uma extraordinária curiosidade por todos os aspectos do universo; ele mesmo diz, numa raríssima referência a sua própria pessoa, no fólho 398v: “Procurando a minha delligencia/ pela natural inclinasaõ que desde a puericia me acom-/panhou de saber das cousas

do mundo e da natureza...”. É dono de uma invulgar e enciclopédica cultura, bom latinista e católico; entremeia as introduções com frequentes passagens bíblicas, de autores da antiguidade clássica, poetas (tem especial predileção, aparentemente, por Góngora) e outros escritores, principalmente autores católicos. A bibliografia que cita é impressionante, algumas das obras sendo muito raras e volumosas; onde teria ele tido acesso a essas obras? Deve tê-las consultado durante vários anos, tomando notas das passagens relativas a animais e plantas; muitas dessas notas são detalhadas, incluindo até o número da página em que se encontrava certa passagem; outras são muito vagas, não podendo ser por nós determinadas.

\*

É extremamente frustrante sabermos pouquíssimo da vida desse notável intelectual do século XVIII (cf. Papavero, Teixeira, Figueiredo, Barros-Cordeiro & Pujol-Luz, 2012: 3-5), notadamente sobre onde obteve sua educação. Moura (1992: 74, nota 11) declara não haver encontrado o nome de Sá nos registros da Universidade de Coimbra.

Poucas datas podem ser estabelecidas sobre ele:

Segundo Meireles & Cabral (1997: 33), teria chegado ao Mato Grosso em 1723. Em janeiro de 1743 encontramos-lo como membro de uma expedição para obter mais informações sobre as missões de Moxos (Southey, 1819: 344; Almeida, 2009: 218).

Barbosa de Sá deixou três obras manuscritas.

Sua *Relação das povoações de Cuiabá e Mato Grosso de seus principios thé os presentes tempos* teve duas edições no século passado (Sá, 1904, 1975).

A segunda, *Chronicas do Cuyabá dos Annaes do Senado da Camara*, que abrangem o período compreendido entre 1724 e 1776, só veio à luz, ao longo dos anos, na *Revista do Instituto Histórico do Mato Grosso* (vide Sá, 1919a-b, 1920a-b, 1922, 1923a-c, 1924, 1925a-b, 1926, 1927, 1928, 1934, 1935, 1937). Mas, anteriormente, fora publicada como parte de uma obra de Joaquim da Costa Siqueira (cf. Siqueira, 1899). Como explicou Piza (1899: 1-3):

“Entre os papeis deixados pelo tenente-general José Arouche de Toledo Rendon e a mim confiados pelos seus herdeiros, encontrei umas interessantes *Chronicas do Cuyabá*, contendo a narrativa dos principais acontecimentos que se deram em Matto-Grosso desde as primeiras invasões que lá fizeram os paulistas até o tempo em que o chronista estava escrevendo.

Examinando o manuscrito e enumerando as suas folhas, todas deslocadas, verifiquei que a relação dos factos anteriores a 1718 é muito vaga e obscura, de modo que não dá uma ideia exacta das expedições paulistas de Antonio Raposo e de Luiz Pedroso de Barros, que atravessaram aquelles sertões pelos annos de 1648 a 1662 em busca dos tesouros do Perú, occultos nas entranhas dos Andes, e que nem mesmo foram mencionadas as invasões de alguns outros paulistas como Pedroso Xavier, Braz Mendes Paes, Pedro Leme, que, em varias épocas, estiveram na serra de Maracajú em lucta com os hespanhões do Paraguay, e João Martins Barros que mais tarde, por ordem do capitão-general D. Luiz Antonio de Souza, fundou nessa região a desgraçada colonia paulista de Yguatemy.

De 1723 em diante a historia toma a fôrma chronologica e vae narrando os factos de anno para anno com grande precisão de clareza. **A narrativa foi escripta por Joaquim da Costa Siqueira, ‘vereador da camara de Cuyabá’, em virtude da ordem do governo portuguez, datada de 20 de Julho de 1782. Diz o chronista que, para os factos ocorridos até o anno de 1765, não fez mais do que copiar, com algumas correcções, as *Chronicas do Cuyabá* de José Barbosa de Sá, e que daquela data em diante descreveu os fatos por conta propria, conforme o conhecimento pessoal que delles tinha** [nosso negrito].

Faltam ao manuscrito muitas folhas contendo a relação dos acontecimentos occorridos de 1731 a 1747 e de 1781 até o final, que deveria ser pelos annos de 1783 e 1784. A Bibliotheca Nacional possui dois exemplares das *Chronicas do Cuyabá* de José Barbosa de Sá até hoje ineditas, tendo um exemplar sido comprado juntamente com a *Collecção Carvalho* e outro sido recebido como dadiua feita pelo dr. João Severiano da Fonseca, que o trouxe de Cuyabá por occasião da sua viagem á roda do Brazil.

Foi-me facil obter daquella bibliotheca uma cópia daquelle manuscrito na parte relativa aos factos acontecidos nos annos de 1731 a 1747 e assim supprir a grande lacuna que encontrei no manuscrito de Joaquim da Costa Siqueira, existente em meu poder. Ficou, portanto, continua e completa a narrativa desde as origens do Cuyabá até 1781 e muito interessante para a historia colonial de S. Paulo e Matto-Grosso.

A falta das últimas folhas prejudica a história da capitania de Matto-Grosso, mas não afecta a narrativa anterior até o ano a que ella chega, podendo-se considerar que o chronista por algum motivo deixou de completar a sua obra, que ficou interrompida no anno de 1781.

Nestes termos, fiz a cópia de todo o manuscrito, inclusivé a parte vinda da Bibliotheca Nacional, anotei-o em todos os pontos que me pareceram obscuros, accrescentei-lhe em nota *in fine* a descripção de umas festas celebradas em Cuyabá, em 1790, em honra do ouvidor Diogo de Toledo Lara Ordonhes, conforme umas notas truncadas que tambem foram por mim encontradas entre os papeis do general Arouche, e de tudo faço presente ao Instituto Historico de S. Paulo, certo de que merecerá um logar na sua *Revista* e será devidamente apreciado pelos estudiosos da historia patria”.

Da sua terceira obra, os *Dialogos cronológicos, políticos e naturais*, existem, como já assinalado, dois manuscritos, um na Biblioteca Nacional do Rio de Janeiro, e o outro na Biblioteca do Porto (com cópia no Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro, no Rio de Janeiro), do qual tratamos, na parte relativa a plantas e animais, no presente livro. O manuscrito da Biblioteca Nacional do Rio de Janeiro (MS 9.2.7) (cf. Papavero, Teixeira, Figueiredo, Barros-Cordeiro & Pujol-Luz, 2012: 8-9, figuras 3-4) foi escrito em papel muito semelhante (de data posterior?) ao fabricado pelos “herdeiros de Antonio Pedroso, Lisboa”, em 1753. Podemos conjecturar que tais manuscritos fossem parte de um primeiro esboço de seu livro, escritos na segunda metade dos anos 1750; com efeito, esta conjectura pode ter algum fundamento pelo fato de Sáa haver escrito, no fôlio 282v do MS do Porto: “Entodos os mais lugares do Bra-/sil naõ se ve palmo de terra donde senaõ achem/ estes animais sem senhorio e com elle; nos districtos/ desta villa do Cuyabá, meteraõce as primeiras vacas **no an-/no de 1739 multiplicaraõ ental forma nestes 20 annos** [nosso negrito]/ que sam hoje sem numero; os que seachaõ já sil-/vestres sem senhorio pellos campos e serrados, além/ das fasendas que delles seachaõ, e com tanta facundida-/de que de anno e meyo se cavallgao novilhas, e vem/ a parir antes dos 3 annos”. O MS da Biblioteca Nacional (os capítulos sobre animais e plantas foram reproduzidos em Papavero, Teixeira, Figueiredo, Barros-Cordeiro & Pujol-Luz, 2012) tem algumas diferenças notáveis (algumas assinaladas em nossas notas de rodapé) com a grande obra terminada por Sáa em 1769 (MS do Porto) – é um documento tipicamente setecentista em sua organização, com inúmeras abreviaturas, como era costumeiro na época; constam alguns poucos nomes de animais e plantas que não existem no MS do Porto e vice-versa; o MS do Porto é extremamente elaborado e ampliado e, curiosamente, as frases são escritas por extenso, sem abreviações, num português algo peculiar, como pode ser visto em nossas transcrições abaixo.

O falecimento de Joseph Barbosa de Sáa ocorreu a 30 de maio de 1775.

Sem dúvida foi o mais erudito e prolixo autor do Brasil Colonial. Como naturalista, apesar de não conhecer os grandes progressos nos vários ramos das ciências naturais na Europa durante o século XVIII, principalmente o *Systema Naturae* de Linnaeus, merece os melhores encômios por sua infatigável curiosidade e seu cuidadoso exame das produções naturais do Brasil, em especial do Mato Grosso, sua preocupação com o conhecimento popular desses produtos, sua utilização como matéria medica e como alimento. Pode ombrear-se comodamente com Gabriel Soares de Souza, como já assinalara Varnhagen (1851: 395).

## LEITURA DIPLOMÁTICA DO MANUSCRITO E NOTAS EXPLICATIVAS

### I. O REINO ANIMAL

#### Fólio 275r

##### Introducçam

Continuavam os nosos interlocutores nos seus/ saborosos pasatempos, e como não faltase vontade enhum/ de ouvir e enoutro de historear, incistio o áulico: que/ pois dava o tempo lugar, e segundo a ordem do que ti-/nha prometido era tempo de dar noticia dos animais de/ suas naturallidades, asim dese principio que muito fa-/laria pello muito que na materia havia que diser, e/ que ponderar, pellas maravilhas que nelles obrou o Creador./

##### Dialogo 4

Felino – forão os animais creados por/ Deos nos seis dias da Creasão, a saber os volatis, e aquarios/ no quinto dia, e os terrestres no sexto: Dixit etiam Deus: pro-/ducant aquae reptile animae viventis, et volatile su-/per terram sub firmamento caeli::: Dixit quoque/ Deus: producat terra animam viventem in genere suo/ jumenta, et reptilia, et bestias terrae secundum spe-/cias [sic] suas<sup>2</sup>. Para tratarmos desta producçam como crea-/turas viventes senciveis, mostraremos primeiro que/ cousa seja vida, e vivente. Vida sedis de duas ma-/neiras a saber: in acto primo, et in acto secundo, in acto/ primo sedis por tudo aquillo que existe, in acto se-/cundo, por aquillo que semva [sic; mova], sente, e nutre./

In acto secundo vivem os animais, esta/ vitallidade conciste na união da alma com o corpo, sendo/ este forma daquella por quem semove, e sente; a alma/ conciderace en quatro maneiras, vegetativa que he principio/ da nutriçam, e augmentasam; sencitiva que he principio/ da sençasam; progreciva<sup>3</sup> que he principio do movimento; e intellectiva que he principio das operasoens do intendi-/mento, e vontade, que so sedá en Deos, nos Anjos, e nos Ho-/

mens//

#### Fólio 275v

mens e os animais só vivem com alma vegetavel sencitiva, e pro-/gresiva, com que senutrem e cresem, com que sentem, e conhe-/sem, e com que semovem intendem e exercitam todas as fun-/soens que suas formalidades lhes permitem./

Esta facultade sencitiva progreciva/ asemelhace com a intellectiva nos actos que exerse, mas/ nao na efficacia da animallidade, e com ella fasem os animais/ aççoens, que vemos pareserem intellectivas, e naõ sam, naõ/ excedendo porem aquella ordem e ley que lhes deo a natu-/resa a cada hum na pocreasam [sic] de suas especias; que hé/ o signal mais serto de lhesfaltar intellectuidade; por que/ o homem com ella he que obra o que a natureza lhe não insi-/nou; e o bruto como lhefalta, não excede. Conhesem o Cre-/ador com instinto implicito interno como dis a Sabe-/doria Cap. 3 [sic]<sup>4</sup>: vanitate homines in quibus non subest/ scientia Dei, interoga jumenta, et docebunt te<sup>5</sup>. Reconhe-/sem o homem por superior: omnia subjecisti sub pedi-/bus ejus, oves, et boves universas in super, et pecora campi<sup>6</sup>./

<sup>2</sup> *Genesis* 1, 20, 24. Todas as citações de textos bíblicos foram extraídas por Saa da *Vulgata*.

<sup>3</sup> Sobre o conceito de Aristóteles sobre os diferentes tipos de almas, ver Martins & Martins (2007).

<sup>4</sup> *Liber Sapientiae* 13, 1: “*vani sunt autem omnes homines quibus non subest scientia Dei*”.

<sup>5</sup> Esta parte da citação latina provém do *Liber Iob* (12, 7).

<sup>6</sup> *Psalms* 8, 8-9: “*omnia subiecisti sub pedibus eius oves et boves universas insuper et pecora campi volucres caeli et piscis maris qui perambulant semitas maris*”.

Tem estimativa, compreensiva por/ donde aprendem o que selhes insina tem os sentidos do corpo/ vivissimos mais do que o homem, e sobre todos o olfato/ com que mais sentem e conhesem. Conhesem as cousas natu-/rais melhor que os homens, não excedendo aquella propor-/sam que lhes deo a natureza quanto basta para sua/ conservasam. Augmentaselhes o saber com a idade, e esperi-/encia, quanto mais velhos mais sabem, sentem as paixõ-/ens dalma, alegria, tristesa, medo, ira, tem lembrança/ do pasado, e conhecimento do futuro enquanto as cousas na-/turaes; padecem infirmitades, e sabem buscarlhes os remedios/ por instincto natural; na mesma forma conhesem tudo que lhes fas damno e proveito, e sabem fugir dos males, e bus-/car o conveniente para sua conservasão./

Fellos Deos para povoadores da/ terra, serviso, e oblasam de seo santo nome, demonstrasam/

de//

### Fólio 276r

de seo poder, e saber, imprego dos thesouros de seo divino amor/ e bondade fazendo-os participantes do beneficio da vida; pa-/ra proveito e beneficio do homem, para a companhia susten-/to, e regalo; e sem duvida para o castigo como instrumen-/tos da divina justisa. Sam enfim mortais não tem mais/ penna nem gloria que enquanto vive a alma unida/ ao corpo, morto este extingue-se o todo; o motivo desta/ extinção da alma, he que como esta depende da vifi-/casam vegetavel, extincta esta parte como material/ extincto he o todo./

Movem alguns questão, se quan-/do os fes Deos já os signallou para o serviso do homem a-/quelles de que usamos, somente ou se todos elles; e he de ade-/vertir que os creou Deos a todos para o serviso dos homens, e/ estes foraõ-nos escolhendo para aquillo que mais conta lhes/ fasia; e assim vemos que os Cafres não tem mais animal/ domestico que os Bois e vacas, enque andaõ montados/ caregao as suas cargas, comem lhes as carnes e o leyte, e curtem/ os couros para seus usos./

Nas Indias orientais havendo/ tantos animais de toda expecia, só estimão as carnes das A-/badas<sup>7</sup>, das Vacas o leyte, e para qual quer tarefa o Bufaro/ alguns Africanos comem os Elefantes, os orientais ren-/denlhe reverencia, e os Arabios, e Persas temnos para/ carga – Os cavalos entre nos he pulha o comelos, e os/ septentrionais cortãonos nos asougues; e o mesmo os/ Chinos com os Caens; as Antas nas nosas terras silves-/tres, e na Moscovia<sup>8</sup> pastoradas em rebanhos, e o mes-/mo os veados na Tartaria. Os Perus entre nos criados/ com mimo, e nas terras de Mexico praga dos matos que des-/troem as sementeiras. Gaselas domesticas de sertos povos/ da Asia. Indimain<sup>9</sup> semelhante a Corsa de huns habitan-/

tes//

### Fólio 276v

tes da Libia e outros asim por donde vemos todos foraõ criados/ silvestres, e cada hum amansa aquelles que lhes fas conta/ e que mais propinquos acha./

Movem outros questaõ sobre as co-/res dos animais, seseguem as dos progenitores infalivel/ mente asim como seguem a semelhansa; ou se sam ac-/cidentais e podem variar enhumas mesma expecia; a ser-/tesa disto he que as cores dos animais sam accidentais/ e não proprias da natureza, que reconhecemos vendo os/ silvestres, seguirem as cores dos progenitores sem descre-/pancia alguma, e todas as vezes que sefazem domesticos/ não tem cor propria; e a causa he que nas suas na-/turalidades não vem outras creaturas senaõ as de/ sua expecia com quem secommunicaõ; e domesticos/

<sup>7</sup> Nome dado na Índia aos rinocerontes.

<sup>8</sup> Enquanto quase todos os autores designavam nossa anta pelo nome de “grão besta”, aplicado ao alce norte-europeu, Sáa inverte aqui a situação, e chama algum cervídeo da “Moscóvia” de “antas”. Como diz que são “pastoradas em rebanhos”, talvez tenha confundido alces com renas, estas sim domesticadas na Rússia, constituindo cerca de dois terços da população desses animais em estado doméstico, ocupando um espaço de mais de três milhões de quilômetros quadrados de tundra, floresta/tundra, taiga e áreas montanhosas (Klokov, 2007). Várias etnias se ocupam com a criação e/ou caça de renas, como os Chukchi, Sami, Evenki, Nenet, Koryak, Nganasan etc.

<sup>9</sup> Nome não encontrado na bibliografia. Talvez uma referência a *Acelaphus buselaphalus buselaphalus* (Pallas, 1766), antílope de médio porte que habitava o norte da África e talvez o Oriente Médio. Extinto por volta de 1923, esse quadrúpede foi domesticado em bom número pelos egípcios, sendo identificado por algumas fontes como o “yachmur” bíblico.

oferesesselhes a vista variedades de cores nas rou-/pas das gentes com quem lidaõ, e outros animais/ com quem semesturaõ; e por este objecto da vista/ he que vareaõ das cores na gerasam e asim man-/dava Jacob o gado com a industria das varas pin-/tadas<sup>10</sup>; e ainda que este facto inserase misterio ma-/is alto, não obsta o ser obra natural, que por/ estas seobrarão sempre altos misterios; que Deos/ tudo obrou na natureza para seo serviso./

Questionaõ outros sobre o senaõ/ juntarem os animais actual mente senão en sertos tempos, que-/rendo alguns que seja carencia de apetencia e só por nececi-/dade para o fim da gerasao; outros que por falta de apti-/daõ salvo naquelle tempo, outros que por não terem/ lembrança da deleitasaõ do coito. Perguntada huma/ senhora discreta, por que procuravaõ as mulheres o coi-/to entodo anno, e os animais não respondeo: por que sam/ brutos, dicto de mulher sentencioso, jocosos, e equivoco; hũ/ filosofo respondeo a mesma pergunta: que era por que/

os//

## Fólio 277r

os animais entudo seguem os impulsos da natureza, e que co-/mo esta não tem dominio napetencia discursiva que lhes-/falta, só se commovem pella sencivel, que he a commosaõ/ da carne ao tempo que a mesma natureza os expoem para/ iso, está muito boa resam, mas eu digo/

Que os animais enquanto ao maxo/ sempre esta exposto para o coito, na mesma forma que acontese/ aos homens que hé quando selhes oferece occasiaõ, e a femea/ he que lhe falta esa actual aptidam; esta não hé por/ falta de apetencia discursiva, nem da lembrança da de-/leitasam, mas sim por selhesfeixarem as vias com huma tal/ astincçam que so rasgada poderam ser comunicadas;/ e esta astincçam e sequidam não he accidental, mas sim/ intrinseca acual, e natural. Chegado o tempo enque a na-/turesa lhes da aptidaõ para a concepçam, transfundese-/lhes o sangue das veyas ao ventre de donde busca sahida/ incaminhando as vias externas, que he o que disemos/ menstruo nas mulheres por lhes acontecer todos os meses/ e nos animais de tantos entantos tempos conforme suas ex-/pecias; com esta expurgasam abrenselhes as vias e ex-/poense aptos para o coito, e entaõ he que os machos a pro-/curaõ que logo o sentem pello olfato; pasada aquella/ funsam, ficaõ incapazes como de antes, salvo logo/ asim que parem, que pella profluidade do parto lhes/ acontese o mesmo. Asim que não he falta de apetencia/ nem esquecimento da deleitasaõ; he por que a natureza/ asim o fes e ordenou enseo principio./

Agora sequisermos sobir a outro/ ponto mais alto, a procurar a resam e motivo por que a na-/turesa diferensou nesta parte os animais, dos homens, digo:/ que como o homem foy obra da eterna sabedoria, impre-/go do divino amor; quis que lograrse os deleites de/

que//

## Fólio 277v

que ofes capás sempre, e todas as veses que quise; e os ani-/mais como creaturas secundarias de menos estimasam no divi-/no apreso, não lhes consedeo esa regallia de que logra-/sem os deleites de que os fas capases todas as veses que/ quisesem; asim como fes para o homem tantas dilicias/ e para elles tam poucas./

<sup>10</sup> Gênesis (30, 31-43): “<sup>31</sup>E Labão disse: O que te darei? E Jacó respondeu: não me dê nada; se fizeres isto por mim, voltarei a pastorear tuas ovelhas. <sup>32</sup>Passarei hoje por todo teu rebanho apartando todas as ovelhas manchadas e salpicadas de cor; e todas as ovelhas de cor escura, e as manchadas e salpicadas de cor entre as cabras, e este será meu salário. <sup>33</sup>Assim responderá por mim minha honradez amanhã, quando venhas a reconhecer meu salário; toda a que não for pintada nem manchada das cabras e de cor escura entre as minhas ovelhas, há de ter-me como ladrão. <sup>34</sup>Disse então Labão: Seja como tu dizes. <sup>35</sup>E Labão separou naquele dia os machos manchados e listados, e todas as cabras manchadas e salpicadas de cor, e toda aquela que tinha em si algo de branco e todas as de cor escura entre as ovelhas, e as pôs nas mãos de seus filhos. <sup>36</sup>E pôs três dias de caminho entre ele e Jacó; e Jacó pastoreava as outras ovelhas de Labão. <sup>37</sup>Tomou logo Jacó varas verdes de álamo, de avelã e de castanha, e descascou nelas mondaduras brancas, descobrindo assim o branco das varas. <sup>38</sup>E pôs as varas que havia descascado diante do gado, nos canais dos bebedouros de água de onde vinham a beber as ovelhas, as quais prociavam quando vinham a beber. <sup>39</sup>Assim as ovelhas concebiam diante das varas; e pariam borregos listados, pintados e salpicados de diversas cores. <sup>40</sup>E separava Jacó os cordeiros, e punha em seu próprio rebanho os listados e tudo o que era escuro do rebanho de Labão. <sup>41</sup>E sucedia que quantas vezes se encontravam no cio as ovelhas mais fortes, Jacó punha as varas diante das ovelhas nos bebedouros, para que concebessem à vista das varas. <sup>42</sup>Porém quando vinham as ovelhas mais fracas, não as punha; assim, eram as mais fracas para Labão, e as mais fortes para Jacó. <sup>43</sup>E se enriqueceu muitíssimo o varão e teve muitas ovelhas, e servos e servas, e camelos e asnos”. É um dos mais antigos textos sobre a herança de caracteres adquiridos, através do mecanismo da pangênese (cf. Papavero, Llorente-Bousquets, Espinosa Organista & Mascarenhas, 2000: 44-47)

E continuando o noso ponto digo, que/ esa profusam sanguinea he nos animais á nececitate natu-/re [sic] que sem ella não conseberiaõ, não que della seforme/ a creatura mas sim pella expurgasam da matriz e ha vasam/ das vias que a creatura não seforma de sangue como/ querem eradamente muitos, nem de ovos como querem/ os senhores medicos; que o que eles chamaõ ovos tanto/ nas mulheres como nas alimarias<sup>11</sup>, sam humas grandu-/las e não materia de que se forme creatura; formace/ esta da materia seminal<sup>12</sup>, coagullada com a humidade/ aquosa da matriz, e alimentada com a vegetasam de que/ semantem a mai, asim e propria mente como a semente/ da arvore na terra de quem só mentes [sic] tira a sustancia/ e fecundidade com que senutre e crese./

Negaõ os fillososofos e medicos que/ posa a mulher depois de ter concebido, conceber outra/ creatura ensegando acto<sup>13</sup>, histo he commun; da contra/ esa opiniaõ he Plinio lb. 4 [sic, 7] histor. natural. Cap. 11<sup>14</sup>/ Hipocrates lb. perfect.<sup>15</sup> Aristotel. lb. de generat./ animal.<sup>16</sup> Mercard [sic] lb. de feminarum morbis<sup>17</sup>. Eu o que/ afirmo por esperiencia de vista; he que os animais/ como sam Cadelas, Gatas, Porcas, e Onsas que sam/ os que enque tenho feito este reparo, consebem

<sup>11</sup> Sobre as polémicas seiscentistas e setecentistas sobre a formação do feto e o “ovismo” cf. Papavero, Pujol-Luz & Llorente-Bousquets (2001: 89-101).

<sup>12</sup> Súa parece seguir ortodoxamente a concepção do Velho Testamento sobre a formação do feto. Assim, em Jó (10, 10-11) lemos: “Porventura não me mungiste como leite e coagulaste como queijo? De pele e de carne me vestiste; de ossos e de nervos me organizaste”; e no Livro da Sabedoria (7, 2-6): “Também eu, por certo, sou um homem mortal, semelhante a todos os outros, e da descendência daquele que primeiro foi formado da terra, e no ventre de minha mãe fui formado carne, e no espaço de dez meses fui formado de sangue coagulado, do sêmen do homem, no repouso propício do sono”.

<sup>13</sup> É a chamada *superfetação* – a concepção de novo feto, quando já existe outro no útero.

<sup>14</sup> Plínio “VII, xi: *Praeter mulierem pauca animalia coitum novere gravida, unum quidem omnino aut alterum superfetar. extat in monimentis medicorum et eorum quibus tália consecrari curae fuit uno abortu duodecim puerperia egesta. sed ubi paululum tempositis inter duos conceptu intercessit, utrumque perfertur, ut in Hercule et Iphiele fratre leis apparuit et in e aquae gemino partu alterum marito similem alterumque adultero genuit, item in Procomnesia ancilla quae eiusdem diei coitu alterum domino similem alterum procuratori eius, et in alia quae unum iusto partu, quinque mensium alterum edidit; rursus in alia quae septem mensium edito puerperio inseccutis tribus mensibus geminos enixa est*”. Na tradução de Rackham (1961: 537, 539): “Few animals except woman ever have sexual intercourse when pregnant – at all events superfetation only occurs with animals in very few cases. In the records of the medical profession and of writers who have been interested in collecting such occurrences, there is a case of miscarriage in which twelve infants were still-born at once. When, however, a moderate interval of time separates two conceptions, both may be successful, as was seen in the instance of Hercules and his brother Iphicles and in the case of the woman who bore twins of whom one resembled her husband and the other an adulterer; and also in that of the maidservant of Marmara who, as a result of intercourse on the same day, bore one twin resembling her master and another resembling his steward, and that of another woman who bore one twin at the proper period and the other a five-months’ child, and again of another who after bearing a seven months’ child was delivered of twins three months later”.

<sup>15</sup> Provavelmente um lapso por *Superfoetatione*. Cf. Foesius (1596: 222-232) e Littré (1853: 476-509). Ambos autores reproduzem todos os tratados ginecológicos atribuídos a Hipócrates.

<sup>16</sup> O texto de Aristóteles sobre a superfetação (επικύησις) está no livro *Geração dos animais* IV, v. Na tradução de Peck (1963: 447, 449): “In some animals superfetation does not occur at all, in others it does; and among the latter some are able to complete the nourishing of the fetation, others can sometimes do it and sometimes not. The reason why in some animals superfetation does not occur is that they produce one offspring only. Thus, it does not occur in solid-hoofed animals and in larger animals than these, because on account of their size the residue goes to the fetation and gets used up. All of those have large bodies, and large animals have large embryos, proportionate to their size; that is why the embryo of an elephant is as big as a calf. Superfetation, however, does occur in animals which produce numerous offspring at a birth, because where there are more than a single offspring one is really a superfetation upon another. Of these animals, those that are large, such as man, complete the nourishing of the second fetation, if the second copulation has taken place not long after the first; such an occurrence has in fact been observed. The reason is as already stated: Even in a single act of intercourse the semen discharged is more than sufficient, and this when divided up into portions causes the production of numerous offspring, one of which is later than another. When, however, the fetation is already advanced in its growth before the copulation takes place, superfetation sometimes occurs, but infrequently, because in women the uterus generally closes up during the time of pregnancy. But if ever it does happen (as in fact it has been known to do), the mother cannot bring the second one to completion, but ejects fetations that are very similar to what are known as abortions. The situation is comparable with that in the one-offspring animals, in which, on account of their size, all the residue is directed to the already existing embryo. So too it happens in these animals, except that in the former it happens straight away, whereas in these it happens when the embryo is already advanced in growth, because then their condition is similar to that of the one-offspring animals. Similarly, because man is by nature an animal which produces numerous offspring, and because there is something over and to spare as regards the size both of the uterus and of the residue (though not enough to bring the nourishing of a second embryo to completion), women and mares are the only animals which admit copulation while they are with young...”.

<sup>17</sup> Provável referência a Luís Mercado, protomédico de Felipe II e Felipe III de Espanha, autor de várias obras, entre elas duas sobre ginecologia; cf. Mercado (1602, 1609).



hum fi-/lho de cada ves que sejuntaõ<sup>18</sup>, entodo aquelle/

tempo//

### Fólio 278r

tempo que andaõ no cio, se parese isto difiçil de averi-/goar, sabei que he bem facil; reparando nas Cadellas./ Gatas, e Porcas que parem tantos filhos semelhantes ca-/da hum delles, aos maxos com que sejuntaraõ, e para/ mais sertesa huma cadela que vi juntarse com muitos/ gatos, e com hum cam defila; pario quatro gatos e hũ/ filla atravessado. Huma Onça pintada vi acharselhe/ no ventre quatro filhos já perfeitos, dous pintados,/ hum preto, e hum pardo, que são as três castas que se-/castisaõ humas com outras, que saem semelhantes aos/ pais e nao as mais; e como os animais enquanto na forma/ de conseber e gerar, não diferem da gente humana, não se-/pode duvidar que nas mulheres aconteça o mesmo./

Dividense os animais em tres ge-/nericas especias, perfeitos, imperfeitos, e minimos, dos da/ primeira falaremos primeiro como primases da clase, de-/pois dos da segunda, e por ultimo dos da terseira; acha-/ce destes grande partido da natureza a mayor parte em no-/sas naturalidades, de que darei noticia the donde sou-/ber pello que vi, e de que tive noticia./

Polivio. antes que deis princi-/pio a esta narasaõ tiraime de huma divida [sic], que soposto/ já nella tocastes, não destes solusam deixandoa para/ seo proprio lugar; e he que segundo a Sagrada li-/sam, na arca de Noe escaparaõ da invasão das agoas/ do universal diluvio; todas as especias de viventes/ que na terra existem, e sendo asim he nesenario saber-/mos quem trouce a estas regioens eses animais, lá/ das regioens da Asia adonde asentou a arca./

Felino. esa questão foy deba-/tida naquelles tempos enque sedescobrio America/

para//

### Fólio 278v

para cuja solluçam inventaraõ a historia da ilha Atallantica/ que disiaõ unia Africa com America, e que o mar submer-/gira, e para testemunho disto foraõ desenterrar Platam<sup>19</sup>; e se este/ ca viera, dicera que tal fabula não escrevera, que lho-/levantaraõ eses estadistas para capa de suas mal funda-/das ideyas; e isto por intenderem que America era ilha/ não tendo noticia, que he unida com a Europa como/ já vollo afirmei na descripsam geografica desta grande/ partida do mundo. Asim que tirada esta duvida ha-/vemos de asentar, que pasaraõ os animais da Europa/ para estas regioens pella parte septentrional, sem transi-/to algum de mar, nem neccidade de pasarem por de-/baixo do polo, mas sim seguindo as costas da Groelan-/dia pella do oriente, e as da Moscovia pello occidente/ de donde seforaõ estendendo por este dillatado terre-/no, e multiplicando na forma que hoje vemos<sup>20</sup>./

<sup>18</sup> Súa admitia portanto superfetação nesses animais, inclusive com fetos oriundos de diferentes pais, mesmo de diferentes espécies. Como curiosidade, os Tupinambá acreditavam em superfetação na espécie humana, segundo consta de um precioso depoimento sobre o mito da origem do gambá (*Didelphis*), colhido por Thevet (1575: 919r-910v): “A ce Maire [Maíra], s’en estant allé avec son pere Caroubsoz au Ciel, succeda son fils, nômé Maire Atá, qui print vne femme de son país: & elle estant enceinte, luy print fantaisie de s’en aller és regions lointaines: pource prenant sa femme, se meit en chemin. Elle qui estoit pesante à cause de sa grosseur, ne pouuant aller autant que son mary se meist à reposer: luy qui voulut l’esprouer, la laissa toute seule. Oyez, ie vous prie, comme ces bonnes gens poursuyuent leurs histoires. Le fruit qu’elle auoit au ventre, partoit avec elle, & la confortoit, luy enseignant le chemin que son pere auoit suivy. A ouyr cecy, vous diriez que cest enfant estoit plus parfait que ce Prophete Anglois Merlin, lequel on faint auoir esté fil d’un Demon Succube, d’autant que celuy parloit, & auoit raison, estât encore au ventre de sa mere, & Merlin estant entre les bras de sa mere encore alaictant. Or ce fils du Caraibe se commença à courroucer, & despister contre sa mere, à cause qu’elle refusa de luy dōner de petites legumes, qui estoient par les chemins: & pource cessa il de luy dōner response, & luy enseigner le chemin: qui fut cause, que la pauvre femme s’esgara si bien, que prenant vn chemin pour l’autre, elle vint en vn iardinage, où se tenoit vn homme appellé Sarrigóys, lequel la receut, & la voyant lassé, la pria de se reposer em sa Maison, esperant la deceuoir & en iouir. Elle qui auoit besoing du repos, luy obeyt, & se coucha: Mais ledit homme la voyāt endormie, se vint coucher avec elle, & eut sa cōpaigñie, comme bon luy sembra, si bien qu’il l’engrossit encore d’un autre fils, lequel tint au ventre compaignie au premier. Voyez si ces grossiers sont bons naturalistes, de penser qu’une femme enceinte (son fruit estât presque pres à sortir) en reçoie encor d’autre, & cōcoiue. Ce meschant trompeur ne fut point sans payement de sa folie: car dès qu’il eut fait son plaisir de la femme du Prophete, il fut change en vne beste, qui se nomme du nom de l’homme mué, à sçauoir Sarigóys, laquelle a la peau fort puante”

<sup>19</sup> Sobre a Atlântida como ponte intercontinental, por onde teriam passado homens e animais para as Américas, cf. Papavero, Teixeira & J. Llorente-Bousquets (1997: 37-40).

<sup>20</sup> Provável referência à passagem dos animais da Eurásia para as Américas, através do Estreito de Bering, postulada pelo Pe. Joseph d’Acosta em 1590 (cf. Papavero, Teixeira & Llorente-Bousquets, 1997: 41-46).

Polivio – e como seachaõ animais/ neste novo mundo de expecias diversas dos que lá mo-/raõ nesas outras partes do mundo velho, de donde di-/seis que vieraõ seus progenitores:/

Felino – a duvida está boa, e melhor/ será a soluççam. Que no mundo velho seachem ani-/mais que ca não chegaraõ consedo; mas que cá se a-/chem alguns que la não sejaõ nego; os animais da/ America saõ os mesmos que sahiraõ da arca, e foraõce/ estendendo pello universo orbe asim como se esten-/dem as plantas, e não que viesem de viagem, e aqueles/ que cá não chegaraõ, por lá seficaraõ pellos luga-/res adonde melhores climas acharaõ para sua con-/servasaõ, e sem aquelles inhabeis para romper mares/

e a-//

### Fólio 279r

e atravessar rios, como sabemos sam os Elefantes, Rynocce-/rontes, Camelos, Dromedarios, Bois, Cavalos, e Unicornios./

Comquanto as mais expecias delles/ o acharenses humas enhuns lugares, e outras enoutros hé por/ aquella resam que da o poeta: non omnis fert omnia te-/llus<sup>21</sup>, que nem toda a terra produs todas as cousas. He/ de saber que os animais como não tem tratamento algum/ procurado por arte, aquillo que chamamos agasalho por/ lhes faltar para histo o discurso; vivem e multiplicaõ/ pello impulso da natureza que asim como tudo cria/ tambem consome, a saber com os destemperamentos dos/ climas, as supersoens dos astros, as quallidades e pesti-/llensias das terras, e as tenuidades, e venenosidades dos/ mantimentos; o que não tem os homens que tudo histo/ remedeiaõ, fabricando roupas para cobrirem as car-/nes e amparalas dos maos ares, dos frios das calmas;/ formando casas para seampararem das destemperansas/ dos tempos, viverem quentes, e agasalhados. Cavaõ e quei-/mão as terras para as cultivar, abrandar, facundar,/ e purificar. Cosem, e asaõ os mantimentos, para os sus-/tanciallisar, corroborar, e dirigir e tudo mais a este res-/peito, e por iso toda a terra he sua e entoda ella/ podem habitar; o que falta aos miseraveis brutos,/ e por esa resam exparsos que fosem por todo o or-/be, só seficou cada expecia conservando adon-/de achou propicios os astros, os climas, a terra e fru-/ctos convenientes as suas condisoens, verb. gracia./

Como ouveraõ os Macacos, Bo-/gios que sua condisam he viverem sobre as arvores/

e//

### Fílio 279v

e comerem os fructos, e folhas dellas, ficarenses conservando lá/ pellas regioens septentrionais adonde no inverno ficaõ/ as arvores despidas sem fructo nem folhas: buscaõ as/ regioens calidas, adonde todo o anno he primavera, en-/todo o anno ha fructos e folhas; asim que seachaõ en-/todas as regioens da Asia, Africa e America que ja-/sem dentro nos tropicos; e fora delles ninguem os vê/ e todos os mais a este respeito./

Sabemos muito bem que a Europa/ está unida com Asia, pois porque senaõ vem na Eu-/ropa, Monos, Gaselas, Basares, Tigres, Elefantes, Rynocerontes, Leoens, e outros como sevem na A-/sia, sabeis por que, por que estes animais sam de na-/tura que o frio os acaba; e os Lobos, Raposas, Lebres, Ursos, e Veados da Europa saõ daquelles que se acom-/modam com o frio, e poriso ali aturaõ, e isto mesmo he/ a respeito dos astros, das terras, e junctos delas<sup>22</sup>./

Há outra resam muito queren-/te a respeito das variedades e diferencias dos animais,/ e he que foraõ sahando mestisos, e estes estenden-/do as proles informes e diferentes dos progenitores pe-/lla participasaõ de humas e outras quallidades de que/ prosedem as variedades que vemos, que paresem ser di-/versas expecias sendo as mesmas<sup>23</sup>./

E ainda que sediga ser regra da/ natureza, que os animais mestisos não geraõ como semos-/tra nas nullas cuja resam darei quando deste animal/

tratar//

<sup>21</sup> Por “poeta” Saa queria referir-se a Virgílio, mas o poeta romano escreveu a frase como sentença afirmativa (“*omnis fert omnia tellus*”, Ecloga IV, 39; cf. Royds, 1922: 46, por exemplo). A frase com uma negação (“*non omnis fert omnia tellus*”) deve-se a Erasmo de Rotterdam (Erasmus, 1551: 913, Chiliadis Qvartae Centvria III, xx).

<sup>22</sup> Ao postular o frio como causa das migrações de certos animais desde seu centro de origem e dispersão no Ararat (e depois de se dispersarem pela Eurásia), em direção às terras mais quentes da Ásia, África e América, Saa, brilhantemente, lançou uma teoria praticamente idêntica à que seria proposta por Buffon em 1778, em sua obra *Épocas da Natureza* (cf. Papavero, Teixeira & Llorente-Bousquets, 1997: 173-181).

<sup>23</sup> Provavelmente baseado em Athanasius Kircher (1675, *Arca Noe*) (cf. Papavero, Teixeira & Llorente-Bousquets, 1979: 53).

## Fólio 280r

tratar, histo he nas femeas que não consebem, que os maxos/ não nos consta que deixem de gerar, e esta esterellidade da/ femea hé naquelle primeiro grão, que nos seguintes não lhe-/fica a conjunsam das expecias en natureza, e como o officio/ desta he producir, obra nelles seo natural efeito. Histo/ vemos nas Onças que secastisam de diferentes expecias, e/ saem as veses mestisos, a as vezes hum da expecia da mai, e ou-/tras da do pai, o que tambem pode ser por sejuntarem/ as femeas com os de huma, e outra expecia. Nos Caens que se juntaõ com os Lobos, os Carneiros com as Cabras, e/ em muitas das aves domesticas./

E ainda mais que sefas esa diver-/cidade nas expecias anilicas [sic; animalicas], e ainda nas creaturas humanas,/ sem ser por conjunsaõ adulterina mas sim pella commoni-/casam dos individuos, e temperamentos dos climas; pella/ communicasaõ dos indivíduos, he na apreciasaõ visual dos/ objetos que actual mente se vem, sem ser nesario [sic] que seja/ no acto da conjunçam como os gados de Jacob, basta/ que actual mente veja huma creatura outra alguma/ diversa formallidade, para gerar aquella semelhança./ Em hum sertoã adonde estive com outros, não havia no/ lugar outra casa [caça] que actual mente secasase [caçasse] senaõ/ Monos; tinha hum dos companheiros huma negra e hum/ mulato e não tinha este outro officio mais do que ca-/sar [caçar] os Monos; pario a negra hum filho do dito/ mulato perfeito no corpo, cabeça e a cara propria do Mono, prin-/cipal mente a boca, e os olhos./

Nesta villa do Cuyabá foraõ tra-/sidos por huns Capitaens do mato, huns negros entre ma/chos e femeas que acharaõ fugidos enhum quilombo/ nas margens do Paragoay, adonde vinha hum ra-/

pas//

## Fólio 280v

pas de sinco para seis annos, com a cara semelhante/ a de Curuja a cabeça, boca, e olhos; gustaraõ todos de over/ pella novidade sem que algum discursace, nem inquiri-/se o motivo; chamei eu a mai do dito rapas, e pergun-/teilhe se no seo quillombo adonde estivera quando pa-/rio aquelle rapas, ouvera alguma Coruja; contou/ a negra que no dito quilombo criara huma ave destas/ tirada do ninho que sefiser a muito mansa que an-/davao sempre a brincar com ella, e que nese tempo con-/sebera e parira o rapas. Mas isto não he regra geral/ sem casualidades, e na mesma forma seveareaõ cores/ e formas de alguns animais que vemos na America di-/ferentes dos que seachaõ enoutras partes do mundo<sup>24</sup>./

A outra he a superasam dos astros/ climas e quallidades dos lugares, e alimentos de que se man-/tem, vemos nas nosas costas do Brasil as Antas rasteiras/ as carnes rijas, e fectidas, e por estes sertoens the as con-/tra costas muito mayores, e de boas carnes; os Porcos/ das serras do mar muito mayores e melhores carnes que/ os dos sertoens; e todos os mais animais como estes dife-/rentes de huns lugares para outros, nas formallidades,/ cores, e ainda nos sustentidos de suas voses./

E se me perguntais agora como estou/ vendo; de donde colhi estas doutrinas, e que autores achei que/ histo dicesem, respondo: que o conhecimento das cousas da/ natureza, não depende de actos de fé nem disposiso-/ens juridicas, mas sim de actos do intendimento, e ex-/periencias; e poriso não careso de textos, e authorida-/des para provar o que digo, que para autor basto/ eu, e quem no duvidar mostre o contrario saya a/

cam-//

## Fólio 281r

campo que na palestra estou; e com isto continuarei com/ a rellasam dos animais destas naturallidades, e destes seja pri-/meiro como de primeira clase o/

Boy dirivase esta palavra de/ Bosco que significa o sustento pello muito que este ani-/mal importa para o do

<sup>24</sup> Ambroise Paré publicou em 1573 um grande tratado intitulado *Monstres et prodiges* (reproduzido em Paré, 1652: 645-701), em que descreveu e ilustrou abundantemente casos em que as mães geravam filhos com caras de animais por haverem vistos alguns deles durante a gravidez, devido ao fenómeno da pangênese e herança de caracteres adquiridos. Cf. também Papavero, Llorente-Bousquets & Espinosa Organista (1995: 191-204).

homem; de suas propriedades escre-/veraõ Aristoteles<sup>25</sup>, Plinio<sup>26</sup>, Fextor [?], e outros, he hum dos/ mais notaveis de toda a bouvina clace; he hũ dos que/ vio Ezequiel tiravaõ da carosa enque hia Deos: fa-/cies hominis, et facies leonis, facies autem bovis<sup>27</sup>. foy dos animais que primeiro vio a Deos na terra feito ho-/mem; com este foy comparado o evangelista Sam Lu-/cas pella fortallesa e constancia. Foy nos sacrificios da/ ley antiga o de melhor eleysam. Tunc acceptabis sacrificium/ justitiae, oblationes, et holocausta, tunc imponet super al-/tare tuum vitulos<sup>28</sup>; por significativo da fermosura o poen/ a sagrada escriptura: Quasi primogeniti tauri, pul-/critudo [sic] ejus Deut. Cap. 33. n. 17<sup>29</sup>./

Era o genero enque as gentes dos/ tempos pasados fundavaõ as suas riquesas, como as que/ adquirio Jacob encasa de Labam, e parese que aten-/tas as conveniencias que lhes davaõ estes animais lhesde-/raõ as gentes cultos de divindade: isti [sic] sunt dij tui Is-/rrael, qui te eduxerunt de terra Egiti [sic]<sup>30</sup>, e ainda nos pre-/sentes seculos os adoraõ algumas nasçoens asiati-/cas, Siamez<sup>31</sup>, Pegus<sup>32</sup>, Bungos<sup>33</sup>, e os Candis de Seilam<sup>34</sup>/ com as suas vacas brancas que adoraõ, e athe o ley-/te dellas tem por cousa divina. Andaõ as vacas/ prenhes nove meses como a gente, nascem tam moles/

que//

## Fólio 281v

que senaõ poem enpe senaõ depois de dous e tres dias ali-/mentando-o a mai com o bafo e lamber; en parindo a vaca/ come as pareas<sup>35</sup> e sangue que com ellas lansa, e se o naõ chega/ a faser engeita a cria. Hé animal que tudo selheaproveita/ the os osos unhas, cabelos, e escrementos comesam a gerar de/ 3 annos e aos 30 acabaõ de velhos./

Foy esta producçam trasida da Euro [sic]/ para America adonde multiplicaraõ ental forma que/ sefes natural da terra, e como tal a tratamos pois achace/ hoje silvestre como outra qual quer desta naturalli-/dade. Na terra do Canada sam rasteiros pequenos/ de corpolencia porem fortes para o trabalho, e as carnes/ saborosas e sam as que comem os enfermos nas dietas./ Na Florida e Mexico, e Terra firme, há em mais abun-/dancia, e mayores de cujas couramas tiraõ os naturais mui-/tas conveniencias que selevaõ para a Europa em gran-/des somas de que pagaõ direitos a Coroa./

<sup>25</sup> Na *História dos Animais*, Aristóteles trata do boi, segundo a tradução de Cresswell (1862: 308 sob *âïðð*, *Bos taurus*, Ox), às páginas 5, 27, 28, 29, 30, 41, 62, 69 (milk), 97 (dreams), 100, 112 (lowing of the bull), 103(coition), 135 (tormented with lice), 161, 162 (sexual desires), 163 (discharges and urine of the cow), 169 (reproductive powers of bull; the castrated animal is taught to lead the herd; teeth, milk, and habits), 190 (veins in the embryo), 205 (modes of drinking), 206 (care of the ox), 207 (red cattle of Epirus), 219, 222 (diseases), 224 (the ox drinks pure water), 226 (Egyptian oxen), habits (236), 16 (wild oxen, B. Bubalus), 30 (one species of ox has a bone in its heart), 61 (oxen in Phrygia which can move their horns), 71 (small oxen in Phasis; oxen in Epirus), 72 (in Tortona), 113 (the cow brings forth at a year old), 226 (Syrian oxen), 278 (castration of the young; rumination).

<sup>26</sup> *História Natural* VIII, lxx-lxxi (cf. Rackham, 1967: 123-131).

<sup>27</sup> *Hiezechiel Propheta* I, 10: “*similitudo autem vultus eorum facies hominis et facies leonis a dextris ipsorum quattuor facies autem bovis a sinistris quattuor*”.

<sup>28</sup> Trecho, nesta formulação, utilizado nas orações da cerimônia *De Exechiis* (cf. Anôn., 1862: 85), baseado em *Psalms* 50, 21: “*tunc suscipies sacrificium iustitiae oblationes et holocausta tunc imponet super altare tuum vitulos*”.

<sup>29</sup> *Liber Deuteronomii* 33, 17: “*quase primogeniti tauri pulchritudo eius cornua rinocerotis cornua illius*”.

<sup>30</sup> *Liber Exodii* 32, 4: “*quas cum ille accepisset formavit opere fusorio et fecit ex eis vitulum conflatilem dixeruntque hii sunt dii tui Israhel qui te eduxerunt de terra Aegypti*”.

<sup>31</sup> Siameses, nome antigo dado aos tailandeses.

<sup>32</sup> Talvez referência aos habitantes da cidade de Pegu (atual Bago), na Birmânia.

<sup>33</sup> Possível referência à regência de Bungo (Muara Bungo), província de Jambi, Sumatra, Indonésia.

<sup>34</sup> Kandy, a última capital real do Sri Lanka (Ceilão), a 115 km de Colombo.

<sup>35</sup> Segundo Bluteau (1720: 265); “*Pâreas da parida. A membrana em que esá envolto o feto, & que sahe logo atraz dele*”; e “*Pareas. Além da dita membrana, saõ huma mistura de humores, que passaõ da máy ao feto, & sahem depois do parto. Purgamenta, quae post partum egrediunt. (As pareas, que juntamente sahem com a criatura, alligadas ao embigo. Luz da Medic. 368)*”. Bluteau refere-se à obra de Francisco Morato Roma, *Luz da Medicina*, cuja primeira edição surgiu em 1664. Na edição de 1753 (cf. Roma, 1753), à página 311, consta o Capítulo XIII: “*Das pareas, que vem com a criatura, quando nasce, ou ficaõ dentro no utero*”.

Nas ilhas de Cuba e Sancto Do-/mingos sam as Cabras dos montes [sic] que delles senaõ fas/ caso quem os quer vai buscar ao campo, adonde pa-/rem as vacas gemeos as mais das veses the 20 annos/ de idade e bota cada ves 35 arobas de carne. No/ Perú hé na mesma conformidade achaõce silvestres/ sem dono nem senhorio alem dos muitos que he do-/mesticos, e os mayores que entodo o mundo sevirã, che-/gaõce aver Touros de 18 palmos de comprimento./ Na provincia de Chile ha menos abundancia por se-/rem terras frias, e montuosas. Na do Paragoai enxem/ os campos montes, e vales silvestres, e domesticos e saõ/ os cabedais da terra no uso dos primeiros povoado-/

res//

## Fólio 282r

res do mundo, he quasi o sustento actual por terem terras/ faltas de pescado, e de lavouras poucas; os couros sam as co-/bertas das casas, os xifres sam os potes, baldes, e botijas./

Nos nosos lemites não he menos ade-/miravel a producçam destes animais; naquellas selebres cam-/panhas que descorrem das margens do Paragoay the o rio/ de San Pedro e Laguna, he tal a producçam que sefas/ inexplicavel laboro por huma sintomia, que he a ponde-/rasam de que ha 5 nasçoens de gentios barbaros naquele/ districto que não tem outro sustento mais do que aqueles/ gados. As Oncas [sic], e Gatos que nas mesmas campanhas se cri-/aõ sam sem numero, e do mesmo sesustentaõ. Os Portu-/gueses da cidade do Salvamento, e da de sam Pedro, alem/ do que gastaõ com o actual sustento, trasem actual/ mente esquadroens de cavallaria pellas campanhas/ a matar touros para lhestirar os couros só mentes [sic] tan-/to por conta delrey como de pessoas particulares de que/ caregaõ embarcassoens que seespalhaõ pellos portos/ do Brasil, e vaõ para Europa./

Na cidade da Sanctissima Trinda-/de de Boenos aires<sup>36</sup> arematao todos os annos por contra/ reyal a manteguilha para o que botaõ os contratadores/ para as campanhas cento e sincoenta cavaleiros mais ou/ menos, entodo o anno a matar vacas para lhetitar os ubres/ só mentes [sic] que fregem e he o que chamaõ manteguilha/ que recolhem para Boenos aires, para adubo dos gui-/sados e para os candieiros, entoda aquella provincia; e comtudo isto afirmaõ os practicos daquellas campa-/nhas, que senaõ conhese diminuisam alguma nos ga-/dos e sempre semostra a mesma abundancia. Afirmaõ/

Por-//

## Fólio 282v

Portugueses que aqueles lugares tem versado acharenses/ Bois com 20 palmos de comprimento que lansaõ 70 aro-/bas de carne, e cada corno que leva a medida de meyo/ alqueire, que sam os potes de que usaõ para agoa./

Nas campanhas da Coritiba alem dos/ que tem senhorio saõ tantos sem elle pellos campos, pi-/nhaes e serrados como as formigas da terra. As marges [sic] do gran-/de rio de San Francisco serstoens da Bahya e Pernambuco/ Parahiba, rio do Natal, e Seará, the o Piagoi [sic; Piauí] podem dar/ gados para sustentar toda Europa, Asia e Africa; as/ gentes que aquelles lugares habitaõ não tem outro/ sustento actual, e lansaõ enboyadas para os portos de/ mar; o mesmo he nos Goaitacases Capitania da parahi-/ba do sul adonde tambem produzem ental forma que/ innundando o rio os campos todos os annos enque mo-/re muita soma de criasam, não lhe fas demenuissam/ alguma que he o sustento commum de toda aquella/ Capitania, e da cidade do rio de Janeiro, para donde/ os levaõ en grandes rebanhos./

Entodos os mais lugares do Bra-/sil não se ve palmo de terra donde senaõ achem/ estes animais sem senhorio e com elle; nos districtos/ desta villa do Cuyabá, meteraõce as primeiras vacas no an-/no de 1739 multiplicaraõ ental forma nestes 20 annos/ que sam hoje sem numero; os que seachaõ já sil-/vestres sem senhorio pellos campos e serrados, além/ das fasendas que delles seachaõ, e com tanta facundida-/de que de anno e meyo se cavallgao novilhas, e vem/ a parir antes dos 3 annos./

Segue-se//

<sup>36</sup> Ao transferir a atual capital argentina para seu atual lugar, em 1580, Juan de Garay chamou-a de *Ciudad de la Santísima Trinidad y Puerto de Santa María del Buen Ayre* (o de *Buenos Ayres*).

## Fólio 283r

Seguese o Cavallo. He este animal dos/ mais selebres da natureza, mais decantado en divinas, e huma-/nas letras, o mais notavel entre todos. Job Cap. 30 n 20 Gloria/ navium [sic] terror, terram ungula fodit esultat [sic] audacter: in occursum [sic] gregis [sic] armatis<sup>37</sup>. Sam Joaõ apocalip. Cap. 19:/ ecce equus albus, et qui sedebat super eum, voca-/ batur fidelis, et verax<sup>38</sup>. Virgilio/

Hinc bellator equus, campo se se [sic] arduus infert<sup>39</sup>  
tanto quiseraõ os poetas exaltar este animal, que ofiseraõ/ coretor do Sol querendo significar que so da generosi-/dade e ligeiresa deste bruto podia o monarcha das luses/ confiar os asertos do seo curso. De alguns misteriosos/ cavalos publica a fama maravilhas, alguns fingidos, e al-/guns verdadeiros: daquellas forao: Erichtheo, Acteon/ Philogeo, e Lampos<sup>40</sup>: e destes Bucefalo<sup>41</sup>, Babeca<sup>42</sup>, Man-/tuano, Epidauro./

Foy o cavallo na literatura grega/ symbolo de grandes significativos como conta Eusta-/chio: reperto equi capite otium sibi significavi conjece-/runt<sup>43</sup>. Dis Plinio que he animal unico, que sente/ compacivo os males do homem: solius equi est propter hominem lacrimari et doloris affectum sentire [sic]. Que/ quando vem os donos mortos choraõ, dis Sancto Isidoro/ Origines lb. 12, Cap. [?] Interfectis, vel morientibus/ dominis, multi lacrimas efunderunt [sic]<sup>44</sup>./

Do amor deste animal senaõ po-/de duvidar enbuscar acompanhar, e obedecer a pesoa/ que o tra[ta], e afaga. Aquelles que goardam os lotes das/ egoas aque chamao pastor, defendem o seo lote com/ amor, e cuidado dos inimigos, e de outros pastores naõ/ lhas furtem, brigaõ por ellas the darem as vidas: buscao-lhes/ os pastos convenientes e agoadas adonde as guiaõ a pastar, e be-/

ber//

<sup>37</sup> Trecho bastante estropiado. *Liber Iob* 39, 20-21: “numquid suscitabis eum quasi lucustas gloria narium eius terror terram ungula fodit exultat audacter in occursum pergit armatis”.

<sup>38</sup> *Apocalypsis Iohannis* 19, 11: “et vidi caelum apertum et ecce equus albus et qui sedebat super eum vocabatur Fidelis et Verax vocatur et iustitia iudicat et pugnat”.

<sup>39</sup> Virgílio, *Geórgicas* II, 145: “hinc bellator equus campo sese arduus infert”.

<sup>40</sup> Nomes dos quatro cavalos que levam a quadriga de Apolo (o Sol) através do céu durante o dia. Fabius Planciadis Fulgentius, autor do final do século V e início do século VI, foi autor de uma *Mitologia*, onde se acha o seguinte trecho (Fulgentius, 1742: 637-638): “*Apollinem Solem diei voluerunt: áðüëüü enim Graece perdens dicitur, quod fervore suo omnem succum virentium decoquendo perdat herbarum. Hunc etiam divinationis deum voluerunt, sive quod Sol omnia obscura manifestat in lucem, seu quod in suo processu & occasu ejus orbita multimodos significationum monstret effectus. Sol vero dicitur aut ex eo quod solus sit, aut quod solite per dies surgat & occidat. Huic quoque quadrigam scribunt, illam ob causam, quod aut quadripartitis temporum varietatibus anni circulum peragat: aut quod quadrifido limite diei metiatur spatium. Unde & ipsius equis condigna sic nomina posuerunt, id est Erythreus. Actaeon, Lampos, Philogeus. Erythreus Graece rubeus dicitur, quod à matutino Sol lumine rubicundus exsurgat: Actaeon splendens dicitur, quod tertiae horae [momentis] vehemens insistens lucidior fulgeat: Lampos vero ardens, dum ad umbilicum diei centratum conscenderit circulum. Philogeus Graece terram amans dicitur, quod hora nona proclivior, vergens occasibus pronus incumbat* [nosso destaque]”. Na tradução de Whitbread (1971: 54): “They chose Apollo for the name of the sun, for *apollon* [sic] in Greek means losing, because by its very heat it ruinously takes all the sap from green plants. They also chose him as the god of omens, either because the sun turns into clear light everything obscure, or because in its rising and setting the orb gives effect to interpretations of many kinds. For the sun (*sol*) is so called either because it is unique (*solus*) or because it habitually (*solite*) rises and sets each day. They also assign to him a four-horse chariot, for the reason that either he goes through the cycle of the year in the four changes of the seasons or he divides up the space of the day in a fourfold division. From this they have given the steeds these appropriate names: Erythraeus, Actaeon, Lampus, and Philogeus. Erythraeus is the Greek for blushing red, because he rises red-faced on the threshold of dawn; Actaeon means resplendent, because he flashes the more brightly as he impetuously pursues the turning posts of his track; Lampus is burning, because he mounts the track towards reaching the midpoint of day; and Philogeus in Greek is called loving the earth because, bending forwards towards the ninth hour, he inclines to his setting”. Um manuscrito anônimo com uma variante desse trecho encontra-se na Biblioteca do Vaticano (cf. Maio, 1931: 41). Nos *Carmina Burana*, do século XIII (Anôn., 1847: 129) também encontramos: “*Actëon, Lampas, Erichtheus et Philogëus: / Istitis nominibus poterit spectare peritus / Quemque diem tantum tempus retinere quaternum. / Actëon primum Grëci dicunt rubicundum, / Nam sol purpureum iam mane novum tenet ortum. / Post graditur Lampas, est qui cognomine fulgens. / Nam tunc splendorem sentimus sole micantem. / Tunc est adveniens post hos Erichtheus ardens. / Solis fervorem quia sentimus venientem. / Post hos extremus tunc procedit Philogëus, / Dictus amans terram, quod vespere tendit ad illam*”.

<sup>41</sup> Bucéfalo, o cavalo de guerra de Alexandre, o Grande, rei da Macedônia.

<sup>42</sup> Babieca, o legendário cavalo do nobre castelhano Rodrigo Díaz, o famoso Cid el Campeador, cantado no épico *El Cantar del mio Cid* (escrito por volta de 1200).

<sup>43</sup> Muito provavelmente Sáa extraiu essa sentença de suas leituras de Góngora y Argote, pois diz Salas y Tovar (1630: coluna 24, nota 8, em seus comentários “Al Polifemo de don Luis de Gongora”): “O a caso tocò aqui la opinion de los Griegos, de que el cauallo era simbolo del ocio, segun Eustachio, *Reperto equi capite, otium sibi significari coniecerunt*”.

<sup>44</sup> Erro de Sáa. As frases aludidas são ambas de S. Isidoro de Sevilha (*Etymologiarum sive originum libri xx*, XII, 43): “*interfectis vel morientibus dominis multi lacrimas fundunt. Solum enim equum propter hominem lacrimare et doloris affectum sentire*”.

## Fólio 283v

ber, congregando os potrinhos novos por que senaõ desga-/rrem, e percam; mas tanto que chegaõ a anno e meyo, já os-/lansaõ fora do rebanho com seumes./

Custumaõ as egoas deixarce cavalgar/ logo depois que parem, senaõ ficaõ prenhes tornaõ a con-/sentir dali a hum mes, emprenhando não consentem mais/ the parir que he dali a onze meses. Pare enpe o ca-/vallinho perfeito, e com tal vivacidade que asim que/ tocou a terra poense logo enpe levanta a caudasita, e dá/ sua careirinha, e alguns daõ seo rinxo; como que estaõ/ no ventre desejosos de estender os membros e ver a luz pa-/ra louvar a quem oscreou, e deo o ser; e logo procuraõ o a-/llimento que a natureza lhesperparou acompanhando os/ pais com esforso e ligeiresa./

Afirmaõ os cavalleiros que lidao/ com estes animais actual mente que quando nascem/ trasem huma bola de carne preta na tromba, a que chamaõ/ baso [?] que as mais logo lho comem, e que enquanto o não fa-/sem estaõ brabas como feras, e que se acaso o não che-/ga a comer, engeita o filho; e afirmaõ mais que estes basos/ sam procurados de magicos inbusteiros, e feiticeiros; isto/ não afirmo, e quem o afirma he gente peblea [sic]; o que/ afirmo he comer a mai as pareas, que sam humas postas/ de carne do tamanho da copa de hum chapeo; comesaõ a ge-/rar de 3 annos e aos 30 acabaõ de velhos./

Querem alguns que seja a producçaõ/ destes animais propria da America por algumas infe-/rencias como hé o diserse que os Mexicanos tinhaõ/ usa de celas ginetes e outros areyos preciosos, e que fa-/siaõ guera com cavallos, e que entre peruanos seachava o/

mes//

## Fólio 284r

mesmo, o que seexvanese com o que as historias da con-/quista de Chile, que tinhaõ os naturais para si, que os/ Espanhoes montados a cavallo, eraõ biformes, acreditando/ que cavallo e cavalleiro era tudo hum individuo<sup>45</sup>; e he/ conclusaõ certa, que se os Mexicanos e Peruanos, ostivesem,/ teriaõ delles noticia os Chilenes sendo todos de hum/ mesmo continente, adonde por pouca que fose a corre-/llasam, sempre pello discurso dos tempos lhes chegaria a noticia./

Bem sei que merepicais com/ a instancia de serem os Chilenos barbaros, e aquelles ou-/tros polliticos; ao que respondo: que hiso está muito/ bem enquanto para o uso, e exercicio de montarem a cava-/lo, mas não para a noticia delles que nos Chilenes che-/garia se fosem naturais da terra. Outra instancia com que/ sepode provar o serem naturais da terra, he o acharenses/ nas províncias de Paragoay e Perú cavalos do pello/ frisado como dos negros de guine, e não consta que/ en outra alguma parte do mundo tal rasa se ache.

O que seexvanese com a sertesa/ que temos de que as cores e cabellos nas creaturas huma-/nas, e nos animais, não sam proprias da natureza mas/ sim accidentais, asim como as cores e cabelos dos negros/ que não sam de outra gerasam, mas sim da mesma de/ que nos procedemos; e nas nosas mesmas regioens ve-/mos nacionais diferentes em cores e cabelos e o mesmo/ nos animais de huns lugares para outros en pouca distan-/cia; Assim que o mais serto he serem estes animais/ trasidos da Eoropa, e nao naturais da America; multipli-/caraõ sim ental forma que sefiserãõ naturais chegando/ a silvestres como vemos en muitos lugares por campos,/ montes, e valles como outros quais queis que a natureza cria/

sem//

## Fólio 284v

sem dominio nem senhorio algum./

Na Florida, Mexico, e terra firme, ha/ muitos bons e de muito exforso; no Perú sam tantos domesticos/ e silvestres, que perdem a estimasam, ental forma que qual quer/ Indio ou pessoa miseravel pode posuir quantos quiser, e

<sup>45</sup> Erro de Sáa; eram os astecas que criam nisso. Cf. Diaz del Castillo (1795; 139 (Cap. XXXIV): “Aquí creyeron los indios que el caballo y el caballero era todo uno, como jamás habían visto caballo”.

extra-/nhaõ faserse qual quer jornada apê por pequena que/ seja. Na provincia do Paragoay na mesma conformida-/de, achaõce silvestres en muitos lugares adonde quem/ quer os colhe, e saõ grandes e fracos./

Nos nossos lemites he tambem copiosa/ a producçam delles como semostra domesticos, e silvestres en/ muitos lugares, principal mente nas campanhas da colo-/nia do Sacramento the a laguna adonde sevaõ colher/ ao campo como bens communs; costumaõnos castrar, os/ moradores destes lugares, e ficaõ fracos, sem exforso algũ./ Nas campanhas da Coritiba ha tambem grande producçaõ/ delles, e sam pequenos e fortes. Nas margens do rio de/ San Francisco, e mais sertoes adjacentes adonde secriaõ os/ melhores por grandes e fortes. Nas campanhas dos Goaitaca-/ses sam pequenos e froxos e sogeitos a huns gomas<sup>46</sup> que/ criaõ nos maxinhos<sup>47</sup> que logo seincapacitaõ; os da capi-/tania de Sam Paulo naõ sam muito grandes mas fortissi-/mos.

Ha final mente abundancia de-/lles entodos nosos lemites, e dos melhores de todo o mun-/do sem exagerasaõ, que naõ tem que ver com eles/ Andalus de Espanha, Pias<sup>48</sup> de Flandes, Frisoens<sup>49</sup> de/ França, Quartagos [sic]<sup>50</sup> de Alemanha, nem apocrifos filhos de Zefiro que achou – Virgilio<sup>51</sup>; naõ saõ destes nem dos/ que conta Andre de Resende nas antiguidades lusi-/

tanass//

### Fólio 285r

tanass nascidos nos campos do Mondego [sic] concebidos do vento<sup>52</sup>; os destes nosos destritos sam gerados segundo a ordem da/ natureza, adonde senaõ achaõ partos daquelles, nem inten-/dimentos taõ vaos como os que esas cousas acreditarã; pro-/vase o serem os melhores e mais fortes de todo o mundo, ven-/doce partirem da Bahya e Parnambuco conducçoens/ de cavalarias caregadas de fasendas, com oyto arobas/ de carga que he regra geral, e com ellas chegarem as minas/ gerais e Goas [sic; Goiás] com quatro meses de viagem e a do Cuyaba/ com seis marcando [sic] a 4 legoas por dia sem mais tra-/to nem sustento que chegados aos pousos lavalos e lansa-/los ao campo a pastarem a erva que com os dentes podem/ apanhar; a quais foraõ os mais selebres dos que contaõ/ as historias, que fisesem estas ventagens; seselebraõce/ fasendas de cavalos maravilhosos criados em estribarias com/ pam e vinho<sup>53</sup>, mas naõ secontaõ destas que referi./

A esta especie de animais pertence a/ dos Burros que seachãõ muitos na America espanhola tra-/sida a gerasaõ da Eoropa, e nos nossos dominios senaõ fas/ caso delles pella abundancia que temos de cavallos; castisam huns com outros de que nascem os mulos, e mullas,/ que naõ geraõ nem parem; sobre esta falta de socesam/ disputaõ os natura-

<sup>46</sup> Bluteau (1713: 93): “Gomma. Tumor nas canelãs dos braços ou das pernas (...). *Tumor fummosus in radio, vel in tibia*”.

<sup>47</sup> Machinho – Articulação no pé do cavalo.

<sup>48</sup> Bluteau (1720a: 490): “Pia, Egoa, ou cavalo remendado. Pia vem do Francez *Pie*, que significa duas cousas, a saber, a Ave a que chamamos Pega, & ao cavalo, que como a pega he manchado de branco, & preto, & ainda que no corpo de algum destes animaes o branco se ache misturado com alguma outra cor, não deyxão de chamar-lhe Pia. Pia manchada de branco, & preto. *Equus piae in morem varius*, ou *albo nigroque distinctus* (As manchadas pias, que rodaõ a carroça da Lua. Vieira, tomo 1. 279)”.

<sup>49</sup> Bluteau (1713: 217): “FRISAM. Natural da Frisa” e “Cavallo Frisaõ. *Equus Frisius*, ou *Friso, onis*. Seis galhardos *Frisoens* ao jugo presos/ Com correones de prata, & negro ràso/ Retem a terra em nobre fogo acesos./ Galhego, Templo da Memor. Livro 4. Estanc. 80 [referência a Gallegos, 1635] “.

<sup>50</sup> Bluteau (1713: 210): “Cavallo quattralvo, tem as mãõs, & os pês brancos. *Equus quatuor pedibus albus*. Os QUATRALVOS se tem por cavalos fracos, & de pouco trabalho, &c. No regimento da criação dos cavalos, impresso no anno de 1645, pag. 12”.

<sup>51</sup> Erro; a história encontra-se na *Iliada* de Homero (XVI, 148). Zéfiro teve com a harpia Podarge (também chamada Celaeno) dois filhos, os cavalos Xanthus e Balius.

<sup>52</sup> Referência à obra de André de Resende (1593), *De Antiqvitatibvs Lvsitaniae*, onde há, às páginas 41 e 42, menção à fecundação das éguas pelo vento. À p. 41, Resende menciona que, segundo Varro (*De re rustica* II, 1, 7), isto se dá num tal de monte Tagro, perto de Lisboa (cf. Resende, 2009: 148, para a tradução do texto latino original); à p. 42 Resende diz ter conhecido um lavrador de Benevente que tinha uma manada [de éguas] num mouchão [pequena ilha de rio] do Tejo; sem haver nela introduzido um macho, uma das éguas teria parido uma cria muito branca e muito rápida, que pouco depois veio a morrer. Se a égua ficou prenhe numa pastagem onde não havia machos, a cria só podia ser do vento... (cf. Resende, 2009: 35). Um excelente artigo sobre este assunto foi publicado por Fernandes (1984).

<sup>53</sup> Como já vimos em nota anterior, um dos cavalos de Heitor era alimentado por Andrômaca com trigo adocicado e vinho (Homero, *Iliada* VIII, 185).



listas, disendo huns que se pella muita/ calides com que se reidesea a matrix, outros que/ as mulas não empenhaõ por sedeixarem cavalgar mui-/tas vezes no anno, e outros que actual mente; e o serito/ he que a natureza entodas as creaturas obra seus efei-/tos por humas regras certas e infalliveis conforme suas ex-/pecias, na forma de conseber e gerar; e como os mestisos nascidos de duas expecias não tem esa regra certa/

por não/

Fólio 285v

por não ter expecia certa; não pode a natureza obrar nelles/ efeito para que consebam, por que não excede aquella re-/gra que in principio lhe deo seo Autor, e este tudo quan-/to fes na mesma forma conserva por ser inmutavel, e inefa-/vel. Mas isto he nas mestisas femeas mullas contra/ mais allimarias, que os mestisos machos não me consta/ que deixem de gerar com outra alimaria que seja capas/ de conseber tendo semelhante a sua expecia./

Carneiro he animal de muita conveni-/encia para as gentes vestindoas, e sustentadoas com as suas/ lans, e carnes que sam as mantensas de que caresemos nesta/ mortal vida, que tudo o mais se dis luxo, e vaidade/ e poriso hé este animal symbolo das riquezas, e tanto se/ agradaoã delle os gentios dos primeiros seculos que/ lherenderaõ cultos de vivindade. Ovid. metamorf.

Dux [sic] gregis, dixit, fit Jupiter; unde recurvis/

Nunc quoque, formatus Libys est cum cornibus Am-/

mon.<sup>54/</sup>

as propriedades deste animal sam tantas verdadeiras espostas/ que nellas sedetiveraõ mais que en nenhum dos outros Aris-/toteles lb. 3 de hist. anim. Cap. 17 [sic]<sup>55</sup>. Columel. lb. 7<sup>56</sup>. Eliano/ historia animalium lib. 11. cap. 29<sup>57</sup>. Plinio<sup>58</sup>. Galeno<sup>59</sup>./ Pierio<sup>60</sup>, e outros no que me não canso por não diser fan-/tasias como o elles fiseraõ./

O que poso diser he ser animal privi-/legiado entre todos os mais pello tomar Deos por gero-/glifico de seo corpo salvamentado: ecce in medio thro-/ni Agnum stantem tamquam occisum habentem oculos/ septem [sic]<sup>61</sup>; na carne do Cordeiro representava a sua: Non/ comeditis exeo [sic] crudum quid<sup>62</sup>. e foy nos sacrificios da/ antiga ley a oferta de mais aseitasam. Quis final mente/

faserce//

Fólio 286r

fazerce synonymo deste animal: Ecce Agnus Dei, ecce qui/ tolit peccata mundi.<sup>63/</sup>

Andaõ as ovelhas prenhes 4 meses/ parem commumente de dous em dous sendo sempre as primei-/ras ventrejadas de hũ, nascem muito fraquinhos que senaõ/ levantaõ antes de 4 dias, principiaõ a gerar de hum anno/ e de des acabaõ

<sup>54</sup> Ovídio, *Metamorfoses* V, 327-328: “*Duxque gregis, dixit, fit Jupiter, unde recurvis/ Nunc quoque formatus Libys est cum cornibus Ammon*”.

<sup>55</sup> Cf. Cresswell (1862: 207-208; VIII, xii).

<sup>56</sup> Columella (1781: 69-79, Cap. III. *De arietibus eligendis*).

<sup>57</sup> Aelianus (1567: 334, Cap. XXIX do Livro XI. *De ouibus sine felle* [Sobre as ovelhas sem fel], um breve parágrafo apenas).

<sup>58</sup> Cf. Holland (1848: 85-90, VIII, xlvii).

<sup>59</sup> Talvez uma referência ao capítulo XXII (De ovis) do Livro III de Galenus (1633: 274-276).

<sup>60</sup> Referência ao trecho *De ariete* (fólios 77v-79r), do “[*Liber decimus*] Pierivs Valerianvs ad Lactantivm Ptolomaevm nob. senen. de iis qvae per gregalia quaedam significantur ex sacris Aegyptiorum literis, de Bolzani (1575: 70v-79r).

<sup>61</sup> *Apocalypsis Iohannis* (5, 6): “*et vidi et ecce in medio throni et quattuor animalium et in medio seniorum agnum stantem tamquam occisum habentem cornua septem et oculos septem*”.

<sup>62</sup> *Liber Exodi* XII, 9: “*non comedetis ex eo crudum quid nec coctum aqua sed assum tantum igni caput cum pedibus eius et intestinis vorabitis*”.

<sup>63</sup> *Evangelium secundum Iohannem* 1, 29.

de velhos. He este animal ahinda que não/ natural da America que da Europa lheveyo a gerasam, pe-/lla naturallidade pella grande multiplicasam que logo/ fes. No Peru cresem tanto que os maxos servem de bestas/ de carga caregando a 4 arobas de peso em largas jorna-/das, e quando estropeaõ o pago que lhes daõ he tirarem-/lhes as pelleas e comerenlhes as carnes. Os carneiros de 5/ quartos que ha naquelas regioens e enoutras da Asia de/ que fasem mensaõ alguns historiadores, e as gentes não acreditaõ, he serto mas o quarto de mais para os quatro/ pes. He a rabada que apanha espinhaso e rabo tirada/ ental forma que rende tanto como qual quer dos qua-/tro; e com ventagem por levar huma polpa que tem/ sobre os rins que he como o peito da vaca./

No Brasil achãoce com mais ou me-/nos abundancia entodos os lugares, e senaõ superabundaõ/ he por delles senão se fazer caso, e não pasarem os impregos/ do vacuum; e adonde com alguma aplicasam se trata/ desta criasam he nas povoaosens da Coritiba adonde ha/ bastantes, e cresem como novilhos de anno, de cujas lans/ seutilisam aquelles moradores para varias obras que/ fabricaõ muito toscas sem perfeisaõ alguma./

As Cabras notaveis por suas pro-/priedades proveitosas galantes dignas de todo o reparo/

delas//

### Fólio 286v

dellas se derivou chamarem caprichoso o homem que procura a-/ventearjarce em obras e acçoens de fama; por serem sertam-/ente estes animais entudo adiantados aos demais, enque/ acharam os especullativos muito que observar; e poriso me-/reeceram as do poeta lugar eglogas 1 e 2.

*Ite meae, quondam felix pecus, ite Capellae*<sup>64</sup>/

*Capreoli sparcis etiam nunc pelibus albo*<sup>65</sup>/

e Marcial/

*pendentem summa capream derupe videbis*<sup>66</sup>/

achãoce entoda a parte do mundo, e na America mais do que/ em outra domesticas, e silvestres; das domesticas ha duas cas-/tas, humas grandes pernalongas vindas da Europa,/ e outras rasteiras trasidas da Etyhopia occidental<sup>67</sup> adonde são/ naturais./

Andão prenhes 4 meses, porem sem-/pre da primeira e segunda ves, huma só cria, e dahy endi-/ante, a duas, e a tres; as veses emprenhaõ logo despois que/ parem, e as ve-/ses não; e ainda que andem ao cio, muitas ve-/ses não ficão prenhes; mas sempre vem a parir duas/ vezes no anno. He dicto commum que o Bode he o a-/nimal mais luxurioso de todos, o que he engano manifes-/to que muito mais luxuriosos sam os Touros, e os Car-/neiros, e os Bodes paresem pellas Cabrinhas que fa-/sem, e treparemse huns nos outros logo asim que nas-/cem dahi a quatro e cinco dias, e depois de grandes pe-/llo estrondo que fasem atras das Cabras, o que he por forma e condisam de faser tregeitos correr e saltar,/ e não que seja/ hiso luxuria; comesam a gerar de hum anno, e aos des/ acabaõ de velhos./

O Porco he tambem animal notavel/ de suas propriedades escreveraõ alguns naturallistas; he sym-/

bollo//

### Fólio 287r

bollo da immundicia e poriso foy prohibido na ley anti-/ga, preseito que ahinda observaõ Judeos e Mahome-/etanos; he animal que quando peor vida pasa, mais engor-/da; dizem que he o animal mais boto, e indiscircivo/ de donde tiraraõ o proverbio: sus docet Minervam<sup>68</sup>, que/ disem pello nescio que quer repreender o prudente; o que he engano; que seja

<sup>64</sup> Virgílio, *Bucolica, Ecloga I*, 75: “*Ite meae, felix quondam pecus, ite capellae*”.

<sup>65</sup> Virgílio, *Bucolica, Ecloga II*, 40-41: “*Praeterea duo, nec totâ mihi valle reperti Capreoli, sparcis etiam nunc pellibus albo*”.

<sup>66</sup> M. Valerius Martialis, *Epigrammaton libri xiv*, 13, 99: “*pendentem summa capream de rupe videbis; casuram speres descipit illa canes*”.

<sup>67</sup> Nos *Libri Principis* (cf. Teixeira, 1995: 39, 40) há figuras de uma cabra e de um bode trazidos para Pernambuco pelos holandeses, “da Guiné”.

<sup>68</sup> Expressão extrapolada de uma sentença de Cícero (*Academica I*, 5); “*nam etsi non sus Minervam ut aiunt, tamen inepte quisquis Minervam docet*” (se não é o porco a dar conselhos a Minerva, como se costuma dizer, despropositamente cada qual se sente no dever de fazê-lo).

incapás de aprender habellidades pella condição/ e indisposissam dos membros concedo, que lhefalte/ o natural conhecimento, e instinto de que os mais sam doptados nego; e ainda digo que he dos animais o mais sagas e astuto/ com estimativa e memoria, e asim capases de aprender aq-/uillo que sua agillidade lhepermite. Em serto lugar cus-/tumava hum mancebo hir a casa de veados com seus caens/ acompanhou hum porco caxaso manso creado en casa, e pella/ continuasam fese tão bom casador como os mesmos cae-/ns, acompanhando-os entodas as funsoens de casadas, e fa-/sendo o mesmo que elles fasiaõ; tem o sentido do olfato vi-/vissimo com que persebem e conhesem tudo o que lhesfas/ bem e mal a sua conservasam./

Achaõce en nosas naturallidades<sup>69</sup> du-/as castas delles domesticos huma vinda da Eoropa, e outros/ rasteiros baregudos as trombas curtas, que he gerasam tra-/sida da [sic] Indias orientais<sup>70</sup>. Alem destes ha silvestres na-/turaes da terra, que tambem sefasem domesticos e tam bons/ como os outros sendo castrados e sevados; e contaõce destes quatro expecias, asaber Tayasú eté, Tayasutirica, Taete-/tus<sup>71</sup>, e outros semelhantes ao tayasute porem muito mayo-/res<sup>72</sup>; todos elles de boas carnes saborosas e tenras, e nocivas/ para dietas, e quando estaõ magros valem mais os couros/ do que as carnes, que curtidos sam muito bons para todo uso/ nesario de calçados e outros misteres./

Andaõ todos estes animais em lotes//

aque//

### Fólio 287v

aque chamamos fatos, e as veses tam abundosos que tras hum fato/ destes 200 e dahi para sima, e sempre unidos sem que ja-/mais sedesgarem huns dos outros, e o que por acaso se apartou/ e perdeo a companhia fica atado sem saber buscalla, nen/ poder corer, que as mãos setoma. Andaõ sempre de viagem/ e só sedetem adonde achaõ pasto conveniente, e lugares adonde/ costumaõ pousar; e adonde quer que parem logo a criar acom-/panha os demais. Trasem por sua ordem na dianteira e retagorda/ os maxos mais velhos, huns para guiarem, outros para tocaren/ o troso para diante, e espiarem as Onças que andaõ sempre a-/pos delles a colher os que se apartaõ do rebanho, que dentro naõ/ entraõ e se o fasem deixão as vidas en refens da presa, matando/ e regetando meya dusia delles, e ficando feitas en picado; estes/ vallentes são os Tayasus etés e Tayasus tircas que os/ mais sam cobardes. Criaõ estes animais nos buxos/ humas bolas de huma masa preta e muito fina que/ cresem como huma laranja, se tem virtude para a me-/dicina ahinda senão examinou; achaõce en toda Ame-/rica com abundancia./

Onça hé animal que seacha em to-/da America divide-se en septe expecias, a saber pretas aque/ chamaõ Tigres<sup>73</sup>, pintadas<sup>74</sup> de quatro diversas castas, Jagoapi-/tanga<sup>75</sup> que he da cor de um veado, e Sucerana<sup>76</sup> que hé/ sinsenta<sup>77</sup>. As pintadas<sup>78</sup> humas tem as manxas pretas em cam-/po vermelhaso, outras de manxa preta en campo branco/ outras

<sup>69</sup> Segundo Sáa [1775] (1904: 13), em Cuiabá “naõ haviaõ ainda porcos nem galinhas neste anno [1723] vieraõ as primeiras criaçoens de huma e outra couza”.

<sup>70</sup> Uma outra raça do porco doméstico (*Sus scrofa* Linnaeus, 1750), mamífero artiodáctilo da fam. Suidae. Durante a invasão holandesa do Nordeste, no século XVII, foram trazidos também porcos da Guiné, um deles tendo sido ilustrado (cf. Teixeira, 1995: 6).

<sup>71</sup> *Tayasú-eté* e *Taetetu* são sinônimos; trata-se do *caititu* (*Pecari tajacu* (Linnaeus, 1758)); o *Tayasutirica* é o *queixada* (*Tayassu pecari* (Link, 1795)). Ambos mamíferos artiodáctilos da família Tayassuidae.

<sup>72</sup> Também se trata do *queixada*.

<sup>73</sup> Tigre era a denominação comumente conferida à variedade melânica da onça.

<sup>74</sup> Na margem esquerda do MS há uma nota dizendo “Cangussú”.

<sup>75</sup> “Jagoapitanga” – literalmente onça vermelha” é um sinônimo de *suçarana*.

<sup>76</sup> “Sucerana” – Suçarana. *Puma concolor* (Linnaeus, 1771), mamífero carnívoro da fam. Felidae, comum em toda a América nos tempos coloniais.

<sup>77</sup> Nota na margem esquerda do MS: “Faltaõ nesta/ descripção, as/ Titericas – ou Maracajás/ ou coricolis”.

<sup>78</sup> À margem esquerda Sáa acrescentou a nota: “Cangussú”. *Panthera onca* (Linnaeus, 1758), mamífero carnívoro da família Felidae

manxadas de preto e branco igual mente e outras de/ manxa muito meuda de preto e pardo; todas ellas valen-/tes e exforsadas. As mais notaveis sam as pintadas de/ manxas pretas en campo vermelhaso que sam as mayores/ de todas mais valentes atrevidas, e confiadas que en-/traõ nos corais a matar o gado, e nos xiqueiros os Porcos,/

com//

### Fólio 288r

com tal exforso e agilidade, que mataõ huma res Boy/ ou vaca dentro no curral suspendenna, e tiraõ por sima/ da serca, que as veses he de oyto palmos de alto; roncão/ como hum Touro, e quando o fasem espantaoce os pasarinhos/ e fogem os mais quadrupes como seouvisem o estrondo/ da morte que os avisa; os demais tem os berros submisos/ e as Jagoapitangas meaõ como gato que seouve hũ/ quarto de legoa./

Costumão todos estes animais -/dar enconsorcio, mas quando chega a femea o farne-/si do cio ajuntaõce en queixas na mesma forma que fa-/sem os caens atras das cadelas, adonde fasem pendem-/cias, regetaõce, e mataõce as veses; e nestas funsoens naõ/ sejuntaõ só mentes [sic] as da mesma expecia mas de todas/ ellas, e todas castisam humas com as outras, e parem/ de hum parto the sinco e seis filhos como fasem/ as gatas, huns semelhantes aos pais outros as mais, e ou-/tros mestisos, como seachão nos ventres das femeas/ quando semataõ./

Sam todas ellas sagasissimas tem/ tal conhecimento e discurciva que paresem raccionais/ como he o saberense esconder de cillada para fase-/rem presa a sua vontade, e quando conhesem que/ sam vistas, fasece mortas ou que dorme [sic] para naõ/ faserem caso dellas, e acometerem a seo salvo; se achaõ/ fraquesa fasem presa, e se resistencia, poense a cobro/ e quando fogem he com huma tal simullasam que/ o não parese; temem a prespectiva da cara do homem/ en tal forma que quando para elle olhaõ, ficaõ supita/ e como esmorecidas, e muito mais se o homem lhe dá hũ/ grito com arogancia. Acometem e matam gente só de/

duas//

### Fólio 288b

duas maneiras, huma he a traisam muito a seo salvo; e outra es-/tando inbrabecida de todo o ponto que nada respeita, e ainda/ nestes casos quando asferem bem feridas as veses se retiraõ,/ as occasioens enque mais enbrabesem he, quando selhespegaõ/ os filhos, ou estando com alguma presa nas garras que/ se vai a intender com ellas, nestas occasioens ou mataõ ou/ morem constantes./

Casam animais da terra, do ar, e das agoas/ fasem cilladas aos pasaros que desem no xam adonde os/ colhem, trepaõ nas arvores a casar os que não desem, e os/ Bogios, que nellas vivem; aremedaõ os mais animaes no eco/ da vox, aos pasaros, e Bogios, com que os fasem chegar pa-/ra os prender; pescaõ peixes nas alagoas, e rios, e margens/ do mar postas de cillada enhuma ribanceira estendidas/ pella terra, e quando chega o peixe dalhe huma mano-/plada com tal geito que olansa en terra; e quando naõ/ chegaõ os peixes chocalha huma manopla na agoa para/ o faser chegar e então opesca./

Sam estes animais inimigos de todos os/ viventes, the os de sua mesma expecia, que seosmataõ/ en pendencias, ou achaõ mortos comem nelles sem escru-/pulo algum. Comem toda a quallidade de animais e viventes/ formigas, gafanhotos, e mais insetos [sic]; the podridoens como/ fasem os cachorros gosos; comem ervas nas infirmida-/des que sentem; nadaõ nas agoas taõ velloses que/ fas ademirar; tem os dentes durissimos que arebentão/ os mais duros osos, e com a velhise naõ lhes cae, mas/ gastaõ-lhes, tem vivissimo o faro com que tudo sentem/ e conhesem. Venselhes os olhos de noite como duas luses/ quando olhaõ encaradamente para huma pessoa; em

noi-//

### Fólio 289r

noites serenas de lua clara achaõce sentadas como caõ/ encaradas e inlevadas para a lua ental forma que naõ/ sentem quem a ellas chega. Sam suas carnes incapases de/ secomerem por gordas, e fectidas; exceto as Suceranas e Ja-/

goapitangas que sam mais acomodadas. As virtudes/ que nos dentes e unhas destes animais se dá he cousa in-/trusa entre a plebe, e trasenos nos brasos e pescosos por/ donaire; e as que lhesderão os antigos naturallistas sam mais/ para discursos poeticos e morais que para verdades fi-/sicas e naturais./

Anta hé animal que seacha/ en alguns lugares da Asia, Eoropa, e America; chama-/da dos Indios orientais gram besta<sup>79</sup> do que nos tra-/sem as unhas en grande estima, e cá não fasemos caso/ dellas; cresem thé 5 palmos de altura e 7 de com-/prido e 10 de grossura, há brancas e sinsentas. Sus-/tentance de ervas e fructas, he animal forsosissimo/ e taõ cobarde de animo que de qual quer cousa/ seespanta e foge. Tem o fel por todo o figado espalha-/do em veas sutis, pode estar debaixo da agoa huma hora/ sem respirar: engordaõ muito as carnes saborosas, de bom/ nutrimento, e ruins para doentes; as banhas de muito provei-/to para desfaser tumores e estender os nervos incolhidos/ por queixas galicas<sup>80</sup>; disem que as unhas das maos que tem/ nos maxinhos são uteis para gota coral raspadas e be-/bidas, e trasidas ao pescoço<sup>81</sup>; criaõ depois de velhas no buxo/ huma pedra branca<sup>82</sup> com as mesmas virtudes que tem a pe-/dra basar, achaõse entoda entoda [sic] America./

Veado<sup>83</sup> achace entodo o mundo/ disem que na Africa não nos ha<sup>84</sup>, o que he falso que os há/ com o nome de Indimaim e nalgumas provincias, delles/

es-/

### Fólio 289v

escreveraõ Plinio lb. 8. Capt. 5<sup>85</sup>. Eliano Cap. lb.1. Cap. 21. Histor./ de animalib. Aristotel. lb. 6. hist. annim. [sic] Cap. 19. Pierio/ in Geroglif. lb. 7<sup>86</sup> grandes maravilhas escreveraõ deste ani-/mal o que me não importa por serem tudo materias boas pa-/ra poetas, e so digo o que sei dos de minhas naturalli-/dades. Achaõce deles seis expecias na America; pri-/meiros são os servos<sup>87</sup> que lhes cresem as pontas divididas/ em galhos, e vivem nos campos e pantanaiz: outros sam os/ que chamamos veado branco<sup>88</sup>, que he hum diminutivo/ de servo entudo semelhante a elles, que anda en reba-/nhos

<sup>79</sup> Conferido tradicionalmente ao alce, *Alces alces* (Linnaeus, 1758), o termo “grão besta” (“magna bestia” em Baccio (1598), que registra esse nome desde a antiguidade clássica) terminaria sendo aplicado ao quadrúpede que – aos olhos europeus – se assemelhava à fêmea do alce, também conhecida como “anta”. Além do nome em questão, os colonizadores teriam transferido para os *Tapirus* do Novo Mundo suas crenças nas supostas virtudes terapêuticas apresentadas pelas unhas e chifres desse Cervidae (Baccio, 1598, enumera as muitas virtudes das unhas do alce, pp. 15-23: *De vngulae Alcis proprietate*, e os modos de administrá-las, pp. 35-39: *De communi vsv vngulae Alcis*), folclore talvez respaldado pelos costumes dos próprios nativos (Foster, 1953). Usadas como amuleto (Sáa registrou isto também), as unhas do alce eram vistas como um remédio contra a epilepsia e muitos outros males, sendo comercializada em farmácias como “unha da grão besta” (Baccio, 1598; Bluteau, 1712: 223; Jimenez, 1826: 307; Medina, 1889: 310-311; Miranda, Reigosa “Cuba, 2007. Ocampo López, 2006: 36).

<sup>80</sup> Para o Pe. Antônio Moreira (cf. Papavero & Teixeira, 2011: 92): “Sua banha é singular remédio para curar obstruções, dores e humores coagulados interior e exteriormente, untando-se repetidas vezes com ela quente o cancro”.

<sup>81</sup> Informação original de Sáa. Um autor anônimo do século XVIII declarou que as unhas da ‘mão esquerda’ da anta serviam para a ‘melanconia’ (Santos, 1984: 197). O Padre João Daniel reconhece que as unhas desse quadrúpede tinham ‘grande serventia na medicina’, mas não fornece detalhes (Daniel, 1976: 135). O Pe. Antônio Moreira limita-se a constatar que “Sua unha é a que vai [daqui] para as boticas para vários remédios” (Papavero & Teixeira, 2011: 91), também sem especificá-los.

<sup>82</sup> Os guaranis chamavam-na *morebí poâpêcue* ou *mborebí ita* (Restivo, 1893: 90).

<sup>83</sup> “Veado” – Embora semelhante designação pudesse ser aplicada a quase todos os representantes dos Cervidae (Artiodactyla), os autores dos séculos XVII e XVIII parecem ter utilizado esse nome tendo como referência sobretudo o veado-vermelho ou cervo-nobre do Velho Mundo, *Cervus elaphus* Linnaeus, 1758.

<sup>84</sup> Fato verdadeiro, já conhecido por Aristóteles.

<sup>85</sup> Plinio, *Historia naturalis* VIII, 32.

<sup>86</sup> Referência ao “*Liber septimus. Pierivs Valerianvs ad magnificvm Achillem Bocchivm bononiensem, de iis qvae per cervvm significatvr ex sacris Aegyptiorum literis*”, de Bolzani (1575: 51-57).

<sup>87</sup> “Servos” – Referência ao cervo, *Blastoceros dichotomus* (Illiger, 1815) (Artiodactyla, Cervidae), o único que apresenta galhadas de porte considerável comparáveis às do verdadeiro cervo europeu, *Cervus elaphus* Linnaeus, 1758. Vide nota anterior.

<sup>88</sup> “veado branco” – A julgar pelos comentários de Carvalho (1969) e Santos (1945), este seria um termo muito utilizado no pantanal matogrossense para designar o veado-campeiro, *Ozotoceros bezoarticus* (Linnaeus, 1758) (Artiodactyla, Cervidae), possuindo galhadas bem menores e menos rarnificadas que aquelas da espécie anterior.

tambem pellos campos: O veado pardo<sup>89</sup> habitante dos/ matos vermelhos cor de vacas, destes ha duas castas huns/ altos pernalongos<sup>90</sup> e outros rasteiros e grosos. Veado virá<sup>91</sup>/ que vive por serados e capoeiras, rasteirinhos vermelhos/ tirado a pardo, e outros tirados a azues<sup>92</sup> tambem rastei-/ros semelhantes as Lebres da Europa./

As carnes de todos estes animaes sam/ secas asperas e duras, sam todas boas para doentes mas de/ pouca sustancia, são todos animais corniferos e unha aberta/ tem o fel entre as unhas dos pes, criaõ sebo. que é pro-/prio de todo o animal cornifero, os couros bons para todo/ o uso sendo bem preparados imitão ao cordovaõ. O Ser-/vo he animal fermoso crese como hum novillo de dous/ annos na altura e comprimento, naõ na grosura; cresemhes/ os cornos the terem oyto pontas igoaes a maneira de hua/ coroa, em chegando a serto lemite de tempo quebrao-nos/ elles proprios; e naõ lhescaem de velhos como disião as/ gentes antigas; estas pontas que quebraõ que he pe-/lla raiz, nunca pesoa alguma as achou por donde/

habitaõ//

## Fólio 290r

habitão por naõ lhes nascer no mesmo lugar moles como huas/ cartillages por donde se presume que ascomem; e as que de no-/vo lhesnasem são cobertas de cabelo, que lhes caem quando co-/mesaõ a indureser, e a esgalhar. Tiraselhes destas pontas enqu-/anto novas, e das canellas, hum preciosissimo oleo para toda/ a quallidade de feridas, e outras operasoens medicinais./

Crião estes animaes como tambem os ve-/ados brancos do campo, uma pedra nos buxos dura com[o]/ entre cascacos que setiraõ das cebolas, humas alvas, outras/ amarellasas, e outras verdollengas conforme a madures en/ que seachaõ; que tem as mesmas virtudes da pedra Basar<sup>93</sup>/ que vem da Asia. O oso que diz Plinio cria no cora-/sam; não he oso total mente senaõ huma cartillage, que/ tirada e seca ao sol he que sefas dura, esta moida e be-/bida he cordeal admiravel. A lagrima<sup>94</sup> que disem/ alguns escriptores criaõ no canto ou lagrimal do olho/ dura como pedra que disem ser tambem cordeal./ nunca a pude achar, e perguntando a muitos naturais ex-/perientes destes Sertoens, se atinhaõ achado, afirmoume/ huma pesoa de verdade, que vira a dita pedra que crião/ depois de muito velhos; mas que não examinara se tinha/ virtude alguma. Sam estes animais mais amigos das ala-/goas que dos campos enxutos, e quando

<sup>90</sup> “huns altos pernalongos” – Demasiada breve para permitir uma diagnose conclusiva, essa descrição talvez diga respeito a uma espécie não identificada do gênero *Mazama* (Artiodactyla, Cervidae), cujos representantes frequentemente apresentam certa variação em termos de porte e colorido da pelagem.

<sup>91</sup> “veado virá” – Referência ao veado-virá ou veado-catingueiro, *Mazama guazoubira* (Fischer, 1814) (Artiodactyla, Cervidae), assim denominado por habitar as matas ralas ou caatingas (Santos, 1945).

<sup>92</sup> “tirados a azues” – Esses enigmáticos veados “azuis” de pequeno porte talvez sejam *Mazama goazoubira* (Fischer, 1814), em cuja sinonímia está *Mazama rondoni* Miranda-Ribeiro, 1919; estes veados apresentam uma pelagem de colorido sépia bastante escuro.

<sup>93</sup> “Basar” – A existência de “princípios medicinais” passíveis de serem extraídos das galhadas e dos pés dos veados pertence à tradição europeia, constituindo apenas uma das numerosas fábulas que cercam esses mamíferos desde tempos imemoriais. Algo semelhante ocorreria em relação aos bezoares, sendo que aqueles encontrados nos veados sul-americanos eram caracterizados como “ocidentais” na Europa, em contraposição aos “orientais” provenientes de diversos ruminantes asiáticos (vide nota 2). Segundo Cabrera & Yepes (1940), os caçadores brasileiros perseguiram intensamente tanto o cervo, *Blastoceros dichotomus*, quanto o veado-campeiro, *Ozotoceros bezoarticus*, com o intuito de obter essas cobiçadas concreções gástricas, que seriam comuns ao ponto de ter induzido Linnaeus a atribuir o nome *bezoarticus* a esta última espécie.

<sup>94</sup> Incrível a persistência dessa antiquíssima crendice no Brasil. “Uma das mais espetaculares de todas as pedras fabulosas era a *keme*, *keme* ou *lapis cervinus* ainda [chamada *lachrima cervi*], que se acreditava provir das lágrimas do cervo transformadas em pedra. Segundo Plínio (*Historia Naturalis* II, 8), não existe ninguém tão ignorante ao ponto de desconhecer a existência da eterna inimizade que leva o cervo a perseguir e devorar a serpente; pois sabe que assim aumenta sua força e renova sua juventude. Bauhin (1625: *De Lapidibus Bezoari*) continua a história, acrescentando que “após ter devorado a carne das serpentes, [o cervo] fica louco de sede e corre a toda velocidade até achar um rio ou lago, no qual mergulha para que a água refrescante mitigue o poderoso calor que o acometeu depois de devorar esses animais nocivos, ficando dentro d’água sem beber nada até que o calor abrasante tenha sido aplacado. Como o ensina a fazer a natureza, ao ficar parado nessas águas ele não bebe, tal como um Tântalo sedento no meio das vagas, pois se provasse a menor gota d’água cairia morto ali mesmo. Enquanto isso, lágrimas brotam lentamente de seus olhos e vão se tornando cada vez mais espessas no canto dos olhos, onde se congelam em pedras do tamanho de uma castanha ou de uma bolota. Quando o cervo se acha aliviado do veneno, sai para fora d’água e volta para sua toca. Para remover as pedras que constituem um obstáculo a sua visão esfrega a cabeça contra as árvores, ou, como dizem outros, ao sair para fora d’água as pedras caem de seus olhos no chão. Quando as encontram, os mercadores da Sicília e do Oriente vendem-nas a altos preços como remédio eficaz contra qualquer veneno. Pois isto é o ‘Belzahard’ [bezoar], ou seja, a ‘pedra-antídoto’, tão estimada que seus possuidores não têm o mínimo receio de qualquer veneno” (Papavero, Teixeira & Ramos, 1997: 202). Existem ilustrações dessa pedra em Cuba (1491) e em Valentini (1704: 430).

enxem que/ não achaõ terra alta nellas dorme en pé./

Achaõce tambem pedras nos buxos dos/ veados dos matos, pardos, e virás mas sam verdolengas/ e esponjosas, a maneira de hum pedaso de bofes, fis dellas/ algumas experiencias não lheachei virtude alguma./ Andaõ todos estes animais desta expecia prenes 4 meses/ e parem de hum a hum e as veses dous, duas veses no anno;/ sam animais cobardes, que tudo temem, e de tudo fogem/

tem//

### Fólio 290v

tem o faro vivissimo, com que tudo sentem, e tanto ao longe/ que estando a sota vento, de meya legoa presentem o que vem/ seja gente ou outro qual quer animal, para o que estaõ sempre vigillantes para a parte de donde lhesventa: achaõ-/ce por toda America en abundancia./

Vicunia<sup>95</sup> é expecia de veado ou Cabra/ montes cobertas de huma presiosa lam amarellasa manxada/ de branco; e algumas tiraõ a pardo e sinsento; andam em re-/banhos pellos montes e lugares mais asperos e pedregosos ligeiras, e fugases, que he nesario muita astucia para/ casalas; criaõ tambem nos buxos pedras de muitas virtudes/ semelhantes as dos servos<sup>96</sup>; querem alguns, que seja este/ animal o que chamaõ Onagro<sup>97</sup>, mas não he que vicunia/ he expecia de cabra, e Onagro de cavalo que tam-/bem selhesacha pedra medicinal, huns disem que na/ cabesa e outros que no queixo; e huns e outros achãoce nas/ terras do Peru thé Mexico, e en nosos districtos não./

Lobo serval<sup>98</sup> é semelhante ao servo/ na cor e corpolencia sem pontas pasta nos campos cus-/toso de casar; e he o mesmo que en outras regioens cha-/mão lynce, achaoce entoda a provincia do Perú e da-/hy para o norte, não chega aos nosos lemites./

Bogio<sup>99</sup> chamado generica mente no/ idioma brasilico Macaco, e no latino Simius descobri tre-/se castas delles, se há mais, não cheguei a ver, e sam as seg-/uintes, Goariba que chamamos Boriquio<sup>100</sup> sinsentos corpolentos/ como hum homem de pequeno corpo, semelhantes entudo/ aos Monos da Asia e Africa. Monos<sup>101</sup> de pequeno corpo/ pretos azevixados: Barbado<sup>102</sup> o maxo preto, e a femea parda/

Ca//

<sup>89</sup> “veado pardo” – Segundo autores como Carvalho (1969) e Santos (1945), este seria um dos nomes populares do veado-mateiro *Mazama americana* (Erxleben, 1777) (Artiodactyla, Cervidae), espécie de galhadas quase retas, constituindo o maior representante do gênero encontrado no Brasil.

<sup>95</sup> Vicunia – Alusão à vicunha, *Vicugna vicugna* (Molina, 1782) (Artiodactyla, Camelidae).

<sup>96</sup> É o famoso *bezoar* – Monardes (1580: 108v-118r), no capítulo “De la piedra bezaar” trata longamente do assunto, comentando muitos autores.

<sup>97</sup> Referência ao onagro, *Equus hemionus* Pallas, 1755 (Perissodactyla, Equidae), variedade de asno selvagem do Velho Mundo.

<sup>98</sup> “Lobo cervical” – Antigo nome português do lince-ibérico, *Lynx pardinus* (Temminck, 1827) (Carnivora, Felidae), empregado no texto para caracterizar um mamífero bastante distinto, impossível de ser identificado com precisão. Talvez por desconhecer que semelhante denominação deriva do latim “cervarius” (“aquele que ataca os cervos”), o autor terminou por cometer o equívoco de utilizá-la para designar um Artiodactyla propriamente dito.

<sup>99</sup> “Bogio” – No início dessa passagem, os nomes “bogio” e “macaco” foram utilizados como termos gerais passíveis de serem aplicados a qualquer primata.

<sup>100</sup> “Guariba ou Boriqui” – A julgar pela descrição, essa passagem diz respeito ao mono ou muriqui da mata atlântica, *Brachyteles arachnoides* (É. Geoffroy Saint-Hilaire, 1806) (Primates, Atelidae).

<sup>101</sup> “Monos” – Demasiado breve para permitir uma identificação mais acurada, este trecho parece aludir a um primata de pelagem negra e amarelada com o aspecto geral de um mono, *Brachyteles* (vide nota anterior), características que se ajustam sobretudo a *Ateles belzebuth* É. Geoffroy Saint-Hilaire, 1806 (Primates, Atelidae).

<sup>102</sup> “Barbados” – Alusão ao guariba preto, *Alouatta caraya* (Humboldt, 1812) (Primates, Atelidae), cuja pelagem se apresenta negra nos machos e cor de palha nas fêmeas.

## Fólio 291r

Cahy<sup>103</sup> pardo escuro: Cahy merim<sup>104</sup> da mesma cor, Sagui<sup>105</sup> cor de asafraõ./ Saamerim<sup>106</sup> pardinhos com huma manxa amarella na testa./ Saa legitimo<sup>107</sup> preto tirado a pardo. Saatinga<sup>108</sup> manxado/ de muitas cores mui gallante. Saaguasu<sup>109</sup> do grandor quasi/ dos Boriquis com o cabelo crespo torcido mesclado de/ branco e preto. Saagoa ete<sup>110</sup> pardo tirado amarellaso ou cor/ de canella com olhos como de gato muito fermosos, que/ paseão de noite, os pellos tam macios como seda. Bogio ver-/melho cor de fogo<sup>111</sup>. Bogio de cheiro<sup>112</sup> de cheiro [sic] asim cha-/mado pello fetido que tem./

Vivem todos estes animais sobre as/ arvores lá sejuntaõ, parem os filhos, criaõ-nos caregan-/do-os as costas, sustentaõce de fructas e folhas; desem ao xão/ as veses en procura da agoa, e quando sequerem pasar de/ huns capoens de mato para outros que acham campo en meyo, e se a distancia he pequena ou rio que semete en me-/yo, pegaõce huns aos outros fasem hum cordam abalan-/sandoce o que vai diante pega na rama da parte contraria/ e despegandoce o que ficou atras vaõ todos com o ba-/llanso; isto fazem so mentes [sic] os Boriquis, e os monos que/ os mais não são capases diso se enxem os pantanaís/ e ficaõ ilhados en algum capam de mato, ali agoar-/dam the abaixarem as agoas para semudarem./

Andaõ sempre juntos em rebanhos/ se algum fica atras e perde a companhia dos mais, alli/ fica atado, the tornarem por ali a pasar, ajuntaõce/ huns por diante, e outros cavalgando como os mais brutos/ parem hum so filho encada anno; asim que o pare/ abrazaõ lambe chegaõ ao peito e logo o poem as costas/ e acompanha o bando. Sentindo qual quer roido ao pe/

das//

<sup>103</sup> “Cahy pardo escuro – A julgar pelos comentários de Cabrera & Yepes (1940), diria respeito ao macaco-prego, *Cebus apella* (Linnaeus, 1758) (Primates, Cebidae). No MS da BNRJ consta: “Cahi pardo escuro, a q’ chamaõ outros Peludos”. Mesmo nos dias de hoje, os habitantes do interior de São Paulo e do Paraná continuam a utilizar o termo “peludo” para distinguir os indivíduos mais velhos e de pelagem hirsuta desse símio.

<sup>104</sup> “Cahy merim” – A exemplo do que ocorre atualmente em diversas partes do Brasil, o presente manuscrito parece empregar esse nome para distinguir os jovens de macaco-prego, *Cebus apella* (vide nota anterior). No MS da BNRJ consta: “Cahimerim, da mesma cor, q’ se chamaõ taõbem Micos”.

<sup>105</sup> “Sagui cor de asafraõ” – Esse trecho sugere um sagui de pelagem inteiramente amarelada, breve descrição que se adequa ao mico-leão dourado, *Leontopithecus rosalia* (Linnaeus, 1766) (Primates, Cebidae, Callitrichinae).

<sup>106</sup> “Saamerim pardinhos com hua manxa amarella na testa” – Embora muito expedita para permitir uma diagnose precisa, esta citação parece descrever um sagui de pequeno porte (Primates, Cebidae, Callitrichinae) possuidor de uma contrastante mancha na testa, referência passível de ser atribuída a várias espécies como *Callithrix jacchus* (Linnaeus, 1758) e *Callithrix penicillata* (É. Geoffroy Saint-Hilaire, 1812), que receberam o nome popular de “sagui-estrela” ou “mico-estrela” graças a tal característica.

<sup>107</sup> Demasiado breve para permitir uma identificação, talvez seja uma referência a *Callithrix aurita* (É. Geoffroy Saint Hilaire in Humboldt, 1812).

<sup>108</sup> “Saatinga” – Referência bastante truncada que talvez se refira a *Callithrix geoffroyi* (É. Geoffroy Saint Hilaire in Humboldt, 1812), espécie do Brasil oriental por vezes chamada de “caratinga” (teste Cabrera & Yepes, 1940).

<sup>109</sup> “Saaguasu” – Provável referência ao guigó, *Callicebus personatus* (É. Geoffroy Saint-Hilaire, 1812) (Primates, Pitheciidae). Ainda que não atinjam porte considerável, os guigós ou sauás (*Callicebus* spp.) são frequentemente vistos pelos habitantes do interior como macacos bastante corpulentos graças a sua pelagem densa e abundante.

<sup>110</sup> “Saagoa ete” - A descrição sugere o jupará, *Potus flavus* (Schreber, 1774) (Carnivora, Procyonidae), espécie arborícola vista amiúde como um macaco pelos habitantes do interior.

<sup>111</sup> “Bogio vermelho cor de fogo” – Provável referência ao guariba vermelho, *Alouatta seniculus* (Linnaeus, 1766) (Primates, Atelidae), espécie amazônica de pelagem castanho-avermelhada.

<sup>112</sup> “bogio de cheiro” – Provável referência a um dos representantes do gênero *Saimiri* (Primates, Cebidae), conhecidos vulgarmente pelo nome de “macacos-de-cheiro”, por passarem a própria urina na pelagem, o que lhes confere um odor característico.



## Fólio 291v

das arvores, desem a reconhecer o que he, espantandoce com/ muitas visagens, se he animal pequeno desem a brigar com/ elle, e se he cousa que os atemorisa fogem; e nisto repre-/sentaõ as Onças com elles humas galantes farças metendo-/selhe debaixo em algum serrado coberto de ramas fasen-/dolhes hum sustentido com a garganta escondendo o corpo/ batendo com o rabo de vez enquando; desem elles a reconhe-/cer o que he, tanto que ella os ve de geito fas sua presa/ fasendo os demais hir de volta; e o mesmo fas a gente que os quer casar a seu salvo./

As acçoens discursivas que destes/ animais secontaõ he tudo fabuloso, introduççam da ig-/norante vulgaridade; pois he bruto como os demais no/ conhecimento e instinto natural; diferensace na formallidade/ do corpo, pegar com as maos e com ellas faser acçoens/ e isto não nasce de discursiva, mas sim da formalidade/ dos membros, que o mesmo fiserão os mais se os tivesẽ/ capases diso; e como por sua natureza e condisam/ nunca está quieto, mas sempre a faser movimentos,/ fasem as veses alguns que conrespondem acçoens dis-cursivas, não sendo senão/ casuais externas, e mate-/riaes bem fora do sentido que lhesdaõ; e assim saõ os/ acontecimentos que delles secontaõ. Como o que achan-/do almofada de renda tomou a postura da rendeira/ e pose a menear os bilros; e o que com a mão do gato/ mexia os ovos no sinseiro<sup>113</sup> quente; menos o que/ furtou o saco de dinheiro do amo, e com elle foy faser/ partilhas lá da gavea do navio em que hiaõ embarcados,/ que este impulso não foy do Macaco, mas sim da/ divina Justisa./

Ingor-//

## Fólio 292r

Ingodão [sic] estes animais muito, e sam as/ carnes de todos elles rijas de bom sabor e nutrimento capases/ para todo o doente, e ainda em dia de purga, como actual/ mente acontese pellos nosos Sertoens; daolhes as gentes/ estimasoens a sertos osos, e pilleas [sic] que disem saõ bons/ para efeitos medicinais, do que senaõ deve faser caso/ por serem instruccoens da necia vulgaridade; achaõ/ce entoda America com a circunstancia de serem/ huns de humas regioens e outros de outras./

A esta classe pertense o animal/ chamado Hauti<sup>114</sup> e nos disemos preguisa, mas não que/ seja especie de Bogio: saõ de duas castas todas sin-/sentas, vivem sobre as arvores sustentandoce de folhas/ mera mente, não andaõ como os Bogios, mas com os/ corpos pensos abrasadas com as ramas das arvores adon-/de seasegurãõ com 4 unhas que tem cada pe e/ mão compridas, arcadas e fortes; humas tem a cabe-/sa redonda cara como Bogio, e outras focinho com-/prido como cachorro<sup>115</sup>; as da cabeça redonda gastaõ/ para semudarem de huma para outra rama o espa-/so de meyo dia e as vezes mais, e sem exagerasam pa-/ra estender hum braso gasta meya hora; as outras/ sam mais apresadas seo tanto o quanto, sobre as ar-/vores sejuntaõ parem, e trasem o filho sobre a bariga/ abrasados com sigo; dam huns asobios que seouvem/ ao longe; tem as carnes alvas e saborosas, e boas para die-/ta os couros bons para quais [sic] obras, achaõce entoda/ America dentro nos tropicos como tambem saõ todos/ os Bogios que fora delles não aturaõ./

Capi//

## Fólio 292v

Capivara<sup>116</sup> he animal do grandor de/ huma ovelha bojuda de muitas carnes de cor parda tirada/ a vermelhasa, a

<sup>113</sup> Isto é, no borralho.

<sup>114</sup> “Hauti” – Variante de “af”, nome tupi de origem onomatopaica utilizado para designar as preguiças (Edentata, Bradypodidae). À margem direita do MS há a nota “Perguiça”.

<sup>115</sup> “Humas tem a cabeça redonda cara como Bogio, e outras focinho comprido como cachorro” – A variedade de “cabeça redonda” e movimentos lentos deve ser a preguiça-de-bentinho *Bradypus variegatus* Schinz, 1825 (Xenarthra, Bradypodidae), enquanto que aquela de “focinho comprido” e mais célere seria uma preguiça-real, *Choloepus hoffmani* Peters, 1858 (Edentata, Megalonychidae).

<sup>116</sup> “Capivara” – Não admira que o texto tenha distinguido diferentes variedades de capivara, *Hydrochaerus hydrochaeris* (Linnaeus, 1766) (Rodentia, Caviidae, Hydrochaerinae), pois as variações de porte e colorido apresentadas por esse mamífero continuaram a suscitar dúvidas semelhantes em diversos autores do século passado (e.g. Santos, 1945; Stradelli, 1926). A nota na margem esquerda do MS grafa “Capivára”.

cabesa grosa romba, derabadas, habitaõ/ nos campos, alagoas, e margems [sic] dos rios, sustentaoce de/ ervas mera mente; ha de tres castas, as vermelhasas, ou-/tras tiradas a preto, e outras brancasentas, que sam as/ mayores e de melhores carnes; engordaõ todas ellas muito/ tanto que as veses não tem ensi mais do que gordura/ as carnes duras, fectidas mas de bom nutrimento inca-/pases para doente, enquanto pequenas não tem feti-/do podense comer. Parem the 5 filhos grunhem/ como os Leytoens; achaoce entoda America/

Paca<sup>117</sup> he animal do feito da Capi-/vara mas diferente expecia, e muito mais rasteiras de/ cor parda manxadas de branco enquanto novas, sam/ tambem amigas dos rios e alagoas, porem vivem e pa-/rem os filhos e [sic] concavidades que fasem na terra com/ quatro e sinco portas, para quando sevem acometidas/ de inimigos que as buscaõ por huma porta terem/ o refugio por outra. Comem toda a casta de fructas/ cocos e ervas engordaõ muito, as carnes saborosas e de/ bom nutrimento menos para dietas, sam nocturnas/ que de dia ninguem as ve; parem hum filho the dous./

Coaty há de tres castas<sup>118</sup> Coaty mon-/deo que he quasi como hum cam goso ordinario pardo/ escuro, Coaty ete que he mais pequeno brancasento, e/ Coaty merim que he da corpollencia de huma doninha<sup>119</sup>./ O Coaty mondeo andaõ [sic] sempre en chumas enque secontaõ/ as veses vinte e trinta, tem huma tromba que lhes sobrepoem/

o fosi-//

### Fólio 293r

o fosinho adiante da boca meyo palmo; fosam na terra como/ os porcos, sobem as arvores the as ultimas ramas, saqueãõ/ os ninhos das aves comenlhes os ovos e filhos, comem toda a/ mais inmundicia de frutas e bixos sem que lhes escape/ cousa alguma, com tal agillidade que excedem a todo/ o vivente. Sam rabilongos tanto tem de rabo como de cor-/po; o membro da geração é huma ponta de oso durissi-/mo. Quando anda a femea ao cio, poense diante da cusma [sic; chusma] com os dentes ferados a hum pao para sesegurar/ com a ponta do rabo na cabesa alli lhevãõ os machos pa-/sando hũ geral do primeiro the o deradeiro, dalli fica/ satisfeita e peijada que não procura mais coyto enquanto não pare aquella barigada que he de dous em dous, en-/gordaõ muito sam as carnes saborosas e pecimas para/ doente. A segunda expecia que he Coaty ete imita o Coaty mondeo com menos agillidade e as carnes catingen-/tas [sic]. A terceira que he Coaty merim<sup>120</sup> he como huma Do-/ninha sinsento bem escuro com huma felpa no rabo que/ fas mais vulto do que o mesmo corpo que com elle seco-/bre; he este bixinho o mais galante e ingrasado que sea-/cha entoda animalica clase; anda solitario, e as veses/ en consorcio de macho e femea, tem tal agillidade que/ core as arvores aos pulos tam ligeiro que parese que/ voa, espantase increSPACE fas caranhos [sic; caranthonhas], fas isagens [sic]/ e tregeitos; poem a ponta do rabo na cabesa com tal gar-/bo e postura que sefas ademiravel de ver./

Tamandoa<sup>121</sup> he animal singular/ na formallidade de duas castas<sup>122</sup>, huns grandes mais altos/ e compridos que hum grande Porco, outros rasteiros; saõ/ huns e outros pardos com duas aspas brancas dos hombros the/ o rabo, a cabesa he hum silindro, os olhos quasi como hũ/

bago//

<sup>117</sup> “Paca” – Trata-se da paca, *Cuniculus paca* (Linnaeus, 1758) (Rodentia, Caviidae, Caviinae).

<sup>118</sup> “Coaty” – Não admira que o texto tenha distinguido diferentes variedades de quatis, *Nasua nasua* (Linnaeus, 1766) (Carnivora, Procyonidae), pois as amplas variações de porte e colorido apresentadas por esse mamífero de ampla distribuição na América do Sul levariam diversas fontes do século passado a pronunciar-se sobre a existência de diferentes espécies em termos muito semelhantes (*teste* Cabrera & Yepes, 1940; Santos, 1945).

<sup>119</sup> “Doninha” – Provável alusão à doninha europeia, *Mustela putorius* Linnaeus, 1758 (Carnivora, Mustelidae).

<sup>120</sup> “Coaty merim”. No MS da BNRJ consta: “*Cuati merim p’ outro nome Cuati epê*”. Vale notar que o manuscrito inclui os quatiapés, quaticocos ou quatipurus, *Guerlinguetus* sp. (Rodentia, Sciuridae) entre os quatis, alternativa um tanto inusitada que talvez sugira uma mera tendência do autor em agrupar animais com nomes semelhantes. Embora grande parte das fontes consultadas derive “acutipuru” e similares do tupi “acuti” + “puru” (literalmente “cutia enfeitada”), uma relação com os quatis não deve ser descartada de imediato, pois determinadas espécies da Amazônia e Brasil central (e.g. *Urosciurus spadiceus* Olfers, 1818) ostentam um colorido castanho-avermelhado bem marcado e podem alcançar 60 cm de comprimento total e mais de 600 g de peso, sendo mais semelhantes a um quati de pequeno porte do que se poderia supor a princípio.

<sup>121</sup> A nota na margem direita do MS grafa “Tamanduá”.

<sup>122</sup> “Tamandoá... duas castas” – O primeiro dos dois tamanduás (Xenarthra, Myrmecophagidae) mencionados pelo autor é o tamanduá-bandeira, *Myrmecophaga tridactyla* Linnaeus, 1758. Por outro lado, a variedade “pequena e rasteira” não passaria do tamanduá-de-colete, *Tamandua tetradactyla* (Linnaeus, 1758).

## Fólio 293v

bago de munisam, a boca como o furo de huma beruma sem den-/tes a lingoa como hum bordam de arpa, que lansa fora/ hum palmo e mete pellos buracos das formigas enche estas pe-/gando recolheas, e he o seo sustento sem que coma outra cou-/sa nem tenha boca capas diso; bebem agoa chupandoa por/ aquelle agulheiro. Tem os pes do feitio dos de gente humana/ e as maos huns trosos sem forma alguma com 4 unhas/ compridas e arcadas que dobra a hum lado adonde pos/ a natureza tal esforso, que o que atarracou não há/ forsas humanas que lhotirem senaõ depois de morto./ Temce achado estes animais ataracados com as Onça [sic] mor-/tos ambos, elles degollados, e ellas espremidas nas unhas/ delles. Parem hum só filho e trasenno as costas en-/quanto não podem andar; ingordão muito, o Tamandoa/ grande estando gordo he muito boa carne, e o pequeno incapas de setragar./

Tatú ha 5 castas tatú asú<sup>123</sup> que/ crese como hum porco ordinario, Tatú ahiba<sup>124</sup> que/ he somenos, Tatuete<sup>125</sup>, tatupeba<sup>126</sup>, e taturerim<sup>127</sup> que/ são pequenos; sam animais que não tem pello mas/ huma conxa que os cobre, fosa na terra como porco/ en procura de bixos e animallicos de que sesustenta; pa-/rem the 5 e 6 filhos de hum ventre, moraõ en conca-/vidades que fasem na terra pastaõ de noite e de dia dorme/ he animal cobarde não tem arma alguma ofenciva,/ nem defenciva mais do que os seus buracos adonde se/ acolhem quando osperseguem; ingordão muito sam as/ carnes saborosas e pecimas para doente. Tem este ani-/mal huma admiravel propriedade para fazer resol-/ver e abater qual quer inflamasão de postema ou tumor/

e princi-//

## Fólio 294r

e principal mente as bobas untado o sangue no corpo quando/ ellas principiaõ, ou a parte que padese postema tumor ou/ inxaso, e não só o sangue como tambem a agoa em que sela-/vou a carne e tripas deste animal./

Irára he expecia de animal que/ na Eoropa chamaõ Raposa<sup>128</sup>, ha de quatro castas tres do ta-/manho de hũ goso<sup>129</sup>, rasteiras, e compridas felpudas, rabi-/longas, sagases, ligeiras casadoras de toda a inmundicia de/ animallicos e das galinhas fiscais; humas são pretas com co-/lleira branca pello pescoso<sup>130</sup>, outras arayadas, e outras fuscas<sup>131</sup>/ andaõ aos

<sup>123</sup> “Tatú asú” – Trata-se do tatu-canastra, *Priodontes maximus* (Kerr, 1792) (Xenarthra, Dasypodidae).

<sup>124</sup> “Tatú ahiba” – Variante de “tatuaiua” (“tatu-ruim” em tupi), nome passível de ser utilizado para designar os vários representantes do gênero *Cabassous*, conhecidos pelo vulgo como tatus-rabo-mole (Xenarthra, Dasypodidae). A julgar pelo conteúdo dessa passagem, o autor talvez pretendesse referir-se a *Cabassous unicinctus* (Linnaeus, 1758).

<sup>125</sup> “Tatuete” – Variante de “tatuete” (“tatu-verdadeiro” em tupi), nome aplicado a diversos representantes do gênero *Dasypus* e em particular ao tatu-galinha, *Dasypus novemcinctus* Linnaeus, 1758 (Xenarthra, Dasypodidae).

<sup>126</sup> “Tatupeba” – Nome de origem indígena (“tatu-chato” em tupi) utilizado para designar *Euphractus sexcinctus* (Linnaeus, 1758) (Xenarthra, Dasypodidae).

<sup>127</sup> “Taturerim” – Variante de “tatu-mirim” (“tatu-pequeno” em tupi), nome de origem indígena geralmente aplicado às espécies de pequeno porte do gênero *Dasypus* (e.g. *Dasypus hybridus* (Desmarest, 1804), *Dasypus septemcinctus* Linnaeus, 1758), que parece ter sido utilizado pelo autor para designar os representantes do gênero *Tolypeutes* (Xenarthra, Dasypodidae), mais conhecidos como “tatus-bola” por serem capazes de enrodilhar-se sobre o ventre, fechando-se em uma esfera quase perfeita. Caso de fato diga respeito à fauna do sul do Mato Grosso, a presente observação deve referir-se ao matoaco, *Tolypeutes matacus* (Desmarest, 1804). A outra espécie do gênero, *Tolypeutes trincinctus* (Linnaeus, 1758), ocorre na caatinga e no cerrado, ocupando o Nordeste do Brasil e os estados de MT (norte do estado), GO, TO e possivelmente MG.

<sup>128</sup> “Raposa” – Alusão à raposa-vermelha, *Vulpes vulpes* (Linnaeus, 1758) (Carnivora, Canidae), espécie de ampla distribuição na Europa que muitas vezes foi utilizada como referência para a descrição de mamíferos do Novo Mundo (teste Teixeira, 1995).

<sup>129</sup> “goso” – Gozo. Antiga expressão portuguesa relativa aos cães mestiços não atribuíveis a qualquer raça determinada, conhecidos atualmente no Brasil pelo característico nome de “vira-latas”.

<sup>130</sup> “humas são pretas com colleira branca pello pescoso” – Ao que parece, o autor desse texto agrupa diversos carnívoros de pequeno porte sob o nome de “irara”, termo tupi utilizado para designar essencialmente o papa-mel, *Eira barbara* (Linnaeus, 1758) (Carnivora, Mustelidae), que corresponde à variedade “preta com coleira branca no pescoço” mencionada no texto.

<sup>131</sup> “outras arayadas, e outras fuscas” – Embora demasiado sucinta para permitir uma diagnose precisa, essa citação parece referir-se a outros mustélidos de porte comparável ao de um cachorro doméstico. Não é possível, entretanto, precisar a que espécie exatamente pretendia referir-se o autor ao mencionar que algumas variedades desses animais são “rajadas” e outras “foscas”. Tendo em vista que a maioria dos Mustelidae brasileiros se encontra muito bem caracterizada em outras passagens do manuscrito (vide adiante), resta supor que a presente citação diga respeito aos furões do gênero *Galictis* (Carnivora, Mustelidae).

casais não seaparta huma da outra; a ulti-/ma expecia dellas não pasaõ de hũ cachorinho quando/ comesa a andar tardo no corer pardinho tirado a branco/ chamaõ a isto Jaratatáca<sup>132</sup> he especia da Irara; tem por/ arma hum fetido que desi lansa quando seve perse-/guido, tal que imbebeda a creatura que o persegue/ os cachoros que isto sentem quando lhes vão apegar, ficaõ-/ce esfregando pello cham ganindo fora desi, e a gente fi-/ca sem sentidos; sam as carnes de todas ellas incapases de/ setragar por negras e fetidas em muita maneira./

Jagoacambéba<sup>133</sup> é hum animal do/ feitio de cachoro goso rasteiro de galante cor por que/ tendo a cabesa branca, vai escuresendo aos poucos que/ da sinta para o rabo ja he preto; compridos rasteiros na/-daõ em quiras [?] the 20 e 30 grandes casadores sercaõ hũ/ veado colhemno fasemno e espatifaõno: comem toda a va-/riedade de frutas e animallicos. Há outros quasi seme-/lhantes que andaõ aos casais so mentes [sic], chamados Jagoa-/xinim<sup>134</sup>; tem todos huns e outros as carnes incapases de/ setragar./

Lobo//

### Fólio 294v

Lobo<sup>135</sup> he tambem animal da mesma ex-/pecia do goso, no feitio, manhas, e costumes; ha de tres castas/ huns altos pernillongos as cores vermelhasas<sup>136</sup> ligeiros core-/dores, outros mais rasteiros e vermelho mais claro<sup>137</sup>; outros/ mais pequenos que chamamos Lobinhos<sup>138</sup> da cor do veado fel-/pudos chamados todos no idioma brasilico Goarás. Morão/ todos nos campos, moitas e capoens serados sem entram [sic; entrarem]/ em matos grosos; sustentaõce de fructas e bixos não tem acti-/vidade para casar outra cousa; oyaõ de noite como/ os caens parem thé sinco e seis as carnes incapases/ de tragar./

Raposa<sup>139</sup> asim chamada dos Portugue-/ses Gamba<sup>140</sup> dos negros de Angola, e Sarigoea da gente/ da terra, he animal digno de hum especial tratado. He/ do grandor de um goso pequeno, o corpo goso os pes/ curtos, ha brancos, pretos, e pardos o cabelo exparso as-/pero e aripiado, rabilongas, astutas manhosas ensumo/ grão, entraõ nas casas a casar de noite as galinhas, e o mais/ que podem. Sam estes animais todos de hum ceço [sexo]/ todos goram sem ajuntamento de outro, nem tem vias/ algumas para a gerasam, a via que tem he o intestino/ reto asim como as aves e mais nada; tem hum bolso entre a bariga e huma membrana delgada ligada com/ a carne pellos lados, e a intrada pellos

<sup>132</sup> “Jaratatáca” – Variante de “jaritataka”, nome de origem tupi utilizado para designar o cangambá, *Conepatus* sp. (Carnivora, Mustelidae), mamífero bem conhecido por apresentar glândulas retais que secretam um líquido de intolerável odor nauseabundo, capaz de ser lançado ativamente pelo animal contra qualquer agressor.

<sup>133</sup> “Jagoacambéba” – Esse trecho do manuscrito descreve com rara perfeição os hábitos do cachorro-vinagre, *Speothos venaticus* (Lund, 1842) (Carnivora, Canidae).

<sup>134</sup> “Jagoaxinim” – Variante de “guaxinim”, nome tupi conferido ao mão-pelada, *Procyon cancrivorus* (Cuvier, 1798) (Carnivora, Procyonidae).

<sup>135</sup> “Lobo” – Alusão ao lobo, *Canis lupus* Linnaeus, 1758 (Carnivora, Canidae), espécie de ampla distribuição na Europa que muitas vezes foi utilizada como referência para a descrição de mamíferos do Novo Mundo. Nota na margem esquerda do MS: “Goarazes/ ou Lobos”.

<sup>136</sup> No MS da BNRJ consta: “huns de altura de 4 palmos (...) de hũa cor parda tirada a verdolenga” – Das três variedades de cães selvagens (Carnivora, Canidae), coletivamente denominadas por Saa de “goará” (*guarás*), relacionadas nesse trecho um tanto confuso, a primeira se distinguiria por possuir “4 palmos” de altura, talhe esbelto e pelagem pardo-esverdeada, descrição passível de ser atribuída ao cachorro-do-mato, *Cerdocyon thous* (Linnaeus, 1766).

<sup>137</sup> No MS da BNRJ consta: “Outros mais grosos (...) a cõr mais tirada a vermelho” – Esse segundo relato, que versa sobre um animal corpulento e de “cõr tirada a vermelho”, parece dizer respeito ao guará, *Chrysocyon brachyurus* (Illiger, 1815) (Carnivora, Canidae).

<sup>138</sup> “Lobinhos” – Embora seja muitas vezes conferido ao cachorro-do-mato, *Cerdocyon thous* (vide nota 46), o nome “lobinho”, aplicado à terceira e última variedade de cão selvagem descrita pelo autor, parece referir-se a uma outra espécie de pelagem avermelhada e porte franzino, detalhes que sugerem a raposa, *Lycalopex vetulus* (Lund, 1842) (Carnivora, Canidae), conhecida pelos guaranis como “jaguapitanga” (literalmente “cachorro vermelho”) em virtude de seu colorido.

<sup>139</sup> Nota na margem esquerda do MS: “Sariguéia”.

<sup>140</sup> “Gamba” – A breve descrição fornecida não permite avaliar se o autor pretendia referir-se a *Didelphis marsupialis* Linnaeus, 1758 e/ou a *Didelphis albiventris* Lund, 1840 (Didelphimorphia, Didelphidae), pois ambas espécies apresentam considerável variação de pelagem, que oscila entre o preto uniforme ao grisalho ou cinza claro. Vide também Teixeira & Papavero (1999) quanto às curiosas observações acerca da reprodução dos gambás mencionadas no texto.

peitos, que tem/ dentro as maminhas como de gata e cabelos sem com [sic] com-/municasão alguma para o ventre; dentro deste bolso gera/ os filhos alimenta e conserva the serem capases de hir/ buscarem a vida que então saem elles e vão caminhan-/do; achãocelhe ali filhos tamanhos de piolhos, mayores-/

sitos//

### Fólio 295r

sitos mais crecidos, e ja capases de sahir, ali mesmo sege-/rão e mantem the sahirem pella boca do sacco que ca-/bem tres dedos de hum homem, sem que nunca seacha-/ce nestes animais diferenca alguma; tem as carnes catin-/guentas mas gordas e saborosas quando sam bem preparadas e de estimasao entre muitas pesoas./

Cotia he expecia de Lebre mas dife-/rente. Ha de duas castas<sup>141</sup> humas quasi do grandor da Le-/bre da Eoropa de cor asafroada, e outra mais pequenas [sic]/ pardas, he animal derabado como o Coelho sentace di-/reito, com o corpo estacado para sima pega o comer com/ as maos levaõ a boca; brincaõ humas com as outras/ fazendo tregeitos e cabriolas mui gallantes, ligeiras, as-/tuciosas, cansaõ e estafaõ, os casadores, e os caens que/ as perseguem dando muitas voltas e giros para osfa-/ser perder o tino enquanto seellas poem encobro, mo-/raõ em buracos da terra, sustentaõce de fructas e cocos, e des-/troem as rosas das mandiocas cavandolhes as raises que/ comem e perdenca as que ahi ficaõ; tem as carnes du-ras, e faltas de gordura mas de bom sabor, os couros muito/ bons para calçados, e quatro dentes que tem diante que/ servem de escopros gouvos de que seaproveitaõ as gen-/tes para lavrar madeiras./

Coelho<sup>142</sup> há de sinco castas em nosas/ naturalidades, Chipiti<sup>143</sup> grandes orelhudos arayados de par-/do escuro e mais claro. Kui<sup>144</sup> que são somenos e Mocó<sup>145</sup>/ mesclado de branco, Aprea<sup>146</sup> parda bem escuras, e os que/ chamamos porquinhos<sup>147</sup> lavrados de branco e preto; sam as car-/nes de todos elles faltas de gordura, mas de bom sabor/ e boas para doentes, sam animais cobardes, não tem/ mais armas que os pes para corer e fugir dos inimigos quem/

quer//

### Fólio 295v

quer os prende e a qual quer impulso serendem, sustentao-/ce de ervas mera mente, nem agoa bebem, que fogem della./

Rato<sup>148</sup> é diminutivo de todos os mais ani-/mais quadrupes descobri delles septe expecias, huns bra-/cansentos [sic] sinsento claro focinho agudo venenosos tanto a/ carne como os dentes; outro sinsento escuro focinho rombo/

<sup>141</sup> “Cotia (...)”: há de duas castas” – Demasiado sucinta para permitir uma diagnose precisa, essa citação menciona vagamente duas variedades distintas de cutias (Rodentia, Dasyproctidae), grupo de roedores que apresenta certa variação individual em termos do colorido da pelagem. A título de pura especulação, poderíamos supor que o autor desse manuscrito pretendia referir-se a *Dasyprocta azarae* Lichtenstein, 1823 ao mencionar a variedade mais escura e de menor porte, enquanto a mais encorpada e de colorido “açafroado com mescla de pardo” poderia ser *Dasyprocta aguti* (Linnaeus, 1766).

<sup>142</sup> “Coelho” – Alusão ao coelho, *Oryctolagus cuniculus* (Linnaeus, 1758) (Lagomorpha, Leporidae).

<sup>143</sup> “Chipiti” – Variante de tapiti, nome indígena aplicado a *Silvilagus brasiliensis* (Linnaeus, 1758) (Lagomorpha, Leporidae), único representante da família existente no Brasil.

<sup>144</sup> “Kui” – Provável variante de “cui”, nome guarani registrado por Ruiz de Montoya (1876) para os ouriços sul-americanos (Rodentia, Erethizontidae). Entretanto, a julgar pelos comentários de Cabrera & Yepes (1940), esta também seria uma designação comum a diversas espécies de pequenos roedores pertencentes aos gêneros *Cavia*, *Galea* e *Microcavia* (Rodentia, Caviidae). Infelizmente, a passagem em foco revela-se demasiado breve para permitir uma identificação.

<sup>145</sup> “Mocó” – *Kerodon rupestris* (Wied-Neuwied, 1820) (Rodentia, Caviidae).

<sup>146</sup> “Aprea” – Referência particularmente difícil de ser identificada, pois “apreia”, “preá” e demais variantes podem designar diversas espécies dos gêneros *Cavia* e *Galea* (Rodentia, Caviidae). A nota na margem esquerda do MS diz “he Peria”.

<sup>147</sup> “Porquinho” – Trata-se do porquinho-da-índia ou cobaia, *Cavia porcellus* (Linnaeus, 1758) (Rodentia, Caviidae), cuja pelagem pode apresentar um padrão alvinegro variegado.

<sup>148</sup> “Rato” – Alusão aos diferentes ratos europeus, *Rattus* sp. (Rodentia, Cricetidae, Murinae), que muitas vezes foram utilizados como referência para a descrição de mamíferos do Novo Mundo.

outro mayor e mais escuro quasi pretos<sup>149</sup>; Goabirú<sup>150</sup> que/ são sinsentos que vivem en buracos do xam não sobem/ asima; estes sam os que procuraõ as casas e nosfasem/ muitos damnos; os demais sam montanheseos não entraõ/ nas casas; que he Rato espinho<sup>151</sup> que ostem por entre/ o cabelo como oriso; Oaquica<sup>152</sup> quehé Doninha com as/ mesmas condisoens das de Eoropa so entraõ nas casas/ a matar galinhas nos polleiros, e só lhescomem as cabezas/ e o mais deixaõ: exbulhaõ os ninhos das aves nos mais/ altos arvoredos e quando achaõ resistencia corem lig-/eiras e adonde quer searranxão./

A outra especie destes animais sam/ huns do grandor de hum Gato que Cayo nos seus adiccio-/narios a Plinio fas delles mensam<sup>153</sup>, e chamalhes Ratas/ sam estes pardos pellas costas, e sinsentos pella bariga;/ vivem debaixo da terra, lá nascem vivem e morẽ./ quando entraõ as agoas, e comesam as terras amolleser, abrem/ grandes buracos lansam fora montoens de terra, sahem/ the as portas, e tornaõ-ce a recolher sem que dem fo-/ra hum passo, ellogo tapam as portas, e não sevem/ mais, por donde parese que aquella vista que daõ/ fora he so afim de desintupir e alargarem as suas/ moradas; da terra sesustentaõ, nella vivem, e nella se-/tornaõ sem que fasam bem nem mal a vivente al-/gum<sup>154</sup>.

Sam//

### Fólio 296r

Sam estes animais venenosos nos den-/tes, e nas carnes alguns delles<sup>155</sup>; outros capases de seco-/merem, principal mente o rato espinho que tem muito/ boa carne, e os sinsentos claros e outros escuros; achao-/ce entoda a parte e lugar da America, pellos matos, e/ campos, apenas sefas hum ranxo já no outro dia ahi/ tem rato roendo e destruindo as roupas e manti-/mentos das gentes, pasão os rios e alagoas a nado, tudo/corem e saqueaõ; não lhes escapando os mesmos navios/ que andaõ sobre as agoas do mar que la vivem e mo-/rao; e poriso disem as gentes de menos saber; que sege-/raõ la nos navios sem pais e que poriso são espu-/rios; não adevirtindo, que atravesao estes animais rios/ e brasos do mar enlargas distancias, e sendo asim quem/ os pode impedir que pasem da terra para os navios qu-/ando estaõ nos portos ancorados; e eu o vi com meus olhos/ de noite sobindo e desendo pella amarra de hum na-/vio em serto porto ancorado; as careiras fasendo follias./

Chegou a diser Cayo nos adiciona-/rios a Plinio que quando nascem já vem prenhes/ en comprovasam de que sam gerados sem coyto; o que/ he huma mera fabula; porque enquanto no practi-/co he impocivel faserce esta esperiencia, por que este/ animal quando nasce he do tamanho de hum gram de/ feijao; e a este respeito que tal pode ser o filho que

<sup>149</sup> As breves descrições fomecida sequer permitem avaliar se essas três primeiras espécies de “ratos” seriam na verdade roedores ou de marsupiais.

<sup>150</sup> “Goabirú” – Embora normalmente designe os ratos europeus introduzidos no Brasil (*teste* Moojen, 1952), o nome “guabiru” foi utilizado pelo autor para distinguir o camundongo, *Mus musculus* Linnaeus, 1758 (Rodentia, Cricetidae, Murinae), espécie oriunda do Velho Mundo, que também chegou ao país graças à colonização portuguesa.

<sup>151</sup> “rato-espinho” – Provável referência a um dos vários ratos-de-espinho brasileiros (Rodentia, Echimyidae), demasiado concisa para ser identificada com alguma precisão.

<sup>152</sup> “Oaquica” – Variante de “guaiquica” ou “quica”, nome geral passível de ser aplicado a diferentes marsupiais de pequeno e médio porte pertencentes, por exemplo, ao gênero *Marmosa* (Didelphimorphia, Didelphidae). Naturalmente, a descrição fomecida revela-se demasiado sucinta para permitir uma diagnose. A nota na margem esquerda do MS grafa “Aquica”.

<sup>153</sup> Ao que parece, o autor pretendia referir-se às toupeiras (Soricomorpha, Talpidae), mencionadas como “*talpis*” em algumas passagens da *Historia Naturalis*.

<sup>154</sup> Em nota na margem esquerda do MS, Sáa diz “Saviá - ou/ Rato toupeira”. O autor confunde os ratos-de-espinho ou sauiás do Brasil (Rodentia, Echimyidae) com as toupeiras da Europa (Soricomorpha, Talpidae). Apesar do nome “saviá”, é mais provável que ele esteja falando dos tuco-tucos, *Ctenomys* spp. que existem no MT e RO. Os Echimyidae apresentam hábitos muito diversos.

<sup>155</sup> “São estes animais venenosos” – A associação dos ratos com doenças, morte e destruição encontra-se profundamente arraigada no imaginário europeu, que não hesitava em atribuir às várias partes do corpo e/ou à mordida desses animais efeitos dos mais deletérios, conforme comprovam os comentários de autores como Bartholomaeus Anglicus (1483) e Berthelet (1535).

tras/ no ventre para seconheser por individuo? Segundo a ge-/ometria dos corpos, hade ser ainda menos que hum pio-  
/lho, e quem podera conheser isto? e enquanto no es-/picullativo, perguntara eu a Cayo: se os Ratos saõ/ machos e  
femeas, cavalgaõce empenhao e parem como/

ve-//

### Fólio 296v

vemos, que nesecidade tem a natureza para obrar na sua pro-/ducçam por dous principios, hum natural, e outro extra-  
/natural: obrando ella entudo por uma regra certa/ e infallivel; e se ouvese de faser que as Ratas gerassem/ sem maxo;  
para que fes entãõ os Ratos, naõ obrando/ ella cousa alguma debalde; asim que sam os Ratos ge-/rados por concurso de  
maxo e femea como outro qual/ quer animal de primeira expecia. Sam inimigos de todos/ os viventes, e todos os mais  
delles, as gentes sobre todos/ pellos prejuisos que nos causaõ; as cobras, e as aves de/ rapina que nelles achaõ bom  
pasto./

Arminho<sup>156</sup> chamado dos latinos Mus/ hermillinus<sup>157</sup>, he huma expecia de Rato do grandor de hum/ Coelho  
pequeno, cujas peles vemos estimadas dos a-/mantes da vaidade, como sam pellos, plumas, penachos. Saõ huns alvos  
outros pardos, e tambem manxados de/ huma e outra cor; a carne negra incapás de secomer;/ vivem em covas que faser  
na terra, inimigo da agoa que/ a ella naõ chega; achaoce na America Septentrional/ en nosos lemites naõ chegaõ; os que  
seachaõ nesta parte meridional<sup>158</sup> sam de diferente expecia por serem/ amigos dos rios adonde sevem de noite andarem  
como/ que nelles serecreaõ nadando contra a corentesa das/ agoas tam velloses como setas. Sam estes do tamanho/ de  
hum Gato alvos com duas riscas pardas bem tiradas/ que lhes principia na cabeça e finda no rabo que o tem/ comprido  
como gato, formando estas duas listas hum/ lavor gallante e ingrasado; ficandolhe o branco em meyo/ como rozas, e  
humas manxas amarellas pellos lados; o pe-/lo finissimo e muito vasto, que excede o mais precioso velu-

do//

### Fólio 297r

do que pode fabricar a arte, saõ suas pelles de muito mais/ apreso que dos arminhos septentrionais, paseão de noite/ e  
achaõce em nosos districtos./

Oriso caxeiro<sup>159</sup> he animal do grandor/ de hum Coelho e en alguns lugares muito mayor, tem/ o corpo coberto de  
espinhos junta mente com o cabelo que/ hé ruivo, e sam as armas que lhedeo a natureza para/ sua defesa; encolhese que  
fica redondo como hua/ bola, e da hum pinxo que estende o corpo com que/ fas saltarem-lhe os espinhos como setas que  
secravaõ/ no inimigo que os persegue: há de tres castas huns que/ tem os espinhos de meyo palmo de comprido grosso  
como/ tallo de huma pena de Pato, com aneis brancos, e pre-/tos, outros que ostem da mesma cor e mais quenos [sic;  
pequenos]; e/ outros que ostem como alfinetes grossos amarelos com/ a ponta preta. Vivem no xam e sobre as arvores, re-  
/colhense em buracos que achaõ feitos na terra e nos paos/ sustentaõce de frutas, gafanhotos, e mais animallicos; en-

<sup>156</sup> “Arminho” – Na verdade, vários são os representantes do gênero *Mustela* (Carnivora, Mustelidae) que trocam uma pelagem de verão amarronzada por outra branca invernal, processo comum em diversos mamíferos holárticos que propicia a aparição de indivíduos intermediários de colorido marchetado.

<sup>157</sup> Semelhante designação foi citada, por exemplo, por Scaliger (1557: fólio 281v), Gontier (1668: 295), Ducange (1710: coluna 835, como “hermillina”), Hahn, (1726: 317) e Grossinger (1793: 546).

<sup>158</sup> Embora o autor reconheça o arminho, *Mustela erminea* Linnaeus, 1758, como um animal exótico, a vaga alusão do texto a uma espécie similar existente no Brasil revela-se particularmente curiosa, pois parece dizer respeito ao furãozinho, *Mustela africana* Desmarest, 1818, um dos mamíferos mais raros e menos conhecidos da Amazônia.

<sup>159</sup> “Oriso caxeiro (...) há de tres castas” – Ao tecer seus comentários sobre os diferentes ouriços brasileiros (Rodentia, Erethizontidae), Sâa logra distinguir perfeitamente os representantes dos gêneros *Coendou* e *Sphiggurus*, pois enquanto aqueles apresentam maior porte e espinhos mais longos e encorpados “com anéis brancos e pretos”, estes últimos revelam-se mais franzinos e possuem espinhos menores e delgados, “amarelos com a ponta preta”. De resto, vale notar serem comuns as fábulas sobre a capacidade de os ouriços atirarem seus espinhos, que algumas vezes chegam a ser vistos como entidades providas de volição própria capazes de se enterrar cada vez mais no corpo de suas vítimas. A nota na margem direita do MS diz “Quandú”.

gordão muito tem as carnes saborosas; as tripas ademi-/raveis para cordas de violas e arpas, os espinhos/ queimados moidos e bebidos bons para curar asmaticos./ e feitos em po sem queimar para o mal da gota coral./

Lontra<sup>160</sup> he animal que chamao/ cachoro dagoa e pela lingoa geral da terra Arira-/nha, ha de quatro castas, as mayores são da grosura/ de hum cam ordinario mais compridas/ e rasteiras, há outras mais pequenas, somenos, e minimas, que sam como um gato, tem a cabesa e dentes como cachoro, os/ quatro pes com cartillages como de Pato, unhas agu-/das com que prende os peixes e leva a boca; o pello he/ huma lam muito branda e por entre ella cabelo, sam/

pardas//

### Fólio 297v

pardas castanho escuro, e lustroso, a cauda como hum al-/fange, as carnes fetidas e negras, os couros curtidos bons/ para toda a obra, e de muita durasam. Vivem nas agoas/ e na terra, nas agoas sesustentaõ de peixe, e na terra/ dormem em covas que fasem pellos barancos dos rios/ e nelles parem os filhos, e conservaõ the serem capases/ de acompanhar os pais./

Estes sam os animais perfeitos da/ primeira especia que seachaõ na America de que al-/cansei noticia, todos capases de amansar e domesticar./ insinar habellidades, e acompanhar com as gentes, que/ de todos tenho visto mansos, e domesticos; e se alguns me-/faltaõ de que não achei noticia, delles diram os meus/ naturais que mais alcansarem e quiserem niso ocu-/parse, que lhes não falta materia, e a mim vontade/ de louvar a Deos em suas obras e ponderar suas/ maravilhas.//

### Fólio 298r

#### Introducçam/

He a noticia dos animais, lisam tam ape-/tecida de saberse pellos muitos e admiraveis segredos, que a/ natureza nelles inserrou, que ensua especullasam seimpre-/garaõ nao so os sabios da humana literatura; mas ainda/ muitos dos sanctos padres e doutores da Igreja, Sant. Agos-/tin. lb. de civit. Dei<sup>161</sup>. Sanct. Ambros. lb. de exam. [sic]<sup>162</sup> Sanct. Basil. in. Isayas [sic]<sup>163</sup>. Sam Pedro Damiaõ epistol. 4<sup>164</sup>. Sanct./Epifanio<sup>165</sup>. Lactan. firm. lb. de vera sapientia<sup>166</sup>. Leva-/do o noso academico de tam estimadas lisoens, não per-/dia tempo enque não incitase o historiador disendo: que/ lembrado estava haverlhe ouvido na conferencia pasada/ dividir os animais em tres genericas especias, perfeitos,/ imperfeitos, e minimos, e que ahinda lhesfatavão [sic; faltavaõ] estas duas/ ultimas para delles diser o que soubese./

#### Dialogo 5./

<sup>160</sup> “Lontra” – Ao tecer seus comentários sobre as diferentes lontras encontradas no Brasil (Carnivora, Mustelidae), o autor menciona a existência de quatro variedades distintas que se distinguiriam sobretudo pelo tamanho, referência demasiado vaga que não permite maiores comentários. Muito embora a composição do gênero *Lutra* ainda seja objeto de diversas especulações, a maioria das fontes disponíveis reconhece a existência de apenas duas espécies em território nacional, a ariranha, *Pteronura brasiliensis* (Gmelin, 1788), e a lontra comum, *Lutra longicaudis* (Olfers, 1818).

<sup>161</sup> O trecho mais relevante de S. Agostinho referente aos animais encontra-se no livro XVI, capítulo VII (*An omne bestiarum genus etiã remotissimae à terris insulae ex eo numero acceperūt, qui in arca diluuij inundatione seruatus sit*) (vide Augustinus, 1556: coluna 878, 1845: coluna 485): “*Sed quaestio de omni genere bestiarum est, quae sub cura hominū non sunt, nec sicuti ranae nascunt ex terra, sed sola cōmixtione maris & foeminae propagantur, sicut lupi & huiusmodi cetera, quomodo post diluuiū quo ea quae in arca non erant cuncta delecta sunt, etiã in insulis esse potuerint, si reparata nō sunt, nisi ex his quorū genera in utroque sexu arca seruauit. Possunt quidem credi ad insulas natando transisse, sed proximas. Sunt aut quedam tam longe positae à continentibus terris, ut ad eas nulla uideatur natare potuisse bestiarum. Quòd si homines eas captas secum adduxerunt, & eo modo ubi habitabāt earum genera instituerūt, uenandi studio fieri potuisse incredibile nō est: quis iussu dei siue permissu etiam opere angelorū negandum non sit potuisse transferri. Si uerò à terra exortae sunt secundum originem primam, quādo dixit deus: Producat terra animam uiuā: multo clarius apparet nō tam reparandorum animalium causa, que figurandarum uariarum gentium propter ecclesiae sacramentum in arca fuisse omnia genera, si in insulis quò transire non possent multa animalia terra produxit*”. A tradução consta em Papavero, Teixeira & Llorente-Bousquets, 1997: 32.

<sup>162</sup> Referência ao *Hexaemeron Libri Sex* de Santo Ambrósio (cf. Ambrosius, 1845).

<sup>163</sup> Referência à *Enarratio in Prophetam Isaiam* (cf. Basilius, 1888).

<sup>164</sup> Deve ser algum erro de Sáa; não há nada sobre animais nessa “epístola 4” (cf. Migne, 1853: colunas 106-207).

<sup>165</sup> Referência ao *Physiologus*, atribuído a S. Epifânio (cf. Ponce de Leon, 1588; Epiphanius, 1864: colunas 517-534).

<sup>166</sup> Provavelmente um lapso de Sáa, que queria referir-se às *Divinarum Institutionum libri vii* de Lactância, e não apenas ao livro IV (*De Vera Sapientia*) dessa obra. Esse autor faz em suas diversas obras apenas fugazes menções a animais (cf. Lactantius (1548: 64, 83, 84, 99, 138, 152, 331, 545, 688 e 712)).



Felin. De uns e de outros direi o que sou-/ber, pois o tempo que se niso gasta, não hé perdido./ Distinguese os animais da segunda e terseira expecia,/ dos da primeira, não so pellas formallidades, mas pellas/ faculdades, a saber, que os da primeira sam capases/ de domisticar, de aprenderem o que selhesinsinar, e vi-/verem com os homens; e os da segunda e terseira/ incapases de tudo histo; destes sam alguns gerados/ por transfusaõ seminal, outros espurios que he a infi-/ma expecia de viventes tanto pello nascimento como pellas/ formas, parvidades, instinctos. e pouca durasam de suas/ vidas; estes querem os senhores filosofos sejaõ gerados/ de putrefasoens: Causa materialis eorum viventium/ est substantia putrida, et concota, formalis veró/ est anima vegetans, et sencitiva. Aristoteles, Solino/

Pli-//

## Fólio 298v

Plinio, e toda a mais torente de filosofos e especullati-/vos com elles./

Eu com lisensa de tantos, e tam altos/ intendimentos, nego que de putrefasam seposa gerar/ viventes, por que a putrefaçam he corrupçam, e anihilasam/ da materia, falta de virtude productiva e vegetavel; e/ sendo assim, como pode dahi resultar vivente com/ vivifficasam vegetável, e sencivel? Se a prolificasam/ da materia seminal de qual quer vivente, que he pr-/incipio de outra creatura he a quinta essencia dos qu-/atro humores; e a da planta a quinta essencia dos quatro elle-/mentos, que filosofo nem medico o pode negar; como/ hade nascer vivente da extincçam desa quinta essen-/cia? Que nas putrefasoens sciem viventes, hé/ como sem duvida, mas he parte do inseto que nelles/ seminou, pos os ovos, ou pario os filhos para da materia po-/drida seallimentarem, como são as varejas<sup>167</sup>, escarave-/lhos<sup>168</sup> e outros/ muitos; mas não que da putrefasaõ tenha/ principio vivente algum, sencivel, nem ahinda in-/sencivel; e assim que, os que vemos sahir das putrefa-/cçoens são dos que ex coito nascuntur./

E os que segeraõ non ex coito, he/ da vegetasam pura elliquida da terra, das plantas das/ agoas, dos fructos das flores &<sup>a</sup> Os mosquitos que se ge-/raõ nas agoas inxarcadas e tujucais, tem por ventura/ principio nesa materia, ou na sustancia vegetavel da terra/ pella vivifficasam e actividade do callor. As Borbolle-/tas pulgoens, gafanhotos de immensa variedade que/ quando entrão as agoas a fecundar a terra, e o callor/ a vivifficar nos meses de outubro e Novembro, vemos/ sahir da terra entanta machina; he por ventura seo/

princi-//

## Fólio 299r

principio corrupçam alguma; ou a quinta essencia da fa-/cundidade da terra, que assim como se expoem para/ brotar ervas brota primeiro viventes senciveis como/ primases da vegetasam./

Os gusanos que segeraõ dentro nos/ troncos das arvores criaõ azas broqueaõ o pao saem para fo-/ra e seguem seus rumos, tem lá por ventura alguma pu-/trefasaõ? não he seo principio a sustancia e virtude vegeta-/vel do mesmo tronco, occorrente o callor do astro que tudo/ viviffica? Os que segeraõ dentro dos fructos maduros doces/ e bellos, dentro nos côcos perfeitos sem corrupçam alguma/ dentro no graõ do milho e das mais sementes, tem ahi por/ ventura algumas corrupçoens, não he seo principio a ess-/encia destes fructos? Os que se geraõ na melifluidade/ das flores, dentro nos gomos das tacoaras, na sucusida-/de das canas de asucar, dentro nos queijos puros e bellos,/ nas manteigas, no azeite, na farinha, nas conservas, nos tou-/cinhos, nas carnes secas; ha ahi algumas corrupçoens, ou pin-/guedade, e quinta essencia desas expecias; elles he que/ fasem conromper as tais expecias com a continuasam de as-/hirem comendo, e destruindo, para quererem que de putre-/fasoens segerem viventes; que bastou diselo hum, para todos/ os mais seguirem a opiniaõ. Não sabem que: omnis natu-/ra corporalis est á Deo, et quidem ex primaria inten-/tione: como hade aquelle que tudo cria denovo como/ infinito que hé, tirar principios do que foi?/

O axioma: generatio unius est corru-/ptio alterius<sup>169</sup>; não he da natureza, mas sim das politicas/ do mundo, para hum herdar fasenda, hade outro morer,/ para hum ser Rey hade outro deixar de o ser; e neste sen-/tido o devemos

<sup>167</sup> Vareja – denominação das larvas de Calliphoridae (moscas-varejeiras) (Diptera).

<sup>168</sup> Escaravelho – Designação comum ás espécies de coleópteros da fam. Scarabaeidae.

intender; asim os insetos expurios sem progenitores, não sam gerados de putrefasoens, mas sim/

da//

### Fólio 299v

da quinta essencia das especias adonde segeraõ, e da vege-/tasam da terra, o permite o astro que tudo callefica, e Deus/ como causa prima: producat terra animam viventem/ in genere suo<sup>170</sup>, e os que vemos sahir dos monturos, e podri-/ doens, tem progenitores que ahi os foraõ expor para desa/ sustancia seallimentarem./

Há outra apunidade [?] de filosofos que/ dis, que os viventes sem progenitores, geram outros sibi/ similes: generatum per putrefaccionem propagat/ iterum alia propagancia<sup>171</sup>; histo tambem he falso, e seja/ a primeira rezam, que todo o vivente sencivel segue a forma/ de sua expecia, consedida esta, se o gerado sem paterna-/is a sua antecedencia não teve forma, como pode elle/ gerar com formallidade? Como pode dar o que não tem?/ A segunda he que os animais gerados ex coito tem vias e or-/gaos capases de conceber, e parir, por que nelles obra a nature-/sa por huma regra infallivel como ley divina que he,/ e nos gerados sine coito que regra hade seguir a natureza?/ Se elles não tem vias nem orgãos, nem ahinda distincão/ de ceso./

A outra he que setal cousa acontecesse/ fora obrar a natureza por dous principios, enfaser que eses/ viventes nascesem huns sem progenitores, e outros com/ elles; o que he contra suas leys que tudo obraõ por/ huns principios sertos e infalliveis. Querem comprovar/ isto com o exemplo de que asim como alguns animais/ de progenitores, geraõ e parem sem coito, asim tambem/ podem parir os que não tiveraõ pais; alegando para/ histo as galinhas que poem ovos sem galo; e muitas mu-/lheres que disem ter parido filhos sem varaõ, e ou-/

tros//

### Fólio 300r

tros muitos animais; ao que respondo, que o haverem anima-/is que geraõ e parem sem maxo por terem quasi a nature-/sa de hum e de outro genero he como sem duvida/ como sam as Gambás ou raposas da America de que já tra-/tei, e outros muitos que en seo lugar direi; e estes hé por/ que asim os fes Deos enprincipio, e nelles não ha falen-/cia de regra. Enquanto os ovos que as galinhas poem/ sem gallo, não geraõ cousa alguma, he huma super-/fluidade da facundidade da ave. Os outros animais/ que disem pariraõ sem maxo como as Egoas anda-/luses, e as do Mondego que conta Andre de Resende<sup>172</sup>/ tudo hiso he huma pura fabula sem sertesa algua,/ e as mulheres que disem ter parido sem varaõ por obra/ de espiritos incubos; foi histo huma introducçam/ nos gentios dosseculos pasados, quando alguma dona/ sahia prenhada absente seo marido, diser que fora/ o deos fullano que a emprehara como fes a mai do/ grande Aleixandre; e como depois na ley da grasa não/ tivese mais lugar esta capa dos deoses, recoreraõ/ a dos incubos./

De toda esta animallidade da/ segunda e terceira expecia de minhas naturallidades da-/rei huma breve noticia intrometendo huns com ou-/tros en resam de haverem algumas especias adonde/ seachão de huma e outra clase, dos da segunda/ seja o primeiro/

Lagarto fasendo reparo nas di-/ferenças destes animais contei desa septe diversas, huns/ lavrados de verde e amarelo que cresem the 4 pal-/mos de comprimento; outros de branco e verde, ou-/tros pardos com lavores mais claros, todos estes do/

mesmo//

<sup>169</sup> Aristóteles (*De Generatione et Corruptione* I.3, 318a 23-25): “*Generatio unius est corruptio alterius; propter hoc generatio sunt aeterna*”.

<sup>170</sup> *Liber Genesis* 1, 24: “*dixit quoque Deus producat terra animam viventem in genere suo iumenta et reptilia et bestias terrae secundum species suas*”.

<sup>171</sup> Citação não localizada. [Possibilidades: Riccardi Filii Radulfi: *Lectura super Sententias*, Liber IV? Pedro Hispano: *Problemata* ou *Quaestonis de animalibus*? Philo de Alexandria?].

<sup>172</sup> Cf. nota 52.

## Fólio 300v

mesmo grandor as carnes alvas saborosas<sup>173</sup> de bom nutrim-/ento e senão devem despresar para doentes, são anima-/is oviparos, fasem covas na terra adonde moraõ e poem/ os ovos en acto continuado que não tem casca dura/ e são cobertos de huma pelea grossa de pura gema sem/ clara<sup>174</sup> tem quatro pes, e andaõ com o corpo de rastos/ tem a verga da geração recolhida e lansa pella via in-/fima e juntaõce, como o fasem os Patos, não tem vene-/ no algum ensi./

Recolhemse estes animaes nas suas co-/vas no mes de Março com seus provimentos de fructas, e/ folhas adonde estaõ reclusos the Septembro, que entaõ/ saem magros, e alguns com os rabos diminutos nasci-/dos de novo<sup>175</sup> no que senotaõ duas maravilhas; a primeira a/ falta do rabo que o comem elles proprios apertados da/ fome não tendo impedimento para sahir a buscar o pasto;/ a outra o renovarcelhes o membro que foy decipado, pri-/vilegio que a natureza só concedeo a estes animais, e aos/ carangueijos, que cahindolhes os dedos nascemlhes outros,/ e aos mais muito lhesfes en feixar a chaga e calejar a cesura;/ esta propriedade he semelhante a das arvores que/ cortado o galho brota outro, pella vegetasam de sua/ animallidade, cuja condisam he crescer e sustansia-/llisar, a que imitam estes animaes por serem suas vi-/vificasoens quasi como da planta./

O que fasem os meses que levaõ/ inserrados discursen os especullativos; para sediser que/ dormem, como contaõ os Noroegos dos seus Ursos/ he cousa inatendivel, pella substasão que senão dá/ entaõ largo tempo nos espiritos vitais que hande/ forsosa mente sintillar, e incitar os sentidos externos/

a exer-//

## Fólio 301r

a exercer suas ocupasoens como acontese aos mais bru-/tos, e ainda ao raccional de que estes não diferem/ na exercitasam dos espiritos vitais, e excitasam dos senti-/dos externos; e para sedizer que está acordado, qual/ he o impulso ou preseito que alli o detem? Para sedi-/ser que o frio, hiso será lá nas regioens pollares, e não/ nestas nosas adonde todo o anno hé primavera./

A minha conclusam he; que estes/ animas [sic] são da segunda expecia, nestes prevallese a vege-/tabillidade a espirituallidade sencivel, que por hiso são/ imperfeitos, e como aquella depende só mentes [sic] da sustan-/cia da terra para sua conservasam, com ella se acom-/moda sogeitandolhe as mais operasoens animais; e este/ he o impulso que alli oretem procurando o seo sentro/ e causa primeira; e o excito que dalli fasem para fora/ de Septembro endiante; he afim de procurar o coito para/ conservasam da prole e mais nada. O mesmo acontese/ com os Carangueijos que a seo tempo direi./

Há outros lagartos que cha-/mamos Sanambú<sup>176</sup> de 3 palmos de comprido com hua/ serra da ponta do focinho thé o rabo huns verdes e ou-/tros pretos, andaõ huns e outros no xam e sobre as ar-/vores, fasem buracos na area, adonde largaõ os ovos em/ acto continuado, que sam incascados, alvos e bem re-/dondos como hum limaõ pequeno, cobremnos com/ area, de donde saem os filhos, e vão buscar a vida sem/ conheserem os pais que os geraõ. Tem estes as carnes/ alvas e desgostosas; achaõcelhes nos buxos humas pe-/dras brancas redondas como mosquetes; disem que tem/ as virtudes da pedra basar, não naexperimentei./

<sup>173</sup> Embora demasiado imprecisa para permitir a identificação positiva das espécies arroladas, esta passagem ao menos indica que o autor conhecia alguns dos poucos lagartos brasileiros capazes de atingir quatro palmos de comprimento, o que corresponde a pouco menos de 90 cm, se considerarmos que o “palmo” mencionado seria a antiga unidade de medida linear equivalente a 22 cm. Nesse reduzido universo, apenas o iguana, *Iguana iguana* (Linnaeus, 1758) (Squamata, Iguanidae) e os teiús, *Tupinambis* spp. (Squamata, Teiidae) alcançam tal porte e são considerados peças de caça.

<sup>174</sup> Ao contrário das aves, vários répteis apresentam ovos de casca bastante flexível e com menos quantidade de clara, detalhes que parecem justificar a curiosa assertiva do autor.

<sup>175</sup> Neste trecho, a crendice europeia de os lagartos amalharem provisões para o inverno soma-se ao fato de que, no sul do Brasil, esses répteis realmente se ocultam durante parte do ano, voltando à atividade apenas no final da estação fria. A perda da cauda, entretanto, não possui qualquer relação com esse fenômeno sazonal, constituindo um mero caso de autotomia.

<sup>176</sup> “Sanambú” – Referência bastante explícita ao sinimbu, *Iguana iguana* (Linnaeus, 1758) (Squamata, Iguanidae), espécie de grande porte, comum nas vizinhanças de corpos d’água, cujo colorido pode variar do verde ao negro, segundo a idade do animal.

<sup>177</sup>Há outros lagartos com o cor-/

po//

### Fólio 301v

po e cabeça como de hum cam de fila, os pes curtos/ e andaõ sobre elles com o corpo levantado do xam/ o rabo curto lavrados de vermelho cor de terra, e bran-/co; investem estes a gente, e não sabem correr<sup>178</sup>. Outro la-/gartinho de palmo e meyo todo verde, que tem boa carne/ chamados Coros<sup>179</sup>. Outro que anda no xam e sobre as ar-/vores a que chamaõ Cameleaõ<sup>180</sup>, e tomaõ a cor daquillo que/ selhepoem diante, e dis a vulgaridade que se sus-/tenta de vento sem mais resaõ que vellos estar quietos/ com a boca aberta, sendo isto costume do animal. Es-/tes sam os que afirmaõ ter na cabeça huma pedra de/ muitas virtudes<sup>181</sup>, e que mata as cobras com a baba que/ lansa da boca; não no afirmo que nada disto ex-/perimentei./

Achaõce mais seis expecias/ de Lagartixos<sup>182</sup>, hunos que andaõ pellas paredes e luga-/res pedregosos pardos a rayadinhos de hum gemio<sup>183</sup> de/ compridos, que sam admiraveis para curar as al-/porcas<sup>184</sup>, comidas e postas sobre as grandulas antes de/ arebentarem, falas resolver e não tornaõ. As demais/ que sam de varias cores, pretas, lavradas, e verdes/ não lhes achei cousa de que de notícia; saõ todos ani-/mais oviparos sem expecias algumas venenosas capa-/ses de se comer, castisõ-çe poem os ovos pellos bura-/cos da terra, das paredes e monturos, saem os filhos, vão/ buscar a vida sem conheser pais./

<sup>185</sup>Há outra expecia de lagarto/ de palmo e meyo de comprido hum gêmeo de grossura/ pretos pella bariga as costas brancas salpicadas de/ estrellas pretas<sup>186</sup> os quatro pes com cartilages como os/

de Pato//

<sup>177</sup> Na margem direita do MS há a nota “Dogues”, para a qual não encontramos significado.

<sup>178</sup> Saa refere-se a um misterioso lagarto de porte médio avantajado dotado de um rabo curto e grosso, focinho protuberante e vivo colorido alvoroado, capaz de erguer-se e caminhar sobre as patas traseiras, investindo contra os viajantes. Além de não corresponder a nenhuma espécie conhecida, essa estranha descrição parece reunir características de diferentes espécies de lagartos do Novo Mundo, mesclando o colorido berrante e a cauda do monstro-de-gila, *Heloderma* sp. (Squamata, Helodermatidae) com o focinho alongado e a habilidade de manter-se em pé do basilisco, *Basiliscus* sp. (Squamata, Iguanidae).

<sup>179</sup> Coró – Demasiado breve para permitir uma diagnose, a descrição apresentada poderia tanto dizer respeito a *Ameiva ameiva* (Linnaeus, 1758) (Squamata, Teiidae) quanto a qualquer outra espécie de lagarto de colorido esverdeado e porte equivalente. Grafada como “coro”, esta mesma denominação foi registrada por Martius (1863: 446) para um lagarto não identificado. A Nota na margem esquerda do MS gafa “Corós”.

<sup>180</sup> “Cameleaõ” – Designação comum a diversas espécies de lagartos muito distintas entre si, tais como *Tropidurus* spp. (Squamata, Tropiduridae) e *Iguana iguana* (Linnaeus, 1758) (Squamata, Iguanidae). “Camaleaõ” na chamada do lado esquerdo do MS.

<sup>181</sup> A crença de que lagartos e serpentes carregam uma pedra misteriosa na cabeça parece derivar da antiga lenda da “pedra da serpente” ou draconita, fabulosa gema cor de fogo de inacreditáveis poderes antidotais que, segundo a tradução medieval do século VII expressa nas *Etimologias* de Santo Isidoro de Sevilha (1993), seria extraída do cérebro de dragões vivos pelos magos. Registrada por diversos autores seiscentistas (e.g. Dellon, 1685), essa crendice ainda subsiste em diversas partes do Brasil nos dias de hoje, embora com algumas alterações (teste Magalhães (J.), 1969).

<sup>182</sup> Dos “lagartixos” mencionados neste trecho, apenas os que frequentam as habitações humanas podem ser identificados, provavelmente correspondendo a representantes dos Gekkonidae (Squamata), grupo de ampla distribuição no Novo e Velho Mundos. Não seria impossível supor, portanto, que *Phyllopezus pollicaris* (Spix, 1825) fosse a espécie anegrada, enquanto que aquela de colorido branco-pardacento não passaria do comuníssimo *Hemidactylus mabouia* (Moreau de Jonnés, 1818), lagartixa que alguns autores pretendem ter sido introduzida no Brasil, vinda da África, através do tráfico negroiro.

<sup>183</sup> “gemio” – Gêmeo: cerca de 20 cm, correspondendo à distância existente entre a extremidade do polegar e do indicador, estando ambos esticados e afastados o mais possível um do outro. Não obstante, vale notar que as alusões à “grossura” de lagartos e serpentes contidas neste original revelam-se bastante obscuras, geralmente correspondendo a valores muito superiores ao verdadeiro diâmetro das espécies consideradas. Não seria impossível supor, portanto, que Saa utilize a expressão “grossura” para referir-se à circunferência dos répteis observados, talvez baseando suas estimativas em peles abertas e esticadas.

<sup>184</sup> Intumescência dos gânglios linfáticos do pescoço; escrófala.

<sup>185</sup> A chamada do lado esquerdo do MS diz “Salamandra”.

<sup>186</sup> Curiosa descrição de um lagarto de palmo e meio de comprido (33 cm, vide nota 1) e um gêmeo de grossura (cerca de 20 cm, vide nota anterior), que parece reunir características de várias espécies distintas, sem corresponder exatamente a nenhuma em particular. Com efeito, a menção de um animal com as costas “brancas salpicadas de estrelas pretas” recorda *Enyalis* spp. (Squamata, Polychrotidae), ao passo que a referência às partes inferiores negras sugere o padrão observado em diversos representantes dos Tropiduridae.

## Fólio 302r

de Pato, o rabo alfanjado, a cabeça redonda, boca rasga-/da como de cobra por dentro preta, dentes meudos, e/ agudos, ronseiro no andar trepa pellas arvores, e penhas-/cos, são estes venenosissimos, ouvi afirmar aos gentios/ nacionais destes sertoes, que tendo remedios para/ mordeduras de bixos venenosos, só para este os não ha-/via mais do que morer./

Este animal segundo meo reparo/ e especullasam do que escreverão os naturallistas he/ o que chamaõ Salamandra. Aristoteles lb. 5. Cap.17<sup>187</sup>./ hist. Plinio. lb. 10. Cap. 67<sup>188</sup>. descrevenno quasi na/ forma que o eu pinto, acrescentando mais que nasce e vive/ subterraneo, e que quando ve a lus more; histo já semos-/tra ser fabuloso. Simão Mayollo<sup>189</sup>. Coloquio 8 na mes-/ma forma o pinta. Dioscorides<sup>190</sup> lb. 2. Cap. 55 e 56/ na mesma forma o pinta en estampa só com a diferen-/sa de pintarlhe focinho comprido quasi como bico/ de pasaro, e dis não ha veneno mais eficas entoda/ a natureza, dom Luis de Gongora no seo polifemo<sup>191</sup> estan-/cia 24/

Salamandra del Sol vestido estrellas/

Latiendo el can del cielo estava quando/

polvo el cabello, humedas sentelhas/

Sino ardientes, aljofares sudando./

quer diser que havia o Sol intrado no signo de Can-/cer, e achavase na constellasam chamada Canicola a/ quem compara o poeta com a Salamandra pellos e-/feitos callorosos que causa, a estrellas de que se/ compoem, que disem serem desoito./

Diz Galeno que lansado este/ animal no fogo não sequeima, mas antes o apaga/ pela frialdade que ensi tem que dis ser no quarto/

grao//

## Fólio 302v

gráo: Salamandra enim adsertum usque terminum/ ab igne nihil patitur; uritur autem si longiori spa-/ci igni sit ad mota [sic]. lb. 3. de temper. Cap. 1<sup>192</sup> dis/ que a salamandra de longe do fogo queimace, e de/ perto não; histo não vio o famoso medico e natura-/lista, devia de ouvir a aquelles que nas suas ideyas/ formavaõ o que queriaõ; e na mesma

<sup>187</sup> Aristóteles, *História dos Animais* V, xvii, 1. Na tradução de Cresswell (1862: 126): “And the salamander shews that it is possible for some animal substances to exist in the fire, for they say that fire is extinguished when this animal walks over it”.

<sup>188</sup> Embora a versão da *Historia Naturalis* empregada pelo autor permaneça indefinida, suas referência aos capítulos são virtualmente idênticas à edição organizada por Julius Sillig em meados do século XIX (Sillig, 1852), diferindo das versões mais recentes. Na passagem sobre a salamandra mencionada por Sáa (*Historia Naturalis*, Livro X, capítulo 67), o naturalista romano estabelece: “*Sicut salamandrae, animal lacertae figura, stellatum, numquam nisi magnis imbrius proveniens et serenitate desinens. Huic tantus rigor ut ignem tactu exstinguat non alio modo quam glacies; eiusdem sanie, quae lactea ore vomitur, quacumque parte corporis humani contacta, toti defluunt pili idque quod contactum est colorem in vitiliginem mutat*”, ou seja: “a salamandra, por exemplo, animal com a figura de um lagarto, coberta com manchas, nunca aparece exceto nas grandes chuvas e desaparece com o tempo bom. É tão fria que apaga o fogo pelo seu contacto, da mesma maneira como faz o gelo. Ela vomita de sua boca uma baba leitosa, a qual basta tocar em qualquer parte do corpo humano para fazer com que todo o cabelo caia e a parte tocada mude de cor, irrompendo em um eczema”.

<sup>189</sup> Referência a Simeone Maiolo. Em Maiolo (1600), o “*Colloqvium Octavvm. Serpentes*” ocupa as páginas 307 a 339, e o trecho sobre a salamandra as páginas 336 e 337.

<sup>190</sup> Em Dioscórides de Anazarba (1552), o capítulo LIIII do *Liber Secundus (Salamandra)* ocupa as páginas 178 e 179; nesta última está a xilogravura representando o animal. À mesma página diz Dioscórides: “*Venenatus est harum morsus, & si qua fructum aut herbas attigerint, saluam quampiã relinquunt, quae proculdubio morti fera est, quod multi suo damno experti sunt*”.

<sup>191</sup> Referência à *Fábula de Polifemo y Galatea* de Luís de Góngora y Argote (1612).

<sup>192</sup> Em sua obra *De Temperamentis Libri III* (Galeno, 1549: 157-158) consta: “*Enimuerò quòd horum omnium, quae frigida per naturam sunt, quicquid plus iusto calfeceris, ex propria id natura recedat, praeterquam quòd nullam dubitationem habet, etiam praedictis à nobis affert testimonium: sicut enim salamandra ad certum vsq’ terminum ab igni nihil patitur; vritur autem, si longiore spatio igni sit admota*”.

forma confirmaõ o dito Camara bustamante<sup>193</sup> lb.6. Cap.2. de animalib. [sic]/ Aeccio<sup>194</sup>. lb. 5. Cap. 52. e daqui tomaraõ muitos/ esta lisam. E outros tem para si que sala-/mandra he o animal que se gera no fogo; sendo/ verdadeira mente o lagarto de que tenho dado/ noticia não fabuloso nem de ouvida mas/ sim verdadeiro visto e examinado./

<sup>195</sup>Ha ainda outra especia des-/te mesmo animal tam venenoso como elle; e he/ huma savandija comprida de hum palmo o cou-/ro liso pardo sem manxa alguma, pés e cabesa co-/mo a outra salamandra, e o rabo virado para sima/ coberto de humas pontas a maneira de dentes<sup>196</sup> mais bra-/casentas [sic] do que o corpo; vagaroso no andar vive nas/ concavidades das pedras, não toca agoa nem chega/ a lugares humedos<sup>197</sup> de quallidade tam venenosa/ que todos os animallicos fogem dela; poem tam-/bem ovos como os demais lagartos./

Escorpiaõ<sup>198</sup> ha de duas castas huns/ pardinhos do comprimento e grosura de hum dedo, que saõ/ os que se vem pintados em estampas; e outros preto [sic] que cresem de hum gemo, tem huns e outros o rabo in-

rosca//

### Fólio 303r

roscado para sima bastantes perninhas de hum, e de/ outro lado, duas tisouras para diante como o caran-/gueijo, hum agulhaõ na ponta do rabo com que/ fere a todo o vivente que lhetoca, causa a picadu-/ra dores execivas sem remedio algum que as/ metigue por espaso de vinte e quatro horas com-/plectas, por si cesa a dor sem cura alguma; saõ/ gerados estes bichos huns e outros debaixo da terra/ sem progenitores, em buracos, e por entre pedras, he sua/ assistensia da terra sesustentaõ sem outro alimento./

A Lacraya<sup>199</sup> por outro nome Santo-/peya, e por outro mille pedibus, por ter tantos que se lhe/ não sabe a conta, cresem thé hum palmo, geraõ-ce/ tambem debaixo da terra sem progenitores, vivem entre/ o cisco e buracos na terra, tem dentes e com elles hé que/ ferem causaõ suas dentadas dores que duraõ tres dias/ com esquecimento da parte ofendida; atalhaõce as do-/res com o mesmo bicho socado posto ensima, com/ hum ferro quente ou com o prepucio do homem. Ha/ outras savandijas como estas que não pasam de hũ dedo de comprimento, criadas como as outras, que/ de noite lansaõ desi huma luz como fogo de inxo-/fre<sup>200</sup>, não mordem mas saõ os corpos finissimo ve-/neno, geradas na terra sem pais./

<sup>193</sup> Referência ao capítulo II do Livro Sexto (*De Salamandra*) de Juan Bustamante de la Cámara (1620: 1239-1248).

<sup>194</sup> Cf. Aetius (1560: 68): “*Salamandra animal simile est stellioni, asperius & scabrum magis quàm lacerta venenata. Penetrat autem hoc animal per ignem ardentem, nihilque laeditur dissecta & discedende ab ipso flamma. Si verò per tempus aliquod in igne immoretur, cosumpto frigido in eo humore, exuritur*”.

<sup>195</sup> “Pomé” [?] consta na chamada à esquerda no MS.

<sup>196</sup> Entre os vários lagartos brasileiros que possuem a cauda armada de espinhos (*e.g. Hoplocercus spinosus* Fitzinger, 1843s, *Urocentron azureum* Kaup, 1827), a descrição parece adequar-se sobretudo a *Tropidurus strobilurus* (Wiegmann, 1834) (Squamata, Tropiduridae), que muitas vezes apresenta um colorido pardacento relativamente uniforme.

<sup>197</sup> Em nota na margem esquerda, o MS do Porto diz: “He erro, pois/ sechaõ junto/ das lagoas”.

<sup>198</sup> Designação comum aos artrópodes pertencentes à ordem Scorpiones (Arachnida).

<sup>199</sup> Designação comum aos artrópodes pertencentes à ordem Scolopendromorpha (Chilopoda).

<sup>200</sup> Se Saa pretende realmente referir-se neste trecho a um piolho-de-cobra ou gongolo (uma “lacrãia” que não morde), seria a única observação sobre a bioluminescência de um diplópode na Região Neotropical. O único gênero conhecido de diplópodes luminescentes nas Américas é *Motyxia* (Polydesmidae, Xystodesminae), da Califórnia, com 8 espécies [cf. Loomis & Davenport, 1951; Davenport, Wootton & Cushing, 1952; Causey, 1960; Causey & Tiemann, 1969; Shelley, 1997]. Já no caso das lacraias propriamente ditas (Chilopoda), há várias espécies que apresentam bioluminescência, das famílias Geophilidae, Himantariidae e Linotaeniidae, em sua maioria do Velho Mundo (Lewis, 1981: 344; Robinson, 2005: 421). Por outro lado, talvez seja mais provável ser esta uma referência às larvas e fêmeas larviformes dos besouros da família Phengodidae, dotadas de órgãos bioluminescentes em seu corpo que emitem uma luz verde-amarelada. As larvas de ultimo instar têm um comprimento que varia entre 15 e 65 mm. Se for verdade, este é o mais antigo registro de bioluminescência desta família de Coleoptera, que se somaria à observação desse brilhante naturalista que também observou pela primeira vez as larvas bioluminescentes de Elateridae em cupinzeiros (cf. Fólio 318r abaixo).

Jacaré expecia de lagarto há/ de tres castas aquario, e terrestre vivem nas agoas, e/ na terra, os comuns<sup>201</sup> que em qualquer parte seachaõ/ crescem the 40 palmos de comprimento, e des de/ grosura, o couro escamoso grosso, e durissimo, pretos/ pellas costas, branca a bariga, a cabesa espinhosa/ o rabo alfanjado a boca rasgada, goella huma das/

mais//

### Fólio 303v

mais estupendas que se conhesem; não tem lingua<sup>202</sup>, den-/tes muitos, duros e pungentes e nada mastiga que/ tudo o que come he ingullido inteiro; apanha/ qual quer animal aquario, volatil, ou terrestre, e de/ hum sorvo o leva vivo perneando sem que os den-/tes lhesirvaõ, mais do que segurar a preza; casaõ nas/ agoas, e por terra, e quando não achaõ outra cousa, in-/golem pedras, paos, podridoens, tojucos, e tosas [touças]/ de capim. Vi hum ingullir hum prato de esta-/nho dos ordinarios, e matandoce do buxo selheti-/rou inteiro sem amolgadura alguma./

As pedras que selhes achaõ nos/ buchos, a que a gente vulgar commula hum aranzel/ de virtudes, não tem mister algum, sam seixos do/ rio que ingolem quando não achaõ outra cousa,/ disem tambem que os dentes sam antidotos; nunca/ o experimentei nem fis diso caso por o ouvir só a gen-/tes ignorantes, aquelles que os trasem aos brasos, e pesco-/sos. Os osos sam durissimos, delles fazem os gentios/ seus trinxetes, e furadores agusando-os em pedras, hé/ animal cobarde quando o pegao não foge; os Indios/ montaõ sobre elles quer no rio quer na terra sem perigo/ algum por senão poder dobrar para lheschegar com os/ dentes, amaraõ-lhes huma corda puxam por ellas, brin-/caõ com elles; por fim fasem nos em postas e poemnos/ a moquear./

São oviparos como os demais la-/gartos, poem ovos do grandor dos de Perua brancos/ duros espinhosos como hum oriso; juntam hum montaõ/ de sisco adonde os lansa em acto continuado que

saõ//

### Fólio 304r

são até vinte, cobreos com o sisco, en sahindo os filhos busca/ cada hum seo rumo a faser o mesmo; estes ninhos quan-/do os fasem ce en terra enxuta junto aos rios, ou ala-/goas, mas enchendo estas e cobrindo-os, nem por hiso/ deixaõ de sahir os filhos com o mesmo vigor como se/ fose fora dagoa. Achandoce este animal en alagoa/ que seca no tempo que faltaõ as chuvas, e vendo/ que perto não ha outra para donde se mude, inte-/rrace tres, e quatro palmos pello tojuco dentro, in-/durese este, e nascemlhe ervas por sima. e com a res-/pirasam que toma, abremselhes dous agulheiros conre-/spondentes as duas ventas, por donde continua a res-/pirasam, e ali pasa os seis meses de seca, the virem/ as agoas molharem a terra, adonde se vai remeixen-/do the por fora; destes repousaculos, ostiraõ os ca-/sadores que osprocuraõ, e conhesen-nos pellos dous agu-/lheiros da respirasam tam gordos que não tem ensi ma-/is do que banha. A resam desta conservasam debai-/xo da terra tanto tempo, he a mesma que dei a respeito/ dos mais lagartos nos seus buracos./

Tem as carnes alvas, duras, e de/ bom sabor e nutrimento mas com cheiro de almiscar/ que o tem, en duas bolas vermelhasas do grandor de ba-/las de mosquete nas verilhas entre o couro e a carne/ huma de cada parte, disem alguns que estas bolas saõ/ os membros genitais, mas enganaõ-ce, que estes temnos/ dentro pegados ao membro viril, que he como o dos/ Patos, e como elles segalam e todos os mais animais/ desta generica expecia; o almiscar<sup>203</sup> he tam perfeito/ na fragancia e virtudes, como o do Moscho asiatico/

o be-//

<sup>201</sup> “Jacaré comum” – Considerando que parte significativa das observações deste manuscrito parecem estar baseadas na fauna de Mato Grosso, parece razoável supor que a breve descrição de um “jacaré comum” de pequeno porte diga respeito ao jacaretinga, *Caiman yacare* Daudin, 1802 (Crocodylia, Crocodylidae), espécie muito encontrada na bacia do rio Paraguai. Vide nota 205 sobre as duas outras variedades de jacarés mencionadas.

<sup>202</sup> A língua dos jacarés existe, mas é presa no fundo da boca, ao invés de ser livre como a dos outros répteis.

<sup>203</sup> O autor compara o almíscar extraído dos jacarés com aquele produzido pelo veado-almiscareiro, *Moschus moschiferus* Linnaeus, 1758 (Artiodactyla, Cervidae), espécie asiática da qual já dava notícia Marco Polo, em pleno século XIII (Polo, 1992).

## Fólio 304v

o beneficio de que carese, hé metelo em vaso de barro tam-/pado que lhenã entre o ar, e pollo adonde lhe dê o sol,/ e a chuva por seis meses, e depois goardalo em vaso de/ vidro quanto mais velho melhor sefas./

A outra expecia deste animal he/ Ururahý<sup>204</sup>, por outro nome Jacaré do papo amarelo<sup>205</sup>/ por tem [sic] papada como de Boy amarela, estes naõ pa-/sam de 30 palmos de compridos, e chegaõ a outros/ tantos de grosura, sam ferosissimos investem sem temor/ as fasanhas mayores que delles vi; foi no rio de Sam Jo-/aõ entre Macahe<sup>206</sup> e o Cabo frio pasando ali huma/ cavallaria dos Goaitacases<sup>207</sup> para o rio de Janeiro; ati-/rou hum animal destes hum bote a hum cavalo/ no meyo do rio, levoulhe os dous quartos traseiros de/ hum bocado cortando-o serce pello meio do espi-/nhaso, ficando sobre agoa a cabeça com os dous quar-/tos dianteiros. A outra foi em Gurupahy<sup>208</sup> enhum/ engenho de asucar a beira do rio, hindo huma mosa/ India a tirar agoa, avansoulhe hum bruto destes, e/ inteira aingolio de hum bocado, matareaõ-no logo os/ Indios tiraõlhe [sic] o cadaver inteiro do buxo deraõlhe/ sepultura; o modo com que o pescaraõ foy o seguinte./

Perparados dous tolletes de pao/ duro de hum palmo postos encrus bem atados pela/ junta com huma corente alli presa, imbutio-se/ esta crus enhum quarto de vitella que para hiso/ sematou tirados os osos mayores e presa a corte [sic; corrente]/ com seus pontos lansouce este bocado ao rio, pre-/sa a ponta da corrente a hum calibre de bom por-/

te//

## Fólio 305r

te e este ao tronco de huma gameleira feito histo a/ tarde foice o seguinte dia a ver, estava a corda es-/pixada, ajuntaraõ a puxar por ella oyto Indios exfor-/sados naõ lhefasiaõ abalo algum, the que incitado/ dos movimentos surgio asima. e entãõ o foraõ chegan-/do para a terra com mais gente que seajuntou, the/ que chegado a praya preso pella corente e bocado/ que tinha no buxo ahi a lansadas e poretadas o/ matareaõ abriãõ, tiraraõ o cadaver, e aproveitaõce/ das carnes delle que logo as forãõ fasendo en postas/ e pondoas a moquear, compensando o damno que/ fes pellos mesmos fios, cumprindo o axioma: in eo/ quis peccat, et in hoc punietur<sup>209</sup>./

A minima expecia destes anima-<sup>210</sup>/is he o que chamaõ Jacaré merim<sup>211</sup> semelhante aos/ demais que naõ pasaõ de dous palmos, vivem na te-/rra en buracos que abrem e por acaso buscaõ agoa, tem estes as carnes melhores que a outras expecias<sup>212</sup>; poem os ovos dentro en buracos, tapao-nos com terra/ e ahi os deixaõ, saem os filhos, furaõ a terra e vai [sic]/ procurar o sustento./

<sup>204</sup> A chamada do lado esquerdo do MS diz “Urúrahý/ ou de papo a-/marello”.

<sup>205</sup> Referência ao jacaré-de-papo-amarelo, *Caiman latirostris* (Daudin, 1802) (Crocodylia, Crocodylidae), espécie comum no Brasil oriental, que pode atingir 365 cm de comprimento, valor bem abaixo dos 30 palmos mencionados por Sãa, os quais correspondem a cerca de 660 cm. Entre todos os jacarés do Brasil, apenas o jacaré-açu, *Melanosuchus niger* (Spix, 1825), alcança porte semelhante, havendo registros de exemplares com até 609 cm de comprimento (*teste* Medem, 1983). É interessante notar que as grafias *ururahý* (Fol. 33v) e *ururahi* (Fol. 34r) empregadas por Sãa (MS da BNRJ) são únicas na literatura zoológica que conhecemos. As vozes *arurá*, *arurau* (Vasconcellos, 1938:64), *ururau* e *ururá* (Beaurepaire-Rohan, 1889:244) foram todas empregadas para designar o jacaré-de-papo-amarelo, *Caiman latirostris* (Daudin, 1802).

<sup>206</sup> Macaé, RJ.

<sup>207</sup> Campos dos Goitacazes, RJ.

<sup>208</sup> Guarapari, ES.

<sup>209</sup> Provérbio latino: “*quo quisque peccat in eo punietur*”.

<sup>210</sup> A chamada ao lado desta linha na margem direita do MS diz erroneamente “Jacareti-/nga”.

<sup>211</sup> “Jacare merim” – Supomos tratar-se do jacuruxi, *Dracaena* sp. (Squamata, Teiidae), lagarto que apresenta um aspecto geral bastante semelhante ao dos jacarés e que pode atingir mais de 40 cm de comprimento, ultrapassando os dois palmos e meio (cerca de 33 cm; *vide* nota 1) mencionados no texto.

<sup>212</sup> Ao lado desta linha, na margem direita do MS, consta a chamada “Jacaré Pe-[/?]/ reri”.



Tartaruga chamada dos La-/tinos Testudo, dos Gregos Chelis, e dos Espanhoes/ Galapago. Ha nestas regioens de seis diversas qualli-/dades, duas terrestres, e quatro que vivem na terra/ e nas agoas, fasendoce compatriotas dos peixes, e dos qua-/drupes. As mayores tem 7 palmos de comprimento/ quatro de largura e dous de altura, habitã nas a-/lagoas salgadas, nos rios, e por terra<sup>213</sup> sam animais co-/bardes, não tem mais armas que as conchas que lhes/ servem//

## Fólio 305v

servem de escudos, mas não selivraõ dos inimigos, que/ os tem muitos que asprocuroã para o pasto, nas agoas/ os casoens, na terra os corvos<sup>214</sup>, e as gentes, sem que posãõ/ escapar a tanta gollosina: tem estas mayores que todas/ as cascas a maneira de oso, e sam aquellas, que seachaõ/ entanta abundancia no gram Pará<sup>215</sup> entodo aquelle gran-/de golfo e rios que alli fasem des carga; que al-/gumas veses senão pode navegar por estarem as agoas/ cobertas dellas, enque imbasaõ as canoas, e só dos o-/vos fabricaõ os moradores daquella Capitania todos/ os annos de quatro centos mil potes de aseite pa-/ra sima, e para cada pote são neserarios tqinhentos [sic]/ ovos para sima<sup>216</sup>, e das carnes dellas fasem o sustento/ actual, e com tudo histo não seacha nellas demi-/nuisam./

<sup>217</sup>A outra expecia sam aquellas cu-/jas cascas vemos em bocetas, pentes, cabos e outras alfa-/yas<sup>218</sup>; sam estas mais pequenas que as outras, e vivem so/ no salgado não sobem aos rios. He sua mayor pro-/dusam da costa do Seará para o norte. A terseira e qu-/arta expecias são os que chamamos Cagados, que ha duas/ castas<sup>219</sup> huns redondos e chatos e outros mayores mais/ <sup>220</sup>altos e compridos que vivem nos rios e alagoas, e por te-/rra. Castisaõce estes animais nagoa cavalgando/ como qual quer quadrupe para o que lhes deo a na-/turesa commodidade fasendo o macho com a conxa de/ baixo concava para asentar sobre a da femea./ que he boleada pellas costas; sam todos oviparos qu-/ando querem desovar saem as prayas do mar, rios, ou/ alagoas, fasem huma cova na areya adonde lansaõ/

os o//

## Fólio 306r

os ovos em acto continuado, que sam enquanto as Tarta-/ruga [sic] the vinte e vinte e sinco, e os Cagados muito ma-/is; cobremnos com area, e andaõ naquelles aredo-/res the sahirem os filhos, quando saem acompa-/nha-os alguns dias; sustentaõce de toda a inmundi-/cia de bichos limos, e ervas que ha nas agoas, e na terra/ ingordam muito, sam as carnes tenrra [sic], e saborosas, e he/ bom nutrimento e nocivas para doentes; e os ovos/ tudo o que tem ensi he azeite que lhotiraõ para/ os guisados, e para os candieiros.<sup>221</sup>

A quinta e sesta especia [sic] destes/ animais sam terrestres que não tocaõ agoa; sam huns/ mayores que cresem

<sup>213</sup> “As mayores tem 7 palmos de comprimento quatro de largura e dous de altura” – Cerca de 154 cm de comprimento, 88 cm de largura e 44 cm de altura. Contudo, as maiores espécies de tartarugas registradas no Brasil superam por larga margem estas marcas, sendo que a tartaruga-de-couro, *Dermochelys coriacea* (Linnaeus, 1766) (Testudines, Dermochelyidae), pode atingir 244 cm de comprimento e cerca de 800 kg de peso.

<sup>214</sup> Isto é, urubus.

<sup>215</sup> A tartaruga-do-amazonas, *Podocnemis expansa* Schweigger, 1812 (Testudinata, Podocnemididae).

<sup>216</sup> Para maiores detalhes, vide Papavero & Teixeira (2000).

<sup>217</sup> “Tartaruga/ fina” na chamada do lado direito do MS.

<sup>218</sup> Provável referência à tartaruga-de-pente, *Caretta caretta* (Linnaeus, 1758) (Testudines, Cheloniidae), cuja carapaça chegou a ser muito utilizada na fabricação de objetos de luxo.

<sup>219</sup> Demasiado vaga para permitir uma diagnose; trata-se apenas de uma referência muito geral a duas das várias espécies de tartarugas de água doce existentes no Brasil.

<sup>220</sup> Ao lado direito desta frase, na margem do MS, a chamada diz, erroneamente, “Tracajas”

<sup>221</sup> Na margem direita do MS, ao lado do fim desta frase, consta a chamada “Jabotis”.

the 2 palmos de comprim-/ento que chamamos Jaboti, e outros redondos<sup>222</sup> que/ não pasão de hum palmo<sup>223</sup>, tem estes huns e outros as/ carnes muito mais saborosas que os que vivem nas agoas/ fazem huma cova na terra lansaõ os ovos enacto/ continuado cobrennos de terra, de donde saem os fi-/lhos a buscar o sustento, que he toda a quallidade de/ fructas, e ervas. Crião estes humas pedras nos bu-/xos<sup>224</sup> quando sam velhos, redonda vermelha cor da terra/ se tem alguma virtude não sei./

He toda esta generica expe-/cia de animais de tanta facundidade, que podem estar/ hum anno sem comer nem beber, nem morerem nem/ ahinda inmagreser histo he tanto as das agoas como terres-/tes [sic]; hum Cagado dos que seciaõ e vivem nos rios, trou-/ceo certa pessoa ao pescoso dentro em huma boceta de fo-/lha de flandes, que lheinsinarã por remedio de/ hum cancro que tinha na boca, disendoce que faria/

secar//

### Fólio 306v

secar a chaga trouceo seis meses vivo, vendo que/ nem o bicho moria, nem a chaga tinha mudansa, lan-/sou-o fora desi. Hum dos chamados Jabotis esteve/ preso no frocado de huma arvore que o pos hum casador,/ e esteve alli vivo perto de hum anno adonde foy ac-/hado; por donde semostra, e por se impollarem os ovos de/ baixo da terra com a sustancia della, participarem mais/ da vivifficam vegetavel, que da sensitiva; no que se/mostra serem animais imperfeitos e da segunda ex-/pecia, imitando sua animallidade a planta, que da/ terra se gera, e vive sem outro sustento./

Cobra. Ha tantas variedades deste/ animal em huma generica expecie, que só o Autor/ da natureza poderá numerallas, pois encada districto/ se vem diversas; destes animais fabullaraõ muito em suas/ escriptas os antigos naturallistas, dandolhes alguns saber, e/ intelligencia, de donde sedirivou o adagio: sabe mais/ que as cobras, que disemos por aquelle que sabe m-/uitas manhas Quiseraõ provar este saber com/ a sagrada escripta, por contas, que a serpente com astu-/cia inganara Eva: Qui dixit ad mulierem: Cur/ praecepit vobis Deus ut non comederitis de omni/ ligno paradisi?<sup>225</sup> E mais diante: Scit enim Deus,/ quod in quocunque Die comederitis ex eo, aperien-/tur oculi vestri: et eritis sicut dii scientes bo-/num, et malum<sup>226</sup>./

Mal fundada resam em quere-/rem por histo dar saber a hum animal taõ vil, e defe-/ctuoso; não advirtindo que esa arenga que con-/venceu a nosa mai Eva, não foy do animal, mas/ sim do infernal inimigo, sentro e prototipo de toda/ a manha e de toda a maldade. Outros com o psalmo/

57//

<sup>222</sup> Chamada do lado direito do MS"; "Chamao-/se – Mússu-/ãns –".

<sup>223</sup> A chamada do lado direito do MS acrescenta: "N. B. o ja-/buti macho he/ maior q' a feme-/a; tem a cas-/ca liza, e não/ lavrada como/ estas com duas/ manchas ama-/rellas – tem/ 5 unhas nas ma-/ons, e nos pes/ boca com 2/ ordens de serra/ não tem m-/ais q' huma/ via como os patos". Ao mencionar os "jabotis" de "até 2 palmos" (44 cm; vide nota x), Sâa provavelmente pretendia referir-se a *Chelonoidis carbonaria* (Spix, 1824) ou a *Chelonoidis denticulata* (Linnaeus, 1766) (Testudines, Testudinidae), representantes de ampla distribuição no Brasil que podem chegar a pouco mais de 80 cm. Como estas seriam as duas únicas tartarugas terrestres existentes no Brasil, não é impossível supor que o relato de um pretenso jabuti "quase redondo" com "um palmo" de comprimento" (22 cm), na verdade diga respeito a uma tartaruga aquática de carapaça oval e pequeno porte como *Kinosternon scorpioides* (Linnaeus, 1766), que não ultrapassa os 27 cm e que parece ser capaz de perambular com certa frequência em terreno seco. A alusão de que esse misterioso quelônio possuiria um "casco transparente semelhante ao das tartarugas do mar" deve ser entendido sobretudo como uma comparação com a tartaruga-de-pente, *Caretta caretta* (Linnaeus, 1766) (Testudines, Chelonidae), cujos escudos da carapaça podem apresentar lâminas de queratina bastante translúcidas, mais ou menos individualizadas.

<sup>224</sup> A julgar por essa passagem, o autor pretendia afirmar que as tartarugas levariam no estômago uma espécie de pedra bezoar, fato que parece ter passado completamente despercebido pela maioria dos autores que trataram do assunto (e.g. Cuba, 1491; Leonardi, 1750).

<sup>225</sup> *Liber Genesis* 3, 1: "sed et serpens erat callidior cunctis animantibus terrae quae fecerat Dominus Deus qui dixit ad mulierem cur praecepit vobis Deus ut non comederetis de omni ligno paradisi"

<sup>226</sup> *Liber Genesis* 3, 5: "scit enim Deus quod in quocunque die comederitis ex eo aperientur oculi vestri et eritis sicut dii scientes bonum et malum".

## Fólio 307r

57 Sicut Aspidis surdae, et obturantis aures suas quae/ non exaudiet vocem incantantium, et venefici incantan-/tis sapienter<sup>227</sup>; sendo que neste lugar falla o profe-/ta com o peccador obstinado que não da ouvidos a-/quem lhebrada, comparando-o com o Aspidi [sic] não por/ animal sapiente, mas sim indomavel; id est: fiunt/ sicut serpentes, qui nunquam mansuescunt<sup>228</sup>. Como/ o Ecclesiastes Cap. 10. que compara o murmurador com/ a serpente que morde oculto: si mordeat serpens in/ silencio [sic], nihil minus habet qui occulte detrahit<sup>229</sup>./

Plinio que quando se ve grava-/da com o peso da pelea tem habellidade de adespír;/ não reparando que a pelle selhedespe por obra da/ natureza asim como o fas a outros animais, o Camaram, o Carangueijo, Lagarto e outros. Que quando seve falta/ da vista, aplica aos olhos sumo de ervas; mas não/ explica o famoso naturalista enque moedor moe a co-/bra as ervas para lhetirar o sumo. E outras tais como/ estas diceraõ e escreveraõ aquelles doutos dos seculos pa-/sados que muitos seguem suas doutrinas de olhos feixados./

Outros quiseraõ faser a cobra de/ tam infima prole que a fiseraõ gerada de putrefaso-/ens; o que tambem he contra a verdade e resam, pois/ consta da escriptura santa fora a serpente dos anima-/is que fes Deos quando creou os mais: sed et serpens erat callidior cunctis animantibus terrae, quae/ fecerat Dominus Deus<sup>230</sup>, o que não dicera se fose este/ animal dos gerados sem progenitores; por que ainda/ que Deos seja de huns e outros o Autor como causa/ das causas, comtudo não devemos intender que ponha/ a escriptura os animallicos da infima expecia na serie/

dos//

## Fólio 307v

dos que fez Deos; e a outra he que de putrefasoens senaõ ge-/raõ viventes como fica ponderado, e as expecias deste/ animal, estamos vendo serem todas de gerasam humas oviparas, e outras vivificas./

Sam todos estes animaes da segunda/ expecia incapases de sedomarem, nem aprender habilli-/dade alguma tem tanto saber como os demais animais/ desta clase, sam inimigos de todos os viventes, e todos elles/ despem as pelleas não anoal/ mente, nem depois de ve-/lhos como disem alguns, mas sim huma ves na vi-/da, asim como a mudança de dentes en alguns in-/dividuos da natureza como samos nos, quando che-/gaõ a certa hidade. Ajuntaõ e castisaõce todas ellas/ asim como faser os Patos lansando fora pella via in-/fima huma verga, que atornaõ a recolher, histo faser/ enleandoce huma com outra, e estaõ neste acto tres/ e quatro horas continuadas; sam humas oviperas, e/ outras viviperas; poem humas os ovos incascados,/ e outras moles cobertos de huma pelea grossa, e lar-/gaõnos pellos monturos, e buracos do xam adonde os-/deixaõ e não vem mais; e o mesmo faser as que/ parem filhos perfeitos; sam humas diurnas, e outras/ nocturnas; comem toda a inmundicia da terra de/ bichinhos, e fructas, e as mesmas de sua expecia, fasendo/ pendencias humas com outras, e o que resulta he ingo-/llir a mayor a mais pequena; mas não me consta nem/ afirmo acontesa histo na de huma mesma expecia/ mas sim nas de humas expecias com outras. Moraõ/ em buracos e concavidades da terra, e dos troncos das ar-/vores não que ellas os fasaõ mais que achaõ feitos/ e as vezes moraõ com os donos da casas sem os ofender/

como//

## Fólio 308r

como são as formigas, Tatus, Pacas, e Lagartos; sem em-/bargo de tambem faserem seus buracos e minarem a/ terra, e

<sup>227</sup> *Psalmi 58, 5-6: "Venenum illis in similitudinem serpentis, sicut aspidis surdae, et obturantis aures suas quae non exaudiet vocem incantantium, et venefici incantantis sapienter".*

<sup>228</sup> Só encontramos esta sentença em Du-Hamel (1767: 514), como nota 5.c (variante?) a *Psalmi 57, 5 ("furor illis secundum similitudinem serpentis sicut aspidis surdae et obturantis aures suas")*.

<sup>229</sup> *Liber Ecclesiastes 10, 11: "si mordeat serpens in silentio nihil eo minus habet qui occulte detrahit".*

<sup>230</sup> Ver nota 225.

histo he enquanto as Jararacas de que ha/ algumas divercidades, e não outras expecias dellas./

Sam humas mais venenosas do/ que outras, e algumas sem veneno, sobre a existencia/ deste diputaõ ignorantes e discretos: huns disem/ que tem o veneno na boca, e que quando quer comer e beber o depoem, e estando satisfeita otorna a recolher./ grande paradocidade! Outros disem que tem/ o veneno nos dentes fundados enque a carne do ani- mal he salutifera saborosa sem veneno capas de/ secomer e proveitosa a quem acome; comparando/ com o veneno do dente do cam, do gato e da gente/ que não tendo os corpos veneno, as dentadas in-/flamaõ, e as vezes perigaõ./

Outros querem que nos den-/tes não posa haver venenosidade, sem que prose-/da da quallidade dos humores, e sanguinasam do indi-/viduo, por ser serto que toda a expecia venenosa tem/ principios; e estes não podem proceder do dente sem/ expecias para hiso; ao que respondo: que o exemplo das/ dentadas do cam, do gato, e de outros animais, e ahinda/ do homem, não fas prova; por que estas só mentes [sic]/ inflamaõ o lugar lesado, e não contaminaõ as mais partes/ do corpo, e se perigaõ he por mal curadas; o que não tem/ a da cobra que logo core todo o corpo, intumese os mem-/ bros, e mata violenta mente; e o serto he ter este animal/ o veneno entodo o corpo prosedido dos humores, e/ sanguinasaõ, e senão ofendem quem as come, he por-/

que//

### Fólio 308v

que no corpo não está o veneno purificado como/ nos vasos adonde ocose purifica e communica aos den-/tes, e os que as comem são cozidas, ou asadas, e o fogo/ extingue as expecias venenosas, como como vemos em algu-/ns fructos, e ervas, que cruas são nocivas e pasadas/ pello fogo não./

Bem vejo que me hinstais: como/ as ingolem as aves sem hirem ao fogo e lhes não ofen-/de o veneno, respondo: que as aves temnas por susten-/to que lhes didicou a natureza, e para hiso lhesdeu o/ defencivo ou contra veneno, que as mesmas aves/ o tem em suas quallidades; que a tudo deo a nesecaria/ providencia para sua conservasam. Provace mais/ esta conclusaõ com ser a carne do mesmo bicho/ curativo do seo veneno, socada posta sobre a den-/tada, que pellas expecias venenosas que ensi tem/ atraher a si o que he seo./

Asim como este veneno he/ morte certa a toda a criatura quem ofendeo, asim/ proveo a divina providencia de tantos/ antidotos contra/ elle, que adonde quer seachaõ; primeira mente/ a carne e intranhas do mesmo animal comidas, ou pos-/tas sobre a dentada the dous dias<sup>231</sup>; histo hadese/ faser logo asim que morder antes que o veneno se-/ exparça pello corpo, e communique a masa do sangue./ O escremento humano, he remedio singullar commido/ ou bebido na forma enque cada hum poder<sup>232</sup>. Aseite/ doce bebido, sefor quente ao fogo melhor<sup>233</sup>. A erva/ fumaria<sup>234</sup> bebido o sumo, seja verde, ou do fumo ja/ trocido, fas alojar [sic; alijar] pella boca todo o veneno, e sangue/ que logo expulsa das veas e acode ao estomago. A ra-/

is//

<sup>231</sup> “E se poderem apanhar a mesma vibora, se pize, e ponha na mordedura, ou a cabeça da vibora seca, e posta nella” (Ferreira, 1753: 467).

<sup>232</sup> “O melhor remedio sobre todos, quantos os Autores tem descoberto, e a industria dos homens tem penetrado até o dia de hoje, ainda que he aspero, e horroroso para se tomar pela boca, he o esterco humano desfeyto em qualquer liquido, e bebido na quantidade, que a cada hum lhe parecer. Digo que he sobre todos quantos ha; porque assim o tem mostrado a experiencia, que quantos tem bebido esta soberana triaga, todos triunfáraõ da morte, estando com ancias mortaes, e se for do proprio doente, será melhor. Tambem póde acontecer a mordedura em occasiaõ, que não haja vontade de fazer curso; sendo assim, se provoque com ajuda, e faça-se todo o possivel, porque o doente tome este singular remedio, pois vale mais hum esforço, e resoluçãõ para o tomar, que experimentar o amargoso trago da morte” (Ferreira, 1753: 471); “...segundo me afirmou huma pessoa de credito, que tinha calculado o serto, que succedendo huma cobra picar, ou morder a hum homem, que estava só, alli ficou sem se poder mover de hum lugar pelas dores, e ancias do coração, adjunto tudo com o temor da morte; não vio recurso algum, senão o do seu proprio esterco, por ter ouvido dizer, que era bom. Tomou-o desfeyto em agua fria, por se chegar para hum corrego, e logo sentio, que se foraõ desvanecendo as ancias, e que tomando-o por mais vezes, ficou saõ” (Ferreira, 1753: 473).

<sup>233</sup> “Ou bebaõ azeyte, ou vinho em grande quantidade, que diz hum Autor, que he grande remedio” (Ferreira, 1753: 467).

<sup>234</sup> Fumo ou tabaco.

## Fólio 309

is da erva chamada Cayapia<sup>235</sup>; Cariman<sup>236</sup> moida e bebi-/da he contra este veneno. A cebola da flor ange-/lica<sup>237</sup> socada e bebida he contra este veneno. A ce-/bola da Asucena<sup>238</sup>. Os alhos comidos e socados postos/ sobre a dentada. Oleo de Cupauba<sup>239</sup> bebido. A erva/ chamada propria mente de Cobra<sup>240</sup>. A erva Suasua<sup>241</sup>./

Agoa ardente de cana, ou a/ que propria mente chamamos caixasa<sup>242</sup> bebida, e/ posta sobre a mordedura ensopada em panos, he ademi-/ravel remedio; e muito melhor sefor mesturada com/ o sumo da erva chamada fedegoso<sup>243</sup>. Lansar huma/ ventosa sobre a mordedura para chupar o sangue/ e com elle o veneno<sup>244</sup>. Cauterisar a mordedura com hũ/ ferro abrasado enfogo<sup>245</sup>. Sarjar a mordedura com dous/ golpes encruz e introdusirhe sollimaõ<sup>246</sup>, destroe/ o veneno e atrae asi. O corno do servo<sup>247</sup> queimado/ moido, bebido e posto sobre a dentada. Barro ama-/sado posto sobre a parte ofendida huma boa pran-/xada conservallo athe que seque, atrae asi o veneno./ O oso da canella da vaca<sup>248</sup> queimado posto sobre/ a ferida atrae o veneno./

<sup>235</sup> Caapiá - Designação comum a várias espécies do gênero *Dorstenia*, da família das Moráceas.

<sup>236</sup> Carimã – ou puba. Massa feita com a raiz da mandioca amolecida em água, esmagada e fermentada.

<sup>237</sup> Saa tratou da angélica como contraveneno nos fólhos 335v e 381r (vide abaixo).

<sup>238</sup> Saa cita a açucena como contraveneno no fólio 381r (vide abaixo).

<sup>239</sup> Copaíba. Árvore da família Fabaceae (*Copaifera langsdorfii*).

<sup>240</sup> Erva-de-cobra – *Mikania cordifolia* (Asteraceae).

<sup>241</sup> Suçuaia. Erva da família das Asteráceas (*Elephantopus scaber*).

<sup>242</sup> “Feyta a primeyra cura, como está dito [a cauterização], pela boca se daraõ os melhores alexifarmacos que houverem, e se for possível se daraõ todos em vinho do melhor que houver, e em sua falta em agua ardente do Reyno, e de nenhum modo em agua ardente da terra, sendo nas Minas; porque tem certas qualidades muyto contrarias á nossa natureza, e por isso não convém usar della em doença, nem em saude (...); não digo porém o mesmo da agua ardente da Bahia; porque aquella he feyta de cana de assucar espremida, e esta de mel já depurado, e não tem aquella, senão huns poucos espiritos, e o mais venenoso á natureza, ainda que ha muytas pessoas, que dizem della milagres, porque assim lhe tem conta” (Ferreira, 1753: 470).

<sup>243</sup> Provável alusão à *Cassia occidentalis* (Fabaceae).

<sup>244</sup> “A mordedura de vibora, ou de outra qualquer cobra venenosa se sarjará logo muyto bem, e dada bastante descarga de sangue, espremendo-se, se lhe applicaráo ventosas com bastante fogo para attrahir o veneno para fóra” (Ferreira, 1753: 467).

<sup>245</sup> “Mas o mayor de todos quantos ha, segundo a minha opiniaõ, he queymar a mordedura com cauterios de fogo, sarjando a parte, ou não sarjando, e he certo, que dando alguma descarga de sangue áquella parte, será mais conveniente, derribando logo a escara com gema de ovo, e manteyga crua, e dando pela boca alguns cordeaes conforme os houverem; e depois de cahida a escara se curará a chaga no estado em que ficar, conservando-a aberta o mais tempo, que for possível, para exalar todo o veneno, que houver nas partes circunvisinhas” (Ferreira, 1753: 468). “Assim que acontecer alguma mordedura, ou seja de jararaca, ou de sorococú, ou de cascavel, ou de coral, ou de cobra de duas cabeças, o primeyro remedio, que se lhe deve fazer sem nenhuma demora, he cauterizar a mordedura com cauterios de fogo feytos em braza viva; e quando não hajaõ cauterios, se queymará com outro qualquer ferro, que faça feyçaõ para o intento, queymando bem queymada assim a mordedura, como as suas circüferencias, para que chegue o fogo ao interno, aonde poderiaõ chegar os dentes da cobra, ainda que seja parte de nervos, ou de ossos; porque em caso que o doente fique alleviado, será menos mal, que de perder a vida, quanto mais que nunca a lesaõ poderá ser grande aquestand-se o tal ferro as vezes q’ for necessario, até ficar bem queymada, e fique huma escara bem seca, e dura, na qual depois de feyta se porá gema de ovo amassada com manteyga crua, que fique grosso o remedio, e este se continuará de hora em hora, ou de duas em duas, renovando-o, e se irá ajudando com a pinça, ou tisoura, para que a escara caya o mais breve, que for possível, levantando-a. e cortando-a para o medicamento penetrar melhor, e mais breve saya fóra, e sahida se cure a chaga” (Ferreira, 1753: 469-470).

<sup>246</sup> Solimão – cloreto de mercúrio (HgCl).

<sup>247</sup> Vide nota 93.

<sup>248</sup> O Pe. Anselm Eckart (cf. Papavero & Porro, 2013) declarou que “os bovis adustum, quod/ vulneri venenoso applicitum./ extrahit omne virus; os idem./ postea in lac projectum, vene-/num ibidem relinquit”. Segundo o Pe. Daniel (1976a: 191): “Não é menos excelente a pedra de cobra, pois tem provado admiravelmente contra as suas picadas, atraindo a si o veneno posta na ferida. Não falo aqui na verdadeira pedra de cobra, que na sua cabeça se acha; porque estas são mais raras, e as há, e seria difícil o alcançá-las: falo da que já hoje é mais usual, que é ãa ponta de veado, **alguns dizem que basta de boi** [nosso negrito], ou das suas canelas, queimada, e feita como carvão, e basta esta para atrair a si o veneno sobreposta na parte envenenada, como a experiência o tem mostrado, e depois de o chupar por si mesmo se desprega, e então para largar o veneno chupado, se põe de molho em leite, no qual o larga, ficando como dantes apta para nova cura quando for necessária”.

A introducçam de atar o membro/ ofendido pella parte superior com o sappé macho/ para que não pase o veneno, he hũ abuso ridiculo;/ a huma por aprovarem para hiso o sappé macho que/ nenhuma circunscancia tem pois hé sappé como o de-/mais, e as virtudes que selheatribuem, he huma intro-/ducçam de ignorantes; a outra hé que se a denta-/da do bicho tocou alguma vea, ou nervo, não ha ata-/dura que sustenha o veneno, que logo por aquellas/ partes communica ao estamago e mais membros internos/

e só//

### Fólio 309v

e só a forsa dos antidotos lhepodem substar os efeitos; e/ senão tocou nervo nem vea, tambem não carese de ata-/dura, que para seexparcir gasta tempo, e nese sepo-/dem aplicar remedios convenientes, que atadura o/ não he, tanto do sappé como penas de Ema./

Há curadores de profisam que cu-/raõ estas mordeduras com remedios naturais; outros/ chupando com a boca a dentada do bicho cuspindo fora o ve-/neno thé oextrahir todo, e entaõ curaõ a ferida com/ curativo conveniente; e ahinda que isto parea cousa di-/ficil, nam tem dificuldade alguma sabendo-o faser./ Outros curaõ estas queixas com remedios naturais/ acompanhados de muitas visagens, tregeitos e caran-/tonhas, com que persuadem os ignorantes ser aquillo hũa/ arte oculta e scientifica que só elles asabem; e mui-/tos intendem ser arte magica, e não he, por que en-/tre aquellas visagens introdusem hum remedio eficas/ que he o que obra e não as visagens./

Outros curadores há que disem/ curam os corpos antes de serem mordidos das cobras pa-/ra que os não mordam, estas curas compoense de humas/ seremonias e visagens ridiculas; se isto não pasase de/ negros nenhuma maravilha fora, mas chegar a brancos/ que disem ser Portugueses e Catholicos, he factallidade!/ por que nesta arte nenhuma virtude divina medeya/ que não anda ella em semelhante gente; o que conce-/bido, não pode ese animallejo respeitar as seremonias/ e preceitos do curador, para deixar de exercitar aquillo/ que tem por natureza e condisam, não intervindo defen-/civo existente, fisico, e natural; e nestes termos se he/ que a cura fas obra, não he por outro meyo senão por/ obra do inimigo commum, e se ahi não ha pacto com/

o tal//

### Fólio 310r

o tal sogeito, intendamos que he tudo um embelleco, de/ imbusteiros com que seintrodusem entre a popullar igno-/rante, que en materia de cousas de proveito qual quer/ bobise os imbellica./

Sendo como ja dice as especias/ destes animaes tantas que so o Creador o pode saber, sem-/pre alcansei noticia, e observei por estes lugares que/ tenho visto e andado; vinte e tres especias delas; a mais/ façanhosa he a Sorocúcú de duas castas Sorocúcú legitimo, e Sorocúcú tinga<sup>249</sup>; cresem the 10 palmos de com-/primento, e dous de grosura, o legitimo he pardo com hũ/ lavor preto da cabeça the o rabo formando humas rosas/ pello fio do lombo com manchas vermelhas cor de telha/ pellos lados. Hé este animal ferosissimo investe/ como qual quer fera, sua dentada venenosissima/ os que dellas escapaõ com vida; he sem pelea/ sem unhas e sem cabelos. He oviparo, sua carne es-/tando gordo de bom sabor, e nutrimento, e salutifera/ para muitas infirmitades, leprosos, ingallicados, e ou-/tros humores ruins. Os olhos de noite lusem como cande-/ias: poense enpe ficando na terra hum aguilhão que tem/ na ponta do rabo, para saltarem, e ferrarem os dentes no/ que vem diante, histo he quando inbravesem; paseaõ de/ noite, achando fogo investem a elle, a rabanadas o es-/palhaõ. O Sorocúcú tinga diferensace enão [sic] ser tam brabo/ e ter o lavor preto em campo branco como tambem a bari-/ga branca, sendo no mais semelhante ao legitimo./

<sup>249</sup> “Sorocúcú de duas castas Sorocúcú legitimo e Sorocúcú tinga” – A tradição popular sempre reconheceu a existência de diversas variedades distintas de surucucu, *Lachesis muta* (Linnaeus, 1766) (Squamata, Viperidae), que podem receber nomes diferenciados como “surucucutinga”, “surucucu-pico-de-jaca” ou “surucucu-de-fogo”, etc. Os maiores exemplares desta espécie podem atingir 375 cm, ultrapassando por larga margem os “dez palmos” de comprimento (cerca de 220 cm) mencionados no texto.

Jararáca<sup>250</sup> crese the 3 palmos, e/ meyo de grosura parda com lavor preto como o Sorocú-/cú. Jararacosú<sup>251</sup> he expecia de Jararáca crese the/ 5 palmos e 2 de grosura; ha mais 3 castas dellas todas de huma semelhansa; ha outra expecia de Jararaca/

ver-//

### Fólio 310v

vermelha cor de fogo com lavor preto<sup>252</sup>. Boepéba<sup>253</sup> tam-/bem he expecia de Jararaca, não pasaõ estas de/ hum palmo e as mais venenosas detodas; todas estas saõ/ oviparas poem os ovos duros incascados compridos co-/mo pallanquetas, lansaõnos en buracos de baixo da terra/ adonde vivem e moraõ o mais do tempo; sam nocturnas,/ que he condisam de todo o animal subterraneo, venenosissi-/mas, as carnes saborosas, e proveitosas para gallicados/ e leprosos.

Cobra cascavel<sup>254</sup> tem o lavor como a/ Jararaca, e he mais bracasenta [sic]; e diversa expecia crese/ the 7 palmos e dous de grosa; tem na extrema da cau-/da os cascaveis que sacudindo retinem; encada/ anno lhecrece mais hum e quanto mais velha mais se-/lheachaõ; sam os cascaveis humas cartilages duras/ e secas como cascas de bisouros incaixadas que reti-/nem humas nas outras; sam estas viviparas parem/ filhos perfeitos, que asim que nascem já mor-dem/ com tanta eficacia como os mesmos pais; não buscaõ/ jasigo para parir, de viagem os vaõ largando pellos/ campos adonde de continuo moraõ sem que procu-/rem buracos, quando muito tosas de capim adonde/ pouasaõ de noite e de dia paseaõ. São venenosissimas/ e as carnes boas para maos humores./

Cobra coral<sup>255</sup> com aneis incarnados,/ pretos e brancos, outra expecia da mesma com as mesmas/ cores em manxas, não pasaõ de 2 palmos e muito/ venenosas. Canininha<sup>256</sup> parda com listas amarelas, e/ o papo vermelho que quando investem inxaõ com gran-/de aparato, crese the 6 palmos e 2 de grosura; não/

tem//

<sup>250</sup> Nome geral aplicado a várias espécies de serpentes peçonhentas pertencentes aos gêneros *Bothriopsis*, *Bothropoides* e *Bothrops* (Squamata, Viperidae). Conforme ocorre nos dias de hoje, o autor parece reservar semelhante designação para os exemplares de menor porte que não ultrapassam os três palmos e meio de comprimento (cerca de 77 cm).

<sup>251</sup> “Jararacosu” – Aplicada geralmente a *Bothrops jararacussu* Lacerda, 1884 (Squamata, Viperidae), semelhante denominação também pode ser utilizada para designar exemplares de maior porte, pertencentes à espécie *Bothrops jararaca* (Wied-Neuwied, 1824) e outras do gênero. Embora nunca alcancem “dois palmos de grossura” (cerca de 44 cm), os maiores exemplares de *Bothrops jararacussu* podem atingir 220 cm, ultrapassando em muito os “cinco palmos” de comprimento (cerca de 100 cm) mencionados no texto.

<sup>252</sup> “outra expecia de Jararaca vermelha cor de fogo” – A princípio, esta seria uma referência à *Bothrops brazili* Hoge, 1953 (Squamata, Viperidae), espécie da Amazônia e partes adjacentes do Brasil Central, que apresenta um colorido bastante avermelhado, sendo conhecida pelo vulgo como “jararaca-vermelha”. Não obstante, tampouco parece possível descartar a possibilidade de o autor estar se referido aos frequentes casos de eritismo observados em *Waglerophis merremii* (Wagler, 1824) (Squamata, Colubridae), serpente não peçonhenta muitas vezes confundida com as verdadeiras jararacas.

<sup>253</sup> Variante de “boipeva”, nome de origem tupi aplicado a diferentes representantes do gênero *Xenodon* (Squamata, Colubridae), serpentes não peçonhentas muitas vezes confundidas com a jararaca, peculiaridade que lhes valeria os nomes populares de “jararacambeva” e “jararacuçu-capitão” (teste Amaral, 1978). Com ampla distribuição no Brasil, essas espécies podem atingir 140 cm, ultrapassando por larga margem o comprimento de “um palmo” (cerca de 22 cm) mencionado no texto.

<sup>254</sup> Clara referência à cascavel, *Crotalus durissus* Linnaeus, 1758 (Squamata, Viperidae), espécie de áreas abertas que pode atingir 180 cm, ultrapassando os “dois palmos de grossura” (cerca de 44 cm; vide nota 1) e “sete palmos” de comprimento (cerca de 154 cm) mencionados no texto.

<sup>255</sup> Ao que parece, Sáa pretendia referir-se às cobras-corais peçonhentas pertencentes ao gênero *Micrurus* (Squamata, Elapidae) e não às várias espécies inofensivas de falsas corais (Squamata, Colubridae). Embora não atinjam o porte das maiores serpentes peçonhentas brasileiras, certos representantes do gênero *Micrurus* ultrapassam por larga margem os “dois palmos de comprimento” (cerca de 44 cm), podendo chegar aos 150 cm.

<sup>256</sup> Caninana. Nome aplicado a diferentes serpentes não peçonhentas dos gêneros *Pseustes* e *Spilotes* (Squamata, Colubridae), muito conhecidas por sua agressividade. No entanto, a descrição de uma cobra listrada de amarelo e preto com papo vermelho e “seis palmos” de comprimento (cerca de 132 cm; vide nota x) e “dois palmos de grossura” (cerca de 44 cm) sugere *Pseustes sulphureus* (Wied-Neuwied, 1824), espécie de ampla distribuição no Brasil que pode ultrapassar os 250 cm.

## Fólio 311r

tem estas veneno que chegue a matar, e sam cosarias de/ todas as mais; parem filhos perfeitos, as carnes sem pres-  
timo. Iriryoy<sup>257</sup> semelhante a Canininha, diferenca en/ ter as listas brancas./

Cobra chata<sup>258</sup> preta com linhas ama-/relas da cabeça thé o rabo que paresem huma viola/ incordoad. Outra  
cobra chata parda escamosa. Cobra/ sippó<sup>259</sup> comprida e delgada que anda actual mente/ sobre as arvores a casa dos  
paserinhos. Cobras-verdes<sup>260</sup> de/ 3 castas mayores, menores e minimas: outras azulladas/ e as cabeças bem azues; todas  
estas de fracos venenos. Gibo-/ya<sup>261</sup> entudo semelhante ao Jacare, sem pernas porem cre-/se the 15 palmos e 7 de  
grosura ronseiras no an-/dar poem ovos não tem veneno algum./

Cobra fria chamada Boyrusanga<sup>262</sup>/ toda preta tirada a verdolenga de 4 palmos de comprida/ e hum de grosura:  
não morde esta mas mata com/ o contacto de hum tenue gusmo que tem sobre a pelea/ que he o que afas verdolenga,  
com huma virtude/ narcotica venefica, tam eficas, que apenas toca/ en qual quer vivente logo orendo ficando imovel/  
the que expira. Sobre este efeito acheime em huma/ disputa entre hum professor da medicina, e hum sa-/cerdote filoso-  
fo, e bom jurista; e foi o caso: que estando/ o medico encasa do clérigo enconversa, chegou hum es-/cravo do dono da  
casa enbrasos de outro; queixandoce/ que lhepasara huma cobra sobre hum tornoselo que sem/ o morder lhemoréra  
logo o pé, e perna, e parte do cor-/po; sombou disto o amo disendo: que se a cobra não/ mordéra, não tinha cousa  
alguma; o medico como era/

ahinda//

## Fólio 311v

ahinda que Européo sciente das cousas do pais, acudio/ logo que curasem o negro senão que moreria; sobre/ o que  
altercaraõ huma grande disputa por termos mui/ graves, sepodia o animal communicar veneno sem feri-/mento na  
carne, rosandoce só por ella; a conclusam foi/ a favor do medico pello efeito omostrar enbreve espa-/so, que pos o  
queixoso sem movimento algum anciado/ enforma que selhe não acodem com remedios querentes/ sem duvida espirava./  
He este veneno hum gusmo que/ desi lansa o animal, de quallidade narcotica, e venenosa/ junta mente, e poriso causa  
o efeito tam violento; e sam as/ armas com que casa para sesustentar rosandoce por qu-al/ quer vivente, o poem ental  
estado, que sem mais tra-/balho o ingole de hum bocado./

Socori<sup>263</sup> he uma bicha lavrada/ de branco e pardo, escama meuda e muito rija de aran-/car; crese the 30 palmos  
e 6 de grosura, não morde./ nem tem veneno algum, vive nas agoas, na terra, e sobre/ as arvores adonde seenleyaõ, e

<sup>257</sup> Mais corretamente “quiririró”, nome que tem sido splicado na literatura tanto a *Bothrops alternatus* Duméril, Bibron & Duméril, 1854, o “urutu”, como a *Bothropoides neuwiedi* (Wagler, 1924), a “jararaca-pintada” (Squamata, Viperidae).

<sup>258</sup> “Cobra chata” – Nome aplicado a diferentes representantes do gênero *Xenodon* (Squamata, Colubridae), serpentes não peçonhentas, mas bastante agressivas, que costumam se achatam quando irritadas. No entanto, o colorido descrito na realidade sugere *Spilotes pullatus* (Linnaeus, 1758) (Squamata, Colubridae), espécie de ampla distribuição no Brasil, que também possui o mesmo hábito de se achatam quando ameaçada.

<sup>259</sup> “Cobra sippó” – Cobra-cipó. Denominação geral aplicada a diversas espécies de serpentes não peçonhentas pertencentes aos gêneros *Mastigodryas*, *Dendrophidion*, *Chironius* e *Philodryas* (Squamata, Colubridae).

<sup>260</sup> “Cobras verdes” – Denominação geral aplicada a diversas espécies de serpentes não peçonhentas: pertencentes aos gêneros *Liophis*, *Chironius* e *Philodryas* (Squamata, Colubridae).

<sup>261</sup> “Giboya” – Trata-se da jiboia, *Boa constrictor* Linnaeus, 1758 (Squamata, Boidae), que Sáa descreve como capaz de atingir “cinco palmos de grossura” (cerca de 110 cm) e “crescer até 15 palmos” (330 cm), estimativa bastante conservadora se considerarmos que essa serpente pode alcançar até 500 cm de comprimento.

<sup>262</sup> “Boyrusanga” – A variante “bóiroçanga” foi registrada pelo Pe. José de Anchieta ([1566] 1988:124) e a variante “boiriçanga” pelos naturalistas do Brasil Holandês no século XVII (teste Teixeira, 1995). No entanto, a breve descrição fornecida sugere que o autor deste manuscrito talvez pretendesse referir-se à boiru ou muçurana, *Clelia clelia* Daudin, 1803 (Squamata, Colubridae).

<sup>263</sup> “Socori” – Trata-se da sucuri, *Eunectes murinus* (Linnaeus, 1758) (Squamata, Boidae), que o autor reputa como capaz de atingir “seis palmos de grossura” (cerca de 132 cm; vide nota 1) e nada menos de “60 palmos” de comprimento (1.320 cm). Embora alguns autores afirmem que essa serpente pode crescer até 1.400 cm (e.g. Amaral, 1978), os maiores exemplares obtidos até o momento alcançaram em torno de 900 cm de comprimento e 30 cm de diâmetro.



costumão pousar; fas/ cilada a todos os viventes, terrestres, celestes, e aquarios/ encobrindose por entre as ramas tam disfarsado, e inmo-/vel, que parese hum pao que alli está; e pasando qual/ quer creatura seja o que for, dalhe com o rabo hum/ asoute, singindo-o com huma ou duas voltas, e apertan-/do-o com tal forsa, que o mais robusto animal esmaga/ como separama por huma moenda, se he longe da agoa/ arasta para ella adonde oingole inteiro, seja a presa/ mais grossa do que ella des tantos que tudo hiso da/ desi para lhe caber o bocado, ental forma que huma bi-/cha da grosura da perna de hum homem, ingole hum ve-/ado capivara, ou jacaré por grandes que sejaõ, ingolido/

o bo-//

## Fólio 312r

o bocado dependurace a huma arvore thé esmoer para/ entaõ faser viagem en procura de outro; naõ tem veneno,/ a carne alva dura como nervo, desgostosa, as banhas/ deretidas proveitosas para estender nervos incolhidos/ sam viviparos parem the 12 filhos de palmo, e me-yo de compridos taõ perfeitos, e ageis, que apennas/ saem do ventre logo caminhaõ a buscar os commo-/dos da vida como os mesmos pais./

Licanso<sup>264</sup>, he o que chamamos cobra/ de duas cabeças<sup>265</sup> por ter a propriedade do carangueijo, que/ tanto anda para huma, como para outra parte; he isto/ expecia de minhoca vive debaixo da terra, lá nas-/ce lá secria e lá more; sae fora apertada do/ callor ou inundasaõ de agoas; naõ tem oso algum/ a fortaleza que tem para o movimento, he na pelea/ incolhendoa e estendendo; sendo todas as mais co-/bras a fortaleza e movimento na espinha, que com/ ella semove, e fas todos os actos progrecivos gover-/nandoce com a ponta do rabo, como a embarcasaõ/ com o leme, ental forma, que para mover a cabe-/sa hade principiar o movimento do rabo movendo/ as juntas da espinha humas as outras the a ultima./ He a ultima expecia de cobras a minhoca, que ha ma-/yores, menores e minimas, debaixo da terra segeraõ, e vi-/em [sic] brancas, pretas e vermelhas todas oviparas sem que/ gerem por ajuntamento, mas só pella sustancia e calor/ da terra; adonde achou a sabia medicina virtudes pa-/ra refrigerasam dos males que padeseem nosos corpos./

Sapo hade muitas variedades/ da segunda, e terseira expecia de animas [sic]; nos que tenho/

visto//

## Fólio 312v

<sup>266</sup>visto e feito observasoens, achei tantas variedades que/ as naõ pude numerar, e o que seraõ as demais que naõ/ cheguei a ver; saõ huns oviparos, e outros non ex coito/ nati. Há primeira mente huns aque chamamos Raã, dos/ Latinos Rana, e pella frase patria Gia<sup>267</sup>; estas sam/ de tres especias, humas que vivem nas alagoas, e char-/cos pardas quasi pretas, poem os ovos involtos em huas/ escumas dedonde saem os filhos semelhantes a peixinhos/ rabudos sem pernas, e como vaõ crescendo, caenlhes os/ rabos e nascemlhes pernas; as outras duas especias sam/ somenos no grandor, humas brancasentadas, e outras pretas/ com manxinhas brancas<sup>268</sup> moradoras estas humas e outras/ enterra pelos monturos, buracos e concavidades da/ terra; por donde largaõ os ovos, e secriaõ os filhos./

<sup>264</sup> “Licanso” – Variante de “licranço”, nome aplicado originalmente ao lagarto ápodo também conhecido como “cobra-de-vidro”, *Ophiodes striatus* (Spix, 1824) (Squamata, Anguillidae), que teria sido utilizado para designar alguma das diversas espécies de cobras-de-duas-cabeças (*Amphisbaenia*, *Amphisbeniidae*) existentes no Brasil. Todavia, o conteúdo desta passagem indica que o autor tinha a mesma dificuldade de separar esses répteis das minhocas e minhocucus (*Annelida*, *Oligochaeta*), observada entre vários de nossos contemporâneos.

<sup>265</sup> A chamada ao lado, na margem direita do MS, diz “2 cabessas”.

<sup>266</sup> “Sapos e/ Arrans”, consta da chamada na margem esquerda do MS.

<sup>267</sup> A chamada na margem esquerda do MS diz “Giá [sic] ou de gemido”. Embora demasiado vaga para permitir uma diagnose precisa, esta passagem poderia ser entendida como uma alusão às espécies comestíveis de maior porte pertencentes ao gênero *Leptodactylus* (*Anura*, *Leptodactylidae*), conhecidos como “jias” ou “jias-de-peito” em diversas partes do Brasil, que apresentam um aspecto geral relativamente semelhante ao das rãs europeias.

<sup>268</sup> Tampouco parece ser possível identificar as espécies de anuros mencionadas nessa passagem, pois várias são as espécies “brancasentadas” ou “pintadas”, cujo cantar pode ser comparado a um gemido

São todas estas 3 expecias livres/ de veneno, as carnes alvas, tenras desgostosas, idoneas/ para toda a dieta; e de muito proveito para os tísicos,/ éticos, e piámaticos; para diarreas, febricitantes, para/ a doensa das almoreimas, para todos estes achaques, co-/midas cosidas com a pellea, e beberlhes o caldo; e/ toradas feitas enpó com a pelea, e osos admiravel/ remedio para estancar sangue solto das veas por/ qual quer causa que seja, applicados os pos a parte/ ofendida. Seo cantar he hum romco como a voz de/ quem geme, parese que lamentando a desgrasa en-/que nasceraõ. pellos muitos inimigos que tem. sem que/ ofendão a vivente algum; sam perseguidas das gen-/tes, das Onças, gatos, Iraras, Raposas, das Cobras,/ e dos gavioens que todos achaõ nellas bom pasto./

Há outra expecia deste ani-/

mal//

### Fólio 313r

animal chamado Itanha<sup>269</sup>, barigudas que quasi sam re-/dondas, do feitio e grandor da copa de hum cha-/peo enquanto as femeas, que os machos sam mais/ pequenos; sam pretas tiradas a sinsentas, vivem pe-/llos matos enterras inxutas sem que nunca cheg-/uem a agoa; dam hum brado que seouve de hũ/ quarto de legoa, cuja boca he do grandor do mesmo/ corpo, os olhos grandes incovados, sobre elles huns/ corninhos de carne que incolhem, e estendem qu-/ando querem e he o por donde persebem o olfato/ para farejarem, e para hiso he que estendem, e in-/colhem; tem o couro grosso, a carne alva de bom/ sabor e boa para toda a dieta; tanto que lhes cha-/maõ os naturais galinha do mato./

Ocultá esta bestinha o corpo en-/tre o sisco e abre a boca que tem hum palmo de lar-/gura enchea de escuma, e alli está sem movimen-/to algum esperando as aves terrestres, que vendo aquellas/ escumas vaõ a picar, adonde ficaõ presas pella violen-/cia com que o casador feixa a boca, e logo avai in-/golindo inteira sem mais demora alguma; e não so/ caem nesta esparella as aves grandes e pequenas/ como tambem gafanhotos, borboletas, e outros insetos/ que esta he a arte que lheinsinou a natureza para/ sesustentar; e de outra forma não casa cousa algua,/ achace isto entoda America pellas terras mariti-/mas a cada paso, pello mediterraneo por acaso./ Cavalgaoce poem ovos redondos e alvos, nos buracos/ do xam, adonde os deixam a disposisam da natureza./ Disem que tem este bicho huma pedra na cabeça<sup>270</sup>/ que//

### Fólio 313v

que tirada e trasida junto a carne, ensentindo vene-/no junto asi, queima como fogo; não no esperimen-/tei, nem afirmo por não incorer na nota de fabu-/llador, quem o quiser examinar podeo fazer./

As mais variedades de Sapos são huns/ oviparos, e outros sine semine nati, huns que vivem/ nas alagoas e charcais, e quando se estes secaõ interão-/ce debaixo da terra donde vivem the chegarem as/ agoas que saem a campear; outros debaixo da terra/ pasaõ toda a vida, e outros sobre ella por lugares en-/xutos; nos buracos nos monturos, nas concavidades/ dos troncos, sobre as arvores, e telhados das casas; diver-/sos no grandor, nas cores e nos feitios; cujas diverci-/dades ouvimos nas voses quando cantaõ de noite tantos/ que sepodem por no numero infinito se he que o há,/ todos venenosos<sup>271</sup> de natureza frigidissima; huns que/ berraõ como a vaca, outros como o touro, outros/ latem como

<sup>269</sup> “Itanha”. A chamada na margem direita do MS diz “Itanha/ ou Pólinto [?]”. – Variante de “untanha”, nome geral aplicado a diferentes representantes dos gêneros *Ceratophrys* e *Proceratophrys* (Anura, Leptodactylidae), anfíbios bem conhecidos por seu comportamento agressivo e aparência assustadora, reforçada pela presença de duas excrescências acuminadas que se projetam sobre os olhos à guisa de chifres.

<sup>270</sup> Surpreendente alusão à *bufonites*, pedra misteriosa dotada de incríveis poderes antidotais que seria encontrada na cabeça de sapos e rãs. Corrente na Europa medieval (*teste* Cuba, 1491; Leonardi, 1750), esta crendice teria perdurado até os dias de hoje em certas partes do Brasil, pois os caiçaras do litoral paranaense ainda acreditam que as untanhas levam uma fabulosa “pedra preciosa” na cabeça, impossível de ser obtida graças à inacreditável ferocidade de seu guardião. Forbes (1972) publicou um belo artigo sobre o assunto, com um bom levantamento da literatura, desde S. Isidoro de Sevilha (séc. VII).

<sup>271</sup> Demasiado vaga para permitir a identificação dos anuros mencionados, esta passagem segue a tradição brasileira de considerar os sapos, rãs e afins como animais extremamente peçonhentos, capazes de envenenar qualquer ser vivo ao menor toque. Embora fabulosa, semelhante crença encontra certo respaldo no fato de determinados anfíbios (*e.g.* *Rhinella* [ex *Bufo*] spp., *Dendrobates* spp.) apresentarem secreções tegumentares de grande toxicidade, mesmo que não disponham de qualquer mecanismo eficiente de inoculação.

cam<sup>272</sup>, outros que dam huns ais sentidos/ como de criatura humana, e outros varios susteni-/dos que não tem numero; huns que vivem pegados/ aos troncos das arvores e folhas, sem mais sustento que/ atingencia da arvore, e vegetasaõ que della re-/sebe; como tambem os que vivem subterraneos/ que nada comem, e resebem o alimento pella atingen-/cia da terra como as plantas./

Sam a mayor parte destes gerados/ sem progenitores, que he o que disemos a infima ex-/pecia de animais; huns que tem principio na intra-/da das chuvas, e com ellas acabaõ as vidas, e outros/

que//

### Fólio 314r

vivem tempo mais largo, huns que não pasaõ do gran-/dor de huma unha; e de huma polegada lavrados/ de cores varias que vemos andar saltando quando/ chove, e disen as gentes que isto vem, que segerão do/ pingo da chuva no instante en que elle cae na terra/ o que afirmaõ sem mais resam ou fundamento algũ/ que ouvirem huns aos outros; he miseria contentar-/ce o homem com aquillo que ouviu para satisfa-/sam no natural desejo de saber as cousas da natu-/resa, sem que da sua parte fasa dilligencia para/ averigoar a verdade, salvando a sua com a au-/toridade, de fullano, e sicrano, a quem o ouviraõ!//

O caso he que logo nas primei-/ras trovoadas que caem, atrahida a humidade pella terra/ sequiosa, mediante o callor, concebe aquelles viventes/, que com sua vegetasam os alimenta, e fas crescer, sem/ que nescitem de outro alimento algum; estes vão cre/sendo debaixo da mesma terra, the aquelle lemite enque/ os vemos andar saltando, que saem quando semtem [sic] chuva/ a brincar e saltar procurando o seo natural, que he agoa/ de que tiveraõ principio, e os que histo vem, affirmão que/ do pingo da agoa segerou o sapinho naquelle instan-/te, estando elle gerado hum mes, e dous antes;/ que quando aparesem he muito depois que en-/traõ as agoas, que no principio dellas nunca sevi-/raõ, o que podem os especullativos observar./

Outros com mais ignorancia/ affirmão sam estes sapinhos gerados asim como a sa-/raiva lá nas nuves<sup>273</sup>, e que dellá vem quando os-/vemos andar saltando; he de admirar haverem/

inten-//

### Fólio 314v

intendimentos, enque histo caiba e chegasem a escrever como/ otenho visto em livros de estampa; não adevertindo/ que a regiaõ das nuves não he capas de gerar vivente/ sencivel, dequem só a terra he may, como principio/ de toda a corporidade física, que na regiaõ das nuves/ senão acha. E ainda que o fogo gere viventes, e a a-/goa sem porsam de terra como en seo lugar direi; sem-/pre saõ eses viventes productos da materialidade/ da terra, a saber o fogo, da sustancia da materia en-/que arde, e a agoa da crasidam da terra que atrae./ Vense as vezes nas primeiras trovoadas andarem/ paseando Sapos e Raáns ja crecidos sem que/ de antes sevisem; estes estavaõ metidos pella terra/ como o fasem no tempo seco; e como sentem agoa/ que lhes amolese a terra e alimenta, saem a lograr/ deste beneficio./

Sobre o lugar adonde tem estes ani-/mais o veneno, ha muitas e curiosas questoens; Cayo/ nos addicionarios a Plinio, dis que tem no fígado, huma/ parte venenosa e outra antidota, o que insina a conhe-/ser expondo o dito figado as formigas, que aquella/ parte que ellas tocarem he antidota, e a outra vene-/nosa. Outros disem que otem na cabeça, outros que/ nos olhos, outros que na ourina, outros que he hum/ licor branco que desi lansaõ. Eu o que tenho nisto ob-/servado he que animal algum não toca nestes/ bichos, todos fogem delles pello natural instinto/ que todos tem para fugirem do que lhes fas mal;/ e vi inserta occasiaõ andar huma cadellinha/

a brin-//

<sup>272</sup> “Vacuneas/ Caninas”, reza a chamada na margem esquerda do MS.

<sup>273</sup> Por vezes realmente ocorrem “chuvas de sapos” (ou de outros animais como peixes etc.), quando são transportados por furacões, originando a crença de serem gerados no céu. Sobre chuvas de animais e corpos inanimados, cf. Gibb (1870).

## Fólio 315r

a brinca [sic] com hum bicho destes; abrialhe elle a boca/ como que lhequeria pegar mas não chegava a hiso/ de que resultou pasada meya hora cahir a cadelli-/nha experneando, e logo espirar; o que julguei ser/ do veneno que no alito da boca lhelansava; e he/ a forma com que prendem as Doninhas avenenan-/doas com o bafo da boca para asfaser perder os sen-/tidos e entao prendellas a seo salvo, e asim mesmo/ casaõ os mais viventes para sesustentaraõ [sic]; pello que/ meparese terem o veneno entodo o corpo./

E acredito o diser Cayo que tem/ huma parte do figado antidota por ver os gentios/ ensuas terras comerem-nos e não morerem, que enten-/do he por seaproveitarem do antido [sic] de que tem noti-/cia; e ainda mais confirmei isto vendo hum Casi-/que prisioneiro dos Portugueses que fes suas delli-/gencias por fugir, e vendo que não podia, comeo/ hum sapo e espirou, que foy não sequerer apro-/veitar do antidoto; histo o que tenho observado des-/tes bichos; cada qual ponhalhe o veneno adonde/ quiser./

As virtudes que sei destes ani-/mais para obras medicas, hé tomar um sapo des-/tes communs que entraõ as veses dentro nas casas,/ vivo metelo em huma panela, e com elle tanto asei-/te quanto leva hum frasco ordinario, tampar a pa-/nella, barrearlhe a boca, e pola sobre fogo lento/ the consumir o azeite que fique a quarta/ parte, espremido o sapo que largue toda a sustancia,

goar-//

## Fólio 315v

goardace o oleo em vidro para afomentar as barigas/ dos hydropicos, obstuidos, e outras durezas do ventre. A outra he, furar a cabeça do bicho, e hum licor branco/ que lansa, applicalo aos cravos que as boubas dei-/xaõ nos pes daquelles que padeseiraõ o mal; ou-/tras curas tenho ouvido insinar com peleas e osos/ de sapos que por ridiculas e duvidosas não faso/ dellas caso./

Formiga he este animallico dos da ter-/seira e minima expecia dos que chamamos insetos/ que sam todos aquelles que não tem sangue, nem osos;/ sua animallidade e instincto he tal como os dema-/ís desta classe; e as operasoens que fas, que paresem/ discircivas, não he outra cousa mais do que huma/ regra que lhes insinou a natureza para sua conser-/vasam, asim como insinou a todos os mais, cada hum/ por seo modo conforme suas quallidades: e a sabedo-/ria que lhe da a escriptura sancta Proverb. Cap. 6/ n. 6. vade ad formicam o piger, et considera vias ejus,/ et disce sapientiam<sup>274</sup>. Não he diser que o animallico/ tem discurso; mas sim por faser delle geroglico [sic] da sabe-/doria, como nos tempos antigos costumavaõ que tudo/ explicavaõ por geroglificos figurados nos animais/ e plantas; e os que isto ignoraõ disem que a formiga/ tem sabedoria por que a escriptura asim o dis; e por/ verem o governo dellas./

Asim que não he sabedoria o go-/verno da formiga nem de animal algum, mas sim/ instincto natural que a cada hũ deo o Creador pa-/

ra//

## Fólio 316r

ra conservasaõ de suas expecias, conforme as quallidades/ pocibilidades, e neccidade de cada hum, tudo obra do/ divino saber, e poriso não excedem suas operasoens/ a aquillo que lhes deo o Creador enseo principio, e mais/ nada; e sabedoria achace só no homem que inventa,/ e obra aquillo que a natureza lhe não insinou, nem vio/ outra alguma creatura faser./

Sam estes insetos de muitas va-/riedades diversas no grandor e nos exercicios humas/ habitantes na terra, outras nos troncos das arvores, ou-/tras nos paos podres outras nos montes de cisco; as mais/ notaveis sam as que chamamos Caregadeiras enresaõ/ de nos caretarem de casa os mantimentos e levarennos/ para as suas, saõ estas de duas expecias

<sup>274</sup> Liber Proverbiorum 6, 6: "vade ad formicam o piger et considera vias eius et disce sapientiam".

chamadas humas/ Isá<sup>275</sup>, e outras Quequem<sup>276</sup>; fasm buracos na terra profun-/dos com quatro, sinco, e as veses seis portas, para/ quando os inimigos ou inundasoens das agoas lhes intra-/rem por huma, refugiarente por outras; fasm debai-/xo da terra grandes sollapoens com seus exconderigos, hun-/ adonde poem os ovos involtos enhuma masa finissima/ quente e macia que lansam do exterior de seus mesmos/ corpos entene quantidade e como sam muitas, fasm/ della tam grandes porsoens como a copa de hum chapeo/ a que chamamos panelas; outros saõ os selleiros dos seus/ mantimentos outros aposentos da criasam meuda, outros/ dos pais outros das prenhadas; e por baixo de tudo humas/ latebrinhas que sam as sentinas dos escrementos, dos man-/timentos corruptos, e sementerio dos mortos<sup>277</sup>; e por baixo de tudo/ isto fasm ahinda outras profundidades para imbeber/ as agoas das churiadas que lhes entraõ pellas portas./

Hé entre ellas distincçam de seço/

tem//

### Fólio 316v

tem coito, poem ovos chocaõ-nos naquella masa, tiraõ os fi-/lhos, estes enquanto tenues naõ saem fora, ensendo capazes/ trabalhaõ, as femeas naõ saem de casa, mas sim os machos/ os velhos a mandar, e os mosos a trabalhar, primeira mente en/ patentear e alargar as suas latebras lansando as terras/ desviadas das portas por lhesnaõ corer para dentro; alim-/pando os caminhos por donde ande caregar os seus man-/timentos incaminhando aos lugares adonde sentem/ melhor pasto, de folhas, e fructos, as pequenas sam as que/ trabalhaõ, subindo as arvores e caregando, e os velhos/ andaõ acompanhando o congresso como mandadores/ ou feitores sem que toquem em cousa alguma./

Seseincontrão nos caminhos com/ outros congressos, ahinda que da mesma expecia; brigaõ/ the matarense, atarracandoce decipando as pernas hu-/mas as outras, adonde seachaõ grandes mortandades/ dellas; se as arvores, ortas, ou selleiros de donde se provem/ lhes sam vedadas, colhem de noite, senaõ fasmno/ de dia. Tem o olfato tam vivo que por elle co-/nhesem as arvores de que mais gostaõ adonde quer/ que estejaõ. Entraõ a furtar os mantimentos dentro/ nas casas, en payoes, e despensas, e quando lhes poem sobre/ járros lá os farejaõ e vaõ buscar./

Conhecem as mudansas dos tempos/ pela atingencia do elemento enque vivem, ental for-/ma, que não saem de casa, senaõ seguras de que/ lhes naõ chova, e hé hum dos sinais sertos por don-/de as gentes conhesem o mesmo. Caregão os compa-/nheiros que achaõ mortos fora dos buracos, e para/

elles//

### Fólio 317r

elles os recolhem. Dis o reverendo padre feijoo<sup>278</sup>, que he/ para lhes dar sepultura, e o seo critico dom Salvador/ Mainer<sup>279</sup>, que he para as comerem<sup>280</sup>; e naõ he huma cou-/sa nem outra, por que o sepultar os mortos naõ he/ de direito

<sup>275</sup> “Isá” – Saúva (var.: içáu, içáuba, saúba). Formigas do gênero *Atta*. O nome “saúva” designa os operários e os soldados. A fêmea alada é denominada *içá* (de *yçaba*, “gordura”, porque seu abdome era considerado como gordura, e por isso comestível, depois de torrado) ou *tanajura*. O macho alado é chamado *içábitu* (de *içá*, “formiga” e *ibitu*, “vento”, porque voa com as fêmeas para fecundá-las; var.: *bitu*, *sabitu*, *savitu*). Existem vários outros nomes para estas formigas, que têm um rico folclore no Brasil (cf. Lenko & Papavero, 1996: 223-244).

<sup>276</sup> “Quequem” – Quenquém, denominação comum a várias espécies de formigas do gênero *Acromyrmex* (ver Lenko & Papavero, 1996: 219-220).

<sup>277</sup> Notável observação de Sáa, que deve ter escavado um sauveiro! “Os sauveiros constituem abrigos subterrâneos, escavados mediante remoção de dezenas de toneladas de terra, formando centenas de câmaras (‘panelas’) utilizadas em boa parte como local de produção de alimentos, algumas para depósito de lixo (principalmente restos de material vegetal e cadáveres), outras para depósito de terra solta escavada. Muitas permanecem vazias por longos períodos até chegar a hora de sua utilização. Essas câmaras são interconectadas através de canais curtos e de pequeno calibre com corredores que, subindo até a superfície, formam os ‘olheiros’. Alguns deles servem para a retirada de terra solta, outros para arenavação do ar no interior do abrigo, outros ainda para o transporte de material vegetal com que as formigas alimentam fungos que lhes servem de alimento” (Zmitrowicz, 2001: 203-204).

<sup>278</sup> Referência ao Pe. Benito Feyjoo y Montenegro, autor dos nove volumes do *Theatro Critico Universal* (1726-1739). Aparentemente Sáa atribuiu a Feyjoo o que Mañer declarou ser de Eliano (ver nota 153).

<sup>279</sup> Salvador Joseph Mañer, grande crítico do Pe. Feyjoo (ver nota seguinte).

<sup>280</sup> Lê-se em Mañer (1729: 134): “Esta piedad con *sus cadaveres*, Padre Reverendissimo, deberá parangonarse con lo que de las hormigas nos cuenta el señor Eliano, que cada una es un Tobias en el enterrar sus muertos, haviendose yá observado, que los sepultan en sus vientres. O! y què bien dice su Reverendissima en el *Discurso de la Senectud del Mundo*, pag. 259. num. 35. Que es cierto que algunas cosas se dicen sin bastante examen, y se aseguran con ligereza”.

natural, mas civil, e este ahinda nos rac-/cionais não hé commun que muitas nacçoens ha que/ o não fasem, o que o animal de nenhuma maneira pode exercitar, por não exceder ao que lhe insinou;/ e para as comer, não pode ser, por que achaõcelhe/ nas concavidades os mortos enseus lugares separados,/ e seouvesem de comer os que achaõ mortos fora/ de casa, tambem o fariaõ com as que lhes morem/ dentro nas casas./

Asim que este facto não hé ou-/tra cousa mais do que aquelle natural impulso que/ tem de meter os mortos com as mais inmundicias das casas,/ lá naquelles seus escondrigios, para limpeza dos a-/posentos; e asim como caregaõ os que dentro nelles a-/chaõ mortos, tambem o fasem com as que achaõ por/ fora; pois não chega seo instincto a distinguir hu-/mas das outras. Carega este animal sinco e seis do-/bros do seo peso, o que senaõ acha em vivente algum/ ajuda a carga huma a outra quando ve que não/ pode com ella./

Lansaõ os formigueiros encada/ anno hum exame [sic] de femeas meramente, no tempo/ enque estaõ para desovar que he o como se exten-/dem pella terra, e este exito fasemno na forma se-/guinte. Intrado o tempo das chuvas des pois que/ caem//

### Fólio 317v

caem algumas trovoadas que esteja a terra humeda/ hum dia seguro que não chova, enamanhesendo saem/ a limpar a porta do formigueiro, trabalhando as novas, e/ mandando os decurioens, ental forma que não fique/ naquelle circuito huma brasa [braça] afastada das portas, cou-/sa que impesa o voo as prenhadas que ande sahir/ tanto que esquento o sol sae todo o congresso, os ma-/chos a acompanhar, e as femeas prenhadas que somen-/te criaõ asas, vaõ sahindo, e logo tomando voo/ levantandoce ao ceo, como a louvar e reconheser quem/ lhesdeo o beneficio da vida; chegadas aquella altura/ que lhespermite o impulso de seo exforso, segue cada/ huma o rumo que o distino do seo movimento, e do ar/ as leva, exparsas as veses hum quarto de legoa da/ madre de donde sahiraõ./

Encahindo na terra seja no lu-/gar que for asim que apizou da hum geito ao cor-/po com que larga as azas, e entra logo a cavar, e/ tanto que tem meyo palmo de buraco, poem os ovos/ tira os filhos, e asim que nascem já trabalhando/ profundando a casa, e caregando mantimento para/ ella, que hé o de que carese todo o vivente, e he o prin-/cipio que tem os formigueiros; mas sesaem no exame [sic] verb. g. mil formigas, não chegaõ a fundar casa /des, ou doze, por que as aves, os quadrupes, as cobras,/ lagartos, bichos, e as gentes todos sejuntaõ a comer/ nellas, que sam saborosas./

Histo que tenho exposto destas/ fasemno todas as mais expecias dellas, com mais ou/

menos//

### Fólio 318r

menos diferenca, e he o governo desta republica, o que/ chamamos democratico, e so mentes [sic] o tem monarchico, as/ que chamamos Cupis<sup>281</sup> que sam de tres castas, e tem ma-/gistral dfferente das mais no tamanho, e en não/ criar asas, que nunca sae da casa. Há formiga/ Isá, Quequem ruivas de muitas divercidades, Sara-/sara<sup>282</sup>, Sacoatinga<sup>283</sup> cuja dentada causa dores hum/ dia inteiro com inflamasao da parte, Tocanguira<sup>284</sup> que saõ como o articulo de hum dedo, que doe a den-/tada tres dias com frios e febres; outras pintadas/ de preto e branco<sup>285</sup> que causa os mesmos efeitos, os re-/medios destes venenos he o prepucio do homem, e/ queimar o lugar com hum ferro bem quente./

<sup>281</sup> “Cupis” – Cupins, representantes da Ordem Isoptera (cf. Lenko & Papavero, 1996: 81-98).

<sup>282</sup> “Sara-sara” – Sarassará. Formigas do gênero *Camponotus* (Lenko & Papavero, 1996: 220).

<sup>283</sup> “Sacoatinga” – Variante ainda não registrada de “saracutinga”, nome das formigas do gênero *Odontomachus* (ver Lenko & Papavero, 1996: 220).

<sup>284</sup> “Tocanguira” – Variante de tocandira, até agora só registrada no Mato Grosso (Badariotti, 1898:120; Barbosa, 1945:65; Bossi, 1863:103). Fundamentalmente designa a formiga *Paraponera clavata* (Fabricius, 1775), que chega a 22 mm de comprimento e que, quando ferroa, causa dor intensíssima. Por extensão é aplicado também aos gêneros *Dinoponera* e *Neoponera* (ver Lenko & Papavero, 1996: 245-254).

<sup>285</sup> “Outras pintadas de preto, e branco” – É possível (nossa conjectura) que o autor se refira aqui às fêmeas ápteras de himenópteros da fam. Mutillidae, conhecidos como “formigas-feiticeiras” e várias outras denominações. Se for verdade, é realmente assombrosa a capacidade de observação do autor (ver Lenko & Papavero, 1996: 183-191).

As formigas que chamamos/ coreisoens<sup>286</sup> que são de tres castas, e saem en exercitos a co-/rerem os monturos, e as casas adonde lhesnaõ escapaõ es-/conderigios alguns, a casa de quantos animallicos ha, e/ sam estes excitos [sic] pronosticos sertos das mudanças dos/ tempos como podem os curiosos observar, estas dam/ dentadas que tiraõ sangue mas sem veneno; Há for-/miga que vive nos troncos das arvores pretas, e amare-/llas que adonde picaõ levantaõ huma bolha como/ queimadura de fogo com dores excecivas. Os Cupis os/ que fasem as casas a maneira de fornos de coser pam/ as veses de seis e septe palmos de altura, estes/ de noite brilham como fogo<sup>287</sup>, e na mesma forma as por-/tas das casas; a terra destas casas seca [sic] ao sol, e bem/ moida, he remedio para feridas rebeldes que naõ/

ade-//

## Fólio 318v

ademitem curativo tanto nos animais como na gente/ destroelhes a maldade, e poem capases de se curarem/ com qual quer remedio dos communs e costumados;/ e os mesmos bichos secos e moidos, é castico [sic; cáustico] que fere/ a carne como outro qual quer; e parece que basta/ de formigas, e louvemos a quem ascriou, que então/ pequena parte da sencibillidade, tanto fes e mostrou./

Aranha<sup>288</sup> he animallico deque/ escreveraõ os naturallistas grandes propriedades; Euo-/dio<sup>289</sup> em huma epistola a Sancto Agostinho dis que naõ/ tem este animal coito, com o que meconformo, e digo/ que naõ ha macho entre ellas, sam todas femeas/ e todas poem ovos e tiraõ filhos que chocaõ den-/tro de huns bolsos que tesem<sup>290</sup>, com a facundidade/ propria; ha de varias castas, e todas venenosas,/ inimigas de todos os viventes, e todos dellas; inficionaõ com/ seo veneno as flores e fructas deque chupaõ a sus-/tancia, para matar os mais que ahi chegarem; pello que/ vemos as vezes abelhas, e mosquitos mortos nas flores; naõ comem cousa corporea, mas so mentes [sic] chupaõ/ a sustancia dos bichos que casão nas suas redes, das/ flores e fructos. Tiraõ a masa de que tesem as re-/des do seu proprio ventre puxando enfios pella/ via infima; naõ que esteja dentro em masa vis-/cosa como quer huma nova recreasaõ filosofica/ que he isto falso, mas sim da mesma quallidade/ que a vemos nas teas depois de tecidas./

Para as formarem prendem/ o fio donde quer que seja dese abaixo pendura-

da//

## Fólio 319r

da por elle, torna a sobir e por esta primeira linha/ principia o tesume largando e colhendo o fio, o que fa-/sem adonde querem, e ainda sobre as agoas andan-/do sobre ellas nas puntinhas das garras sem molhar/ os corpos; sem que voem para pasar o fio de huma/ parte a outra, como disem alguns inadvertidamente,/ tem natural aversam com as bespas e marimbon-/dos que senaõ perdoã adonde seincontraõ./

Ha de varias especies diferen-/tes em grandor e feitio, todas da ultima, e infima ex-/pécia de animais aque chamaõ insetos saõ/ todas venenosas; humas chamadas Carangueijeiras<sup>291</sup> que/ cresem como hum Carangueijo commum; he tam/

<sup>286</sup> “Coreisoens” – Formiga-de-correição. Designação comum a várias espécies de formigas da subfamília Dorylinae, famosas por organizarem expedições de muitas centenas de indivíduos, periodicamente, pondo em polvorosa todos os animais que passam por seu caminho (Lenko & Papavero, 1996: 209).

<sup>287</sup> É a mais antiga referência conhecida à luminescência dos ninhos de cupins e antecede de mais de um século as observações feitas por H. H. Smith (1879) no Mato Grosso. Lenko & Papavero (1996: 82-84) discutem o assunto. Nos ninhos dos cupins vivem em grandes quantidades larvas de besouros da família Elateridae (*Pyrearinus termitilluminans* Costa, 1982), que são bioluminescentes, e que à noite se iluminam, resultando o ninho dos cupins em espetáculo maravilhoso, principalmente no Parque Nacional das Emas, em Goiás. Ver trabalho de Migliaccio *et al.* (1985) sobre esses besouros. Novamente é admirável como esse autor conseguiu ver fatos tão notáveis da biologia de nossos bichos!

<sup>288</sup> Termo geral empregado para designar todos os artrópodes da classe Arachnida pertencentes à ordem Araneae.

<sup>289</sup> Impressionam as fontes absolutamente obscuras a que Sáa teve acesso. Este autor a que se refere é Evodius de Thagaste, amigo de Santo Agostinho, com quem manteve correspondência. Evodius tornou-se bispo de Uzalis, perto de Cartago.

<sup>290</sup> Referência ao ovissaco das aranhas.

<sup>291</sup> “Caranguejeira”. A chamada na margem direita do MS grafa “Crangue-/jeira”. – Caranguejeira. Aranha de grande porte, migalomorfa, que não tece teia, se alimenta de pequenos vertebrados de sangue frio, e cujas picadas, dolorosas embora, não produzem chagas ulcerosas (Ferreira, s/d: 280).

venenosa que sua dentada fas inflamar, e dores/ quatro e sinco dias; as demais causão também estes/ efeitos e mais moderados, a cura destes venenos he o/ prepucio, o sarro do pito, alho socado, e ferro/ quente. Nas fabricas das teyas, e astucias com que/ colhem as musaranhas de que sesustentaõ; repa-/rem os curiosos e acharam que notar tanto ou mais/ que nas formigas, sem que seja sabedoria, mas/ sim ley da sabia natureza cujas normas não excedem hum ponto./

Caga lume chamado de outros/ vaga lume, no idioma patrio Mamoan<sup>292</sup>, dos Peru-/anos Cucuyo<sup>293</sup>, e dos Espanhoes Guevos<sup>294</sup> [sic]; tam ademi-/rado este animallico que nelle se impregou Abram/ Ortelio na sua grande obra chamada Theatrum or-/bis<sup>295</sup> e dis assim: Mirum est quod referunt de/ quodam animali in hac insula vale frequenti,/ gue-//

### Fólio 319v

Guevio [sic] incola nominant, magnitudine articulum/ digiti fere aequat; quatuor habet alas, duas valde/ exiles, alteras duas maiores at que duras, quibus/ exilliores cooperiat, hoc de nocte luce, vis ejus/ luminis non tantum in oculis est, ignium modo/ stelantibus, sed quoque in lateribus ita que/ ut volantes hiatu pennarum magis quam quie-/scentes refulgeant: Hujus animalis Nature/ benignitate quod vis cubiculum obscurissima/ etiam nocte adeo iluminari tradunt, ut lege-/re quis in eo, et scribere sine alterius/ luminis alicujus ope rectissime queat,/ item siquis eorum unum manibus ferat tam-/quam ardentem face vel laternam bajulans caeteris cum sequentibus viam noctu pre-/mostrat./

Dice Ortelio alguma cousa/ do Cagalume, e não tudo. Ha sinco castas de caga-/lumes, maiores que sam os de que fala Ortelio vi-/ra na ilha Espanhola, que sam como o articu-/lo de hum dedo, outros mais pequenos, somenos,/ menores, e minimos do grandor de uma mosca,/ sam todos da infima especie de animais gerados/ debaixo da terra sem progenitor algum, de/ donde saem no tempo enque principiaõ as chu-/vas, que he setembro e oytubro, e poriso são noct-/urnos por ser condisam de todo animalico que/ tem este principio; e vivem enquanto duraõ as ago-/

as//

### Fólio 320

as e findas ellas acabam também a vida. Alumeaõ/ de noite pellos matos e caminhos a maneira de can-/deias, como dis Ortelio; tem quatro azas as de si-/ma duras, e as de baixo tênues; a lus que que desi lan-/sa procede de hum humor semelhante a clara/ de ovo de que estaõ cheyos, e apareselhes pe-/los lados, e duas frestas que tem na cabeça<sup>296</sup>/ a maneira de olhos sem que osejaõ./

<sup>292</sup> Mamoan (Mamoã) ou Mamoá era o nome aplicado pelos índios aos vaga-lumes; Gabriel Soares de Souza, em seu *Tratado descritivo do Brasil em 1587* (Souza, 1971) já registrara esse termo: “Na Bahia se criam uns bichos a que os índios chamam memoás, aos quais chamam em Portugal lucernas, e outros caga lume, que andam em noites escuras, assim em Portugal como na Bahia, em cujos matos os há muito grandes; os quais entram de noite nas casas às escuras, onde parecem candeias muito claras porque alumiam uma casa toda, em tanto que às vezes acorda uma pessoa de súbito vendo a casa clara, deitando-se às escuras, do que se espanta cuidando ser outra cousa”.

<sup>293</sup> *Cucuyo* é nome dado pelos mesoamericanos aos coleópteros da família Elateridae, conhecidos no Brasil como “salta-martins”, porque, se colocados de costas, arqueiam-se, saltam e se põem de novo em pé.

<sup>294</sup> Esta grafia é certamente um erro de Saa por “cucuiu”, que irá repetir em seguida na citação do texto de Ortelius. Muito provavelmente, em alguma ocasião anterior, copiou esse trecho de Ortelius à mão e depois leu erradamente esse nome ao escrever esta passagem, que contém ademais vários outros erros de transcrição (comparar com a nota 273).

<sup>295</sup> Referência a Ortelius (1579; texto que acompanha o mapa ‘*Culiacanae, Americae regionis, descriptio: Hispaniolae, Cubae, aliarumque insularum circumiacientium, delineatio*’).

<sup>296</sup> Esse trecho de Ortelius vem sob “Cvba et Spagniola” do texto referido na nota anterior, e é o seguinte: “*Mirum est quod referunt de quodam animali, insecti generis, in hac insula [Spagniola] valde frequenti; Cucuiu incolae nominant, magnitudine articulum digiti ferè aequat: quatuorq’ habet alas, duas valde exiles, alteras duas maiores atque duras, quibus exilliores cooperiat. hoc de nocte vii apud nos cicindelae aut lampyrides lucet; vis eius luminis non tantum in oculis est, igniū modo stellantibus, sed quoque in lateribus, itaque, vt volantes hiatu pennarum magis quam quiescentes refulgeant. Huius animalis naturae benignitate quoduis cubiculū obscurissima etiam nocte adeò illuminati tradunt, vt legere quis in eo & scribere sine alterius luminis alicuius ope rectissimè queat. item si quis horum vnium manibus ferat, tanquam ardentem facem vel laternam baiulans ceteris eum sequētibus viam noctu praemonstrat. Lucem eorundem animalculorum numero augeri, ita vt plures paucis idem maiori praestent claritate, referunt*”. [Em tradução bastante livre: “É uma coisa maravilhosa o que contam sobre um animal do gênero dos insetos, muito frequente nessa ilha (Hispaniola), chamado *cucuyo* pelos habitantes, quase do tamanho de um artigo de um dedo, que tem quatro asas, duas bastante finas e as outras duas maiores e duras, que cobrem as finas. Este inseto brilha de noite, como fazem as cicindelas ou lampirídeos nossos. A fonte dessa luz não só está nos olhos, que brilham como fogo, mas também em seus lados, de tal modo que, levantando as asas, ele brilha mais voando do que quando fica parado. Graças a essa sua natural propriedade, todas suas salas, assim dizem, ficam tão bem iluminadas, mesmo nas noites mais escuras, que se pode ler e escrever muito facilmente sem a ajuda de nenhuma outra luz. Se também se pega um na mão, ele ilumina o caminho, porque outros deles vão segui-lo, sem que se precise levar qualquer outro tipo de luz. A luz dessas criaturas aumenta à medida de sua grande abundância, pois muitos deles dão mais luz do que um só”].



He este umor venenoso, e de tal/ quallidade que tirado e escrevendo enhum papel/ ou pano de dia se não ve, e no escuro aparese;/ não tem membros internos, e so aquelle humor que lhe ocupa toda a corporidade, não tem/ olhos avoa, e anda governando ce pello tacto de/ duas barbas compridas que tem diante, não/ come cousa alguma sustentando ce da sustancia da/ terra que atrahem asi não tem distincçam/ de seço, nem multiplicaõ [sic], a terra he a mai que/ osgera e pare, vense mais pellas regioens mari-timas/ que pello mediterraneo, histo he dentro/ nos tropicos que fora delles não nos há e só por/ acaso huns minimos como mosquitos./

Ourincum<sup>297</sup> he hum bicho do/ feitio de huma lagarta do comprimento de duas po-/llegadas a que os Latinos chamaõ cicindela, este de/ dia esta [sic] escondido no cisco, de noite papesea [sic] lusente/ como fogo, he tambem isto venenoso e gerado debai-/xo da terra, sem paternais com seis meses de vida/ so mente que he enquanto duraõ as agoas./

Louva//

### Fólio 320v

Louva Deos he hum gafanhote [sic] selebre/ por sepor enpe com duas maos sitas que tem juntas/ levantadas para [sic], e ali estaõ naquella postura quietos/ bastante tempo, mansos que seanda com elles nas ma-/õs sem seespantarem; ha de duas castas huns par-/dos, que segeraõ sem pais, e huns verdes que/ poem ovos e fasem gerasam./

Borboleta ha de tantas variedades/ que não ha numeros nem nomes que selhesacommo-/dem humas de gerasam outras não; as de gerasam/ poem os ovos pellos troncos dos paos de donde a seo/ tempo sahe huma lagarta que paseao pella mes-/ma arvore, adonde morem atarracadas sahindo-/lhes de dentro a borboleta com azas deixando ali/ a casca, vaõ buscar a vida the ser tempo de por/ os ovos como fiseraõ seus pais. E outras depois/ de pasearem pella arvore e folhas de que sesusten-/taõ; tesem hum casulo de seda coberto com sisco/ pegado com hum gusmo que desi lansa<sup>298</sup>, pendurasse/ na rama da mesma arvore de donde sae a borbole-/ta deixando a casca dentro no casulo e vai bus-/car a vida the ser tempo de por os ovos; advir-/tindo que tanto humas como outras, tanto que poem/ os ovos, que he no fim das chuvas, morem./

As que nascem sem gerasam/ são todas geradas debaixo da terra no principio/ das agoas, enforma de lagarta de donde sae/ pasea alguns, pegace as arvores alli more sae/ de dentro a barbolleta e vai campear; adevirtindo

que//

### Fólio 321r

que nestas producçoens saõ sem numero as diversida-/des de cores e feitios; e destes sam os que enalguns/ annos destroem as lavouras, que commumente he pa-/sada alguma seca chegadas as primeiras chuvas; brota/ a terra aquelles viventes aque chamamos Lagartas que/ devoram as arvores não so com o que comem mas/ queimando tudo aquillo por donde pasam com a ve-/nenosidade que ensi tem; costumaõ estes exercitos/ caminhar em ordem sem seadiantarem mais nem me-/nos, huns dos outros sem terem sargentos nem ca-/bos que os arumem, do levante a ponente seguin-/do o natural curso do astro que os animou; chega-/do serto tempo paraõ pegaõce com o gusmo que tem/ pellas folhas morem abre pellas costas sae a borbo-/leta vai campear deixando ahi a casca, e as mes-/mas agoas que lhes deraõ a vida depois lhatirão./

Naõ tem estes animallicos formas/ certas que astomaõ conforme os lugares e climas en/que sam gerados, en alguns sam lagartas, e en ou-/tros gafanhotos, bisouros, pulgoens, e outras formas asi./ e as veses sam estas pragas geradas na sustancia/ das mesmas plantas por demasiada seca, agoas, ou/ fortidam da terra; e depois comem, e destroem a/ mesma mai donde foraõ gerados; como acontece/ aos que desecam os caneais [canaciais] gerados no grelo da/ mesma cana<sup>299</sup>, os que desecam os milhos gerados den-/tro nas asteas<sup>300</sup>, os que destroem feijoais fumais/ meloais

<sup>297</sup> “Ourincum” (“ouro em cu”). Um dos nomes dados em Portugal aos coleópteros da família Lampyridae (cf. Bluteau, 1720: 147: “Ourincũ. Vid. Cagaluz”; e Ferreira (M. B.), 2001: 239, que lista os nomes portugueses *luzencu*, *lumencu*, *ourincu*, *abrecu* e *cagalume*). Sãa parece referir-se aqui somente às fêmeas ápteras e larvas dos lampirídeos, pois denomina-as “lagartas”.

<sup>298</sup> Provável referência ao bicho-de-cesto, lagartas que constroem um casulo com detritos de vegetais, do gênero *Oiketicus* (Lepidoptera, Psychidae).

<sup>299</sup> Possível referência à broca do colmo da cana-de-açúcar, *Ditraea saccharalis* (Lepidoptera, Pyralidae).

<sup>300</sup> Provavelmente referência às lagartas de *Spodoptera frugiperda* (Lepidoptera, Noctuidae).

mandiocas gerados em humas escumas/ que as mesmas plantas desi lansaõ./

O uso observado enalguns lu-/

gares//

### Fólio 321v

gares de formar pleitos com estes insetos, ratos, bara-/tas e formigas pelos damnos que causam, e pronunci-/ar sentenças contra elles para que despejem o lugar/ sob penna de excommunhaõ late sententiae; he/ uma fatal suprestisam, que se devia desterrar/ de entre o povo catholico. Por que para formar plei-/to e figura de juiso, hade ser entre pessoas que sai-/baõ e entendem o que selhes demanda; e constetuaõ/ procurador a seo beneplacito para a defesa; histo he/ segundo o Direito natural. Cap. forus. de verb. sign. c./ de judi. Os animalicos não intendem nem sabem/ o que selhespede nem saõ para hiso citados, logo/ como podem ser condemnados por sentença?/

Vejo que mediseis: que os papi-/lhos, mudos, mentecaptos não sabem os que selhesdeman-/da, mas saõ demandados por hũ tutor ou curador/ ad hitem na forma do text. in. Cap. final de jud./ lb. 6. Respondo: que o papilho, mudo, mentecapto/ hẽ demandado para selhedar ou tirar fasenda, e não/ para que obrem facto pesoal pendente da propia/ vontade; e o animallico nam selhedemanda fassen-/da, mas sim que obedesam; e como pode obedeser/ quem não intende o que lhequerem, nem deo defesa/ a seo arbitrio?/

A outra he, que os animallicos não/ intendem nem discursam, adonde isto falta, não há/ peccado: Peccatum est dictum, factum, aut concu-/pitum contra legem Dei [sic]<sup>301</sup>; e senaõ pecaõ, como po-/dem ser punidos com penna de excommunhaõ?

poe-//

### Fólio 322r

poena debet commensurari delicto<sup>302</sup>. Deut. Cap. 25 n. 2/ pro mensura delicti erit, et plagarum modus<sup>303</sup>./

Alem disto que todo o vivente/ recebido o beneficio da vida, está obrigado a procu-/rar o sustento pellos meyoys mais convenientes, e que/ o natural instincto lhesinsina para sua conservasam./ os meyoys mais convenientes, e que o instincto lhes insi-/na, sam as plantas que comem, e nem tem outros/ logo como hande viver. Seria justo por pena/ aos Gatos que não casem Ratos; as Raposas que não/ casem grillos; ao Tamandoa que não toque nas for-/migas, sendo o que Deos lhesdedicou para seos sus-/tentos, parece me que não; como sepodem logo/ por tais pleitos e pronunciar sentenças de excommu-/nhãõ?/

Estou esperando outra forte ins-/tancia, bem ousou que mediseis:/ e como tem obrado as ex-/comunhoens em muitos casos destes, que por meyo/ dellas tem eses insetos despejado dos lugares adonde fa-/siãõ os damnos e mudado para outros segundo exemplos/ acontecidos, respondo: que eu não oponho contra/ o poder da excommunhaõ, pois os menistros de Igreja/ tem poder para tudo, que lhes deo Deos noso Senhor. Ecce dedi vobis potestatem calcandi supra serpentes/ et scorpiones, et super omnem virtutem inimici<sup>304</sup>. Lucas. Cap. 10. n. 19. Digo sim que he supersticioso/ o pleitear com os animallicos, e injustas as sentenças/ contra elles proferidas; pois a sentença pennal hade/ ser conforme o delicto, e não commetendo os animais de-/licto? E o verdadeiro remedio para livrar destes/ males he pedir a Deos Noso Senhor com preses, e liba-/

soens//

<sup>301</sup> Santo Agostinho, *Contra Faustum manichaeum libri XXVII*, Caput XXVII (cf. Migne, 1865: coluna 418): “*Ergo peccatum est dictum, factum, aut concupitum contra aeternam legem*”.

<sup>302</sup> Antiga máxima jurídica: “*Poena debet culpa respondere, commensurari delicto*”. Segundo López Medrano (2010: 305-306): “El principio de proporcionalidad de la pena se impone como límite a la función represiva del Estado: protección del autor en contra de todo exceso represivo, de ahí que se le denomine de *proporcionalidad*, ya que la gravedad de la sanción debe estar en proporción a la del hecho cometido, con base en la jerarquía de los bienes jurídicos. Se la expresa con la máxima *poena debet commensurari delicto*, y se remonta a Platón, quien en *Las Leyes*, tomando en consideración el delito de robo y sus diferentes modalidades, señaló la necesidad de diferentes castigos”.

<sup>303</sup> *Liber Deuteronomii* 25, 2: “*pro mensura peccati erit et plagarum modus*”.

<sup>304</sup> *Evangelium secundum Lucam* 10, 19: “*ecce dedi vobis potestatem calcandi supra serpentes et scorpiones et supra onem virtutem inimici et nihil vobis nocebit*”.

## Fólio 322v

soens nos livre delles, pois tudo vem de sua mão, e/ estes males não nos vem senão em castigo de nosos peccados./

Segue-mce alem destes tantas va-/riedades de animallicos que he impocivel fazer de/ cada hum delles especial mensaõ, huns gerados de se-/mente, e outros sem ella; os gafanhotos que vemos pe-/llos campos de tantas diversidades que huns são ovipa-/ros, outros viviparos; que servem de sustento aos qua-/drupes, as aves, e as gentes, que nelles achaõ muitas veses/ remedio para conservar a vida. Huns que secriaõ/ dentro nos gomos das tacoaras<sup>305</sup>; outros dentro nas ma-/deiras, dentro nos cocos<sup>306</sup>, nas fructas, nas folhas, no po da/ terra, os mosquitos gerados huns na terra, outros nos to-/jucos, e outros nas agoas; as pulgas, e Tungas<sup>307</sup> que se-/cravaõ na carne da gente, e dos animais, gerados huns/ e outros no po da terra; os piolhos gerados do callor e/ humidade dos nosos corpos, e dos animais; os bichos/ cabeludos<sup>308</sup> que causaõ excevivas dores a quem/ nelles toca, cujo remedio he as tripas do mesmo bicho/ postas na parte ofendida; e outros muitos huns com/ mais outros com menos durasaõ de vida, e todos/ fiscais de nosas paciencias pellos damnos que/ nos causaõ com suas venosidades [sic]./

Sam todos os que secriaõ/ sem paternais, venenosos em mais ou menos graõ [sic], se-/gundo a lisam antiga, dis que he por segerarem/ de putrefasoens; histo he falso por que de putrefa-/soens não nascem viventes como fica ponderado;/ e alem diso que de putrefasoens não produs expecia/ venenosa, mas antes que o veneno corrupto já o não/  
he//

## Fólio 323r

hé; e os venenos sam quallidades que cria a natureza/ asim como as demais de que secompoem os corpos/ viventes, que todos tem ensi venenos, alexifarmacos, acci-/dos, doces, saes, quallidades de que depende a conserva-/saõ de todos, e o temperamento da terra de donde seali-/mentaõ todos. Asim que o veneno destes viventes pro-/cede das partes venenosas que a mesma terra tem ensi/ principio e adubo de suas produsoens como saõ/ estes insetos e as plantas, e ainda os animais perfeitos, e o/ homem que diso o não livrou o privilegio da raciona-/llidade, para que deixase de imitar o animal nesa parte./

E porque não fique totalmen-/te contra mim os da opinião contraria que querem/ que das putrefasoens segerem viventes; satisfalloshei/ com afirmar que descobri huma produccam [sic] veneno-/sa de putrefasoens; e he o que chamaõ na Eoropa/ tortulhos, ou cogomelos, os latinos boletos, ou fungos,/ e nos no Brasil Caripicus: nascem estes da materia/ corrupta, do esterco, de paos podres, de folhas, cisco/ monturo, e agoas sujas que selansaõ na terra; que/ como a natureza não consente enseus lemites cousa/ baldia por ser sua impresa huma continua ope-/rasam sempre, e sempre; e não acha nas tais materialli-/dades de que produza viventes senciveis, nem insen-/civeis; produs aquellas formas, de diversos feitos, e co-/res segundo a expecia da materialidade de que prose-/de; que senaõ disem viventes por não ter vegetalli-/dade capas de fructificar nem de durasam, que logo/ setornaõ no que foraõ./

Sam alguns destes venenosos não/

pela//

## Fólio 323v

pella quallidade da materia de que seformaõ, que esta está/ extincta, mas sim pella parte venefica da terra que a-/trahio asim como acontese nos animallicos, e ervas ve-/nenosas. Saõ os que não tem veneno proveitosos, pa-/ra o sustento, e

<sup>305</sup> Provável referência à lagarta da mariposa *Myelobia smerintha* (Hübner, 1821) (Lepidoptera, Crambidae), vulgarmente denominada bicho-de-taquara.

<sup>306</sup> Trata-se da larva do besouro *Pachymerus nucleorum* (Fabricius, 1792) (Coleoptera, Bruchidae), conhecida como bicho-do-coco.

<sup>307</sup> Tunga ou bicho-do-pé, *Tunga penetrans* (Linnaeus, 1758) (Siphonaptera, ulicidae).

<sup>308</sup> Referência às taturanas urticantes.

curativo; comidos asados e cosidos de pou-/ca sustancia mas saborosos, e saudaveis; para tirar/ o fastio aquem lheaborese o comer seja na doensa que/ for pode comellos que fasem desterrar o fastio, para/ estancar diarreyas e cursos de sangue; para os que/ padeseem opresoens das almoredas. Huns incarnados/ que nascem pegados aos paos podres, cosidos bebido/ o caldo singular remedio para os flautos [sic] não que/ livre delles, mas alivia todas suas opresoens, e/ accidentes, podese tomar com asucar, e sem elle;/ os venenosos conhecennos os naturais, pellas cores, e/ feitos, e lugares donde nascem./

Questionaraõ fortemente nos tem-/pos passados, e ainda hoje sepodem os elementos gerar/ viventes cada hum de persi; e os homens por arte qui-/mica, e magica afirmando huns e negando outros; os afir-/mativos alegam por parte dos elementos o bicho que/ se gera no fogo; por parte da quimica a pedra filloso-/fal, e da magica as Rans, e Serpentes que fasiaõ os/ magos de Faraó; se meacreditarem tiralosei da duvi-/da, e assim digo: que não pode arte alguma imitar/ a natureza porque desta he Deos o autor, e daque-/lla os homens, e vai tanto de huma a outra quanto/ vai do homem a Deos. Pode a quimica apurar/ um metal que pareça ouro, mas não que o seja/ na identidade; e o mesmo digo da magica que não/ po//

## Fólio 324r

de tambem imitar a natureza, que desta hé Deos o au-/tor, e daquella o demonio, e vai tanto de huma cousa/ a outra como do Creador a Creatura; poderá a magica/ formar huma figura, que semova e falle, por intro-/ducçam de hum espirito immundo, como eraõ as ser-/pentes, e rans dos magos de Faraó, mas não que se-/jaõ iso viventes; que so Deos os pode faser como/ causa das causas: Deus concurrir ad omnes efectos/ causarum secundarum immediate inmeditatione/ supositi, et virtutis<sup>309</sup>./

Enquanto a producçam dos ele-/mentos in solidum na forma e estado enque os nos ve-/mos, e ponderamos: digo e afirmo que criaõ viventes/ e não duvideis disto; por que he desaber que os ele-/mentos na forma e estado que os vemos e ponderamos não/ estaõ simples, e he axioma filosofico que debaixo/ do orbe da lua senaõ da corpo simples; e sendo asim/ que dificuldade tem a terra para gerar viventes es-/tando ella sustanciallisada dos mais elementos; e estes/ na mesma conformidade; gera a terra inmencidades/ de viventes que vemos della sahir sustanciallisada/ do callor, e humidade; gera a agoa otra inmencidade/ delles substanciallisada do callor e combustam da terra/ que asi atrae; gera o fogo sustanciallisado da ma-/teria enque arde de que extrae toda a sustancia./

Enquanto aos que gera a terra/ tenho rellatado nos discursos antecedentes; os das agoas/ vemos que estas represadas, geraõ os mosquitos, e ou-/tra varia inmundicia, peixes, aranhas, mariscos, ca-/ramujos, baratas, bisouros: que enseo lugar direi, en-/

quanto//

## Fólio 324v

quanto ao fogo: he de saber que nos lugares mariti-/mos das nosas costas brasilicas, a cal que seusa he fei-/ta das cascas das ostras, e outros mariscos, que nos tem-/pos pasados seachavaõ en minas debaixo da terra pe-/lla continuasam dos que os gentios comiaõ, e lansavaõ/ as cascas aos monturos que as churiadas das agoas foraõ/ subterrando<sup>310</sup>; e hoje vaõce buscar ao mar; junto este/ cascalho e a lenha com que seade queimar, arumace/ en um montaõ em camadas huma de lenha, e ou-/tra de casca, aque chamamos caeira; feito este monte/ atacaselhe fogo, que arde the consumir a lenha, e fi-/car a casca ãhum monte, antes que esta esfrie, e/ en quanto arde o insendio, comesace pellos lados/ a caldear puxando com rodos porsam de casca/ que esta ardendo enfogo, lansacelhe agoa, mexe-/ce, desfase en cal que en montinhos se vai pondo/ departe, de donde he levada para os payoes./

<sup>309</sup> Citação não localizada.

<sup>310</sup> Interessantíssima referência aos sambaquis, designação dada a antiquíssimos depósitos, situados ora na costa, ora, em lagoas ou rios do litoral, e formados de montões de conchas, restos de cozinha e de esqueletos amontoados por tribos selvagens que habitaram o litoral americano em época pré-histórica. A observação de Sáa antecede as observações sobre os sambaquis feitas por Frei Madre de Deus (1799, 1975).

Quando sedesmonta esta cas-/ca do monte que está ardendo enfogo, vem en-/tre ella huns bichos, quasi feito da Aranha de/ duas polegadas pardinhos com seis perninhas./ e apennas para o impeto do cascalho que core, logo com/ grande ligeireza setornaõ a recolher ao monte que está/ ardendo enfogo por donde sevem andar paseando; e a-/cabada a tarefa, não sevem mais taes bichos, nem fo-/ra dali sevem enparte alguma. Dentro nas fomalhas/ dos engenhos de asucar quando moen as veses afecti-/va [sic] mente huma semana/ inteira, vemse tambem/ andar paseando de huma parte para outra, huns  
a ma-//

## Fólio325r

a manei-/ra de borboletas pequenas, as vezes cor do mesmo/ fogo, e as veses escuras./

Enquanto ao elemento do ar sepo-/de ou não pode criar viventes, digao o reverendo pa-/dre Gregorio [sic] de fuente lapenha<sup>311</sup>, que afirma. e prova/ serem animais gerados de expecias aereas, aquelles/ que chamamos doendes, que fazem estrondos nas casas/ tidos e havidos por espiritos malignos; no que não/ há dificuldade alguma que pode muito bem gerar/ como os demais elementos, pois he o principio detoda/ espirituallidade; e senaõ pode duvidar destas produ-/ççoens que quem as obra he Deos Autor da na-/turesa cujas obras sam inexcrutaveis ao noso saber/ e o duvidalo he temeridade: Deus operatur om-/nia in omnibus<sup>312</sup>. Sam Paul. ad. Corinth. Cap. 15 [sic]:/ In ipso vivimus, movemur, et sumus, Isaias/ Cap. 26. n. 17 [sic]<sup>313</sup>./

## Fólio 325v

## Introducçam.

Continuavão os interlocutores nas suas/ saborosas conversas com tanto gosto de hum e de ou-/tro, que acabada narasam passada, introu o auli-/co disendo: que pois tinha dado noticia dos ani-/mais terrestres, dese tambem dos volateis, aquem/ pertencia o lugar na ordem das suas naturallida-/des./

## Dialogo 6./

Felino. não hé demenos conta a/ producçam das aves fazendoce superior a dos quadru-/pes, na criasam no privilegio da agilidade com que/ vivem, em superior regiaõ; na belleza das cores, pintu-/ras com que foraõ exornadas de seo creador para/ demonstraçam de suas perfeisoens, serviso e oblasam/ de seo culto, e proveito do homem; foraõ crea-/das no quinto dia da criasam: et omne volatile/ secundum genus su-/um: aves quae multipliquen-/tur super terram<sup>314</sup>. foraõ creadas com virtude ge-/nerativa para multiplicarem, instincto para sego-/vernarem, saber, e conhecimento para louvarem/ a seo Creador./

Achaõce nesta clase da primei-/ra, segunda, e terceira expecia, asim como entre/ os quadrupes; e ahinda que não paresa inmitarem/ os animais perfeitos da primeira expecia por falta/ de aptidam corporea organica para corollasam das/ facultades animais, estimativa, e apreenciva com/ que estes aprendem e que selhesincina, e exercitaõ as/  
pro-//

<sup>311</sup> Referência ao Pe. Antonio de Fuente la Peña (1676). Nesse livro há 43 entradas referentes aos duendes. Talvez o trecho a que se refere Sâa seja o de Fuente de Peña (1676: 159, no. 592): “Pruebase lo quarto: estos Duendes, ò Fantasmas, ordinariamente se sienten, y tienen su primer ser, como la experiencia nos enseña, en casarones inhabitados, y lobregos, ò en desvanes, ò sotanos, que de ordinario no se continuan. Luego se conoce, que son animales engendrados de la corrupcion de los vapores gruessos, q’ en semejâtes desvanes, sotanos ò lobregueces hay, por falta de habitacion, lumbré, y comercio, q’ purifiquen el ayre: pruebase esta consequencia. Lo I. porque assi parece se infiere de los lugares en que nacê húmidos, inhabitados, y donde el ayre no se rompe. Y lo 2. porq’ estos Duêdes, por vna parte no se producen por creacion, ni por natural dimanacion, sino por educçõ: y por otra, esta educçõ, no se haze por verdadera generacion de viuentes: luego *de primo ad vltimum*, solo resta, q’ se produzcan por corrupcion, ò putrefaccion: no hay otro mixto más a proposito en dichos lugares, q’ pueda corôrperse, para q’ dellos se engendren dichos Duendes, q’ los vapores gruessos, *vt ex se patet*, y sino veamosle: *ergo, &c.*”.

<sup>312</sup> *Ad Corinthos* 12, 6: “*et divisiones operationum sunt idem vero Deus qui opeatur omnia in omnibus*”.

<sup>313</sup> *Actus Apostolorum* 17, 28: “*in ipso enim vivimus et movemur et sumus*”.

<sup>314</sup> *Liber Genesis* 1, 21: “*et omne volatile secundum genus suum et vidit Deus quod esset bonum benedixitque eis dicens crescite et multiplicamini et replete aquas maris avesque multiplicentur super terram*”.

## Fólio 326r

progresoens corporeas inmitando os raccionais; isto/ paresenos, mas não he; e senaõ fasem tudo quanto/ fasem os quadrupes perfeitos da primeira expecia; he/ por falta de membros adequados para esas pro-/gresoens, e operasoens; e não por falta das facul-/dades animais que as tem tam perfeitas como as de-/mais verb.grac. o cam aprende a dansar/ por que tem pernas e corpo capases diso; aprende a casar por ser/ esa sua condisam, e não por mais sabio que os ou-/tros; e a ave setivese outro tanto fisera o mesmo./ O Cavallo aprende a genetejar, ajoelhar dansar, ba-/ter a porta, he por que tem pes, e corpo capases diso; e o pasaro setivese outro tanto, faria o mesmo; e por/ esta resam he que não paresem ter a estimativa, e a-/preenciva dos quadrupes; tendoas real mente para a-/quellas funçoens que suas formallidades, e condisoens/ lhesperitem, com memoria instintiva e conhecimento/ tal ou qual das cousas naturais, paixoens dalma,/ de odio, amor, e vingansa, como adiante nas expecias/ dellas o direi./

Pondome huma Pata os ovos/ no quarto adonde eu pousava, por sellevantar a ca-/da paso a entrar e sahir, lansey a para fora e pus/ huma gallinha que ao mesmo tempo chocou, sobre os o-/vos, agasalhou-os esta chocou os ovos, e a seo tempo/ sahio com os patinhos; a Pata dona dos ovos, en/ dous dias os matou todos sem ficar hum; por donde/ deo a conheser a lembransa e conhecimento que tinha/ de serem seus aquelles filhos; e matalos envigansa de/ lhostirarem e dar a outrem. Quem com estes animais/

li-//

## Fólio 326v

lidar e fiser reparo ensuas operasoens verá muita cousa./ Hum Papagayo manso caseiro intrava numa despen-/sa por buraco a roer queijos que lá segoardavão/ deraõlhe na trilha coriaõ com elle e taparaolhe o buraco,/ dalli endiante, intrava por entre a parede, e as telhas,/ e hia furtar, e tanto que sentia gente abrir a porta descon-/diase que o não visem, the ficar só; disto podera con-/tar muito./

Sam todos animais oviparos exce-/pto o morsego, e ainda que todos voaõ vivem alguns na/ terra, todos os da primeira expecia tem coito poem ovos/ adonde segeraõ os filhos fazendo no externo o que os de-/mais fasem no interno. Foraõ sempre animais mais pre-/sados de Deos que os quadrupes, tanto na aseitasam/ dos sacrificios, como na adeministrasam do seo serviso./ Por meyo de huma ave mostrou a bonansa prometida/ na universal invernada: Rursum dimisit Colum-/bam ex arca: at illa venit ad eum ad vespervas/ portans ramum olive [sic] viventibus foliis in ore suo<sup>315</sup>./ Enfigura de ave semostrou o espirito sancto: Vidit/ spiritum Dei descendentem sicut Columbam<sup>316</sup>./

Sam simbolos dos contemplati-/vos que atendem mais ao ceo que as cousas da terra:/ Aves sunt contemplavit ad alta volantes. Sanct./ Antonio de Padua. Serm. 3<sup>317</sup>. Sam animais que lou-/vaõ continuamente a Deos enseus cantos, assim como os/ Anjos; imitaõ o homem na loquella; sam animados/ pronosticos das mudanças dos tempos, conhesendos [sic] por/ natural instinto o que observamos sem suprestisao/ como insinaõ os morallistas: Licitum est ex avium/

obser-//

## Fólio 327r

observacione [sic] praedicare et conjecturare naturales/ eventos futuros, quia ex avium signis vere cog-/nocitur causa naturalis illorum. Ave pello anagra-/ma foy a primeira mai dos homens Eva, pello mes-/mo teve principio a obra da redempcam: Ave gratia plena./

<sup>315</sup> *Liber Genesis* 8, 10: “*expectatis autem ultra septem diebus aliis rursum dimisit columbam ex arca at illa venit ad eum ad vesperam portans ramum olivae virentibus foliis in ore suo*”.

<sup>316</sup> *Evangelium secundum Mattheum* 3, 16: “*Baptizatus autem confestim ascendit de aqua et ecce aperti sunt ei caeli et vidit Spiritum Dei descendentem sicut columbam venientem super se*”.

<sup>317</sup> Referência aos *Sermones Dominicales et Festivi* de S. Antônio de Pádua, cuja primeira edição apareceu em Paris em 1521, e depois muitas vezes publicados. Edições mais recentes são as de Costa *et al.* (1979) e Rema (1970, 1987).

Forão estes animaes gerogli-/ficos maravilhosos das mais altas impresas, huma tira-/va pella carrosa en que hia Deos que vio Esequiel/ profeta: Facies autem Bovis, et facies Aquilae<sup>318</sup>. / A huma ave figurou Isaías os bem aventura-dos: sicut/ Aquilae volabunt, et non deficient<sup>319</sup>. A huma ave foi/ figurado o evangellista profeta Sam Joaõ. Aquilae/ ipse est Joannes. Por impresa deo Deos a Josue/ tres Papagayos: Tres psitaci virides in campo au-/reo<sup>320</sup>. Por impresa tomou Romulo a Aguia. Os Asirios/ a Pomba. Os Atenienses a Coruja. Sam enfim gero-/glificos dos fieis de Jesus Christo: Venite aves/ coeli ad cenam magnam. Apocalip. Cap. 19. n. 17<sup>321</sup>. / En aves seachaõ propriedades que senão vem/ em outros alguns viventes: aquella avesinha que con-/ta o escriptor das maravilhas do mundo, que accompa-/nha a flor chamada da Lua desde que nase the que/ acaba. A outra que fas o mesmo com a flor Sidonia;/ a outra que vive seis meses com o bico cravado em hum/ tronco feito penitente. Maravilhosos animais!/ famosa/ partida da natureza!/  
 Estas dicou as [sic] o velho mundo a suas/ mentidas deidades, a Aguia a Jupiter, o Galo a Apollo,/ Coruja a Minerva, o Pavam a Venus, o Cisne a Juno/

esas//

## Fólio 327v

esas foraõ as aves do velho mundo, e esas as suas dei-/dades; o nosso novo mundo dedicou as suas a Je-/su Christo deidade de todas as deidades senhor desta/ herdade, adonde aquellas não tiverão pose. Sayaõ pois as aves deste novo mundo, deste predio de/ Jesus Christo deste mimo da natureza seja pri-/meiro o/

Papagayo<sup>322</sup> contaraõ os meus naturais desoyto/ castas de Papagayos, e eu como andei mais do que elles/ desco-bri mais tres que fasem vinte e hum, a saber:/ Juruasú<sup>323</sup>, Jurumerim<sup>324</sup>, Jurucoa<sup>325</sup>, Corica<sup>326</sup>, Maetaca<sup>327</sup>, Maracanan<sup>328</sup>,

<sup>318</sup> *Hiezechiel Propheta* 1, 10: “similitudo autem vultus eorum facies hominis et facies leonis a dextris ipsorum quattuor facies autem bovis a sinistris ipsorum quattuor et facies aquilae ipsorum quattuor”.

<sup>319</sup> *Isaias Propheta* 40, 31: “qui autem sperant in Domino mutabunt fortitudinem adsumunt pinnas sicut aquilae current et non laborabunt ambulans et non deficient”.

<sup>320</sup> Em Mora (1690: 12-13), encontramos o seguinte trecho: “En la antigua Ley ordenò la providècia Diuina, que el Capitan invencible Iosue, Teniente marauilloso del Capitã General de las Milicias Celestes nuestro Saluador Iesus, lleuase por armas en campo de oro de su vandera triunfante tres efigies de verdes papagayos. Escriuelo Cassaneo: *Tres psittaci virides in campo aureo fuerunt arma Iosue*. Singular prouidencia del Altissimo, fue disponer, que el sucessor de Moyses, aquel Caudillo, terror de las Naciones, que conquistò la tierra de Promission, que avassallò Reyes paganos, que arruynò Ciudades populosas, y desbaratò esquadrones de Gigantes, lleuasse tres verdes papagayos en su Imperial Estandarte triunfador; y no tres Aguilas negras, que son la insignia mas propia de las Augustas vanderas Imperiales. Que misterio se encierra en esso? Querer Dios hazer feliz al Capitan Iosue. Y para esso ordenò, que no Aguilas generosas, sino tres papagayos verdes lleuase por diuisa Imperial de su Estandarte? Si, porque solos los papagayos podian anunciar mejor, que Aguilas, ni otras aues, la cumplida felicidad, y heroycos triunfos del Capitan tan invicto. En que fundo mi pensamiento? En que los tres papagayos indicauan con sus voces las tres substancias de Christo en su Encarnacion diuina, origen de toda felicidad para los hombres; porque solo el papagayo, sin enseñaças ajenas, sabe dezir por si mismo *Aue*, que es el principio dichoso de la Angelica Salutacion en la Encarnacion de el Verbo. *Aue gratia plena. Psittacus*, dize nuestro Español San Isidoro, *ex natura salutata dicens: Aue*”. O autor mencionado por Mora, Cassaneo, é Barthélemy de Chassaneuz (latinizado Bartholomaeus Chassaneus), autor do *Catalogus Gloriarum Mundi*. Em Chassaneus (1690: 24, # 9), é que se encontra a sentença citada por Súa e por Mora: *Tres psittacos virides in campo aureo, quae fuerunt arma Josuae*”.

<sup>321</sup> *Apocalypsis Iohannis* 19, 17: “et vidi unum angelum stantem in sole et clamavit voce magna dicens omnibus avibus quae volabant per medium caeli venite congregamini ad caenam magnam Dei”.

<sup>322</sup> Nota à margem esquerda do MS: “Papagaio do/ Sertoõ tem o bi-/co todo negro, e/ o serro por sim-/a da cauda cor de fo-/go: tanto estes co-/mo os de sima saõ/ de hum verde enfarinhado; e estes/ tem mais algum-/as penas asuis na/ frente, cabeça chata.”

<sup>323</sup> “Juruasú” – Provável referência ao ajuruauçu ou papagaio-moleiro, *Amazona farinosa* (Boddaert, 1783) (Psittaciformes, Psittacidae), representante de tamanho mais avantajado que pode atingir cerca de 40 cm de comprimento.

<sup>324</sup> “Jurumerim” – Embora possa ser aplicado a diversos psitácidas muito distintos, o nome “jurumerim” ou “ajurumirim” (literalmente “papagaio-pequeno” em tupi) parece ter sido utilizado pelo autor como contraponto a “juruasú”, o que sugere qualquer espécie do gênero *Amazona* (Psittaciformes, Psittacidae) com porte inferior ao de *Amazona farinosa*.

<sup>325</sup> “Jurucoa” – Provável variante de “jurueca” ou “juruequa”. nomes tupis atribuídos ao papagaio-de-peito-roxo, *Amazona vinacea* (Kuhl, 1820) (Psittaciformes, Psittacidae), por autores como Martius (1863) e Goeldi (1894).

<sup>326</sup> À margem esquerda há a seguinte nota: “A corica/ tem o bico meio/ branco meio preto/ o papo som.<sup>16</sup> ama-/relo, algumas/ pennas roxas escu-/ras debaixo das a-/zas, e poucas ama-/relas na cauda”. “Corica” – Variante de “curica”, designação de origem indígena comum a vários psitácidas medianos de cauda curta, pertencentes aos gêneros *Gypopsitta*, *Pionopsitta*, *Graydidascalus*, *Pionus* e *Amazona* (Psittaciformes, Psittacidae). Considerando a sequência do texto, talvez seja uma referência a *Amazona amazonica* (Linnaeus, 1766), espécie conhecida por esse mesmo nome em várias partes do Brasil.

<sup>327</sup> “Maetaca” – Variante de “maitaca”, nome de origem indígena aplicado sobretudo aos representantes do gênero *Pionus*, que também pode ser estendido a outros psitácidas (Psittaciformes, Psittacidae) de médio porte como *Triclaria malachitacea* (Spix, 1824) e *Gypopsitta* spp. (teste Martius, 1863).

<sup>328</sup> Nota à margem esquerda do Fólio 328r: “6. Maracanam/ Saõ de piqueno/ corpo de hum verde e de [...] testa com algu-/ma plu-/ma plumas [sic] ro-/xa, penas ver-/melhas por baixo/ dos incontros das/ azas; olhos circundados de m-/enbrana branca/ que se comunica/ por cima do bico/ e pellas fases co-/mo as araras./ bico de sima br-/anco, e debaixo/ preto, tem a v-/os entre arara. e papagaio, mas fi-/na”. “Maracanam” – Variante de “maracanã”, nome de origem indígena conferido às espécies de pequeno porte do gênero *Ara*, bem como aos representantes dos gêneros *Orthopsittaca*, *Primolius* e *Diopsittaca* (Psittaciformes, Psittacidae), além de *Aratinga leucophthalmus* (Statius Müller, 1776) (teste Pinto, 1938).

Maracanan oasú<sup>329</sup>, Cuyúcuyú<sup>330</sup>, Teriba<sup>331</sup>, Nhan-/daya<sup>332</sup>, Terenteren<sup>333</sup>, Urahy<sup>334</sup>, Toim<sup>335</sup>, Cuyucuyúmerim<sup>336</sup>, Sererica<sup>337</sup>, Sabeacica<sup>338</sup>, Arara<sup>339</sup>, Caninde<sup>340</sup>, Arara vermelha<sup>341</sup>/Ararauna<sup>342</sup>, Ararinha<sup>343</sup>. Sam todas estas aves verdes,/ e algumas com pinturas de diversas cores, excepto/ Caninde que he de azul e amarello, Arara que/ he de azul e vermelho, Arara vermelha que he/ toda incarnada, Arara una que he toda azul/ ferrete. Fasemce todos domesticos e todos aprendem/ a fallar a loquella humana, e aremedar todos os mais/ animais tanto que sefasem domesticos./<sup>344</sup>

Vense alguns de diferentes pinturas/ e diversos sustentidos que paresem ser diversas especias/ das do meo numero, sem que osejaõ, diferençaõce sim/ de uns climas para outros. Goardaõ todos a ley do con-/sorcio, e castidade que enquanto vive o consorte naõ/ se juntaõ com outro. Fasem os seus ninhos en buracos/ das arvores<sup>345</sup>,/ que secompoem das proprias pennas, cho-/caõ os ovos; que naõ sam menos de dous, nem mais/

de//

<sup>329</sup> “Maracanan oasú” – Variante de “maracanã-açu”, nome de origem indígena aplicado sobretudo a *Ara severa* (Linnaeus, 1758) (teste Pinto, 1938).

<sup>330</sup> “Cuyúcuyú” – Variante de “cuiú-cuiú”, nome atribuído geralmente a *Pionopsitta pileata* (Scopoli, 1769) (Psittaciformes, Psittacidae).

<sup>331</sup> “Teriba” – Variante de “tiriba”, nome tupi usualmente conferido às diversas espécies do gênero *Pyrrhura* (Psittaciformes, Psittacidae).

<sup>332</sup> “Nhandaya” – Variante de “jandaia”, nome de origem indígena atribuído essencialmente aos vários representantes do gênero *Aratinga* (Psittaciformes, Psittacidae).

<sup>333</sup> “Terenteren” – A julgar pelos comentários de diversos autores (e.g. Martius, 1863; Goeldi, 1894), “terenteren” seria mero sinônimo de “quero-quero” ou “téu-téu”, nomes geralmente atribuídos a *Vanellus chilensis* (Molina, 1782) (Charadriiformes, Charadriidae). Vale notar, entretanto, que essa designação também se aplica ao papagaio-de-peito-roxo, *Amazona vinacea* (Kuhl, 1820) (Psittaciformes, Psittacidae), o que parece fazer mais sentido nessa passagem do texto.

<sup>334</sup> “Urahy” – Talvez uma variante de “arua-y”, nome indígena registrado por certas fontes (e.g. Montoya, 1639; Pinto, 1938) para *Aratinga leucophthalmus* (Salvadori, 1891) (Psittaciformes, Psittacidae).

<sup>335</sup> “Toim” – Variante de “tuf”, nome de origem indígena comumente aplicado a diversos psitácidas (Psittaciformes, Psittacidae) de pequeno porte e cauda curta, como *Forpus xanthopterygius* (Spix, 1824) e *Brotogeris sanctithomae* (Statius Müller, 1776) (teste Pinto, 1938). No entanto, a descrição fomecida mais adiante deixa claro que o autor desse manuscrito atribui essa designação à caturrita, *Myiopsitta monachus* (Boddaert, 1854), representante de maior porte e cauda alongada encontrado no oeste e sul do Brasil.

<sup>336</sup> “Cuyucuyúmerim” – Nome de origem indígena registrado por Martius (1863) para *Forpus passerinus* (Linnaeus, 1758) (Psittaciformes, Psittacidae).

<sup>337</sup> “Sererica” – Ao que parece, “sererica” seria mera variante de “tirica” ou “titirica”, nomes de origem indígena atribuídos a *Forpus passerinus* (Linnaeus, 1758) por alguns autores (e.g. Martius, 1863; Tastevin, 1923), embora também possam ser aplicados a certos representantes do gênero *Brotogeris* (Psittaciformes, Psittacidae).

<sup>338</sup> “Sabeacica” – Referência a *Tricharia malachitacea* (Spix, 1824) (Psittaciformes, Psittacidae), que recebeu dos tupis a designação de “sabiaca” (literalmente “parecido com o sabiá”) graças à sua voz aflautada e melodiosa, pouco usual para um psitácida.

<sup>339</sup> “Arara” – Termo onomatopaico de origem indígena aplicado aos vários representantes de grande porte e rabilongos dos gêneros *Anodorhynchus* e *Ara* (Psittaciformes, Psittacidae).

<sup>340</sup> “Caninde” – Referência à arara-canindé, *Ara ararauna* (Linnaeus, 1758) (Psittaciformes, Psittacidae), espécie de ampla distribuição no Brasil, muitas vezes citada pelos viajantes dos séculos XVII e XVIII.

<sup>341</sup> “Arara vermelha” – Designação geral conferida a *Ara macao* (Linnaeus, 1758) e *Ara chloroptera* Gray, 1859 (Psittaciformes, Psittacidae), as duas únicas araras brasileiras que apresentam uma plumagem colorida sobretudo de escarlate.

<sup>342</sup> “Arara-una” – Referência à arara-azul, *Anodorhynchus hyacinthinus* (Latham, 1790) (Psittaciformes, Psittacidae), espécie de ampla distribuição no Brasil, que muitas vezes recebeu o nome de “arara-preta” (“ararauna” em tupi) graças à sua escura plumagem azul-cobalto.

<sup>343</sup> “Ararinha” – Conferido usualmente a *Cyanopsitta spixii* (Wagler, 1832) e aos representantes rabilongos e de pequeno porte dos gêneros *Ara*, *Orthopsittaca*, *Primolius* e *Diopsittaca*, conhecidos pelo vulgo como “maracanãs” (Psittaciformes, Psittacidae), essa denominação terminaria sendo aplicada, por extensão, a vários outros psitácidas muito diversos como *Pyrrhura picta* (Statius Müller, 1776) (teste Pinto, 1938) e *Amazona amazonica* (Linnaeus, 1776) (teste Ihering & Ihering, 1907; Pinto, *op. cit.*).

<sup>344</sup> À margem esquerda do fólio 327v existem as seguintes notas, complementares ao texto: (i) “Anacans tem/ o colo com plu-/mas carnesins/ bordadas com orla/ de azul ferrete”; (ii) “Moleiros: saõ/ de cor cinzenta/ de maior corpo/ q’ as outras, bico/ pardo, e huma membrana bra-/nca em roda dos olhos, voz grossa./falaõ pouco”; (iii) “Ordinarios/ saõ de hum be-/llo verde; cabeça/ [continuação no fólio 328r] huns mais ou/ menos am-/arela, huma pi-/quena membra-/na branca a ro-/da dos olhos; al-/gumas penas ama-/relas no femur/ e de baixo da cau-/da, bico pardo,/ na ponta escuro”.

<sup>345</sup> No MS da BNRJ consta: “Fazem os seus ninhos em buracos das arvores, ou cazas de cupí”. Caso não encontrem árvores adequadas, certos psitácidas, como *Aratinga aurea* (Gmelin, 1789), *Aratinga cactorum* (Kuhl, 1820) e *Brotogeris versicolorus* (Statius Müller, 1776) (Psittaciformes, Psittacidae) de fato podem escavar seus ninhos em casas de cupim, hábito bastante comum entre as populações dessas aves que habitam o cerrado e a caatinga (Negret & Teixeira, 1983).



## Fólio 328r

de quatro, alternada mente, estaõ no choco quinse/ dias, tirados os filhos sustentamnos ambos os pais/ com o mantimento que trases no bucho, e lhes lansam nos/ bicos, e isto he the com elles acompanharem/ sua multiplicasam huma ves cada anno que he/ em Novembro, e Dezembro./

Congregaõce os de huma expe-/cia enbandos que senaõ apartaõ senaõ quando/ sam muitos; e ainda para criarem os filhos ssenaõ/ apartaõ muito huns de hum bando que he sempre/ enlugares desertos. He cousa para admirar os/ que chamamos periquitos Toins o instinto con que for-/maõ huma casa<sup>346</sup> sobre os altos arvoredos do gran-/dor de um ranxo dos nosos. fabricada de paos/ sinhos, palhas, e sisco tudo tecido forte e duro/ que resiste aos tempos, adonde fas cada hum o seo habita-/colo com porta para fora por donde entraõ, e/ saem; adonde moraõ actual mente e criaõ os fi-/lhos; equando selhes vai aruinando reedificaõ/ accomodando cada clausto deste tresentos, e as/ veses quatro centos periquitos. O instinto de se-/juntarem ensociedade para faserem o que cada hum/ depersi naõ pode; reparem nisto os que ade-/miraõ os segredos da formiga, e da Abelha./

Sam todas estas aves muito lim-/pas, naõ comem bichos nem cousas imundas sustentaõce/ de frutas e sementes das arvores, comem tambem nas ba-/treiras de terras sallitradas<sup>347</sup> como faserem todos os mais/ animais aves, e quadrupes; sam cobardes rendense a vio-/

len-//

Fólio 328v<sup>348</sup>

lencia de qual quer ave de rapina; o papagayo cha-/mado Sabeacica hum dos do meo numero he singullar-/musico, tem hum canto suave<sup>349</sup>, com sustentidos, e reque-/bros muito gallantes. Sam as carnes de todos elles sabo-/rosas e tenrras, excepto Arara, e para toda a dieta muito/ mais saudaveis do que as gallinhas. Achou Valdece-/bro<sup>350</sup> no seo governo moral e politico das aves so mente/ quatro castas de papagayos, e huma de Araras aque/ chama Guacamayas; se viesse as nosas naturallidades, sa-/beria mais doque soube, e teria muito mais que/ escrever do que escreveo./

Pombas sam aves de admiraveis/ propriedades, de muitas diferenças engrandor, e pin-/turas, observei onze especias dellas a saber: Pomba/ trocal<sup>351</sup>, Pucasúete<sup>352</sup>, Pucasúroba<sup>353</sup>, Pucasuira<sup>354</sup>, Juriti<sup>355</sup>, Pu-/cuhy<sup>356</sup>, Juritipiranga<sup>357</sup>

<sup>346</sup> Descrição bastante precisa do ninho da caturrita, *Myiopsitta monachus* (Boddaert, 1854) (Psittaciformes, Psittacidae), único representante brasileiro que edifica grandes estruturas de matéria vegetal ao invés de nidificar em ocos.

<sup>347</sup> São os chamados “barreiros”.

<sup>348</sup> Na margem esquerda há a seguinte nota: “Amarellos todos/ do Rio-Tocantins/ Azuis ferretes/ do Solimoens/ Cor de Roza/ da India/ Cor de fogo de/ Africa”.

<sup>349</sup> Ver nota 338.

<sup>350</sup> Referência a Frei Andrés Ferrer de Valdecebro (1728). Os trechos mencionados por Súa encontram-se nessa obra às páginas 273 (“Quatro linages hai de Papagayos, y solo en ser unos grandes, y otros pequenos se diferencian”) e 274 (“Los Escritores Antiguos equivocaron los Papagayos con las Guacamayas, y esta es especie de páxaros mui diferentes, porque son todas como dos veces un Papagayo; y aunque visten la pluma de diferentes, y verdaderamente hermosos, y lucidos colores, lo mas della es colorado encendido, con las alas grandes, y la cola con exceso crecida, y dilatada, lo que no tiene Papagayo ninguno”).

<sup>351</sup> “Pomba trocal” – Provável alusão a *Patagioenas speciosa* (Gmelin, 1789) (Columbiformes, Columbidae), espécie de ampla distribuição no Brasil. No entanto, vale lembrar que o nome “trocaz” ou “trocal” também pode ser conferido a *Patagioenas picazuro* (Temminck, 1813) (teste Goeldi, 1894).

<sup>352</sup> “Pucasúete” – Provável referência à asa-branca, *Patagioenas speciosa* (Gmelin, 1789), o maior representante dos colúmbidas brasileiros (Columbiformes, Columbidae). Na verdade, o nome tupi “picaçuetê” ter-se-ia vulgarizado sob a forma da tradução portuguesa de “pomba-verdadeira”, termo bastante vago atribuído tanto aos representantes do gênero *Leptotila*, quanto a *Patagioenas cayennensis* (Bonnaterre, 1792) e *Patagioenas speciosa* (Gmelin, 1789) (teste Martius, 1863; Goeldi, 1894).

<sup>353</sup> “Pucasuroba” – Segundo autores como Martius (1863) e Ihering & Ihering (1907), esta seria a designação tupi da pomba-galega, *Patagioenas cayennensis* (Bonnaterre, 1792) (Columbiformes, Columbidae).

<sup>354</sup> “Pucasuira” – Na medida em que seja considerada uma contração de “picaçu-guira”, o termo em questão poderia ser entendido como mero sinônimo de “picaçu”, nome tupi da pomba-amargosa, *Patagioenas plumbea* (Vieillot, 1818) (Columbiformes, Columbidae).

<sup>355</sup> “Juriti” – Nome geral conferido sobretudo aos representantes do gênero *Leptotila* (Columbiformes, Columbidae), que pode ser aplicado, por extensão, a outros colúmbidas de médio porte e hábitos terrícolas como as pariris, *Geotrygon* spp.

<sup>356</sup> “Pucuhy” – Variante de “picuf” (literalmente “pombinha”), nome tupi passível de ser aplicado a qualquer colúmbida de pequeno porte (Columbiformes, Columbidae). Semelhante designação foi atribuída a *Columbina picui* (Temminck, 1813) por autores como Montoya (1639) e Martius (1863).

<sup>357</sup> “Juritipiranga aque chamamos Rolas” – Conferido originalmente à pomba-de-coleira, *Streptopelia turtur* (Linnaeus, 1758) (Columbiformes, Columbidae), o nome português “rola” foi utilizado para designar diferentes colúmbidas de médio porte existentes no Novo Mundo, inclusive aqueles pertencentes aos gêneros *Claravis*, *Geotrygon* e *Uropelia*. A julgar pelo colorido das espécies existentes no Brasil, parece razoável supor que a designação de “juritipiranga” (literalmente “juritivermelha” em tupi) tenha sido aplicada a *Geotrygon montana* (Linnaeus, 1758) (teste Ihering & Ihering, 1907; Pinto, 1938), embora autores como Sick (1985) prefiram atribuí-la a *Geotrygon violacea* (Temminck, 1810).

aque chamamos Rolas, Picuipeba<sup>358</sup>/ Picuipemerim<sup>359</sup>, Guiira<sup>360</sup>, Pareri<sup>361</sup>. Goardam todas a ley/ do consorcio, e castidade, não sejuntaõ com outra/ vivendo o consorte, andaõ algumas em bandos, e al-/gumas aos casais./

Tem todas hum canto que he a voz/ dequem geme, fasem os ninhos sobre as arvores nellas bus-/caõ o sustento e tambem no cham, excepto a trocal que/ não dese abayxo, comem fructas, sementes, e area/ não por sustento, mas sim para esmoerem os manti-/mentos como fasem as gallinhas, jacus, perdises, e ou-/tras muitas; fabricaõ os ninhos ambos os consortes com/ igoal delligencia, postos os ovos que sempre sam dous/

cho-//

## Fólio 329r

chocao-nos alternada mente ficando hum sempre sobre/ elles enquanto outro vai pastar, e na mesma forma alli-/mentaõ os filhos, pasan-/do o mantimento dos seus proprios/ buchos para os delles; sam cobardes, e timoratas, sem ar-/mas algumas ofencivas, nem defencivas, rendence ao ri-/gor de qual quer ave de rapina; faceis de casar/ com quais queis armas, e armadilhas; basta que debai-/xo de huma que chamamos bayá feita de hum pe-/dasso de rede estendida enhuma grade de pao, colhen-/se as veses juntas trinta e dahy para sima, sam/ suas carnes de pouca gordura quentes e secas noci-/vas para doentes./

Perdis chamada no idioma bra-/silico Nhapopé<sup>362</sup> he ave que vive no cham, ha dellas/ septe expecias, tres que vivem nos campos, e quatro/ pellos matos e serrados, as dos campos sam humas a/ que se dá propria mente o nome de perdis semelhan-/tes as da Europa<sup>363</sup>, e outras mais pequenas, e mais obscu-/ras, e as cordonises<sup>364</sup>: todas estas tem as carnes duras, cecas, e de pouco commodo para dietas. As que moraõ/ pellos matos he, Inambú<sup>365</sup>, Inambú asú<sup>366</sup>, macúcu<sup>367</sup>,/ e Jaó<sup>368</sup>, sam estas de melhores carnes no sabor, e nu-/trimemto, e não para dietas, difentes [sic] estas das do cam-/po no cantar sendo os Macúcus os melhores, que cre-/sem como Peruas, e de melhores carnes que todas/ as mais. Sam todas aves terrestres, no cham vivem, criaõ/ os filhos, e pasam a vida, seus voos he só quando/ seespantaõ que não pasa de septe the oyto brasas/ com grande extrepito pella lemitasaõ das azas que/

lhe//

<sup>358</sup> “Picuipeba” – Autores como Martius (1863), Goeldi (1894) e Ihering & Ihering (1907) são unânimes em relacionar esse nome tupi à rola-azul, *Claravis pretiosa* (Ferrari-Perez, 1886) (Columbiformes, Columbidae).

<sup>359</sup> “Picuipemerim” – Termo tupi bastante abrangente, passível de ser conferido a qualquer colúmbida brasileiro de menor porte pertencente aos gêneros *Columbina* e *Uropelia* (Columbiformes, Columbidae).

<sup>360</sup> No MS da BNRJ está “Guiira (...) chamadas rôlas brancas” – Causa certa estranheza que um colúmbida identificado pelo autor como “rola-branca” receba o nome de “guiira”, nome tupi referente a qualquer ave. A julgar pela indicação do colorido, talvez essa passagem diga respeito a *Columbina passerina* (Linnaeus, 1758) (Columbiformes, Columbidae), espécie de plumagem predominantemente cinza clara.

<sup>361</sup> “Pareri” – Designação geral aplicada a colúmbidas de médio porte pertencentes aos gêneros *Geotrygon* e *Zenaida* (Columbiformes, Columbidae). Como o autor desse manuscrito reserva o nome de “juriti-vermelha” para *Geotrygon montana* (Linnaeus, 1758), parece razoável supor que sua “pareri” de plumagem pedrês na verdade seja a avoante, *Zenaida auriculata* (Des Murs, 1847), espécie de ampla distribuição na América do Sul também chamada de “bairari” ou “mbairari” (teste Martius, 1863; Ihering & Ihering, 1907; Pinto, 1938).

<sup>362</sup> “Nhapopé” – Variante do nome tupi da perdiz, *Rhynchotus rufescens* (Temminck, 1815) (Tinamiformes, Tinamidae).

<sup>363</sup> Trata-se da perdiz europeia, *Perdix perdix* (Linnaeus, 1758) (Galliformes, Phasianidae), ave cinegética que serviu de referência aos portugueses para nomear os tinâmidas (Tinamiformes, Tinamidae) do Novo Mundo.

<sup>364</sup> “Cordonises” – Provável alusão, por sinal bastante expedita, às codornas ou codornizes, *Nothura* spp. (Tinamiformes, Tinamidae).

<sup>365</sup> “Inambú” – Designação tupi de qualquer tinâmida (Tinamiformes, Tinamidae), que terminou sendo utilizada pelos colonizadores portugueses para designar sobretudo as várias espécies do gênero *Crypturellus*.

<sup>366</sup> “Inambú asú” – Nome tupi alusivo a qualquer tinâmida (Tinamiformes, Tinamidae) visto como de maior porte, empregado para designar espécies tão diversas entre si como *Tinamus tao* Temminck, 1815, *Tinamus major* (Gmelin, 1789), *Crypturellus undulatus* (Temminck, 1815) e *Crypturellus obsoletus* (Temminck, 1815) (teste Pinto, 1938).

<sup>367</sup> “Macúcu” – Provável referência a *Tinamus solitarius* (Vieillot, 1819) (Tinamiformes, Tinamidae), uma das espécies cinegéticas mais afamadas do Brasil.

<sup>368</sup> “Jaó” – Nome onomatopaico atribuído a determinados representantes do gênero *Crypturellus* tais como *Crypturellus undulatus* (Temminck, 1815) e *Crypturellus noctivagus* (Wied, 1820) (Tinamiformes, Tinamidae).

## Fólio 329v

lhedeo a natureza, são todas derabadas como as gall-/inhas suras, vivem todas enconsorcio, criando os filhos/ ensociedade que he huma ves no anno, e the doze/ de cada ninhada que são roxos, e so o Macucu/ os poem alvos<sup>369</sup>; no instante enque saem os pintos dos o-/vos acompanhaõ os pais com tanta agillidade que/ naõ ha quem os posa pegar; sam todas aves que/ cantaõ so de verám: as perdises que vivem nos campos/ e naõ as demais, sam as aves que escondem as ca-/ besas deixando os corpos a mostra quando as perse-/guem; e naõ a Ema como querem alguns./

Jacú he ave do grandor de hua/ gallinha com muita mais abundancia de pennas, hade/ quatro castas, Jacú tinga<sup>370</sup>, Jacú asú<sup>371</sup>, Jacú pema<sup>372</sup>, e/ Jacú cáca<sup>373</sup>, o demais nota he o Jacú tinga pella gala/ que veste de preto e branco, topete fermoso com seus/ corais tintos vermelhos como o Perú, e cartillagem/ debaixo do bico<sup>374</sup>; pastaõ todos sobre as arvores, e no/ cham adonde se galam e fasem roda como os Perus/ quando seandaõ namorando; goardaõ a ley do con-/sorcio, e juntaõce enbandos isto he o Jacútinga, e Já-/cú asú, que os demais andaõ aos casais, esgravataõ/ como as galinhas e comem toda a immundicia asim como/ ellas, e tambem pedrinhas para dirigir [sic] os mantimen-/tos: fasem os ninhos sobre as arvores chocaõ os ovos/ e criaõ os filhos ensociedade, levandolhes o comer nos/ bicos, que são dous ou tres, e huma ves cada anno/ naõ tem papo, mas sim huma goella pello exterior/

do//

## Fólio 330r

do corpo que incaminha a moela por donde recolhe/ o mantimento<sup>375</sup> ingordaõ muito sam suas carnes saborosas/ tenras e boas para todo o doente./

Araquan<sup>376</sup> he ave que imita o/ Jacú mais de diversa expecia sam pardas que ti-/raõ a vermelho goardaõ a ley do consorcio pastaõ/ no cham adonde criaõ os filhos em sociedade, sam/ tam parleras que com sua harmonia fasendo o maxo/ baixo, e a femea contralto, atroaõ os ouvidos endis-/tancia de hum quarto de legoa; sam suas carnes de/ bom sabor tenras, e para doentes tam boas como as ga-/llinhas. Sam estas aves do grandor de huma fermosa/ galinha enquanto as que habitaõ as margens do Pa-/ragoay, e enoutros lugares pequenas, e diferentes./

Uráponga<sup>377</sup> he do grandor de huma/ pomba domestica, o macho alvo, e a femea verde es-/tas são das costas do mar, e dos sertoes os machos pre-/tos e as femeas pardas, vivem enconsorcio e andao sos/ aos casaes sem bandos, naõ desem ao cham seo canto/ he como a pancada de hũ sino; as carnes sem gordu-/ra de pouca sustancia e boas para dietas./

<sup>369</sup> “ovos [...] roxos, e so o Macucu os poem alvos” – A casca dos ovos dos tinâmidas (Tinamiformes, Tinamidae) possui um brilhante aspecto de porcelana bastante característico, possuindo sempre um colorido conspícuo que pode variar do rosa ao chocolate. Ao contrário do que a afirma Sáa, os ovos do macuco, *Tinamus solitarius* (Vieillot, 1819), são de um belo verde-turquesa.

<sup>370</sup> “Jacú tinga” – *Pipile jacutinga* (Spix, 1825) (Galliformes, Cracidae).

<sup>371</sup> “Jacú asú” – Termo indígena um tanto vago relativo às espécies de maior porte do gênero *Penelope* (Galliformes, Cracidae), sendo em geral aplicado a *Penelope obscura* Temminck, 1815 do Brasil oriental e *Penelope jacquacu* Spix, 1825 da Amazônia.

<sup>372</sup> “Jacú pema” – Provável referência a *Penelope superciliaris* Temminck, 1815 (Galliformes, Cracidae).

<sup>373</sup> “Jacú cáca” – Nome tupi atribuído tanto a *Penelope superciliaris* Temminck, 1815 quanto a *Penelope jacucaca* Spix, 1825 (Galliformes, Cracidae).

<sup>374</sup> Clara alusão à barbeta dos jacus e jacutingas, estrutura tegumentar que nada possui de tecido cartilaginoso.

<sup>375</sup> No MS da BNRJ consta: “tem huma guéla grossa com algúas voltas p<sup>lo</sup> exterior do corpo, q’ encaminha a moéla p<sup>la</sup> p<sup>le</sup> do oveiro p’ onde recolhe o mantim<sup>o</sup> q’ comem” – Ao que parece, o autor pretende descrever as modificações observadas na traqueia de vários Cracidae, que podem apresentar uma alça conspícuo que se dobra sobre a superfície dos músculos peitorais antes de penetrar na cavidade torácica.

<sup>376</sup> “Araquan” – Nome indígena, aparentemente de origem onomatopaica, empregado para designar as diferentes espécies do gênero *Ortalis* (Galliformes, Cracidae), das quais muitas apresentam a plumagem parda ou avermelhada.

<sup>377</sup> Além da araponga, *Procnias nudicollis* (Vieillot, 1817) (Passeriformes, Cotingidae), o autor descreve um segundo pássaro não identificado que em absoluto corresponde aos demais representantes do gênero *Procnias*, aves conhecidas pela voz possante tantas vezes comparada a um sino ou ao martelar de um ferreiro.

Pavaõ que alguns chamaõ Pavó<sup>378</sup>/ he do grandor de huma galinha todo preto com huma/ membrana vermelha debaixo do bico semelhante a do/ galo, e na cabeça hũ penacho. que quando o incret-/pa mostra penas incarnadas que estaõ cobertas com/ as pretas, seo canto he hũ ronco, que quem o naõ/ conhese pareselhe ser de alguma desestrada fera/ vivem enconsorcio, naõ chegaõ ao cham ingordam/

muito//

### Fólio 330v

muito, tem as carnes asafradas saborosas, tenras, boas/ para doentes./

Tingui<sup>379</sup> he huma ave do grandor/ de huma Perua vestida de pardo, e amarelo, postas estas cores enboa ordem que he o peito e incontros/ das asas amarelo, e o mais pardo; sam sollitarias an-/daõ huma ahuma pellos campos e pantanais, e só/ se juntaõ quando procuraõ o coito, sam as carnes/ pretas e duras pecissimas para doentes./

Sorocohá<sup>380</sup> he huma avesinha/ que com penas fas vulto de huma pomba caseira/ e tirada a pena he o corpo tamanho de huma nos, preta/ pelas costas o peito amarelo, o [sic] pes tam lemitados,/ que tem as unhas pegadas a carne; forma isto hum/ canto que seouve hum quarto de legoa./

Anum, he de duas castas an-/um legitimo<sup>381</sup>, e anum asú<sup>382</sup> todos pretos azevichados/ andaõ enbandos, fazem hum ninho em communi-/dade sem consorcio, e nelle poem todos juntos os/ ovos chocaõ e sustentaõ os filhos em comum sem/ separasam de meo, nem teo; tem as carnes pretas e boas/ para doentes<sup>383</sup>: saõ tidos entre a plebe por pronos-/ticos de senistros acontecimentos./

Japú<sup>384</sup> he ave que vive em/ congregasam sem consorcio de macho, e femea, esco-/lhem huma arvore mais alta e segura em ella fa-/sem a sua morada como en republica fasendo os/ ninhos huns juntos dos outros a maneira de huns/ sacos tecidos de barbas de pao<sup>385</sup>, palhas, garagoa-

tases//

### Fólio 331r

tases<sup>386</sup> e outras cousas presos estes por hum cordel, tu-/do taõ admiravel mente tecido e fabricado, quenaõ/ ha arte humana que oposa imitar; naquelles seus/ ninhos pousao entodo o anno, e nelles criaõ os filhos/ quando he tempo; tem

<sup>378</sup> “Pavaõ” – Descrição um tanto incorreta do pavó, *Pyroderus scutatus* (Shaw, 1792) (Passeriformes, Cotingidae), pássaro que atinge apenas 46 cm de comprimento e apresenta uma plumagem negra com a garganta coberta de penas vermelhas.

<sup>379</sup> “Tingui” – Segundo Martius (1863), “tegui”, “theú” e “toin-toin” seriam nomes aplicados a *Hyllopezus ochroleucus* (Wied, 1831) (Passeriformes, Grallariidae), pássaro terrícola que de fato apresenta o peito branco pintalgado de marrom e negro, embora não ultrapasse os 13 cm de comprimento. Entretanto, a descrição fomicida sugere uma ave distinta de porte muito maior, que não pode ser identificada com precisão.

<sup>380</sup> “Sorocohá” – Referência a uma das quatro espécies brasileiras do gênero *Trogon* (Trogoniformes, Trogonidae) que apresentam as partes inferiores amareladas.

<sup>381</sup> “Anum legitimo” – Trata-se do anu-preto, *Crotophaga ani* Linnaeus, 1751 (Cuculiformes, Cuculidae).

<sup>382</sup> “Anum asu” – Referência ao anu-coroça, *Crotophaga major* Gmelin, 1788 (Cuculiformes, Cuculidae).

<sup>383</sup> No MS da BNRJ consta: “fazem ninho em bandos tãobem, e nele põem todos juntos os ovos, chócão e sustentão os filhos em comum; tem as carnes pretas, e saudáveis” – Embora assinale com notável precisão os ninhos coletivos construídos pelos anus brasileiros (Cuculiformes, Cuculidae), a passagem em questão causa surpresa por caracterizar a fétida carne dessas aves como “saudável”. O *Cozinheiro nacional* (Anôn., [1889] 2008:281) declara: “O anu-preto é uma ave do Brasil que só se nutre de carrapatos e, por isso, a sua carne tem uma catanga tão forte, que não é apetecida por ninguém; os camponeses, porém, asseveram que a sua carne tem a propriedade de curar a asma, a sífilis inveterada e as verrugas”.

<sup>384</sup> Termo geral aplicado a diversos representantes dos Icteridae (Passeriformes).

<sup>385</sup> No MS da BNRJ: “a maneira de huns sacos tecidos de cabelos de páo” – Ao mencionar os “cabelos-de-pau”, o autor provavelmente pretendia referir-se às hastilhas da “barba-de-velho”, *Tillandsia usneoides* Linnaeus, 1762 (Bromeliaceae), material muito utilizado pelos icterídeos na construção de seus ninhos suspensos (Huber, 1902; Sick, 1957).

<sup>386</sup> Caraguatás. Nome aplicado a diferentes bromélias.

as carnes negras fectidas e/ desabridas, são de quatro expecias, Japú asu<sup>387</sup> de/ duas castas, e Japu merim outras duas, destes são huns pretos manchados de amarelo<sup>388</sup> grandes musicos/ fasem todos juntos huma suave e divertida armo-/nia en que seocupã a mayor parte do dia lou-/vando seo Creador.<sup>389</sup>

Picapao<sup>390</sup> ave maravilhosa de/ seis castas os mayores como huma galinha e os mi-/nimos como hum pinto, huns pardos outros pretos ou-/tros pintados de preto e branco, huns com topete/ incarnado outros com elle amarelo, e outros branco;/ andaõ aos casais, com tal propriedade que com/ os bicos broqueaõ hum pao mais duro que seja/ fasem huma concavidade adonde moraõ e criaõ/ os filhos e quando nisto seocupam fasem hum es-/trondo<sup>391</sup> como de hum atabaque, tem as carnes negras/ desabridas./

Alecto<sup>392</sup> he huma ave fermo-/sissima do grandor de huma Perua vestida de fer-/mosas plumas, amarelas, brancas, e pardas as carnes/ boas e saborosas; habitantes das costas do mar do sul/ fasem os naturais tantas estimasaõ della, que the sua/ vista tem por pronostico de grandes fellicidades;

desta//

### Fólio 331v

desta selebre ave fas mensaõ dom Luis de gongora/ nos seus versos numericos n. 50. vers. 877./

Tu infestador en nuestra Europa nuevo/  
de las aves, nascido Alecto donde/  
entre las conchas oy del sur esconde/  
sus muchos e lusientes rayos, Febo<sup>393</sup>

descreve as habelidades de um Falcam tam bom/ casador, que he o infestador da Europa; que dis/ era capas de hir descobrir o Alecto lá nas costas/ do mar do sul adonde Febo esconde seus lusen-/tes rayos. E enoutro lugar adonde dis que/ os Incas de Cusco andavaõ vestidos de pedras/ preciosas, e os reys mexicanos de penas destas aves./

Que al preciosa mente Inca desnudo/  
y al de plumas vestido Mexicano<sup>394</sup>

Motum he ave do grandor/ de huma Perua, ha de duas castas huma he a fe-/mea salpicada de preto e branco, e o macho todo/ preto com huns penachos sobre as cabeças<sup>395</sup> muito/ lindos e engrasados, a outra aque chamamos Motum/

<sup>387</sup> No MS da BNRJ: “Japúasú preto com o rabo amarelo” – Provável referência ao João-congo, *Psarocolius decumanus* (Pallas, 1769) (Passeriformes, Icteridae).

<sup>388</sup> Aplicado normalmente ao guaxe *Cacicus cela* (Linnaeus, 1758), essa denominação parece ter sido estendida pelo autor a outro ictérica de pequeno porte.

<sup>389</sup> No MS da BNRJ consta ainda: “Japúiras” – Embora esse nome indígena seja geralmente aplicado ao João-congo, *Psarocolius decumanus* (Pallas, 1769), o conteúdo da passagem sugere um outro ictérica (Passeriformes, Icteridae) de canto mais melodioso, quiçá o guaxe, *Cacicus cela* (Linnaeus, 1758) (Passeriformes, Icteridae), que também apresenta uma plumagem colorida de amarelo e preto.

<sup>390</sup> “Picapão” – Demasiado vaga para permitir uma identificação positiva, trata-se de referência bastante geral relativa às diversas espécies de picapaus existentes no Brasil (Piciformes, Picidae).

<sup>391</sup> Na verdade, essa passagem parece dizer respeito ao chamado “tamborilar”, ruído muito intenso destinado a demarcar um território ou atrair a atenção de um parceiro que os pica-paus produzem batendo o bico sobre troncos ociosos, madeira seca etc.

<sup>392</sup> “Alecto” – Corrente entre os naturalistas da Antiguidade, a palavra “alecto” (forma latinizada do grego ἀλεκτοῖς) era utilizada para designar o galo doméstico, *Gallus gallus* Linnaeus, 1758 (Galliformes, Phasianidae), e outras aves aparentadas. Malgrado essa mesma expressão tenha sido empregada, pelo menos até meados do século XX, para nomear certos pássaros exóticos como os tecelões africanos (Passeriformes, Ploceidae), não parece impossível supor que o desconhecido autor desse manuscrito pretendesse referir-se aos faisões (Galliformes, Phasianidae) das Índias Orientais.

<sup>393</sup> Poema de Luís de Góngora y Argote (*Soledades* II, 772-778; originalmente publicado em 1613): “Tú, infestador en nuestra Europa nuevo./ de las aves nacido, Alecto, donde/ entre las conchas hoy del Sur esconde./ sus muchos años Febo”.

<sup>394</sup> Ver nota anterior.

<sup>395</sup> No MS da BNRJ: “Motúm [...] hum de q’ a femea hé pedrêz, salpicada de br<sup>co</sup> e preto, e o macho todo preto com huns penachos na cabeça” – Trata-se do mutum-pinima, *Crax fasciolata* Spix, 1825 (Galliformes, Cracidae), espécie muito frequente na Amazônia e Brasil central.

de christa<sup>396</sup>, he preto o macho e a femea com o peito/ branco, tem estes os bicos incarnados como lacre/ com huma piramide da parte de sima que pa-/rese huma christa; vivem huns e outros no cham/ adonde pastaõ e fasem os ninhos, levantaõ os rabos/ que ostem muito fermosos e fasem com elles huma/ roda como os Perus, andaõ aos casaes tem/ as carnes duras mas saborosas não para doente./

Urú<sup>397</sup> por outro nome Capoeira sam/

huas//

### Fólio 332r

huas avesinhas como pombas, andam enchusmas pello/ cham, gravatam comem toda a inmundicia não pasa/ seu voo de quatro the sinco brasas: cantaõ todas jun-/tas fasendo huma grande harmonia que seouve de/ muito longe so mentes [sic] de manhan e de tarde. Fa-/sem todas juntas hum ninho no cham adonde to-/dos lansaõ os ovos chocam e tiraõ os filhos sem/ consorcio, nem distincçam de meo, e teo, apenas saem/ os pintos, ja vaõ acompanhando o bando buscando/ o sustento tam bem como os pais, tem as carnes secas/ e boas para doente./

Sorobá<sup>398</sup> do grandor de hum/ frango pernilongo o peito branco as costas pardas vivem/ no cham pellos matos mais serados goardando a ley/ do consorcio as carnes alvas duras e secas muito boas/ para doentes./

Tocano ha de quatro castas a sa-/ber. Tocano su<sup>399</sup> como huma galinha pequena preto pe-/las costas o peito branco, o bico cor de ouro do tamanho/ do mesmo corpo, outro mais somenos preto com huma/ faixa incarnada pellos peitos<sup>400</sup>; outras de faixa ama-/rella<sup>401</sup>, e os minimos aque chamaõ Arasarhy<sup>402</sup>, tem to-/dos elles os bicos do tamanho dos corpos, os pes como/ de papagayo, todos elles valentes que brigaõ com/ os Gaviuens saqueaõ os ninhos das mais aves rou-/baõlhes os ovos e filhos, vivem ensociedade as car-/nes saborosa [sic] e muito boas para doentes./

Ave dourada<sup>403</sup> habitante das cos-/tas do mar do sul e ilhas adjacentes the as costas/ da Asia, chamada dos Espanhoes Apode, e dos natu-/

rais//

<sup>396</sup> “Motum de christa” – Referência ao mutum-cavalo, *Mitu tuberosa* (Spix, 1815) (Galliformes, Cracidae), ave cinegética encontrada na Amazônia e partes adjacentes do Brasil central.

<sup>397</sup> “Urú por outro nome Capoeira” – Alusão bastante geral às diferentes espécies do gênero *Odontophorus* (Galliformes, Phasianidae), aves florestais e terrícolas muito apreciadas como peças de caça.

<sup>398</sup> “Sorobá” – Provavelmente trata-se do mesmo “suruá” ou “surubá” mencionado vagamente por Tastevin (1923) como um “passarinho”. Contudo, o breve relato fornecido descreve uma espécie de certo tamanho, pernilonga e de hábitos terrícolas que terminaria sendo arrolada junto aos mutuns e urus, detalhe que sugere uma ave de vago aspecto galináceo aos olhos do autor. Não parece impossível supor, portanto, que esse texto diga respeito a um dos papa-formigas de maior porte pertencentes aos gêneros *Grallaria* (Passeriformes, Grallariidae) ou *Chamaeza* (Passeriformes, Formicariidae), que possuem os tarsos longos e hábitos terrícolas, vivem nas brenhas e apresentam um aspecto tal que lhes valeu os nomes populares de “galo-do-mato” ou “pinto-do-mato”.

<sup>399</sup> “Tocano su” – Variante de “tucanoçu”, nome de origem indígena conferido a *Ramphastos toco* Statius Müller, 1776 (Piciformes, Ramphastidae), o maior representante de todos os ranfástidas existentes no Brasil.

<sup>400</sup> Muito vaga para permitir uma identificação conclusiva, essa passagem parece dizer respeito a um dos arajaris pertencentes ao gênero *Pteroglossus* (Piciformes, Ramphastidae), os quais amiúde apresentam o peito atravessado por uma ou mais faixas vermelhas.

<sup>401</sup> Impossível de ser identificada com segurança, essa menção talvez se refira a um tucano de peito amarelo, padrão assinalado em espécies como *Ramphastos vitellinus* Lichtenstein, 1823 (Piciformes, Ramphastidae).

<sup>402</sup> “Arasarhy” – Arajarí; nome tupi conferido aos ranfástidas de pequeno porte pertencentes aos gêneros *Aulacorhynchus*, *Pteroglossus* e *Selenidera* (Piciformes, Ramphastidae).

<sup>403</sup> “Ave dourada” – Clara referência às aves-da-paraíso (Passeriformes, Paradisaeidae), que se tornariam conhecidas no Ocidente sobretudo através de despojos preparados pelos habitantes das “Índias”, que escalpelavam cuidadosamente suas presas e modelavam as peles, já sem qualquer vestígio de carne, ossos e pés, sobre um cilindro de madeira, secando-as na fumaça. Graças a tais espécimens, os europeus terminaram por acreditar que esses pássaros tampouco possuíam carne e ossos quando vivos, devendo ser originários do próprio paraíso terrestre. Segundo as lendas, essas fabulosas aves ápodas passariam toda a vida a voar sem jamais tocar no solo, vivendo apenas do néctar da “árvore das especiarias” e incubando sua ninhada em uma concavidade situada no dorso dos machos. Como os malaios utilizavam essas “aves-da-paraíso” não apenas como ornamento mas como talismã, logo surgiu o acréscimo da “ave divina que protegia os guerreiros na batalha”. Por sinal, “manucodiata” parece derivar do malaio “bolom diauata”, ou seja, “ave divina” (*apud* Pigafetta, 1800; Wendt, 1956).

## Fólio 332v

raes Monocodiata que he o mesmo que diser ave/ do ceo; he do grandor de huma Pomba, feitio de An-/dorinha, sem pes com huma garra sobre o bico por/ donde sedependura nas arvores para pousar; he vestida de amarelo, branco e cor de ouro postas/ estas cores ental proporsam que não parese/ cousa natural mas feita com expecial providen-/cia do creador./ Contaõce destas aves muitas/ fabulas; que nunca sesentaõ, que poem a femea/ os ovos nas costas do macho, que sesustentaõ de or-/valho do ceo e outras tais, tudo isto sem mais fun-/damento que não ter a ave pes./ Perguntaralhes en que pes tem o Morcego; e se a falta delles deixa/ de pousar nos buracos, parir ahi os filhos, e comer/ tudo quanto ha enforma que tudo destroem/ the chupar o sangue dos animais e da gente./

Tem estas aves as pennas tam/ macias como a seda pouosaõ penduradas nas arvores/ criaõ os filhos nos buracos de arvores, e penhascos, sus-/tentaõce dos mosquitos e moscas que sobem da terra/ assim como as andorinhas, de cuja expecia e con-/disam he, tem as carnes gordas e saborosas./

Andorinha<sup>404</sup> ha de quatro castas/ humas grandes pretas com huma colera branca que/ não tem pes, vivem nas montanhas pousando sobre/ os penhascos, que formaõ huns grandes bandos, e nunca/ chegaõ as casas<sup>405</sup>; outras pretas que vivem nas casas/ e penhascos, outras pardinhas, e outras branquinhas/ amigas dos rios e brasos de mar<sup>406</sup> fasem os habitacolos/ pellos barancos dos rios e penhascos; sustentaõce todas/

de mos-//

## Fólio 333r

de mosquitos e moscas que no ar apanhaõ sem que/ nas arvores nem no cham colham cousa alguma; as car-/nes não são capases de secomerem./

Sarça<sup>407</sup> he avesinha vermelhasa/ que andaõ de duas aos casaes que vivem nas tores/ casas e penhascos, com as mesmas condisoens da An-/dorinha./

Corvos são de tres expecias/ a saber os que andaõ enbandos<sup>408</sup> e juntaõce em toda a par-/te e lugar enprocura das podridoens; Urubú que/ chamamos corvo dos grandes<sup>409</sup>, que andaõ sollitarios/ de hum a hum com os bicos e pes vermelhos e corais pela/ cabeça que não tem nella penas, e não chegaõ as po-/dridoens comem gafanhotos e cobras; e o corvo branco<sup>410</sup>/ que tem so mentes [sic] os encontros das azas pretos, e todo/ o mais corpo branco, o bico incarnado, os olhos grandes/ e fermosos, ave muito airosa e galante; comem tam-/bem nas podridoens mas nunca se juntaõ enbando/ nem semesturaõ com os demais, as gentes vulgares/ daõlhes estimasaõ aos bicos commullandolhe hum a-/ranzel de virtudes de que nunca fis caso; e so/ afirmo o mester dos chamados Urubus ou Corvos dos/ grandes, cujas carnes são boas para os tísicos, e as/ banhas melhores para estender os nervos incolhidos/ e desfaser tumores, por ser finissima que tudo tras-/pasa, as carnes de todos elles pretas e fetidas; tem/ todos o olfato tam vivo que fareja de muitas le-/goas não

<sup>404</sup> “Andorinha” – Demasiado sucinta para permitir uma identificação positiva, essa passagem talvez se refira às andorinhas do gênero *Progne* (Passeriformes, Hirundinidae), que costumam frequentar as habitações humanas.

<sup>405</sup> Referência sucinta que tanto poderia ser atribuída a verdadeiras andorinhas (Passeriformes, Hirundinidae), quanto a andorinhões (Apodiformes, Apodidae).

<sup>406</sup> Trecho muito vago, passível de ser atribuído inclusive às andorinhas dos gêneros *Tachycineta* e *Atticora* (Passeriformes, Hirundinidae), que vivem amiúde nas proximidades da água, chegando mesmo a ser encontradas à beira-mar.

<sup>407</sup> “Sarça” – Passagem um tanto obscura que parece dizer respeito não a uma verdadeira andorinha (Passeriformes, Hirundinidae), mas ao birro, *Hirundinea ferruginea* (Gmelin, 1788) (Passeriformes, Tyrannidae), pássaro de plumagem castanho- avermelhada que habita os telhados e os rochedos.

<sup>408</sup> “Corvos (...) os que andaõ enbandos” – Ao que parece, essa seria uma breve referência ao urubu-preto, *Coragyps atratus* (Bechstein, 1793) (Cathartiformes, Cathartidae), o mais comum de todos os urubus brasileiros.

<sup>409</sup> “Urubú que chamamos Corvo dos grandes” – Trata-se do urubu-de-cabeça-vermelha, *Cathartes aura* Linnaeus, 1758 (Cathartiformes, Cathartidae).

<sup>410</sup> “Corvo branco” – Alusão ao urubu-rei, *Sarcoramphus papa* (Linnaeus, 1758) (Cathartiformes, Cathartidae).

só as podridoens como tudo o mais./  
 Gralha<sup>411</sup> ave parllera manchada/

de//

## Fólio 333v

de preto e branco ha de tres castas que todas andaõ enban-/dos, as mayores de todas que sam do tamanho de hum corvo./ ouvenselhes os gritos de huma legoa; o diserem/ seo canto he pronostico de sinistros socesos, naõ he só da gente brasilica, como tambem foy dictame dos do velho/ mundo. Virg. eglog. 1. vers. 18 [sic, 19]./

Sepé sinistra cava praedixit ab ilice cornix<sup>412</sup>/

e na egloga 9. vers. 15/

Ante sinistra cava monuisset ab ilice cornix<sup>413</sup>/

Horacio lb. 3 ode 17/

Aquae, nisi fallit augur/

annosa cornix<sup>414</sup>

Chamalhe annosa por que disem que vive septe centos/ annos Plinio lb. 7 Hesiodo nat./ cap. 48<sup>415</sup>. perguntara-/lhes eu a estes escriptores ou fabulladores seacharaõ/ alguma gralha com sertidam de idade tirada do bap-/tisterio ou que testemunhas acharaõ diso. Sam humas dos/ matos, outras dos campos. Sam todas abundosas de pen-/nas, faltas/ de carnes, e estas pretas idiondas./

Ema<sup>416</sup>, ou Avetrus querem alguns sejaõ/ diferentes expecias, e naõ he senaõ tudo huma, diferençaõce/ as da America das Africanas, enterem estas as penas mais fer-/mosas para penachos, e aquellas mais esfarrapadas. Desta/ ave fala Job. Cap. 39. n. 17<sup>417</sup>: privavit eam Deus sapien-/tia, nec dedit illi intelligentiam. Esta falta de saber/ intendem alguns que he por esconder a cabeça deixan-/do o corpo descoberto quando seve perseguida de casado-/res<sup>418</sup>, e por que seesquese dos ovos e osdeixa ao desem-/paro, e assim o escreve Plinio: Strutionem tantae esse sto-/lliditatis ut abscondito inter frutices colo, putat totam/ latere<sup>419</sup> - e em outro lugar: Strutionem non cubare su-/per ova, sed ponere sub sabulo in mense Julii quo/

pa-//

<sup>411</sup> “Gralha” – Muito superficiais, os comentários do autor poderiam ser atribuídos tanto às verdadeiras galhas (Passeriformes, Corvidae), quanto às aves de rapina do gênero *Daptrius* (Falconiformes, Falconidae), que vivem em bando e promovem grande gritaria, recebendo o nome de “gralhão” no norte do país.

<sup>412</sup> Virgílio, *Bucólicas* Ecloga I, 19: “*Saepe sinistra cava praedixit ab ilice cornix*”.

<sup>413</sup> Virgílio, *Bucólicas* Ecloga IX, 15: “*Ante sinistra cava monuisset na ilice cornix*”.

<sup>414</sup> Horácio, *Odes* III, xvii: “*aquae nisi fallit augur annosa cornix*”.

<sup>415</sup> Atribuído a Hesíodo, o poema intitulado Preceitos de Quíron menciona que “uma gralha tagarela vive nove gerações de homens idosos”. No entanto, a fonte utilizada foi a própria *Historia Naturalis* (Livro VII, capítulo 49), que menciona: “*Hesiodus, qui primus aliqua de hoc prodidit, fabulose, ut reor, multa de hominum aevo referens cornici novem nostras attribuit aetates, quadruplum ejus cervis, id triplicatum corvis*”, ou seja: “Hesíodo, que primeiro lançou algumas observações sobre essa matéria, colocando muitas criaturas acima do homem quanto à longevidade – penso que de forma fabulosa – atribui nove de nossas vidas à gralha, quatro vidas de gralha aos cervos e três de cervos ao corvo”.

<sup>416</sup> “Ema” – Trata-se da *Rhea americana* (Linnaeus, 1758) (Struthioniformes, Rheidae).

<sup>417</sup> *Liber Job* 38, 17: “*privavit enim eam Deus sapientia nec dedit illi intelligentiam*”.

<sup>418</sup> A crença de que os avestruzes tolamente enfiam a cabeça na areia para escapar do perigo subsiste até os dias de hoje, tendo originado expressões as mais diversas.

<sup>419</sup> Um tanto confusa, a passagem em questão na verdade reproduz um trecho encontrado no capítulo 39 da *Opera Omnia quotquot in Sacra Scripturae expositionen reperiuntur* de Thomas de Vio Caietanus (1639).



## Fólio 334r

parit ova ex beneficio calloris solis foveri, atque gi-/gni ex ovis struthiunculos<sup>420</sup>. Motivos por que poem/ Valdecebro esta ave no governo geral político, e moral/ das aves por simbolo da necidade<sup>421</sup>./

O nome de Struthio no latim signifi-/ca o Avetrus<sup>422</sup>, e sam as mesmas Emas deque tratamos; mas as/ propiedades que dellas escrevem, sam muito alheas, des-/tas aves, a de esconder a cabeça e deixar o corpo a mostra/ achace só na Perdis, e a de esqueserse dos ovos, só nas cobras, lagartos, e peixes, e enanimal perfeito nenhũ/ assim que intendo fallou o sancto Job de outra ave/ que teria este nome, e não das Emas como as que/ seachaõ nestas regioens./

Sam estas as mayores que creou/ a natureza chegaõ a igoalar o corpo de hum novillo/ de dous annos, e muito mais altura pellas longas/ pernas deque sam doptadas; posta empe estenden-/do o pescoso alcança com o bico en altura de doze/ palmos; corem tam velloses procurando sempre o vento/ pella traseira, que não ha outro algum que aigoa-/lle, e quando vem os cavalleiros ou caens que as/ perseguem, vaõ sobre ellas, viraõ noutra volta bus-/cando sempre o geito ao vento com huma alevantada/ corendo a bollina, isto com tal prestesa que a pes/ fasense invenciveis, sam incapases de formar voo pe-/lo grande corpo, e incapacidade das pernas; matao-/ce/ de cillada escondido o casador no capim, ou ampado [sic]/ de hum escudo formado de ramos que chamaõ/ baya, levado no braso esquerdo, e a espingarda na/ maõ direita; e tudo isto hade ser de sota vento, que/ de outro lado conhese pello faro de muito longe e po-/

ense//

## Fólio 334v

ense encobro, da hum ronco que seouve de muito longe./ e atemorisa quem não sabe o que hé./

Ingole tudo quanto ve com os o-/lhos capas de lhecaber pella goela, paos, pedras/ ferros, bichos, folhas, flores, fructos e tudo o mais que/ acha; tudo dirige [sic] não tem papo como outras aves/ mas huma via lheleva o que ingole a moela adon-/de tudo recolhe, e dirige [sic]; esta moela seca feita/ enpo bebido, desfas as pedras da beixiga que impe-/dem a urina; goardaõ a ley do consorcio, mas não/ castidade por que andaõ aos casais, e no tempo enque sega-/laõ juntaõce muitos machos atras da femea fasendo/ grandes pendencias, atirando bicadas, e reparandoce/ com uma aza deque fas rodela<sup>423</sup>./

Não entraõ em matos vivem nos/ campos fas cada casal o seo ninho na terra solta/ que com os pes e bico cavaõ mexem, e moem que/ lhes não fique terrão algum; limpaõ ao redor do ni-/nho sinco e seis brasas que lhes não fique capim al-/gum, por lhes não chegarem os fogos dos campos que/ actual mente ardem no tempo da seca; este ninho sem-/pre hé debaixo de algumas arvores que o impare/ do rigor do sol, poem huma so ves no anno que he de/ Março the Agosto, de cada postura oyto the des/ ovos, chocaõnos alternada mente ora o macho ora/ a femea por espaso de quarenta dias, e quando/ saem a pastar nunca seafastaõ muito delles./

Tirados os pintos cobertos de hum/ pello muito macio saem tam moles que senaõ po-/

en//

<sup>420</sup> Malgrado derive do *Liber Job* (39, 14), a sentença “*Scribunt Physici struthionem non cubare super ova, sed ponere ova sua sub sabulo in mense Iulii quo parit ova, & beneficio caloris Solis foveri atque gigni ex ovis struthiunculos*” também está presente no capítulo 39 da *Opera Omnia quotquot in Sacra Scripturae expositionen reperiuntur* de Thomas de Vio Caietanus (1639), que parece ter sido a fonte utilizada no caso.

<sup>421</sup> Ferrer de Valdecebro (1728: 313): “[El Avestruz] no tiene solo de necio el ocultar la cabeza, y parecerle que està encubierto todo (siendo tan excessivamente grande el cuerpo, y dexandole descubierta) sino que quando và hàcia unido en el tempo de la cria de sus polluelos, se và recatando de que no le vean, y para esso alarga mas el cuello disforme que tiene, y estende las alas. Su necidad la pondera Job, diciendo, que le privò el Señor de sabiduria, y no le diò ninguna inteligencia: *Nec dedit illi intelligentiam* [Cap. 39. v. 17]. Los necios piensan que nadie les alcanza sus designios, y sacandolos à la plaza de el mundo, para que todos los vean, presumen que nadie los vè, necidad quadrada, que de quatro partes se assienta”.

<sup>422</sup> Na realidade, *avestruz* vem de “ave struthio”.

<sup>423</sup> Pequeno escudo redondo.

## Fólio 335r

enpe the quinse dias pasando aquelles primeiros/ sinco the seis sem comer cousa alguma, e dahi en-/diante, sustentaõce nos mosquitos, moscas, e bespas, que/ sejuntaõ a comer nos ovos que goraraõ, que sem-/pre saõ dous ou tres, para cujo fim os quebraõ/ os pais com os bicos; pasados quinse dias poense en-/pe acompanhao-nos corendo montes e valles, ingolin-/do tudo que achao, andaõ juntos nesta congre-/gasam the hum ano que he tempo de tornarem/ os pais a forjar outra ninhada, que entaõ seapar-/taõ os filhos a faser o mesmo./

Os ovos sam bem conhecidos, pelo/ uso de os porem nas cordas das alampadas; estes saõ/ huma pura manteiga fregense com a mesma que ensi/ tem, ingordaõ muito enforma que as vezes senaõ po-/de comer a carne por muito gorda, sam tenras e sa-/borosas desabridas para doentes; achaõce as veses ma-/gras com feridas a maneira de sarnas; fasemse do-/mesticas e multiplicaõ encasa, mas ninguem as quer/ mansas pellos prejuisos que causaõ ingolindo tu-/do quanto achaõ; principal mente os pintos das ga-/lilhas que lhes não escapaõ. Estas sam as Emas/ ou Avestruses da America que entoda ella se achao/ adonde ha campos, e campestes [sic]; e destas não tiveraõ/ noticia Plinio, Eliano, e outros, para escreverem/ a verdade do que sam./

Sariema<sup>424</sup> he expecia de Ema/ e muito mais pequenas, chegaõ ao corpo de hum Peru/ e as pernas mais longas, imitaõ entudo as demais Emas/

exce-//

## Fólio 335v

excepto no canto que he diverso e ouvese de longe, e en/ darem seo voo de duas e tres brasas./

Gaviaõ sam tantas as divercidades des-/tas aves que lhenãõ pude faser numero certo e mui-/to menos nomealas todas por proprias nominasoens, no/ idioma patrio sam todos chamados por generica nomi-/nasam Toató<sup>425</sup>, e algum [sic] poucos por nomes expeciais,/ que Oapacani<sup>426</sup>, Andahe<sup>427</sup>, Grogotori<sup>428</sup>, Zebele<sup>429</sup>, Cricri<sup>430</sup>, Tapema<sup>431</sup>, Apohy<sup>432</sup>, Macaoan<sup>433</sup>, não tendo os demais/ outro nome que Gavioens, diversos em cores pinturas/ e corpolencias; o mayor e mais digno de reparo o Grogoto-/tori do grandor de hum Peru preto todo com humas/ manxas brancas no peito, e nas pontas das azas, e da/ cauda; hum penacho na cabesa muito alto e feroso,/ he esta ave huma expecia de Aguia, entudo seme-/lhante a ellas, engrandor, forma e costumes./

Cricri he pequeno de duas castas/ huns pedreses, e outros pretos pellas costas o peito branco/ semelhantes huns e outros aos Falcoens da Europa. Macaoan he oraculo da gente commua ignorante/ que quando os ouvem cantar tem

<sup>424</sup> “Sariema” – Trata-se da seriema, *Cariama cristata* (Linnaeus, 1766) (Gruiformes, Cariamidae).

<sup>425</sup> Nome de origem tupi aplicado aos gaviões em geral (Falconiformes, Accipitridae).

<sup>426</sup> “Oapacani” – Variante de “japacanim”, nome tupi conferido às diferentes espécies de aves de rapina pertencentes aos gêneros *Spizaetus* (Falconiformes, Accipitridae).

<sup>427</sup> “Andahe” – Variante de “indaié”, nome tupi aplicado, sobretudo ao gavião-papa-pinto, *Rupornis magnirostris* (Gmelin, 1789) (Falconiformes, Accipitridae).

<sup>428</sup> “Grogotori” – Autores como Martius (1863), Goeldi (1894) e Pinto (1938) atribuem o nome “grogotori” ou suas variantes a rapineiras de médio porte como o pinhé, *Milvago chimachima* (Vieillot, 1816), e o gralhão, *Daptrius ater* Vieillot, 1816 (Falconiformes, Falconidae). No entanto, a descrição fornecida por Sáa sugere uma ave muito maior semelhante a uma águia provida de penacho, imagem que se ajusta razoavelmente bem à hárpia, *Harpia harpyja* (Linnaeus, 1758) (Falconiformes, Accipitridae), a maior das aves de rapina brasileiras.

<sup>429</sup> “Zebele” – Essa breve referência não permite qualquer tentativa de identificação, pois o nome “zabelê” e suas variantes sempre foram relacionados exclusivamente ao jáó, *Crypturellus noctivagus* (Wied, 1820) (Tinamiformes, Tinamidae), tinâmica que não guarda qualquer semelhança com uma ave de rapina.

<sup>430</sup> “Cricri” – Um dos vários nomes conferidos ao quiriquiri, *Falco sparverius* Linnaeus, 1758 (Falconiformes, Falconidae).

<sup>431</sup> “Tapema” – Variante de “itapema”, um dos nomes aplicados ao gavião-tesoura, *Elanoides forficatus* (Linnaeus, 1758) (Falconiformes, Accipitridae).

<sup>432</sup> “Apohy” – Nome também registrado por Martius (1863), para uma ave não identificada, aplicado por Sáa a uma rapineira que tampouco pode ser reconhecida.

por aviso de infaus-/tos acontecimentos; e disem que o bico he contra ve-/neno; e examinando eu se era isto certo, não lheachei/ virtude alguma; e vim no conhecimento de que foy/ isto introduzido na vulgaridade só mentes [sic] por/ verem ser estas aves grandes casadoras das cobras/ tomando por fundamento, que o não lhes faser damno/ o veneno dellas he por ter no bico o defencivo, sem ad-/vertirem que ese defencivo não está no bico, nem/ he por/ ser antidotivo, mas sim quallidade contra-

ria//

## Fólio 336r

ria a das cobras que por iso lhes não não [sic] impese/ mas antes prevalese contra ellas, ental forma que basta/ tocarlhes para logo selhesrenderem, servindolhes este/ curativo só para elles, e para mais nenhum vivente./

Cabore<sup>434</sup> gavião sito do tamanho/ de uma rola pardinho, escondese enhuma raminha/ feixada, e alli da quatro asobios a sua moda; a cujo/ aviso, juntaõcelhe os passarinhos pequenos de todas/ as variedades, alli oscocaõ fasendo huma grande/ harmonia cada hum a seo modo de cantar, desafiando/ a todos pellas sedisoens que actual mente expe-/ rimentaõ deste salteador cosario [sic]; o Cabore que segu-/ro esta do mal que lhe elles podem faser, como estava/ Hercules entre os pigmeos, quando elles mais aselle-/rados escolhe o que lheparese e de hum saltinho faz/ delle presa, e pasto muito a seo salvo, e logo dalli se-/surra deixando o congresso alvorosado enprocura/ da vingança, que já mais alograõ. Os vul-gares/ que isto vem não conhesendo a causa deste facto, di-/sem uns que o Cabore he Rey das aves e por/ iso o vem a festejar; outros disem que procuraõ/ verlhes os olhos que ostem como dous Rubins, e outras/ tais cousas como estas factuas e perluxas./

Outro gavião sito tamanho de-/hum pardal tam ligeiro e atrevido que persegue qual/ quer ave grande aguilhandoa com picadas a leva/ pellos ares a tombos, e chega a ferrarselhe as carnes e viva/ avai comendo the que chega a matalla.<sup>436</sup>

Caracará he expecia de Gavião de/

quatro//

## Fólio 336v

quatro castas<sup>436</sup>, Caracará goasú vermelhaso, outro preto pe-/llas costas o peito branco, outros fuscos arayados, e outros/ todos pretos; he ave mais vil que creou a natureza pois/ sendo de rapina, viva adepenaõ [sic] os passarinhos pequenos/ para das penas faserem os seus ninhos<sup>437</sup>; sem ter elle abe-/llidade nem ahinda para sedefender, quanto mais pa-/ra ofender, sustentace de toda a inmundicia de bichos/ e podridoens, e não fas outra fasanha ensua vida mais/ do que brigar com as cobras, dandolhe bicadas, e repa-/randoce dellas com huma aza feita rodella, the que/ as vem a matar; fasem [sic] domesticos e proveitosos nas casas, por/ gallantes, e por limparem as inmundicias. Tudo o que se-/dis gavião tem as carnes gordas duras, e fectidas./

Coruja<sup>438</sup> chamada no idioma patrio/ Urucurá<sup>439</sup> dos Latinos Noctua e Nycticoras [sic], que hua/ e outra nominasaõ

<sup>433</sup> “Macaoan” – Um dos diversos nomes conferidos ao acauã, *Herpetotheres cachinnans* (Linnaeus, 1758) (Falconiformes, Falconidae).

<sup>434</sup> “Cabore” – Caburé. Provável referência a *Glaucidium brasilianum* (Gmelin, 1788) (Strigiformes, Strigidae).

<sup>435</sup> Em lugar deste parágrafo, no MS da BNRJ constam estes outros dois: “Gavião do mesmo tamanho da Andorinha” (Referência um tanto truncada ao chamado urubuzinho, *Chelidoptera tenebrosa* (Pallas, 1782), um *Bucconidae* (Galbuliformes) de plumagem negra com o uropígio branco frequentemente confundida com uma rapineira) e “Outro do tamanho de hum pica-flor” (Ao que parece, esta seria mais uma versão fantasiosa das notáveis habilidades venatórias do cauré, *Falco rufigularis* Daudin, 1800 (Falconiformes, Falconidae), o menor dos falcões brasileiros).

<sup>436</sup> “Caracará [...] quatro castas” – Citado por Martius (1863) como “caracará-oçu”, o “caracará asú” mencionado no presente manuscrito deve ser o *Caracara plancus* (Miller, 1777) (Falconiformes, Falconidae). Contudo, o breve relato fornecido pelo autor para as outras três espécies não permite uma identificação.

<sup>437</sup> Passagem bastante estranha, talvez baseada em uma interpretação equivocada dos ataques em massa que os pássaros de pequeno porte lançam contra as aves de rapina.

<sup>438</sup> Coruja – As sucintas descrições fornecidas pelo autor não permitem a identificação efetiva da maioria das “corujas” mencionadas nesse manuscrito, categoria bastante abrangente que compreende tanto a suindara, *Tyto alba* (Scopoli, 1769) (Strigiformes, Tytonidae), quanto as corujas propriamente ditas (Strigiformes, Strigidae), bem como os bacuraus e afins (Caprimulgiformes).

<sup>439</sup> Urucurá - Designação comum a diversas aves noturnas, aplicada tanto aos bacuraus (Caprimulgiformes, Caprimulgidae) quanto a corujas como a a suindara, *Tyto alba* (Strigiformes, Tytonidae).

tem a mesma etymologia que vem/ de nox noctis por serem aves nocturnas; ahinda que/ o veneravel prellado dom Alonso tostado<sup>440</sup> Bispo de/ Abulense na expositam do Deuteronomio Cap. 14. n. 15/ e 17 dis que Noctua he a coruja e Nycticoras o Moxo/ e deste he que falla o psalmo 101: Sicut Nycticoras [sic] in do-/micilio<sup>441</sup>. Sam aves de rapina e nocturnas contei de-/las nove castas; as mayores fasem vulto de hum ho-/mem posto enpe pretas pellas costas o peito e cabesa bran-/ca daõ de noite hum berro que seouve duas le-/goas. Outra do grandor de um Peru com a vox submi-/sa; outra he Suindara que tem as gentes da terra/ por espirito malino, outras brancas, outras pretas, ou-/tras pardas, e ou-/tras diversidades./

Jacu//

## Fólio 337r

Jacurutu<sup>442</sup> he curuja sinsenta que can-/ta ao amanheser e anoiteser seo canto, Jacurutú, Jacuru-/tú, e querem alguns que seja o Cúcu da Eoropa, e/ eu digo que tera com ella semelhansa mas naõ que ose-/ja, que o cucu he o que poem os ovos enninho alheyo./

Fer [sic] ova in nidos alienos, qualiter ille/

cui Thalamum prodit uxor adultero [sic]<sup>443</sup>/

e o Jacurutú naõ fas tal cousa fabrica o seo ninho, e/ nelle poem os ovos e cri [sic] os filhos enconsorcio, que he en-/lugares desertos enpantanais, e alagoas./

Urutao<sup>444</sup> he curuja brancasenta ti-/rada a parda e he o verdadeiro Buho de quem fabularaõ os poetas ser filho de Acheronte, e de Chifone/ aquelle imbusteiro que revellou ter Proserpina comi-/do a roman das plunicas [?] pousadas; tido por anun-/ciador de maos socesos./

Foeda que fit volucris, venturi nuntia luctus/

Ignavus Buho, dirum mortalibus omen<sup>445</sup>/

chamado fero, horendo, feyo e agourento; e he tal que/ os Indios quando lhe ouvem a vox ficaõ atemorizados/ e disem que sarta mente algum mao soceso está para/ acconteser, e que quem oaremeda llevem por fogo a/ casa; e naõ core esta moeda só entre Indios senaõ/ tambem entre Portugueses. Fas vulto quasi de hum/ Perú sendo mais a pena do que a carne, a cabesa/ como de hum rapás, e a boca e goela, cabelhe por/ ella a cabesa de hum homem; os olhos como dous/ grandes limoens semelhantes na cor ao topasio,/ de quem dis dom Luiz de gongorra nos versos numericos/ n. 106. - vers. 980<sup>446</sup> senamorão os corvos para lhostira-/

<sup>440</sup> Referência a Alonso Fernández de Madrigal, cognominado El Tostado ou El Abulense, ou em latim Alonsus Tostatus. As passagem a que se refere Saa encontra-se em Tostatus (1596: 81): “Noctuam. *Quae nycticorax dà vel lucifuga, quia de die comparere non audeat pp oculorum teneritudinē & si compareat quis nihil videt: de qua phil. 2. Meta.*”; e mais abaixo, no parágrafo seguinte: “Ac nycticoracem. *Noctua et nycticorax idem sunt vt sup. diximus, & ut plerisq; vā, sed hic ponuntur ut distincta. Melius dicitur cp noctua maior quis est q’ nycticorax, & est coloris albi, nycticorac magis ad coruinā speciem declinat, & coloris medii est vocaturque vulgariter mochuelo, noctua vulgariter lechuza dà*”.

<sup>441</sup> Psalmi 101, 7 “*similis factus sum pelicanos solitudinis factus sum sicut nycticorax in domicilio*”.

<sup>442</sup> “Jacurutu” – Embora autores como Martius (1863) atribuam o nome tupi “jacurutu” ao mocho-orelhudo, *Bubo virginianus* (Gmelin, 1788), o texto em questão na verdade sugere um outro representante desse grupo (Strigiformes, Strigidae) conhecido como “murucututu”, designação onomatopaica que reflete com perfeição as vocalizações de *Pulsatrix perspicillata* (Latham, 1790) e *Pulsatrix koenigswaldiana* (Bertoni & Bertoni, 1901) (Strigiformes, Strigidae). A julgar pela comparação feita entre essa coruja e o cuco europeu, *Cuculus canorus* Linnaeus, 1758 (Cuculiformes, Cuculidae), Saa nunca chegou a por os olhos em um jacurutu.

<sup>443</sup> Referência a Alciato (1577: 240, 1614: 236): “*Cuculi. Emblema LX. Rvricolas agreste genus plerique cucullos/ Cur vocitent, quanam proditae caussa fuit?/ Vere nouo cantat Coccyx, quo tempore vites/ Qui non absoluit, iure vocatur iners./ Fert oua in nidos alienos, qualiter ille/ Cui thalamum prodit vxor adulterio*”.

<sup>444</sup> “Urutao” – Malgrado os óbvios exageros, parece claro que Saa pretendia descrever um urutau de grande porte, possivelmente *Nyctibius grandis* (Gmelin, 1788) (Caprimulgiformes, Nyctibiidae).

<sup>445</sup> Ovídio, *Metamorfoses* VI, 549-550: “*Foedaque fit volucris, venturi nuntia luctus, ignavus buho, dirum mortalibus omen*”.

<sup>446</sup> A imagem de que os brilhantes olhos do mocho, *Bubo bubo* (Linnaeus, 1758) (Strigiformes, Strigidae), atrairiam corvos e falcões é frequente na obra de Luis de Góngora y Argote, sendo vista pelos comentaristas como uma referência ao adágio popular “*cría cuervos y sacarte han los ojos*”. Esse trecho do manuscrito faria alusão ao verso da “Soledad Segunda”, datada de 1614, no qual o poeta diz: “*Más tardó en desplegar sus plumas graves/ el deforme fiscal de Proserpina./ que en desatarse, al polo ya vecina./ la dissonante niebla de las aves:/ diez a diez se calaron, ciento a ciento./ al oro intuitivo, envidiado./ deste genero alado./ si como ingrato no, como avariento./ que a las estrellas hoy de firmamento/ se atrevera su vuelo./ en cuanto ojos del cielo*”.

## Fólio 337v

rem não como ingratos por que não nos criaraõ, mas/ sim por avarentos. Da hum brado com dous quebros/ mais baixos que seouvem de huma legoa; as virtudes/ que destas aves escreveraõ Plinio, Avicena, e outros/ he mais para materias poeticas que para outra cousa./

Bacuráo<sup>447</sup>, ou Curiangú por outro no-/me hé ave nocturna, mas não de rapina; he verdadei-/ra mente aquella Nyctimine deque fazem mensaõ al-/guns escriptores, e fabullaraõ os mitollogicos disendo fora/ huma dama filha del rey Epopéo<sup>448</sup> convertida enave/ pella deosa Palas, por ver sefinava de sentimento de/ se haver juntado com seo proprio pai, motivo por que/ senaõ mostra enquanto dura a lus do sol./

Nyctimine [sic]? Avis illa quedam [sic], sed conscia culpa<sup>449</sup>

filia si fuerit, fit quod Pelopea Thiesti [sic]/

Myrrha suo patri, Nyctimine que suo<sup>450</sup>./

Ha dellas 4 castas mayores, menores, somenos, e mi-/nimas todas fuscas arayadas de pardo e preto, can-/taõ de Agosto the Janeiro, e o mais tempo não, por di-/ferentes voses e sustentidos, seo paseyo he do instante/ enque sepoem o sol the que rompe o dia, por cam-/pos, prayas, areais, e pellos terreiros das cazas; lansaõ/ os ovos no cham sem forma alguma de ninho e ahi os cho-/caõ, tem muita pena e pouca carne, esa gorda e boa./

Sacy<sup>451</sup> he outra avesinha nocturna/ tida e havida não so de Indios como tambem de/ alguns brancos, por espirito máo tam que basta ouvir-/lhe o canto que he Sacy, para ficarem asombrados;/ e não he outra cousa senaõ huma avesita peque-/na que pasea ennoite escura, e como a estas horas/

lhe//

## Fólio 338r

lhenaõ inxergaõ o corpo e so mentes [sic] a vox julgam ser/ espirito e não creatura corporea./

Morcego<sup>452</sup> não vai fora de seo/ lugar pello que tem de ave, e de inimistade/ com o dia chamãõlhe os Latinos vespertilio de vesper/ a cujas horas sahem a campear, della escreveraõ os espe-/culativos muitas propriedades, e nada diceraõ por/ não fallarem nas mais notaveis, sendo os de que fallo os mesmos que seachaõ entodas as ma-/is partes do mundo. Há nestas regioens sinco/ castas de Morcegos, os mayores tem dous palmos/ de uma ponta de aza a outra, os outros mais/ pequenos; parem todos filhos perfeitos nos buracos/ de paos, pedras, e paredes, dam demamar aos filhos/ voaõ com elles pegados ao corpo pensos pellas/ garras, e com elles pendurados vaõ buscar a vida/ comem fructas de toda a quallidade, bebem agoa/ nos rios e alagoas, sam as carnes capases de seco-/merem que dellas fasem apreso os Chinos, Ethyo-/pes, e Indios; e feitos enpó purgante e sendo de-/masiado mata, por donde semostra não terem o ve-/nenno entodo o corpo, mas sim em parte delle./

Tem huma propriedade a ma-/is admirada, que entodo o concurso da natureza se-/acha, e della ainda não

<sup>447</sup> “Bacuráo” – O breve relato fornecido pelo autor não permite a identificação efetiva dos quatro bacurais mencionados nesse manuscrito, termo bastante abrangente que compreende todos os caprimúlvidas. No entanto, cumpre lembrar que os nomes “bacurau” e “curiango” parecem ter origem onomatopaica, refletindo duas vocalizações distintas de *Nyctidromus albicollis* (Gmelin, 1789) (Caprimulgiformes, Caprimulgidae).

<sup>448</sup> Epopeu, rei de Lesbos, que violentou sua filha Nyctimene, transformada em ave por Minerva.

<sup>449</sup> Ovídio, *Metamorfoses* II, 593: “Nyctimenen? Avis illa quidem, sed conscia culpa”.

<sup>450</sup> Ovídio, *Ibis* 361-362: “Filia si fuerit, sit quod Pelopea Thyestae, Myrrha suo patri, Nyctimeneque suo”.

<sup>451</sup> “Sacy” – Referência a *Tapera naevia* (Linnaeus, 1766) (Cuculiformes, Cuculidae).

<sup>452</sup> “Morcego” – Caracterizados como mamíferos desde a Antiguidade, os morcegos amiúde foram colocados junto às aves nos textos dos séculos XVII e XVIII, compondo a categoria mais ampla dos “voláteis”. Infelizmente, o relato fornecido por Saa não permite a identificação das quatro primeiras espécies arroladas nesse manuscrito, embora a quinta provavelmente seja o morcego-vampiro, *Desmodus rotundus* (É. Geoffroy Saint-Hilaire, 1810) (Chiroptera, Phyllostomidae), espécie que dispensa maiores comentários.

<sup>453</sup> Ao contrário do que afirma o autor, os morcegos hematófagos como *Desmodus rotundus* não arrancam pedaços de carne, limitando-se a cortar os vasos superficiais e lamber o sangue que escorre. Tampouco foi comprovado que a saliva desse morcego contenha princípios anestésicos capazes de dificultar a reação da presa.

escreveo escriptor algum<sup>453</sup>/ que he ferrar hum animal destes os dentes em hum corpo/ humano, a saber nos pes, maos, ou orelhas, sacarem/ hum bocado de carne como a cabesa de hum dedo/ e por alli chuparem huma grande porsaõ de sangue/ sem que ouvese ainda pesoa alguma que sentise,

e apa-//

### Fólio 338v

e apanhase este ladrão no furto; estando hum homem des-/perto, e as veses conversando com outros como o eu experimente, causam hum sonno intempestivo sobre natu-/ral incoanto o chupa, que não sente cousa alguma/ senaõ depois que o bicho voa, e achace a pesoa alaga-/da ensangue; o mesmo fasem com os animais que os-/chupaõ destroem e mataõ, sem delles se poderem/ livrar. Seguense as aves aquarias seja a primeira a/

Garsa<sup>454</sup> selebre e decantada tan-/to que já lhederaõ titulo de garça reyal intendo/ que pella candides das cores, ou pella altivez com/ que voa, enque excede a todas as demais aves que/ outra propriedade lhenaõ acho para que logre tal/ epiteto. Há dellas quatro especias as mayores/ postas enpe com o pescoso extendido igoalam hum/ homem de commua altura; estas andam sollitarias/ e as veses de duas enduas, outras mais pequenas/ que andaõ em bandos e sam as comuas que voaõ taõ/ alto e que chegaõ a região enque seperdem de/ vista adonde ave nenhuma chega. Ha outras so-/menos os corpos muito delgados andaõ tambem en-/bando, que chamamos Martelengue<sup>455</sup>, e comem nas podridoens baralhadas com os corvos. Ha outras da cabesa azul<sup>456</sup> que andaõ aos casais, saõ todas aves/ aquarias sustentao-ce de peixes e insetos que secrei/aõ nas agoas. Fasem os ninhos sobre as arvores mais/ altas formados de trosos de paos que levantaõ nas/ garras, poem dous ou tres ovos huma so vez no anno/ saem os filhos cobertos de huma felpa como algodam/ sustentaõ-nos as mais que os machos diso não fasem/

caso//

### Fólio 339r

caso, com peixes que lhes caregaõ para os ninhos, quan-/do chegaõ a voar saõ do mesmo grandor dos pais tem/ as carnes incapazes de secomerem/

Bogoari<sup>457</sup> é do tamanho e feitio/ de huma garsa sinsentos com as penas das azas pre-/tas vivem tambem nas agoas salgadas, e doces, fa-/sem os ninhos e criaõ como as garsas, e tem as carnes/ boas saborosas e muito tenrras; vivem sollitarios/ só seprocuraõ no tempo do coito./

Bigoa<sup>458</sup> tinga he semelhante/ ao Bogoari com o peito e pescoso branco o mais tudo/ preto as carnes tambem boas./

Bigoa legitimo he todo preto/ andaõ enbandos que cobrem as agoas do mar e dos/ rios as carnes negras duras e

<sup>454</sup> “Garsa” – O breve relato fornecido pelo autor não permite a identificação efetiva das quatro espécies distintas de garças mencionadas, sendo este um termo bastante geral que pode ser estendido a quase todos os ardeidas (Ciconiiformes, Ardeidae). Não parece impossível supor, entretanto, que a maior espécie arrolada corresponda à garça-branca-grande, *Ardea alba egretta* (Gmelin, 1789).

<sup>455</sup> “Martelengue” – Não conseguimos encontrar semelhante termo em nenhuma outra fonte. Embora o consumo de carniça tenha sido ocasionalmente registrado para representantes como o jaburu, *Jabiru mycteria* (Lichtenstein, 1819) (Ciconiiformes, Ciconiidae), tal hábito não parece ser corrente entre as garças do Novo Mundo, detalhe que torna possível a suposição de estarmos diante de uma referência demasiado imprecisa a espécies do Velho Mundo como os marabus, *Leptotilus* sp. (Ciconiiformes, Ciconiidae), bem conhecidas por se reunirem em bandos ao redor dos cadáveres.

<sup>456</sup> “Ha outras da cabesa azul” – Demasiado vaga para permitir uma identificação, essa passagem poderia ser atribuída a qualquer garça ou socó que possuísse parte da cabeça anegrada ou azulada em contraste com o resto da plumagem, elenco bastante amplo que poderia incluir tanto espécies como a garça-real, *Pilherodius pileatus* (Boddaert, 1783) e o taquiri, *Nycticorax nycticorax* (Linnaeus, 1758), quanto o arapapá, *Cochlearius cochlearius* (Linnaeus, 1766) (Ciconiiformes, Ardeidae).

<sup>457</sup> “Bogoari” – Trata-se do maguari, *Ardea cocoi* Linnaeus, 1766 (Ciconiiformes, Ardeidae).

<sup>458</sup> “Bigoa tinga e Bigoa legitimo” – Breve referência à fêmea do biguatinga, *Anhinga anhinga* (Linnaeus, 1766) e aos bandos de biguás, *Phalacrocorax brasilianus* (Gmelin, 1789) (Pelecaniformes, Phalacrocoracidae).

fectidas, tem pes como/ de pato fasem os ninhos juntos huns dos outros que/ cobrem as arvores./

Tuyúyú<sup>459</sup> he huma ave dos/ rios e alagoas ão chegaõ as marinhas branca tirada/ a sinsenta, posta enpe com o pescoso estendido igoala/ o homem mais alto que ha a respeito das pernas e pes-/coso, tem a cabesa, bico, e pes pretos, sobem tambem/ com voo tam alto que quasi imitaõ as garsas. Naõ/ só comem peixes como tambem cobras, mataõnas pri-/meiro e mortas as ingolem; tem as carnes duras, e pre-/tas mas de bom sabor, vivem sollitario e por acaso/ sevem dous juntos, e ainda que as veses sevejaõ/ muitos enhuma alagoa, ão he por que seja bando,/ mas por que ahi se ajuntao donde achaõ boa pesca./

Jaburú<sup>460</sup> semelhante ao Tuyuyu/ hé diferente enser mais incorporado, mais tirado a sin-

sen-//

### Fólio 339v

sentos e andarem enbandos, comedores das cobras, e mais/ inmundicias dos campos, e alagoas./

Uratipoca<sup>461</sup> somenos que o Tuyu-/yu, os encontros das azas pretos o demais branco./

Taboyaya<sup>462</sup> do grandor do Tuyu-/yu branco, com os incontros e pontas das azas pretos/ pes vermelhos, grandes fiscais das cobras que mais/ vivem nos campos que nas agoas; as carnes melhores/ que os que ficaõ declarados./

Guraperitica<sup>463</sup> do grandor de huma/ Perua vestida de preto e branco vivem nos campos/ e pantanais ão comem peixes sustentaõ de ervas/ gafanhotos e caramujos./

Nhuma<sup>464</sup> do grandor de hum Peru/ preta toda com huma coleira branca pello pescoso/ da hum rouco como Touro que seouve huma/ legoa e mais, a carne negra exponjosa como bo-/fes. Tem esta ave no alto da cabesa huma corneta/ de materia semelhante a do bico com huma crus na/ ponta que crese the hum gemeo da grosura do talo/ de uma penna das mais grosas; ão nascida do/ casco, mas sim da carne que move para donde quer/ levanta e abaixa. Naselhes tambem encada aza du-/as cornetas curtas e grosas e mais duras que a da ca-/besa isto hé nas juntas das azas, de tres quinas agu-/das, que lheservem de armas com que brigaõ; saõ/ tanto estas como a da cabesa admiravel antidoto/ para todo o veno [sic], para febres, malignas; o que tu-/do esperimetei; como estando huma India sem/

fala//

### Fólio 340r

fala com hum accidente da madre, raspei deilhe/ a beber tornou logo ensi, boa livre da molestia; sus-/tentaõce en ervas mera mente andaõ aos casais, a-/chaõce adonde ha alagoas, e pantanaes; e he a a-/ve de Mexico que disem tem topete de christal./

Taan<sup>465</sup> he expecia de Nhu-/ma parda sem corneta na cabesa que atem pe-/llada, e só tem as das azas; gritaõ estas quando/ seespantam, que atroaõ os ouvidos a gente; e por/ regra certa ao meyo dia meya noite, ao ama-/nheser e anoiteser; histo sem falencia alguma/ andaõ aos casais, tem as carnes como bofes, e achaõ-/celhe nella bichos./

Térotéro<sup>466</sup> he semelhante a esta/ Taan andaõ em bandos pellos campos, gritaõ que atro-/aõ os ouvidos, com

<sup>459</sup> “Tuyúyú” – Provável alusão ao jaburu, *Jabiru mycteria* (Lichtenstein, 1819) (Ciconiiformes, Ciconiidae).

<sup>460</sup> “Jaburú” – Talvez uma segunda alusão ao jaburu, *Jabiru mycteria* (Lichtenstein, 1819) (Ciconiiformes, Ciconiidae).

<sup>461</sup> “Uratipoca” – Provável referência ao cabeça-seca, *Mycteria americana* Linnaeus, 1758 (Ciconiiformes, Ciconiidae).

<sup>462</sup> “Taboyaya” – Referência ao tabuiaia, nome matogrossense para *Ciconia maguari* (Gmelin, 1789) (Ciconiiformes, Ciconiidae).

<sup>463</sup> “Guraperitica” – Talvez uma referência à maria-faceira, *Syrigma sibilatrix* (Temminck, 1824) (Ciconiiformes, Ardeidae).

<sup>464</sup> “Nhuma” – Trata-se da anhuma, *Anhima cornuta* (Linnaeus, 1766) (Anseriformes, Anhimidae).

<sup>465</sup> “Taan” – Referência à tachã, *Chauna torquata* (Oken, 1816) (Anseriformes, Anhimidae).

<sup>466</sup> “Térotéro” – Sem dúvida alguma uma alusão ao quero-quero, *Vanellus chilensis* (Molina, 1782) (Charadriiformes, Charadriidae).

hum penacho na cabeça, e cornetas/ nas azas largaõ os ovos na terra e tujucáis sem for-/ma de ninho e ahi chocaõ, e tiraõ os filhos./

Carám<sup>467</sup> ave parllera habitante/ de allagoas e pantanais, pardo do grandor de huma ga-/llinha tem muito boa carne./

Patos<sup>468</sup> asistentes nos campos/ e alagoas as carnes duras mas saborosas são no seo/ natural todos pretos enefasendo domesticos man-/chaõ de preto e branco./

Marecas<sup>469</sup> de seis diversas ex-/pecias, Arire, queixo branco, picapara, outras pedreses/ outras semelhantes aos Gansos outras pardas, excep-/to a picapara que andaõ aos casais, todas as mais/ andaõ enbando, poem todas juntas os ovos enhũ/

monte//

### Fólio 340v

monte pelas prayas e barancos dos rios de donde saem/ os filhos sem que ellas os cubraõ, e logo procuraraõ as a-/goas adonde vivem e moraõ, tem todas ellas as carnes/ com o gosto e cheiro de peixe./

Curucáca<sup>470</sup> andaõ em bandos pellos/ campos do feito cor e corpollencia das segonhas sem/ diferença alguma, fiscáis das cobras, raans, e mais/ insetos que criaõ os campos./

Ave catinguenta<sup>471</sup> asim chamada/ pello extremo do fectido que tem sam todas verme-/lhas com hũ grande penacho na cabeça o corpo como de/ huma gallinha, andaõ enbandos pellas margem [sic] dos rios/ e alagoas sustentaõce de ervas mera mente seo can-/to de hum gato que resmunga; quem lheschega/ a tocar com a maõ fica injuado por mais de hũ/ mes sem aver defencivo que disimule o fetido./

Masaricos ha de oyto castas ha-/bitantes das marinhas, rios, alagoas, e campos; os cha-/mados matuiras<sup>472</sup> tem boas carnes, os das marinhas cha-/mados Alcyon<sup>473</sup> de que contaõ fabulosidades, como/ he o de chocar os ovos na beira do mar, e os dias alcyoneos/ naõ tenho disto mais serteza do que he porem os/ ovos na area junto da agoa, e ahi

<sup>467</sup> “Carám” – Referência ao carão, *Aramus guarauna* (Linnaeus, 1766) (Gruiformes, Aramidæ).

<sup>468</sup> “Patos” – Alusão ao pato-do-mato, *Cairina moschata* (Linnaeus, 1758) (Anseriformes, Anatidae).

<sup>469</sup> “Marecas” – Sem fornecer maiores detalhes, o texto contenta-se em listar o nome de vários anátidas distintos (Anseriformes, Anatidae), mencionando a ariré ou irerê, *Dendrocygna viduata* (Linnaeus, 1766), a marreca-pedrez ou carijó, *Anas versicolor* Vieillot, 1816, a marreca-parda, *Anas flavirostris* Vieillot, 1816, a queixo-branco, *Anas bahamensis* Linnaeus, 1758 e o marrecão ou ganso, *Neochen jubata* (Spix, 1825). A exemplo de vários outros naturalistas da época, o autor alinha entre os patos umas certas “picaparas”, nome atribuído tanto aos mergulhões (Podicipediformes, Podicipedidae), quanto aos ipequis (Gruiformes, Heliornithidae).

<sup>470</sup> “Curucáca” – Referência à curicaca, *Theristicus caudatus* (Boddaert, 1783) (Ciconiiformes, Threskiornithidae), espécie neotropical comparada pelo autor às cegonhas do Velho Mundo, *Ciconia ciconia* (Linnaeus, 1758) (Ciconiiformes, Ciconiidae).

<sup>471</sup> “Ave catinguenta” – Trata-se da cigana ou catingueira, *Opisthocomus hoazin* (Statius Müller, 1776) (Galliformes, Opisthocomidae).

<sup>472</sup> “Matuiras” – As diversas variantes de “maçarico” e “batuíra” constituem meras designações gerais passíveis de ser aplicadas a quase todos os representantes dos Charadriidae e Scolopacidae (Charadriiformes).

<sup>473</sup> “Alcyon [...] alcyoneos” – Segundo a mitologia, Zeus e Hera transformaram Alcione, filha de Éolo, em uma ave cujo ninho era sempre destruído pela fúria das ondas à beira-mar. Compadecido com esse sofrimento constante, Zeus determinou que os ventos amainassem no período compreendido entre os sete dias anteriores e os sete dias posteriores ao solstício de inverno do hemisfério norte, efeméride observada por volta do dia 21 de dezembro, o que permitiria ao Alcione criar seus filhotes. Nesse período, conhecido como os “dias do alcione”, o mar permaneceria calmo e sem tempestades, não representando qualquer perigo para os navegantes. Ao contrário da maioria dos autores do século XVII (e.g. Kircher, 1675), esse texto não associa o Alcione aos martins-pescadores (Coraciiformes, Alcedinidae), mas sim aos maçaricos (Charadriiformes, Charadriidae e Scolopacidae). Nisto Saa concorda com Monteiro (1765: 337), que diz: “MAÇARICO. Ave Real, aquatica, de côr parda, pernas altas, bico comprido, e rabo curto, a qual habita as margens dos rios, e lugares pantanosos: ha outra especie, que he de corpo menor, e tem a barriga branca, e o bico comprido como a carambola, e grita muito, principalmente de noite, e costuma tambem habitar pelas lagoas: o verdadeiro nome desta ave he *Alcion*”.

<sup>474</sup> No MS da BNRJ consta ainda deste parágrafo a “Alma de Mestre” – De acordo com essa passagem, o autor considera as almas-de-mestre, aves oceânicas pertencentes aos gêneros *Oceanites* e *Oceanodroma* (Procellariiformes, Hydrobatidae), como uma variedade de maçarico de pequeno porte.



cobriremos the sa-/irem os filhos, o que fasem todos os mais.<sup>474</sup>

Ave peixe<sup>475</sup> vive nas agoas do/ grandor de hum arcatras coberto de couro aspero as/ azas compridas de humas membranas como as dos/ morcegos, o bico longo e farpado o rabo estendido fro-/cado como de peixe, surge asima da agua quando/ lheparese, bate as azas, levantace vai aos montes pas-/

tar//

### Fólio 341r

tar, de donde setorna a recolher, achaõce da linha para/ o norte por hua e outra costa./

Curúcurú<sup>476</sup> ave do grandor de huma/ galinha vive nos campos e alagoas tem boas carnes andaõ/ sollitarios por acaso sevem dous juntos./

Socó<sup>477</sup> he ave que vive nas agoas/ de seis diversas castas, Socó asú, Sabaco<sup>478</sup>, Soco merim/ e outros todos sinsentos pernilongos as carnes fetidas./

Martim pescador<sup>479</sup> de quatro ex-/pecias listrados de azul e branco seo canto como hũ/ clarim que toca./

Saracuras<sup>480</sup> sam aves terrestres/ habitantes dos matos, charcos margens do mar e dos/ rios, ha de oyto expecies, vivem enconsorcio tem/ todas boas carnes, humas dellas cantaõ de manhan/ e tarde huma galante musica que seouve ao longe/ fasendo o macho baixo, e a femea contralto, sem perde-/rem o compaso;<sup>481</sup> outras chamadas Saracurusú<sup>482</sup> que/ andaõ em bandos, fasem de noite huma harmonia como/ hum orgam que toca, com diversas voses enboa con-/sonancia, que fas ademirar aquem não sabe o que he./

Goara<sup>483</sup> he ave das marinhas, nas-/ce preto e fase despois incarnado com os pes e bico pre-/tos, andam aos bandos as carnes as carozas [sic]./

Colhereiro<sup>484</sup> aves marinhas, e dos/ rios cor de roza cica do grandor de huma galinha/ e o bico como a maõ de hum homem covo que hade/ ocupar o que leva hum quarto de medida; tem as/ carnes da cor da pena gordas, e saborosas./

Patos de serto expecia pe-/drezes salpicados de branco e preto tem o bico de/

<sup>475</sup> “Ave peixe” – Passagem bastante fantasiosa que parece refletir as lendas sobre monstros desse tipo existentes na América Central, México e partes adjacentes da América do Norte. Relatos nesse sentido perduraram pelo menos até o final do século XIX, tendo levado às mais inverossímeis interpretações, tendo sido atribuídos até mesmo a pterossauros sobreviventes pelos amantes da criptozoologia (teste Garner, 1995).

<sup>476</sup> “Curúcurú” – Provável alusão ao corocoró, *Mesembrinibis cayennensis* (Gmelin, 1789) (Ciconiiformes, Threskiornithidae).

<sup>477</sup> “Socó [...] Socó asú e Soco merim” – De origem tupi, o nome “socó” revela-se demasiado abrangente para permitir qualquer tentativa de identificação, sendo aplicado a diversos Ardeidae (Ciconiiformes). Não obstante, autores como Pinto (1938) registraram os nomes de “socó-grande” e “socó-mirim” respectivamente para *Ardea cocoi* Linnaeus, 1766 e *Butorides striatus* (Linnaeus, 1758).

<sup>478</sup> “Sabaco” – Variante de “savacu”, nome aplicado ao taquiri, *Nycticorax nycticorax* (Linnaeus, 1758) (Ciconiiformes, Ardeidae), que Saa estende a um segundo socó não identificado.

<sup>479</sup> “Martim pescador” – Alusão bastante geral aos martins-pescadores (Coraciiformes, Alcedinidae), grupo representado no Brasil por cinco espécies pertencentes aos gêneros *Megaceryle* e *Chloroceryle*.

<sup>480</sup> “Saracura” – Provável alusão à saracura-três-potes, *Aramides cajanea* (Statius Müller, 1776) (Gruiformes, Rallidae).

<sup>481</sup> No MS da BNRJ consta este parágrafo: Há outras menores, e outras mínimas, e algũas q’ tem crista encarnada na cabeça, e são azuladas”. Além de uma referência demasiado vaga a certas saracuras de menor porte, essa passagem também parece fazer menção ao frango-d’agua azul, *Porphyryla martinica* (Linnaeus, 1766) (Gruiformes, Rallidae).

<sup>482</sup> “Saracurusú” – Variante de “saracuraçu”, nome de origem tupi registrado por Ihering & Ihering (1907) para *Aramides ypecaha* (Vieillot, 1829) (Gruiformes, Rallidae), a maior de todas as saracuras brasileiras. No entanto, a descrição fornecida sugere uma ave bastante distinta, talvez o tapicuru, *Phimosius infuscatus* (Lichtenstein, 1823) (Ciconiiformes, Threskiornithidae).

<sup>483</sup> “Goara” – Guará. Trata-se do *Eudocimus ruber* (Linnaeus, 1758) (Ciconiiformes, Threskiornithidae).

<sup>484</sup> “Colhereiro” – Alusão ao colhereiro, *Platalea ajaja* (Linnaeus, 1758) (Ciconiiformes, Threskiornithidae).

## Fólio 341v

tal quallidade que nelle pode accomodar todo o corpo<sup>485</sup>./

Gaevotas<sup>486</sup>, trinta reis<sup>487</sup>, mergulhoens<sup>488</sup>,/ arcatras<sup>489</sup>, talhamar<sup>490</sup> e outros de menos reparo que ocupaõ/ as prayas do mar, dos rios, e alagoas. Avesinhas musicas/ sam muitas humas conhecidas pellas nominasoens, e outras,/ que por falta dellas senaõ daõ a conhecer. Seja primeiro/

Sabea una<sup>491</sup> chamado dos Portu-/gueses na Europa Melrro, e dos Espanhoes Filomena/ e dos Latinos Filomela, he huma avesinha de mediano/ corpo toda preta, o bico curto, e grosso branco tirado a a-/marelo; estes sam os das costas do Brasil, e dos Sertoens the/ as costas do mar do Sul sam pardos; nesta lemitada crea-/tura mostrou o Creador huma admiravel propriedade/ que he cantar entodo o anno, e todo o dia excepto qu-/ando chove, sem que tome mais tempo para buscar o susten-/to do que pella manhan sedo, e de tarde, forma com a vos/ diversos sustentidos, aremedando todas as demais aves, fa-/sendo quebros, e requebros ental forma que eleva a a-/tensaõ a quem aouve, andaõ solitarios e por lugares/ desertos enmatos mais serrados e agrestes./

Sabea branco<sup>492</sup> sam pardos pellas/ costas o peito branco andam enchusmas pellos campos/ seo canto mavioso e pouco aturado./

Sabea vermelho<sup>493</sup> com as costas par-/das o peito incarnado andaõ aos casais pastaõ no cham/ seo canto alto e pouco aturado./

Melro<sup>494</sup> asim chamado em nosas/ naturallidades he hua avesinha de medeano corpo preta/ com quatro manchas amarelas, nos incontros das azas, e/ coixas, vive pellos lugares mais agrestes enconsorcio/ tem o canto alto suave e aturado, aremedaõ todas as de-/

mais//

## Fólio 342r

mais aves e quantos sustentidos ouvem recolhidos em ga-/yolas encasa aremedaõ the os latidos dos caens e ca-/carejos das galinhas; comem tudo o que selhes dá./

Nhonhoruna<sup>495</sup> he diminutivo do/ Melrro semelhante a elle entudo so diferente enser peque-/nito e ser a femea

<sup>485</sup> Desprezado o óbvio exagero do autor, essa passagem talvez pretenda mencionar o arapapá, *Cochlearius cochlearius* (Linnaeus, 1766) (Ciconiiformes, Ardeidae), ave aquática detentora de um bico bastante avantajado.

<sup>486</sup> “Gaevotas” – Embora devesse restringir-se apenas às gaivotas, notadamente aquelas pertencentes aos gêneros *Larus* e *Chroicocephalus* (Charadriiformes, Laridae), este termo terminou por adquirir uma conotação bastante geral no Brasil, sendo aplicado a qualquer ave marinha.

<sup>487</sup> “Trinta reis” – Termo geral conferido aos representantes dos gêneros *Sterna*, *Thalasseus*, *Chlidonias*, *Gelochelidon*, *Phaetusa*, *Sterna* e *Onychoprion* (Charadriiformes, Sternidae).

<sup>488</sup> “Mergulhoens” – Segundo Pinto (1938), este seria um dos nomes atribuídos ao atobá, *Sula leucogaster* (Boddaert, 1783) (Pelecaniformes, Sulidae).

<sup>489</sup> “Arcatras” – Designação portuguesa um tanto vaga, passível de ser atribuída a várias aves marinhas tão distintas entre si quanto os albatrozes (Procellariiformes, Diomedidae) e os atobás (Pelecaniformes, Sulidae). Entretanto, a julgar por passagens anteriores, Saa assim nomeava as fragatas ou carapirás (Pelecaniformes, Fregatidae).

<sup>490</sup> “Talhamar” – Um dos nomes do corta-água, *Rynchops nigra* Linnaeus, 1758 (Charadriiformes, Rynchopidae).

<sup>491</sup> “Sabea una” – Trata-se do sabiaúna, *Turdus flavipes* (Vieillot, 1818) (Passeriformes, Turdidae), que terminou sendo comparado ao melro europeu, *Turdus merula* Linnaeus, 1758.

<sup>492</sup> “Sabea branco” – Nome geralmente conferido a *Turdus leucomelas* Vieillot, 1818 (Passeriformes, Turdidae).

<sup>493</sup> “Sabea vermelho” – Provável alusão ao sabiá-laranjeira, *Turdus rufiventris* Vieillot, 1818 (Passeriformes, Turdidae).

<sup>494</sup> “Melro” – Trata-se do inhapim, *Icterus cayanensis* (Linnaeus, 1766) (Passeriformes, Icteridae).

<sup>495</sup> Demasiado breve para permitir uma diagnose, semelhante denominação talvez diga respeito a algum Icteridae de plumagem predominantemente preta no macho e parda na fêmea.

parda./

Gaturamo<sup>496</sup> de cinco especies, tee-/te, Gratanhauma, filló, Tibum, e os de coleira tem todos/ as costas pretas, a bariga e huma mancha no topete amare-/lla excepto o filho [sic] que tem a cabeça azul, histo sam/ os machos que as fêmeas de todos elles sam verdes; todos/ musicos singulares andaõ todos enconsorcio./

Sanhasú<sup>497</sup> de cinco castas sinsentos/ azues pardos, manxados listrados, todos musicos./

Virabosta<sup>498</sup> avesinhas pretas que/ andaõ enbandos semelhantes aos estorninos da Europa<sup>499</sup>/ grandes musicos saõ de tres castas, ficais [sic] das sementei-/ras dos milhos, e arosaes que destroem./

Perexixe<sup>500</sup> ave do grandor de hua/ pomba parda com o peito e cabeça branca que parese/ huma freira grande musica suave e aturado./

Bailadeira<sup>501</sup> do tamanho de hua an-/dorinha preta com seo topete, levantace ao ar increspan-/do as penas, cantando, e dando suas voltas com hũ gar-/bo e bisaria digno de admirar, sobe the altura/ de huma tore de donde torna a deser fasendo torneos./

Mariquitas<sup>502</sup> sam avesinhas minimas/ de duas castas pardas as costas amarelo o peito gran-/des musicas, he o que na Europa chamão Golosas [?]./

Canarios<sup>503</sup> andam enbandos gran-/des musicos, perixoes<sup>504</sup>, coleiras<sup>505</sup>, avinhados<sup>506</sup>, bicudos<sup>507</sup>, pin-/

ta//

Fólio 342v

<sup>496</sup> “Gaturamo” – A julgar pelas poucas informações disponíveis, o “filó” seria o gaturamo-filó ou bonito-do-campo, *Chlorophonia cyanea* (Thunberg, 1802) (Passeriformes, Thraupidae), enquanto que os quatro outros nomes mencionados diriam respeito aos gaturamos do gênero *Euphonia* (Passeriformes, Thraupidae), cujos machos apresentam a plumagem negra com a frente e as partes inferiores coloridas de amarelo.

<sup>497</sup> “Sanhasú” – Referência bastante genérica que envolveria sobretudo as várias espécies do gênero *Thraupis* (Passeriformes, Thraupidae).

<sup>498</sup> “Virabosta” – Provável referência ao chopim, *Molothrus bonariensis* (Gmelin, 1789) (Passeriformes, Icteridae).

<sup>499</sup> “Estorninos da Europa” – Referência ao estorninho europeu, *Sturnus vulgaris* Linnaeus, 1758, representante dos Sturnidae que guarda uma vaga semelhança com os pássaros-pretos do Novo Mundo (Passeriformes, Icteridae) por apresentar uma plumagem escura e um bico afilado.

<sup>500</sup> “Perexixe” – Descrição bastante superficial que se ajusta sobretudo às lavadeiras, *Fluvicola* sp. (Passeriformes, Tyrannidae). Como o porte desses pássaros, entretanto, mal se compara ao das menores rolinhas, tampouco parece impossível cogitar que essa passagem represente uma descrição bastante truncada de um outro tiranida de maior tamanho, talvez um representante do gênero *Xolmis*.

<sup>501</sup> “Bailadeira” – Ainda que bastante vaga, essa breve descrição ajusta-se de forma satisfatória ao aspecto e comportamento apresentado pelos machos de certas espécies do gênero *Knipolegus* (Passeriformes, Tyrannidae) durante a reprodução.

<sup>502</sup> “Mariquita” – Segundo autores como Ihering & Ihering (1907) e Pinto (1944), essa designação pode ser atribuída tanto a *Coereba flaveola* Linnaeus, 1758 (Passeriformes, Coerebidae) quanto a *Parula pitayumi* (Vieillot, 1817) (Passeriformes, Parulidae), pássaros de pequeno porte que apresentam as partes inferiores amareladas.

<sup>503</sup> “Canarios” – Vaga alusão a algum representante do gênero *Sicalis* (Passeriformes, Emberizidae).

<sup>504</sup> “Perixoes” – Talvez uma variante de pixoxó, nome aplicado a certos pássaros canoros da família Emberizidae. Contudo, certos autores mencionam uma ave denominada “perexixe” que poderia ser uma lavadeira, *Fluvicola* spp. ou outro Tyrannidae semelhante.

<sup>505</sup> “Coleiras” – Designação geral conferida a diversos representantes do gênero *Sporophila* (Passeriformes, Emberizidae), dizendo respeito sobretudo às espécies cujos machos ostentam uma contrastante faixa anegrada no peito.

<sup>506</sup> “Avinhado” – Um dos nomes do curió, *Oryzoborus angolensis* (Linnaeus, 1766) (Passeriformes, Emberizidae), que o autor parece utilizar para referir-se a um outro pássaro mais aparentado às coleiras.

<sup>507</sup> “Bicudo” – Neste caso trata-se do curió, *Oryzoborus angolensis* (Linnaeus, 1766) (Passeriformes, Emberizidae).

<sup>508</sup> “Pintasilvo” – Semelhante designação sugere *Carduelis magellanicus* (Vieillot, 1805) (Passeriformes, Fringillidae), embora esse pássaro não apresente uma plumagem listrada na acepção da palavra.

<sup>509</sup> No MS da BNRJ: “Tié (...) macho encarnado e a fêmea mais banca”. Trata-se provavelmente do tiê-sangue, *Ramphocelus bresilius* (Linnaeus, 1766) (Passeriformes, Thraupidae).

<sup>510</sup> No MS da BNRJ: “Tié (...) de outra hé o macho preto, e a fêmea parda”. Possível referência a uma das espécies do gênero *Tachyphonus* (Passeriformes, Thraupidae).

<sup>511</sup> “Sahy” – Termo geral passível de ser aplicado a diversos pássaros de pequeno porte e plumagem colorida pertencentes aos Thraupidae (Passeriformes).

<sup>512</sup> “Bemtevi” – *Pitangus sulphuratus* (Linnaeus, 1766) (Passeriformes, Tyrannidae).

<sup>513</sup> “ja he dia” – Referência demasiado vaga que provavelmente equivale ao atual “maria-é-dia”, nome aplicado tanto a certas tiranidas (Passeriformes, Emberizidae) como *Xolmis cinerea* (Vieillot, 1816) e *Elaenia flavogaster* (Thunberg, 1822), quanto ao tico-tico, *Zonotrichia capensis* (Statius Müller, 1776) (Passeriformes, Emberizidae).

tasilvos<sup>508</sup>, tihe de tres castas incarnados<sup>509</sup>, pretos e pardos<sup>510</sup>,/ Sahy<sup>511</sup> de oyto castas todas avesinhas musicas e galan-tes: Bemtevi<sup>512</sup> que pronuncia clara e destinta mente/ esta palavra: bemtevi; outra que grita ja he dia<sup>513</sup>/ repetindo muitas vezes, outra que dis ade chover<sup>514</sup>; ou-/tra: triste dia<sup>515</sup>; outra bem teconheso bem te conheso<sup>516</sup>,/ outro que dizem: poriso eu digo, poriso eu digo<sup>517</sup>, outra:/ ó rapás, ó rapás<sup>518</sup>, outro que grita, João corta pao<sup>519</sup>, tão/ alto e elegante com vox de gente humana, outras do/ tamanho de pombas com os bicos incarnado andaõ en-/chusmas grita hum: como estais fermoso, responde ou-/tro sim sim por serto<sup>520</sup>, tudo isto he ensuma que sefor-/mos a diser tudo que temos visto de avesinhas nestas regio-/ens faltarnosha a vida antes que digamos tudo./

Pica-flor<sup>521</sup> diminutivo das aves/ e demais ademirasaõ de quantas creou o Supremo Autor/ ha de sinco castas, os minimos não pasaõ do articulo/ de hum dedo com azas e tudo, huns pretos outros ver-/des outros dourados, e com tal propriedade dodos elles/ que quando lhesda o sol mostraõ quantas cores há/ os biquinhos incarnados as penas olhos unhas indivi-/siveis com tal perfeisam que pasma ademirasam, saõ/ velloses no voo que senaõ vem senaõ pelo estrepito/ que fasem; sustentaõce da melfluidade das flores e bi-/chinhas que a ellas chegaõ sem que tenhaõ outro pasto algũ/ vivem enconsorcio fasem ambos o ninho como a metade/ da casca de hum ovo de galinha fabricado com tal perfei-/sam que não haverá artifice humano que tal cousa/ posa imitar adonde criaõ os filhos. Esta he avesita que/

de in-//

### Fólio343r

de inverno prega o bico no tronco de huma arvore e alli está/ dependurado the chegar a primavera, como escreverã Frei odorico<sup>522</sup> no seo tratado das maravilhas do mundo, e val-/decerebro [sic] no governo geral, moral, e pollitico das aves<sup>523</sup>/ escreveram estes escriptores a maravilha mas não alcan-/saraõ o motivo, e he: que isto fasem nas terras septentri-/onais e austrais fora dos tropicos adonde o inverno tu-/do acaba, e como o sustento destas avesinhas he só das/ flores

<sup>514</sup> No MS da BNRJ: “Hoje hade chover”. Trata-se provavelmente da mesma “mãe-de-chuva” ou “amanacy”, ave registrada por Stradelli (1926), que não logramos identificar até o momento.

<sup>515</sup> “Triste dia” – Referência bastante vaga que poderia ser tentativamente atribuída à triste-pia, *Dolichonyx oryzivora* (Linnaeus, 1758) (Passeriformes, Icteridae), ou talvez ao triste-vida ou triste-sina, dois dos vários nomes onomatopaicos conferidos ao bem-te-vi, *Pitangus sulphuratus* (Linnaeus, 1766) (Passeriformes, Tyrannidae).

<sup>516</sup> “Bem te conheso” – Possível referênci ao bem-te-vi, *Pitangus sulphuratus* (Linnaeus, 1766) (Passeriformes, Tyrannidae).

<sup>517</sup> “Poriso eu digo, poriso eu digo” – Não identificado.

<sup>518</sup> “ó rapás, ó rapás” – Vocalização típica do narcejão, *Gallinago undulata* (Boddaert, 1783) (Charadriiformes, Scolopacidae).

<sup>519</sup> “João corta pao” – Vocalização típica do *Caprimulgus rufus* (Boddaert, 1783) (Caprimulgiformes, Caprimulgidae).

<sup>520</sup> “Como estais fermoso – sim sim por certo” – Descrição bastante acurada das cantorias coletivas promovidas pelos bicos-de-brasa, *Monasa* spp. (Piciformes, Bucconidae).

<sup>521</sup> Dessa referência bastante geral a várias espécies de beija-flores (Apodiformes, Trochilidae), parece possível identificar apenas *Florisuga fusca* (Vieillot, 1817), único representante a apresentar a plumagem negra.

<sup>522</sup> Não localizado.

<sup>523</sup> Ferrer de Valdecebro (1728: 289-290): “De las plumas [de papagayos] hacian en el descubrimiento de las Indias [Occidentales], sobremesas, cortinas, y aun tapicerias de estraña hermosura, porque hacian los colores maridage tan hermoso, y tan vistoso, que ni la diferencia de las flores del mas cultivado jardin hacian lisonja à los ojos, que esta fabrica de plumeria. (...) Dexaron este linage de fabrica los Indios, y emprendieron la de hacer laminas de plumeria, y no gastan mucha de Papagayos, sino de unos paxarillos, que aunque son muy desmedrados, y pequenos, visten mucha, y mui hermosa pluma. A estos les sucede una cosa tan estraña, que à no ser yà tan comun, y ofrecerse à los ojos à todos los que gustan de verlo, no era mui facil creerla. Se clavan con los picos en un arbol, y estàn sin comer, ni beber seis meses assi enclavados: en este tempo llegan los Indios, y los pelan, y les vuelve à renacer nueva pluma, y en teniendo, se desaprisionan de el arbol, entran en su cria, y estàn poblando la región del aire otros seis meses. Chupan el jugo de algunas flores, y esso les sirve de alimento, y necessitan de poco, porque son los enanos de los paxaros; llamase em Mexicano, *Hoitzit ziltotol* [*Tzitztolotl*, segundo Ridgway, 1892: 262]. Los ví muchas veces, y con admiracion de mirar tanta hermosura en cosa tan pequena; traia quatro de ellos, secos, y aderezados, porque no se les cayesse la pluma, quando volvi à España de aquellos Reinos, y en las Islas afortunadas (desgraciadas para nosotros) oy las Islas de Canaria, quando peleamos con el Inglès, y quemamos nuestros Navios, me faltaron”.

que naquelas regioens, e naquelles tempos não há/ pregaõ o bico no tronco da arvore para se alimentarem/ da sustancia della the chegar o tempo que ajaõ flores;/ o que não fas neste pais por ser nelle actual a primavera./

Abelha pello que tem de ave a esta cla-/se pertense, he avesita decantada endivinas e humanas letras./ *Eclesiast.* Cap. 11 n. 3 *Brevis in volatibus [sic] est apes [sic] et/ initium dulcoris habet fructus ejus [sic]*<sup>524</sup>, por symbolo da sabedoria e castidade aposeraõ os mais sabios do mundo/ propriedades que sempre seacharaõ juntas desde seus/ nascimentos. Conta Maluenda<sup>525</sup> que no nascimento do padre/ Sancto Domingos, selhe pos hum exame de abelhas na boca: cumque jaceret aliquando in cunis, examen apum sirca [sic]/ os ejus volitas [sic] linguam ejus divinae sapientiae mele/ affluitarum indicabit. E o mesmo seconta acontece-/ra a Platam, estando Ambrosio<sup>526</sup> enseus nascimentos/ por symbolo da humildade foraõ tambem significados estes animalicos/ dis Hugo Cardeal<sup>527</sup>: *Apis contemptibilis est/ exercitus [sic], et tamen utilis [sic]: et ece [sic] est brevis corpore/ non valore [sic]./*

O significativo da sabedoria he/ pello modo do governo, e não pella fabrica do mel, e sera/ como cuidaõ alguns intendendo ser isto o que sedis/ segredo da abelha, sendo pello governo monarchico/

de que//

### Fólio 343v

de que usãõ; este governo não he sabedoria nem acçaõ/ discursiva, senão um instinto natural como o dos mais/ viventes, insinado pella sabedoria divina, somentes [sic] pa-/ra aquillo que a cada hum delles he nesario para/ sua conservaam conforme a expecia e natureza de cada/ hum delles; que sabedoria nascida do discurso por actos/ do intendimento, para o homem lograla, foy nesario/ que Deos o fisesse a sua imagem e semelhança. E senaõ/ diseime vistes algum vivente por minimo que seja que/ deixe de ter huma propriedade admiravel enque pare o/ discurso na ponderasaõ della; huns no exforso, outros na li-/geireza, outros no cantar, ãtros na beleza das cores, outros/ na sagacidade e entudo o mais./

O corvo que fareja de seis lego-/as, o gaviaõ que inxerga hum gafanhoto na terra andan-/do elle lá nesa aerea regiaõ, as aves musicas a dosu-/ra de sua melodia; outros na loquella, a avesinha/ que fabrica o seo ninho de baro com sua porta trocida/ para repar [sic] do vento, e chuva, outro que fas o ninho pendu-/rado por huma cadeya depositos fixos e segura que não/ ha vento que o derubem. O maribondo casador que ma-/ta um lagartixo escondido debaixo da area, furtaõ-/lhe os rapases e vão interrallo dahi 20 brasas, e elle/ lá o vai buscar, o formiculeo<sup>528</sup> animallico como hua/ pequena barata que fas hũ fojo na area para/ casar as formigas, escondese no fundo, asim que cae/ a formiga lansalha area para sima para asepultar/ e ferralhe com a sua gara de que sesustenta final/ mente que todos tem huma propriedade segundo/ sua quallidade tudo obra do divino saber, como/

esta-//

### Fólio 344r

estamos vendo e admirando, trasenna as divinas e hu-/manas letras por exemplo da sabedoria por ser della geroglifico./

O fazerem-na symbolo da castidade/ he por serem todas de hum ceso nem terem coito, geraõ/ e parem com virtude propria, o que vemos por intrar hum/ exame de abelhas enhuma casa de novo, e dahi a hum ins-/tante já tem filhos sem noslevarem com sigo. Vivem/ estes animais sinhos enrepubica com governo monarchico/ não tem coito, saõ oviparos lansãõ os ovos nuns caxilhos de/ sera dedonde brevemente sae hum bicho cito sem asas, que/ depois lhes nascem, exercitaõ todos os actos de governo/ como as formigas mandando e obedesendo; fabricaõ o mel/ da sustancia

<sup>524</sup> *Ecclesiasticus* 11, 3: “*brevis in volatilibus est apis et initium dulcoris habet fructus illius*”.

<sup>525</sup> Referência a Malvenda (1627).

<sup>526</sup> Em Zenner (1668: 11) lê-se: “*Quemadmodum olim Platoni, & S. Ambrosio apiculae mel labiis infuderunt, ita S. Dominico, cum jaceret in cunis aliquando examen apum circa os volitans divinae velut sapientiae favum inesse significavit*”.

<sup>527</sup> Hugo de Sancto Charo (1669: 191v; *Liber Ecclesiastici. Caput XI*, nota e): “*Brevis in volatilibus est apis.] Probatio est, quoniam nemo est laudandus, vel spernendus secundum speciem exteriorem. Apis enim contemptibilis est exteriùs; & tamen vtiliae & haec est brevis corpore, non valore*”.

<sup>528</sup> A larva da formiga-leão, inseto neuróptero da família Myrmeleontidae.

das flores recolhendo na boca e lansando/ envasos de sera adonde secose e apura e as vezes coalha/ enasucar, tudo com o callor dellas proprias; e as vezes aze-/dalhes que o lansaõ fora e lavaõ os vasos com agoa/ que recolhem tambem nos buxos e na boca, para lhes não ficar/ o fermento asedo que damne as fabricas novas, goardan-/doas sempre para quando não ha abundancia de flores./

Recolhem mais outras vitualhas/ tiradas das flores e fructos que tambem goardaõ envasos/ que chamamos Samora<sup>529</sup>, enque sesustentaõ para poupa-/rem o mel que lhes chegue enquanto não brotam as ar-/vores de novo. A sera lansam dos seus mesmos cor-/pos, asim como Aranha o fio de que tece a rede; della/ fabricaõ todos os vasos e instormentos [sic] de que caresem,/ recolhem tambem dos matos resinas das arvores para/ tapar por dentro as concavidades das suas moradas/ no sentro destas tem a sentina dos escrementos e dos man-/

ti-//

## Fólio 344v

timentos corruptos, e azedos, e he tambem o sementerio dos/ seus finados, tem continua mente goardas as portas que/ avisaõ com o seo grunho sevem inimigos, e ali fasem gran-/des pendencias deque ficaõ muitas mortas; dellas des-/cobri nestas naturallidades

vinte e quatro especias/ que por seus nomes são as seguintes/

Jatihy<sup>530</sup>, Jatihy merin<sup>531</sup>, Mombuca<sup>532</sup>,/ Mombucusú<sup>533</sup>, Borá<sup>534</sup>, Borá goasú<sup>535</sup>, Borápitingoá<sup>536</sup>, Man-/dasaya<sup>537</sup>,

<sup>529</sup> Samorá. É a mistura de pólen com mel que as abelhas indígenas (Meliponini, Apinae, Apidae) armazenam em potes especiais. Antes que a rainha ponha o ovo na célula, as obreiras aí colocam certa qualidade desse samorá, que será a ração suficiente para que a larva se alimente até transformar-se em ninfa. Em estando a célula provida de samorá e ovo, as obreiras fecham-na com a tampa de cera, que só o inseto desenvolvido irá abrir, quando, depois de ter completado toda a metamorfose, tiver de abandonar a célula em que se criou.

<sup>530</sup> “Jatihy” – Jataí; é a *Tetragonista angustula* (Latreille, 1811).

<sup>531</sup> “Jatihy merin” – Mirim é denominação geral das espécies de Meliponini do gênero *Plebeia*. Em alguns lugares significa qualquer espécie pequena.

<sup>532</sup> “Mombuca” – Provavelmente *Geotrigona mombuca* (Smith, 1863), mas esta denominação é dada a várias outras espécies.

<sup>533</sup> “Mombucusú” – Não identificada. Martius (1863:461) registrou “mambucá açu”.

<sup>534</sup> “Borá” – Também chamada vorá. Possivelmente *Tetragona clavipes* (Fabricius, 1804).

<sup>535</sup> “Bora goasú” – Não identificada. Martius (1863:440) grafou *bora-guaçu*.

<sup>536</sup> “Borápitingoá” – Não identificada. Martius (1863:440) registrou *bora-pitinga*.

<sup>537</sup> “Mandasaya” – Nome normalmente associado a *Melipona quadrifasciata anthidioides* Lepeletier, 1836.

<sup>538</sup> “Mandorigoasú” – Talvez seja *Melipona (Eomelipona) marginata* Lepeletier, 1836.

<sup>539</sup> “Mandorimerim” – Não identificada.

<sup>540</sup> “Tubuna” – *Scaptotrigona bipunctata* (Lepeletier, 1836), de MG, SP, RS, *Scaptotrigona postica* (Latreille, 1804), de MG e SP, e *Scaptotrigona tubiba* (Smith, 1863), de BA, MG, ES, RJ, SP.

<sup>541</sup> “Urapohy” – Não identificada. Martius (1863:486) registrou *yra-puy*, *ara-puy*.

<sup>542</sup> “Tuyubusú” – Termo só encontrado em Saa; espécie não identificada.

<sup>543</sup> “Tuyumerim” – Provavelmente *Nannotrigona testaceicornis* (Lepeletier, 1836).

<sup>544</sup> “Itátá” – Martius (1863:454) registrou *itatá*. Talvez seja um erro por *irata*; Nogueira (1880: 176) consignou: “*Irata = eiratá* – mel caustico ou que queima, mel fogo; e tambem nome de uma abelha; vê *tatáeir*”; se for o caso, trata-se da *Oxytrigona tataira* (Smith, 1863).

<sup>545</sup> “Tapiaira” – Variante de *tapieira* (de *tapi’i* + *eir*; “mel de tapir”). *Nannotrigona testaceicornis* (Lepeletier, 1836).

<sup>546</sup> “Aquiquirea” – Não identificada. [Ver nota 426].

<sup>547</sup> “Urupua” – Talvez a *irapuã*, *Trigona ruficrus*.

<sup>548</sup> “Uraxupé” – Guaxupé – *Trigona spinipes* (Fabricius, 1793), *Trigona hyalinata* (Lepeletier, 1836) e/ou *Trigona fuscipennis* Friese, 1900.

<sup>549</sup> “Iboyeira” – Martius (1863:486) registrou *yboic-yra*. Será a *Geotrigona subterranea* (Friese, 1901)?

<sup>550</sup> “Goayaquiquirea” – Não identificada. Martius (1863:449) registrou “Guaiquiquirea, Guaiquiquirea, corruptum a *cuacú ira*, mel abscondens, apis mel edule parans”.

<sup>551</sup> “Bojoim” – Benjoí, benjuim, bijuí, bijuri, bojuí. O mesmo que *tubuna* (ver nota 541).

<sup>552</sup> “Iratim” – *Lestrimelitta limao* (Smith, 1863).

<sup>553</sup> “Mandagoahy” – Mandaguari: *Scaptotrigona postica* (Latreille, 1804).

Mandorigoasú<sup>538</sup>, Mandorimerim<sup>539</sup>, Tubuna<sup>540</sup>, Ura-/pohy<sup>541</sup>, Tuyubusú<sup>542</sup>, Tuyumerim<sup>543</sup>, Itátá<sup>544</sup>, Tapiaira<sup>545</sup>/Aquiquire<sup>546</sup>, Urupua<sup>547</sup>, Uraxupé<sup>548</sup>, Iboyeira<sup>549</sup>, Goayaqui-/quira<sup>550</sup>, Bojoim<sup>551</sup>, Iratim<sup>552</sup>, Mandagoahy<sup>553</sup>. Todas estas/ fabricam mel doce perfeito e medicinal para muitas/ infirmitades de nosos corpos; adevirtindo que Ura-/poa, e Uraxupé fasem as casas sobre as arvores a ma-/neira de casas de cupi; e as chamadas Iboyeira, e/ goayaquiquire fasemnas debaixo da terra com hua/ porta sinha como de formigas. Ha outra abelha/ braba chamada Sanharon<sup>554</sup> que não fabrica mel/ e sam corsarios das abelhas boas que lhes invadem/ as casas mataõnas e roubaõlhes os meis e os filhos para/ comerem./

Há ainda outras especias de/ abelhas brabas que algumas fasem mel e algumas/ não que fabricaõ as casas humas nas tocas dos pa-/os, outras pensas das ramas, outras en motes [sic; montes] de/ sisco, outras debaixo da terra de diversas for-/mas, e feitos, que sam bespas<sup>555</sup>, Marimbondos<sup>556</sup>, Tapi-/ocabas<sup>557</sup>, Mangangas<sup>558</sup> e outras que não ha numeros/  
nem//

### Fólio 345r

nem nomes que lhesbastem. Huns chamados marimbon-/dos tatús<sup>559</sup> por respeito de faserem as casas pegadas a hũ/ tronco de arvore, do feito da casca do Tatú; sam do ta-/manho de duas pollegadas pretos huns, e vermelhos/ outros, pregando huns ou outros o aguilham enqual/ quer criatura seja gente ou animal, fas logo infla-/mar com exceccivas dores que duraõ the tres dias sem/ remedio algum; tem estes insetos as mesmas proprie-/dades das esquentarias, secos sem hir ao sol moi-/dos feitos enpo./

Há outras diversidades de/ avesinhas que sam borbolletas de especias varias humas/ geradas de pais, e outras sem elles, humas diurnas/ e outras nocturnas, esmaltadas de cores varias que/ voaõ fasendo obstentasaõ de sua bellesa nas diver-/cidades de suas gallas, e formallidades de suas ex-/pecias louvando tacita mente a causa que lhes deo/ o ser./

Por grande maravilha conta/ Bercorio<sup>560</sup> que en Pitavia<sup>561</sup> provincia de França chove/ sobre os rios, celeste maná para nutrimento dos pei-/xes com que engordaõ e fasence saborosos, que sam/ huma borboletinhas alvas<sup>562</sup>: sunt aliqua flumina in/ quibus dicitur, e coelo cadere mana, id est con-/gregatio vermiculorum alatorum. Histo semos-/tra enmuitos lugares destas regioens. Criaõce/ estas avesinhas ou borboletinhas alvas como a nevoa, pelas margens dos rios e pantanais, pegadinhas pellas ervas, com/ a noite sobem a regiaõ superior formando densos nu-/vueiros, de donde com

<sup>554</sup> “Sanharon” – Sanharão ou Sanharó. Ihering (1940) diz que é *Trigona silvestriana* (Vachal, 1908) e acrescenta: “É abelha notoriamente agressiva, que nidifica em troncos ocos; o mel não presta, porque ‘o sanharão é sujo’, isto é, freqüenta também matéria orgânica em decomposição”.

<sup>555</sup> “Bespas” – Nome comum a cinco famílias da Subordem Aculeata dos Hymenoptera, mas principalmente da Família Vespidae. Ver Lenko & Papavero (1996: 147-170).

<sup>556</sup> “Marimbondos” – Maribondo ou Marimbondo, vocábulo de origem Bunda (Mbunda). Sinônimo de Vespa.

<sup>557</sup> “Tapiocabas” – Tapiocaba: *Polybia (Cylindroeca) dimidiata* (Olivier, 1791), inseto himenóptero da fam. Vespidae.

<sup>558</sup> “Mangangas” – Mamangaba, mangangá. Certas abelhonas dos gêneros *Bombus*, *Xylocopa*, *Euglossa*, *Centris* etc. Ver Lenko & Papavero (1996:255-260).

<sup>559</sup> Marimbondo-tatu. *Synoeca cyanea* (Fabricius, 1779) e *Synoeca surinama* (Linnaeus, 1758), insetos himenópteros da fam. Vespidae, de coloração azul-metálica, asas-escuras, desenhos avermelhados na cabeça, e 24 mm de comprimento. Constroem o ninho de casca rugosa em forma de casco de tatu, preso a um tronco [cf. Jeanne, 1975: 283, fig. 9]. São temidos pela braveza com que atacam e pela dor que a sua ferroadá provoca.

<sup>560</sup> Referência a Petrus Berchorius, forma latinizada de Pierre Bersuire. A citação de Saa encontra-se em Berchorius (1731: 594-595): “*In Pictavia, & etiam in multis partibus Galliarum aliqua sunt flumina, in quibus dicitur e coelo cadere manna, id est, congregatio vermiculorum allatorum, quae sursum in aëre, quantum tenet spatium fluminum, & circa per unum cubitum generantur; & certo anni tempore, dum Sol est in Virgine, de aëre cadentes, & pluentes ipsis piscibus cibis efficiuntur: verum dum cadunt vivi sunt; sed postquam ceciderunt, exanimantur, & moriuntur. Unum tamen auidi mirabile, quod ubi papiliones isti cadunt, si unum in manu sua receperis, & diligente attenderis, ipsum statim in tres vel quatuor multiplicari videbis, & primo parente in partes diviso, de qualibet particulam vermem alatum reperies, quem postquam aliquantulum volaverit, ad terram cadere mortuum citò cernes. Aliqui verò dicunt, quod isti vermes quasi de profundo fluminis ebulliendo nascuntur. Videtur tamen magis verisimile, quod superius, sicut & aliae multae impressiones, in aëre generentur. Pisces igitur fluminis istum cibum coelitus sibi missum avidè recipient, & in illo tempore pingues & sapidí valdè fiunt. Piscatores etiam illos, qui cadunt in littore, congregant, & de ipsis hamos suos inescant. Fluvius autem alis est Manna in Pictavia, Sequana in Francia & Campania, Ligeris in Turonia, Veronis in Tolosana Provincia”.*

<sup>561</sup> Pictavia = Poitiers.

<sup>562</sup> Segundo Ferrer de Valdecebro (1728: 196): “El *Ephimero*, desvalido animalejo, nace, y muere en un dia, y al outro renace de lo mismo que muere”. Trata-se dos insetos da ordem Ephemeroptera, que emergem em enormes quantidades e logo morrem, acudindo os peixes em grandes cardumes para comê-las se elas caem n’água.

os primeiros resplendores do sol/ que lhes daõ, comesaõ a cahir tam vastas como a chuva/

pelos//

### Fólio345v

pellos rios campos, e alagoas deque fasem pasto os peixes/ e a savel que os alcançaõ./

Epimifero [sic]<sup>563</sup> he animalico semelhante ao/ que fica dito, que disem os naturalistas nasce, e more em-/hum dia, e tal naõ há: he um animalico que se/ cria debaixo da terra adonde fas seus buracos para/ sahir e intrar quando lheparese, e ahi veve [sic] tempos bas-/tantes chegado a certa idade nascenlhes azas com ellas/ saem, e voaõ por donde vaõ acabar as vidas comidos dos/ inimigos, e como os que delles escreveraõ viãõ que/ no dia en que aparesem morem, intenderaõ que/ nese dia nasceraõ, sendo elles já velhos quando/ aparesem. Estes cresem de duas pollegadas tambem/ brancos com duas barbas para diante duas para tras/ e quatro azas, e com estes demos fim a esta animalica/ clase. Benedicite omnes bestiae et pecora Domi-/no<sup>564</sup>: Benedicite omnes volucres caeli Domino<sup>565</sup>./

### Fólio 346r

#### Introduçãõ/

Continuavãõ os interlocutores nos seus/ discursos aque deo materia o ouvinte disendo: que como/ tinha dado noticia dos animais terrestres e volateis de sua/ naturallidade, naõ podia deixar de dar tambem dos/ aquarios por naõ ser sua produçãõ demenos conta./

#### Dialogo 7./

Felino: He tempo defallar nos peixes<sup>566</sup>/ ultima clase da sencibillidade; foraõ por Deos creados/ no quin-/to Dia: creavit quae Deus cete grandia, et/ omnem animam viventem, atque motabilem, quam/ produxerat aquae in species suas<sup>567</sup>: e a Igreja sancta/ assim/o canta no hymno deste Dia

Magnae Deus potentiae/  
qui fertili natos aqua/  
partim relinquis gurgiti/  
partim levas in aerea [sic]<sup>568</sup>./

He o congresso picino hum grande partido da sencibilidade/ mayor na multiplicidade, na corpolencia de seus indivi-/duos, e que mais espasos ocupaõ do terraqueo globo:/ por ocuparem as agoas septe tantos do que esta descuberto/ donde habitaõ gentes, e quadrupes segundo os compasos/ daminha cosmografia. Forãõ creados para ornato, e/ complemento das obras da omnipotencia, serviso seo, de-/monstraçãõ de suas maravilhas, proveito e utillidade/ do homem, acuja obediencia sugeitou toda a ani-/malica produçãõ: Volucres coeli, et pisces/ maris, qui perambulant semitas maris<sup>569</sup>./

Por meyo destes animaes tem Deos/ obrado muitas maravilhas; por hum remedeou as mise-/

rias//

### Fólio 346v

<sup>563</sup> As larvas dos Ephemeroptera são aquáticas, e não se criam “debaixo da terra” como afirma Sáa. A descrição do autor, comentando que o inseto tem “duas barbas atrás” (cercos) parece indicar o adulto das efêmeras.

<sup>564</sup> *Daniel Propheta* 3, 81: “*benedicite omnes bestiae et pecora Domino laudate et superexaltate eum in saecula*”.

<sup>565</sup> *Daniel Propheta* 3, 80: “*benedicite omnes volucres caeli Domino laudate et superexaltate eum in saecula*”.

<sup>566</sup> “Peixes” – Por “Peixes” entenda-se aqui os animais aquáticos, pois são incluídos pelo autor nesta classe desde baleias até insetos, sejam marinhos ou de água doce.

<sup>567</sup> *Liber Genesis* 1, 21: “*creavitque Deus cete grandia et omnem animam viventem atque motabilem quam produxerat aquae in species suas et omne volatile secundum genus suum*”.

<sup>568</sup> Hino ambrosiano (*De opere diei quintae*): “*Magnae Deus potentiae./ Qui fertili natos aqua/ Partim relinquis gurgiti./ Partim levas in aera*” (cf. March, 1874: 39).

<sup>569</sup> *Psalmi* 8, 9: “*volucres caeli et pisces mari qui perambulant semitas mari*”.



rias do piedoso Tobias: cordis ejus particulam si super/ carbones ponens, fumus ejus extricat omne genus [sic] de-/moniorum [sic]<sup>570</sup>. De outro fes baixel para levar a saude a sa-/ude aos Ninivitas: et preparavit Dominus piscem/ grandem, ut deglutiret Jonam, et erat Jonas in ven-/tre piscis tribus diebus, et tribus noctibus<sup>571</sup>. Com peixes/ mostrou a liberasam de sua providencia enão faltar aos/ esurientes com o nesario sustento: et accipiens septem panes/ et pisces, et gratias agens fregit, dedit discipulis suis,/ et discipuli dederunt populo<sup>572</sup>. De peixes final mente fes fieis portadores para levarem os corpos dos santos/ martires Ario<sup>573</sup> e seus companheiros das ribeiras do Tiber [sic]/ as praias de Antinópolis<sup>574</sup>.

Vivem os peixes no elemento da agoa/ sem que por iso deixem de participar dos mais, da terra para/ a nutriçam, do fogo para a vivificasam e do ar para a espi-/rituallidade respirando como os demais viventes terrestres; o que nega Aristoteles, querendo que cada vivente respi-/re o ellemento enque vive; erro manifesto por duas re-/soens, a primeira que não ha sencibillidade progreciva,/ sem espi-rituallidade vital, e toda a espi-rituallidade/ vital depende depende do ar para seo principio e conservasaõ,/ que esta he a neccidade que temos de respirar a cada passo/ e se o não fasemos, sofocaoce os espiritos vitais e acaba/ a vida; logo como podião os peixes viver com espi-/rituallidade vital, e progreciva respirando agoa sem/ que participasem do elemento do ar/

A segunda he que se cada viven-/te respirase o elemento enque vive, respirariaõ os sub-/

terra//

### Fólio 347r

terraneos terra, cousa inatendivel por ser elemento pesa-/do que não pode transpirar, nem espi-rituallisar; pello/ que onde forsosa mente ex eo que sam viventes respirar/ ar assim como nos outros, sem que obste a viverem de-/baixo da terra porque la selhes communica o ar por seus/ aedutos [sic]; assim asentemos que todos respiraõ ar/

Os peixes sobem a resebelo a super-/ficie da agoa goardaõno enbolsos para delle se hirem ali-/mentando em

<sup>570</sup> *Liber Tobiae* 6, 8: “respondensque dixit ei cordis eius particulam si super carbones ponas fumus ejus extricat omne daemonium sive a viro sive a muliere ita ut ultra non accedat ad eos”.

<sup>571</sup> *Iona Propheta* 2, 1: “et praeparavit Dominus piscem grandem ut deglutiret Ionam et erat Iona in ventre piscis tribus diebus et tribus noctibus”.

<sup>572</sup> *Evangelium secundum Mattheum* 15, 36: “et accipiens septem panes et pisces et gratias agens fregit et dedit discipulis suis et discipuli dederunt populo”.

<sup>573</sup> Saa retirou essa informação de alguma edição do *Martyrologium Romanum*, uma compilação das vidas de mártires e outros santos, que periodicamente, até os dias atuais, teve muitas edições. Saa refere-se a S. Ariano (Arianus), governador pagão de Tebas, no Egito, cuja festa é celebrada pela Igreja a 8 de março. Ele e seus companheiros (entre eles um certo Teótico (Theoticus)) testemunharam o martírio de S. Apolônio e S. Filêmon em Alexandria e se converteram ao cristianismo. Recusando-se a abjurar sua nova fé, foram afogados no mar. Diz a lenda que seus corpos foram levados de volta a Antinópolis [ver nota seguinte] por golfinhos. No século XVIII houve pelo menos três edições do *Martyrologium*; o trecho referente a S. Ariano encontra-se, nessas edições, em Anôn. (1701: 62, 1729: 41-42, 1746: 60; nesta última lê-se: “Apud Antinoum Aegypti urbem natalis sanctorum mártirum Philémonis & Apollónii diaconi, qui tenti, & ad Júdicem addúcti, cum constanter idólis sacrificare renúissent, perforátis calcáneis per civitatem horribiliter tracti, novíssimè gládio caesi martyrium compleverunt. Item ibidem pássio sanctorum Ariáni Preaesidis, Theótici, & aliórum trium, quos Judex submersos in mare necávit; sed delphinórum obséquo córpora eórum ad litus deláta sunt”). Na tradução inglesa do *Martyrologium* feita por Wynkyn de Worde em 1526 (cf. Procter & Dewick, 1893: 38) consta: “The viij. day of Marche. At antion y<sup>e</sup> feest of saynt Philomon & saynt Apollyn a deacon/ y<sup>e</sup> because they wolde not do sacrefice vnto the ydolles/ were thrylled or bored through the heles vnder y<sup>e</sup> ancles/ & so drawn by cordes through y<sup>e</sup> cite/ & at y<sup>e</sup> last slayne by y<sup>e</sup> swerde. In the same cite y<sup>e</sup> feest of saynt Ariane/ saynt Theo[tyke] & of other thre psones all martyrs/ y<sup>e</sup> after many horryble turmentes were drowned in y<sup>e</sup> see/ whose holy bodyes were brought to londe by a delfyne”; ou, em inglês moderno (cf. Archbishop of Baltimore, 1926: 69, sob “The Eighth Day of March”): “At Antinous, a city of Egypt, the birthday of the holy martyr Philemon, and the deacon Apollonius. As they firmly refused to sacrifice to the idols when they were apprehended and brought before the judge, they had their heels transpierced, were barbarously dragged through the city, and finally consummated their martyrdom by the edge of the sword. – Also, in the same place, the passion of Saint Arian, governor, Theoticus and three others, who were submerged in the sea by order of the judge. Their bodies were brought to the short [sic; shore] by dolphins”). (Cf. também, entre outros, Benedictine Monks, 2003: 30; Beolens, Watkins & Grayson, 2009: 17; Bunson, Bunson & Bunson, 2003: 120).

<sup>574</sup> Antinópolis ou Antinoópolis, situada a 10 km ao sul de Beni Hassan, no Egito, foi uma cidade fundada pelo imperador romano Adriano, que navegava pelo Nilo no ano de 130 d. C. Um oráculo predisse-lhe que ocorreria uma grande calamidade. Com efeito, seu amante Antinous afogou-se no rio. Adriano, transido de dor, deificou seu amante e erigiu-lhe essa cidade, antes de prosseguir para o sul, até Tebas, com sua detestada mulher Plotina.

<sup>575</sup> Referência das mais curiosas à bexiga natatória, a qual o autor atribui o papel de um autêntico pulmão.

resam de o não poderem actual faser, e aquelles bolsos enque o goardão são huns buxos feixados bran-/cos<sup>575</sup> de que costumão as gentes faser grude para ligar/ obras de madeira; e he de reparar que esta respirasam que/ tomaõ he de vinte, em vinte quatro horas, e commumente/ he ao romper do dia, e fora destas horas he por acaso, e os mo-/tivos são dous primeiro por ser o ar da manhan mais fresco/ e puro, segundo, por dormirem de noite como os mais viven-/tes e acordarem com a lus do dia consumido o ar do buxo/ que com o somno selhes gasta, e por iso sobem logo enbus-/ca delle boyando sobre agoa como pode observar to-/do o que sobre ellas navega./

Hé produccam [sic] muito mais copiosa/ que a dos terrestres e aves na multiplicidade de expecias/ plurallidade de individuos e monstruosidades corporeas/ tanto que seos espasos das agoas excedem aos da terra/ septe veses como fico [sic] dito, digo que os viventes excedem/ muitos milhoens endobro; de que nase o dito de que ha no/ mundo mais olhos do que cabelos que a respeito dos peixes/ senaõ pode duvidar, atentas as variedades de expecias, a in-/mencidade de ovos que cada hũ pare, as multidoens/ que vemos en cardumes, e serem actual sustento huns dos/

ou-//

## Fólio 347v

outros sem que padesam diminuisam. São huns viviparos/ e outros oviparos, e alguns gerados sem progenitores como/ alguns dos insetos terrestres e plantas; sam todos da se-/gunda e terseira expecia, parem todos elles uma só ves/ no anno; os viviparos lansaõ desi os filhos, e não nos reco-/nhesem mais por tais excepto a Balea que os carega/ e acompanhã; os oviparos, huns trasennos pegados as/ guelrras por alguns dias, e outros lansaõ os ovos em lu-/gares abrigados, donde os deixaõ a natureza que os cria./ ainda que seja geral o sustentarensse huns com os ou-/tros, sempre seachaõ algumas expecias que sesustentaõ/ so mentes [sic] de caramujos, caranguejos, mariscos, ervas, li-/mos,

e do mesmo lodo./

Contou Plinio lá no velho mundo/ sincoenta expecias de peixes, outros sincoenta e duas, e/ outros septenta e seis; pouco virãõ, eu se meposese a con-/tar as que tenho visto no pouco que andei destas natu-/rallidades, nas agoas do mar, rios e alagoas, não acha-/ria numeros que lhes igoallasem, pello que deixome/ de faser tal conta, e so nomearei alguns que sam/ conhecidos por proprias nominasoens, que os que/ as não tem he escusado fallar nelles; dos conhecidos/ pellos nomes seja primeiro a/

Balea<sup>576</sup> que sempre os grandes/ do mundo andaraõ em cabeça de rol; crese esta besta/ the oytenta palmos de comprimento e outros tantos de/ grosura, a boca aberta estacada com espeque cabelhe/ dentro hum homem enpé; a estreitesa da garganta que/ disem caberlhe só huma sardinha, he fabula, que/ por ella lhe cabe muito bem qual quer peixe de quatro/

e//

## Fólio 348r

e sinco palmos he estreita sim a respeito do grandor da/ boca conforme a geometria dos corpos animalicos./

Escreveram Plinio lb. 11 cap. 37<sup>577</sup>/ e Misticero. lb. 23. cap. 1<sup>578</sup> que não tem este animal olhos/ e que lhe serve

<sup>576</sup> “Balea” – Sobre as baleias e a história de sua pesca no Brasil colonial consulte-se o magnífico trabalho de Ellis (1969).

<sup>577</sup> Existem citações do “*musculus marinus*” nos livros XI e XXXII da *Historia Naturalis*, mas aquela que mais se aproxima dos detalhes mencionados por Sáa pertence ao Livro IX, capítulo 62 ou 88 (conforme as edições), a saber: “*At e contrario amicitiae exempla sunt, praeter illa quorum diximus societatem, ballaena et musculus, quando prae gravi superciliorum pondere obrutis eius oculis infrastatia magnitudinem vada praenatans demonstrat oculorumque vice fungitur*”, ou seja, “Pelo contrário, exemplos de amizade, além das criaturas cuja aliança já mencionamos, são a baleia e o ‘rato-do-mar’: porque os olhos da baleia são sobrecarregados com o peso excessivo de seus supercílios e o ‘rato-do-mar’ nada em frente dela e assinala os baixios perigosos para o seu tamanho volumoso, desse modo atuando como um substituto para os olhos”. A citação de Sáa pode estar equivocada ou então baseada em alguma edição na qual esta passagem estivesse no livro XI. Considerado indetectável por alguns, esse peixe por vezes é atribuído à rémora (Perciformes, Echeneidae) ou ao peixe-piloto, *Naucrates ductor* (Linnaeus, 1758) (Perciformes, Carangidae). Por sinal, “*musculus marinus*” significa literalmente “pequeno rato marinho”, sendo este o motivo das expressões “sea-mouse” e “topo marino” encontrada em certas traduções da *Historia Naturalis*. Vide também Ranneft, Eaker & Davis (2001).

<sup>578</sup> Referência não localizada.

de guia hum peixinho de palmo que cha-/mão Muscolo, e elle tem huns olhos do tamanho de balas/ de pesa de 24 inclinados para baixo com que não podem/ olhar para o ceo, tem membros da gerasam como os animais/ terrestres, juntaõe huma ves no anno parem hum so filho per-/feito de des palmos como selhestem achado nos ventres, tra-/semnos as costas enquanto novos, e como vaõ cresendo lan-/sa-nos e trasem atras desi the tornar a parir./

Tem sobre a cabeça umas frestas/ que feixaõ e abrem que saõ as ventas por donde respiraõ/ e nestes movimentos he que lansam agoa para sima por/ donde sam vistas e conhecidas ao longe dos pescadores que/ as procuraõ, as veses endistancia de huma legoa. As barba-/tanos de que se fabricaõ varias manufacturas, sam as/ guelrras e não as azas como alguns imaginaõ, estas/ são de 9 palmos huma de cada lado que lheser-/vem de governo como aos demais peixes; a arma ofenciva/ e defenciva que tem he o rabo, levanta e bate com tal/ força que o que apanha fas enpedasos; tem grandiosos/ osos todos moles de pouca sollides./

As carnes de febra como de animal/ terrestre duras, pouco saborosas, os toucinhos chegado a/ grosura de dous palmos, frescos tem bom sabor mas pasados/ dias senão podem aturar pello fectido perparados na/ forma enque for./ Dellas se tira o espramacete bem co-/nhecido dos boticarios, hum do figado frito, e outro de/

huns//

## Fólio 348v

huns bolsos que só seachão inserta expecia dellas que não/ carese de fogo para seliquificar. Rende cada pescado/ destes nas pescas dos Portugueses pellas costas do Brasil/ nas capitancias do sul tresentos mil reis nos aseites, e/ barbatanas, que as carnes poucas veses se vendem; fican-/do a metade endespesa nos sellarios dos pescadores/ e mais trabalhadores; fora a importancia das armasoens/ que para se armarem fase de despesa de quinze mil crusados para sima./

Criaõe estes animais nos mares aus-/trais e septentrionais, aquellas mayores e estas menores saem/ a corer as costas da America as do sul de Janeiro endian-/te em procura do callor do sol que lá lhes vai faltando/ e não chegaõ senão the 16 e 17 graos por que então/ lhes vem o sol de volta intretendoce por barras e enseadas/ adonde ficaõ muitas nas maos dos pescadores que as/ esperaõ pellas nosas costas nos portos da ilha de Santa/ Catherina, Sam Vicente, Villa da Angra dos Reys/ e Rio de Janeiro, e pellas do mar do sul nos portos/ de Chile e Perú./

Nas que/ se pescam pelos nosos por-/tos tem os Senhores Reys muito boas rendas por abdica-/rem a Coroa as suas pescas, e armarem as fabricas a sua/ custa e polas em leylam aquem nellas queira lansar, e al-/gumas armasoens feitas por pessoas particullares, he debai-/xo da mesma proteasam [sic], e condisam de desfructalas entan-/tos annos e findos deixallas para a Coroa; nos tempos/ pasados chegava este contrato arematarse na vide [sic] Jan-/

eiro//

## Fólio 349r

neiro por oytenta the noventa mil crusados todos os annos/ hoje está muito deminuto. Das que se pescão pelos por-/tos das contra costas, não tem os Reys lucros alguns que/ nunca disso fiserão ca-/so, e foi uso e custume desde que/ os Espanhoes as habitaraõ fasem os particu-/lares estas pescas/ sem dispendios alguns de fabricas nem armasoens; mais/ do que sahirem ao mar com dous barcos no tempo em que/ ellas correm as costas e morta huma, estáõ por aquelle/ anno satisfeitos, e isto fasem todos os moradores das/ marinhas e sam as carnes o sustento comum frescas e sal-/gadas; e os aseites os de que u-/saõ para os candieiros./

As dos mares septentrionaes, sam/ mais pequenas, que as do Sul e de duas expecias, saem/ tambem a corer as costas de Julho por diante enprocura/ do callor do sol, que então lá lhesfalta, sosedelhes o mesmo/ por huma e outra costa, ficando enmaos de muitas gentes, que/ as esperaõ, Ingleses, Franceses, Holandeses, Espanhoes, Calli-/forneos, e outros, deque tiraõ grandes conveniencias, huns/ para o sustento só mentes [sic], e outros para negoceasoens leva-/das para fora das costas; a arte com que se pescao nos no-/sos portos he a seguinte/

Fabricase uma casa/junto a beira do/ mar com todos os aprestos nesesarios de lanxas, ferrages, caldei-/ras e varios servisos de cobre, calabres e outros muitos ins-/trumentos, que senão fas com menos de quinse ou de-/saceis mil crusados, aque chamamos armasão: saem ao mar/ tres ou quatro lanxas com oyto pessoas cada huma, a saber/ seis remeiros tres por cada banda, timoneiro que gover-/na e manda, e arpoador que he o que as mata; saem ao mar/ largo a espiar, que as inxergão de huma legoa pella agoa/

## Fólio 349v

que espirraõ com a respire sam que tomaõ, procuraõ-na huma/ das lanxas sobre ella, e as mais aos lados aque/chamão do soto-/corro [sic], para salvar a gente que escapa com vida quando/ ellas fasem o barco enpedasos apanhando com o rabo; le-/va o arpoador o arpam nas maos que he de dous palmos/ bem apontado com huma farpa que prende huma arsa [alça]/ donde prende a corda, e um alvado [?] onde incaixa/ huma astea como de huma aguilhada; procura o peixe/ pellos lados por donde lhe crava o arpam e larga das ma-/os a astea ficando preso pella corda, presa que seja/ a Balea algumas procuraõ a lanxa com ancia; e entaõ/ está toda a sciencia do timoneiro a mandar os remeiros/ para desviar della enque esta todo o perigo; outras poen-/se logo na careira tam velloses como setas, vaõlhes/ largando a corda the parar, dá tres the quatro careiras/ cansa boya sobre agoa procurando a lanxa com o rabo/ que he a sua arma, para nella descaregar o golpe, e a/ lanxa buscando the sempre os lados por donde lhemethe/ o arpoador huma lansa tantas veses, thé que amata./ morta furaolhe o pescoso pella parte de sima pasaõlhe/ cordas por donde as puxaõ ao reboque the a armaõ/ tem histo muitas sircunstancias que senão podem esplicar./

Gibalte<sup>579</sup> he expecia de Balea que/ não passa de 30 palmos criaõce pellas nosas mesmas costas/ adonde todo anno habitam, e pescaõce com muita conve-/niencia dos pescadores que diso trataõ.

Casoens<sup>580</sup> sam peixes de cuja generica/ especia achaõce muitas diferentes quallidades deoyto te-/nho noticia a saber: Boto<sup>581</sup>, Tubaram<sup>582</sup>, Tintoreira<sup>583</sup>, Aniquin<sup>584</sup>/ Espadarte<sup>585</sup>, Cornuda<sup>586</sup>, Viola<sup>587</sup>, Casam branco<sup>588</sup> sam todos pei-/xes//

## Fólio 350r

xes de couro huns com lixa e outros naõ, as carnes desa-/bridas, faltas de gordura que só atem no figados, são to-/dos viviparos porem de cada ventre seis the septe fi-/lhos. Os chamados Aniquins cresem the 20 palmos os cou-/ros alvos ligeiros valentes vorases, e atrevidos prendem/ hum cavalo, e fasseno enpicado, atira a hum bote a hua/ canoa e senaõ aserta o canoeiro leva nos dentes hum bordo/ da canoa./

Ponderadas as quallidades destes ani-/mais contarei o que parese fabula sendo factio verdadeiro, e/ he naquelles portos de grupahy, Espirito Sancto thé o rio de/ Sam Matheus por donde ha muitos peixes destes, saem/ dous ou tres mosos daqueles naturais apescalos postos nus/ com dous bisacutos de pao duro de palmo e meyo cada/ hum nas maos, lansaõce a nadar ao mar aprocurallos;/ o peixe asim que os ve lansace aelles como huma seta;/ apartaõce os vallerosos Glaucos metendo a vorás besta en-/meyo com suficiente prasa para apeleija; comesa esta/ a dar voltas com notavel ligeiresa, e elles com outra/ tal a faserlhe foscas e a picalla cada hum por seo lado/ com os bisacutos que nas maos levaõ.

<sup>579</sup> "Gibalte" – Jubarte, *Megaptera novaeangliae* (Borowski, 1781), baleia que atinge até 16 m de comprimento, mais bojuda, com enormes nadadeiras, mais lenta que os demais representantes da família dos balenopterídeos e mais feia (Ellis, 1969:111).

<sup>580</sup> "Casoens" – Cação ou Tubarão. Designação comum a todos os representantes da Classe Chondrichthyes, Subclasse Elasmobranchii, Superordem Selachimorpha, com fendas branquiais laterais e corpo pisciforme. Para o Sudeste do Brasil, Figueiredo (1977) assinalou 42 espécies dentro de 13 famílias.

<sup>581</sup> "Boto" – Designação comum aos mamíferos cetáceos das famílias Platanistidae e Delphinidae, marinhos e de água doce. São conhecidas atualmente seis espécies, na costa atlântica do Brasil, e três espécies fluviais, na Bacia Amazônica (Ferreira, s/ d: 222). É inexplicável a inclusão destes mamíferos entre os tubarões, pelo autor do manuscrito!

<sup>582</sup> "Tubaram" – O autor deve querer referir-se a alguma espécie particular, é impossível de precisar.

<sup>583</sup> "Tintoreira" – Tintureira. Segundo Figueiredo (1977:17) é o *Galeocerdo cuvier* (Péron & Lesueur, 1822) (Carcharhiniformes, Carcharhinidae).

<sup>584</sup> "Aniquin" – Anequim. Ferreira (s/d:35) atribui este nome ao tubarão *Carcharodon carcharias* (Linnaeus, 1758) (concordando com Ihering, 1953: 142) (Carcharhiniformes, Lamnidae).

<sup>585</sup> "Espadarte" – O autor do manuscrito quer referir-se, sob esta denominação, ao "peixe-serra", um elasmobrânquio da família Pristidae e do gênero *Pristis*, com duas espécies na costa brasileira.

<sup>586</sup> "Cornuda" – É tubarão do gênero *Sphyrna* (Lamniformes, Família Sphyrnidae). Figueiredo (1977:24-27) assinalou 6 espécies para o Sudeste do Brasil.

<sup>587</sup> "Violla" – Raia-viola. Erradamente incluída entre os cações pelo autor do manuscrito. Figueiredo (1977: 29-30) atribui este nome a *Rhinobatos percellens* (Walbam, 1792) e *Rhinobatos horkelii* Müller & Henle, 1841, raiiformes da família Rhinobatidae.

<sup>588</sup> "Casam branco" – O autor possivelmente deve referir-se a *Carcharodon carcharias* (Linnaeus, 1758) (Lamnidae, Lamniformes).

Embrabecida a besta da grandes/ rabanadas enprocura dos inimigos, e ao que mais ageito/ acha atira uma dentada a levallo de hum bocado; o ca-/sador que ve sobre si aquela desestrada boca verdadeira/ tisoura de Atropos<sup>589</sup> que dehũ sorvo o leva a sepultura;/ metelhe os brasos diante com as pontas dos paos perfilladas/ e logo lhos atravessa, o bicho que seve com a boca tranca-/da sem poder com os dentes chegar aos brasos que o pren-/dem, entra a dar voltas abaixo e asima enquanto mon-/

taõ//

## Fólio 350v

tão os companheiros sobre ella apicarlhe o corpo com os bisacu-/tos que levaõ nas mãos; the que de maltradata, e cansada/ rende o impulso de sua ferocidade, de donde a condusem/ para a terra a selebrar os aplausos da victoria, fasendoa enpos-/tas, pondoas sobre o moquem./

Tubaram igoal na ferocidade menos/ no grandor, e ligeireza, e/de goela mais aventejada, ingo-/le inteiro hum cavallo, hum corpo humano sem que cou-/sa alguma mastigue; acharaõ huns pescadores de Taipú/ districto do rio de Janeiro no bucho de hum peixe destes/ huma caldeira de cobre daquellas que cosinhaõ para/ o comum dos navios inteira sem amolgadura alguma/, igoal a estes he a Tintoreira, os mais sam todos de menos/ corpo e nenhum valor, excepto/

Espadarte não pasa de/12 palmos/ tem a ponta do focinho levada de hum oso duro the 5 pal-/mos do feitio de huma folha de espada colombrina com/ humas pontas a maneira de dentes encada volta com que/ brigaõ e fasem pendencias com que as vão arebentando/ thé que lhesficão encotos./

Botos tem septe palmos andaõ/ aos cardumes são cobardes rendense a quais queis re-/des que os sercaõ sem que fasaõ resistencia./

Baleote<sup>590</sup> asim chamado não por-/que tenha parentesco com a Balea que he muito diver-/sa especia, mas pello grandor que chega a 30 pal-/mos sam das costas da America Septentrional, e aus-/tral mas não pasao de 14. the 15 graos ao sul, saõ/

suas//

## Fólio 351r

suas carnes muito boas de que sefasem grandes salgas; para bastimento das/ naos muito proveitosas./

Bacalhão<sup>591</sup> he peixe que secia pellas/ costas da America septentrional, e nellas sepescaõ em muita a-/bundancia nos meses enque corem as costas para o sul enpro-/cura do callor que lá lhesfalta e sam taõ vastos os cardumes/ como os das tainhas e ca pellas nosas costas; pescaoce com anzo-/es de que fasem grandes mercansias as nasçoens [sic] septentrionais./

Peixe gente<sup>592</sup> que intendo hé o que/ chamaraõ as gentes antigas Sereas de que tantas fabulas/ escreveraõ adonde ocupavaõ aquelles sabios os seos discurs-/sos, he hũ peixe que crese the oyto palmos de escama meuda/ e brancasenta com barbatanas como os demais peixes ea cabesa/ como de homem no feitio sem forma de cara mais do que/ taõ só mentes [sic] a boca no mesmo lugar e forma do homem/ as partes da gerasam como de animal terrestre ajuntaõce pa-

<sup>589</sup> Atropos ou Átropos (do grego “sem retorno”) era uma das três moiras, deusas que regiam os destinos dos homens. Seus atributos eram o quadrante solar, a balança e a tesoura, ou ainda uma esfera e um livro onde ela lia os destinos.

<sup>590</sup> “Baleote” – Cetáceo da família Balenopteridae, *Balaenoptera acutorostrata* (Lacépède, 1804).

<sup>591</sup> “Bacalhão” – Nome primariamente atribuído ao *Gadus morrhua* Linnaeus, 1758 (Gadiformes, Gadidae), o bacalhau do hemisfério norte. Talvez Saa pensasse que a espécie migra para o sul por causa do calor porque o nome “bacalhau” é usado no Brasil para várias espécies de peixes diferentes: para as abróteas (espécies do gênero *Urophycis*, Gadiformes, Phycidae), para espécies do gênero *Equetus* e para a pescada-cambucu, *Cynoscion virescens* Cuvier, 1830 (todos estes da família Sciaenidae, Perciformes), para o gênero *Astroscopus* (Perciformes, Uranoscopidae), além do *Porichthys porosissimus* (Cuvier, 1829) (Batrachoidiformes, Batrachoididae). Isto, é óvio, é mera hipótese, o texto não sendo tão claro.

<sup>592</sup> “Peixe gente” – Um tanto confusa, esta passagem parece dizer respeito às diversas espécies de peixes-bois e dugongos (Sirenia).

/rem filhos perfeitos; achace isto pellas costas austrais, e da California; e contace que custumaõ os gentios quando co-  
/lhem as femeas as maos coabitarem com ellas, e o mesmo se dis/ faserem os negros Monsambiques pellas suas  
marinhas qu-/ando as achão./

Peixe anjo<sup>593</sup> assim chamado por ter/ tambem a cabesa como de homem o corpo semelhante ao casaõ/ cobertosa  
de lixa de cujos couros cobrem algumas obras ca-/seiras, estojos, bainhas, cabos. e outras cousas achaõce por/ todas as  
nosas costas./

Peixe porco<sup>594</sup> por ter a cabesa com fo-/cinho como de porco cresem the 7 palmos das carnes/ faseince grandes  
salgas pelas costas septentrionaes, os das aus-

trais//

### Fólio 351v

trais não pasaõ de hum palmo, e outros de meyo. Achouce/ na bara de hum rio chamado Furado por ser aberto por ar-  
/te humana para esgotar huns campos alagadisos, na ca-/pitania dos Goaitacases; hum animal morto dado a costa/ com  
o corpo, cabesa, crinas, e cauda como de cavalo, e pes/ de Tartaruga, juntaraõce os moradores a ver que todos/ afirmaraõ  
uniforme mente a cuja verdade me reporto;/ naõ se averiguou se era do mar, ou da agoa doce por/ sahir o rio de hum/  
grande lago chamado Legoa fea./

Xareo<sup>595</sup> ha de sinco especias, os ma-/yores sam de sinco palmos que sam os legitimos, Xarelle-/toens<sup>596</sup>,  
Xarelletes<sup>597</sup>, e outros somenos<sup>598</sup>; sam todos de bom sabor e/ naõ menos as ovas; criaõce nos mares do sul de donde  
saem/ inmencidades a corer as costas para o norte enprocura do ca-/llor quando lá lhes falta./

<sup>593</sup> Não identificado.

<sup>594</sup> “Peixe-porco” – Peixe-porco, no Brasil, é nome aplicado aos representantes do gênero *Balistes* (Balistidae, Tetraodontiformes). Em certas obras antigas é o nome dado também ao *Stephanolepis hispidus* (Tetraodontiformes, Monacanthidae) do Atlântico, desde a América do Norte até o Rio de Janeiro. É duvidoso que o autor do manuscrito esteja se referindo a esta espécie; muito provavelmente tinha sob os olhos uma espécie de *Balistes*.

<sup>595</sup> “Xareo” – Designação comum a várias espécies do gênero *Caranx*, que ocorrem no Atlântico; ver chave para as espécies desse gênero do Sudeste do Brasil em Menezes & Figueiredo (1980: 3-6) São espécies migradoras.

<sup>596</sup> “Xarelletoens” – Alguma espécie do gênero *Caranx* (ver nota anterior).

<sup>597</sup> “Xarelletes” – Xarelete (dim. de xaréu). Para Menezes & Figueiredo (1980:5) é o *Caranx latus*. Para Ferreira (s/d: 1492), é o *Caranx crysos*, do Atlântico, desde a América do Norte, e toda a costa sul-americana.

<sup>598</sup> No MS da BNRJ “xareletinhos”.

<sup>599</sup> “Olho de Boy piranga” – Olho-de-boi. De acordo com Menezes & Figueiredo (1980: 12-13), é um outro carangídeo, *Seriola dumerili* (Risso, 1810) (Perciformes, Carangidae). Ferreira (s/d:1004) diz que é *Seriola lalandi* Valenciennes, 1833, do Atlântico, das Antilhas ao Uruguai. Menezes & Figueiredo (1980:13) atribuem a esta última espécie o nome de olhete.

<sup>600</sup> “Bacamarte” – Trata-se do *olhete-bacamarte*, *Seriola rivoliana* Valenciennes, 1833 (cf. Ihering, 1936: 344, 1940: 549, 1968: 487), peixe perciforme da fam. Carangidae, circuntropical; no Atlântico ocidental distribui-se de Massachusetts à Argentina.

<sup>601</sup> “Galos – Há de 3 especies” – Conhecem-se atualmente 4 espécies de peixes-galo (Perciformes, Carangidae): *Alectis ciliaris* (Bloch, 1787), *Selene brownii* (Cuvier, 1816), *Selene setapinnis* (Mitchill, 1815) e *Selene vomer* (Linnaeus, 1758). O nome foi também aplicado na literatura para *Zenopsis conchifera* (Lowe, 1852) (Zeiformes, Zeidae). [Figs. 134, 135]

<sup>602</sup> “Tainhas” – Denominação comum de *Mugil Liza* Valenciennes, 1836 (Mugilidae, Perciformes).

<sup>603</sup> “Paratis” – Parati. Denominação das várias espécies do gênero *Mugil* (Mugilidae, Mugiliformes). Menezes & Figueiredo (1985: 21) apresentam uma chave para identificação das espécies do sudeste do Brasil.

<sup>604</sup> “curvinas” – Corvina (do esp. corvina). *Micropogonias furnieri* (Desmarest, 1823) (Sciaenidae, Perciformes).

<sup>605</sup> “Sororocas” – Sororoca. Nome aplicado atualmente, no Sudeste. a *Scomberomorus brasiliensis* Collette, Russo & Zavala-Camin, 1978 (Perciformes, Scombridae).

Olho de boy piranga<sup>599</sup>, Bacamarte<sup>600</sup>/ Gallos de tres castas<sup>601</sup>, Tainhas<sup>602</sup>, Paratis<sup>603</sup>, Curvinas<sup>604</sup>, Sororocas<sup>605</sup>,/ Cavallas<sup>606</sup>, pampanos<sup>607</sup>, pescadas de 3 castas<sup>608</sup>, Sardinhas de/ 5 divercidades<sup>609</sup>, Cachorrinhos<sup>610</sup>, Manjuba<sup>611</sup>, tudo isto criace/ nos mares do sul e quando lhes entra o inverno saem/ a corer as costas para o norte enprocura do callor, que en-/chem esas costas, adonde seocupaõ as gentes que por/ ellas morão a faser pescas e salgas de que caregão muitas/ somacas<sup>612</sup> que levaõ por negocio para os portos de mais/ commercios./

Os que secrião pellas costas e nellas/ habitaõ são tainhas, paratis, Camboropis<sup>613</sup>, Meros<sup>614</sup>, Roba-/los<sup>615</sup>, Badejos<sup>616</sup>, Sargos<sup>617</sup>, Carapebas<sup>618</sup> de seis castas, Piragereba<sup>619</sup>,/ Enxadas<sup>620</sup> Pampanos<sup>621</sup>, Bagres<sup>622</sup> de 14 expecies, Piragoa-/ ya//

## Fólio 352r

<sup>606</sup> “Cavallas” – Talvez a cavala-verdadeira, *Scomberomorus cavalla* (Cuvier, 1829) (Perciformes, Scombridae), do Atlântico, desde a América do Norte até Angra dos Reis.

<sup>607</sup> Provável referência a *Trachinotus carolinus* (Linnaeus, 1766) Perciformes, Carangidae).

<sup>608</sup> “pescadas” – Designação comum a várias espécies de peixes da família Sciaenidae (Perciformes), especialmente as do gênero *Cynoscion*, e também *Macrondon ancyllodon* (Bloch & Schneider, 1801).

<sup>609</sup> “Sardinhas” – Designação comum a várias espécies de peixes da Clupeidae (Clupeiformes).

<sup>610</sup> Representantes da família Clupeidae.

<sup>611</sup> “Manjuba” – Designação comum a várias espécies de Engraulidae (Clupeiformes). Figueiredo & Menezes (1978), dão chaves para a identificação das espécies do sudeste brasileiro.

<sup>612</sup> Sumaca – Embarcação pequena de dois mastros.

<sup>613</sup> “Camboropi” – Camurupim (do tupi *camuru’pi*, por nasalização) ou tarpão. *Megalops atlanticus* (Valenciennes, 1847) (Megalopidae, Elopiformes).

<sup>614</sup> “Mero” – Provavelmente *Epinephelus itajara* (Lichtenstein, 1822) (Serranidae, Perciformes).

<sup>615</sup> “robalos” – Nome comum a várias espécies do gênero *Centropomus* (Centropomidae, Perciformes).

<sup>616</sup> “Badejos” – Designação comum a peixes de várias espécies de Serranidae (Perciformes), que vivem em pequenos cardumes.

<sup>617</sup> “Sargos” – Designação comum a diversos representantes de perciformes das famílias Sparidae (*Archosargus*, *Diplodus*) e Haemulidae (*Anisotremus*, *Boridía*) e em particular à sardinha-laje, *Opisthonema oglinum* (Lesuer, 1898) (Clupeidae, Clupeiformes).

<sup>618</sup> “Carapebas” – *Diapterus rhombeus* (Cuvier, 1829) e *Diapterus auratus* Ranzani, 1842 (Gerreidae, Perciformes).

<sup>619</sup> “Piragereba” – Muito provavelmente é a “prejereba”, *Lobotes surinamensis* (Bloch, 1790) (Lobotidae, Perciformes).

<sup>620</sup> “Enxada” – Designação comum às seguintes espécies: *Chaetodipterus faber* (Broussonet, 1782) (Ephippidae, Perciformes), *Holacanthus ciliaris* (Linnaeus, 1757), *Holacanthus tricolor* (Bloch, 1795), *Pomacanthus arcuatus* (Linnaeus, 1758) e *Pomacanthus paru* (Bloch, 1787) (Perciformes, Pomacanthidae).

<sup>621</sup> Um dos nomes do pampo-de-espinha-mole, *Trachinotus carolinus* (Linnaeus, 1766) (Perciformes, Carangidae).

<sup>622</sup> “Bagres” – Designação comum a várias espécies de peixes das Famílias Ariidae e Pimelodidae (Ordem Siluriformes). Como o autor do manuscrito está enumerando os peixes marinhos, nesta passagem deve estar se referindo somente aos Ariidae, família que compreende os bagres, peixes de couro, marinhos e de água salobra. Algumas formas entram em água doce.

<sup>623</sup> No MS da BNRJ consta: “Pirauna – p’ outro nome *Piraguaya*” – Miraguaia ou piraúna, *Pogonias cromis* (Linnaeus, 1758) (Sciaenidae, Perciformes).

<sup>624</sup> “Roncador” – Designação comum a certos perciformes marinhos das fams. Haemulidae e Sciaenidae; em particular *Conodon nobilis* (Linnaeus, 1758) (Haemulidae, Perciformes).

<sup>625</sup> “Vermelho” – Designação comum a várias espécies de peixes da família Lutjanidae (Perciformes), especialmente dos gêneros *Lutjanus* e *Rhomboplites*.

<sup>626</sup> “Corocorócas” – Vocábulo onomatopaico imitante do ronco do peixe. Designação comum a várias espécies do gênero *Haemulon* (Haemulidae, Perciformes), do Atlântico.

<sup>627</sup> “Mixole” – Michole: *Diplectrum formosum* (Linnaeus, 1758) e *Diplectrum radiale* (Quoy & Gaimard, 1834) (Serranidae, Perciformes).

<sup>628</sup> “Lingoado” – Designação comum a várias espécies de Pleuronectiformes, caracterizados pela forma oval e achatada do corpo, com uma única nadadeira dorsal, a nadadeira ventral confluyente e a caudal arredondada no ápice; há famílias de linguados com os olhos do lado direito ou esquerdo do corpo; aqui no Brasil os marinhos, de maior porte e por essa razão procurados comercialmente, são da família Paralichthyidae, com olhos do lado esquerdo do corpo.

<sup>629</sup> “Rayas” – Arraias ou Raias. Designação comum aos representantes da Classe Chondrichthyes, Ordem Rajiformes, que inclui as Famílias Pristidae, Rhinobatidae, Torpedinidae, Rajidae, Dasyatidae, Potamotrygonidae, Myliobatidae e Mobulidae, de corpo achatado, boca e fendas branquiais situadas na face ventral, nadadeiras peitorais muito desenvolvidas, em forma de asas. Há raias marinhas e de água doce. Repousam sempre no fundo, nadando de maneira graciosa. A cauda é longa, afilada, provida de um, dois, ou mais ferrões peçonhentos, dotados de farpas recurvadas, o que dificulta a sua retirada da carne onde penetram. As espécies marinhas do Sudeste do Brasil foram estudadas por Figueiredo (1977: 29-43).

ya<sup>623</sup> Roncadores<sup>624</sup>, vermelhos<sup>625</sup>, Corocorocas<sup>626</sup>, Mixoles<sup>627</sup>, lingoados<sup>628</sup>/ de 5 castas, Rayas<sup>629</sup> de 7 especies, Jaman-tas<sup>630</sup>, voado-/res<sup>631</sup>, obarana<sup>632</sup>, savelha<sup>633</sup>, moreya<sup>634</sup>, peixe espada<sup>635</sup>, peixe rey<sup>636</sup> Man-/gangá<sup>637</sup>, Beijupira<sup>638</sup>, Paru<sup>639</sup>, Guaracema<sup>640</sup>, Jagoarasá<sup>641</sup>, Cangaoha<sup>642</sup>/ Caripicu<sup>643</sup>, Bayacú<sup>644</sup> de 4 castas a saber bayacu de espinho<sup>645</sup>, Bayacuará<sup>646</sup> e bayacu merim<sup>647</sup> de 2 castas; estes bayacus todos/ elles tem o fel cheyo de hũ humor vermelho veneno fi-/nissimo que quem comeo o peixe sem lhosaber tirar, sen-/tio os efeitos do veneno; Os antidotos que sendo toma-/dos logo he tojuco do mar desfeito enagoa bebido, e aseite doce; e perparados estes peixes por quem lhes sabe tirar/ o fel sam muito bons e tem primasia entre os pescadores/ Cortaõ estes mesmos bayacus hum anzol de aso temperado destes de hum golpe com os dentes, e com tudo nella boca/ morem; estes sam os peixes das agoas salgadas das nossas/ costas do Brasil aque soube os nomes, e vi tantos sem/ nominasaõ que naõ tem numeros./

Os peixes dos Rios nascidos de gerasaõ/ he como sem duvida que do mar sobiraõ, e sobem actual/ mente seus progenitores e ha muitas especies que sea-/chaõ enhua e outra região, e os gerados sine semine a-/donde tem principio ali tem fim, sam os que tem/ nominasam nestas nosas regioens os seguintes/

Piratinga<sup>648</sup> que crese thé 30 palmos/ cria toucinho de 3 dedos de grosura saboroso tanto fres-/co como salgado./

Peixe Boy<sup>649</sup> crese de 12 palmos/ tem a cabeça e tromba como de boy e couro duro preto/ a carne aspera e

<sup>630</sup> “Jamanta” – Nome comum a duas espécies de Rajiformes da família Mobulidae no Brasil, *Manta birostris* (Walbaum, 1792) e *Mobula hypostoma* (Bancroft, 1831) (Figueiredo, 1977: 42-43).

<sup>631</sup> “Voadores” – Designação comum a vários representantes da família Exocoetidae (Beloniformes). Nadam aos bandos, à procura do alimento, constituído por crustáceos e pequenos peixes. Costumam realizar voos planados de até 100 m de extensão. “Na realidade”, comentam Figueiredo & Menezes (1978: 55), “não se trata de um vôo típico; sem movimentar as nadadeiras peitorais abertas, planam simplesmente com a ajuda do vento. A propulsão é conseguida graças à velocidade obtida ainda na água ao movimentar rapidamente o lobo inferior da nadadeira caudal, muito desenvolvido. Nadadeiras pélvicas de algumas espécies, também muito desenvolvidas, agem em conjunto com as peitorais; nestas, o vôo é de certa forma controlado. Em outras, as pélvicas são pouco desenvolvidas e apenas as peitorais atuam enquanto planam; o vôo é menos controlado”. As espécies do Sudeste brasileiro são caracterizadas por Figueiredo & Menezes, (1978: 58-62).

<sup>632</sup> “Obarana” – Quase certamente *Elops saurus* Linnaeus, 1766 (Elopidae, Elopiformes). Chamam-se também obaranas ou ubaranas, mas mais precisamente obarana-focinho-de-rato, as espécies (raras em nossas costas) *Albula vulpes* (Linnaeus, 1758) e *Albula nemoptera* (Fowler, 1911) (Albulidae, Albuliformes).

<sup>633</sup> “Savelha” – *Brevoortia pectinata* (Jenyns, 1842) e *Brevoortia aurea* (Spix & Agassiz, 1829) (Clupeidae, Clupeiformes).

<sup>634</sup> “Moreia” – Nome comum a várias espécies de Anguilliformes. As famílias incluídas nesse grupo com representantes no Sudeste brasileiro são: Xenocongridae, Muraenidae, Muraenesocidae, Congridae e Ophichthidae, a segunda das quais inclui as moreias propriamente ditas. Figueiredo & Menezes (1978: 7-20) tratam das espécies do Sudeste do Brasil.

<sup>635</sup> “peixe espada” – *Trichiurus lepturus* Linnaeus, 1758 (Trichiuridae, Perciformes), do Atlântico, desde a Virgínia até a Argentina.

<sup>636</sup> Malgrado possa designar numerosas espécies das mais diferentes famílias, “peixe-rei” é um nome frequentemente utilizado para distinguir vários representantes da família Atherinopsidae (Atheriniformes), inclusive *Atherinella brasiliensis* (Quoy & Gaimard, 1825), *Atherinomorus stipes* (Müller & Troschel, 1848) e *Odontesthes argentinensis* (Valenciennes, 1835).

<sup>637</sup> Designação comum aos representantes do gênero *Scorpaena* (Scorpaenidae, Scorpaeniformes).

<sup>638</sup> Trata-se de *Rachycentron canadum* (Linnaeus, 1758), única espécie da família Rachycentridae (Perciformes).

<sup>639</sup> Trata-se provavelmente de *Pomacanthus arcuatus* (Linnaeus, 1758) ou *Pomacanthus paru* (Bloch, 1787) (Perciformes, Pomacanthidae).

<sup>640</sup> “Guaracema” – O mesmo que xaréu (ver nota 18 acima).

<sup>641</sup> “Jagoarasá” – Variante de jaguarugá, nome indígena de *Holocentrus adscensionis* (Osbeck, 1771) (Beryciformes, Holocentridae).

<sup>642</sup> “Cangaoha” – Canguá. Nome comum a várias espécies dos gêneros *Stellifer*, *Ophioscion* e *Bairdiella* (Sciaenidae, Perciformes), do Atlântico (Ferreira, s/d: 270).

<sup>643</sup> “Carapicu” – Carapicu: Designação comum a várias espécies do gênero *Eucinostomus* (Perciformes, Gerreidae).

<sup>644</sup> Nome conferido aos peixes da ordem Tetraodontiformes, bem conhecidos pela capacidade de inflar a barriga, assumindo um característico formato arredondado.

<sup>645</sup> Designação comum a diversas espécies dos gêneros *Chilomycterus* e *Diodon* (Tetraodontiformes, Diodontidae).

<sup>646</sup> “Bayacuará” – Baiacuará ou baiacuarara, *Lagocephalus laevigatus* (Linnaeus, 1758) (Tetraodontidae, Tetraodontiformes), do Atlântico, desde a Flórida até Montevidéu.

<sup>647</sup> “Bayacu merim” – Baiacu-mirim, nome aplicado às espécies do gênero *Sphoeroides* (Tetraodontiformes, Tetraodontidae).

<sup>648</sup> “Piratinga” – O mesmo que piraíba, *Brachyplatystoma filamentosum* (Lichtenstein, 1819) (Pimelodidae, Siluriformes), dos rios Amazonas e Parnaíba.

<sup>649</sup> “Peixe boy” – *Trichechus inunguis* (Natterer, 1833) (Sirenia, Trichechidae), das bacias do Orenoco e do Amazonas.

<sup>650</sup> “Botos dos rios” – Tais cetáceos estão representados nos rios da bacia amazônica pelo boto-vermelho, *Inia geoffrensis* (Blainville, 1817) (Iniidae), e pelo boto-preto ou tucuxi, *Sotalia fluviatilis* (Gervais & De Ville, 1853) (Delphinidae).



saborosa porem estes os filhos ja per-/feitos. Botos dos rios<sup>650</sup> do feito e grandor de hũ Tu-/

ba//

Fólio 352v

barão com hua fresta sobre a cabeça por donde res-/pirão como as Baleas as carnes fectidas são oviparos./ Sorobi<sup>651</sup> semelhante ao Piratinga com o couro lavrado/ Pira Cambocu<sup>652</sup>, Pira Catiara<sup>653</sup>, Barbado<sup>654</sup>, Bagres dos/ rios<sup>655</sup> contei delles 27 expecias diversas en cores la-/vores e grandor./ Juropoca<sup>656</sup>, Palmito<sup>657</sup>, Jurupense<sup>658</sup>,

<sup>651</sup> “Sorobi” – Surubim, designação comum aos peixes dos gêneros *Platystomichthys*, *Pseudoplatystoma* [Ver nota abaixo] e *Sorubim* (Pimelodidae, Siluriformes).

<sup>652</sup> “Pira cambocu” – Piracambucu, *Pseudoplatystoma fasciatum* (Linnaeus, 1766) (Pimelodidae, Siluriformes), distribuído por todo o Brasil.

<sup>653</sup> “Pira catiara” – Piracajara, piracajara ou surubim- pintado, *Pseudoplatystoma corruscans* (Spix & Agassiz, 1829) (Pimelodidae, Siluriformes), com larga distribuição no Brasil.

<sup>654</sup> “Barbado” – Provável referência a *Pinirampus pirinampu* (Spix & Agassiz, 1829) (Pimelodidae, Siluriformes), da bacia amazônica e do rio Paraguai.

<sup>655</sup> “Bagres” – Ver nota 609 acima. Nome comum a vários peixes da família Pimelodidae (que inclui os peixes tratados nas notas ). É um grupo muito variado.

<sup>656</sup> “Juropoca” – *Hemisorubim platyrhynchos* (Valenciennes, 1840) (Pimelodidae, Siluriformes), de ampla distribuição no Brasil.

<sup>657</sup> “palmito” – *Auchenipterus nigripinnis* (Boulenger, 1895) (Auchenipteridae, Siluriformes), dos rios do Mato Grosso e Paraguai.

<sup>658</sup> “jurupense” – Jurupensém: designação comum à jurupoca (ver nota 657), a *Hypophthalmus edentatus* Spix & Agassiz, 1829 (Siluriformes, Hypophthalmidae), mais conhecido como mapará, e a *Sorubim lima* (Bloch & Schneider, 1801). Magalhães (1931: 242) comenta: “Sob a denominação de Jurupensen, é conhecido em Goyaz, um pseudo-sorubim, que chega a alcançar 60 cm, cõr castanha e barriga branca. A cabeça, chata, occupa um terço do comprimento do corpo. Há gravura muito bõa, no livro de Spix (*Sorubim infraocularis*). Este peixe, em algumas localidades, recebe o nome de Sorubim-lima, por ter a maxilla superior muito avançada e por apresentar a face inferior da mesma asperosidade igual á d’aquelle instrumento”. A espécie de Spix é hoje um sinônimo júnior de *Sorubim lima*.

<sup>659</sup> “Jau” – Jaú. *Zungaro jahu* (Ihering, 1898) (Pimelodidae, Siluriformes), da bacia dos rios Paraná-Paraguai. Segundo Sáa [1775] (1904: 13): “[Em 1723] comprou Joaquim Pinto hum Jaú no porto geral por huma quarta de ouro fello em postas foy vendellas pelas Lavras e fez meya Libra de ouro”.

<sup>660</sup> “Jaupeba” – Martius (1863:459) já registrara esse nome (*Jaú-peba*), para uma espécie não identificada do Rio Tietê, em São Paulo.

<sup>661</sup> “Pirarára” – Pirarara. *Phractocephalus hemiliopterus* (Bloch & Schneider, 1801) (Pimelodidae, Siluriformes), da Amazônia.

<sup>662</sup> “Pescadinha” – Como pescada, em geral (e pescada- amarela, pescada-do-reino, pescada-preta, pescada-branca) são conhecidas as espécies dos gêneros *Cynoscion* e *Plagioscion* (Sciaenidae).

<sup>663</sup> “Corvina” – Também representantes da família Sciaenidae, gêneros *Pachyurus* e *Plagioscion*.

<sup>664</sup> “Dourado” – *Salminus brasiliensis* (Cuvier, 1816) (Characidae, Characiformes), das bacias do Paraná, Paraguai e Uruguai. Segundo Sáa [1775] (1904: 13): “[Em 1723] não haviaõ ainda pecadores nem o uso de pescar no Rio Cuyabá e por acaso algum que o fazia vendia hum dourado que por acaso colhia por sete e oito oitavas de ouro como foy o Jaú que comprou Joaquim Pinto”.

<sup>665</sup> Ver nota 194.

<sup>666</sup> “Peabanha” – Piabanha. Provavelmente *Brycon amazonicus* (Spix & Agassiz, 1829) (Characidae, Characiformes).

<sup>667</sup> “Pirapotanga” – Sáa só menciona o nome, sem especificações. Talvez uma espécie do gênero *Brycon* (Characidae, Characiformes).

<sup>668</sup> “Pirapitinga” – *Piaractus brachypomus* (Cuvier, 1817) (Myleinae, Characidae, Characiformes), um pacu que atinge grande porte. Ocorre nas bacias do Amazonas e do Orinoco.

<sup>669</sup> “Matrinxan” – Matrinxã. Provavelmente *Brycon hilarii* (Valenciennes, 1850), da bacia do rio Paraguai (Characidae, Characiformes).

<sup>670</sup> Designação comum a várias espécies de Characidae da subfamília Myleinae.

<sup>671</sup> “Pacuasu” – *Piaractus brachypomus* (Cuvier, 1817) (Characidae, Characiformes), da bacia amazônica. Martius (1863: 466) grafou *pacu-guaçu*.

<sup>672</sup> “Pacupéba” – Designação comum a diversas espécies dos gêneros *Metynnis*, *Myleus* e *Mylossoma* (Characidae, Characiformes).

<sup>673</sup> “Abotoado” – Designação comum às espécies *Doras murica* (Natterer, 1855), *Platydor armatulus* (Valenciennes, 1840) e *Pterodoras granulosus* (Valenciennes, 1821) (Siluriformes, Doradidae). É mais provável que Sáa quisesse referir-se a esta última.

<sup>674</sup> “Epiaba” – Piaba. Designação comum a várias espécies de peixes fluviais da família Characidae (Characiformes), especialmente dos gêneros *Leporinus* e *Schizodon*.

Jau<sup>659</sup>/ Jaupeba<sup>660</sup>, Pirarára<sup>661</sup>, Pescadinha<sup>662</sup>, Corvina<sup>663</sup>, Dourado<sup>664</sup>, Pi-/ra cambuco<sup>665</sup>, Peabanha<sup>666</sup>, Pirapotanga<sup>667</sup>, Pirapitinga<sup>668</sup>, Ma-/trinxa<sup>669</sup>, Pacú<sup>670</sup>, Pacuasú<sup>671</sup>, Pacúpeba<sup>672</sup> Abotoado<sup>673</sup>, Epiaba<sup>674</sup>/ Pirajagoara<sup>675</sup>, Jacundá<sup>676</sup> Peaba<sup>677</sup>, Peabosú<sup>678</sup>, Coruma-/tan<sup>679</sup>, Rayas<sup>680</sup> de muitas castas, Sardinhas<sup>681</sup> de varias cas-/tas, semelhantes as do mar, Taubarana<sup>682</sup>, Tayabucú<sup>683</sup> Oa-/cari<sup>684</sup>, Piracica<sup>685</sup>, Peixe noivo<sup>686</sup> he semelhante ao que no mar chamaõ pegador<sup>687</sup> que andaõ ferados as baleas, e pelas pe-/dras, estes dos rios vivem ferados a qual quer pao, que aonde lhe parece faz com o rabo hua matinada batendo/ a agoa para juntar os peixinhos pequenos enque fas sua/ presa quando os ve juntos e tornace a ferar como de antes./

Sagoa<sup>688</sup>, Sairú<sup>689</sup>, pequirá<sup>690</sup> he do/ grandor dehua unha e da conveniencia [sic] nos aseites que/ delles setira, Ijújú<sup>691</sup>, Taubira<sup>692</sup>, Traira<sup>693</sup> vive nas alago-/as quando selheseca caminha por terra enprocura de/ outra, Moroba<sup>694</sup>, Acara<sup>695</sup>, Jundia<sup>696</sup>, Mosum<sup>697</sup> estes qua-/tro ultimos vivem tambem nas alagoas quando selhese/caõ, interaõce no tojuco adonde seconservaõ vivos/ the haverem chuvas que as alagoas tomem agoa./

Piranha<sup>698</sup> he peixe que corta os an-/zoes e linhas dehum golpe com os dentes, e o mesmo fas/ a gente e animais que selansaõ ao rio adonde as ha que/ de hũ golpe lhelevaõ hum pedaso de carne serse [sic] tam li-/

geiros//

### Fólio 353r

<sup>675</sup> “Pirajagoara” – É o tucuxi. Ver nota 651 acima.

<sup>676</sup> “Jacundá” – Designação comum a várias espécies do gênero *Crenicichla* (Cichlidae, Perciformes).

<sup>677</sup> Ver nota 216.

<sup>678</sup> “Peabosú” – Piabuçu. Designação comum, em certas regiões do Brasil, às espécies de piabas (ver nota 216) de porte avantajado (Ferreira, s/d: 1090).

<sup>679</sup> “Corumatan” – Curumatá, Curumatã ou Curumatão. Designação comum a diversas espécies de peixes do Amazonas e do rio São Francisco, da família Curimatidae (Characiformes).

<sup>680</sup> “Rayas” – Designação comum a várias espécies de raias de água-doce, da família Potamotrygonidae (Chondrichthyes, Rajiformes), pertencentes aos gêneros *Paratrygon*, *Plesiotrygon* e *Potamotrygon*.

<sup>681</sup> “Sardinhas” – O autor deve referir-se aos Clupeidae, pois os compara com as sardinhas marinhas.

<sup>682</sup> “Taubarana” – *Salminus hilarii* Valenciennes, 1850 (Characidae, Characiformes).

<sup>683</sup> “Tayabucú” – Peixe-cachorro e taiabucu. Designação comum a várias espécies de peixes do gênero *Acestrorhynchus* (Acestrorhynchidae, Characiformes). Mas talvez Saa pretendesse referir-se a *Raphiodon vulpinus* (Spix & Agassiz, 1829) (Cynodontidae, Characiformes), das bacias do Prata e Amazonas, com dois grandes dentes inseridos na mandíbula e perfurando a maxila.

<sup>684</sup> “Oacari” – Uacari ou cascudo. Designação comum aos peixes da família Loricariidae (Siluriformes), da qual há abundantes gêneros e espécies em nosso país.

<sup>685</sup> “Piracica” – Não identificado. Martius (1863:469) registrou Pira-cicica, Pira-mucica e Pira-picyca. Encontramos grafado “Piracirica” no poema “Peixes brasileiros” de Bastos Tigre, citado por Magalhães (1931: 254-255).

<sup>686</sup> “Peixe noivo”. No MS da BNRJ é chamado *pirarara*. Ver nota 648.

<sup>687</sup> Ver nota 564.

<sup>688</sup> “Sagoa” – Martius (1863:472) registrou este nome como *sagóá*, sem identificá-lo, como um peixe procedente de São Paulo. Trata-se de *Genyatremus luteus* (Bloch, 1790) (Haemulidae, Perciformes), mais conhecido como caicanha, sendo um dos sinônimos saguá (Ihering, 1940: 695).

<sup>689</sup> “Sairú” – Seria o Saguiru? Denominação comum a várias espécies de peixes da família Curimatidae (Curimatinae) (Characiformes).

<sup>690</sup> “Pequirá” – Piquira. Designação comum às espécies de lambaris de porte pequeno, ou de certos peixes pequenos, entre 3 e 5 cm de comprimento (Ferreira, s/d:1100).

<sup>691</sup> “Ijújú” – Muito provavelmente o jeju, *Hoplerhynchus unitaeniatus* (Spix & Agassiz, 1829) (Erythrinidae, Characiformes), dos rios Amazonas, Paraguai e São Francisco.

<sup>692</sup> “Taubira” – Martius (1863: 481) atribuiu esse nome tentativamente a um peixe não identificado.

<sup>693</sup> “Traira” – *Hoplias malabaricus* (Bloch, 1794) (Erythrinidae, Characiformes), distribuído por todo o Brasil.

<sup>694</sup> “Moroba” – Diz Magalhães (1931:244): “Morobá. Sob esta denominação, é conhecido, no Estado do Rio de Janeiro, o Jejú (*Erythrinus unitaeniatus*, de Spix)”.

<sup>695</sup> “Acara” – Acará. Designação comum a muitas espécies peixes da Família Cichlidae (Perciformes).

<sup>696</sup> “Jundia” – Jundiá. Designação genérica dos bagres (ver nota ) em geral.

<sup>697</sup> “Mosum” – Muçum. *Synbranchus marmoratus* Bloch, 1795 (Synbranchidae, Synbranchiformes), da América do Sul cisandina.

<sup>698</sup> “Piranha” – Designação comum a vários peixes da família Characidae (Serrasalminae).

geiros como huma seta naõ pasaõ de hũ palmo de comprido/ e hum gemo de largura, achaoce de 4 especias, brancos/ pretos vermelhos, e asafroados./

Tramelga he o peixe chamado dos Latinos Torpedo<sup>699</sup>, e de alguns escriptores Polippo erada men-/te que Polippo he o Polvo; deste torpedo ou tremelga/ escreveraõ muitos e famosos escriptores, e nenhum conta/ verdadeiramente o efeito que fas, e he por que todos/ escreveraõ o que ouviraõ, e eu direi o que vi e examinei./ Dis Plinio<sup>700</sup> Sollino<sup>701</sup> e outros que todos seguiraõ Aristo-/teles<sup>702</sup> nestas especullasoens; que o tal peixe pello anzol/ e linha communica o seo veneno ao braso do pescador/ com que o intumese, e causa accidentes. Lope de veiga/ Carpio<sup>703</sup> poeta comico, dis que communica o tal peixe ve-/neno pella linha com que mata supita mente o pescador./ O Reverendo Feijoo<sup>704</sup> na sua historia natural § 8. n./ 56. nega tudo isto acceticamente, disendo que pello/ mecanismo he que o peixe inpele a quem ofere. Dom/ Salvador Mainer no seo anthytheatro discurso 2. n. 40<sup>705</sup>/ afirma com huma cambulhada de autores, a sertesa/ da opiniaõ antiga, e resoens que os tais derãõ sobre/ a causa dos efeitos que causa este peixe./

<sup>699</sup> “Torpedo” – Nomes aplicados às raias elétricas da família Torpedinidae (Torpediniformes), grupo representado no Brasil por *Torpedo nobiliana* Bonaparte, 1835 e *Torpedo puelcha* Lahille, 1926. Para maiores detalhes, vide Finger & Piccolino (2011).

<sup>700</sup> Várias são as passagens dedicadas às raias elétricas nos livros IX e XXXII da *Historia Naturalis*.

<sup>701</sup> Provável referência ao peixe que Solinus chama de *polypus* em seu *Polyhistor* (Solinus, 1847).

<sup>702</sup> O trecho relevante nesse caso foi pertence ao livro IX da *História dos Animais*: “o peixe torpedo provoca o entumescimento dos peixes de que vai se apoderar, capturando-os graças a faculdade de sua constituição física, e se alimenta deles... a prova que estes peixes asseguram sua subsistência desta maneira é que, sendo lentíssimos, são pescados amiúde tendo tainhas em seu interior, que são os mais rápidos de todos os peixes ... quanto ao peixe torpedo, é bem conhecido que consegue inclusive paralisar as pessoas”.

<sup>703</sup> Referência ao grande poeta e dramaturgo espanhol Félix Lope de Vega y Carpio, que faz breve alusão a essa raia elétrica no canto XIII do poema intitulado *La Hermosura de Angelica*, publicado em 1604: “Parte a Granada alegre, sin que entienda/ como la lleva el nuevo gusto en calma,/ que ha dejado del hurto el alma en prenda,/ pues lleva una pintura y deja el alma:/ pues para que el veneno el alma encienda,/ al corazón passó desde la palma/ qual suele al pescador el pez torpedo/ subir por el sedal del cebo al dedo”.

<sup>704</sup> Em seu *Teatro Critico Universal*, o Frade Benito Geronimo Feijóo y Montenegro refere-se a esse peixe nos seguintes termos: “Lo que se cuenta del pez llamado en Latin *Torpedo*, y en Castellano Trimielga, en parte es verdad, y en parte fábula. Es verdad que si le tocan con una hasta, ó báculo, produce en el brazo del que le hiere una leve sensacion dolorosa, mezclada con algo de estupor, la qual es ocasionada de la repercursion que hace el pez contra el báculo, con un movimiento expansivo muy pronto. pero que cogido en el anzuelo por el hilo, y la caña comuniqua alguna qualidad capaz de entorpecer el brazo del Pescador, ó que haga el mismo efecto el contacto de la red, en que le cogen, es fábula; de modo que aquí no interviene alguna qualidad oculta, sino mero mecanismo. He leído las experiencias que se hicieron sobre este punto; no me acuerdo bien si fue en las Memorias de la Academia Real de las Ciencias, ó en otra parte” (Feijóo y Montenegro, 1779: 52).

<sup>705</sup> Em Mañer (1729: 159-162) lemos: “TORPEDO. 40. En el num. 59. trata su Reverendissima del Pez que los Latinos llaman *Torpedo*, y en Castellano *Trimielga*; y dice: *Que lo que dèl se cuenta, en parte es verdade, y en parte fabula*. Lo que tiene por fabuloso es, el que comuniqua su virtud por el contacto de la red, ò por el hilo, y la caña del Pecador: pues solo es verdad (prosigue) *que si le tocan con un basta, ò baculo, produce en el brazo del que le hiere una leve sensacion dolorosa, mezclada con algo de estupor, la qual es ocasionada de la repercursion que hace el pez contra el baculo, con movimiento expansivo muy pronto. De modo (concluye) que aqui no interviene alguna qualidad oculta, sino mero mecanismo*. En lo que su Reverendissima se funda es, *en haver leído las experiencias que se hicieron sobre este punto*; y añade: *No me acuerdo bien si fue en las Memorias de la Real Academia de las Ciencias, ò en otra parte*.”

41. De manera, que su Reverendissima nos decide por *error* la creencia, de que el *Pez Torpedo* por la sensacion con un báculo [sic], ú outra qualquiera cosa, comunica cierta virtud con que entorpece el brazo del que lo pulsa; porque solo tiene por *verdad, que es mero mecanismo, causado de la repercursion que hace el pez contra el baculo*; y esto no por otra razon, sino porque *leyò donde no se acuerda, las experiencias que se hicieron sobre este punto*, que no hace memoria en donde, ni de las experiencias que fueron; con lo qual discurre su Reverendissima tiene bastante fundamento para desterrarnos el *error*.

42. La experiencia nos enseña cada día, que si al primero le tocan con la garrocha, y al segundo con alguna vara, aunque hagan la *repercursion*, no por esso se experimenta *torpeza en el brazo que la pulsa, ni sensacion dolorosa*, respecto de que como en estos animales no ay outra virtude que el *mero mecanismo* de aquel contacto, y de su repulsa, no introducen en el brazo *estupor* alguno, *ni sensacion dolorosa*; y pues en la del *Torpedo* concede su Reverendissima el que se experimenta, mas que se debe atribuir à *puro mecanismo*, bien manifiesta se nos descubre la confianza en la negativa de la virtude de aquel pez, solamente aparatada de unas alegadas *experiencias*, à vista de las innumerables que se han executado con un pez, que quasi le ay en todas las partes del Mundo: en la Tierra-Firme de la America le llaman *Tembladera*, por el efecto que causa, no solo en entorpecer, sino en hacer temblar al que le roca. Puedo asegurar, que hallandome el año de 1699. en la Playa de las Tucàcas entre la Costa de Coro, y la de Venezuela, à tempo que unos Pescadores sacaban entre los peces de una rede el *Tropèdo* [sic], ò *Tembladera*, um amigo mio noticioso del efecto, querendo experimentarlo, con um carrizo, que acaso traía en la mano, le tocò, y al instante cayò de espaldas en la arena: levantòse com brevedad, afirmando se le havia comunicado del brazo à lo demàs del cuerpo un certo hormigueamente embarazoso, que le havia quitado la fuerza de tenerse em pie; pero que inmediatamente se le havia suspendido.

43. El Padre Christoval de Acuña, en su Historia de las Indias, describiendo el Rio de las Amazonas, disse, que entre otros muchos pezes, se halla en èl (estas son sus palabras) *el que llaman los Indios Paràque, que es al modo de un pequeño Congrio, y tiene tal propiedad, que mientras està vivo, quando le tocan tiembla luego todo el cuerpo, como si tuviera un recio frio de quartana, y todo cessa al instante que de èl se apartan*.

44. El Padre Nicolàs Godino, en el cap. II. del lib. I. de Rebus Abiss. queriendo en la Etiopia adelantar el experimento, disse de sì, que por no tener conocimiento de este pez, encargò à otros, que pusiessen en su presencia al *Torpedo* vivo entre otros pezes muertos, lo que executado, viò que à su contacto se movian todos los que se le llegaban: y que respecto de los efectos que de su virtude experimentan los Abissinos, sin alcanzar la causa, tienen à estos pezes por demonios.

45. El Padre Gaspar Escoto, de Magia universal; 4. part. lib. 4. cap. 4. con autoridade del Padre Kirkerio, afirma, obra el *Torpedo* com virtude narcòtica: y la causa de este fenomeno la podrà ver el curioso en el Mundo Subterraneo de aqueste ultimo Autor. 46. Es verdade, que aunque en todas partes produce el efecto de hacer temblar al que le toca, pues vémos em Mathiolo, que se le nombra *Tremulo* por aquella causa, no debe de ser tan activa en unas, como se experimenta en otras; porque Stephano Laurencini en su tratado de *Torpedo* dice, que separado de lo demàs de su cuerpo el corazon de este pez, palpita ocho, ú nueve horas: y que *tocandole al peze* [sic] *inmediatamente con la mano desnuda dos músculos que le rodean, y que es donde tiene su veneno*, al instante se siente el entorpecimento. Mas lo que es digno de toda atencion por su estrañeza, es lo que en sus viages asegura haver visto experimentarlo Juan de Ovington, que deteniendo el aliento al tempo de tocar al *Torpedo*, no entorpece á el que se le llega, cuya observacion traen las Memorias de Trevoux del año de 1726. art. 59. Y de todo lo referido se reconoce no ser *mero mecanismo* el entorpecimento que causa el *Torpedo*, quando se le toca, sino efecto de una virtude narcòtica del mismo peze [sic], experimentada en todas partes con innumerables observaciones”.

Huns que era virtude narcotica/ do inseto que pella atingencia commonica o [sic; ao] pescador,/ ou quem lhetoca e com ella causava o accidente que/ seesperimenta; outros que procede de dous nervitos/ que tocados causaõ o efeito; outros que por vapora-/sam causa o efeito, comprovando esta com a espe-/riencia de hum que retivera a respirasam no tempo/ que lhe tocou<sup>706</sup>, e poriso lhenaõ causara damno algum to-/

dos//

## Fólio 353v

todos com efeito escreveraõ o que ouviraõ; e eu direi o que vi./

He este peixe do feitio de huma cobra<sup>707</sup>, crese the 5 palmos, o rabo alfanjado, a ca-/besa redonda, a boca rasgada como cobra sernelha le-/mitada pella parte debaixo as costas rollisas pardo escu-/ro com seo lavor mais claro, ingorda muito de bom/ sabor; pescase com anzol lansace enterra, ou na em-/barcasaõ adonde atura vivo meyo dia sem que cause/ efeito nem prejuiso algum ao pescador, mas se dentro na/ agoa, na embarcasaõ, ou enterra selhetoca com a maõ/ ou com outra qual quer cousa estando vivo. e ain-/da que selhenaõ chegue a tocar basta que lheareme-/se a tocar com hum paõ [sic; páo] ou ferro; more de repente/ a maõ, braso, e todo o lado daquella parte; ficando/ a pesoa in-movel sentindo humas picadas como de/ carne dormente ou de formigas que picaõ, sogeita a/ pesoa sem poder bullir com sigo por espaso de hũ/ quarto de hora, dahi vai aos poucos pasando aquele/ esquecimento the que fica bom, pasado outro quarto de/ hora./

Morto o peixe já não causa pre-/juiso algum pello que pescaõno lansãõ enterra ou/ na embarcasam, e lhe não tocaõ senãõ depois que/ more que he pasado meyo dia, e entãõ o perparaõ que/ hé estimado dos pescadores. Achace este peixe na A-/merica austral entodas as vertentes que corem pa-/ra o norte, tanto nos rios como pellas marinhas, e na/ mesma conformidade entoda America septentri-/

onal//

## Fólio 354r

onal. Este he o peixe torpedo<sup>708</sup> e o efeito que causa seo ve-/neno por onde semostrã não ser o que delle escreveraõ/ os sabios dos tempos pasados; e se meperguntaõ qual he/ a causa do efeito, respondo: que fasais anatomia ao asou-/gue que para descobrir a causa por que se pega ao ouro/ prata, e chumbo. A pedra cevar<sup>709</sup> por que se junta com/ o ferro ou o ferro com ella que he o mais serto. O inxo-/fre por que junto com o ferro fulmina fogo. O alam-/bre que tem com as pallas para atrahilas. O elio-/tropo<sup>710</sup> que amidades tem com o sol. O suor do homem/ que tem com sangue do mestre [sic] femil para o desco-/gullar e anichillar; os venenos por que matãõ. Os pur-/gantes por que fasem evacuar os corpos; que depois/ que medescobrires todos estes segredos, eu vos desco-/brirei o segredo do Torpedo, ou Tremelga./

Polvo<sup>711</sup>, ou pollipo he singullar na/ formallidade, tem o corpo rolliso rodeado de pontas a ma-/neira de rayos e chegãõ a crescer tres palmos, sem oso/ escama nem membrana, a pelea lisa escoregadia; tem/ a boca na parte infima que he o remate das pernas ou/ rayos que saõ muitos; e o intestino reto no alto da cabe-/sa entre os olhos; o fel de hum humor negro, que/ adonde cahio não ha cousa que odespegue. Tem/ este inseto tanto esforso que mettido entre as pedras/ adonde mora, prende hum homem enleandolhe os/ rayos pello braso, que não ha forsas humanas que o con-/vensaõ; e o remedio que tem o que seacha preso he me-/terlhe os dedos por hum capello que tem na cabesa/ e virallo do aveso que assim perde as forsas. Se ha in-/

<sup>706</sup> Trecho claramente extraído de Mañer (ver nota anterior).

<sup>707</sup> Essa passagem diz respeito ao poraquê, *Electrophorus electricus* (Linnaeus, 1758) (Gymnotiformes, Electrophoridae), que Sáa parece confundir com as raias elétricas da família Torpedinidae (Torpediniformes). Vide nota 686.

<sup>708</sup> Vide nota 686.

<sup>709</sup> Outro nome da magnetita.

<sup>710</sup> Acreditava-se que as flores e folhas dos heliotropos (*Heliotropium* spp., Boraginaceae) acompanhavam o deslocamento do sol no firmamento.

<sup>711</sup> Nome comum aos moluscos cefalópodes pertencentes à ordem Octopoda, aplicado no Brasil aos vários representantes das famílias Bolitaenidae, Ocythoidae, Tremoctopodidae e Octopodidae.

## Fólio 354v

seto marinho que tenha a propriedade que escrevem da Re-/mora sopenho he o polvo, ou polypo./

O modo de casalos he ingastar hum/ esporaõ do peixe Raya na ponta de uma vara, e em ou-/tra atar hum engodo de peixe ou carne. e levar o pescador/ a do engodo na mão esquerda, e do esporaõ na direita/ mete o engodo por entre as pedras adonde elles moraõ histo com a mare vasia, sae o peixe enprocura do boca-/do que selheoferece, entãõ o lansea o pescador com o es-/poraõ que leva na mão direita, que tanto que lhetoca/ incolhese fase numa bola e perde as forsas; e sendo o espo-/rãõ de fero, ou de outra cousa ahinda que o atra-/vesem de parte a parte não ha forsas que o aranquem/ do seu habitacolo. Ha outro diminuito desta expecia/ chamo [sic; chamado] Lúla<sup>712</sup> que não pasa de meyo palmo; tem huns e outros as carnes duras, mas saborosas./

Camaroens<sup>713</sup> criaõce no mar, e nos rios,/ de muitas castas, os mayores cresem hum palmo e os me-/nones não pasaõ de huma pollegada, gerãõ todos geral/ mente sem coito poem ovos de donde saem os filhos;/ histo mostrase por seacharem todos com ovos em serto/ tempo sem que seveja hum com diferença. Tatuim<sup>714</sup> he especie de camaraõ de duas pollegadas, do feitio de hum tatusito vivem e moraõ interrados na area/ das prayas do mar de donde setiraõ as maos cheas, na mesma/ conformidade todos com ovos./

Langosta<sup>715</sup> tambem he expecia de cama-/ram cresem the dous palmos. Lagostim<sup>716</sup> seo semelhante/ não pasa de hum palmo. Tamaru<sup>717</sup> diminutivo da mesma/

expe//

## Fólio 355r

expecia não tem machos que todos seachaõ com ovas/ em seo tempo todos vivem nas agoas do mar por donde há/ pedras, e aturaõ vivos fora da agoa dous e tres dias, todos/ sabores [sic] e nocivos para a saude./ O polgaõ<sup>718</sup> tambem feitio de/ camaraõ/ tamanho de hua abelha vive enterado nas pra-/yas do mar donde chega a pancada da agoa, que ahi/ se vem andar saltando e interandoce na area quando/ lhes chega a onda; perparados estes fasem os efeitos das esquentarias./

Caranguejos<sup>719</sup> são de tantas castas pellas/ marinhas, rios campos e alagoas, que senão pode faser/ numero serto de suas expecias, por que em cada lugar sevem/ diferentes; os mayores de todos sam Guanhamus<sup>720</sup> da altura/ de hum pal [sic; palmo] e outro de comprimento asues habitantes dos/ matos das costas do mar: outros de menos grandor que/ vivem nas marinhas<sup>721</sup> por donde ha mangues fasem bu-/racos no lodo donde vivem inserados todo o anno; e so-/mente saem nas luas cheyas e novas dos meses de Novembro e Dezembro, e he este paseyo so afim de sejunta-/rem e multiplicar a gerasam tornandoce a reco-/lher como de antes adonde desovaõ e secriaõ os filhos/ sem mais sustento que o

<sup>712</sup> Nome comum aos moluscos cefalópodes pertencentes à ordem Teuthida.

<sup>713</sup> Termo geral conferido a numerosos crustáceos da ordem Decapoda.

<sup>714</sup> Tatuíra ou tatuí são designações comuns aos crustáceos da família Hippidae (Decapoda), especialmente *Emerita brasiliensis* Schmitt, 1935.

<sup>715</sup> Variante de lagosta, designação comum aos crustáceos da família Palinuridae (Decapoda).

<sup>716</sup> Designação comum às espécies de crustáceos pertencentes ao gênero *Scyllarides* (Decapoda, Scyllaridae). Recordam as lagostas, embora sejam facilmente reconhecíveis pela ausência de longas antenas.

<sup>717</sup> “Tamaru” – Forma apocopada de tamarutaca ou tamburutaca. Designação comum às espécies de crustáceos estomatópodes.

<sup>718</sup> “Polgaõ” – Saltão-da-praia. Animal artrópode, crustáceo, anfípode, da fam. Talitridae, especialmente os do gênero *Talitrus*.

<sup>719</sup> “Caranguejos” – Designação comum às espécies de crustáceos decápodes, braquiúros, de pernas terminadas em unhas pontudas. São todos caranguejos, salvo aqueles cujas últimas pernas terminam em nadadeiras (sirís). Terrestres ou aquáticos, marinhos ou de água doce, vivem na maioria em tocas, que eles mesmos escavam; alimentam-se de toda sorte de detritos orgânicos, e são utilizados na alimentação humana (Ferreira, s/d: 280). Uma esplêndida monografia sobre os caranguejos e sirís do litoral brasileiro foi publicada por Melo (1926). Os caranguejos de água doce a que se refere Sãa pertencem à família Trichodactylidae.

<sup>720</sup> “Guanhamus” – Guaiamu. Espécie de crustáceo decápode, braquiúro, da família Gecarcinidae, *Cardisoma ganhami* Latreille, 1828.

<sup>721</sup> Talvez uma referência ao chama-maré, nome aplicado a diferentes espécies do gênero *Uca* (Brachyura, Ocypodidae).

<sup>722</sup> Ceris - Siris. Designação comum a todas as espécies de crustáceos braquiúros da família Portunidae, caracterizados por terem a perna posterior achatada, formando uma nadadeira.

mesmo tojuco. Outros ha-/bitam nas agoas do mar de varias castas a que chamaõ/ Ceris<sup>722</sup>; sam todos elles de bom sabor todos largaõ as/ cascas uma ves na vida criando outra asim como/ a mudansa dos dentes na gente, e nos quadrupes:/ e ca-/hindolhes huma perna nasclhes outra privilegio que/ so o lograõ elles e os lagartos por beneficio da natureza./

Oriso//

### Fólio 355v

Orisos<sup>723</sup> sam huas bolas como pellas/ cobertas de espinhos duros que secriaõ nas agoas do mar/ pellas coroas, e parceis, observei 4 castas pretos, brancos,/ asues e vermelhos, sam cenciveis e progrecivos, paseaõ/ rodando pellas areas tem a boca de hum lado, e con-/trario o intestino reto; parem ovos mas não consta que/ tenhaõ coito; os azues e brancos sam venenosos embebe-/daõ a quem os come, os demais sam saborosos sem ve-/nenos algum./

Mariscos nas agoas doces<sup>724</sup> so vi 4/ expecias delles, e nas do mar tantas variedades feitos e for-/mas delles, que podem competir com as mesmas areas/ das prayas numero [sic], encada lugar se vem diferentes, saõ/ todos viventes senciveis huns com motu progrecivo, e outros não geraõce todos sem progenitores sustentaõce/ da mesma agoa adon [sic; adonde] sam gerados, tem principio consisten-/cia e fim, sam todos gerados dentro de conchas, sam/ saborosos e caregados de roim quallidade para doen-/tes; criaõ alguns aljofar dentro e outros não, e estes/ que os criaõ sam de varias formas e cores os aljofares, sen-/do mui poucos os que meresem estimasaõ./

Gerace no fundo do mar pellas no-/sas costas nos parceis e lugares pedregosos, humas/ formas do tamanho de hum dedo mayores e menores, de areas/ grudadas com um gusmo, e dentro hum vivente a/ maneira de hum gafanhoto chato com quatro azas, de/ cuja corporidade sae o gusmo com que vai incorpo-/rando as areas para formar o caxilho enque seinserra/

chegado//

### Fólio 356r

chegado o tempo de sua madures, sobe o caxilho asima/ da agoa, abrece sae o vivente sacode as asas voa anda/ sobre as ondas the que acha rochedos adonde pouosa, e/ fas morada nas frestas das mesmas pedras; e sam huas/ cantadeiras que cantaõ como sigarras, que seouvem/ denoite ao longe quando há bom tempo, de que he sig-/nal muito certo observado pellos nautas<sup>725</sup>. O mesmo/ acontese nos rios e alagoas de donde saem uns insetos/ azues, verdes, e pretos com quatro azas que andao vo-/ando sobre as mesmas agoas a que chamaõ lavandei-/ras<sup>726</sup>, e outros mayores pardos que vemos enchusmas/ de manhan e tarde./

Sam final mente os viventes/ que secriaõ nas agoas principal mente nas do mar, in-/mentos ao noso saber; huns de geraõ, outros sem/ ella, e outros sem concurso de varaõ; nos peixes de/ primeira clase achaõce muitos que tem machos conhe-/cidamente, e outros não; as tainhas que sam peixes que/ cresem tres palmos e dos mais estimados, achaoce/ inserto tempo todas com ovas, por donde semostrã/ não terem machos; As sardinhas na mesma forma/ os airús da agoa doce inserto tempo todos com ovas/ sem que semostre hũ sem ella; os camarõens na mesma/ forma, e outros varios. Outros gerados sem proge-/nitor como vemos enposas de agoas que sesecam qu-/ando faltaõ as chuvas, e chegadas ellas tomando agoa/ ali sevem logo peixes, mayores, e menores sem/ que haja vesinhansa de agoas de donde posaõ vir./

<sup>723</sup> Designação comum aos equinodermos do subfilo Eleutherozoa, Classe Echinoidea, providos de rija carapaça globular, discoide ou cordiforme que apresenta espinhos móveis em sua superfície, além de pés ambulacrários, longos e com ventosas.

<sup>724</sup> Nome aplicado a numerosos moluscos da classe Bivalvia. As espécies de água doce estão representadas no Brasil essencialmente pelas famílias Mycetopodidae, Hyriidae (Unionoidea) e Sphaeriidae (Veneroidea).

<sup>725</sup> Passagem extremamente confusa; a primeira parte (animal semelhante a um gafanhoto que constrói um casulo) parece referir-se às larvas de Trichoptera, insetos dulciaquícolos que confeccionam casulos em que grudam pequenos fragmentos de pedras; mas em seguida vem um despautério, que não sabemos explicar.

<sup>726</sup> “Lavandeira” – uma das designações populares das libélulas, insetos da ordem Odonata.

## Fólio 356v

nem tojucos adonde ficassem interrados, como/fasem al-/gumas expecias delles./

Fora destes tanta variedade de ca-/ramujo de tam diversas expecias; humas formas do feitio/ de estrelas brancas de sinco pontas<sup>727</sup>, outras com septe./ outras do feitio de mea lua tambem brancas com lixa/ por sima<sup>728</sup>. Outras redondas do grandor de hum chapeo/ sercadas de rayos de maneira que se pinta o sol com/ olhos e boca no sentro do corpo<sup>729</sup>: Outras feitios de hũ/ ovo cobertas de febras como cabelos, que abrem e/ feixaõ hua boca, e saõ huns pretos, vermelhos, azues,/ e roxos, e furados lansaõ de si tintas de todas estas co-/res<sup>730</sup>. Outras formas feitio de ovos mayores e meno-/res com os corpos christallinos, trasparen-tes, a que cha-/maõ os pescadores agoas vivas<sup>731</sup>. Outros feitios de/ cavalinhos de meyo palmo<sup>732</sup>, e outras varias cousas des-/tas todas senciveis com movimentos progrecivos, que/ vivem movense procuraõ o sustento creado tudo sem/ mais progenitor que a causa das causas que tudo/ fes creou e conserva: Domine Dominus nos-/ter, quam admirabile [sic] est nomen tuum [sic] in universa terra<sup>733</sup>.

<sup>727</sup> Provável referência as estrelas-do-mar, equinodermos do subfilo Eleutherozoa, classe Asteroidea.

<sup>728</sup> Não identificado.

<sup>729</sup> Não identificado.

<sup>730</sup> Não identificado.

<sup>731</sup> Designação comum a todas as espécies de medusas ou celenterados marinhos da classe dos cifozoários, de corpo mole, gelatinoso e transparente, providos de aparelho defensivo de células urticantes, que causam queimadura na pele humana, com dor intensa. As espécies mais comuns do litoral brasileiro pertencem ao gênero *Rhizostoma* (Rhizostomae, Rhizostomatidae).

<sup>732</sup> Referência ao cavalo-marinho, designação comum a *Hippocampus erectus* Perry, 1810 e *Hippocampus reidi* Ginsburg, 1933 (Gasterosteiformes, Syngnathidae).

<sup>733</sup> *Psalmi* (8, 2 e 10): “Domine, Dominus noster, quam admirabile est nomen tuum in universa terra”.

## II. O REINO VEGETAL

Fólio 357r

### Introduçãam/

Continuavão os interlocutores nas suas/ conferencias, e como pello prometido sabia o aulico o que/ faltava para discorer, não tardou em adevirtir ao histori-/ador que pella promessa ao seo mecenas, ainda lhe-/faltava a noticia das plantas de suas naturallidades./

### Dialogo. 8./

Fellino. estamos na republica das p-/lantas, feitos questores dos apolineos thesouros, adon-/de de Flora e Pomona comporemos uma cornoco-/pia não fabullosa como a de Amaltea, mas sim/ verdadeira fragante, e saborosa que aos nosos ouvintes/ e leytres oferesamos. Sam as plantas huma grande par-/tida da natureza, creadas por Deos supremo fator/ de toda a visibillidade, não com a terra imediata/ mente, mas sim no terseiro dia da creasam: Germinet/ terra herbam virentem, et facientem seminem, et lig-/num pomiferum faciens fructum iuxta genus suum./ cujus semen in semetipso sit super terram:: et/ factum est vespere, et mane dies tertius<sup>734</sup>./

Mandou Deos, a terra gerase er-/vas verdes que desem semente, e lignos que brota-/sem fructos; que gerasse a terra id est paciva men-/te com a sucosidade de sua sustancia, pendente porem/ da actividade dos astros, para a vivificasam da vegeta-/vel espirituallidade, e diversam das especias./

Polivio. e se no terseiro dia é que/ mandou Deos a terra produsise, não eraõ ainda creados/ os astros, e a terra logo produsio como dis o texto: et/ protucit terra herbam virentem, et facientem se-/

men//

Fólio 357v

semen iuxta genus suum; como pende a produsam des-/ta da corollasam dos as-/tros?/

Fellino: aquella primeira produz-/cçam não carecia de corollasam das causas secunda-/rias por ser feita por Deos causa e principio de to-/das as causas, essencia de toda a essencialidade, assim/ como o homem feito por sua mão, que não carecia/ de outros progenitores, e os demais caresem; tambem as plan-/tas primeiras não carecio da concorencia dos astros, para/ sua vificasam [sic], e producçam por terem o mesmo fator/ e as demais caresem; e esta he a serteza de que desde/ o principio gerou a terra paciva mente; hoje com mais/ vagar, e naquelle principio mais breve por mais inme-/diat a divina operasam./

Mandou Deos que brotase a terra/ ervas e lignos pomiferos para sustento e conservasam/ do sencivel bando<sup>735</sup>, sem o que não podia existir pella/ pensam do sustento a que o sujeitou, obrando nesa produz-/cçam tantas variedades, quantas convinha para de-/monstraçam do divino poder, eterna liberallidade,/ perfeisaõ da natureza ornato da terra, e/ final mente/ hum herario adonde depositou hum dos thesouros com/ que nos adoptou./

Naõ produsio esas variedades/ todas juntas enhum lugar, mas sim cada especia en/ hum diverso clima enmodo que toda a terra tivesse/ tudo, e cada lugar o que fose seo próprio que he/ o que dis o Poeta: Non omnis fert omnia telus:/ sam creaturas viventes, vegetaveis senciveis enseo/

tanto//

Fólio 358r

tanto, faltas de espirituallidade, progreciva, e commu-/nicativa, louvaõ o Creador tacita mente, manifestando/ seo poder, saber e amor, nas variedades, perfeisoens,/ sutillesas, e virtuellidades que nellas obrou. A mais com-/mua difinisam

<sup>734</sup> Genesis 1, 11: “et ait germinet terra herbam virentem et facientem semen et lignum pomiferum faciens fructum iuxta genus suum cuius semen in semet ipso sit super terram”.

<sup>735</sup> Isto é, os animais.



de sua animallidade: est actum cor-/poris organici potencia [sic] vitam habentis vegetativam./ enquanto a sua vitalidade: est principium generandi./ nutriendi, et augendi: que sam tres distintas/ facultades, nutritiva [sic], generativa [sic], e augmentativa, com/ que nascem, sustentação, e cresem; e destas procedem/ mais quatro a saber: atractiva, retentiva, motiva, e/ expulciva, com que atrae o allimento, redus a sus-/tancia propria, expele as especias nocivas que com as/ nesarias confusa mente atrae, pondoce capas de fru-/ctificar./

Há entre alguas dellas distin-/çam de macho, e femea; assim como nos senciveis; que/ lhes não quis o Creador faltar com esta propriedade/ por ser a principal com que perpetuou a conserva-/saõ dos viventes obrados por sua maõ na durasam/ dos tempos: querem alguns expecullativos que seja/ esa distinçam por necidade, e que sem communi-/casam de hum e outro não fructificaõ; assim o diz Lagu-/na<sup>736</sup>, e Dioscorides. lb. 4. Cap. 5<sup>737</sup> fallando das plantas, e/ pedras preciosas, que enhumas, e outras ha esta distin-/çam e que sem communicasaõ não fructificaõ. E Sam/ Basilio<sup>738</sup>, e Sancto Ambrosio<sup>739</sup> citados por Castrilho [sic]<sup>740</sup>, e Theo-/frasto<sup>741</sup> na historia natural das plantas. lb. 9. Cap. 20. falaõ/ especial mente da palma<sup>742</sup>, que se lhafalta o consorte de/ junto asi, não fructifica, cuja communicasaõ concedem/

pello//

### Fólio 358v

pello contacto das raises, ou pellas exallasoens que desi lan-/saõ; eu com licensa de tam adiantados talentos nego tu-/do histo, e só consedo a dita distinçam enalgumas plan-/tas não por nesidade, mas sim por equidade do Crea-/dor como/fica dito./

E a propagação de todas ellas não ca-/rese de corollasam de consorte; por que a planta nascida/ em seo natural

<sup>736</sup> Laguna (1695: 378-379, Libro VI, cap. 4. *Del Polygono macho*; dá figuras da planta masculina e feminina). À p. 378 diz: “El Poligono macho es vna yerba que produce muchos ramos sutiles, y tiernos, y de trecho à trecho nudosos, los cuales se estienden por tierra como la grama. Sus hojas son como las de la ruda, pero mas tiernas, y assi mismo mas largas, junto à cada vna de las cuales suele estar la simiente, de donde vino à llamarse Macho”. E à p. 379 acrescenta: “El Poligono hembra, es vna matica tierna que produce vn tallo solamente, semejante à la cana, y todo lleno de nudos, enxeridos vnos en otros, como los de las trompetas, al derredor de los cuales salen ciertas hojuelas, como las de la picea”. Ver nota seguinte.

<sup>737</sup> Dioscorides (1552: 478; IV, v. *Polygonatum. Nomenclatura. Grae. Πουλόνατου. Lat. Polygonatum. Ita. Frassinella. Gal. La Genouillee. Offic. Sigillum Salomonis*”; fornece figuras das plantas masculina e feminina). É uma monocotiledónea da família Asparagaceae, gênero *Polygonatum*.

<sup>738</sup> Basilius, *Homilia in Hexaameron*, Homilia V, 7. O texto reza (cf. Migne, 1857: coluna 111): “At vero tanta est frugiferarum arborum in edendis fructibus differentia, ut ne possit quidem quisquam eam verbis explicare. Non enim solus in arboribus genere diversis diversitas reperitur fructuum: sed in ipsa etiam arboris specie multum est discriminis; quandoquidem alia in marium, alia in feminarum fructu nota distincta est a stirpium cultoribus, qui scilicet palmas etiam in mares ac feminas dividant. Atque aliquando videas eam quae ab ipsis femina nuncupatur, demittentem ramos, velut libidine concitatam, marisque amplexum appetentem. Videas itidem harum arborum cultores velut quaedam masculinarum semina quae psenes vocantur, ramis ejus immitere; sicque ipsam quae in fructificationis sensu constitutam, iterum ramos erigere, et hujus arboris comam ad propriam formam redire”.

<sup>739</sup> Ambrosius, *Hexaameron* Lib. III, cap. 13: *De arborum utilitate, ac diversitate; de ratione illas jugandi et medicandi; postremo de arboreum succorum proprietatibus: com morali ad singula expositione*). Seu texto diz (cf. Migne, 1845a: colunas 179-180): “Est etiam, quod mireris, ipsis sexus in pomis, est discretio sexus in arboribus. Nam videas palmam quae dactylos generat, plerumque inclinans ramos suos et subjicientem, et concupiscentiae atque amplexos speciem praetendentem ei arbori, quam marem palmam appellant pueri rusticorum. Illa ergo palma feminea est, et sexum suum subjectionis specie consistit. Unde locorum cultores praejaciunt ramis ejus dactylorum vel palmitum semina masculorum, quibus illi femineae arbori velut quidam sensus perfunctionis infunditur, et expetiti concubitus gratia repraesentatur. Quo munere donata rursus erigitur, et elevat ramos suos, et in veterem statum comam suam rursus attollit”. Ou, na tradução de Savage (1961: 109-110): “There is another occasion for us to marvel at the fact that there is sex even in fruit and distinction of sex in trees. You may notice how the palm tree which produces dates often reaches towards and bends beneath that tree which country children call the male palm, presenting in this act a spectacle of one eager for an embrace. That palm tree is female and betrays her sex by her appearance of subjection. Hence, cultivators of groves inject into its branches the seed of dates or of male palm trees, by which is infused into that tree what may be called a sense of its function and sweetness of a desired marital embrace. After the performance of this rite it once more rises up and lifts its branches and elevates its foliage into their former state and condition”.

<sup>740</sup> Referência não localizada.

<sup>741</sup> Erro de Sáa. O trecho de Teofrasto é o seguinte: “Differt foemina filix à mascula, quod folium unica stirpe porrectum haec habet, radicem vero crassam, longum et nigrum” (Cf. Theophrastus, 1529: 337, 1818: 196). *Filix* foi o nome dado por Teofrasto a uma samambaia do gênero *Dryopteris* (Pteridophyta, Polypodiales, Drypteridaceae), usada desde a Antiguidade como antihelmíntico.

<sup>742</sup> A tamareira (*Phoenix dactylifera*, Arecaceae).

clima adonde á principio mandou Deos/ a terra que aproduzise; não he nascida de outra plan-/ta, mas sim da terra passiva mente, e dos astros na ope-/rasam activa, astricta a humidade pello callor na mate-/ria térrea; como insina a fillosofia natural e os mitollo-/gicos osignificaraõ na/ fabula, e Dafne convertida/ em louro<sup>743</sup>; e sendo assim, que figura fas nestes principi-/os a asistencia do consorte?/

E a planta transplantada de seo na-/tural para outro lugar que forosamente carese de/ semente para seo principio, tambem não carese de con-/sorte, pois a semente na terra, para brotar so carese [sic]/ de callor e humidade; e se para fructificar querem/ elles que caresa/ desa asistencia, muito menos, pois/ o fructo he filho da planta e seo paternal não care-/se desa corollasam para nascer e produzir, como/ hade careser o filho, id est o fructo que he principio/ de outra arvore, hande os pais ter hum principio, e/ os filhos outros? Assim que carencia de asistencia/ de consorte para produzir, e fructificar não seacha/ enplanta/alguma./

Tem sim as plantas communicasaõ/

huas//

### Fólio 359r

humas com outras não por neccidade da propagasam,/ mas sim para augmentasam, e esta he por atracam/ e não por atingencia, nem por profluisoens de exala-/soens, e he a causa por que não medraõ estando mui-/tas juntas por que seconsomem humas as outras, principal/ mente huma planta tenra e nova junto a outras mayo-/res; que as mais robustas roubão a sustancia as de me-/nos forsas; imitando nisto aos homens, e ao brutos/ que huns e outros sempre goarneseraõ com as sustancia/ dos mais pequenos; comprovase mais esta atracam/ com os milhos, favas feijoens, fructas, e flores de diver-/sas expecias, e cores plantados juntos; acharenses mes-/clados com os vesinhos; feijoens, e favas acharenses numa bainya de diversas cores e expecias, o milho numa/ espiga graos das outras expecias vesinhas, fructos, e flo-/res pello consequinte, como podem os curiosos observar./

Disem que a planta debil, e ain-/da estando já seca, sendo reigada com sangue hu-/mano, de novo reverdese, facunda, e fructifica. Ro-/berto Kolkot [sic]<sup>744</sup> expositor do livro da Sabedoria. Cap./ 11/ lect. 136. o que confirma Sancto Epifanio<sup>745</sup> referin-/do certas gentes que ungiaõ os tron-/cos das arvores/ com sangue humano, ao tempo de floreserem, para melhor/ fructificarem: Quia igni calorem figuram sangui-/nis remedium auxiliare putabant talis, ac tantae/ plantae. Do que parese seoriginou a fabula que conta-/vaõ os antigos Egipcios enseus annaes que refere/ Hispalense expositor do lb. Genesis: Fabulis Egiptio-/rum traditum ab antiquitas erat: omnes in mun-/

di//

### Fólio 359v

di arbores ab retro multis seculis [sic] universali in-/sendio fuisse combustas, et perpetua sterellitate multatas; infuso verò sanguine, revixisse, germi-/nasse, et floruisse<sup>746</sup>./

Tam grandes mistérios inserrou/ Deos nestas criaturas, que alem das propriedades/ naturais, admiraõ a natureza

<sup>743</sup> Filha do rei Peneu, que foi convertida em loureiro, *Laurus nobilis* (Lauraceae), para escapar das investidas de Apolo.

<sup>744</sup> Holkot (1518: fól. CCVIIIv, coluna esquerda, Cap. XI, lectio CXXXVI). Em Holcot (1586: 462 está na Lectio CXXXVII do Cap. XI, onde lemos: “*Sanguis aut̄ humanus habet naturaliter ista tria, s. quòd fecūdat lignū aridū, sanat corpus languidū, & causat cementū solidum. Primò foecūdat lignū aridū: dicitur, q’ si fuit lignū arefactū, optimū remediū est statim in principio arefactiones apponere radici, sanguinem humanum. Narrat enim Hermes Aegyptius, q’ rosarium plantarum in terra commixta cū sanguine humano ad calorem modicum ignis omni tempore anni producit rosas*”). Em Castilho (1621: 301r) há uma tradução desse trecho: “Porque, si como dizem los naturales, la sangre humana, fecunda vn arbol seco de tal manera, que el precípua remedio de hazer reuerdecen vn arbol, q’ se comiença a secar, es echar al pie, y a la rayz sangre humana, y otros dicen, q’ si con ella se riega vn rosál, en todo el año no faltaran rosas...”.

<sup>745</sup> Referência não localizada.

<sup>746</sup> Não conseguimos localizar esse texto nas obras de S. Isidoro de Sevilha.

<sup>747</sup> *Genesis* 2. 9: “*produxitque Dominus Deus de humo omne lignum pulchrum visu et ad vescendum suave lignum etiam vitae in medio paradisi lignumque scientiae boni et mali*”.

as sobre naturais/ no tronco de huma arvore sesimbollisou o mesmo Se-/nhor: Lignum etiam vitae in medio paradisi<sup>747</sup>, em/ outra pos o preseito da obediencia, principio do me-/recimento, aos primeiros pais dos homens: Lignum/ autem scientiae boni, et mali necomedas<sup>748</sup>. A arvor-/e que nasceo do sangue de Jesus Christo derrama-/do no horto que refere Quaresminio<sup>749</sup>, relligioso serafi-/co tom. 5. Cap. 2. lect. 3. in verbis: Refert Egefipus/ Apostollorum discipulus, quod rigatione sanguinis/ ex corpore Christi in horto decidentis, arbor eru-/pti edius singula folia hanc habebant inscriptionem: ó mors quam amara est memoria tua. Deste/ partido sahio o instormento de nosa redempsam:/ Lignum crucis, omnibus hominibus salutare est./ Sam Gregorio<sup>750</sup>./

Dedicaraõ as gentes do velho mun-/do as suas arvores, a vans deidades como cantou Phedro

Olim quas vellent [sic] esse in tutelae [sic] suas [sic]/

Divi legerunt arbores: quercus Jovi/

Et myrtus [sic] veneri placuit, Phebo Laureae/

Pinus Cybele populus celsa Herculi/

Minerva admirans quare Steriles sumerent./

In-//

### Fólio 360r

Interrogavit [sic] causam dixit Jupiter/

Honore fructum ne videamur vendere/

At me Hercule narrabit quod quis voluerit/

Oliva nobis propter fructus [sic] est gratior/

Tunc sic deorum genitor, at que hominum sator/

O nata merito sapiens dicere omnibus/

Nisi utile est quod facimus, stulta est gloria.<sup>751</sup>/

As plantas deste novo mundo saõ/ todas dedicadas a Jesus Christo como verdadeiro se-/nhor do praso, unico protector de nossas naturalidades/ e bem o mostra pois nellas fes huma recopillasam, hũ/ epitome de todas as mais partidas do mundo, herdade/ adonde tudo plantou com propriedade, pois se nas/ mais partes do universo seachaõ certas especias de plan-/tas, nesta saõ proprias e naturaes todas ellas sem/ cesam alguma; formando hum universal vergel/ de todo o creado. Achaõce pellas povoasoens ma-/ritimas algumas arvores de fructos e flores transplan-/tadas conhecida mente da Eoropa, Asia, e Africa/ com grandes estimasoens paresendo aos que nunca/ daquellas povoasoens sahiraõ, que caresia America/ daquellas transplantasoens para participar desses/ mimos da natureza; e se corresem os nosos sertoes/ veriaõ pellos campestres montes, e valles, tudo hiso/ quanto estimaõ trasido de fora; tudo quanto pro-/dus os confins da Asia, nos montes de Pancaya/ as ribeiras do Ganges, as campanhas da China/ os desertos/ da Arabia, os bosques de Phillipinas, e/ Mallucas; a Africa nos montes da Libia, nas ribeiras/ do Nilo, desertos da Ethiopia: a Eoropa nos jar-/

dins//

### Fólio 360v

dins de Thesalia, campanhas de Andalosia e margens/ do Betis; tudo nativo proprio e natural destas/ regioens; tudo

<sup>748</sup> Genesis 2, 17: “de ligno autem scientiae boni et mali ne comedas in quocumque enim die comederis ex eo morte morieris”.

<sup>749</sup> Referência ao Tomo V (Vol. 2) de Quaresmius (1652).

<sup>750</sup> S. Gregório de Nissa (cf. Gregorius Nyssenus, 1863: coluna 583).

<sup>751</sup> Fábula de Fedro. Soares (1785: 210, 212, Fabula XII. *Fructu, non foliis, arborem aestima*. Arbores in Deorum tutela) assim a transcreve: “Olim quas vellent esse in tutela sua./ Divi legerunt arbores. Quercus Jovi./ Eu myrtus Veneri placuit, Phaebo Laureae./ Pinus Cybele, Populus celsa Herculi./ Minerva admirans, quares steriles sumerent./ Interrogavit. Causam dixit Jupiter./ Honore fructum ne videamur vendere./ At me herculè narrabit, quod quis voluerit./ Oliva nobis propter fructum est gratior./ O nata! meritò sapiens dicere omnibus./ Nisi utile est quod facimus, stulta est gloria”. A tradução dada pelo mesmo autor (Soares, 1785: 211, 213, Fabula XVII. Deve-se estimar a arvore pelo fructo, e não pelas folhas. *As arvores escolhidas pelos Deoses*) é a seguinte: “Em outro tempo os Deoses escolheraõ/ Arvores, que quizeraõ proteger./ Ecolheo ao Carvalho o alto Jove./ Venus a Murta, Apollo o verde Louro:/ Cybeles quer o funebre Pinheiro:/ Hercules toma a si o excelso Chôpo./ Nesta escolha Minerva admirada/ Quer saber a razaõ porque estes Numes/ Amaõ proteger arvores steriles:/ A razaõ he, dis Jupiter altivo./ Porque não digaõ somos negociantes./ Que o fructo aos homens damos por pagar-lhes/ O culto, que algum dia nos farãõ”.

ahinda oculto por falta de co-/nhcimento, e nominasoens para serem noticiadas;/ que tudo goarda o supremo Autor verdadeiro/ senhor do praso no arcano de sua eterna providen-/cia para ter sempre cousas novas que manifes-/tar como tem, e terá thé os fins do tempo./

Jatece a Scitia das suas arvores/ que produzem leyte, vinho aseite, farinha, lan/ que conta Bercorio<sup>752</sup>. Ib. 4. Cap. 27. o Indo das suas/ palmas que franqueaõ 360 utillidades para benefi-/cio de seus naturais que dis Pierio<sup>753</sup>. Ib. 50. Cap. 2. palma trecenta, et sesaginta utillitates mortalibus/ elargitur. A china da sua ervasita que por hyper-/bole disem rescuita os mortos; jactense embora que o me-/lhor cá nos fica./

Seja destas a primeira nascida en/ nosas naturallidas [sic], huma arvore que nasceo na provin-/cia de Chile en serto campo vesinho a cidade de San-/ctiago, da forma de hum Sancto Crucifixo a crus de/ quinze palmos, a imagem da propria estatura de hũ/ corpo humano, tam perfeito entudo que para cabal/ integridade só selhepos a tinta neseria para vive-/sa do rosto e mais nada; com algumas ramasitas/ que sahiao da hastea da crus que mais afermose-/arão; mandou o Bispo da cidade de Sanctiago aran-/car e inteira acollocou na Igreja Cathedral adonde/ seconserva com grande culto, e venerasam./

Seguem-se as madeiras de mais du-/

rasaõ//

### Fólio 361r

ração: Campeixe chamado pao Brasil<sup>754</sup> por ser da cor da/ brasa de que querem alguns tomace nome a/provincia/ ha de duas especias ambas pare-/cidas no tronco e folhas/ e só diferente a cor da madeira, he arvore espinhosa/ a folha meudinha ingrosa the 10 palmos, tem o fru-/cto identificado no mesmo/tronco que he a tinta que desi/ lansa cor de sangue, de que sefasem tintas diversas/ com adubos que selhe bota; he madeira que so o fo-/go apode anichillar, sombando dos tempos e sua/ durasaõ, foy o primeiro efeito que do Brazil sahio por commerceseasaõ./

Jacaranda<sup>755</sup>, Jacaranda tan, Jaca-/randa ubira todos de huma generica expecia variados/ encores solidos como marfim. Urauna<sup>756</sup> madeira preta de duas especias, de eterna durasam. Caobiuna<sup>757</sup>/ madeira bem preta e cheirosa de que se fabricão leytos/ e mesas, e outras alfayas de estimasaõ. Tapinhoan<sup>758</sup> madei-/ra que ingrosa the 20 palmos cor de gemma de ovo para embarcasoens de eterna durasam. Sopipira<sup>759</sup>/ madeira entre preto e amarello, de eterna durasam/

<sup>752</sup> Referência não localizada.

<sup>753</sup> Referência a Giampietro Valeriano Bolzani (Joannes Pierius Valerianus Bellunensis) (Cf. Bolzani, 1575: 369: “*Altera causa est, quòd Palma, vti Babylonij tradunt, referente Plutarcho, trecèta & sexaginta vtilitates mortalibus elargitur, ideoq’ anni simulacrũ & insigne: tot enim diebus annus constat, intercalariibus quinque, de quibus in Vulture, subductis*”; também em Bolzani (1678: 631, 1685: 631).

<sup>754</sup> pao Brazil - Pau-brasil, arvore da familia Fabaceae (*Caesalpinia echinata*). O Campeche, ou Pau-campeche, árvore da familia Fabaceae (*Haematoxylum campechanum*), não é sinônimo do Pau-brasil, como parece insinuar Sáa, tendo apenas em comum com este último o fato de também possuir um tronco espinhoso, de cujo cerne vermelho-escuro se extrai um corante, a hematoxilina, que, oxidando-se, passa a ematéfina, e é usado em tinturaria e: nos laboratórios para corar preparações histológicas.

<sup>755</sup> Jacaranda - Árvore da familia Fabaceae (*Machaerium villosum*), comum no Brasil,, que imita o verdadeiro Jacarandá-da-baía (*Dalbergia nigra*), também uma Fabaceae.

<sup>756</sup> Urauna - Uraúna - o mesmo que Cabiúna-do-campo. Árvore da família Fabaceae (*Dalbergia miscolobium*).

<sup>757</sup> Caobiuna - Cabiúna ou Caviúna, árvore da família Fabaceae (*Machaerium incorruptibile*).

<sup>758</sup> Tapinhoan - Tapinhoã, árvore da família Lauraceae (*Mezilaurus navalium*).

<sup>759</sup> Sopipira - designação comum a espécies do genero *Ormosia*, da familia Fabaceae. De acordo com Nunes, Silva, Resende & Siqueira (2003: 86), sob *Pterodon emarginatus* (Fabaceae), serve para “inflamação de garganta, dor de ouvido, diurético, estimulante do apetite, fortificante, pneumonia, intestino, reumatismo, dores na garganta, estômago, verrugas”. Sob “Sucupira-preta” (*Bowdichia virgiliodes*) diz Guarim Neto (2006: 83): “Árvore muito usada como espécie medicinal, à semelhança de *Pterodon pubescens* Benth. (fava-de-santo-inácio, sucupira-branca). Nos problemas inflamatórios (da garganta, por exemplo) tem uso difundido e expressivo”.

<sup>760</sup> Urandi - Martius (1863a: 409) registrou este termo como sinônimo de Guanandi. Sob este vocábulo (*op. cit.*, p. 394) diz: “Guanandi, Guanatim, Oanandy, Urandi, hodie: Lantim, Ladim, Olandy Carvalho: Antonil, *Calophyllum brasiliense*”. Delforge (1945: 39), Guarim Neto (2006: 81) e Moreira (1870: 26) também identificam o Guanandi como *Calophyllum brasiliense*. Guarim Neto (*l. cit.*) comenta que “os frutos são utilizados na preparação de xaropes indicados como expectorantes”.

tanto nas agoas como fora dellas; so o fogo o pode/ aniquillar. Urandi<sup>760</sup> pao vermelho do peso e dura-/sam do bronce; Tajuba<sup>761</sup> madeira espinhosa/ cor de gema de ovo, de que setirão tintas finíssimas/ de varias cores com mesturas que selhes botaõ, e a casca/ socada tirada a sustancia bebida he remedio pa-/ra mulheres que lhesfalta o/menstro./

Urapoca<sup>762</sup> pao amarello de duas/ castas de eterna durasaõ na agoa e fora dela, e de/

baixo//

### Fólio 361v

baixo da terra sem corupsam alguma. Caboreuba<sup>763</sup>/ madeira parda, que lansa preciosissimo oleo que/ em seu lugar direi, pesada de eterna durasam. Cupa-/uba<sup>764</sup> de duas castas que lansa precioso oleo, he pao/ vermelhaso ingrosa the20 palmos, de eterna du-/rasam. Oleo pardo<sup>765</sup> seo semelhante, oleo verme-/lho tambem semelhante o oleo he diferente do Cupauba. Sedro<sup>766</sup> chega a ingrosar the 30 palmos/ de 4 especias duas vermelhas e duas brancas./ Urapitanga<sup>767</sup> he também parecido ao cedro e de mais/ sollides chamaõlhe Sedro macho. Pao ferro<sup>768</sup> assim/ chamado por imitar este metal enpeso, solidos, e du-/rasaõ. Iperoba<sup>769</sup> madeira de grande durasam exce-/pto debaixo da terra ingrosa the 30 palmos. Ipe-/uba<sup>770</sup> madeira sem corupsam, pesada, solida como/ o bronce, de cor entre pardo e amarello tiraõcelhe tintas; seus similes he Ipé amarello, Ipe branco, Ipé-/quea todos de menos durasam./

Angelim<sup>771</sup> de tres castas, ama-/rello e vermelho madeiras de muita durasam, e bran-/co de menos quallidade. Uratahy<sup>772</sup>, Urapiapunha<sup>773</sup>, Jundiahiba<sup>774</sup>, Uramixá<sup>775</sup>, Uracica<sup>776</sup>, todos solidos de durasam. Canafistola<sup>777</sup> pao amare-

<sup>761</sup> Tajuba - Itajuba. Ferreira (s/d: 794) diz simplesmente que é “certa árvore do Paraná”. Entretanto, segundo Delforge (1945: 73), é uma Morácea (*Chlorophora tinctoria* Gaudich.).

<sup>762</sup> Urapoca - Só encontramos este nome registrado por Martius (1863: 409, 411), que atribui sua origem ao tupi Ymirá-poca, ‘árvore frágil’, dizendo tratar-se de uma espécie de *Myrsine* (Myrsinaceae).

<sup>763</sup> Caboreuba - Cabriúva. Árvore da família Fabaceae (*Myrocarpus frondosus*).

<sup>764</sup> Cupauba - Copaíba. Árvore frondosa da família Fabaceae (*Copaifera langsdorffii*).

<sup>765</sup> Oleo pardo - O mesmo que Cabriúva.

<sup>766</sup> Sedro - Cedro. No Brasil, árvore de grande porte, sem ramificações, da família Meliaceae (*Cedrella fissilis*).

<sup>767</sup> Não identificada.

<sup>768</sup> Páo ferro - Pau-ferro; árvore da família Fabaceae (*Caesalpinia ferrea*).

<sup>769</sup> Iperoba - Peroba ou Perobeira. Designação comum a muitas árvores das famílias das Apocináceas e das Bignoniáceas que têm madeiras de boa qualidade, sobretudo a Peroba-de-campo (*Paratecoma peroba*) e a Peroba-rosa (*Aspidosperma polyneura*).

<sup>770</sup> Ipeúba - Ipê. Denominação comum as árvores do gênero *Tabebuia* (antes, *Tecoma*), da família das Bignoniáceas. Ipê-branco é a *Tabebuia roseoalba*. Não conseguimos identificar o “Ipê quea”.

<sup>771</sup> Angelim - Fava-de-bolota. Designação comum a duas árvores com grandes sapopemas, da família das Leguminosas (*Parkia pendula* e *Parkia platycephala*).

<sup>772</sup> Não identificada.

<sup>773</sup> Não identificada.

<sup>774</sup> Jundiahiba - Martius (1863a: 397) registra: “Jandiahiba, Jundiahiba, i. e., arbor piscis Jandia [árvore do peixe Jandiá]”, dizendo ser uma espécie do gênero *Terminalia*. Moreira (1870: 28) concorda que é uma *Terminalia* (Combretáceas), com “60 palmos de altura e 6 ou mais de grossura. Emprega-se em frechaes”.

<sup>775</sup> Não identificada.

<sup>776</sup> Não identificada.

<sup>777</sup> Canafistola – Canafístula. Designação de várias espécies ornamentais e cultivadas do gênero *Cassia*, da família Fabaceae.

<sup>778</sup> Cajarana - Ou Cajá-Manga. Árvore da família das Anacardiáceas (*Spondias dulcis*), originária das ilhas Sociedade.

lo que não/ ha ferro que olavre, a casca boa para curtumes. Cajajarana<sup>778</sup> semelhante ao Sedro en cor e durasam/ e a casca para efeitos medicinais purgativa tomada pella boca. Condurú<sup>779</sup> madeira que imita o ferro. Violete<sup>780</sup> conhecido para alfaytas caseiras./ Urapenima<sup>781</sup> seo semelhante. Cumbarú<sup>782</sup> da fructo/

se-/

## Fólio 362r

semelhante a amendoa, e a madeira lavrada de preto/ e vermelho solido como o bronze, ha de tres castas; duas lavradas, e huma branca. Caixeta<sup>783</sup>. Tabebuya<sup>784</sup>./ Ubatinga<sup>785</sup>; madeiras só para obras caseiras./

Sapucaya<sup>786</sup> de quatro castas, de/ grandes utilidades, as madeiras de grande solides, e/ durasam, os fructos de muito proveito e a estopa da/ casca de muita conveniencia. Bocuúba<sup>787</sup> de duas/ castas as madeiras incorruptivei, e os fructos medici-/nais. Cambara<sup>788</sup> de tres castas amarello vermelho,/ e branco todos de muita sollides. Arariba<sup>789</sup> madeira/ de que setira tinta incarnada, a madeira branda:/ Araribá<sup>790</sup> madeira durissima lavrada de preto e a-/marelo. Vinhatico<sup>791</sup> amarello para obras caseiras/ e embarcasoens. Maria preta<sup>792</sup> páo vermelho de eter-/na durasam. Canella de oyto castas preta<sup>793</sup> de duas/ diferensas amarella<sup>794</sup>, parda<sup>795</sup> de quatro castas, e bran-/ca<sup>796</sup>. Salsafra<sup>797</sup> especia de Canella amarello,

<sup>779</sup> Condurú - Ou Conduru-de-sangue. Árvore grande, da família das Moráceas (*Brosimum paraense*).

<sup>780</sup> Violete - Pau-violeta ou Guarabu (do tupi *gwara'bu*). Árvore da família Fabaceae (*Peltogyne discolor*).

<sup>781</sup> Urapenima - Martius (1863a: 409) registra *Urapinima*, como proveniente de *Ymyra pinima* (p. 411), ou seja, madeira pintada [*lignum pictum*], também chamada *Moirá-pinima* no Pará, ou Pau-da-rainha. É uma Fabaceae (*Centrolobium paraense*).

<sup>782</sup> Ver nota 1008.

<sup>783</sup> Caixeta - Caxeta. Árvoreta paludícola, do litoral, da família das Bignoniáceas (*Tabebuia cassinoides*).

<sup>784</sup> Tabebuya - Tabebuia. A mesma espécie que a anterior.

<sup>785</sup> Não identificada.

<sup>786</sup> Sapucaya - Sapucaia. Árvore da família das Lecitidáceas (*Lecythes pisonis*).

<sup>787</sup> Bocuúba - Bicuúba. Designação comum a várias espécies do gênero *Myristica*, da família das Miristicáceas, que recebem os nomes populares de Bicuúba-branca, Bicuúba-cheirosa, Bicuúba-da-folha-miúda, Bicuúba de-mato-grosso, Bicuúba-do-amazonas e Bicuúba-redonda (Corrêa, 1984 (I): 304-306).

<sup>788</sup> Cambara – Cambará ou Camará. Nome aplicado às mais diversas plantas, pertencentes a distintas famílias, tais como Loganiaceae (*Buddleia*), Asteraceae (*Eupatorium*; *Piptocarpa*; *Vernonia*; *Moquinia*), Verbenaceae (*Lantana*; *Verbena*), Lauraceae (*Acroclidium*) e Vochysiaceae (*Vochysia*) (Corrêa, 1984 (I): 410-419). Entretanto, é provável que aqui o autor queira referir-se ao Cambará-de-cavalo ou Malmequer-grande (*Heliopsis scabra*), uma Asteraceae. Guarim Neto (2006: 78) cita-a como *Vochysia divergens*, dizendo que “Das folhas são preparados chás usados contra a asma e a gripe. O xarope preparado com a casca do caule é tido como excelente para o tratamento de apendicites”.

<sup>789</sup> Não identificada.

<sup>790</sup> Araribá - O mesmo que Putumuju. Árvore da família Fabaceae (*Centrolobium robustum*).

<sup>791</sup> Vinhatico - Vinhático. Designação comum a duas espécies do genero *Plathymenia*, da família Fabaceae, providas de excelentes madeiras amarelas: Vinhático-da-mata (*Plathymenia foliolosa*) e Vinhático-do-campo (*Plathymenia reticulata*). Desta última espécie, diz Guarim Neto (2006: 84): “Com a casca do caule e ramos são preparados banhos específicos para o tratamento de varizes”.

<sup>792</sup> Maria preta - Nome comum a 5 espécies: (i) Caraxixu, pequena erva cosmopolita, da família das Solanáceas (*Solanum nigrum*); (ii) Catinga-de-bode, erva aromática e amarga, da família das Asteráceas (*Ageratum conyzoides*); (iii) Doce-amarga, subarbusto trepador e ornamental, da família das Solanáceas (*Solanum dulcamara*); (iv) Baraúna, árvore da família das Fabaceae (*Melanoxylon braunia*). (v) Baraúna, árvore da família das Anacardiáceas (*Schinopsis brasiliensis*). Há ainda a Canela-baraúna, árvore das Lauráceas (*Ocotea diospyrifolia*).

<sup>793</sup> Canella preta - Designação comum a várias espécies: (i) Canela-baraúna, árvore das Lauráceas (*Ocotea diospyrifolia*); (ii) Canela-inhaíba, árvore da família das Lauráceas (*Nectandra globosa*); (iii) Canela-rajada, da família das Lauráceas (*Nectandra mesopotamica*, também conhecida como *Nectandra saligna* e *Nectandra tweedei*). Há ainda a Canela-preta-verdadeira, árvore da família das Lauráceas (*Nectandra reticulata*). É difícil saber a qual delas se refere o autor do manuscrito.

<sup>794</sup> Canella amarela - Ou Canela-rajada, da família das Lauráceas (*Nectandra megapotamica*, também conhecida como *Nectandra saligna* e *Nectandra tweedei*).

<sup>795</sup> Canela parda - Nome comum a 2 espécies: (i) Canela-goíaba, árvore da família das Lauráceas (*Ocotea organensis*); (ii) Canela-guaicá, da família das Lauráceas (*Ocotea puberula*, também conhecida como *Ocotea arechavaleta*).

<sup>796</sup> Canela branca - Segundo Ferreira (s/d: 269), o mesmo que Canela-rajada (ver nota 43).

<sup>797</sup> Salsafra - Canela-sassafrás, Árvore da família das Lauráceas (*Ocotea preciosa*)

e muito/ medicinal tanto o pao como a casca./

Tanandú<sup>798</sup> de duas castas. Tinbouí/-ba<sup>799</sup> de quatro, branco, vermelho, preto e pardo. Urape/-nim<sup>800</sup>. Urajú<sup>801</sup> madeira que nase pellos campos/ amarello de peso e sollides como bronze. Masaran/-duba<sup>802</sup> páo de fruto, e de grande sollides. Pinho/ de quatro especias, vermelho, e branco com as veyas/ grosas, ingrosaõ os troncos the 40 palmos; outro ama/-rellaso com a veyá mais fina, não pasa de 20 pal-/mos, outro alvo de menos grossura semelhante ao/

da//

### Fólio 362v

da Europa, todos elles fructieros que sustentaõ as gentes/ e animais com seus fructos; he tam copiosa/esta planta nos/ nosos districtos que se podem andar tres meses de viagem/ nos campos gerais da Coritiba thé as margens do Para-goay, sem ver outro algum arvoredó<sup>803</sup> mais do que pi-/nhais, em partes vastos, e em parte mais exparsos. Estas/ são as madeiras que chamamos de ley por solidas/ e incorruptíveis, de que sei os nomes para por eles/ os nomear; e fora dellas as que lhes não soube as nomi-/nasoens, sam tantas que não ha nomes nem nu-/meros que lhes igoalem./

As enque seachaõ particulares vir-/tuallidades de que alcancei noticia, e nomes para se-/rem conhecidas sam as seguintes. Páo de Santa Lusía<sup>804</sup>/ he uma arvore que ingrosa the nove ou des palmos/ madeira branda no cortar, branca tirada amarello [sic],/ a cortisa grosa, as folhas de tres palmos de compridas/ hũ e meyo de largo; picada a cortisa lansa hum leyte branco de tal quallidade que cahida huma/ pinga na carne, no mesmo instante impola e fas chaga/ como de fogo; admiravel purgante para infirmi-/dades que pedem remedios quentes, haocede dar/ duas the tres pingas se passa dahí mata; sua con-/traria he o suco das batatas que se comem./

Tingui<sup>805</sup> he arvore dos campos, que/ chega a engrosar como huma larangeira brota humas masas [sic] como laranjas abrem a seo tempo lansaõ desi/ huns farrapos como pedasos de papeis, a cortisa he bom/

curtu-//

### Fólio 363r

Curtume; é venenoas seca moida enpó, bom remédio para/ limpar feridas rebeldes e teiosas e pollas capases de/ admitir curativo./

Careúba<sup>806</sup> dos campos arvore sita/ esfarrapada as folhas de hũ palmo, a cortisa grosa tres/ dedos, socada tirado o extracto apurado ao fogo que fica/ como mellado singular remedio para toda quallidade/ de chagas, limpa, sicatrisa, incarna, e incoura. Havendo/ mel de abelhas que selhe lanse hé mais eficas na ope-/rasam: he de duas castas, a das

<sup>798</sup> Não identificada.

<sup>799</sup> Tindoúba - Seria a Pindaiba (Pindaúba)? Moreira (1870: 41) diz: "Pindahyba. *Xylopiá frutescens*. Anonaceas. Madeira medíocre, servindo somente para caibros e mastros. (Rio de Janeiro, Minas Gerais, etc.)". Ferreira (s/d: 1096) diz que Pindaúva (var. de Pindaiba é o mesmo que Coejerucu, nome este que não consta de seu dicionário!

<sup>800</sup> Não identificada.

<sup>801</sup> Uraju - Seria o Urajuá ou Capitão do campo? - Martius (1863: 409) registrou este termo, dizendo provir de *Ymyrá juá*, o mesmo que Juazeiro no Piauí, e uma espécie de *Vitex* em São Paulo (p. 411). Delforge (1945: 22), sob Capitão-do-campo, diz ser nome comum a uma Voquisiácea (*Callisthene fasciolata* Mart.) e a uma Borraginácea (*Cordia sellowiana* Cham.).

<sup>802</sup> Masaranduba - Maçaranduba, designação comum a duas árvores da família das Sapotáceas, *Manikara elata*, do Leste, e *Mimusops huberi*, do Norte, produtoras de madeiras de lei vermelhas, duras e resistentes, que servem para obras externas (Ferreira, s/d: 866).

<sup>803</sup> Referência ao pinheiro-do-paraná, conífera pertencente a família Araucariaceae (*Araucaria angustifolia*).

<sup>804</sup> Páo de Santa Lusía - Santa Luzia ou Mata-olho, árvore leitosa e com cheiro de alho, da família das Euforbiáceas (*Ophthalmoblypton pedunculare*).

<sup>805</sup> Tingui - É o Timbó, designação comum a plantas, basicamente Fabáceas e Sapindáceas, Daí procede o verbo 'tinguijar': envenenar (as águas de um rio ou de uma lagoa) com tingui ou com timbó (Ferreira, s/d: 1389).

<sup>806</sup> Não identificada.

folhas mais gro-/sas e brancasentas hé a melhor./

Urucurána<sup>807</sup> he arvore que excede/ a huma lorangeira, as ramas exfarapadas e poucas fo-/lhas, que são da largura de huma mão feito de hum/ corasam, as peras, brancasentas; picado a tronco que he/ mole no cortar lansa hum leiyte amarellaso, fresco/ descoagullante, de muito proveito lansado en ajudas/ destemperado com agoa, aos febricitantes, e a mallig-/nados, para curar chagas causadas de callor para resol-/ver apostemas, e outras queixas de callor./

Caróba<sup>808</sup> de tres castas, huma dos ma-/tos que ingrosa o tronco the oyto e nove palmos, outra/ dos campos que não chega a iouallar huma laranjeira/ e outra tambem do campo, que não pasa de atura de/ sinco palmos, brotaõ todas flor roxa, e humas masans re-/dondas; he esta planta na minha opiniaõ o remedio mais/ eficas que ha contra o gallico, e queixas de humores frios/ e curar feridas de toda a quallidade, não expur-/ga, deseca, he de quallidade quente e seca./

Fólio 363v

Jagoa pecanga<sup>809</sup> são humas vergas que/ nascem e tosa tres, quatro, e as vezes mais, da grossura/ de hum dedo pollegar com alguns espinhos, a folha do fei-/tio de hum corasaõ; enlea as ramas pellas arvores/ brota na rais humas batatas muitas, pegadas humas as ou-/tras enquanto verdes moles, depois de secas duras como/ qual quer páo; esta he a planta a que chamamos rais/ da China<sup>810</sup> selebre na medicina, chamada dos Chinos Lampatam<sup>811</sup>, dos Turcos [sic] chophechina [sic]<sup>812</sup>, dos Peruanos [sic] co-/colmea [sic]<sup>813</sup>, dos Espanhoes rais de la inmortalidad<sup>814</sup>./ Ha de sinco castas a verdadeira hé a de que dou os/ sinais, as demais não selhes acha virtude: achace/ entoda America por matos

<sup>807</sup> Urucurana - árvore da família das Euforbiáceas (*Hieronyma alchomeoides*).

<sup>808</sup> Não identificada.

<sup>809</sup> Jagoa pecanga – Japecanga – o mesmo que Salsaparrilha (ver nota abaixo). Súa e muitos outros autores confundiram-na com a “raiz da China”, também do género *Smilax*. Monardes (1580: 13r), por exemplo, falando sobre a raiz da China, escreveu: “La Següda medicina que viene de nuestras Indias es, vna rayz que llaman la China. Parece, escandalizara dezir que la China la aya en nuestras Indias Occidetales, como comunmente la traygan los Portugueses de las Indias Orientales. Para esto sepan, que don Francisco de Mendoza, cauallero muy Illustre, quando vino de nueua España y Peru, me mostro vna rayz grande, y otras rayzes pequenas, y me pregunto, que rayzes eran aquellas, yo respondi que eran rayzes de China, pero que me parecian muy frescas, dixo me que assi era, porque auia poco tempo que se auian cogido y traydo de nueua España, yo me espante de que ali la viuiesse, como creyesse que en sola la China la auia: el me dixo que no solo auia en nueua España China: pero que presto veria traer mucha cantidad de Especeria, de a do se traya aquella China: lo qual crey, quando vide la contratacion que hizo con su Magestad de traer a España mucha cantidad de Especeria, q’ ya tenia comenzada à poner y plantar: y yo vi Gengibre verde traydo de alla, assi mismo la China”. Mas as espécies do Velho e do Novo mundos são distintas. Para Guarim Neto (2006: 81): “O rizoma e as raízes são de larga utilização e indicados como excelentes depurativos”.

<sup>810</sup> Segundo Ficalho (1895: 271-272): “A raiz da China pertencia a uma planta trepadeira e espinhosa da familia das *Smilacaceae*, **Smilax China**, Linn. (*S. fernx*, Wallich), espontanea na China e Japão, assim como em algumas províncias orientaes da Índia (...). Todo o *Coloquio* [de Garcia da Orta], com as suas longas e um tanto fastidiosas explanações sobre as regras a seguir na applicação da raiz da China, e regimen dietetico a observar, é extremamente interessante para a historia da medicina, pois é a primeira noticia scientifica, sobre a introdução na Índia de um novo remedio, que d’ ali passou para a Europa. Não exige, porém, nem comporta, uma longa nota, pois não tem tem muitos pontos obscuros a elucidar. A nova droga, começada a aplicar com proveito na Índia, no anno de 1535, depois da noticia dada em Diu a Martim Affonso de Sousa, foi trazida desde logo para a Europa, creando-lhe sobretudo reputação o facto de ser tomada com favoravel resultado pelo imperador Carlos V, que sofria de gotta. E o celebre medico e cirurgião, André Vesalio, escreveu e publicou em o anno de 1546 uma carta sobre este assumpto especial: *Epistola rationem, modumque propinandí radicis Chinae decocti, quo nuper invictissimus Carolus V imperator usus est*. Orta conhecia esta carta, onde vem algumas criticas e reparos ao novo remedio; assim como conhecia o que haviam dito em seu desfavor, e em seu louvor, o erudito Andre Laguna, e o eruditissimo Matthioli. A raiz da China, preconizada no tratamento das doenças syphiliticas, que atrahiam então as atenções, foi effectivamente muito discutida, louvada e preferida ao *guaiaco* por uns, e n’esse numero entrava o nosso Orta, tida em conta inferior por outros e creio que pelo maior numero. Por outro lado, as *salsaparrilhas*, procedentes de diversas especies americanas do mesmo genero *Smilax*, começaram quasi pelo mesmo tempo a ser conhecidas na Europa, e a sua crescente reputação contribuiu para diminuir a voga da raiz da China. Na Europa caiu em quasi completo abandono; mas no Oriente, na China e na Índia, onde é geralmente conhecida pelo nome persa *chúb-chini* (páo da China), consomem-se ainda hoje enormes quantidades d’ aquella droga, sendo geralmente considerada anti-rheumatica, anti-syphilitica e afrodisiaca”.

<sup>811</sup> Não conseguimos encontrar semelhante designação.

<sup>812</sup> Como assinalou Ficalho (1895: 272): “na Índia (...) é geralmente conhecida pelo nome persa *chúb-chini* (páo da China)”.

<sup>813</sup> Este nome foi registrado pela primera no México por Francisco Hernández; sua obra foi inicialmente publicada em espanhol e o nome grafado como “cocomecat” (cf. Ximenez, 1615: 75v). Nieremberg (1635: 321, Capvt LXX), baseado em Ximenez, escreveu “cocolmecat”. Só na edição latina (Hernandez, 1651: 213, Cap. LVII. *De COZOLMECATL, seu curarum fune China III. Mex. medicina admirabili*) é que vai aparecer a grafia correta: “Cozolmecat”, que Hernandez também diz ser chamada “Olcatzan”.

<sup>814</sup> Trecho copiado por Súa de Arrais (1674: 118, 1ª. coluna): “Chamaõlhe os naturais *Cocolmecat*, & os Hespanhois *la raiz de la immortalidad*”.



terras inxutas./

Salsa parilha<sup>815</sup> nasce en terras for-/tes e inxutas, he semelhante ao Jagoapecanga, as/ varas esquinadas direitas. e duras; da sepa lhenase/ as raises que seestendem aos sollais da terra, de septe e/ de mais palmos que vemos nas boticas feitas em molhos/ achase en alguns lugares da America e naõ en todos./ Nas margens do rio Guayaquil no Perú. Nas do rio/ Matasinco na provincia de Mechoacam, da nova Espa-/nha. Nas do Guasangario na nova Galicia. nas do rio negro do gram Pará. Nas dos Tocantins, e ser-/toens adjacentes, e nas do Paragoay da barra das co-/rentes para baixo, e pellas do mesmo rio das Corentes./

Procurando en autores que escre-/vesem desta planta, a ver se na formallidade he como aqui/ vi nestes nosos sertoes só achei a noticia que da o li-/senciado Duarte madeira<sup>816</sup> por fé de hum medico Por-/

tu-//

### Fólio 364r

tugues Fernando Soares pereira que dis pasara a nova/ Espanha<sup>817</sup> adonde vira e escreveo a forma della; e he como/ a que seacha em nosos lugares, só diferente en diser que/ lansa as raises para o sentro da terra, sendo que a des-/tes districtos lansaõ ao sollais, quando muito cober-/tas de terra dous dedos, e esta diferenca acho ser pello/ clima da terra enque nasce; por ser geral en todo este Brasil lansarem as arvores as raises ao sollais/ da terra sem que alguma penetre no sentro, como vemos/ em grandiosos arvoredos que com as tormentas de/ ventos viraõ as rais [sic] e vem ao cham; que todas astem/ estendidas sobre a terra./

E lembra-me que ouvi diser aos mais/ velhos que a causa disto, era por ser nesta região a ter-/ra mais fria que en outras, e poriso buscavaõ as rai-/ses das arvores a superficie como mais quente:/ com que me conformo, e he a causa desta frialdade da/ terra, a suprabundante humidade, que enqual quer/ lugar adonde secava, brota agoa en mais ou menos/ altura; e junta mente pellas pisarras, que en pequena/ altura seachaõ, que sam de quallidade fria, e este-/ril para qual [sic] producçam: e isto advirto por que se-/naõ duvide da sertesa de algumas plantas nestas regi-/oens pella diferenca de raises, e ainda das ramas, que/ tambem vareaõ segundo os climas enque seachaõ./

Outra planta a que os naturais cha-/mão salsa<sup>818</sup> nestes nosos lugares, que seacha pellos matos/ adonde quer se procura, e usaõ della sem diferenca/ na virtude da legitima salsa, paresese nas varas mas/ a folha he diferente, que a

<sup>815</sup> Salsaparrilha - (do esp. *zarzaparrilla*). Designação comum a cipós do gênero *Smilax*, da família das Liliáceas. Disse Monardes (1580: 15r): “Llamaronla los Españoles çarçaparrilla quando la vieron [no Novo Mundo], por la gran semejança q’ tiene con la çarçaparrilla destas paertes, que es Smilace aspera: yo tengo por certo q’ la çarçaparrilla de aquellas partes es la misma que la nuestra: la qual he experimentado muchas vezes, y haze los mismos efectos la nuestra, que la de nueva España, con la qual tiene semejança, mas que con la de Honduras”.

<sup>816</sup> Referência a Arrais (1674).

<sup>817</sup> O trecho a que se refere Sâa é o seguinte (Arrais, 1674: 116-118, *Num. 5. Da Raiz da China, que se acha em Indias de Castella*): Despois de ter escrito este capitulo me mandou o Doutor Fernão Soares Pereira, o papel seguinte a cerca do pao da China, que nas Indias de Castella nace, que por me parecer de utilidade para inteira noticia desta planta, o ajuntei neste lugar. El Rey de Castella Dom Phelippe Segundo mandou á nova Hespanha ao Doutor Francisco Hernandez seu Medico para que escrevesse as hervas, & cousas medicinaes, que ha naquellas partes, de que muyto escreveo em latim, & por sua morte hum frade Dominico enfermeiro do Convento de Sam Domingos de Mexico imprimio este livro em Castelhana, & diz entre outras cousas que quando não fora o dito Doutor àquellas partes mais que para escrever da raiz da China, de que ali ha muyta, era bem empregado o trabalho. Estes dous Authores fazem della naquella terra quatro, ou cinco especies, segundo elles apontão, as quais todas eu o Doutor Fernão Soares Pereira natural de Lisboa vij, & perguntei com curiosidade a Indios, & Espanhois, que sabião de Medicina, & achei que tudo he hima sò planta, & huma sò especie, porque segundo a natureza das terras, assi se dà, mais grossa, ou mais delgada, mais vermelha, ou mais branca, & ainda eu conheci outra, que elles não virão, que nace no novo Reyno de Lião, mais para o Poente de Sacatécas cicoenta, ou sesenta legoas, do qual por ser a terra muy fria, são as raízes muy pequenas, & quase redondas, mas todas ellas são de huma mesma maneira. E estas são muyto mais brancas, que todas, porque não dão nenhuma cor a agoa, em que se cozem, & acho por minha conta, conforme o que vij, & me enformei, que quanto a terra, em que nace, he mais quête, & mais húmida, he a raiz mais grossa, & mais vermelha, & quanto mais vermelha, tanto melhor em medicina. Nace en terras pedregosas, & em canadas, & Rios: muytas vezes he tão grossa esta raiz como um homem pella cintura, mas o mais ordinario como hum braço: nunca passa seu cóprimento de hum covado, & poucas chegão a elle. Dã as suas varas muytas, & juntas, que nem passão de oito, mas sempre mais de huma. Estas as mais grossas são como tres dedos juntos, mas as mais ordinarias como todo o genero de canas, humas grossas, & outras delgadas, mais compridas algumas, que hum homem, & outras menores. Tem de dedo, & meio, até dous dedos, apartadas humas de outras, humas puas como pregos redondos de real, & de meio real, huns mais grossos, outros mais delgados. A cor destas varas de hum leonado escuro que tira a negro, com hum verdenegro, como musgo, & quasi como pello porcima. Cortadas estas puas, & raspado o pao, ficão bordoens muy fermosos, porque são da cor de Brasil. A raiz, que está muy metida em humidade, & agoa, he sempre ali branca, mas a que está mais fora da terra, he vermelha, & todas o são despois de cortadas, & secas, & quanto mais ao Sol, mais vermelhas: quando saem da terra estão muy tenras, pouco menos, que batatas, mas em se secando se fazem muy duras, & tenazes. A folha hé a modo de Era, mas mui branda, & quasi parece hum coração com suas arrecadas, com que se pega a essas arvores, & sobre vides, & toda a sua madeira he mesmo, como de vides, digo a das varas, & todas davão sempre com suas puas grandes, ou pequenas. Tem as folhas a cor como a dos feijoens brancos, mas são mais tenras, & se parecem muyto as folhas daquella terra, digo das sylvestres, que la ha, mas são abertas se não da forma dita. Chamaõhe os naturais *Cocolmecat*, & os Hespanhois *la raiz de la immortalidad*”.

<sup>818</sup> Não identificada.

legítima temna meuda, e as-/pera, e esta tem as folhas como huma maçã aberta/

com//

### Fólio 364v

com cinco pontas e macias, as canas rollisas, e as raises/ mais grosas; especulando eu que planta he esta/ acho pella forma da arvore e virtudes, ser a que/ Dioscorides Cap. 25 chama legacam<sup>819</sup>./

Alcasus<sup>820</sup> bem conhecido nas boticas/ he huma varinha que não chega a grosura de hum de-/do, crese the cinco palmos, as folhinhas de tres pon-/tas como huma meya estrella, ha de duas castas huma/ tem a folha asulada, outra verde claro, nasce por/ serrados de matos, carasquinhos, nem em campos, nem/ matos grosos./

Ariticú pitaya<sup>821</sup> he huma arvore/ que ingrosa como perna de hum homem, e crese the/ quatorse e quinze palmos, brota huma fruta como hua/ pellota coberta de bicos, queima a rama na boca como/ pimenta, e fede que de muito longe sepersebe, e esfre-/gada nas maos embebeda; he isto selebre entre In-/dios, negros, e alguns brancos que com elles sebaralhaõ, pellas virtudes que lhecommullaõ; disem que a rais da/ tal planta tirada de tal ramo, en tal estasam do anno/ e ental dia, quem atras comsigo anda livre de fei-/tisos, que adonde ella está não chega feiteiro, que/ aquelle que lhetocar moreo logo./

Item que he contra venenos, con-/tra dores da cabesa, dores de colica, contra olhados/ contra quebrantos, pestes, febres, almoreimas, ar coru-/pto, final mente contra os males todos da humana vida/ quantos podem acumullar suas ideyas; sendo verdadeira mente os que as trasem comsigo e estudão estes aran-/zeis de imbustes, os mesmos que sedisem feiteiros, e/

trasem//

### Fólio 365r

trasem estas raises enbolsas tam goardadas, que se com/ tanto cuidado goardassem os preseitos divinos, foraõ huns/ grandes sanctos; o que da planta averigoei, he ser a rais/ venenosa, fectida que senaõ póde ocultar donde quer/ que estiver, a rama quente ensumo grãõ; se tem algumas/ virtudes ficaõ deslustradas cm os aranseis que lhes comullaõ./

Cóca<sup>822</sup> selebre entre os Peruanos, como/ o aritiú pitaya entere os Brasis; he huma arvore sinha da/ altura de hum homem copadinha, de raminha e folhas de-/licadas, brota fructos como uvas mas não en caxo. Hé/ de tanta estimasaõ entre aquellas gentes, que chega a supresti-/sam pellas virtudes que lhe daõ sem ser sustento, nem que a apliquem a curativo algum; mais do que huns a-/ranseis de imbustes: que quem atras com sigo não/ lhe chegaõ feitosos, não more a fome, não padese/ sede, não lhechegaõ mas [sic] ares, não tem asombramen-/tos, livra de malignas, estupores, final mente hum todo/ de quantos beneficios carese a vida humana; de/ donde seoriginou entre os Espanhoes quando hum/ more de amores por outro, disserem: fullano deo cóca/ a sicrano, o que entre nos tambem se practica./

Guayacam<sup>823</sup> he arvoredado de mede-/ano grandor ingrosa the septe palmos a casca lisa/ manxada de bastante grosura, as folhas de meyo palmo/ de compridas, brota flores amarellas, e fructas quasi/ como limoens a madeira parda tirada a vermelhasa/ bastante mente dura ao cortar; he esta planta selebre/ na medicina, achace entoda America e ilhas adjacen-/tes; ha outro Guacam [sic] que só seacha das terras/ de Paria para o norte; que sam arvoredos grandiosos/ de cujos troncos fasemse canoas de quatro e cinco pal-/

<sup>819</sup> Não identificada.

<sup>820</sup> Alcasus - Alcaçuz. Originalmente um arbusto da família das Fabáceas (*Glycyrrhiza glabra*). No Brasil, subarbusto do cerrado, da família Fabaceae (*Periandra mediterranea*).

<sup>821</sup> Ariticú pitaya - Araticum-pitaiá (ou, na antiga ortografia, Araticum pitayá). Segundo Corrêa (1984 (1): 161): *Rollinia mucosa*, da família das Anonáceas

<sup>822</sup> Planta da família Erythroxylaceae nativa da Bolívia e Peru (*Erythoxylon coca*) que dispensa maiores comentários.

<sup>823</sup> Guayacam - Guáiacó. Árvore medicinal da família das Zigofiláceas (*Guajacum officinale* e *Guajacum sanctum*). Também chamado Gaiaco (Ferreira, s/d: 708).

## Fólio 365v

palmos de boca, reiga esta arvore a casca em sertos tempos/ de donde sae hum gusmo como resina, e vai impolan-/do como escumas, de donde a seo tempo saem huns bi-/chos que andam paseando pello pao sustentandoce na/ sustancia delle, the que lhesnascem humas pernas compri-/das com humas garras; estando em sua madures, caem no/ chaõ interrão as garras que sao as raises, e o corpo vai/ cresendo enoutra arvore semelhante a mai que o ge-/rou, e saõ os fructos e sementes que brão [sic]./

Urarema<sup>824</sup> he huma arvore que se/acha entoda America cujo tronco ingrosa athe 25 pal-/mos, pao branco brando no cortar a casca grossa a fo-/lha de tres pontas, com cheiro como de alho propria/ mente; a rama folhas ou polpa cosida tomada ensuores/ he de muito proveito para pessoas entrevadas, e tambem/ posta em emplastos sobre as juntas do entrevado, ahinda/ que seja a queixa antiga./

Jutuahiba<sup>825</sup> sam humas arvores a-/paradas que ingrosa o tronco como a perna de hum/ homem as folhas de palmo e meyo de compridas; brota/ humas fructas vermelhas como mosquetes, encaixos; he/ a polpa da casca purgati-va tomada pella boca, e em/ ajudas de muito proveito para expulsam de humo-/res galicos, frios e crustas; tambem tomada a mesma/ ensuores para as mesmas queixas./

Angelica<sup>826</sup> he huma arvore dos/ campos e serrados de septe e oyto palmos de altu-/ra, a folha redonda, que terá hum gemeo de largura/ crespa hum tanto áspera; brota flores amarellas em/ pinha do feitio da angelica domestica porem muito/

ma-//

## Fólio 366r

maiores, do que produzem uns fructos do feitio e grandor dos pecêgos e peludos/como elles; é a raiz desta planta admira-/vel cordeal, contra-venenos, operações do/sangue e calor./

Quina<sup>827</sup> trasida das terras/do Perú/ adonde he chamada Querango, com tanta estimasaõ/ para augmento das rendas dos boticarios; achase por todos/ os nosos sertoes por campos lugares estéreis, e pedregosos/ de duas castas huma rasteira, e outra que crese como/ lorangeiras, as folhas quasi como de limoeiro branca-/sentas a casca do pao vermelhasa, de suas virtudes estão todos informados.

Angelim branco<sup>828</sup> chamado do campo/ he arvore mayor que a lorangeira copada a folha/ de dous dedos de larga compridinha brota fruc-/tos como limoens duros como qual quer pao; he o fructo, e a rais da arvore veneno, tomada ensua com-/ta mata as lombrigas do ventre, e purga as primeiras/ vias de humores frios e crustas./

Aratimbo<sup>829</sup> he planta que crese no-/ve e des palmos de altura, a folha redonda do tama-/nho da boca de uma

<sup>824</sup> Urarema - (Var. de *Guararema*). Árvore da família Fabaceae (*Andira legalis*).

<sup>825</sup> Souza ([1587] 1851: 221) citou uma *jatuaiba* "Ha outras arvores meãs, a que os índios chamam jatuaiba, cuja madeira é muito pezada, ás quaes cahe a folha cada anno, e torna a rebentar de novo. Esta arvore dá umas frutas brancas do tamanho e feição de azeitonas cordovezas". Varnhagen (in Souza, 1851: 395, nota 149) comenta apenas que "Da *jatuaiba* ou *jutuahiba* trata tambem Barbosa de Sá, fol. 365v [do MS da Biblioteca Nacional]". Tratou depois dessa planta Amorim (1874a: 54): "A folha da jatuaiba tem caído seis vezes no lago, e descido com as correntes para o grande rio depois que eu deixei de ver as cachoeiras do Xingú e a taba juruna". Porém Sá cita "frutas vermelhas" e Souza "frutas brancas". A espécie de Sá não conseguimos identificar. Acrescenta Amorim (1874b: 125; nota LX): "Jatuaiba ou jutuaiba, que não encontro descripta, é uma arvoreta das poucas que no Brazil mudam a folha. Affirma-se que a sua raiz produz efeitos purgativos, e pôde tambem ser applicada contra a esterilidade das mulheres!".

<sup>826</sup> Angelica - A Angélica propriamente dita, chamada neste trecho de 'Angelica domestica' pelo autor, é planta da família Apiaceae (*Archangelica officinalis*).

<sup>827</sup> Quina - Nome aplicado a certas arvoretas originárias do Peru pertencentes à família Rubiaceae (*Cinchona* spp.), bem conhecidas por suas propriedades antitérmicas. Por comparação à quina, tal designação também é aplicada a numerosas plantas nativas (falsa-quina, quina-mineira, químico etc.), cuja casca é amarga e reputada – sem qualquer motivo – como ativa contra febres e malária (Ferreira, s/d: 1184).

<sup>828</sup> Angelim branco - Provavelmente alguma espécie do gênero *Andira*.

<sup>829</sup> Não identificada.

tigella ordinaria, brota fructas co-/mo ballas de mosquete, he venenosa a fructa rama, e ra-/is com que costumão matar peixes nos rios e alagoas./

Timbó<sup>830</sup> he planta que sua ra-/ma he sipó, a folha quasi como do Jasmim, não flo-/rese nem fructifica, he veneno finíssimo que the o/ cheiro embebeda, tambem com esta rama socada/ mataõ as gentes peixes. A sustancia da rama crua sem/

hir//

### Fólio 366v

hir ao fogo lavando com ella os leprosos ficaõ saos, m-/as hade ser por espaso de hum anno para mostrar/ seu efeito, e com bom regimento./

Agoahy<sup>831</sup> he arvore de medeano g-/randor dos alagadisos e beiras do mar, a folha comprida de hum dedo estreitinha, brota flores amarelas e hũ/ fructo redondo, com huma castanha dentro dura como/ coco que juntas muitas tinem como cascaveis, he plan-/ta venenosa nella poderaõ os especulativos descobrir/ remedios medicinais./

Capeba<sup>832</sup> por outro nome pahiparó-/ba crese da altura de hum homem, a astea mole a ma-/neira de cana com seus gomos; a folha redonda gran-/dor de um chapeo, brota humas fructas juntas em penca/ feitio de dedos e mais delgadas; he planta digna de toda/ a estimasam; o mais eficaz descogulante que produzio/ a natureza, bebida tanto cosida como crua, pao, folha/ ou rais desfas toda a cogullasam de humores, seja de/ pancada queda ou por outro qual quer principio/ as postemas obstruçoens, opillasoens, e ahinda para expul-sar humores galicos e outros quais queis, e estanca toda/ a quallidade de cursos./

Cataya<sup>833</sup> chamada vulgar mente erva/ do bicho arde na boca como pimenta, nativa dos charcos;/ he descogullante purgativa contra toda a doensa de ca-/llor, e superasam de sangue; para a retenção de ourinas,/ para as almoredas e corrupçoens./ Há della huma espe-/cia venenosa que tem as folhas pelludas./

Erva pombinha<sup>834</sup> nativa dos char-/cos crese thé dous palmos as folhas do tamanho da aza/

de//

### Fólio 367r

de uma/mosca, macia e branda, bebida é pro-/veitosa para toda a queixa causada de/calor e para toda a retenção de

<sup>830</sup> Ver nota 793.

<sup>831</sup> Não identificada.

<sup>832</sup> Capeba (var. de *caapeba*) - Arbusto da família das Piperáceas (*Piper peltatum*). Ferreira (s/d) não consigna o termo “Paiparoba”.

<sup>833</sup> Cataya ou Erva do Bicho - Erva-de-bicho. O mesmo que Caraxixu (Ferreira, s/d: 550) (Ver nota 780). Ou Cruz-de-malta, designação de várias plantas da família Onocheaceae.

<sup>834</sup> Erva pombinha - O mesmo que Arrebenta-pedra. Planta da família das Euforbiáceas do gênero *Phyllanthus*.

<sup>835</sup> Não identificada. Planta muito citada na literatura portuguesa. Sequeira (1626: 67r) diz: “Da virtude da herua chamada pes colombinos, ha duas differenças desta herua, & ambas são da mesma feitura, só differença na cor dos pés, porque hũa tem os pés brancos, & a outra vermelhos, são ambas dos pés compridos, & a folha a modo de malva braba. As dos pés vermelhos tem virtude de apertar, & ajuntar as feridas, pizada, & posta sobre a ferida”. Bluteau (1720a: 332) ensina-nos: “Pès columbinos. Herva que he huma segunda especie de outra, a que chamão *Geranium*. Tem as folhas fendidas, quasi a modo de pè de pombo, donde lhe resultou o nome de *Pes columbinos*. Produz huns talos pequenos, miudos, & felpudos, & no cabo delles humas cabecinhas, sahidas para fóra, da feyção de cabeças de grou, com seus bicos. Na descripção desta herua, traduzio o Author do Dicionario da Academia Franceza as palavras de Dioscorides, & por isso sobre a palavra *Pied de Pigeon*, diz que não tem esta herua virtude alguma medicinal. Mas mostrou a experiencia o côtrario, porque affirma Laguna, que he excelente para soldar feridas frescas, & encourar chagas antigas. E no Thesouro de Prudentes Tratados s. cap. 35. diz Gonçalo Gomes Caldeyra o que se segue. [Da virtude da herua, chamada *Pes Columbinus*, há duas differenças desta herua, & ambas são da mesma feitura, só differença na cor dos pés, porque hũas tem os pés brancos, & a outra vermelhos, são ambas dos pés compridos, & a folha a modo de malva braba. A dos pés vermelhos tem virtude de apertar, & ajuntar as feridas, pizada, & posta sobre ferida; & a dos pés brancos tem virtude de ajudar a tirar algum osso, que a natureza deva de deytar fóra, pizada, & posta sobre aquella parte]. No dicionário de Marques (1764: 170) só consta: “Colombino, pés colombinos, herba que tem este nome [!]”. No de Carvalho (1765: 437) diz o autor: “PÉS COLUBRINOS. Planta, que tem as folhas fendidas como o pé do pombo, e semelhantes ás da Malva braba, produz seus talos pequenos, miudos e felpudos, e no fim delles humas cabecinhas sahidas para fóra com ses bicos: he excelente para soldar feridas frescas”. Silva (1813a: 415), sob “Colombino”, só diz: “*Pès colombinos*: herua farmacêutica” e em 1813b: 415: “*Pès columbinos*, uma espécie do *Geraunium* [sic]”. Em inglês, *columbine*, *common columbine* ou *European columbine* são nomes alicados a *Aquilegia vulgaris* (Ranunculaceae), mas a descrição de Sâa não concorda com as características dessa espécie. Sâa acrescenta que alguns também chamam a planta de “pé de saracura”, designação de *Alternanthera philoxeroides* (Amaanthaceae); mas outra vez a sua descrição não concorda com os caracteres desta última.

ourinas/seja alta ou baixa, tomada e cosimen-/to por cima e por baixo e ceringada a/via./

Pes columbrinos<sup>835</sup>, he huma erva/ chamada dos vulgares, pernas de saracura, crese the/ dous palmos as folhas redondas do tamanho, e feito de hũ/ sello de prata, os talos vermelhos, brota encada junta/ das folhas huma florcita branca, nativa de lugares/ umedos e sombrios, provada na boca he azeda; fres-/ca descogullante admiravel para toda a doensa/ de febres e crescimento de sangue, histo he cosida, e to-/mada en ajudas, pella boca não experimentei, e socada espremido o sumo insopado enfios postos sobre/ qual quer ferida fresca; aperta, solda, e cura sem in-/flamasam nem dar tempo a que materee./

Mamono<sup>836</sup> he planta que crese/ thé vinte palmos de altura o pao molle, a folha re-/donda de muitas pontas, brota o fructo encaixos a que/ chamamos carrapato, de que setira copioso aseite que/ seusa fabricar entoda America para os candeeiros/ histo he nas terras que ficaõ dentro dos trópicos, que/ dahi para fora não produz o frio o consome; he/ este aseite quente purgativo de muita utilidade/ para expurgar humores frios, tomado pela boca/ e en ajudas, a rama folhas, e raises cosidas de/ muito proveito para lavar feridas, e postemas, e in-/flamasoens, cura, e resolve; há de quatro expe-/cias, o branco da semente meuda he o mais proveitoso./

Bu-//

### Fólio 367v

Butua<sup>837</sup> hé huma planta sinha sele-/bre pellas grandes virtudes, que tem; he sua rama hũ sipó sito da grosura do tallo de huma penna de escre-/ver estende the quatro palmos, as folhas redondas/ da largura de huma maõ travessa; cria huma rais/ que estende para o sentro da terra a maneira de rabano, preta e dura como qual quer páo; não flore-/se, nasce por terras cultivadas secas, e areiceas/ enalguns lugares da America principal mente pelas/ terras marítimas. He quente bastante mente, desecati-/va, descogullante, cura admiravel mente feridas/ lansada enpo, ou en lavatórios; rallada feita em pa-/pas postas sobre as postemas, se principiaõ resolveas, e/ se estaõ já congelladas falas arebentar violenta/ mente. Tomada pella boca amarga e de muito pro-/veito para dores de cólica do ventre, estancar cursos/ e sobretudo particullear e expecial virtude contra/ os flatos, adonde podem os que ospadesem achar remedio. Há de quatro castas, todas da mesma se-/melhansa, a melhor he a da folha mais redonda/ que apenas tem huma lemitada ponta./

Mil-home ou erva jarrinha<sup>838</sup>/ asim chamada por ser a flor semelhante a huma/ jarra, tem a folha como a butua, de cor brancasen-/ta ou asulada, e o sipo estende muito mais, a ra-/is amargosa dura como qual quer pao, feitio/ de batatinhas mayores, e menores; nasce por terras/ agrestes, campos, beiradas, catingas, en matos grosos/

se não//

### Fólio 368r

se não acha; he a rais cordeal, e antidoto contra todo/ o veneno; lansadas as raises na agoa que sehade be-/ber deseca as hydrosesias; rebate flatos e toda/ a dor do ventre, fas arebentar as postemas./

Orelha de onça<sup>839</sup> nativa dos cam-/pos mais estéreis, e terras resfriadas; he huma varita/ que crese the dous palmos, a folha do feitio e grandor/ da orelha de hum gato, não florese, brota humas ba-/tatinhas como balas de mosquete e perdegotos em cor-/daõ, de duas, de tres, e de quatro; tem as mesmas vir-/tudes do milhome./

<sup>836</sup> Trata-se da mamona, fruto da mamoneira, também chamada de carrapato ou carrapateira. Planta medicinal da família Euphorbiaceae (*Ricinus communis*).

<sup>837</sup> Butua - Abutua. Designação comum a diversas plantas trepadeiras da família das Menispermáceas, entre as quais se distinguem no Rio de Janeiro a *Abuta rufescens* e a *Chondrodendron platyphyllum*.

<sup>838</sup> Mil-home ou erva jarrinha - Mil-homens. Designação comum a várias trepadeiras ramosas das famílias das Aristoloquiáceas e das Menispermáceas.

<sup>839</sup> Orelha de onça - Orelha de onça. Subarbusto da família das Menispermáceas (*Cissampelos ovalifolia*).

<sup>840</sup> Cayapia ou contra erva - Caapiá. Designação comum a várias espécies do gênero *Dorstenia*, da família das Moráceas. Para Guarim Neto (2006: 79) é *Dorstenia asaroides*; “a raiz desta espécie é empregada na preparação de garrafadas. Prepara-se também o chá que é utilizado principalmente no tratamento de sinusites. A raiz é aproveitada para perfumar o fumo, misturada em forma de rapé”.

Cayapia<sup>840</sup> a que chamaõ contra er-/va, he huma plantinha rasteira de quatro castas, huma/ que crese thé hum palmo, outra the quatro dedos,/ outra somenos, e outra minima que não pasa a astea/ de huma polegada, e duas the tres folhas redondas/ do tamanho de huma moeda de pataca de prata, as du-/as/ somenos sam melhores, brotaõ huma rais de hua/ pollegada, grande contra veneno, flautos, vomitos,/ dores de colica; procurada dos boticarios para corde-/ais e outras composisoens; nasce en terras fortes/ por todos estes territorios./

Poaya<sup>841</sup> he huma erva rasteiri-/nha que nasce por matos virgens terras fortes,/ e enxutas; crese the meyo palmo de altura, não pa-/sam as folhas de sinco the seis como folhas de limaõ/ mais meudas brota humas frutinhas semelhantes/ as pimentas de comari<sup>842</sup>; as raises com huns nositos/ admiravel purgante para toda a infirmitude/

proce-//

### Fólio 368v

procedida de callor, principal mente para toda a quallidade/ de diarrreas, e outras mais virtudes sabidas dos médicos/ e cirurgioens: achace entodas as terras marítimas, e pellos/ sertoens en poucos lugares./

Paragoaya<sup>843</sup> é plantinha do grandor/ e feitio dos beldroegas, tilinhos vermelhos, quando seque-/brão brotao leyte, cria humas raises como os dedos/ de qualquer homem; grande purgante fresco, e peito-/ral, nasce en terras humedas pellas costas do mar./

Marirosó<sup>844</sup> planta semelhante/ a do Lirio mas tam deminuta que não pasa de palmo/ e meyo, as folhas da largura de hum dedo; a flor do fei-/tio do Lirio, de cor amarela, a rais como huma bata-/ta que chega a duas pollegadas amarella por dentro/ o cheiro, e sabor ascarosissimo, purgante de grande/ valor para toda a quallidade de febres; nasce por/ alguns lugares destes sertoens em matos virgens/ terras fortes, e pellas costas do mar plantado nas hortas/ tratado com muito mimo./

Batatinhas<sup>845</sup> asim chamadas sem/ outro nome, he huma plantinha que crese como hũ/ dedo as folhas de uma pollegada, flores-sitas, brancas/ tiradas a roxo, nas raises humas batatinhas como grãos/ de feijaõ en cordam de duas, tres, e de quatro; a-/margosissimas e cordeal admiravel contra febre<sup>846</sup>/ e especias venenosas, nascem pellas regioens maríti-/mas e terras cultivadas./

Suasua<sup>846</sup> feitio de uma tosa de/ alfase a folha do mesmo feitio porem aspera brota/

huma//

### Fólio 369r

huma vareta the dous palmos com flores asperas que/ ficão nas mãos, nasce em toda a parte por campos, e/ charcaís; admiravel cordeal para febres, malignas/ preorises, cursos, toces, diflusos, cursos de sangue./

Fedegoso<sup>847</sup> de 4 especies a sa-/ber fedegoso macho, fedegoso legitimo, fedgoso brabo,/ e mata pasto, que he da mesma espacia, o commum que/ he o legitimo que nasce en terras cultivadas, e principal/ mente junto as casas, crese the sinco palmos, flor ama-/rella brota humas bainhas como feijoens. He herua/ cordeal principal mente a rais; a folha bebida he/ contra veneno principal mente para as mordidas de/ cobras, e se for mista com agoa ardente de cana, não/

<sup>841</sup> Poaya - Poaia ou Ipecacuanha. Erva humilde, da família das Rubiáceas (*Cephaelis ipecacuanha*).

<sup>842</sup> Comari - Representante bem conhecido da família Solanaceae (*Capsicum baccatum*).

<sup>843</sup> Não identificada.

<sup>844</sup> Marirosó - Variante de Bariríó (do tupi mba'ê riri'sô: 'o laxante'), erva bolbosa, da família das Iridáceas, *Trimezia juncifolia*.

<sup>845</sup> Batatinhas - Moraes (1881:78) diz que é o mesmo que "Contra-herua" (Ver nota 827).

<sup>846</sup> Suasua - Suçuaia. Erva da família das Asteráceas (*Elephantopus scaber*).

<sup>847</sup> Fedegoso - Fedegoso. Designação de vários arbustos ou árvores pequenas da família Fabaceae, pertencentes ao gênero *Cassia*.

tem perigo algum; he remedio commun para a queixa/ das almoredas. O fedegoso brabo quasi imita ao le-/gitimo ã propriedade principal mente para mulhe-/res que lhes falta o menstro cosida a rais, bebida en agoa quente, e tambem crua rellada bebida en vi-/nho. O mata pasto<sup>848</sup> que he especia de fedegoso, he/ rasteiro; o sumo mata as sarnas, inpinges, pelladuras, atalha os erpes mata toda a qualidade de bichos, va-/rejas e tudo o mais./

Jurumbeba<sup>849</sup> he arvore da altura/ de hum homem espinhosa as folhas grandes, redondas tam-/bem espinhosas, as flores asues as fructas encaixos como/ uvas; cosida a rais desta arvore bebida a agoa he/ de muito proveito para pessoas esquentadas, que disem/ os vulgares do figado, e chagas, a que daõ o mesmo no-/me lavadas com o mesmo cosimento, e postas as folhas/

en-//

## Fólio 369v

ensima aproveita tambem para as retensoens de ourina./

Urumbeba<sup>850</sup> he planta que os mesmos/ galhos lheservem de folhas a maneira de humas palmatorias/ cobertas de espinhos duros, e pungentes; brota humas ma-/sans tambem cobertas de espinhos meudos que ficaõ/ amarelas quando maduras com sabor entre doce/ e asedo, tanto as pontas destas ramas como as fructas/ cosidas bebida a agoa he muito bom para doensas/ de quentura, para os esquentamentos, ou gonorreas, diarre-/as, e retensoens de ourina./

Cardo<sup>851</sup> he semelhante a urumbeba/ ha de seis diversas especias, que sam humas hasteas esqui-/nadas rodeadas de espinhos sem ramas nem folhas; brotam todas fructas doces e saborosas tem as mes-/mas qualidades da urumbeba./

Erva sencivel<sup>852</sup> chamada em nosos/ lugares mallicia das mulheres, nasce por toda a parte/ da America em terras humedas e charcadas fas huma/ reboleirinha de raminhas tecidas humas com as/ outras, espinhosas as folhas como azas de mosquitos/ brota flores roxas como humas esponjas. Histo/ en selhestocando feixa as raminhas, e fica como se esti-/vese murcha, e enquanto alli esta a pessoa que lheto-/cou naõ abre, en se dalli afastando, abre as ramas/ e folhas e poense como de antes. He a rama desta/ planta de quallidade venenosa; disem que a rais he/ antidota naõ no experimen-/te; socada a dita rais frita/ em aseite posta sobre as ernes, e postemas resolve./

Ha//

## Fólio 370r

Há outra planta sencivel que nasce pellos campos de/ terras secas e estereis que brota humas varinhas da al-/tura de hum palmo e mais, as folhas como patacas de/ prata, a flor roxa he tambem venenosa e sensível/ fecha as folhas quando lhetocaõ e gasta tempo para abrir./

Trepouraba<sup>853</sup> nasce en terras humedas/ alastra fas humas varinhas com gomos, ha deduas castas, hua/ da flor usual [sic], e outra branca; socada a rama e folhas fa-/sem hum gusmo como grude; he fresquissima de pro-/veito para toda a queixa de quentura, bebida en/ cosimento boa para retensoens de ourina, para os es-/quentamentos, para as almoredas, cursos de sangue;/ e crua tirada a sustancia aplicada enfios a qual quer/ ferida fresca golpe, ou cutillada

<sup>848</sup> O Mata-pasto é igualmente arbusto da família das Fabáceas (*Cassia bicapsularis*).

<sup>849</sup> Jurumbeba - Jurubeba. Designação comum a várias espécies do gênero *Solanum*, da família das Solanáceas.

<sup>850</sup> Urumbeba - Jurumbeba. O mesmo que Jumbeba. Cactácea arborecente (*Opuntia brasiliensis*).

<sup>851</sup> Cardo - Mandacaru ou Jamacaru. Grande cacto (*Cereus jamacaru*).

<sup>852</sup> Erva sencivel ou Mallicia de Mulheres - Malícia-de-mulher ou mais comumente, Dormideira. Designação comum a varias plantas da família das Fabáceas.

<sup>853</sup> Trepouraba - Trapoeraba. Planta da família das Comelináceas (*Tradescantia elongata*).

<sup>854</sup> Barbatimão – *Stryphnodendron adstringens* (Mimosaceae). De acordo com Nunes, Silva, Resende & Siqueira (2003: 86), serve para “banho para ferida, infecções no útero, inflamação, cicatriz, machucado, inflamação no ovário, cicatrização de ferida, antiinflamatório, ducha no útero, ferida, úlcera, cicatrizante, feridas, para higiene pessoal, dores de garganta, coceiras”. Segundo Guarim Neto (2006: 78): “com a casca do caule prepara-se banhos que são usados contra a inflamação ovariana e qualquer outro tipo de feridas. A casca do caule deixada na água por algumas horas é ida como ótimo medicamento para úlceras”.

solda admiravel/ mente, se for mista com ovo batido melhor; esta he/ a da flor azul a outra he bravia./

Barbatimão<sup>854</sup> he huma arvore/ dos campos do grandor de huma laranjeira com menos/ ramas e folhas, estas meudas como as unhas das maons, as fructas a maneira de favas curtas e grosas; o suco da casca/ desta arvore he o astringente mais eficaz que sepo-/de achar em planta alguma, basta que nos curtumes cur-/te os couros no espaso de vinte e quatro horas, e se os/ deixaõ por mais tempo, corrompeos. A casca queima-/da moido o carvaõ lansado em qual quer chaga de/ ruim quallidade come, e destroe total mente toda/ a maldade, ellavada com o consimento [sic] da mesma/ casca seja a ferida nova, ou velha já limpa, en/ termo de tres e quatro horas, astringe, atrae a car-/ne e poem rasa, e já incurando. O mesmo cosimen-/to estanca o sangue de qual quer veyta cortada as-/

trin-//

### Fólio370v

tringindoa en forma que logo a solda. A mesma casca/ socada posta em emplasto sobre qual quer rotura/ ou quebradura de carne ou oso, solda admiravel/ mente./

Tayuyá<sup>855</sup> é uma planta seme-/lhante a abobreira nas ramas,e nas folhas, de de duas cas-/tas mayor e menor, a mayor brota fructos como pepinos/ de quatro dedos, a menor semelhante as pimentas comaris; de huma e outra cosidas as ramas,daõce suores/ a intrevados por causa de humores gálicos, e frios que/ sam de muito proveito; as fructas de huma e outra/ sam purgativas; a agoa enque secosẽ as ramas he/ tinta amarella, apurada ao fogo coalha fas pam que/ se goarda para toda a pintura./

Angico<sup>856</sup> he arvore que/pertence/ a todas as clases, a madeira he das que chamamos de ley/ por duravel, e capas de toda a manufactura, hé de tres/ castas vermelho, branco, e preto com veias pardas, a cas-/ca do tronco, a melhor e mais/aprovada para os curtu-/mês; queimada a mesma casca limpa as chagas de/ toda maldade, e com o cosimento astringeas incoura-/as admiravel mente em espaso de hum dia. A resina/ que brota pella cortisa he goma admiravel, mui-/to melhor que a cham/da gomarabia que trasem/ da Asia com tanta estimasam./

Erva de cobra<sup>857</sup> asim chamada/ he huma plantinha que crese hum palmo de alto/ copadinha, as folhas como sellos de prata, e crespas/ brota flor amarella preta no meyo, as fructas como/ perdigotos, nasce por terras cultivadas campos are-/

ais//

### Fólio 371r

ais: he remedio proprio/e expecial para as mordeduras das/ cobras, bebida a sustancia, e posta sobre a parte o-/fendida./

Rabo de Bogio, por ou-/tro nome, rabo/ de Raposa, e por outro erva Lanceta<sup>858</sup>, he huma plana [sic] que crese the tres e quatro palmos, que sam humas/ varetas cobertas de folhas compridas e estreitas como/ pontas de folha de espada, esgalhaõ na ponta, e botao/ flores brancas. He remedio proprio e especial para/ estancar sangue bebida a sustancia e posta sobre a/ parte ofendida, naõ deixando de obrar nos froxos que/ padessem algumas mulheres./

Mastruso<sup>859</sup> hé huma ervasita ras-/teirinha as ramas como sipositos as folhas como azas de/ moscas fas huma

<sup>855</sup> Tayuyá - Taiuíá. Grande trepadeira herbácea, da família das Cucurbitáceas (*Cayaponia tayuya*).

<sup>856</sup> Angico - Árvore do gênero *Piptadenia*, da família Fabaceae, de madeira utilíssima (Ferreira, s/d: 98). Para Guarim Neto (2006: 77) é *Piptadenia macrocarpa*; "o xarope da casca do caule é empregado no tratamento da bronquite. Alguns preparam o xarope juntamente com botos de mangueira (*Manifera indica* L.) e canela (*Cinnamomum zeylanicum* Breyn) em rama (em casca)".

<sup>857</sup> Erva de cobra - Caacambuí. Erva da família das Euforbiáceas (*Euphorbia serpens*).

<sup>858</sup> Rabo de raposa, Rabo de Bogio ou Erva lanceta - Cauda-de-raposa é planta de caule herbáceo, ereto e ornamental da família das Amarantáceas (*Amarantus caudatus*). Rabo-de-bugio é cipó da família das Combretáceas (*Combretum aubleti*). Erva lanceta ou Flor-das-almas é planta herbácea e ereta, da família das Asteráceas (*Senecio brasiliensis*). As três espécies são portanto distintas, e não sinônimas como aparentemente pretende Sáa.

<sup>859</sup> Mastruso - Mastruço. Pequena erva da família das Brassicáceas (*Senebiera pinnatifida*).



reboleirinha como a palma da maõ, brota flores e sementes como olhos de mosquitos, nasce/ enterras cultivadas e esterqueiras; tirada a substancia soca-/da e exsprimida, he amargosa bebida he de muito pro-/veito para quem apanhou pancada, deo queda ou ama-/sadura, e ainda aplicado en emplasto sobre a parte ama-/sada; desfas tambem as postemas interiores, e exteriores./

Erva de Sancta Maria<sup>860</sup> que al-/guns chamaõ erva fedorenta, e outros chamaõ erradamen-/te mastruço; he planta que crese the tres palmos/ a folha comprida e estreita, esfregadas nas mãos lansaõ/ hum fetido que atordoa, nasce por junto as casas e ester-/queiras; bebido o sumo mata as lombrigas, mata as/ varejas, cura feridas, e de muito mais proveito socada/ posta em emplasto quente ao fogo sobre as dores do/ ventre, de flautos ou pontadas./

Erva tostaõ<sup>861</sup> he rasteira alas-/

tra//

### Fólio 371v

tra pella terra as folhas redondas como moedas de pataca/ brota humas sementinhas que pegaõ na roupa, bebido o co-/simento della he remedio do mal chamado tiricia./

Pecirica<sup>862</sup> é arvore sinha que/ crese até the sinco e seis palmos copada as folhas de meyo/ palmo de compridas, e menos de largo, e crespas; nativas/ de lugares humedos, brota frutos como bagos de um-/nisaõ que esmagados fasem tinta bem preta; he o co-/simento desta folha, rama, e flores que sam roxas de/ muito proveito para lavar chagas causadas de callor/ que disem as gentes he figado, e as vezes fas gretar os pes,/ e as maos./

Mentrasto<sup>863</sup> crese como dous,/ e tres palmos, mole que senaõ conserva enpe, he/ planta aromatica e quente ensumo grão, purga humo-/res crus, de desostruente [sic], fas ourinar bem, e lansa as pedras/ da bexiga, cura os flautos, estillada com outras com-/poem aguas cheirosas./

Anil<sup>865</sup> he hum planta que os/ naturais desta provincia chamaõ causú, crese the qu-/atro e sinco palmos, as folhas como unhas das maos, seo fru-/to são humas bainhas como feijoens meudos, nasce/ por lugares cultivados, tirace desta planta a tinta/ que chamaõ anil, que feito en paens vai por negocio/ de alguns lugares da America, e ilhas adjacentes, para/ a Europa. Colhese a rama depenase a folha lansaõ/ en vasilhas de agoa que sam humas tinas, e potes; estan-/do a folha de molho quatro dias, lansa desi a tinta que/ he um polmo azul; assenta no fundo da agoa; passada/ esta por peneiras, que va sem folhas nem argueiros,/ e lansaõ a coser, mexendo continua mente com huas/

pás//

### Fólio 372r

pás para naõ grudar no fundo do taixo ou panella the por/ em ponto de coalhar, então tiraõ do/fogo estando frio, for-/maõ da massa paens e poem e secar ao sol; e está o anil/ preparado tanto para tintura de panos como para pin-/turas que sendo azul escuro, mudaolhe a cor com mes-/turas que lhe lansaõ; he isto lavoura commua enalguns/ lugares da

<sup>860</sup> Erva de Sancta Maria, Erva fedorenta - Erva-de-santa-maria: planta da família das Quenopodiáceas (*Chenopodium ambrosioides*).

<sup>861</sup> Erva tostão - Moraes (1881: 199-200) cita uma “Herva tostão ou breido de porco (*Boerhavia hirsuta*)”. Não sabemos se é a esta planta citada por Moraes que se refere Sáa.

<sup>862</sup> Pecirica – Pixirica, designação comum a várias espécies de *Leandra* (Melastomataceae).

<sup>863</sup> Mentrasto – Mentastro, pequena erva da família Lamiaceae (*Peltodon radicans*).

<sup>864</sup> Anil - *Indigofera suffruticosa* e *Indigofera tinctoria* (Fabaceae). De acordo com Marques (1864: 20): “Chamada pelos naturaes *cahaussú* [grafado *causú* por Sáa]”.

<sup>865</sup> Camambú – Camapu, *Physalis angulata* (Solanaceae).

<sup>866</sup> Bolsa-de-cão, ou seja, a bolsa escrotal. Monteiro (1765: 555-556) cita “TESTICULO DE CÃO. Planta de que ha quatro especies: a primeira tem as folhas largas, que sahem de certa cebola, com duas divisões pegadas, e em hum talo alto, e redondo lança flores purpuras da feição de Assucenas, porém mais pequenas: a segunda tem as folhas como as do Alho porro, e produz tambem flores purpuras desmaiadas, e mais miudinhas: a terceira deita folhas muito largas como a da Tanxagem, e hum talo no meio grosso, e em sima sua espiga, ou maçaroca de florinhas quasi roxas: a quarta tem as folhas muito mais largas que as antecedentes, a raiz, ou cebola maior, e entre as divisões que faz, varias raizes grossas, e compridas, e tambem lança um talo alto, e nelle quantidade de florinhas juntas cõr de rosa, que parecem huma pinha: a sua raiz posta de conserva depois de cozida facilita as mulheres á concepção, resolve os tumores, purga as chagas, e fibulas, abranda as inflammações, e cura o mão cheiro da boca”.

America portuguesa e entodas as ilhas de barla-/vento ou antilias, entodas as nasçoens que as habitaõ./

Camambú<sup>865</sup>, que alguns chamaõ bol-/sa de Cam<sup>866</sup> por serem seus fructos huns bolsos como hũ limão e/ huma pelotica dentro; he muito fresca proveitosa/ para queixas de quentura, e lavar chagas da mesma causa;/ do sumo fase unguento para curar chaga de muito proveito/ e espremda a sustancia asim crua sem mestura alguma/ lansada no olho que apanhou alguma pancada que o fu-/rou, vasou ou está para hiso, logo asim que o feri-/mento acontecer; tornaõ a seo antigo ser sem defeito algũ/ e isto não só obra na gente como tambem nos animais./

Cuipeúna<sup>867</sup> he huma arvore/ medeana que não pasa de vinte palmos a madeira/ rija, as folhas compridas de hum palmo e huma maõ/ travessa de largo com bicos ao redor; socada a cas-/ca desta arvore cosida espremda e coada e apa-/rado o extrato ao fogo, fica hum licor vermelho, que/ se muda nas cores que sequerem com as tintas que se/lhelansa, depois de seco, he mais brilhante e generoso, que/ o xarám fabricado na Asia; usaõ os naturais disto só/ mente para tingir cuyas e mais nada, fazendo-o alguns/ tam perfeito que ficaõ como espelhos, e de grande/ durasam./

Picam<sup>868</sup> crese the dous e tres palmos/

de alto//

### Fólio 372v

de alto a rama mole, a folha como de jasmim brota huas/ sementes a maneira de preguinhos que secravaõ na roupa da/ gente que por elle serosa; he um admiravel desos-/truente, e curativo para toda a qualidade de chagas./

Salva<sup>869</sup> fas humas varinhas de tres/ e quatro palmos, as folhas compridas e estreitas, e humas/ como orelhas da mesma folha pegadas pella hastea, bro-/ta flores brancas pegaõce as folhas as maos com hum/ melsito que ensitem, esfregadas lansaõ hum chei-/ro muito suave, he quente de muito proveito tomada/ en ajudas para opilados, e frialdades do ventre, e pos-/ta en emplastos sobre dores causadas de frio, e para/ as queixas que padessem as mulheres que disem cau-/sadas da madre; ha de tres castas a verdadeira he/ a que mella nas maos e mais eficás tem o cheiro: Há/ outra chamada salva de folhas redondas e aspe-/ras como lixa, as varinhas duras, também aromática/ e medicinal, he esta muito quente e desecativa./

Quitoco<sup>870</sup> he huma planta que alguns chamaõ mangericam brabo; aromatica crese/ the quatro e sinco palmos, brota flores brancas/ quasi a imitasaõ do mangericaõ, nativa de lugares/ humedos, tem as mesmas propriedades da salva/ legitima, e outras mais de que usaõ as gentes./

Malvaisco<sup>866</sup> hé expecia de/ malva, e com melhor propriedade, por ser a malva fresca/ mera mente sem outra alguma virtude medicinal./ e o malvaisco purgativo de muito proveito para obstru-/tos, opillados, e flautulentos. toma-do en ajudas; hade/

sinco//

### Fólio 373r

sinco diversas castas as folhas mais crespas, e brancadentas/ flores amarellas, o de folha bem redonda he o mais a-/ provado sendo que os demais senaõ devem despresar./

<sup>867</sup> Cuipeúna - É a Cuipuna: árvore da família das Mirtáceas (*Myrcia tingens*).

<sup>868</sup> Picam – Picão. Nome pelo qual são conhecidas plantas da família das Asteráceas do gênero *Bidens*. Sob *Bidens pilosa* diz Guarim Neto (2006: 83): “Das folhas e raízes são preparados chás indicados contra a hepatite e a icterícia. O chá é ainda utilizado no tratamento renal”.

<sup>869</sup> Salva – Sálvia, erva da família Lamiaceae (*Salvia officinalis*).

<sup>870</sup> Quitoco - Erva ruderal, da família Asteraceae (*Pluchea quitoc*).

<sup>871</sup> Malvaisco - Malvaisco, planta medicinal clássica, da família das Malváceas (*Althaea officinalis*).

<sup>872</sup> Timbó do campo - Segundo Ferreira (s/d: 1388) é o mesmo que Cipó-d'água, designação comum a varias plantas trepadeiras da família das Bignoniáceas.

Timbo do campo<sup>872</sup> he huma expe-/cia de feijoens, semelhante a elle na arvore folha, e fru-/cto que sam humas bainhas chatas; he veneno tanto a ra-/ma como o fructo; socada tirada a sustancia mata/ sarnas e impinges./

Aypo<sup>873</sup> nativo das marinhas, prayas, e/ ribeiras, semelhante a salsa da orta com muito mais vir-/tudes e avultada rama, o cheiro forte, que aborese;/ he quente bastante

Mente; limpa e cura chagas velhas,/ e rebeldes, que não obedesem a outros curativos; mui-/to bom desostruente, e remedio para retensoens de/ ourina, e faser lansar as pedras da bexiga./

Pinhão<sup>874</sup> he planta que crese/ the des e dose palmos, a rama mole, a folha redonda/ de um gemeo de largo, com que costumão secar as/ ortas e quintais; de cujo fructo tirace aseite para os candi/eiros, e he purgante quente bastante mente; quebrados/ e os talhos, o leyte que desi lansa aplicado as feridas que/ chamamos cavallos das partes pudendas, mata e cura./ resolve as mullas e apostemas, o mesmo fasem as fo-/lhas applicadas sobre as obstrucçoens inchasos, e/ tumores internos, e externos./

Imbaúba<sup>875</sup> he arvore de bastan-/te altura ingrosa o tronco the oyto e nove palmos,/ a madeira branda ovada por dentro, as folhas da roda/ de hum chapéo com muitas pontas, asperas que ser-/

vem//

### Fólio 373v

vem de lixas para burnir obras de madeira; brota fructos/ como dedos das maos doces saborosos; os grellos da ar-/vore comidos fas estancar o sangue que sellansa pella/ boca, seja a causa qual quer que for; he na mesma conformidade admiravel solda para toda a quebra-/dura interna, ou externa. Comidos, e postos en implastos/ sobre a parte ofendida; e perparados estes implastos/ com oleo de cupaúba, desfas as obstrucçoens de/ qual quer quallidade que sejaõ. Tem mais esta planta a propriedade de selhetir da casca estopa/ que sebate, lava e fia e tesemse panos muito bons;/ e ainda sem tesar a casca feita en postas, batidas,/ e lavadas, fasense mantas inteirissas que servem/ de vestimentas a Indios e outros tapinos [sic], há de tres diversas expecias./

Ortelam<sup>876</sup> que chamamos mansa/ por se transplantar para as ortas sendo nativa dos campos, he de duas castas ambas brotaõ flor azul; he quente en/ sumo gráo de bom cheiro. e sabor para tempero das pa-/nelas, sendo de quallidade venenosa, e poriso provei-/tosa para matar os bichos que secriaõ dentro nos intesti-/nos, mas hade ser en sua conta que se for muita mata-/rá o inferno. A outra chamada própria mente ortelam/ do campo, que imita a verdadeira, brota flor branca/ quente e aromatica medicinal para queixas de frio./

Basoura chamada guaxuma<sup>877</sup> bem/ conhecida por serem suas ra-/mas as com que secustu-/maõ barer as casas, por ser dura e forte propria para hiso; ha de seis divercidades, a mayor e mais cresida cuja/

estopa//

### Fólio 374r

estopa preparada hé muito boa para cordas e tesumes, o su-/mo da folha, que he gusmoso desfas apostemas internas/ e

<sup>872</sup> Aypo - Aipo. Erva da família das Apiaceae (*Apium graveolens*).

<sup>874</sup> Pinhão - O autor se refere aqui, na realidade, não ao Pinheiro-do-Paraná (que tratou antes, vide Fólio 10r), mas sim ao Pinhão-de-purga ou Mandubiguaçu, arbusto da família das Euforbiáceas (*Jatropha curcas*).

<sup>875</sup> Imbaúba - Umbaúba. Designação comum a varias espécies do gênero *Cecropia*, da família das Moráceas. De acordo com Nunes, Silva, Resende & Siqueira (2003: 86), serve para "coração, pressão alta e baixa". Segundo Guarim Neto (2006: 80): "Com os brotos de diferentes espécies são preparados xaropes utilizados nas afecções das vias respiratórias e mesmo contra as tosse. É utilizada ainda sob a forma de chás".

<sup>876</sup> Ortelam - Hortelã, erva rasteira da família Lamiaceae (*Mentha viridis*), cujas morfologia e propriedades se assemelham às da Hortelã-pimenta (do lat. *hortulana mentha*), erva rastejante, da família Lamiaceae (*Mentha piperita*). A Hortelã-do-campo é erva da família das Lamiáceas (*Peltodon longipes*), idêntica á Hortelã-do-brasil (*Peltodon radicans*), porém dotada de pedúnculos mais longos.

<sup>877</sup> Existe uma 'Guaxuma', ou 'Guaxima', da família das malváceas (*Urena lobata*), de fibras têxteis, e dotada de propriedades medicinais; também chamada Guanxuma, Uaicima. É designação comum, também, a diversas espécies do gênero *Sida* da mesma família, particularmente da *Sida rhombifolia* (Ferreira, s/d: 712).

<sup>878</sup> Trata-se do chá, espécie da família Theaceae (*Camellia sinensis*) que dispensa maiores comentários.

externas bebido, e posto em implastos; he tambem bom/ remedio tomado em ajudas para as almoreimas./

Xá<sup>878</sup> é huma ervacita especia/ de guaxuma rasteira, as raminhas naõ pasaõ de hum pal-/mo que se estendem pella terra, as folhinhas [sic] compridinhas,/ que dentro en caixilhos nostrasem da China; para aug-/mentar as rendas de seus monarcas; achace histo em/ muita abundancia entoda America, por lugares culti-/vados, e terras esterçadas: eu o tenho examinado e a-/cho sem diferenca alguma do que nostrasem por nego-/cio, e só acho a diferenca en ser mais forte; e pergun-/tando eu a pessoas experientes que beneficio fariaõ ao/ que vem da China diceraõme; que colhido assim verde/ cosiaõ-no em taixos com huma leve fervura, e depois de/ bem seco ointuxavaõ nos caixilhos; asim que o noso com/ o mesmo beneficio ficará tam bom como elle./

Poeijo<sup>879</sup>, e Rosmaninho<sup>880</sup> semelhan-/tes em quallidades, diferentes nas formas, naturais dos cam-/pos e lugares humedos, aromaticos quentes e medicinais/ proveitosos para toda a queixa de frio; fazem urinar bem/ descogulam todo o humor viscoso, bebido de muito pro-/veito para catarros, defluxos exquinencias, eticas, pia-/maticas, e tambem para os accidentes de gota coral./

Betonica<sup>881</sup> natural dos campos, e lu-/gares humedos, erva áspera aromatica quente boa pa-/ra toda a queixa de frio brota flores brancas crese the/ dous palmos./

Erva//

### Fólio 374v

Erva cidreira<sup>882</sup> semelhante a betonica porem/ mais rasteira, e melhor cheiro, e a folha mais branda, he/ quente e antidota./

Nhambú<sup>883</sup> de quatro castas, branco, pre-/to, vermelho, e Nhamburrada<sup>884</sup>, que sam bravios; brotaõ/ todos huns botoens adonde tem as sementes em pinhas, quei-/ma na boca a folha, e semente, erva quente boa para/ comer, e obras medicinais nativos dos matos, e lugares/ humedos sombrios./

Serralha<sup>885</sup>, planta que nase por lu-/gares cultivados, he semelhante as alfacias, só dife-/rente en brotar leyte quando sequebra e en ser a-/margosa, erva fresquissima para toda a queixa de/ quentura, comida crua en selada, e cosida, bebido/ o sumo, e lansada na cama para dormir sobre ella, an-/tidoto contra o veneno das cobras; ha de tres castas da/ flor branca, outra amarela, e da flor azul a que/ chamamos almeiraõ brabo./

Azeda<sup>886</sup> he arvore semelhante/ a dos quiábos na rama e no fructo, vermelho o pao folha/ e fructo, erva fresca nativa dos cultivados e conhe-/cida dos boticarios./

Hortiga<sup>887</sup> he planta que tocada/ na carne causa logo dores, picadas, e inflamasam;/ ha de quatro quallidades, duas de arvore, e duas/ de cipos que tesem pellas mais arvores; as de ar-/vore humas sam dos campos, outras dos matos, a que/ chamaõ penó<sup>888</sup>, estas preparadas e cosidas comemse/

<sup>879</sup> Poeijo - Poejo, erva da família Lamiaceae (*Mentha pulegium*).

<sup>880</sup> Rosmaninho ou Alecrim - *Rosmarinus officinalis* (Lamiaceae). De acordo com Nunes, Silva, Resende & Siqueira (2003: 87) serve como "calmante, insônia".

<sup>881</sup> Betonica - Betônica. Arbusto tomentoso da família Lamiaceae (*Hyptis multiflora*).

<sup>882</sup> Erva-cidreira - Planta da família Lamiaceae (*Melissa officinalis*).

<sup>883</sup> Nhambú - Nhambu, o famoso Jambu do Pará, erva anual, da família das Asteráceas (*Spilanthes acmella*).

<sup>884</sup> Não identificada.

<sup>885</sup> Serralha - Erva humilde da família das Asteráceas (*Sochus oleraceus*), de origem europeia, e subspontânea no Brasil, onde é planta ruderal.

<sup>886</sup> Azeda - Azeda-miúda. Erva cultivada, originária da Europa e Ásia, da família das Poligonáceas (*Rumex acetosella*).

<sup>887</sup> Hortiga - Urtiga. Designação comum a diversas plantas da família das Urticáceas, cujas folhas são cobertas de pelos finos, os quais, em contato com a pele, produzem um ardor irritante, devido à ação do ácido fórmico (Ferreira, s/d: 1444).

<sup>888</sup> Não identificada.

## Fólio 375r

sam saborosas, e salutíferas; e bebido o sumo estanca/ o sangue a quem o lansa pella boca por qual quer causa que/ seja.

Jaborandi<sup>889</sup> ha de cinco castas, o ma-/yor crese des e dose palmos, e o mínimo não pasa de hum de-/do, as varas com seus nos a maneira de canas; sam todas quen-/tes bastante mente, mascada a rama ou rais, pica como pimen-/ta, muito boa para dores, de colica, do estomago, e intestinos;/ he contra venenos, e desostruente, da sustancia das folhas fasence/ unguentos para curar feridas; o mais eficaz he o rasteirinho./

Tayobosú<sup>890</sup> he uma expecia de/ tayoba que nase por lugares humedos, e sombrios tem/ as folhas bem redondas com tres palmos de diametro, a rais/ dous de grossura, e hum de comprimento; enquanto fresca esta/ rais rellada posta sobre a carne, no mesmo instante fere/ e fas chaga; applicase a feridas incuraveis, cancaros e outras/ tais para lhes destrohir a maldade./

Tanhoróm<sup>891</sup> he outra tayoba sinhá/ que tem as folhas de hum palmo, com as pontas agudas, e no/ meyo huma macha cor de sangue; he aplaudida esta/ planta de imbusteiros, feitiseiros, e supersticiosos, para cujos/ efeitos lhecommulaõ virtudes,o que della soube para/ remedio de infirmitades, he ser util seo cosimento pa-/ra lavar a garganta por dentro, e por fora dos que que [sic] pa-/desem garrotilhos, e esquinencias./

Mudibirana<sup>892</sup> he ervinha do cam-/po rasteira nativa de lugares humedos, as folhinhas re-/dondas, flores/amarellas brota humas sementes cha-/tinhas que sepegaõ a roupa, e na rais humas batatinhas/

como//

## Fólio 375v

como amendoins; bebida esta erva en cosimento cura os es-/quentamentos, ou gonoreas; e fas urinar bem./

Mangue<sup>893</sup> he arvore que nasce pe-/las beiras do mar adonde chegaõ as enxentes das mares/ he de tres especies, mangue sapateiro<sup>894</sup>, mangue branco,/ e mangue seriba; todos brotaõ flores e fructos; o sapa-/teiro he huma das arvores que admiraraõ as primeiras/ gentes que viraõ as cousas destas regioens. Brota huma fru-/ta como huma vareta de tocar tambor, fincase esta/ na terra, e pella outra ponta vai brotando a rama e lan-/sando humas vergas que vaõ buscar ao chaõ e tanto/ que prendem secase o tronco de donde principiou, e so-/bre estas pernas vai caminhando lançando cada vez/ mais the que ocupa sincoenta, e sesenta brasas en ro-/da. Hé a madeira de muita conveniencia para fabricar/ casas e a casca para os curtumes; e tintas vermelha e preta./

O mangue branco<sup>895</sup> he só procurado para os curtumes, e o Seriba<sup>896</sup> feita de coada da tinta, para desfaser

<sup>889</sup> Jaborandi. Arbusto da família das Rutáceas (*Pilocarpus jaborandi*) e outras espécies. Também nome dado a arbusto da família das Piperáceas (*Othonia corcovadensis*).

<sup>890</sup> Não identificada.

<sup>891</sup> Tanhoróm - Tinhorão. Erva da família das Aráceas (*Caladium bicolor*).

<sup>892</sup> Não identificada.

<sup>893</sup> Mangue - Comunidade dominada por árvores ditas Mangues, dos gêneros *Rhizophora*, *Laguncularia* e *Avicennia*, que se localiza nos trópicos, em áreas justamarítimas sujeitas às marés. O solo é uma espécie de lama escura e mole. (sin.: Mangal, Mangrove, Manguezal). Cada uma das plantas dotadas de raízes-escora que ai vegetam (Ferreira, s/d: 885).

<sup>894</sup> Mangue sapateiro - Voz não registrada por Ferreira (s/d). Sem dúvida refere-se às árvores do gênero *Rhizophora*, sendo portanto sinónimo de Mangue-vermelho. O Mangue-vermelho é a *Rhizophora mangle*, da família das Rizofórceas.

<sup>895</sup> O Mangue-branco é a *Laguncularia racemosa*, da família das Combretáceas.

<sup>896</sup> Mangue Seriba - Sereiba (alter. de *siriúba*). Designação comum a duas árvores características da vegetação de mangue, da família das Verbenáceas (*Avicennia nitida* e *Avicennia tomentosa*).

<sup>897</sup> Macela - Erva da família das Asteráceas (*Achyrocline satureioides*). De acordo com Nunes, Silva, Resende & Siqueira (2003: 86), serve para “dor de barriga, dor relacionada à primeira dentição, estômago, fígado, diarreia, dores noestômago, cólicas de bebês, fraqueza do sistema nervoso, insônia, cólicas menstruais, enxaqueca, dores de cabeça, sinusite”.

inchasos inflamasoens, gomas, e caroáras./

Macela<sup>897</sup> crese em varinhas del-/gadas tam debeis que senão tem em pé, as folhas/ macias, as flores amarelas que nunca perdem a cor, e/ dellas seenchem colxoens; o cosimento desta erva he/ bom para estender as juntas incolhidas./

Courana<sup>898</sup> he arvore de bastante/ grandor de tres castas, huma que esfregadas as folhas fe-/dem, e brota fructas como aseitonas he muito fresca/ boa para bnhos e ajudas de quem padese queixas/ de calor./

Erva fumaria ou erva sancta/ chamada vulgar mente fumo<sup>899</sup> de sinco castas e tantas vir-/

tudes//

### Fólio 376r

tudes que não ha numeros que lheigoalem, sendo a ma-/yor o augmentar os reays herarios, e andar como relli-/quias de Santos pellas maos dos viciosos, convertendo/ as virtudes que lhedeo Deos, em superfluidades vans;/ della direi tudo en breves palavras, e he que quem/ tem comsigo en povoasoens e desertos, sal e fumo, tem/ toda a botica de que carese para toda a infirmitade./ não ha gentes algumas neste continente que não usem della e plantem en seus domicilios./

Carurú he nome generico que/ dam as gentes a toda a erva capas de secomer compreen-/dendo varias especias<sup>900</sup>, huas nativas do agreste, e outras/ dos cultivados que sam muitas; e entre estes ha huns/ chamados propria mente Carurú vermelho<sup>901</sup> por brotar/ a flor vermelha estendida a maneira de huma crista/ de Perú cuja rais cosida he um grande astringen-/te para curar feridas estando limpas. Outro é o juqui-/ri<sup>902</sup> proveitoso para sustento, e para feridas da garganta./

Babosa<sup>903</sup> he huma especia de gra-/oatá fresquissima e muitas utilidades medicinaes, que/ sam commuas, he planta que pendurada dentro en ca-/sa crese e/florese./

Batata de purga<sup>904</sup> sam sipos que/ tesem pellas arvores com as folhas de seis pontas como/ estrellas, as flores brancas, cria huma bage redonda/ com sementes dentro, e na rais as batatas mayores, e me-/nores conforme as terras adonde produsem nasce/ por terras areúscas e secas, capoeiras, e catingas de/ suas virtudes estão todos scientes./

Artemige<sup>905</sup> he herva de qualli-/dade quente huma bravia, e outra que seplanta nas/

hortas//

### Fólio 376v

hortas, sendo huma e outra naturais dos campos, prayas, e ri-/beiras muito boas para toda a queixa de frio./

<sup>898</sup> Courana - Coirana. Designação comum a várias plantas arbustivas, medicinaes, da família das Solanáceas (Ferreira, s/d: 344).

<sup>899</sup> Erva fumaria, Erva Sancta ou Fumo – Tabaco, que designava o instrumento em forma de Y com que os índios fumavam). Grande erva, molemente tomentosa, da família das Solanáceas (*Nicotiana tabacum*), de origem sul-americana.

<sup>900</sup> No MS do IHGB (fólios 61v-62r) consta: “Hé nome generico, q’ se-dá a toda a erva, capáz de secomer, de q’ há varias castas; *bredos, selgas, espinafres, ortigas, juquiris, taiobas, mostardas*, etc<sup>a</sup>: há outra especie m<sup>o</sup> diferente, q’ são os proprios Carurú; huns nascem agrestem<sup>e</sup>, e outros com cultura: ha huns, q’ fazem hũa moita copada de 2, e 3 palmos de altura, e brotão hũa flôr encarnada do feito da crista do Perú; a sua raiz cozida hé hum violento adstringente”.

<sup>901</sup> Planta da família Amaranthaceae (*Amaranthus cruentus*).

<sup>902</sup> Juquiri - Designação comum a várias espécies de dois gêneros (*Mimosa, Schrankea*) de Fabáceas (Ferreira, s/d: 812). Não sabemos a que planta quer o autor referir-se. Para Moraes (1881: 227) é uma *Mimosa* (*M. brasiliensis*).

<sup>903</sup> Babosa - O autor quer referir-se à *Agave*, designação comum às espécies do genero *Agave*, da família das Agaváceas, que fornecem o sisal ou agave (Ferreira, s/d: 49).

<sup>904</sup> Não identificada.

<sup>905</sup> Artemige - Artemisia. É o gênero *Artemisia*, de plantas da família das Asteráceas, de que se conhecem cerca de 250 espécies, e ao qual pertencem o absinto (*Artemisia absinthium*), o estragão (*Artemisia dracuncululus*), e a santonina (*Artemisia santonica*), e a Artemisia-verdadeira (*Artemisia vulgaris*).

<sup>906</sup> Beldroegas - Beldroega. Erva da família das Urticáceas (*Pilea serpyllifolia*). Também erva da família das Portulacáceas (*Portulaca halimoides*).

Beldroegas<sup>906</sup> sam ervas/fresquissi-/mas de quallidade que arancadas e secas de muitos di-/as en lhetocando agoa reverdesem, proveitosas para/ o sustentot e curativo./

Agrioens<sup>907</sup> nascem por umedos, e som-/brio ão passaõ as arvores de hum dedo proveitosos pa-/ra sustento e curativo, desfasem postemas e obstruço-ens comidos e postos em emplastos./

Funxo he de muitas castas com-/preende erva doce<sup>908</sup>, funxo<sup>909</sup>, cominho<sup>910</sup>, endro<sup>911</sup> todas/ naturais do campo e proveitosas principal mente das/ terras maritimas./

Erva Moura<sup>912</sup> fresquissima provei-/tosa para sustento e curatvo para queixas de callor./

Lingoa de vaca<sup>913</sup> tambem fresca/ e purgativa. Caporosóba<sup>914</sup> fresca e de muito proveito/ para os tisticos, há diversas castas a legitima crese sin-/co palmos a folha macia brota flor branca./

Sapé<sup>915</sup> he palha com que seco-/brem as casas, brota humas raises brancas com seus nos/ doces, sam estas en cosimento proveitosas para catar-mentos, asmaticos, tisticos, eticos, piematicos; o sapé/ macho que alguns procuraõ he fabuloso que ão/ pasa de huma expecia, e a diferença he conforme as te-/tras enque nasce./

Erva dos olhos<sup>916</sup> asim chamada/ sem outro nome nativa dos campos e lugares hume-/dos crese de quatro e cinco palmos as folhas do comprim-/

ento//

### Fólio 377r

ento e largura de hum dedo, as ramas moles verde escuro/ tirado o sumo asim crua lansado nos/olhos da vista aos cegos./ Outra ervinha chamada tambem dos olhos boa para limpar/ vellidas, rasteirinha que ão passaõ as raminhas de hum de-/do, as folhas como as unhas das maos, quebradas lansaõ ley-/te, nasce esta junto as casas, por lugares cultivos, e esterco./

Erva de passarinho<sup>917</sup> nasce sobre as/ outras arvores folhas compridas e duras, fructinhas amare-/llas, que servem de pasto aos passarinhos; he fresca e astrin-/gente boa para diarreas, e para curtir couros. Há ou-/tras diversas plantas que nascem sobre as arvores sendo/ a mais selebre Imbé<sup>918</sup> de que sefás cordoaria para uso/ das embarcaosens; Timbó<sup>919</sup>,

<sup>907</sup> Agrioens - Agrião. Erva de origem europeia, da família das Brassicaceae (*Nasturtium officinale*).

<sup>908</sup> Erva-doce ou anis – *Pimpinella anisum* (Apiaceae).

<sup>909</sup> Funxo - Funcho. Planta aromática e ramosa, da família das Apiáceas (*Foeniculum vulgare*).

<sup>910</sup> Cominho. Planta da família das Asteráceas (*Cuminum cyminum*).

<sup>911</sup> Endro - Planta da família das Apiáceas, semelhante ao funcho.

<sup>912</sup> Erva-moura ou Caraxixu - pequena erva cosmopolita, da família das Solanáceas (*Solanum nigrum*).

<sup>913</sup> Língua de vaca - Língua-de-vaca. Pequena erva rosulada, ruderal, da família das Asteráceas (*Chaptalia integerrima*).

<sup>914</sup> Não identificada. Martius (1863a: 390) registra “Caporocoba, i. e. arbor fructu dissiliente: *Clusia, Hura*. (Poroc: saltare)”.

<sup>915</sup> Sapé - Capim da família das Poáceas (*Imperata brasiliensis*).

<sup>916</sup> Não identificada.

<sup>917</sup> Erva de passarinho - Designação comum a diversas plantas da família das Lorantáceas, que parasitam as árvores, por disseminação feita pelos pássaros, ávidos dos pequenos frutos dessas espécies.

<sup>918</sup> Imbé (do tupi *im'bé*, ‘trepadeira’). Designação comum às plantas trepadeiras da família das Aráceas pertencentes ao gênero *Philodendron*.

<sup>919</sup> Segundo Pasa, Soares & Guarim Neto (2005: 205), *Magonia pubescens* (Sapindaceae).

<sup>920</sup> Não identificada.

<sup>921</sup> Paratudo – *Tabebuia aurea* (Bignoniaceae) (cf. Pasa, Soares & Guarim Neto, 2005: 205). O nome popular originou-se do fato de os pantaneiros mascarem a casca como remédio para problemas no estômago, vermes, diabetes, inflamações e febres. Sob *Tabebuia caraiba*, Guarim Neto (2006: 82) diz que “Com a casca do caule é preparado o xarope. Também pode-se macerar a casca do caule e ferver no leite. Ambas as formas são usadas no combate da hepatite, anemia e verminoses em geral”.

Timbó-peba<sup>920</sup> e outras./

Paratudo<sup>921</sup> he arvore que crese/ the vinte sinco palmos os troncos grosos folha de sinco e seis pontas flor amarella a cortisa grossa nativo/ dos campos, adonde setem descoberto remedios para/ muitas queixas, usace da casaca socada cosida para su-/ores, bebidas e banhos./

Páo da Anta<sup>922</sup> asim chamado/ por ser curativo de que usão estes, e outros animais, por/ cuja experiencua selheachou a virtude; he huma/ arvore que chega a engrosar the quatro e sinco palmos/ as folhas compridas de hum dedo largura de dous, a cas-/ca grossa e lisa; mascada esta tira ao gosto de pimenta/ da India; muito boa para desenterias, colicas dores/ de tripas, e todas as queixas que padecem as mulhe-/res nos ventres e flautos da madre./

Quisó por outro nome picuhý/ he arvore que crese the quatro palmos copadinha/ as ramas dellicadas as folhas de duas pollegadas largu-/

ra//

### Fólio 377v

ra de huma unha, brota pellos nos humas sementes pretas/ com dous bicos do feitio e grandor de huma cabeça de/ formiga, que sepegaõ as roupas de quem serosa por/ ellas; a rais desta planta tem hum fectido, que injoa, cosi-/da bebida agoa por alguns dias continuados, extin-/gue os humores ruins que padecem os nosos corpos; o mesmo/ hé tomado en suores feito en cozimento; com regimento/ de huma e outra forma. Tem as gentes en alguns lugares/ tanta fé nesta planta, que applicaõ para todas a quan-/tas queixas padecem; e chegaõ a diser que the aos/ energumenos da saúde; e naõ he dificil de acreditar/ pela sertesa de que ha ervas que desfasem maleficios./

Sipó de chumbo<sup>923</sup> asim chamado/ he huma plantinha dos campos alagadisos e tambem in-/chutos, e serados, que brota uns sipos como cordas de/ viola tesem fasem huma reboleira sem folha alguma/ que os mesmos sipós sam as folhas, brota huns fructos/ como bagos de munisaõ por donde lhederaõ o nome/ de sipó de chumbo; secas estas ramas feitas em po/ cura muito bem as feridas e bebidos sam proveitosos para/ mui-/tas queixas, colicas, dores do ventre, toce, reomatis-/mos e outras cousas para que o aplicam./

Barbas de Escullapio<sup>924</sup> a que também/ chamaõ alguns sipó de chumbo; sam humas febras da/ cor, feitio e grosura do asafrão, nascem dos nós/ de huma plantinha do feitio do alecrim, que naõ/ pasa de hum palmo de altura tesemse e fasem huns/ matos que cobrem a propria arvore; he purgativo/

peitoral//

### Fólio 378r

peitoral, e cura tambem feridas, nasce nos campos hume-dos e alagadisos./

Christa de galo<sup>925</sup>, he huma planta/ que brota flores quasi semelhantes a christa de gallo/ de tres castas, brancas, vermelhas e asueis as folhas/ crespas como borages<sup>926</sup>, o sumo desta he proveitoso pa-/ra curar chagas velhas e novas, nascem pellos lu-/gares cultivados.

Sipi<sup>927</sup> he arvore sinha de hum pal-/mo dellicadinha folhinhas compridinhas brota humas/ masarocas com sementes dentro; he de qualidade/ que socada posta sobre a carne, deixa asada como/ selhepassara fogo, aproveita en emplastos sobre

<sup>922</sup> Pau-d'anta - Para Pasa, Soares & Guarim Neto (2005: 205), *Cybistax antispyhlylica* (Bignoniaceae).

<sup>923</sup> Sipó de chumbo - Cipó-chumbo. Designação comum a várias plantas parasitas, do gênero *Cuscuta*, família das Convolvuláceas.

<sup>924</sup> Barbas de Escullapio ou Sipó de chumbo - Deve ser a Barba-de-velho, bromeliácea herbácea e epífita (*Tillandsia spp.*).

<sup>925</sup> Crista de galo - Designação comum a várias plantas ornamentais, da família das Amarantáceas.

<sup>926</sup> Borragem - *Borago officinalis* (Boraginaceae).

<sup>927</sup> Não identificada.

<sup>928</sup> Cana braba - *Erianthus saccharoides* (Poaceae), tal como identificada por Corrêa (1984 (I): 475).



as/ juntas dos intrevados, de causas frias, e galicas, e tam-/bem tomado o cosimento en suores, hade ser tudo com/ regimento./

Cana braba<sup>928</sup> he huma astea mo-/le, que parese huma bengala com seus gomos e/ nós as folhas com a palma de huma mão que as tem/ do pe the a ponta, donde brotaha uma flor vermelha/ a maneira de pinha, nativa de lugares humedos; tem/ o sabor azedo de quallidade fresca, a sustancia expri-/mida de muito proveito para os esquentamentos, al-/moreimas, e outras muitas queixas bebida, e tomada/ en ajudas; alguns aprovaõ mais o cozimento, do que/ a sustancia crua./

Achaõce finalmente plantas de ade-/miraveis propriedades nestes districtos, sem numero, nem/ nomes por que se nomeen para serem conhecidas, tan-/to para o curativo, como para obras de estimasaõ; huma/

ma-//

Fólio 378v

madeira de que setiraõ taboas de tres e quatro palmos de/ largo, de bastante sollides, e cor amarelasa; que por qual/ quer parte que selavra mostra aguas como Xama-/llote; outra/branca que tambem lavrada mostra da-/dos meudos como sefora marchetada, outra que mos-/tra veas ental compostura co-/mo Xadres, hua ma-/deira que cortada he branca, e logo sefas incarnada; e/ por que não fasamos a oraçam tam estendida fiquemos/ aqui; e seja tudo o que fica dito para honrra,/ louvor de quem tudo creou: Benedicite omnia ope-/ra Dimini [sic] Domino<sup>929</sup>./

Fólio 379r

### Introducçam/

Como o conhecimento das plantas seja lisam/ que atrae as vontades ocupandoce es sua especullasam/ grandes entendimentos não so nas humildes chosas, como/ en altos pallacios; agradou tanto ao especullativo/ quesitor a pasada naraçam, que senaõ apartava da/ conversa disendo: que como era proprio das plantas/ produsirem flores, não podiaõ deixar de florescer/ as destas naturallidades, nem elle historiador dei-/xar de as conheser./

### Dialogo 9/

Felino. não ha plantas sem/flores; ve-/jamos as mais selectas de nosas naturallidades com que/ exornemos a cornocopia, que confiada mente posamos/ ofertas aos nos [sic] ouvintes. Sam as flores/o mimo do fado/ apreso da natureza, symbolo da graça, imagem da ino-/cencia, figura da divindade, significativo das ange-/licas propriedades; na Roza desifradas suas pur-/puras vestimentas, no Lirio a angelica sciencia, na A-/sucena sua pureza, no Cravo as potestades<sup>930</sup>, na Mosque-/ta as dominasoens, no Jasmin os tronos, no Nardo o angelico candor, nas violas a angelica fortallesa. Com/ flores pedia a esposa ao esposo lhacoroborase os alentos/ nas infirmitades de amor que padecia, que sem-/pre os achaques desta quallidade acharaõ remédio/ em floridas correspondencias: Fulcite me floribus quia amore languo<sup>931</sup>./

Como a flor do campo se comparou/ o divino esposo, que tem condisam de flor aquelle/

que//

Fólio 379v

que amante pertende obrigar o objecto amado: Ego flos/ campi, et liliu cum valium [sic]<sup>932</sup>. E como flor buscava/ a esposa o divino esposo: Dilectus [sic], qui pascitur inter/ lilia<sup>933</sup>. Como a flor do campo comparou o profeta Isa-/ias o

<sup>929</sup> *Daniel Propheta* 3, 57: “*benedicite omnia opera Domini Domino laudate et superexultate eum in saecula*”.

<sup>930</sup> No Cristianismo, os anjos foram classificados, de acordo com diversos sistemas, em *coros* ou *hierarquias angélicas*. A mais influente de tais classificações foi estabelecida por Pseudo-Dionísio, o Areopagita, entre os séculos IV e V, em seu livro *De coelesti hierarchia*. Na *Summa Theologica*, São Tomás de Aquino classificou-os em: 1. Serafins; 2. Querubins; 3. Tronos; 4. Dominações; 5. Virtudes; 6. Potestades; 7. Principados; 8. Arcanjos; 9. Anjos.

<sup>931</sup> *Canticum Canticorum* 2, 5: “*Fulcite me floribus stipate me malis quia amore languo*”.

<sup>932</sup> *Canticum Canticorum* 2, 1: “*ego flos campi et liliu convallium*”.

<sup>933</sup> *Canticum Canticorum* 6, 2: “*ego dilecto meo et dilectus meus mihi qui pascitur inter lilia*”.

<sup>934</sup> *Isaias* 11, 1: “*et egredietur virga de radice Jesse et flos de radice eius ascendet*”.

<sup>935</sup> *Liber Sapientiae* 2, 8: “*coronemus nos rosis antequam marcescant nullum pratum sit quod non pertranseat luxuria nostra*”.

filho de Deos feito homem: Egredietur virga/ de radice Jesé, et flos de radice ejus ascen-/det<sup>934</sup>. Flores sam os annos da mocidade o melhor do/ tempo, o precioso da humana vida: Coronemus nos rosis, antequam Marsescant [sic]<sup>935</sup>./

Hé este mimo da natureaa, a nossa/ terra, hum fragante florillegio, de flores sam suas gallas/ annoal mente, de flores sevem esmaltados seus campos, coroados seus montes, exornados seus bosques; huma actu-/al primavera, huma terra florida. Se decantada foy/ a de Nasareth nas divinas letras por florido vergel/ berso da mai de Deos Maria Sanctissima; por que naõ/ sera a nosa como patria das flores, universal florile-/gio herdade de Jesus Christo adonde a divina pa-/lavra tanto floresceo. Sahy pois flores ao theatro/ e vede qual será a primeira, que apparese en fragan-/tes florilegios: Flores aparuerunt in terra nostra. Saya pois a flor da paixam, que bem merese primazias/ na republica das flores, como cantou Eusebio Nierem-/bergue<sup>936</sup> no seguinte epigrama./

Pulcher in America Mosco redolentior est flos/  
qui gerit occisi nobile stemma Dei/  
conscia flagrorum coeco stat in orbe coluna [sic]/  
circumstant granis vulnera quina rubris/  
cum clavis residet spinosum in vertice sertum/  
respersus violam pingit ubique cruor./

Es-//

## Fólio 380r

Escreveu Cardano<sup>937</sup> no seu florido, e erudito/ livro das plantas, que naõ havia flor preta, dando por/ resam ser esta cor originada da materia mais expesa/ que naõ chega as flores produsidas da parte mais liquida/ que produzem as plantas; fallou Cardano das flores da sua terra e fillosou com menos noticia das obras da/ natureza, que se viesse a nossa, e vira o que nos vemos, confesara naõ haver excepçam em flores./

<sup>936</sup> Nieremberg (1635: 300): “*Pulcher in Americâ Mosco redolentior est flos./ Qui gerit occisi nobile stemma Dei./ Conscia flagrorum crocco stat in orbe colmna./ Circumstant granis Vulnera quina rubris./ Cum clavis residet spinosum in vertice sertum./ Respersus violam pingit vbique cruor./ Visitur in plantae folijs penetrabile ferrum./ Sacrum quo fodit lancea dira latus./ Sed quae vulnificè flores dant poma cadentes/ Ambrosius miscet nectariusq’, sapor./ Portenti nouitas, & consona rebus imago/ Adstruit antiquam clarificatq’, fidem./ Missaq’, Pontifice Romano circuit orbem./ fertq’ salutiferae nuntia laetae Crucis./ Nam Deus omnipotens nostros tulit ipse dolores./ Ipsius est nobis Crux paradisus. Amen*”. Esse epigrama é reptido em Quaresmius (1552 (Tomo I): 45).

<sup>937</sup> Cardanus (1551: 328-367) tratou das plantas em seu livro oitavo (*Liber octavus. De Plantis*).

<sup>938</sup> Flor da paixam. Comentou o Pe. Simão de Vasconcellos, em seu *Noticias curiosas e necessarias das cousas do Brasil* ([1668], 1977: Livro I, parte 2, 78-80): “78. O outro portento das ervas, graça dos prados, brinco da natureza, e devoção da piedade cristã, é aquella a que chamam os portugueses erva da Paixão, os índios maracujá, os castelhanos da Nova Espanha granadilha. Tem nove espécies: maracujá guacu, miri, satá, eté, mixira, peroba, piruna, temoaya, una. Duas são as mais principais, de que só falarei, guacu e miri. Cresce à maneira de erva, em breve tempo trepa altas árvores, grandes tetos, espaçosas latadas, a modo de parreira, cobrindo tudo de uma verdura graciosa, e vária, entressachada de folhas, flores, frutos em numerosa quantidade. É a folha das mais agradáveis e frescas do Brasil, e por esse respeito sua sombra mais apetecida. 79. A flor é o mistério único das flores. Tem o tamanho de uma grande rosa; e neste breve campo formou a natureza um como teatro dos mistérios da Redenção do mundo. Lançou por fundamento cinco folhas mais grossas, no exterior verdes, no interior sobre rosadas: sobre estas, postas em cruz, outras cinco purpúreas, todas de uma e outra parte. E logo deste como trono sanguíneo, vai armando um quase pavilhão feito de uns semelhantes a fios de roxo, com mistura de branco. Outros lhe chamaram coroa, outro molho de açoites aberto, e tudo vem a ser. No meio deste pavilhão, ou coroa, ou molho, se vê levantada uma coluna branca, como de mármore, redonda, quase feita ao torno, e rematada para mais graciosa com uma massa, ou bola, que tira a ovada. Do remate desta coluna nascem cinco quase expressas chagas, distintas todas, e penduradas cada qual de seu fio; tão perfeitas, que parece as não poderia pintar noutra forma o mais destro pintor: senão que em lugar de sangue tem por cima um como pó sutil, ao qual se applicais o dedo, fica nele pintada a mesma chaga, formada do pó, como com tinta se pudera formar. Sobre a bola ornada do remate, se vêem três cravos perfeíssimos, as pontas na bola, os corpos, e cabeças no ar: mais cuidareis que foram ali pregados de indústria, se a experiência vos não mostrara o contrário. A esta flor por isso chamam flor da Paixão, porque mostra aos homens os principais instrumentos dela; quais são, coroa, coluna, açoites, cravos, chagas. E flor que vive com o sol, e morre com ele; o mesmo é sepultar-se o sol, o que fazer ela sepulcro daquele seu pavilhão, ou coroa, já então cor de luto, e sepultar nele isentos os instrumentos da Paixão sobreditos, que nascido o sol torna a ostentar ao mundo. Na formosura, e no cheiro traz esta flor contendidas com a rosa; porque no artificio, manifesto é que a excede. Persevera quase todo o ano, com sucessão de umas a outras. 80. Os frutos destas duas espécies (deixo os das outras sete menores) são como grandes peros da Europa, e ainda dobrados; uns redondos, outros ovados: a cor é graciosa, mete de verde, amarela, e branca; a casca grossa, porém não dura. Está esta cheia de uma polpa branca, sucosa, entressachada de sementes pretas, de cheiro, e gosto suave. É refrigerio dos febricitantes, desafoga, e refrigera o coração. Muitos a davam em lugar de xarope cordial, com grande efeito. Reprime os ardores, excita o apetite de cibo, e não faz dano ao enfermo, posto que coma grande quantidade, antes recreia, e apaga a sede. Semelhante efeito têm as flores e cascas do pomo, postas em conserva. Tem outra virtude insigne esta planta, posto a muitos incógnita; porque é de igual valor, ou maior eficácia, que a salsaparrilha, para desobstruir por via de suores, ou urinas; porque dada a beber esta erva algum tanto pisada em vinho, ou em água, sem abalo algum, e em mui breve tempo, expele as imundícias do ventre, e corrobora as entranhas. E as mesmas folhas pisadas, lançadas em água fervente, até que fique tépida, são remédio efficacíssimo para o mal de almorreimas, lavando-se com ela.” Durão (1781: 207-208) cantou a for do maracujá (Canto VII): XXXVII. Nem tu me esquecerás, flor admirada./ Em quem não sei, se a graça, se a natura/Fez da Paixão do Redemptor Sagrada/ Huma formosa, e natural pintura:/Pende com pomos mil sobre a latada./Aureos na côr, redondos na figura./ O âmago fresco, doce, e rubicundo./ Que o sangue indica, que salvára o Mundo. XXXVIII. Com densa cópia a folha se derrama./ Que muito á vulgar Era he parecida./ Entresachando pela verde rama/ Mil quadros da Paixão do Author da vida:/ Milagre natural, que a mente chama/ Com impulsos da graça, que a convida./ A pintar sobre a flor aos nossos olhos/ A Cruz de Christo, as Chagas, e os abrolhos. XXXIX. He na fôrma redonda, qual diadema/ De pontas, como espinhos, rodeada./ A coluna no meio, e hum claro emblema/ Das Chagas santas, e da Cruz sagrada:/ Vem-se os tres cravos, e na parte extrema/ Com arte a cruel lança figurada./ A côr he branca, mas de hum roxo exsangue./ Salpicada recorda o pio sangue. XL. Prodigio raro, estranha maravilha./ Com que tanto mysterio se retrata./ Que em meio das trévas a fé brilha./ Que tanto desconhece a gente ingrata:/ Assim do lado seu nascendo filha/ A humana especie, Deos piedoso trata./ E faz que quando a Graça em si despreza./ Lhe pregue co’ esta flor a natureza”.

<sup>939</sup> Maracujá - Compreende numerosas espécies da família das Passifloráceas e do gênero *Passiflora*.

He a flor da paixam<sup>938</sup> a que chamamos/ de maracujá<sup>939</sup>, e os Espanhoes flor da granadilha: Grana-/dilha [sic] seu flos passionis Domini invenitur in Americana/ regione maxime in Regno Cusco ad urbem Limam/ quae metropolis est/ Perú Quaresminio<sup>940</sup> tom. 1º Lect./ 5. Misteriosa flor; flor da paixam flor composta/ dos instormentos de nosa redempçam. Sam estas flores/ compostas de huma fabrica que bem bem ponderada causa/ ademirasam do contemplativo, que com atensam nella/ fiser reparo. Sam mayores que huma Roza sercadas/ de pontas como estrela, e estas enduas ordens que cobrem/ humas as outras, no meyo huma coluna sobre hum glo-/bo rodeada de hum circulo que representa hua/ coroa de espinhos preta enalgumas especies dellas./ em outras roxas e enoutras esmaltada de varias co-/res./

Sobre a coluna forma outra flor/ dividida em sinco pontas com hum escudo penso encada/ huma dellas, com tres cravos no meyo que he o remate/ da fabrica; as cores sam diversas conforme as diversas/ especies que há da planta, e entodas ellas achaõe/ esmaltes de muitas cores naõ lhessfaltando a preta que/ he contra o que dis Cardano. Histo he ensuma a forma-/

llidade//

### Fólio 380v

llidade da flor que a fabrica perfeisam e divercidades de/ cores, he innarravel, e só vendoa sepoderá cabal men-/te saber o que hé; bem ponderada achaõcelhe todos/ os instormentos da paixam de Christo Jesus, e poriso/ apellidam flor da paixam./

Nasce esta planta por lugares/ agrestes, e cultivados de oyto diversas castas, a rama/ he hum sipó liso que sobe pellos troncos, e achando/ commodidade forma sua latada como parreira; hua/ que chamamos maracujáguasú<sup>941</sup>, tem o sipo esquinado/ as folhas como escudos do tamanho da palma de huma maõ, os fructos do grandor de laranjas, e feitio de cabasi-/nhas, amarellas quando maduras, doces saborosos, e ade-/miravel cordeal para febricitantes, e malignados, e as/ ramas tem as mesmas virtudes da salsa parrilha, e com ventagem em naõ esquentar a quem a toma./

Outro chamado maracujamerim<sup>942</sup> tem os sipos rollisos a folha do grandor de huma maõ/ com tres pontas como huma meya estrela, as fructas co-/mo limoens na cor, e feitio, de tres castas amarellas, ver-/melhos, e roxos todos doces e saborosos; as folhas destes tira-/do o sumo feito unguento limpa, e cura toda a chaga ve-/lha e nova, ha outras diversidades da mesma expe-/cia que todos fasem o numero de oyto de que fis ob-/servasaõ, e se ha mais não cheguei a ver./

Asucena<sup>943</sup> flor de tanto vallor qu-/antos mysterios ensi inserra: significativo da paz, da cas-/tidade e da humildade, da paz pela fragancia da casti-/dade pella candides e da humildade pella paucidade/

da//

### Fólio 381r

da planta, tam rasteira que apennas selevanta da terra quando bas-/te que naõ manche sua candidés: surget [sic] é terra,

<sup>940</sup> Quaresmius (1652 (Tomo I): 43-45, Cap. II, Sectio V. *De Granadilla mirabili flore Indico in quo sacratissima D. N. Iesu Christi vulnera, & passionis eiusdem instrumenta demonstrantur*). Sãa abreviou exageradamente esse trecho de Quaresmius, que era o seguinte (Quaresmius, 1652 (Tomo I): 43-44): “*Quantum ad regionem in qua Granadilla nascitur, dicendum, nasci spontè in Indijs Occidentalibus & quidem in multis Regnis, & Prouincijs ibi Granadillae abundant, sicut est Perù, Mexicum, Schescos, Blascho; in maiore tamen abundantia & prouentu, (idquè ob regionis temperiem) inuenitur in Règno Cusco, vbi Ludorum Imperatorũ sedes est, ad vrbem limam, vbi Hispaniarum Regis proreges residente, & Metropolis Peru*”. Quaresmius também deu uma figura da planta, de página inteira, entre as páginas 42 e 43 de seu livro.

<sup>941</sup> Maracujáguasú - Também conhecido por Maracujá-açu, Maracujá-melão, Maracujá-mamão, Maracujá-uacu. É a *Passiflora quadrangularis*. A casca espessa é usada no preparo de doces; a polpa tem sabor agradável e é comida com ou sem açúcar ou cozida no leite e serve para o preparo de excelente refrigerante (Corrêa, 1984 (V): 119).

<sup>942</sup> Maracujamerim - Nome de diversas outras plantas da família das Passifloráceas, a saber: *Passiflora capsularis* (nomes populares: Maracujá-branco-miúdo e Maracujazinho), *P. organensis* (nome popular: Maracujazinho) e *P. vernicosa* (também chamado de Maracujazinho) (Corrêa, 1984 (V): 123-124).

<sup>943</sup> Asucena - Açucena. Designação comum às espécies do gênero *Hippeastrum*, da família das Amarilidáceas, de flores coloridas e variegadas, e que se propagam facilmente. Outros nomes dados a esta flor são: Amarílís, Amarilide, Flor-da-imperatriz, Açucena-branca (Ferreira, s/d: 33). Corrêa (1984: 29-30) trata das várias espécies.

<sup>944</sup> Frase atribuída a S. Gregório de Nissa por Andrés (1788: 75: “semejante por esto al Lirio, Gigante en la republica de las flores, el qual celoso del candor immaculado de sus hojas, se levanta de la tierra, quanto basta, para que no le pegue sus contagios: *Assurgit de terra quantum satis est, ne à terra coinquinetur*, segun el noble sentimento de San Gregorio (Greg. Nic. Hom. 4 in Cant.”).

quantum satis est, ne a terra coinquinetur<sup>944</sup>. Nascem estas flores em/ nosas regioens por campos, margens dos rios, e das fontes princi-/pal mente lugares humedos, de diversas castas; a planta he/ huma tosa de folhas como as do alho porro no meyo hum pendaõ/ donde brota as flores, huns mais rasteiros, outros mais sobidos/ e as flores humas mayores, e outras menores, chegando acreser serto/ quallidade dellas o comprimento de hum dedo e não mais, e a/ flor de huma polegada. Cria huma rais como sebola gran-/de contra veneno./

Angelica<sup>945</sup> que ennosos lugares he tra-/nsplantada trasida das provincias do Paragoay, e do Perú adon-/de he silvestre chamada dos Espanhoes Margarites, he hua/ quasi especie de asucena diferente nas folhas e mais com-/prida hastea, a rais tambem antidota./

Sebola sencem<sup>946</sup> he do feito da asu-/cena enquanto a planta, e a flor muito diversa, não brota/ pendaõ senaõ hum tallo grosso com as flores na ponta que/ he uma, duas, e ss vezes tres, que sam incarnadas com hum/ carater amarello encada ponta que sam sinco. Ha outras/ brancas nativas de lugares humedos: escreve Theofrasto. lb. 6./ de plantis. Cap. 6<sup>947</sup> que descobrio desta planta oyto castas, o que/ não tenho achado nestes climas, que so das duas alcancei/ conhecimento; só sim de algumas que separesem, mas de diver-/sas qualidades; da rais que he como sebola tem os bo-/ticarios conhecimento, que asprocuraõ como titulo de sebola/ albarran. Dis Galeno que he dessecativa, e cura as chagas/ lb. 8. de simp. medicam.<sup>948</sup> e eu lhe não sei mais virtude que ser/

vene-//

### Fólio 381v

venenosa. Esta he a flor chamada Narciso decantada dos mito-/logicos/

Narcissus liquidis formam specullatus [sic] in undis/

Contemmens alios arsit amore suo [sic]/

Tabuit, et sensim venienti in membra stupore./

Ipsae sui factus flos Hyacinthus [sic], amans<sup>949</sup>./

Lirio roxo<sup>950</sup> ou flor Hiacintho que equi-/vocaõ com o Narciso sendo diversa, e pella cor bem mostra ser/ esta pella imitasam da pedra deste nome; nase por lugares ala-/gadisos a flor azul muito cheirosa, as folhas como de alfanges, a rais he huma batata amarella; he esta planta a-/quella Mandragora de que se usava Lia mulher de Jaco/ para purgar o ventre e ser boa parideira: Egresus autem/ Ruber tempore mesis trititiae in agrum, reperit mandrago-/ras, quas

<sup>945</sup> Angelica - Angélica é denominação comum a várias plantas pertencentes a diversas famílias. Graças, porém, a duas indicações dadas por Sáa (“chamada p<sup>hos</sup> Esp<sup>as</sup> Margarites” e “hé especie de asucena”), não resta dúvida de que se trata da *Polygonum tuberosum*, da família Amaranthaceae. Corrêa (1984 (I): 116) diz que é chamada *Margarita* no Chile!

<sup>946</sup> Sebola sencem - Cebola-cecém (pl. cebolas-cecéns ou cebolas-cecém) (Ferreira, s/d: 303); o mesmo que Açucena-branca (*Lilium candidum*), da família das Liliáceas, procedente da Ásia, mas muito comum no Brasil, ou Açucena-d’água (*Crinum erubescens*), da família das Amarilidáceas. Peckolt & Peckolt (1888: 128) identificam a Cebola-cecém como *Amaryllis vittata*, à qual atribuem também os nomes de Cebola-barrão e Cebola-do-mato.

<sup>947</sup> Texto confuso de Sáa; não sabemos de onde tirou a informação sobre as “oito espécies”. Theophrastus (1529: 219-220) fala nesse capítulo sobre o narciso: “*Narcissus, uel liriium, (Alij enim hoc, alij illo nomine uocant) folium albuçi terrae proximum gerit, sed longe latius, modus lilij: Habet caulem sine folio herbaceū, florem suo ferentem cacumine, in membrana ueluti uasculo inclusum large ampliū, colorēq’ nigrum, figura oblongū. Hic decidēs germinat, caeterum & qui legunt defigere eum solent. Quin & radicem serunt quae carnosa, rotūda, amplāq’ constat*”.

<sup>948</sup> Galenus (1561: 493): “*Narcissus. Narcissi radix vsq’ adeò exiccādi facultate pollet, vt & maxima vlcera conglutinet vel ad incisões vsq’, quae circa iēdones accidūt. Habet verò quiddā abstersoriū & attractorium*”.

<sup>949</sup> Anulus (1552: 48) (poema *ΦΙΛΑΥΤΙΑ*: “*Narcissus liquidis formam speculatus in undis, Contemmens alios, arsit amore sui. Tabuit: & sensim venienti in membra stupore: Ipsae sui factus flos Hyacinthus amans: Hinc fugite (ō iuuenes) frons iste Philautia seipsum/ Stultus vbi (cū se non bene norit) amat*”.

<sup>950</sup> Lirio roxo - Nome comum a duas espécies introduzidas do gênero *Iris* (*I. biflora* L. e *I. germanica* L.), ambas da família das Iridáceas, e também a uma espécie nativa do Brasil, da mesma família, *Cypella coerulea*. (Lirio-roxo-das-pedreiras) (Corrêa, 1984 (IV): 677-678). Quanto à *Flôr Hiacinto*, citada no mesmo parágrafo, deve ser o Lirio-jacinto, *Scilla italica*, representante da família das Liliáceas (Corrêa, 1984 (IV): 676). Ferreira (s/d: 850), por sua vez, diz que esse nome se refere a uma ‘pequena erva da família das Iridáceas (*Cypella longifolia*), nativa do Brasil. Não podemos saber a qual das espécies o autor do manuscrito quer referir-se neste trecho. Para Peckolt & Peckolt (1888: 134-135), é a *Cypella coerulea*, a que dão também os nomes de Lirio-do-mato e Lirio-roxo-das-pedreiras.

<sup>951</sup> Genesis 30, 14: “*egressus autem Ruben tempore messis triticeae in agro reperit mandragoras quos matri Liae detulit*”.

matri Lia detulit [sic]<sup>951</sup>. Cosida a rais e bebida agoa/ do cosimento deseca as hydropesias, e desfas obstrusoens/ e expremida a sustancia crua tira vellidas dos olhos. Ha/ outras muitas divercidades desta planta que aimtaõ/ e não saõ verdadeiros Lirios; huns que tem a flor bran-/ca e outros de diversas formas./

Goivo<sup>952</sup> he tambem semelhante ao li-/rio na forma da planta nasce pellos campos e tem a flor/ amarella; e semelhante a elle ha ainda outra que bro-/ta flor roxa rasteirinha e brota na rais huma como sebo-/la vermelha grande desostruente./

Boninas<sup>953</sup> sam flores vistosas e fragan-/tes que formaõ huns ramalhetes muito fermosos esmalta-/dos de vermelho amarello./

Açafroa<sup>954</sup> he flor branca como hua/ Angelica com o pesinho amarello que apartado faz o mes-/

mo//

### Fólio 382r

mo efeito do asafrão, a arvore fermosa, muito somenos que/ a lorangeira as folhas asperas e brancasentas./

Mirasol, girasol, ou tornasol<sup>955</sup>, Heliotro-/pos, ou flor gigante, la en outros tempos Clícia namorada de/ Apolo; por impresa do agradecimento aposeraõ com a letra: ab illo/ pendens, in illo ora converso, por simbolo da verdadeira amisade:/ longe, et prope. Septe diversas castas desta especie com-/tei nestes climas, humas dos campos, outras dos charcos, outras/ das capoeiras e serrados: as mas avultadas que sam quasi co-/mo a copa de hum chapeo, que he a verdadeira flor gigante/ que acompanha o sol en seo giro, dous e tres dias depois que abre/ enquanto tem o tallo brando, e flexivel: sobre esta proprie-/dade escreveraõ fillosofos e humanistas o que suas ideyas lhes/ ditou; e eu digo que não tem este movimento segredo algum/ e so mente he propriedade que lhe Deus [sic] asim como deo a tu-/do o mais que creou a cada huma conforme sua especie, e qua-/llidade. De suas virtudes para obras medicinais escreveraõ Plinio, e Dioscorides./

Roza<sup>956</sup> flor selebre em divinas, e huma-/nas letras, symbolo da magestade, da grasa, e da benegñidade/ a venus adedicaraõ os estadistas da profanidade como cantou/ Fausto<sup>957</sup> en seo epigrama/

Carpit odoratis spatians dum Cypria ab hortis/

Riscidulas primo sub oriente rosas/

Sancta cruentarum veperes [sic] sua brachia acuti./

Paluit [sic] inspecto sanguine pulchra venus/

Erubuere Deam flores lasise cruenti/

Constat ad huc facti poenituisse cruenti [sic]<sup>958</sup>./

Sendo esta flor verdadeira impresa de Maria Sanctissima/ verdadeira e não fingida mai do divino Amor: Quasi

<sup>952</sup> Goivo - (Do latim *gaudiu*, gozo, alegria) (Ferreira, s/d: 695); o mesmo que *Aleli* (do berbere *alili*, 'adelfa'); planta ornamental da família das Crucíferas (*Cheirantus cheiri*), de flores rubras raiadas de branco, ou amarelas, e cheirosas (Ferreira, s/d: 65).

<sup>953</sup> Boninas - Nome comumente dado a duas diferentes plantas. A primeira é também chamada bela-margarida, mãe-de-família, margaridinha ou margarida-rasteira. É erva acaule, ornamental, da família Asteraceae (*Bellis perennis*). A segunda, também chamada maravilha e jalapa-verdadeira, é planta herbácea da família das Nictagináceas (*Mirabilis jalapa*), originária do México, subspontânea no Brasil. O autor do manuscrito, entretanto, reserva esse nome para uma planta da família Asteraceae, segundo se depreende de sua descrição. Não foi possível saber a que espécie se refere.

<sup>954</sup> Provavelmente a Açafroa (*Carthamus tinctorius*), da família Asteraceae. Entretanto, consta desse trecho do manuscrito que as flores são brancas, enquanto que as flores da Açafroa são vermelho-alaranjadas ou cor de laranja.

<sup>955</sup> Mirasol, girasol, ou tornasol - *Helianthus annuus*, da família Asteraceae. Existe também o Girassol-da-campo, *Zexmenia rudis*, igualmente uma Asteraceae, que ocorre na Amazônia. O Girassol-do-mato, *Grindelia discoide*, da mesma família, é registrado do Rio Grande do Sul. O Girassol-miúdo, *Helianthemum vulgare*, da família das Cistáceas, é espécie ornamental introduzida da Europa e bastante cultivada no Rio de Janeiro. O Girassol-pequeno, *Helianthus cucumerifolius*, da família Asteraceae, é originário da América boreal e cultivado em São Paulo. Finalmente, a Girassolina, *Helianthus argyrophyllus*, igualmente uma Asteraceae, é planta ornamental originária do sul dos Estados Unidos, e cultivada de Pernambuco para o sul do Brasil (Corrêa, 1984 (III): 403-409).

<sup>956</sup> Roza - Nome comum de várias espécies da família Rosaceae pertencentes ao gênero *Rosa*, talvez a primeira planta ornamental cultivada pelo homem. Contudo, os comentários de Sáa dizem respeito a espécies de várias famílias distintas.

<sup>957</sup> Referência a Faustus Sabaeus (1556).

<sup>958</sup> Explica Vitoria (1702: 376) que "Iuan Bocacio en el libro de la genealogia de los Dioses, dize, como la rosa era consagrada, y dedicada à la Diosa Venus. Lo mismo dize Natal Comite en sus mythologias. Y siendo desta misma opinion Vincencio Cartario, dize, que la razon de serle consagradas las rosas es, que antiguamente todas las rosas fueron blancas, y estando el Dios Marte muy zeloso de que Venus tenia puestos sus amores en el hermoso Adonis, quiso Marte quitarle la vida, para del todo quitarse las ocasiones, y por quererle socorrer Venus de preso espinoze los pies con vna espina de vn rosal, y tiñiendose ellas com la sangre de la Diosa, se tornaron de blancas coloradas. Lo qual descubrió muy bien Fausto Sabao. *Carpis odoratis spatians dum Cypria ab hortis/ Riscidulas primo sb oriente rosas./ Sancta cruentarunt vepres sua brachia acuti,/ Palluit inspecto sanguine pulchra Venus./ Erubuere Deam flores lasisse cruenti,/ Constat adhuc facti poenituisse rosas*".

<sup>959</sup> *Liber Iesu filii Sirach 24, 17: "quase cedrus exaltata sum in Libano et quase cypressus in monte Sion et quase palma exaltata sum in Cades et quase plantatio rosae in Hiericho"*.

pal-/ma exaltata sum in cades, et quasi plantatio Rozae in/

gerico [sic]<sup>959</sup>//

### Fólio 382v

Gerico:: et quasi Roza plantata super rivus [sic] aquarum fru-/ctificate<sup>960</sup>:: Quasi arcus refulgens inter nébulas [sic] gloriae, et/ quasi flos rosarum in diebus vernis<sup>961</sup>

Achaoce estas flores em nosas naturalli-/dades de duas diferentes quallidades, e semelhantes na forma/ da planta e da flor; a humas chamamos Rosas de Sam Joaõ<sup>962</sup>, que/ floreseem huma ves no anno, e outra chamada Rosa de todo o na-/no, por floreseem entodo o anno conforme os lugares enque/ seachaõ como he pellas terras maritimas adonde todo o anno/ he primavera, e produzem en alguns lugares ental forma que/ fasem grandes troncos que servem de cercas nas hortas, e quin-/tais; de suas virtudes estaõ os boticarios informados/

Mosqueta chamada Rosa branca sem-/do diversa expecia chamadas Rosas da Maceno<sup>963</sup> sam ex-/trangeiras en nosas naturalidades, naturalizadas pello muito/ que produzem. Bogoari<sup>964</sup> he outra Rosa branca semelhan-/te a mosqueta mas diversa expecia e natural da terra./

Japi<sup>965</sup> sam humas Rozas do grandor/ da boca de hum prato ordinario abrem brancas pella ma-/nhan de tarde fasense incarnadas duraõ dous dias en sua/ perfeisam não tem cheiro algum./

Guaresá<sup>966</sup> he outra rosa de poucas/ folhas que abre roxa e tornasse branca com bom cheiro/ duraõ tres dias perfeitas, vendeo en hua arvore de diver-/sas cores, as arvores de quinse e mais palmos de altura/ nativas dos matos e beiradas./

<sup>960</sup> *Liber Iesu filii Sirach* 39, 17: “et quasi rosa plantata super rivum aquarum fructificate”.

<sup>961</sup> *Liber Iesu filii Sirach* 50, 8: “quasi arcus effulgens in nebulam gloriae et quasi flos rosarum in diebus veris”.

<sup>962</sup> Rosa de Sam Joaõ – Diz Durão (1781: 207, Canto VII, XXXVI): “Outra engraçada flor, que em ramos pende/ (Chamão de S. João) por bella passa/ Mais que quantas o prado ali comprênde./ Seja na bella côr, seja na graça:/ Entre a copada rama, que se estende/ Em vistosa apparencia a flor se enlaça./ Dando a ver por diante, e nas espaldas./ Cachos de ouro com verdes esmeraldas”. Podemos pois conjecturar tratar-se da trepadeira conhecida como cipó-de-são-joão, cipó-bela-flor, marquesa-de-belas, cipó-pé-lagartixa, cipó-de-lagarto, entre outros nomes, *Pyrostegia venusta* (Bignoniaceae).

<sup>963</sup> Mosqueta. *Rosa moschata*. Rosa branca ou Rosas Damascenas - *Rosa damascena*. Apresenta 6 variedades (Corrêa, 1984 (V): 614).

<sup>964</sup> Bogoari - Deve ser o Bogari ou Bogarim, arbusto trepador da família das Oleáceas, *Jasminum sambac*.

<sup>965</sup> Japi - Não conseguimos encontrar este vocábulo em nenhum dos dicionários botânicos consultados. Pela curta descrição do autor, parece tratar-se de uma ninfeácea, apesar de ele empregar o termo “árvore” para designar o pé da planta, e de não mencionar que é aquática. Nossa esperança de elucidar essa questão voltou-se então para os topônimos que incluem esse termo; por exemplo, a Serra do Japi, no Estado de São Paulo. Mas também aqui foi frustânea nossa tentativa. Assim, Pinto (1935: 182), ao tratar dessa serra, declara: “O Dr. J. M. de Almeida, em seu *Dicc. Geogr. da Prov. de S. Paulo*, obra posthuma, 1902, diz: ‘Nada tem o nome desta serra com o passara *conirostro* conhecido por *japi* e *japú*, e tambem por *che-chéo*, *japuri* e *guacho*. Deste *conirostro* há tres especies: os que tem cores preta e branca, com encontros amarellos, *Cassicus icteronotus*; os que tem a cor preta com encontros encarnados, vulgarmente denominados *japiins do mato*, *Cassicus haemorrhous*; e os de penacho com cauda amarella, maiores do que , os das duas especies já referidas, *Cassicus cristatus*. A terceira e ultima especie é a do *yapi*; as outras duas, por menores, são *yapi-i*. Este passaro arremeda os outros passares. Seus ninhos são suspensos a galhos de arvores, e em forma de abobora d’agua. *Japy*, nome da serra, é corruptela de *Ya-pi*, aberturas fundas. De *ya*, abrir, rachar; *pi*, fundo, vazio. Allusivo a compor-se a serra de tres filas de morros paralelos, com intervallos fundos. E mais há, em cada fila, *abertas* ou gargantas numerosas para travessio facil. Tambem nesta serra há grutas pouco notaveis. No cume de um dos seus picos existe uma lagôa; e na vertente occidental há uma linda cascata.” Outra hipótese é que “*japi*” seja uma corruptela de “*iaupê*” (“forno”, em tupi). Assim, consta de Ferreira (s/d: 741) que “*iaupê-jaçaná*” (do tupi *wa’pê yasa’nã*, “forno de jaçaná”) e “*iapunaque-uauupê*” são nomes dados à vitória-régia. Ora, é conhecido ser “forno” o nome dessa planta na Amazônia. Se esta hipótese for correta, Sâa estava realmente tratando neste trecho de uma ninfeácea, cujo nome era originalmente “*iaupê*”, depois corrompido para “*yapi*” e depois para “*japi*”. Por outro lado, encontramos em Porto Alegre (1980: 365) a seguinte preciosa informação de que se trata de uma ninfeácea: “*Api* - Ninfêia do Pará e Maranhão que vegeta nos lagos águas estagnadas (M. M. Moraes. *Fitogr[afia] Bras[ileira]*). Etim.: do tupi amazônico *api* que, tendo muitas acepções e desconhecendo eu a planta, não sei corno escolher a que serve”.

<sup>966</sup> Não identificada.

<sup>967</sup> Papoula. Gênero *Papaver*, família das Papaveráceas. Segundo Moraes (1881: 312): “É adoçante, peitoral, facilita o escarro chronico, e o suor; modifica ou faz passar os acessos da asthma; concilia o somno. Cinco ou seis cabeças de papoulas fervidas em vinho, até se gastar a metade, fazem dormir quem as beber. A fermentação com as folhas da papoula, faz dormir. O cozimento da raiz, aproveita na schiatica, na inflammação do figado, e limpa as impuridades das ourinas”.

Papoula<sup>967</sup> rosa ferrosissima na cor/ incarnada e fragancias, que exparce, de tam humilde planta/ que não pasa de hum palmo, nasce por terras lavradas/ de suas virtudes estão todos/scientes./

Seucena//

Fólio 383r

Seucena<sup>968</sup> é flor amarela mayor que/ a roza aspera que atura muitos dias sem murchar, cheiro/ pouco e suave, a rama não pasa de tres palmos nasce por te-/ras de areas, e secas; cria huma rais como batata enquanto/ verde mole, e depois deseca dura, muito bom cordeal e curativo/ de humores galicos, fasense desta rais copos para por elles/ beber que sam de muito proveito./

Perpetua<sup>969</sup> flor que colhida conserva/ muito tempo sua perfeisam, chamada flor Amaranato, nase por/ esterqueiras brota entodo o anno; esta flor cosida bebida/ a tintura com asucar he bom descogullante, e proveitosa/ para pessoas flautullentas: ha brancas e amarelas, mas medici-/nais sam só as vermelhas./

Perpex<sup>970</sup> he especia de perpetua nas-/ce pellos campos rasteira sem mais arvore que huma ra-/minha de hũ dedo, e a flor crese como huma laranja mui-/to incarnada duram encasa sem perder a cor dous e tres annos./

Jasmim<sup>971</sup> flor selebre pella candidez, e fragancia, chamada no Hebreo Jod, e dos Latinos Ligus-tra; com a candides desta flor compara o poeta a ferrosu-/ra do mancebo Alexim na introduççam das finesas/ que lherendia o pastor/Coridon/

O fermose puer, nimium ne crede colori/

Alba ligustra cadunt vaccinia nigra leguntur/

Despectus tibi sum, nec qui sim quaeris Alexin [sic]<sup>972</sup>./

Sam estas flores agradaveis persi e pellas ramas que tesem/ e fasem humas ferrosas latadas. Ha outros vermelhos que/ chamamos chagas<sup>973</sup>, que tem as folhas a maneira de canotilhos/ e ainda outros tam bem verme-/lhos de menor estimasaõ, todos/

nativos//

Fólio 383v

nativos dos montes transplantados nas hortas./

Beijos<sup>974</sup> são humas floresitas vistosas, e ga-/lantes de pouco cheiro, e cores muito vistosas, brancas, incarnadas/ e roxas; e plantadas juntas mescloo-/ce estas cores, e saem esmal-/tadas de todas ellas; sam arvores do grandor e forma do mange-/ricaõ; he estrangeira en nosos lugares, trasida das costas do/ mar do sul adonde he natural./

<sup>968</sup> Seucena - Talvez a “cecém”, uma das espécies conhecidas por “açucena”. Vide nota 929.

<sup>969</sup> Perpetua – ‘Perpétua’ é nome dado a diversas plantas da família das Amarantáceas, dos gêneros *Alternanthera*, *Gomphrena* e *Iresine*. Por Perpétua-do-campo são designadas espécies dos gêneros *Borreria* (Rubiaceae) e *Telanthera* (Amaranthaceae). Perpétua-roxa refere-se à espécie *Centratherum punctatum*, da família das Compostas (Corrêa, 1984 (V): 461-462). O autor deve pretender referir-se à Perpétua-roxa (*Gomphrena globosa*), erva da família Amarantaceae, espalhada pelos campos, que tem raiz central grossa e lenhosa, folhas ásperas, e flores que, conquanto pequenas, se congregam em grande número em inflorescências densas, de belo efeito ornamental, e que, por serem secas e paleáceas, não murcham; sino (em alguns estados): Suspiro (Ferreira, s/d: 1083). Para Moraes (1881: 320), a Perpétua, ou Suspiros, tem o seguinte uso medicinal: “O cozimento d’ esta planta é muito uzado nos que padecem serração de peito, defluxão e tosse”.

<sup>970</sup> Não identificada.

<sup>971</sup> Jasmim - Denominação comum a várias espécies do gênero *Jasminum*, da família das Oleáceas. Originário da Ásia.

<sup>972</sup> Virgílio, *Bucólicas*, écloga II, 17-19: “O fermose puer, nimium ne crede colori./ Alba ligustra cadunt, vaccinia nigra leguntur. Despectus tibi sum, nec qui sim quaeris, Alexi”.

<sup>973</sup> Chagas - O mesmo que Capuchinha. Erva da família das Tropeoláceas (*Tropeolum majus*), originária do Peru.

<sup>974</sup> Beijos - Ou Beijo-de-frade, erva muito cultivada como ornamental, da família das Balsamináceas (*Impatiens balsamina*).

<sup>975</sup> Madre silva - A Madressilva-do-japão é trepadeira da família das Caprifoliáceas (*Lonicera caprifolium*), de origem estrangeira, muito apreciada como ornamental graças às suas bonitas e perfumadas flores, e cujas folhas são pequenas, porém muito numerosas (Ferreira, s/d: 870). O nome Madressilva aplica-se igualmente a diversas espécies do gênero *Alstroemeria* (Fam. das Amarilidáceas).

Madre silva<sup>975</sup> é florcita do/feito de/ asucena do grandor de huma polegada esmaltada de branco/ e vermelho cheirosas e ingrasadas, as arvores não pasaõ de/ hum palmo delicadas, e brotam muitas juntas por huns tali-/nhos tam tênues, que só com o peso das mesmas flores sees-/taõ actual mente a mover ainda que lhes não dá vento/ pello que são chamadas flores bailladeiras; nascem por/ terras humedas, e sombrias, criaõ as raises humas batatinhas/ frescas, e purgantes./

Cravos<sup>976</sup> sam flores que nascem de hu-/mas tosas como de capim rasteiras, humildes sem fa-/usto algum, brota hum pendaõ, que tanto crese como vai/ esgalhando, e formando botoens que abrem ficando en flores/ galantes e muito vistosas, que gasta muitos dias the acabar/ de abrir todas; de seis diversas cores tive conhecimento:/ Cravo da Rochela, Almirante, Cravorosa, Cravoroxo/ Cravo branco, e Cravo de fogo: Há outra diversa expecia de cravos que chamamos cravos folhados, amarelos/ do grandor de huma Roza com mais fermosura que fragan-/cias, as arvores de dous e tres palmos, ha de duas castas/ mayores e menores, as ramas de huns e outros bom descogulante./

An-//

## Fólio 384r

Angelina<sup>977</sup> he flor do feito da asucena e/ grandor de hum dedo pollegar, a cor carmesim muito vivo,/ e huma medulasinha branca enmeyo que está sempre a ter-/mer, de tam activa e suave fragancia que de muito longe/ se persebe e inleva os sentidos, a rama he hum sipo del-/gado que estende dous e tres palmos as folhas como huns/ escudos sitos de huma polegada nativa dos Campos mais a-/grestes, sendo transplantada não produs./

Flor da quaresma<sup>978</sup> he huma rosa ro-/xa muito fermosa, assim chamada por brotarem em Março/ que nunca deixa de ser quaresma, sam as arvores troncos/ que ingrosaõ e cresem bastante mente; da casca do tronco/ tirao-ce / tintas roxa, e preta./

Espanja ou cora [sic] Christi<sup>979</sup> sam humas/ flores como humas esponjas redondas amarelas fragan-/tissimas, as arvores cresem the quatorse e quinse pal-/mos copadas, e espinhosas; brota depois das flores humas/ baiges, de que setira muito bom grude, e tinta/ preta boa para escrever, e para o mais a que seaplicar;/ a rais tem hum fectido que injóa e he fino/veneno./

Malmequeres<sup>980</sup> sam flores redondas/ do feito do gira sol, e muito somenas compostas de hum/ trososito crivado de humas floresitas muito meudas, que/ juntas compoem a integridade da flor principal; ha bran-/cas, vermelhas, roxas, amarellas, asues todas com bom cheiro./

Estas sam as flores enque achei nomi-/nasoens para aspoder nomear e serem conhecidas, não fa-/llando nas dos campos, matos, e serados, que não há nu-/meros que lhes bastem, nem nomes que selhes acomodem,/

tam//

## Fólio 384v

<sup>976</sup> Cravos - ou Craveiro. Planta glauca, de caule reto, da família das Cariofiláceas (*Dianthus caryophyllus*). Há uma imensa quantidade de variedades cultivadas de craveiros, algumas das quais o autor cita neste trecho.

<sup>977</sup> Não identificada.

<sup>978</sup> Flor-da-Quaresma, Quaresmeira ou Manacá-da-serra, designação comum a muitas árvores ou arbustos ornamentais da família das Melastomáceas, pertencentes aos gêneros *Tibouchina* e *Rhynchanthera*, próprias para parques e jardins, e que vegetam em vários estados do País (Ferreira, s/d: 639).

<sup>979</sup> Espanja ou Corona Christi - É a Esponjeira (*Acacia farnesiana*), da família das Leguminosas (divisão Mimosacea). Esta espécie é chamada Corona Christi ou Coronacris (corruptela do primeiro nome) na Bahia; Coronha no Ceará; Espanja no Mato Grosso e no Pará; Espinilho no Rio Grande do Sul (Corrêa, 1984 (II): 603-606).

<sup>980</sup> Malmequer - Outro nome aplicado a espécies muitas distintas. Em geral são conhecidas por "Malmequer" diversas espécies de Asteraceae, dos gêneros *Chrysanthemum*, *Grindelia*, *Oinoseris*, *Viguiera*, todas nativas do Brasil. Malmequer-amarelo é o nome do *Chrysanthemum coronarium*, outra Asteraceae, proveniente da Europa. O Malmequer-bemequer é a *Aspilia foliacea*, da família Asteraceae, originária do Brasil. O Malmequer-do-campo é a *Vittadinia trifurcata*, Asteraceae, do Rio Grande do Sul e Argentina. Existem ainda o Malmequer-do-pântano, uma outra Asteraceae (*Leucopsis tweediei*), que habita os lugares paludosos de Minas Gerais ao Uruguai, também conhecido como Malmequer-miúdo; e o Malmequer-grande, ainda da família Asteraceae (*Heliopsis scabra*), chamado também Andrequicé e Cambará-de-cavalo. Completam esta lista as espécies europeias conhecidas por Malmequer-pequeno (*Calendula arvensis*), uma Asteraceae; e o Malmequer-dos-brejos (*Caltha palustris* L.), uma Ranunculaceae (Corrêa, 1984 (V): 38-41). Sãa refere-se, provavelmente, ao Malmequer-grande ou Cambará-de-cavalo, já que diz que as flores são redondas do feito do "mirasól" (Girassol).



tam diversas em cores, como em formas, e qualidades, que actu-/almente sevem sem lemitasam de tempo, humas fructiferas,/ outras infructiferas, de mayores, e menores troncos, e outras sem/ elles, que nascem da terra sem rama alguma, que cobrem/ e esmaltão eses campos desperdisando/galas em annoal/ primavera, a impulsos da verdadeira e não fingida Flo-/ra, que as flores creou para o ornato da sua herdade/ brotai terra flores, que exalem fragancias e cheguem/ ao Ceo, gratifficai o beneficio do ser que lograis: Florete/ flores et frondete in gratiam<sup>981</sup>./

## Fólio 385r

## Introducçam/

Continuavam os academicos nos seus/ costumados pasatempos, e ouvindo o curioso quesitor dar/ fim a narasam das flores hinstou: que como das flores/ produziaõ os fructos, não podia deixar de abundar delles/ taõ florida terra, e que quem tanto conhecimento/ tinha de huma cousa, também teria da outra./

## Dialogo 10/

Felin. Sam os fructos o patrimonio de to-/dos os viventes sem eles, não vivem, nem ha vitallidade/ sencivel; e para este fim, e mister creou Deos as plantas/ que brotasem fructos; antes que fisesse vivente algum, pa-/ra que quando estes tivesem ser e vitallidade achassem/ já o nesario sustento para conservasam da vida: Germi-/net terra herbam virentem, et facientem semem, et lig-/num pomiferum faciens fructum juxta genus suum<sup>982</sup>./ Assim que todas as plantas brotaõ fructos segundo suas/ qualidades sem excepçam alguma; huma nas ramas/ outras nos troncos, outras nas raises, outras nas folhas, a saber/ humas daõ fructos nas ramas capases de comer, outras na/ fragancia das folhas, outras na [sic] virtudes medicinais, outras/ nas tintas que selhestiraõ, nos oleos que desi lansaõ, outras/ nos proprios troncos tem os fructos deque seaproveitaõ as gen-/tes para seo serviso, e outras na fragancia e belleza das flo-/res que tambem sam fructos, finalmente que nenhuma/ por minima que seja sedis infructifera, procurenho/ que lho ande achar./

E como estes nascem das plantas e das flo-/res vejamos os que produzem as de nosas naturalidades./

e se//

## Fólio 385v

e se menotarem de exvanecido en afirmar sam os melhores de/ todo o universo, respondo: que não há algum que o não seja nesta parte; estimavaõ os Hebrós [sic] nascidos no Egipto. Mais as cebolas, porros, pepinos, e meloens daquella regiaõ, por/ seaverem com estes fructos creado; que os sabores do celles-/te maná: Veniunt cucumeros, et pepones, porri que,/ et cepe. Assim que com affecto apaixonado, quer sem elle afirmo sam os fructos desta regiaõ

<sup>981</sup> *Liber Iesu filii Sirach 39, 19: "florete flores quasi lilium date odorem et frondete in gratiam".*

<sup>982</sup> *Genesis 1, 10: "germinet terra herebam virentem et facientem semen et lignum pomiferum faciens fructum iuxta genus suum".*

<sup>983</sup> *Canticum Canticorum 4, 12-13: "hortus conclusus soror mea sponsa hortus conclusus fons signatus emissiones tuae paradisus malorum puniceorum com pomorum fructibus".*

<sup>984</sup> Banana- *Musa paradisiaca*, da família das Musáceas. O fruto da bananeira (cápsula que se desenvolveu sob cultura no sentido de formar um mesocarpo carnoso e perder as sementes, sendo, pois, um tipo carpológico anômalo (Ferreira, s/d: 180). Segundo Corrêa (1984 (1): 249): "a variedade mais distinta é a que chamamos S. Tomé, de fruto menor, mais reto e mais cilíndrico, com polpa amarela, mais própria para assar (quando todas as outras são mais próprias para fritar); tem aplicações especiais contra a diarreia astênica, a erisipela e afecções congêneres: prepara-se mesmo um xarope popular aconselhado nas dispepsias, bronquite e tuberculose". Pacoba ou Pacova são os nomes indígenas. Além de comentar sobre os usos medicinais da banana ("As flores da bananeira infundidas em agua, e postas ao sereno da noite, é banho salutar, para as molestias dos olhos. O engaco pisado, e desfeito em agua, e dado em clyster, é approvado remedio, para curar as dysenterias rebeldes. O xarope feito com as flores da bananeira é utilissimo, para as tysicas pulmonares; e no sertão já se tem curado a tysica pulmonar. unicamente com xarope das flores da bananeira. A fructa é emoliente, e maturativa dos tumores"), Moraes (1881: 68) confirma a asserção de Sáa de que "o páo desfeito dá estopa de q' uzão os Indios, e Esp<sup>tas</sup>", comentando: "As fibras do tronco dão linho, para tecidos de panno, e para fabricar excelente papel. Na Bahia em 1843, pouco mais ou menos, se montou uma grande fabrica de papel, cuja materia prima, na maior parte, eram troncos de bananeiras. Os jornaes diários, e o commercio, se utilizavam, com geral satisfação d' essa nascente industria brasileira, que morreu pela baixa extraordinaria do papel estrangeiro. em concurrencia, que por fim a fabrica nacional, não podendo competir, pelos desfavores do governo, d' esta *desgovernada fazenda* chamada Imperio do Brazil, teve de fechar suas portas, com gravissimos prejuizos de seus patrioticos introdutores. N' esse papel, fabricado na Bahia, imprimi a minha mernoria, a *Inglaterra e os seus tratados ou o governo inglez perante o mundo*, e eram impressos o Mercantil da Bahia, e o Correio Mercantil, dos quaes eu era o redactor em chefe, e outros periodicos d' aquella provincia".

os melhores de/ todo o universo, pois todos nella seachaõ como en própria/ naturallidade: Hortus conclusus emissiones tuae para-/dysus, cum pomorum fructibus<sup>983</sup>. Sayaõ pois os fructos/ vejamos/qual he o presidente neste theatro, saya a/

Banana<sup>984</sup> fructo singullar que naõ/ admite competencias. Conta Bercorio de huma misteriosa/ planta symbolo da providencia, que ao mesmo tempo/ que selhecolhe o fructo brota logo outro: Quedam/ arbor, quae pomum portat summè odoriferum, quae/ arbor tantæ fecunditatis existit, quod pomo uno colle-/cto statim aliud nascitur, et consurgit. lb. 4 [sic; 14]. Cap. 27 [sic; 37]<sup>985</sup>./ Hé a banana symbolo da providencia com mais pro-/priedade, do que a misteriosa arvore que dis Bercorio; naõ/ espera que lhecolhaõ o fructo para brotar outro, mas na-/tecipada mente antes que selhecolha, tem já outro capaz capas/ de secolher, outro mais novo, outro somenos, e outro em/ flor e tantas asteas tem a sua soqueira como fructos, em/ diversos graos de hidade, en todas as estasoens do anno/ sem limitasam alguma de tempo, sem tempo próprio/ por que todo o tempo hé seo. Planta misteriosa, planta/ en que foy symbolisada Maria Sanctissima mai de Deos:

quasi//

### Fólio 386r

Quasi oliva speciosa in campis, et quasi platanus exalta-/ta sum juxta aquam in plateis<sup>986</sup>./

He a banana da Ame-/rica o verdadei-/ro platano da Pallestina, de que fala a escriptura sancta/ o que mostrarei com testemunhas de vista, e seja a primeira o/ padre Joseph á Costa<sup>987</sup> na Historia das Indias lb. 4. Cap. 21:/ arbores quas vulgus platano apellat, uvam producit, quae/ interdum centenos fructos palmi longitudine sustinet./ Dis o padre: que a arvore que o vulgo chama platano/ produs um caixo que ao menos tem cem fructos do com-/primento de hum palmo; ja por estes signais vemos ser/ o plátano a bananeira. Borcardo na descriptsam da terra/ sancta part. 2. Cap. 1. Platanus habet grana interdum centum<sup>988</sup>. e Quaeresminio tom. 1. decad. 5: in orientalli-/bus et insulis nascitur platanus

<sup>985</sup> Berchorius (1731: 501, Lib. XIV, Cap. XXXVII. *De Regione Media*): “*Media est Regio Orientis propè Persidem, in qua est quaedam arbor, quae pomum portat summè odoriferum & venenis contrarium, quae arbor spinosa est, & pomum ejus summè amarum. Unum tamen in hoc est mirabile, quia arbor hac tantæ foecunditatis existit, quod pomo uno collecto, starim aliud nascitur & consurgit. Aliud etiam est ibi mirabile, quia scilicet arbor haec non potest extra Mediam nasci; quia multi eam alibi transplantare voluerunt, sed (sicut dicit Solinus) beneficium terrae Mediae datum, resistente natura, aliae terrae vel patriae mutare nequiverunt. De ista etiam loquitur Plin. 12, cap. 3. qui secundum omnia praemissa, dicit similiter, quod haec arbor alibi quam in Media vel Perside generari nequit*”.

<sup>986</sup> *Liber Iesu filii Sirach* 24, 19: “*quasi oliva speciosa in campis et quae platanus exaltata sum iuxta aquam in plateis*”.

<sup>987</sup> Parece que Saa não leu direito o trecho do Pe. d'Acosta, que tem opinião totalmente diferente; com efeito, diz d'Acosta (1792: 238): “*Algun tiempo dudé, si el plátano que los Antiguos celebraron, y éste de Indias era de una especie; mas visto lo que es éste, y lo que del otro escriben, no hay duda sino que son diversísimos [nosso itálico]. La causa de haberle llamado plátano los Españoles (porque los naturales no tenían tal vocablo) fué, como en otras cosas, alguna similitud que hallaron, como llaman ciruelas, piñas, almendras y pepinos, cosas tan diferentes de las que en Castilla son de esos géneros. En lo que me parece que debieron de hallar semejanza entre estos plátanos de Indias, y los plátanos que celebran los Antiguos, es en la grandeza de las hojas, porque las tienen grandísimas y fresquísimas estos plátanos, y de aquellos se celebra mucho la grandeza y frescor de sus hojas, tambien ser planta que quiere mucha agua, y quasi continúa. (...). Mas en realidade de verdade no tiene que ver la una planta con la otra, mas que el hueco con la castaña, como dicen. Porque lo primero, el plátano antiguo no lleva fruta, ó á lo menos no se hacia caso de ella: lo principal porque le estimaban, era por la sombra que hacía, de suerte, que no habia mas Sol debaxo de un plátano, que debaxo de un tejado. El plátano de Indias, por lo que es de tener en algo, y en mucho, es por la fruta, que la tiene muy buena; y para hacer sombra no es, ni pueden estar sentados debaxo de él. Además de eso, el plátano antiguo tenia tronco tan grande, y ramos tan esparcidos, que refiere Plinio (*lib. 12. C. 1*) de el outro Licinio, Capitan Romano, que con diez y ocho compañeros comió dentro de un hueco de un plátano muy á placer. Y del outro Emperador Cayo Calígula, que con once convidados se sentó sobre los ramos de outro plátano en alto, y allí les dió un soberbio banquete. Los plátanos de Indias, ni tienen hueco, ni tronco, ni ramos. Añadese á lo dicho, que los plátanos antiguos dabanse en Italia y en España, aunque vinieron de Grecia, y á Grecia de Asia, mas los plátanos de Indias no se dan en Italia y España: digo que no se dan, porque aunque se han visto por acá, y yo ví uno en Sevilla en la huerta del Rey, no medran, ni valen nada. Finalmente, lo mismo en que hay la semejanza, son muy desemejantes, porque aunque la hoja de aquellos era grande, no en tanto exceso, pues la junta Plinio (*lib. 16. c. 24*) con la hoja de la parra y de la higuera. Las hojas del plátano de Indias son de maravillosa grandeza, pues cubrirá una de ellas á un hombre, poco menos que de pies á cabeza. Así que no hay para qué poner esto jamás en duda; mas puesto que sea diverso este plátano de aquel antiguo [nosso itálico], no por eso merece menos loor, sino quizá mas por las propiedades tan provechosas que tiene”.*

<sup>988</sup> Deve ser erro de Saa, pois não há nenhuma menção do *platanus*; em Borchardus (1587: “*Incipit Pars Secunda Eivsdem Libri, De Fertilitate Terrae Sanctae. Capvt primvm*” [o livro não tem números nas páginas] consta apenas: “*Sunt & fructus, dicti poma paradisi, penitus admirabiles. Poma huiusmodi crescunt in modum botri vuae, & est botrus ille interdum magnus, vt cophinus, id est, sporta competens, habet grana aliquando centum* [trechinho citado por Saa, com pequena alteração]...”. Cf. também Laurent (1864: 86-88; Burchardus de Monte Sion, “*De Fructibus et Animalibus Terrae Sanctae*”).

<sup>989</sup> Citação não localizada.

<sup>990</sup> Cornelius a Lapide - Forma latinizada de Cornelis Cornelissen van den Steen.

<sup>991</sup> A Lapide (1846: 557: “*Rursum platanus repraesentat B. Virginem. Nam platanus patulis diffunditur ramis, habet folia instar scutorum et peltarum; sic B. Virgo est quae platanus, patulis difusa ramis, quibus universos homines abscondit et protegit; perfugium est, ptefectio, scutum et asyllum omnium ad se confugientium. Nulla est tentatio, nulla calamitas, nullus labor, nullum periculum, nullum hostis, contra quem B. Virgo validissima scuta peltasque, opem suam implorantibus, non suggerat et suppedidet*”.

cujus medula fructu/ concissa, non crucis tantum signum, sed ipsius cruxi-/fici expresam prodit imaginem<sup>989</sup>. Dis que tem o platano/ das regioens orientais e ilhas, não só huma cruz na medula/ mas a imagem expressa de hum crucifiso, reparem se ha/ outra fructa que tenha na medula esta efigie./

A Lapide<sup>990</sup> in Ecclesiastes Cap. 14 habet/ platanus folia instar scutorum, et peltarum<sup>991</sup>: he a ba-/naneira a planta que tem as folhas como escudos; este/ he o platano, esta he a planta misteriosa, por ser de todas/ a mais tenue, e mais facunda; com a sombra de suas folhas/ repara os viventes/das inclemencias dos tempos, com seus/ fructos os sustenta annoal mente comidas maduras por/ fructa, e verdes por pam, feitas em conservas, e secas ave-/lladas que duraõ muitos tempos sem corrupção; a rais/

tambem//

### Fólio 386v

tambem he sustento semelhante ao Cará, a astea desfeita serve/ de estopa para cordas e callafetar embarcaosens, das folhas/ fasm tapinos suas camas, e vestimentas, que reparaõ muito/ bem o frio, e a chuva; e para o uso de coser nellas o comer/ servindo de panellas que chamaõ moquecas./

As asteas das de Sancto Thome enquanto/ novas expremidas tirada a sustancia atalha as febres,/ e mallignas, cursos de sangue, almoredas, e curar feridas./ Ha quatro castas: chamadas humas de Sancto Thomé, ou-/tras da terra, outras pacobosú, as que chamaõ da te-/rra saõ de duas diferensas huma he a que vemos/ nos nosos lugares do Brasil, e outras que sam próprias/ das costas do mar do sul vermelhas por dentro, os cacixs de quatro e sinco palmos as fructas muitas, e juntas; e he/ a de que falaõ os escriptores referidos que disem ter cada/ caixo cem fructas, o pacobosú não pasa o caixo de des/ doze fructas de dous palmos de compridas, e outro tanto/ de grossura; sam todas naturais da America dentro dos/ tropicos que fora não aturaõ./

Mandioca<sup>992</sup> é outra planta prodigiosa/ tem os Indios naturais por tradisam fora dada por Sam/ Thome a seus antepasados, de donde lhesficou o uso della/ ao que digo, que lhesensinaria o santo uso della cul-/tivalla e beneficialla, mas não que lhestroucese de fora/ por ser natural da terra que avemos pellos matos/ beiradas, e serrados como qual quer planta silvestre;/ o insigne Bluteao [sic], metido a decifrar os vocabolos portugueses, e suas ethymologias, faltoulhe saber que/

mandioca//

### Fólio 387r

<sup>992</sup> Mandioca - Planta leitosa, da familia das Euforbiáceas (*Manihot utilissima*), cujos grossos tubérculos radiculares, ricos em amido, são de largo emprego na alimentação, e da qual há espécies venenosas. que servem para fazer farinha de mesa; aipi, aipim, macaxeira, maniva, maniveira, pão de pobre (Ferreira, s/d: 882). Aipim é o nome indígena (Var. de *aipi* < tupi *ai'pi*) (Ferreira, s/d: 57). Moraes (1881: 247 -249) faz estes interessantíssimos comentários sobre a Mandioca: “Esta planta, assim chamada de duas palavras da lingua Tupi: mandi, pão, e oca, casa, isto é, pão de casa, é tão conhecida que poupa o trabalho de a descrever. O tronco chama-se *maniva*, e a raiz mandioca. A raiz se toma ao estado de comer-se de 6 á 9 mezes, conforme o terreno em que é plantada a maniva. O methodo da sua cultura está descripto no famoso poema *Cura Boum*, do professor José Rodrigues de Mello. Portuense, mui bem traduzido pelo professor João Gualberto Ferreira dos Santos Reis; e nas obras, chronica da companhia [de Jesus] de Vasconcellos, *Fazendeiro do Brazil* do douto Fr. José Mariano da Conceição Velloso: no *Manual do Agricultor Brasileiro* de Carlos Augusto Taunay: no *Manual do Agricultor dos Generos Alimenticios* do padre Antonio Caetano da Fonseca. USOS MEDICINAES. Os indios fazem com a raiz da mandioca bom vinho, fresco e medicinal, que serve para curar a obstrução do fígado. As folhas soccadas com cachaça servem para curar o cobreiro, e empigens applicando-se sobre a parte affectada. A mandioca puba ou cariman cura as feridas de máo caracter, applicada sobre ellas em fôrma de emplastro. O professor José Rodrigues de Mello, Portuense, vindo da cidade do Porto, enfermo de tísica pulmonar, para o Rio de Janeiro, recommendado aos jesuítas, foi recolhido á casa de recreio e noviciado dos padres da companhia, hoje hospital dos Lazaros, em S. Christovão, e o enfermo sem outros meios medicinaes que os bons ares, e mingaus de carimans com leite e ovos, se restabeleceu da tísica, que lhe ameaçava a existencia. Por gratidão, o professor Rodrigues de Mello, Portuense, foi percorrer o interior da capitania do Rio de Janeiro, e estudar a cultura da mandioca, e escreveu, em quatro cantos, o seu poema de *Cultura Radicis Brasiliae*, que o professor João Gualberto Ferreira dos Santos Reis, traduziu, que começa: A raiz canto, que os propicios Numes/ Em mimo ao povo brasileiro derão./ E onde a terra, mãe sua, o pão lhe offerece;/ E dos nescios colonos apiedados./ Que cultivos primeiros á planta cumprão./ Depois á que usos mostrarei adulto/ Aproveite a raiz; e os peregrinos/ Pierides gentis do Anioi cume/ Trarei commigo ás brasilas florestas./ E aos horridos covis, que alojão monstros etc.”.

<sup>993</sup> Bluteau (1716: 286); “MANDIÓCA. Raiz como cinoura, ou nabo, que he toda a fartura do Brasil. Produz hum talo direito da altura de hum homem, ornado de folhas repartidas a modo de estrellas. A flor, & a semente saõ pequenas. Tem a Mandioca debaixo de si nove especies, a saber, Mandiibabáatá, Mandiibparati, Mandiibuçu, Mandiibumana, Aipyi, Tapeçima, Arpipoca, Manajupeba, & Macaxera. O modo de preparar a Mandioca he este. Tira-se da terra, raspa-se, lava-se, & depois de ralada, espremida, & cozida em alguidares de barro, ou metal, a que os Brasis chamão Vimoyipabá, os Portuguezes, forno, se faz farinha de tres castas, a saber, farinha ralada, que dura dous dias, meyo cozida, que dura seis mezes, & cozida de todo, até que fique seca, ou torrada, a que tambem chamão, Farinha de guerra, que dura hum anno. Todas as especies de Mandioca crua saõ peçonhentas aos homens, que as comem, excepto Aipy Macaxera. Porem os animaes brutos comem essas raizes cruas sem dano algum; que como não sabem lançalla de molho, assalla, ou cozella, accommodou o Author da natureza as cousas á necessidade das suas creaturas. Cultiva-se a Mandioca como as batatas, fazendoa em bocados que se metem debaixo do chão, & se fazem muito grossos: a cor he branca, & antes de preparada he para o homem veneno; come-se reduzida em farinha grossa, a modo de polvora; he pesada, & quasi insípida, & causa obstruções a quem não está acostumado a ella. Della se fazem os bolinhos, a que chamão *Beijús*”.

mandioca he dirivado de mandi vocabulo do idioma bra-/silico, e dis que ha oyto [sic; nove] castas<sup>993</sup>, e eu encada lugar que/ tenho pisado vi mais de oyto, diferentes dela, e poriso/ lhe não dou numero certo. Brota esta planta o fructo na ra- /is sam algumas venenosas humas mais do que outras, mas/ he sustento bom e saudável, por ter o veneno na sustancia que/ expremida fica a masa sem elle, e alem disto tem na sua mes-/ma casca o alexifarmaco, excepto sertas especias della que/ chamamos aipim que nenhum veneno tem que secomem/ cosidos e asados. He planta que todos os dias do anno se/planta, entodos secolhe, e entodos secome, não tem tempo/ mes nem conjunsam; na terra mais seca poenta, e escarvada/ ahi produs, quer lhechova quer não; ahy brota as suas raises/ ahy seconservaõ todo o anno sendo a mesma terra o selleiro/ adonde segoarda; as sementes que seplantaõ sam os paos/ feitos entrosos de hum palmo; e estes goardados a sombra atu-/raõ verdes sem scar seis e septe meses./

Fasemce de suas raises muitos e vários/ guisados, farinha pam, biscoito, bejús, cuscús, bolos, farinha/ torrada, farinha fresca, farinha sacoatinga<sup>994</sup>. Comence/ cosidas, asadas, da sustancia expremida fase melado, e asu-/car, vinho e vinagre. Do extracto que selhetira cha-/mado tapioca fazemce outros tantos guisados; e outros/ da que securte em agoa the ficar mole; e por fim das/ folhas, fazemse outros muitos bons; pello que he esta plan-/ta da providencia que para bem dos viventes plan-/tou a eterna bondade./

Cana<sup>995</sup> he planta selebrada pella/ suavidade de suas dosuras, invento que se Jupiter tive-/

se//

### Fólio 387v

se delle noticia vinha ser senhor de engenho na America/ para se fartar de nectar/

Jupiter ambrosia satur, et nectare bibit/

Marcial lb. 11 epig. 58 [sic; 57]<sup>996</sup>/

He esta planta em tudo singular, singullar en não haver della/ mais do que huma especia, e singullar en suas propriedades;/ o que senão acha en outra alguma; he natural da America, e ilhas adjacentes [sic] dentro nos tropicos que fora delles/ não atura. He planta que della sefasem bens de rais/ por que plantada huma ves fica para sempre a sêmen-/te na terra que sam as sepas de donde brota todas as veses/ que a cortaõ; florese en alguns lugares/todos os an-/nos, en outros de tres em tres, e en outros en mais largo/ tempo; de sua sustancia espremdida sefas o asucar, e/ deste tantas composisoens quantas sevem/para o susten-/to, regalo, e curativo; e a/mesma cana chupada, he susten-/to e cordeal. Fabricaõce tambem della as agoas ar-/dentes, nesarias e proveitosas para conservasam das gen-/tes e damnosa para os viciosos que com ellas perdem as/ vidas, honras, e fasedas./

O invento do asucar he antigo ainda/ que parea a alguns fora achado na America; foy sim/ apurado e posto no auge enque se hoje acha; asim co-/mo todos os mais que de huns pequenos principios che-/garaõ a sua total perfeisaõ. Conta Solino. Cap. 34/ Pedro martir. epistol. 1. tratando das regallias dos Impera-/dores romanos; que as nasçoens orientais entre outras dro-/gas que lhescontribuiaõ, era huma dellas o asucar que/

compu-//

### Fólio 388r

<sup>994</sup> farinha sacoatinga - Devemos ao Pe. Simão de Vasconcellos (1668, Liv. n, 73; 1977: 148-149), a preciosa informação do que é esta farinha. Diz o notável jesuíta: "Desta raiz [mandioca] tirada da terra, raspada, lavada, e depois ralada, espremdida, e cozida em alguidares de barro, ou metal, a que os brasis chamam **vimosipaba**, os portugueses forno, se faz farinha de três castas: meio cozida, a que chamam **vitinga**, os portugueses farinha ralada: mais de meio cozida, que chamam **vieçacoatinga** [sacoatinga segundo Sáa]: e cozida de todo, até que fique seca, que chamam **viatá**; os portugueses farinha seca, ou de guerra. A farinha ralada dura dois dias; a meia cozida dura seis meses, a de guerra, ou seca, um ano. Todas estas servem de pão aos brasis, e gente ordinária dos portugueses, e a juizo de muitos que correram o mundo, abaixo do pão da Europa, não há outro melhor".

<sup>995</sup> Cana - Cana-de-açúcar. Planta da família Poaceae (*Saccharum officinale*), que pode atingir vários metros de altura. É originária da Ásia Meridional.

<sup>996</sup> Cf. Ker (1950: 280): "LVII. *Miraris docto quod carmina mitto Severo, ad cenam cum te Severe, vocem?/ Iuppiter ambrosia satur est et nectare vivit;/ nos tamen exta Iovi cruda merumque damus./ omnia cum tibi sint dono concessa deorum,/ si quod habes non vis, ergo quid accipies?*".

<sup>997</sup> Maffei (1605: 44) fala do açúcar do Brasil: "*ac saccari praesertim est ferax; quod coeleste est donum, Attico melli multos partibus praeferendum, proceris arundinibus condidit natura: è quibus aquaria mola dulcissimus humor expressus, in ahenis ad purum excoquitur, tum formis in panes cogitur ad metae figuram...*".

<sup>998</sup> Cf. Osorio (1576).

<sup>999</sup> Erro de Sáa; como vimos duas notas acima, Maffei falou sobre o açúcar do Brasil.

computaõ na seria das es-peciarias. E Mafeo na historia da In-/dia lb. 4<sup>997</sup>. e geronimo osorio lb. 9. de rebus gest. Emma-/nuelis Regis<sup>998</sup>, trando [sic; tratando] hum e outro<sup>999</sup> das riquezas do Reyno/ de Cambaya nomearaõ entre ellas o asucar, que delle/ sahia, pello que semostra a antiguidade deste invento acha-/do muito antes de sedescobrir America./

Mas digo pello que os mesmos autores/ citados escrevem que eses asucares daquellas contribui-/soens contaõce por arates [sic; arrâteis], e andavaõ metidos en bo-/cetas asim como as demais expeciarias que poriso/ lhedavaõ ese nome, e a quallidade era como o que hoje/ chamamos rapadura, que he coser o caldo da cana/ the coalhar sem mais outro beneficio algum; e o mesmo/ era o de Cambaya, que ahinda the hoje asim ofabri-/caõ naquellas provincias orientais, Borneo, Fellipinas,/ e Mallucas, que são huns paens pretos que não pasaõ/ de palmo e meyo, como afirmaõ de vista muitas pesoas/ de nosos tempos. E o mesmo foy o primeiro que fabrica-/raõ os Portugueses na ilha da madeira, e os Espanhoes/ nas Canarias; que tanto a planta como o uso adquire-/raõ huns e outros dos Africanos./

A perfeisaõ com que se hoje fabri-/ca este conducto teve principio pellos Espanhoes na ilha de/ Ssancto Domingos de donde pasou logo aos Portugueses que/ o comearaõ a fabricar na villa de Sam Vicente pella pretensam dos donatarios daquella Capitania que a expensas suas/ mandaram vir mestres daquellas fabricas de donde sefoy/ estendendo o uso. que seacha hoje posto en praxi en to-/da America e ilhas adjacentes entre Portugueses, Espa-/

nho-//

### Fólio 388v

nhoes, Franceses, e Holandeses que todos ofabricaõ, e levaõ/ a Europa de donde olevaõ a muitas províncias da Asia e A-/frica en tanta abundancia que pode adosar eses ocea-/nos mares e tornallos de salgados en golfos de garapa./

O melhor de to [sic; todo] elle he o do Brasil fa-/bricado pellos Portugueses por mais saboroso pesado, e sus-/tancial separando-o em tres quallidades, branco, masca-/vo e mascavado, que he o preto do fundo das formas; os Espanhoes deixao-no purgar toda a sustancia the que fica/ alvo como a neve fofo quasi como caramelo; os France-/ses e Holandeses lansaõ-lhe o primeiro barro, tanto que/ principia a purgar e vemlhe a cara brancasenta; tiraõ-no/ lansaõ ao Sol quebrao-no, mesturaõ, incaixotaõ botaõ pa-/ra a Europa, lá he que oapuraõ e fasem en varias/ formas, a que dam diversos nomes conforme o tempe-/ro que lhedaõ com propriedades para os misteres/ nesarios./

As agoas ardentes que deste fructo se/extrae he de duas quallidades, huma he do caldo da cana/ estillado depois que azeda; a outra he a escoria que/ se tira do caldo que seapura para o asucar, que sees-/tilla, e chamao-lhe Caxasa; os Espanhoes fasem-nas/ muito fracas, e a poder de adubos que lheslansaõ he que/ lhedaõ sustancia; e as nasçoens septentrionais fasemnas/ en varias formas, en muitos restillos a que daõ varios no-/mes, e estimasoens. Os Portugueses fabricaõnas tanto/ nos engenhos de asucar como en engenhos proprios/ que para ellas levantaõ, que chamaõ engenhocas/ sem adubos nem perfeisaõ alguma, de que tiraõ/

mui-//

### Fólio 389r

muitas conveniencias, sendo a principal a conservaõ da esca-/vatura de Guiné, que trabalha tanto nas lavouras, como/ no exercicio de minerar metidos na agoa actual mente con/ sustento muito fraco, que as agoas ardentes he que lhes/conserva as vidas; e sendo isto tam certo como seestá/ vendo vendo [sic]; tem havido pragmaticas reays para que/ senão multipliquem engenhos por minas por não não di-/vertir os escravos da altura do ouro, na dos enge-/nhos; sem que hajaõ ministros, e senados; que re-/presentem aos nosos Serenissimos Monarchas; que a ex-/traçam do ouro depende dos engenhos para a com-/servasam desses mesmos escravos que com as agoas ar-/dentes, hé que medraõ e podem labutar en serviso/ tam incontrado á conservaõ da vida, e da saude. E a-/lem disto, que sam os engenhos as propriedades com que/ se estes sertoenes estabelesem, cultivaõ, e amansaõ terras/ tão agras, e os bens de raises que permanesem para sua/ estabilidade, de que devem os nosos Serenissimos Monar-/chas ser informados por seus ministros,

<sup>1000</sup> Arrós - Arroz. Planta da família Poaceae (*Oryza sativa*). Largamente difundida na Ásia, estendeu-se a cultura do arroz à África: América, e mais recentemente à Europa, tornando-se ele importante base alimentícia humana e animal (Ferreira, s/d: 141). O Arroz-bravo, também conhecido como Abatiapé, é encontrado em estado silvestre nas margens dos lagos amazônicos.

e lugares the-/nentes, que devem isto ouvir e atender./

Arrós<sup>1000</sup> de que abundaõ as nosas cam-/panhas semeadas pella maõ de seo Creador para sustento das/ gentes dos quadrupes, das aves, e dos peixes alimento de/ bom nutrimento e salutífero; achase de quatro castas diver-/sas todas pellos campos e alagoas, e de duas do que secultiva./

Milho<sup>1001</sup> ha duas genéricas especies/ huma trasida da Europa, e outra natural da terra que/ chamamos porurúca, e os Espanhoes mains que he de/ varias cores, branco, vermelho, roxo, amarello, e azul e he/

de mais//

### Fólio 389v

de mais conveniência pella brevidade com que produs mas/ de menos rendimento; e he este commum entoda America Es-/panhola, sendo nos nosos lugares de menos estimasaõ por ser/ o da Europa de mais rendimento./

Feijoes<sup>1002</sup> deixadas as especies delles/ trasidas de fora; achaõce naturais da terra de muitas diversi-/dades, que sam: feijam sererica, feijam carapato, feijão/ amarello, feijam de moita, feijam morombé, feijam de/ lastro, todos naturais da terra que servem de comum sus-/tento das gentes./

Amendoim<sup>1003</sup> he especie de feijão/ que brota a flor na rama e o fructo na rais, comemse crus/ cosidos, e torrados, e tirace delles aseite muito bom para/ adubo dos guisados, e para os candeeiros, e não menos para/ obras medecinaes; ha delles septe especies diversas todos/ naturais de nosos lugares./

Favas<sup>1004</sup> sam tantas as variedades dellas/ que quantas mais sevem mais faltao para ver, e entre/ ellas muitas venenosas; comprehendendo mangallo<sup>1005</sup> que faz/ latada como fava e goandu<sup>1006</sup> que he de arvore cuja folha/ he astringente e medicinal para estancar sangue, e ou-/tras mais propriedades./

Batatas<sup>1007</sup> de que contei des diver-/sas castas, e não duvido meficasem algumas por ver; sam/ ramas que tesem sobre a terra e brotam o fructo na rais, di-/ferentes nas cores e en crescerem mais ou/menos; he tambem/ planta que se pode chamar da providencia, por que plan-/tada huma ves nunca mais seextinguem colhendoce/ todo o anno, sustento e remedio de gentes pobres en commum./

### Fólio 390r

Cará<sup>1008</sup> he outra planta/semelhante que/ estende as ramas sobre/a terra e brota o fructo na rais, contei/ delles septe especies plantaõce todos os annos que na terra não/ deitaõ semente, todos nativos dos matos de donde setrans-/

<sup>1001</sup> Milho - Erva alta, da família Poaceae (*Zea mays*), originária da América do Sul. Segundo Moraes (1881: 2): “Abati-pururuca.- Milho próprio para estalar ao fogo, ou fazer pipoca”.

<sup>1002</sup> Feijoes - O Feijão comum (*Phaseolus vulgaris* L.) é planta da família Fabaceae. Existem numerosíssimas variedades.

<sup>1003</sup> Amendoim - Planta herbácea da família Fabaceae (*Arachis hypogaea*).

<sup>1004</sup> Favas - Planta de caule ereto, ornamental, da família Fabaceae (*Vicia faba*).

<sup>1005</sup> Mangalô, segundo Ferreira (s/d: 884), vocábulo de possível origem africana, é o mesmo que Feijão-de-porco, planta rasteira, da família Fabaceae (*Canavalia ensiformis*).

<sup>1006</sup> O Guandu é uma planta da família Fabaceae (*Cajanus indicus* Spreng.); foi introduzido no Brasil pelos africanos (Corrêa, 1984 (III): 536-541).

<sup>1007</sup> Batatas - *Solanum tuberosum*, da família das Solanáceas.

<sup>1008</sup> Cará. “São designadas por este nome e seus compostos (Caranambu, Caratinga etc.) todas as espécies brasileiras da família das Dioscoráceas [gênero *Dioscorea*] e até mesmo algumas exóticas, introduzidas como alimentares e que são cultivadas com mais ou menos intensidade (as restantes recebem o nome de Inhame). Ascendem a centenas as plantas indígenas desta família, sempre munidas de tubérculos subterrâneos de tamanho e forma extremamente variáveis” (Corrêa, 1984 (II): 1- 14). “Afirmam os curandeiros que o uso da alimentação do cará é proveitoso aos morpheticos. A homoeopathia se serve d’esta planta para curar a asthma, a suffocação, e os padecimentos nervosos” (Moraes, 1881: 118).

<sup>1009</sup> Tayoba. Erva da família das Aráceas (*Xanthosoma violaceum*), originária das Américas e muito cultivada como alimento, de folhas longamente pecioladas e sagitadas, de tonalidade azulada, e que, picadas e cozidas, servem como couve. Também o rizoma, amiláceo e mucilaginoso, é comestível depois de cozido. [Var.: taiova; sin.: arão, aro, jarro, pé-de-bezero, taiá, talo, tarro] (Ferreira, s/d: 1358). Para Moraes (1881: 360): “O cozimento das folhas [de Taioba] é emoliente. A raiz quente debaixo do rescaldo, e bem pisada faz desinchr as partes onde a cobra mordeu. A raiz mata os bichos das bicheiras dos animaes, e destróe as carnes podres, promovendo a cicatrização”. Inhame é designação comum a ervas da família das Aráceas, pertencentes a várias espécies dos gêneros *Alocasia* e *Colocasia*, e às da família das Dioscoreáceas, do gênero *Dioscorea*, que se caracterizam por produzir tubérculos nutritivos e saborosos. Mangará [do tupi *māga* ‘rá] é o mesmo que a taioba (Ferreira, s/d: 884). Moraes (1881: 251), declara, quanto ao mangarito, que “come-se a batata cosida com carne; e com mel, na sobremesa. As folhas picadas e bem cosidas, com ovos, fazem um saboroso prato para a mesa”. Não conseguimos saber o que é o ‘Pareri’.

plantaõ para os cultivados, para sustento das gentes./

Tayoba<sup>1009</sup> he outra planta que brota/ o fructo na rais, que serve de sustento como tambem as folhas/ dividense en muitas especias semelhantes humas as outras/ a saber tayoba, nhame, mangará, mangarito, pareré, meri,/ e outras mais, todos sabores [sic] e sustanciais./

Golfo<sup>1010</sup> he planta que nas/ce dentro da/ agoa, brota folhas que estaõ so-/bre ella e na rais huma se-/pa redonda semelhante a tayoba saborosa e muito boa/ para o sustento he de tres castas./

Jacutupe<sup>1011</sup> he huma planta que bro-/ta a rama como favas, e fructos na mesma forma venenosos/ e na rais huma batata que secom [sic; come] crua muito fresca/ naõ que sirva de sustento, mas de devirtimento e boa/ para os que padecem febres, e he contra o veneno do/ seo mesmo fructo./

Gengibre<sup>1012</sup> he planta que crese/ a rama até dous palmos a maneira de canas, e na rais/ humas batatas pegadas em pencas quentes en sumo grao, pro-/veitosas para obras medicinais, e para adubo de guisados; ha outra especia semelhante a esta na rais, e di-/ferente nas ramas, que nascem pellos matos, adonde sesevaõ/ os Porcos, revolvendo a terra en procura dellas./

Maembó<sup>1013</sup> he hum sipo que nasce/ pellos matos ingrosa como o braso/ de hum homem feito/ en postas cosidas ou asadas servem de sustento, e a sustan-/

cia//

### Fólio 390v

cia espremida muito fresca e proveitosa para queixas de/ quentura e forsa de sangue./

Quiabo<sup>1014</sup> he planta trasida das costas/ da Etyhopia occidental para as do Brasil adonde sena-/turallisou que parese filha da terra; he de duas castas, co-/mensele as folhas e fructos enquanto povos [sic; novos] cosidos, depois/ de maduros de nada servem. Há outra especia disto filha/ de nosos lugares que so servem as sementes para dar chei-/ro metidas em caixas e nas algibeiras./

Pepino<sup>1015</sup> he planta trasida de fora, que/ so crua en sallada tem gasto. Maxixi<sup>1016</sup> he especia de pe-/pino pequenos com lixa por sima naturais dos nosos lu-/gares que nascem entoda parte sem serem plantados, de mui-/to mais conveniencia que os verdadeiros pipinos. Comen-/se crus, e cosidos en varios guisados, e de varias formas. Ha outro pepino natural dos matos de huma polegada/ que sam purgativos./

Gergelim<sup>1017</sup> he planta trasida da Asia/ e naturalisada na America, crese en arvores da altura/ de hum homem brota bainhas com humas sementes muito me-/udas que he o seu fructo, muito saboroso de que se tira a-/seite para temperos e medecina./

Cajú<sup>1018</sup> he fruta do tamanho de hum/ marmello saborosa e sustancial, da sustancia espremida fase/ vinho muito bom, e do bagaso farinha; tem huma castanha/ pegada na ponta que he a semente, semelhante a amen-/doa no sabor, e quallidade, e na casca hum aseite de tal/

qualli-//

<sup>1010</sup> Não identificada.

<sup>1011</sup> Não identificada.

<sup>1012</sup> Gengibre. Erva da família das Zingiberáceas (*Zingiber zingiber*).

<sup>1013</sup> Maembó - Não identificada, Moraes (1881: 241) cita “Maimbá - planta rasteira em forma de sipó, que nasce nas praias. O povo serve-se d’esta planta em cozimento, para curar as boubas e a syphilis”, mas tampouco a identifica.

<sup>1014</sup> Quiabo - Fruto capsular, cônico, verde e peludo, produzido pelo quiabeiro-comum. O Quiabeiro é erva lenhosa da família das Malváceas (*Hibiscus esculentus*), de origem africana.

<sup>1015</sup> Pepino - Fruto do Pepineiro, trepadeira da família das Cucurbitáceas (*Cucumis sativus*).

<sup>1016</sup> Maxixi - Maxixe, fruto do Maxixeiro, planta escandente, da família das Cucurbitáceas (*Cucumis anguria*), de origem africana.

<sup>1017</sup> Gergelim - Planta herbácea, originária do Oriente, pertencente à família das Pedaliáceas (*Sesamum indicum*).

<sup>1018</sup> Cajú - Caju. Pedicelo tuberizado, comestível, do fruto do cajueiro. O Cajueiro é árvore da família das Anacardiáceas (*Anacardium occidentale*).

## Fólio 391r

quallidade que tocado na carne fas logo chaga como de fogo/ ha sinco diversas castas vermelhos, roxos, amarells, bran-/cos, e todos estes de diversos feitios, os arvoredos grandio-/sos, madeira muito boa para obras caseiras, as folhas aro-/maticas, a casca do tronco da tintas vermelha e preta, boa/ para os curtumes, e para estancar sangue e diareas, a re-/sina que brota pella casca muito boa goma, e bebida/ tambem estanca cursos e retem os fluxos de sangue./ Ha outros nativos dos campos, rasteirinhos que não pasaõ/ as varas de dous e tres palmos./

Cajá<sup>1019</sup> he fructa de pouco proveito/ que só secome por acipipe mais conveniente para os ani-/mais que para a gente he de tres quallidades mayores me-/nores e minimos os troncos grandiosos sem prestimo algum/ por mole e branda a cortisa proveitosa a sustancia della/ para estancar cursos, e oppressoens das almoeimas./

Jaracateá<sup>1020</sup> he fructa dos matos/ saborosa e sustancial que sustenta a gente e animais fria bas-/tante mente quem come muitas e continuadas causa desen-/terias e demencias pella complicasam que tem com os humo-/res epicondrios cresem os troncos que não ospode hum/ homem abrasar e tam brando que com huma faca sede-/ribam./

Bacuhi<sup>1021</sup> he fructa do grandor de hua/ lima amarello quando maduro de muito bom sabor e susten-/to cresem os troncos en grandes arvoredos, e a madeira mui-/to boa para toda a obra manual./

Ariticú<sup>1022</sup> he fructa de bom cheiro. e melhor sabor as pevides venenosas, achaõce de tantas espe-/cias que as não pude numerar sendo alguns de grandes ar-/

vo-//

## Fólio 391v

arvoredos, e outros tam rasteiros que não pasam de tres e quatro/ palmos, huns dos matos, outros dos campos, dos charcos, e das ma-/rinhas, as raises destas arvores he cortisa boa para mui-/tos usos neserarios./

Cumbarú<sup>1023</sup> he fructa do/grandor de/ hum limaõ que selhecome a casca de fora dece e saboro-/sa e quebrado hũ casco duro que tem, tiraselhe huma/ castanha como amendoa no sabor e aseite que selhetira; he/ de tres castas duas sam madeiras preciosissimas, para obras/ de muita estimasam./

Masaranduba<sup>1024</sup> he fructa do feitio/ e grandor de huma aseitona incarnada doce saborosa; a/ madeira das principais que chamamos madeira de ley./

Borici<sup>1025</sup> he fructo que só serve pa-/ra as aves de toda a quallidade a folha e casca do tronco boas/ para os curtumes./

Goabiropa<sup>1026</sup> he fructa de bom sabor/ e fraco sustento; achaõce de quatro quallidades humas de gran-/diosos

<sup>1019</sup> Cajá - O fruto da Cajazeira, árvore da família das Anacardiáceas (*Spondias lutea*). Segundo Guarim Neto (2006: 76): “Tanto o chá como a maceração da entrecasca do caule e do próprio fruto são indicados para o tratamento da hepatite”.

<sup>1020</sup> Jaracateá - Jaracatiá, planta da família das Caricáceas (*Jaracatia dodecaphylla*).

<sup>1021</sup> Bacuhi - Lapso por Bacuri? O Bacuri é árvore da família Clusiaceae (*Platonia insignis*), de fruto grande e carnoso, com polpa amarela muito apreciado como alimento, sobretudo no Pará; Bacurizeiro, Ibacurupari (Ferreira, s/d: 173).

<sup>1022</sup> Ariticú - Araticum, designação comum às espécies nativas do gênero *Anona*. Árvore do cerrado, da família das Anonáceas (*Anona crassiflora*), cujos frutos, enormes bagas múltiplas, doces, perfumadas e agradáveis ao paladar, chegam a pesar 2 quilos, e cujas flores são amplas e coriáceas. (Ferreira, s/d: 126). Moraes (1881: 48-49) distingue o Araticum apé, ou araticum da mata: “a fructa pode dar-se aos convalescentes. As folhas, bem quentes, e postas sobre os tumores inflammatorios, promovem a suppuração com brevidade. O suador feito com o cozimento das folhas faz desaparecer às febres intermitentes, e isto antes de principiar o accesso. As folhas soccadas, e applicadas sobre os botões syphilliticos, os faz suppurar com rapidez”, o Araticumpaná ou caca, ou araticum da praia (“O cozimento feito com a casca, e a raiz desta arvore, serve para banhos no rheumatismo, e é contra o veneno de cobra”), o Araticum de areia. e Araticum do rio (“As sementes, reduzidas a pó, e postas sobre as ulceras comichosas das crianças, matam o bicho das sarnas, e curam-n’as em pouco tempo”).

<sup>1023</sup> Cumbarú - Cumbaru, árvore da família Fabaceae (*Dipteryx alata*). Segundo Guarim Neto (2006: 80): “Através do chá, tanto as cascas do caule como as folhas desta espécie têm uso contra disenterias. No uso externo serve para a limpeza de feridas”.

<sup>1024</sup> Masaranduba - Maçaranduba, designação comum a duas árvores da família das Sapotáceas, *Manikara elata*, do Leste, e *Mimusops huberi*, do Norte.

<sup>1025</sup> Borici - Murici, designação comum a várias espécies do gênero *Byrsonima*.

<sup>1026</sup> Gorabiropa - Guabiropa. O mesmo que Araçá-felpudo. arbusto da família das Mirtáceas (*Psidium incanescens*).

<sup>1027</sup> Joas - Juá, o fruto do Juazeiro, árvore alta e copada, da família das Ramnáceas (*Zizyphus joazeiro*).



arvoredos outras menores somenos, e minimas rasteiras que produzem pellos campos./

Joas<sup>1027</sup> he fructa que tem a arvore/ rasteira e espinhosa de quatro castas huns incarnados do ta-/manho de mosquetes doces e saborosos, outros roxos, e huns/ amarellos como limoens venenosos, e purgativos tomados/ em ajudas as pessoas obstructas e caregadas de humores crus./ fallos purgar dous e tres dias com muito aproveitamento da/ saúde; mas he nesario ser en sua conta senão mata. Há outros mais pequenos lavrados, que saõ menos violentos./

Arebenta cavallo<sup>1028</sup> he uma fructa/ incarnada redonda como hũ limaõ a rama rasteira espinhosa/

sem//

### Fólio 392r

sem sabor nem cousa que selhecoma; cosidas e bebido e cosimen-/to aproveita para as retensoens de ourina sejaõ de quallidade/ que for, e fritas em aseite fasem arebentar as postemas./

Pitanga<sup>1029</sup> he fructa semelhante as ginjas<sup>1030</sup>/ da Europa as arvores fermosas como as da murta as folhas aro-/maticas nativas dos campos e areaes os fructos entre doces/ e asedos, a folha socada quente posta em implasto sobre as pon-/tadas sam de muito proveito./

Mamaõ<sup>1031</sup> he fructa doce saborosa/ crese o tronco en bastante altura e muito moles. Ha de qu-/atro castas, comense en verdes feitos en varios guisados/ e maduros por fructo que serve de sustento./

<sup>1028</sup> Arebenta cavallo – Arrebenta-cavalo. Erva da família das Solanáceas (*Solanum aculeatissimum*).

<sup>1029</sup> Pitanga - Fruto da Pitangueira, planta cujo porte varia desde subarbusto, nas proximidades do mar, até árvore, na restinga próxima às montanhas, própria das areias litorâneas (*Eugenia uniflora*) [família das Mirtáceas], de folhas delgadas e com odor *sui generis*, flores minutas e alvas, e cujo fruto, a pitanga, é uma baga vermelha e angulosa, agridoce, bastante saborosa (Ferreira, s/d: 1104). Para Moraes (1881: 330): “O cozimento das folhas, em banhos, é utilissimo nas dores quer rheumaticas, gottosas, e quer venéreas. O fructo é acido, refrigerante e calmante do sangue, tornado em limonadas. Com a fruta (pitanga) faz-se doce de calda, e apreciada geleia, limonadas, e excellentes sorvetes gelados”.

<sup>1030</sup> Ginja - Fruto da Ginjeira, árvore da família das Rosáceas, variedade de cerejeira. O fruto é uma espécie de cereja de um vermelho mais escuro que o da comum, e de sabor agradável.

<sup>1031</sup> Mamão - *Carica papaya*, da família das Caricáceas.

<sup>1032</sup> Melancia - Planta herbácea, prostrada, da família das Cucurbitáceas (*Citrullus vulgaris*), de origem africana.

<sup>1033</sup> Melloens - Melão, fruto do meloeiro, planta rasteira e herbácea, da família das Cucurbitáceas (*Cucumis melo*).

<sup>1034</sup> Abobras - Abóbora, fruto da Aboboreira, designação comum a várias espécies do gênero *Cucurbita*, da família das Cucurbitáceas.

<sup>1035</sup> Morangas - Variedade de abóbora (*Cucurbita maxima*).

<sup>1036</sup> juramu - Jerimum. Trepadeira da família das Cucurbitáceas (*Cucurbita pepo*).

<sup>1037</sup> Axuma - O autor não fornece nenhuma pista sobre esta planta. Existe uma ‘Guaxuma’, ou ‘Guaxima’ (do tupi *wa'sima*), da família das malváceas (*Urena lobata*), de fibras têxteis, e dotada de propriedades medicinais; também chamada Guanxuma, Uaicima. É designação comum, também, a diversas espécies do gênero *Sida* da mesma família, particularmente da *Sida rhombifolia* (Ferreira, s/d: 712).

<sup>1038</sup> Japarandí - Jaborandi. Arbusto da família das Rutáceas (*Pilocarpus jaborandi*) e outras espécies.

<sup>1039</sup> Uvapuranga - No *Diccionario de botanica brasileira* de Joaquim de Almeida Pinto (1873), consta “Ivapiranga (= Uvalha?) = *Eugenia uvalha* St. Hil. Fam. das Myrtaceas. Esta outra especie de ‘Ubaia’, conhecida sob o nome de ‘Uvalha’.

<sup>1040</sup> Não identificada.

<sup>1041</sup> Não identificada.

<sup>1042</sup> Não identificada.

<sup>1043</sup> Uva camuci - O Pe. Femão Cardim (1625; 1978: 42) cita “*Igbacamuci* - Destas arvores há muitas em São Vicente: dão humas fructas, como bons marmellos da feição de huma panela, ou pote; tem algumas sementes dentro muito pequenas, são único remedio para as camaras de sangue”. Rodolfo Garcia comentou (in Cardim, 1978: 77): “*Igbacamuci*, *arbor ignota*, segundo Martius, Em Marcgrav, *iba-camuci*. De *ybá*: fruta, *cambycy* ou *camucy*, pote: pote de fruta, conforme a descrição do Autor”. Deve ser o Cambuci, árvore da família das mirtáceas (*Paivea langsdorffii*), de fruto semelhante ao cambucá (Ferreira, s/d: 263).

<sup>1044</sup> Não identificada.

Melancias<sup>1032</sup>, melloens<sup>1033</sup>, abobras<sup>1034</sup> morán-/gas<sup>1035</sup>, juramus<sup>1036</sup> tudo histo hade muitas variedades trasidas/ humas de fora, e outras naturais da America que pellos/ sertoens seachaõ. Coroas que pertencem a esta classe estima-/ dos pello cheiro, ha incarnados, roxos amarelos, e pretos qu-/ ando maduros todos naturais dos nossos sertoens.

Axuma<sup>1037</sup>, Japarandi<sup>1038</sup>, uvapuranga<sup>1039</sup>,/ uvauna<sup>1040</sup>, uvapitanga<sup>1041</sup>, getaiva<sup>1042</sup>, uva camuci<sup>1043</sup>, Juserana<sup>1044</sup>, Caga-/eteira<sup>1045</sup>, sam todas fructas de menos estimasam.

Laranjas<sup>1046</sup> enquanto as que chamamos/ da China, com o nome trassem a naturallidade; as que chama-/mos da terra que ha doces e azedas sam naturais da America prin-/cipal mente/de nosos districtos adonde seachaõ pellos matos/ en muitos lugares, boas para sustento, e medicinas; as raises cosi-/das, bebido o cosimento desfas as postemas internas, e para lavar/ saõ semelhantes ao marfim, de que sefabricaõ muitas obras cu-/

riosas//

### Fólio 392v

riosas; ha outras laranjas do grandor da cabeça de um homem/ cascudas que para doces saõ procuradas, trasida a planta/ da Etyhopia oriental adonde sam naturais. E as tang-/erinas<sup>1047</sup> que com o nome trassem a naturallidade que he Tan-/ger de donde pasou a Portugal e dahy ao Brasil As li-/mas<sup>1048</sup> e limoens<sup>1049</sup> doces sam tambem asiáticos, e os limoens aze-/dos naturais do Brasil adonde sevem matos serados/ delles sem outra alguma planta como semostr na Capita-/nia da Parahyba do Sul./

Cacáo<sup>1050</sup> estimado e usado hoje entre mui-/tas gentes sem mais predicados que ser invento de Reys que/ disem foraõ os motesumas de Mexico. Histo basta para/ que todo que que [sic] quer ser Cavalheiro, não esteja sem/ chocollate en casa, commullandolhe virtudes que nunca teve/ e so mentes selheacha a de tirar o dinheiro de huns para dar/ a outros. Ha de duas castas legitimo e bastardo natural dos/ matos; as fructas como cidras cheas de humas castanhas a-/rumadas, que secas e moidas he a masa que secompo-/em o chocollate brota as fructas pegadas ao tronco adonde/ brota as flores; he quente, amargoso, desecativo lansa/ desi hum lemitado oleo sito das mesmas quallidades, o sa-/bor e proveito que selheacha he da baonilha, selhbotaõ/ dos ovos e do asucar./

Ananás<sup>1051</sup> he fructa notavel pello chei-/ro e sabor, e ser nascida de huma sepa que nem forma de/ arvore tem, he saboroso antidoto contra venenos,e desco-/gullante que desfas postemas, e obstrucçoens, e athe o fe-/rro gasta, desco-/bri delles septe diversas castas todos nas-/cidos pellos matos dos nosos destrictos, as folhas batidas e la-/

va-//

### Fólio 393r

vadas daõ huma febra admiravel para fabricar panos/ e cordoaria forte lustrosa e admiravel/

Gragoata<sup>1052</sup> imita o ananaseiro na forma/ de tantas variedades que naõ tem numero, huns nascidos/ na terra,

<sup>1045</sup> Cagaiteira - Provavelmente *Eugenia dysenterica* (Myrtaceae).

<sup>1046</sup> Laranja. O fruto da laranjeira, árvore da família das Rutáceas (*Citrus aurantium*, também dita *C. sinensis*). Originária da Ásia, cultiva-se na maior parte do globo, e apresenta inúmeras variedades, às vezes bem diferentes da espécie original.

<sup>1047</sup> Tangerinas são os frutos do Tangerineiro, árvore de até 3 m de altura, da família das Rutáceas (*Citrus nobilis*), originária da China.

<sup>1048</sup> Referência aos frutos da limeira, árvore da família Rutaceae (*Citrus aurantifolia*).

<sup>1049</sup> O limão é o fruto do Limoeiro, arvoreta espinhosa e aromática, da família das Rutáceas (*Citrus limonum*).

<sup>1050</sup> Cacáo - Cacau, o fruto do cacauero, arvoreta da família das Esterculiáceas (*Theobroma cacao*).

<sup>1051</sup> Ananás - Em geral o vocábulo Ananás é sinônimo de Abacaxi, planta da família das Bromeliáceas (*Ananas sativus*). Neste trecho o termo 'ananás' é usado por Sáa para designar em geral as infrutescências das bromeliáceas, na grande maioria extremamente ácidas e não comestíveis, com exceção do abacaxi propriamente dito.

<sup>1052</sup> Gragoata - Caraguatá, designação comum a vários gêneros da família das Bromeliáceas.

<sup>1053</sup> Não identificada.

outros sobre as arvores, e outros pellos rochedos, brotaõ/ alguns fructos, outros flores, e outros nas folhas tem o fructo/ que he a febra boa e proveitosa para tesar panos, redes/ e cordoaria, e outros que ostem nas raises que selhesco-/mem como sebolos. Os/que chamamos pitas<sup>1053</sup> cujas tosas saõ/ taõ grosas que ocupaõ duas e tres brasas de terra, as folhas/ seis e septe palmos de compridas, e huma astea de trinta, e as veses mais palmos; lansa esta muitos garfos cobertos de/ flores brancas como angelicas formando huns vistosos e/ fragantes ramalhetes. As folhas batidas e lavadas daõ hua/ preciosa febra alva, e forte de que sefasem tesumes de/ toda a quallidade para uso das gentes, a sustancia serve/ de sabam para lavar as roupas, e cosida ao fogo ingrosa/ e fas mellado doce como da cana, e qualha em asucar mui-/to fresco de proveito para toda infirmitade de quentu-/ra e muito bom cordeal cujas utilidades ficaõ para os vindouros./

Cardos<sup>1054</sup> saõ fructas que nascem/ pegadas a humas asteas esquinadas espinhosas de que já/ dei noticia saõ vermelhos, roxos, e amarells; os mais nota-/veis he o cardo ananas por ser semelhante na fruta, sam/ estes incarnados nascem sobre os troncos das arvores, e ro-/chedos, cheiro nenhum o sabor singullar entre todas/ as mais fructas a virtude sancta por ser cordeal para/ febres, e malignas; para colher huma fructa destas maduras/

hé//

## Fólio 393v

he nesario grandes deligencias pello muito que as procuraõ/ as aves tanto que en verdes as vaõ comendo./

Mocohú<sup>1055</sup> he fruta do grandor de hũ limaõ/ preta quando madura. Camboises<sup>1056</sup> sam como perdigotos/ amarells nativos das prayas e areaes. Murtinhos<sup>1057</sup> he fru-/cta da murta que he de muitas castas./

Manga<sup>1058</sup> he fructa estimada nas povo-/asoens maritimas trasidas das Indias orientais, achaoce/ pellos nossos sertoens com diferenca nas arvores./

Amará<sup>1059</sup> he fruta dos nosos sertoens seme-/lhantes ao marmello na forma, e sabor muito melhor os arvo-/redos grandiosos caregaõ tanto que huma só arvore/ pode incher hũ grande payol comense cosidas, asadas e cruas./

Jaboticába<sup>1060</sup> he fruta preta redonda/ como hũ limaõ doce saudavel fabricase della vinho/ muito bom, e vinagre; brotaõ pegadas pellos troncos da/ rais the a rama que sam grandes arvoredos ha de qua-/tro castas, entre ellas humas amarellas./

Pequihy<sup>1061</sup> sam humas fructas redondas a-/marellas quando maduras, abrem a casca de sima achaoce/ tres castanhas como ovos de gallinha com huma polpa/ por sima fragante e saborosa, raspada esta amasase e go-/ardase, he o mesmo que manteiga para frigar, e adubar/ os guisados, e a castanha de dentro he semelhante a a-/mendoa que tam [sic] da desi aseite; he de duas castas os/ arvoredos grandiosos sendo dos matos, e os dos campos somenos./

Goaramixama<sup>1062</sup> he como perdigoto a arvo-/re dellicada a folha aromatica, enga he semelhante a fa-/va ha de sinco castas; Mocuge<sup>1063</sup>, Bacropari<sup>1064</sup> de septe/

di//

<sup>1054</sup> Cardos - O autor refere-se aos cactos (Cactáceas) em geral.

<sup>1055</sup> Não identificada.

<sup>1056</sup> Não identificada

<sup>1057</sup> Não identificada.

<sup>1058</sup> Manga, fruto da Mangueira, árvore da família das Anacardiáceas (*Mangifera indica*), de origem asiática.

<sup>1059</sup> Não identificada.

<sup>1060</sup> Jaboticábas - Jabuticaba, fruto da Jabuticabeira, árvore da família das Mirtáceas (*Myrciaria cauliflora*).

<sup>1061</sup> Pequihy - Pequi, árvore da família das Cariocaráceas (*Caryocar brasiliense*).

<sup>1062</sup> Goaramixama - Grumixama, fruto da Grumixameira, árvore da família das Mirtáceas (*Eugenia brasiliensis*).

<sup>1063</sup> Mocuge - Mucujê, árvore da família das Apocináceas (*Couma rigida*).

<sup>1064</sup> Bacropari - Bacupari. Designação comum às seguintes espécies de plantas. 1. Arbusto da família das Eritroxiláceas (*Erythroxylum exaltatum*). 2. Arbustos da família das Hipocrateáceas (*Salacia cognata*; *Salacia elliptica*; *Salacia laxiflora*; *Salacia paniculata*).

<sup>1065</sup> Umbú - Fruto do Umbuzeiro ou Imbuzeiro, arvoreta muito copada, da família das Anacardiáceas (*Spondias tuberosa*), própria da caatinga.

<sup>1066</sup> Não identificada.

<sup>1067</sup> Não identificada.

<sup>1068</sup> Não identificada.

## Fólio 394r

diversas castas, Umbú<sup>1065</sup> comeselhe a fructa carais [?]; Guti<sup>1066</sup>, Pa-/peába<sup>1067</sup>, Apépé<sup>1068</sup> todas fructas de menos estimação./

Pinhão<sup>1069</sup> são os fructos/do pinho de quatro/ quallidas [sic] produzem entanta abundancia que he susten-/to comum das gentes, das aves e dos quadrupes, colhen/se enchense payoes que durao de hum anno a outro/ fasem delles farinha, pam biscouto e outros muitos guisados./

Janipabo<sup>1070</sup> he fructa estimada que/ sustenta a gente e a madei-/ra preciosa para muitas obras/ dos servisos nesesarios das gentes./

Mangaba<sup>1071</sup> he arvore que nasce/ pellos campos mais estéreis pello que senaõ pode cultivar/ e a fructa das demais estimasaõ que seachaõ pellos no-/sos sertoes. Pesegos sam estrangeiros en nosos lugares/ e produsidos ental forma que seachaõ en sertos lugares/ matos delles serados como sefossem naturais./

Goayabas<sup>1072</sup> de pouca estimasam pelo/ muito que produzem, e de muito proveito que servem/ de sustento a gente e aos animais; a rama, e folha medici-/nal para muitas queixas. Arasa<sup>1073</sup> seo semelhante de sinco/ castas a fructa de menos proveito, e as ramas diversas nas/ quallidades sendo algumas tambem de proveito./

Sapocaya<sup>1074</sup> he fructo como a castanha/ sabores [sic] e sustancial cujo tronco he hum dos mais celebra-/dos entre as madeiras de ley; ha de sinco castas; da cas-/ca do tronco tirase estopa para o uso das embarcaosens/ e toda a cordaria; as cabasas donde tem as castanhas sam/ durisimas e servem de baldes para serviso das casas/ ha outras semelhantes com o proprio nome de castanha [sic] lixo-/

sas//

## Fólio 394v

sas de que setira muito e bom aseite para comer e para/ os candieiros./

Marmeladas<sup>1075</sup> sam fructas asim cha-/madas pello bom sabor e nutrimento, achao-ce de seis castas/ humas de arvores avultadas as fructas como laranjas, ou-/tras somenos de varias quallidades, e humas minimas como/ ovos de pomba caraminha de hum polegada com hua/ ou duas folhitas como unhas; que he materia de ademi-/rasam ver hum plantinha tam lemitada, nascida nos/ campos mais extereis sem semente nem progenitor, que semente nenhua tem; tam facunda que brota desi du-/as e tres fructas da forma dita saborosas, sustanciais, e sau-/daveis, sem mais cultor que a

<sup>1069</sup> Pinhão - Cada uma das sementes contidas na pinha do Pinheiro-do-paraná, grande árvore da família das Araucariáceas (*Araucaria angustifolia*).

<sup>1070</sup> Janipábo - Jenipapo, fruto do Jenipapeiro, árvore baixa e grossa, da família das Rubiáceas (*Genipa americana*). “O chá da casca é usado no processo de emagrecimento. É apontado o seu efeito diurético” (Guarim Neto, 2006: 82).

<sup>1071</sup> Mangaba - Fruto da Mangabeira, árvore da família das Apocináceas (*Hancornia speciosa*). Segundo Nunes, Silva, Resende & Siqueira (2003: 87) serve para “dores na coluna, rins”.

<sup>1072</sup> Goayabas - Goiaba, fruto da Goiabeira, arvoretta da família das Mirtáceas (*Psidium guayava*).

<sup>1073</sup> Fruto do araçazeiro, arvoretta ou arbusto da família das Mirtáceas (*Psidium littorale*).

<sup>1074</sup> Sapocaya - Sapucaia. Árvore da família das Lecitidáceas (*Lecythes pisonis*).

<sup>1075</sup> Marmeladas - Segundo Corrêa (1984 (V): 148-150), existem: Marmelada-brava, *Amaioua guianensis*, da família das Rubiáceas; Marmelada-de-cachorro, *Alibertia myrciifolia* e *Desmodium leiocarpum*, ambas da família das Rubiáceas; Marmelada-do-campo, *Alibertia humilis*, outra Rubiácea; e Marmelada-macho, *Alibertia elliptica*, da mesma família. Sob *Alibertia edulis* (marmelada-bola), diz Guarim Neto (2006: 82): “O chá preparado com as folhas é indicado como calmante”.

<sup>1076</sup> Não identificada.

<sup>1077</sup> Figos - Figo, fruto da Figueira ou Figueira-da-europa, frutífera, da família das Moráceas (*Ficus carica*).

<sup>1078</sup> Gamelleira - Gameleira Existe a gameleira chamada Quaxinduba, árvore leitosa, da família das Moráceas (*Ficus anthelminthica*), comum nas matas úmidas, de folhas coriáceas e luzidias e cujo látex é dotado de propriedades vermícidas, por conter enzimas proteolíticas que atacam o revestimento mucoso protetor dos vermes; também conhecida por Figueira-brava (Ferreira, s/d: 1178). Outra espécie é a Gameleira-branca, árvore grande, da família das Moráceas (*Ficus doliaria*), de folhas alternas, verde- escuras e vermicosas na página superior, cujo receptáculo (figo) é grande e amarelado; fornece madeira branca, mole, leve e resistente, própria para utensílios de uso doméstico, e sua casca, quando incisada, exsuda látex viscoso, espesso, branco e de sabor adocicado. A Gameleira-de-veneno, por sua vez, é planta trepadora enquanto jovem, da família das Moráceas (*Ficus atrox*), de folhas alternas, ovadas e membranosas, com nervuras pubescentes, e cuja casca se suspeita ser venenosa” (Ferreira, s/d: 677).

maõ do Creador que provi-/dente asperpara para sustento das gentes, e animais. Uva/ pitanga<sup>1076</sup> he da mesma forma nascida nos campos sem mais/ arvore que huma vergasita como huma agulha./

Figos<sup>1077</sup> achao-ce de quatro quallidades/ de arvoredos grandiosos, sendo os mais proveitosos, alem dos/ que sefasem domesticos, os que brotaõ as arvores que cha-/mamos gamelleira<sup>1078</sup>, e os Espanhoes lebete; naõ nasce/ esta planta na terra, nem de semente; nasce sobre outras/ arvores ou rochedos, de donde brota humas vergas, que/ descem a cravar-se na terra, e tanto que prendem vaõ/ ingrosando e unindoce humas com outras the que formaõ/ hum tronco, que ingrosaõ de trinta, e quarenta palmos/ e as veses demais; he madeira branda facil de lavar/ boa para obras nesarias aos usos das gentes; he isto/ expecia de figueira<sup>1079</sup> e os fructos verdadeiros figos, picada/ a casca do tronco lansa hum leyte que ingros[sa sendo go-/

ar-//

## Fólio 395r

ardado de hum dia para outro, e he muito boa solda/ para osos quebrados, rendidos dos peitos, e da [sic] cadeiras, e ru-/tura das verilhas. As demais expecias de figueiras imitaõ/ a esta, mas nascidas na terra como as demais plantas, e os fructos mayores e menores./

Pimentas<sup>1080</sup> achaõ ce nativas da terra em/tantas diversidades que senaõ podem numerar, de varias/ cores e formallidades, sendo as mais notaveis as que os Espa-/nhoes chamao Axi, e entre nos as Comaris<sup>1081</sup> por melho-/res para o tempero, e medicinais./

Cabasas<sup>1082</sup> sam tantas as especias delas/ que naõ tem numero, ou senaõ podem numerar por se a-/charem encada lugar diversas especias, todas nesarias/ para os servisos das gentes principal mente dos gentios que/ saõ as suas alfayas; vi em synocesis suas alguns/ como quartolas capases de acomodar medida de tres/ e quatro alqueires, que se pellos portos de mar sea-/chase perdiaõ os tanoeiros a estimasam; outros que/ lhese servem de trombetas, achaõce alguns doces que secodem/ outros amargosos, e outros purgativos e as folhas boas pa-/ra desfaser obstrucçoens e apostemas; sendo nesta parte/ notaveis huns pequeninos como garrafinhas, mais que/ todos purgativos fortes e violentos./

Algodam<sup>1083</sup> he planta tam proveito-/sa que com seo fructo veste as gentes; achace entoda/ America natural da terra de tres castas 2 brãcas, e hua/ amarella chamada algodoim<sup>1084</sup>; desta especia he a plaina/ que nasce de grandes troncos de quatro especias duas al-/vas, e duas amarellas, de que tambem sefasem panos de/

pou-//

## Fólio 395v

pouca durasam, e he mais util para encher colxoens, e trave-/seiros para as camas./

Tacoara<sup>1085</sup> he huma planta seme-/lhante as canas de que seachaõ dversas especias, duras/ na superficie, ocas

<sup>1079</sup> Por Figueiras, de modo geral, no Brasil, designam-se várias árvores da família das Moráceas, pertencentes ao gênero *Ficus*, todas lactescentes, de folhas alternas, flores invisíveis, encerradas em receptáculo carnoso e oco (*figo*), maior ou menor, dependendo da espécie, o qual forma uma cavidade fechada. comunicando apenas com o exterior por um pequeno umbigo bracteolado e escamoso, estando as flores masculinas na parte superior e as femininas na inferior (Ferreira, s/d: 629).

<sup>1080</sup> Pimentas - Designação comum a diversas plantas Solanáceas.

<sup>1081</sup> Comari - Cumarim. Arbusto pequeno, da família das Solanáceas (*Capsicum frutescens*).

<sup>1082</sup> Cabasas - Cabaça ou cabaço, coité, cuieté, cuieté ou cuité são nomes aplicados à Cuia - o fruto da Cuieira - árvore baixa, da família das bignoniáceas (*Crescentia cujete*). Segundo Guarim Neto (2006: 78): “O chá dos frutos tem ação nos problemas de rededuras e das tosses”.

<sup>1083</sup> Algodam - Algodão. Conjunto de compridos pêlos alvos e entrelaçados, macios, que revestem a superfície das sementes do Algodoeiro. Aparecem em outras malváceas e em plantas de variadas famílias onde podem receber nomes especiais, como paina, por exemplo. Algodoeiro é nome aplicado a cada uma das várias plantas do gênero *Gossypium* que produzem o algodão, e das quais a espécie mais cultivada é o *Gossypium herbaceum*.

<sup>1084</sup> Segundo Baena, (1840: 39). o ‘Algodaim’ é “arvoreta semelhante ao Algodoeiro que produz algodão amarello mui próprio para ganhar”. Nada mais conseguimos saber sobre esta planta.

<sup>1085</sup> Tacoara - Taquara - Sinônimo de Bambu, Taboca. Gramínea (*Bambusa vulgaris* e *B. arundinacea*) caracterizada pelo colmo que atinge muitos metros de altura.

<sup>1086</sup> Tacoarusú – Taquaruçu (*Guadua tagoara*, Poaceae).

por dentro; sam todas uteis e nesarias/ para o serviso das casas de que sefasem sestos, ballayos, pe-/neiras, e outras mais alfayas. Nascem estas plantas cresem/ duram serto lemite de tempo, florem botam sementes/ e secam the as rais [sic]; nascem entã de novo das sementes/ e formã novos tacoarais; as sementes de algumas dellas ser-/vem de sustento a gente semelhante ao arros, e aos animais/ naõ menos; o tacoarósú<sup>1086</sup> que saõ os mayores e ingrosaõ de dous e tres palmos, os fructos que brotaõ são huns bichos<sup>1087</sup> que criaõ dentro na cavidade dos troncos; alvos/ como lagartas gerados da sustancia da planta na sua per-/feita madures; e depois de perfeitos broqueaõ o tronco/ saem para fora criaõ azas vaõ lograr do beneficio da/ vida; enquanto estaõ dentro na madre enque sam gera-dos, frictos desfazence em aseite de bom sabor de que/ se aproveitaõ as gentes para temperos de guisados, e outros/ misteres; histo fase com cautella por que os que se a-/chaõ mortos sam venenosos./

Palmeiras<sup>1088</sup> que commumente chama-/mos coqueiros, achaõce tantas variedades de especias que alem/ da que alem daquellas [sic] que lhedamos nomes proprios, achao-/ce outras tantas anomalas por campos, montes, e valles, to-/das fructiferas, e proveitosas; das suas disem os Asiaticos/ que tiraõ 365 utilidades, as da America se naõ chegaõ/ a produsir tantos centos dellas, sempre setiraõ todas aque-/

llas//

### Fólio 396r

<sup>1087</sup> É o chamado 'Bicho-de-taquara', uma larva de mariposa que broqueia as taquaras, *Myelobia smerintha*. Sobre esta mariposa, que o povo acredita transformar-se em ratos, ver o trabalho de Pereira (1941).

<sup>1088</sup> Palmeiras ou Coqueiros – Designação comum aos representantes da fam. Arecaceae, de aspecto muito peculiar pelo tronco indiviso e liso, e pelas folhas enormes, penadas, situadas no ápice.

<sup>1089</sup> Coco - Designação comum a numerosas espécies de palmeiras; mais restritamente, é o fruto ou a planta Coqueiro-da-baía (*Cocos nucifera*), cuja polpa é de largo uso na culinária brasileira, simplesmente ralada ou reduzida a leite, em doces, molhos etc.

<sup>1090</sup> Coquilho - Segundo Ferreira (s/d: 383) há duas acepções para este termo: uma se aplica à *Canna glauca*, da família das Canáceas, nativa na Amazônia, Bahia e Mato Grosso, de rizoma tuberculoso, comestível, caule e folhas glaucas, flores amareladas e cujo fruto encerra sementes de albume córneo; a segunda se aplica à amêndoa ou parte exportável dos cocos explorados para produção de óleo (babaçu, licurizeiro, etc.).

<sup>1091</sup> Andaya - Indaiá (do tupi *ini-yá*, 'fruto de fios'). Designação comum a várias palmeiras, muito elegantes, do gênero *Attalea*.

<sup>1092</sup> Andayorasú - Indaiá-açu. Barbosa Rodrigues (1903) diz que é a palmeira *Orbignia macrocarpa*.

<sup>1093</sup> Andaya merim - Indaiá-mirim, Segundo Barbosa Rodrigues (1903), a palmeira *Orbignia longibracteata*, a que também dá o nome de Indaiá-crespo.

<sup>1094</sup> Agoasú - Babaçu. Planta da família Arecaceae (*Orbignya martiana*).

<sup>1095</sup> Bacori -Bacuri. Não é uma palmeira, mas sim uma representante da família Clusiaceae (*Platonia insignis*).

<sup>1096</sup> Dende - Dendê. O fruto do Dendezeiro, de estipe anelado e erecto, da família Arecaceae (*Elaeis guineensis*).

<sup>1097</sup> Aque - Aguê. Termo não registrado (como nome de palmeira) no Dicionário de Ferreira (s/d). Segundo Barbosa Rodrigues (1903), é a palmeira *Cocos weddeliana* Wendt.

<sup>1098</sup> Jaraiva - Jaraúva, Jaraúba ou Jará, palmeira (*Leopoldinia pulchra*).

<sup>1099</sup> Não identificada.

<sup>1100</sup> Airi - Palmeira silvestre (*Astrocaryum ayri*).

<sup>1101</sup> Muçayába - Bocaiúva. Palmeira (*Acrocomia mokayayba*) encontrada em Mato Grosso; também chamada Mocajafba. Também *Acrocomia odorata*, igualmente de Mato Grosso. O nome Bocaiúva também se aplica ao Coco-de- catarro (*Acrocomia scleroparpa*).

<sup>1102</sup> Seriba - Serefba (alter. de *siriúba*). Designação comum a duas árvores características da vegetação de mangue, da família das Verbenáceas (*Avicennia nitida* e *Avicennia tomentosa*).

<sup>1103</sup> Pindoba - ou Pindova. Palmeira de belo porte (*Attalea compta*).

<sup>1104</sup> Não identificada.

<sup>1105</sup> Guariroba - Guariroba. O mesmo que Coqueiro-amargoso, a palmeira *Syagrus oleracea*.

<sup>1106</sup> Botea - Butiá. Palmeira (*Cocos jatahy*).

<sup>1107</sup> Oacaba- Bacaba. Nome comum a várias palmeiras do gênero *Oenocarpus*: (i). *Oenocarpus circumtextus*; (ii) *Oenocarpus multicalis*; (iii) *Oenocarpus tarampabo*.

llas que sam nesarias para os commodos da vida huma-/na; sam estas primeira mente o Mangues das costas occiden-/tais, Coco<sup>1089</sup>, Coquilho<sup>1090</sup>, Andaya<sup>1091</sup>, Andayorasú<sup>1092</sup>, Andaya merim<sup>1093</sup>/ Agoasú<sup>1094</sup>, Bacori<sup>1095</sup>, Dende<sup>1096</sup>, Aque<sup>1097</sup>, jaraiva<sup>1098</sup>, Penohy<sup>1099</sup>, Airi<sup>1100</sup>,/ Mucayába<sup>1101</sup>, Seriba<sup>1102</sup>, Pindóba<sup>1103</sup>, Pindobosú<sup>1104</sup>, Goariroba<sup>1105</sup>, Botea<sup>1106</sup>,/ Oacába<sup>1107</sup>, Tocúm<sup>1108</sup>, Tocum asú<sup>1109</sup>, Castisal<sup>1110</sup>, Boriti<sup>1111</sup>, Carandá<sup>1112</sup>,/ Aricana<sup>1113</sup> Tocumboca<sup>1114</sup>, Patý<sup>1115</sup>, Gisára<sup>1116</sup>, Peasába<sup>1117</sup>; Estas sam/ as palmeiras que lhes soube os nomes, tendo visto outras mui-/tas sem elles que poriso as naõ nomeyo; todas fructi-/feras, e pro-/veitosas, nos cocos que brotam os palmitos de/ que sesustentão as gentes, aseites que setirão dos cocos/ vinhos dos troncos, farinha que sefas de algumas/ dellas, e as folhas que sam as cobertas das casas por ser-/toens e povoados; e para tesumes de esteiras, sestos, ba-/llyos, chapeos, e outros muitos servisos commus [sic] das gentes./

Andaoasú<sup>1118</sup> he huma arvore de/ bastante altur, madeira branda, brota huns cocos re-/dondos cascudos abrem quando maduros e lansam de/si tres castanhas, destas tirada a casca dura achace hua/ amendoa saborosa, fresca e muito bom purgante./

Poxuri<sup>1119</sup> he arvoredado dos mayo-/res na altura e grosura do tronco, brota humas fructas co-/mo as nozes, tirada a/casca achaselhe huma castanha/ que abre enduas ametades a maneira de fava, duras/ como a nos noscada algum tanto aromaticas, de muito pro-/veito para dores de colica, flautos, e toda a queixa que/ padecem as mulheres no ventre, torraõ ce ao fogo para/ goardadas senão coromperem./

Fecto he planta que chamamos sa-/mambaya<sup>1120</sup> de diversa quallidade das mais arvores, que/

cobrem//

### Fólio 396v

cobrem en sertos lugares os campos a que chamaõ fectais o/ fructo que brota he na rais huns trosos amarellos como/ gengbre que he sustento da gente, e animais; e he boa/ solda para quebraduras, e roturas das verilhas. A-/chaõ-ce desta especie muitas diversidades sendo hu-/ma Avenca<sup>1121</sup> conhecida dos boticarios, outra chamada/ samambaya merim<sup>1122</sup>,

<sup>1108</sup> Tocúm - Tucum. Palmeira (*Bactris setosa*).

<sup>1109</sup> Tocum asú - Barbosa Rodrigues (1903) diz que é a sua espécie *Astrocaryum leiospastha*.

<sup>1110</sup> Castisal - Castiçal. Termo não registrado no Dicionário de Ferreira (s/d) como nome de palmeira. Barbosa Rodrigues (1903) emprega-o como designação popular da palmeira *Iriarteia exorhiza* var. *orbigniana* Drude.

<sup>1111</sup> Boriti - Buriti. Palmeira (*Mauritia vinifera*).

<sup>1112</sup> Carandá - Palmeira (*Copernicia alba*).

<sup>1113</sup> Aricana - Barbosa Rodrigues (1903) registra Aricana ou Aricanga, Aricanga-do-capão, Aricanga- da-vargem, Aricanga-da-terra-firme, além da var. *Guaricanga*, para suas espécies *Geonoma aricanga* e *Geonoma erythrospadix*.

<sup>1114</sup> Não identificada.

<sup>1115</sup> Patý - O mesmo que Coco-da-quaresma (*Syagrus picrophylla*).

<sup>1116</sup> Gisára - Juçara. Palmeira delgada, alta e elegante (*Euterpe edulis*).

<sup>1117</sup> Peasába - Piaçaba. Designação de palmeiras produtoras de fibras empregadas no fabrico de vassouras (*Attalea funifera* e *Leopoldinia piassaba*).

<sup>1118</sup> Andaoasú - Andá-açu. Árvore frondosa, da família das Euforbiáceas (*Joannesia princeps*).

<sup>1119</sup> Poxuri - Pixurim, árvore da família das Lauráceas (*Licuria puchurymajor*).

<sup>1120</sup> Samambaya - Samambaia. Designação de alguns fetos xerófilos e ornamentais da família das Gleiqueniáceas, pertencentes ao gênero *Dicranopteris*.

<sup>1121</sup> Avenca - Designação comum a várias plantas criptogâmicas da família das Polipodiáceas, principalmente do gênero *Adiantum*.

<sup>1122</sup> Não identificada.

<sup>1123</sup> Chasim - Xaxim. O tronco de certas samambaias arborescentes da família das Ciataáceas, muito usado em floricultura, e cuja massa fibrosa se constitui inteiramente de raízes adventícias entrelaçadas.

muito boa solda para toda a que-/bradura; outra chamada Chasim<sup>1123</sup> cujo tronco limpa/ a casca que he espinhosa feito en postas cosidas he/ sustento das gentes, e fiquemos aqui deixando o mais pa-/ra outra conferencia, e louvemos a Deos en suas o-/bras./

### III. OS AROMAS

Fólio 397r

#### Introduçãom/

Continuavão os aulicos na mesma materia os se-/us discursos, e tendo o curioso quesitor ouvido as narasoens/ pasadas, hinstou disendo: que plantas tam abundantes de flo-/res e fructos, não podiaõ deixar de producir tambem aro-/mas, e que quem tanto sabia de huma cousa, não ouve-/ra ignorar a outra, e que para integridade da impresa/ faltava ahinda esta parte./

#### Dialogo 11/

Felino: Sam os aromas um grande par-/tido das obras da omnipotencia, admiravel producçam/ da herballaria republica, preciosa porsam dos apolli-/neos thesouros. Sam symbolo da divindade: Ego qua-/si vitis fructificavi suavitatem odoris<sup>1124</sup>. Sam signi-/ficativos da virginal pureza: Sicut sinamomum [sic], et/ balsamum aromatisans odorem dedi, quasi Mirra [sic]/ electa dedi suavitatem odoris<sup>1125</sup>. Sam atractivos das/ vontades: Trae [sic] me, post te curremus in odorem ungu-/entorum tuorum<sup>1126</sup>. Sam symbolos da fertillidade: To-/ta que thuriferis Pancaya pinguis arenis<sup>1127</sup>. Como/ estas preciosidades nascem das plantas, levantaraõce as danosas naturallidades com tam aromaticos alentos,/ que prevalleseraõ aos montes de Pancaya, de Betel,/ e de Heliopolis; e se o Fenis tivera disto noticia, serto-/mente que vinha para cá de morada, para renascer com/ duplicados alentos; sahi pois aromas ao theatro, e vede/ qual será o primeiro. Saya pois o /

Ambar he este huma masa que sea-/cha pellas prayas do mar procurada das aves e quadrupes pa-/

ra//

<sup>1124</sup> *Liber Ecclesiasticus* 24, 23: “ego quae vitis fructificavi suavitatem odoris et flores mei fructus honoris et honestitatis”.

<sup>1125</sup> *Liber Ecclesiasticus* 24, 20: “sicut cinnamomum, et balsamum aromatisans odorem dedi, quasi myrrha electa dedi suavitatem odoris”.

<sup>1126</sup> *Canticum Canticorum* 1, 3: “Trahe me post te curremus in odorem unguentorum tuorum”.

<sup>1127</sup> Virgílio, *Geórgicas* II, 139: “*Totaque thuriferis Panchaia pinguis arenis*”. A ‘Pancaya’ era uma ilha mítica, sobre a qual judiciosamente disse Feijóo (1778: discurso 10, epígrafe VI, 22): “La *Pancaya*, fertilíssima de aromas, tan alabada de los antigos, tiene contra sí las diversas situaciones que le dan los Autores. Plinio la coloca en Egipto cerca de Heliópolis; Pomponio Mela en los Trogloditas; Servio, a quien siguen otros, comentando aquel verso de Virgilio del segundo de las Geórgicas: *Totaque thuriferis Panchaia pinguis arenis*, la pone en Arabia Feliz. Pero la opinión más famosa es la de Diodoro Sículo, que en el lib. 5 hace a la Pancaya Isla del Océano Árábico, muy abundante de incenso, y muy rica por la frecuencia de Mercaderes que concurrían de la India, de Escitia, y de Creta. Este último no puede ser, si no es que se diga, que esta Isla se sumergió como la Atlántida; pues hoy con los repetidos viajes a la India Oriental, están reconocidas cuantas Islas hay a todos aquellos Mares que bañan las costas Meridionales de África, y Asia. Fingieron los antigos ser la Pancaya Patria del Fénix; y es natural, que para cuna de una ave que nadie ha visto, buscasen una Región por donde nadie hasta ahora ha peregrinado”.

<sup>1128</sup> Constancio (1839: 183): “Na costa se encontrava âmbar, que todavia era mais frequente no Ceará, e as aves o comião com voracidade”.

<sup>1129</sup> Ambargri – Em Papavero, Martins & Ramos, (1997: 233) lemos: “Ao processar a digestão dos bicos de lulas e de outros itens alimentares, o estômago de certas baleias começa a acumular uma massa escura que forma um bolo ao passar para o intestino, onde recebe a adição de outros bicos de lula e detritos, crescendo à medida que novas camadas aderem a sua superfície até que todo o corpo resultante seja excretado e flutue nas ondas, sendo eventualmente atirado às praias em pedaços. A essa massa gordurosa, plástica e aromática formada sobretudo por álcoois não voláteis conferiu-se o nome de ‘âmbar-gris’, embora seu colorido seja na verdade muito variável, oscilando entre o branco e o amarelo ao cinzento e ao negro. Mais contraditório nos mares tropicais, o âmbar-gris parece ter chegado à Europa pelas mãos dos comerciantes árabes, que o traficavam como especiaria, sendo utilizado na fixação de perfumes e no tempero de determinados tipos de vinho tinto, além de servir de ingrediente na fabricação de remédios, pastilhas, círios, pós para o cabelo e pomadas. Seu preço atingia cifras astronômicas no final do século XIX, quando as farmácias européias e americanas vendiam cada onça (cerca de 28,34 g) a um guinéu de ouro. Ainda hoje é valorizado como droga antiespasmódica e por sua capacidade de intensificar e estabilizar fragrâncias. Embora possa ser encontrado em diferentes tipos de cetáceos, o âmbar-gris é produzido sobretudo pelo cachalote, *Physeter macrocephalus*, que antes podia atingir 20 m de comprimento e pesar cerca de 42 toneladas. Em geral, essa substância ocorria em pequenas quantidades no trato digestivo de apenas 1 ou 2 % dos cachalotes capturados pelos baleeiros, embora haja registro de uma massa de âmbar-gris com 420 kg, descoberta no intestino de um macho de cachalote com 13 m de comprimento”.

<sup>1130</sup> Mexueiro – “Mexueira” (âmbar pardo) em Silva (1813a; sob *âmbar*) e Vieira (D.) (1873, vol. 4).



## Fólio 397v

ra o pasto<sup>1128</sup>, e das gentes para esquesitos misteres; de tres di-/versas diferensas nas cores, a saber branco a que chamaõ Am-/bargri<sup>1129</sup>, pardo a que chamaõ mexueiro<sup>1130</sup>, e preto que he/ o infimo e que com mais abundancia seacha<sup>1131</sup>; todos eles/ com tam suaves fragancias que adonde estaõ senão po-/dem occultar. Sobre a producçam desta materia disse-/raõ os doutos dos tempos pasados cada hum o que quis/ muito a sua vontade; os poetas que eraõ lagrimas que/ derramaram as Cliadas pella desastrada cahyda de seo/ irmão Faetonte, exparsas na margens do rio Eridano/ adonde brotarão arvores, que continua mente destillavaõ/ este licor ouvid. [sic] lb. 2 Metamor./

Inde fluunt lacrimae stillata quae sole/ rigescunt./  
et ramis electra novis, quae lucidus annis/  
excipit, et muribus mittit gestanda latinis<sup>1132</sup>./

<sup>1131</sup> Gandavo (1567: 30r) foi o primeiro a citar os diferentes tipos de âmbar: “Ha todavia ambar de duas castas. s. hũ pardo a q’ chamã gris outro preto: o pardo he muy fino & estimado ã grande preço ã todas as partes do mudo: o preto he mais baixo nos quilates do cheiro, & presta p’ muito pouco segũdo o q’ dele se tem alcãçado: mas de hũ e outro, ha saido muito nesta prouincia, & sae oje ã dia, de q’ algũs moradores enriquecã & enriquecã como he notorio”. Brandão ([1618] 1887a: 25-26) teceu interessante comentãrio sobre o âmbar preto; disse que, em 1583, um seu criado que pescava “no rio do Estremo, achãra na praia grande quantidade de certa cousa, que logo me amostrou, com me metter na mão uma bola daquillo que dizia haver achado, a qual pesaria, segundo minha estimação, de seis para sete arrateis [2,754 a 3,213 kg], e que do semelhante era tanta a quantidade que estava na praia, junto d’agua, que gastaram elle e dous negros que comsigo levava, mais de tres horas em o acarretarem em uma fôrma, que fôra de assucar, e dous cabaços, até pôrem tudo desviado da praia e caminho entre alguns mangues, e que elle junto fazia um arrazoado monte. Eu era então novo na terra, e não havia visto nella nenhum ambar, posto que em Portugal me passara pela mão algum; mas, como era ambar gris, que vem da India, dava maravilhoso cheiro, com ser branco; e, pelo contrario, aquillo que o mancebo dizia haver achado, era uma cousa negra viscosa, que tinha o cheiro de azeite de peixe, e por esse respeito cobreí tanto asco de o ter nas mãos, que lancei a bola pela janella fôra entre umas ramas crescidas, ficando-me somente entre os dedos um pequeno papel em que o apertãra, cousa de tres para quatro onças [86,07 e 114,76 g], as quaes, acaso, por me despojar dellas, lancei dentro na gaveta de um escriptorio que tinha aberto, e despedi o mancebo que dizia ter achado, por que devia de ser alguma immundicie que sae à praia (...). Passaram-se tres annos, dentro dos quaes veio a esta terra do Reino um parente meu de muita obrigação, o qual querendi fazer volta outra vez pera lé, me foi necessario dar-lhe um papel de importancia, pera que o levasse comsigo, o qual não achava, e por esse respeito o busquei por todas as gavetas do escriptorio muito de espaço e em uma delas fui dar com o papel envolto naquella cousa, que ali tinha lançado, e como o tempo tinha já gastado o ruim cheiro de azeite de peixe e cobrado outro muito bom, mostrou claramente ser ambar; e de se achar alli estive confuso, por me não alembrar quando ou de que maneira o havia mettido naquella gaveta, ou donde me viera, todavia, examinando bem a memoria, vim a cahir no que havia precedido, com não pequeno pesar. E imaginando poder ainda dar remedio no que já o não tinha, mandei logo chamar o descobridor, que então era casado, e dando-lhe conta do que passava, faltou pouco pera se haver de enforçar, todavia nos puzemos ambos a cavallo, indo à parte onde ele achãra o ambar, com a qual elle já mal atinava, e por fim não achamos cousa nenhuma, com cahir na conta de que os carangueijos, aves e mais imundícies o deveriam ter comido”.

<sup>1132</sup> Cf. Ovidius (1826: 172-173, Lib. II, 364-366): “Inde fluunt lacrimae; stillataque sole rigescunt de ramis Electra novis; quae lucidus annis excipit, et nuribus mittit gestanda Latinis”.

<sup>1133</sup> Ambrogio Calepino (Bérgamo, Itália, ca. 1440-1510), prolífico e eruditíssimo humanista, autor de dicionários latinos que começaram a ser publicados desde 1502. Deste, Aldi publicou nada menos que 18 edições de 1542 até 1592. Ficaram tão famosos que “calepino” se tornou sinônimo de “dicionário”, de livros de notas etc. Há uma grandíssima quantidade de edições de seus dicionários, que posteriormente passaram a incluir também línguas estrangeiras, chegando em 1590 a incluir 11 delas.

<sup>1134</sup> “Electrum” aparece em muitas edições (p. e., Calepino, 1513, 1522, 1535, 1546, 1551, 1576: 418, 1654: 404; só para citar algumas). Em Calepino (1535: 261) lemos: “Electrum, gummi siue lacryma, succúsue ex arboribus pinei generis profluens, quod à Latinis succinum dicitur. Nascitur (ut inquit Plinius) in exoticis insulis, sub metalla specie, & glessum dicitur à Romanis, à Latinis succinum. Hinc Electriferas insulas glessarias, à cuius coloris similitudine puto eam misturam electrum dici, quae ex parte quadam auri & argenti conficitur, dicente Plinio libro 14. Aurum in quo quinta argenti portio est, electrum uocatur”, trecho referido por Sáa.

<sup>1135</sup> Os índios brasileiros já sabiam que o âmbar provinha de baleias. A mais antiga referência é a de Gandavo (1567: 29v-30r): “Nã me pareceo tamẽ cousa fora de proposito, tratar aqui algũa cousa das Baleas & do Ambar q’ dizẽ q’ procede dellas. E o q’ acerca disto sey, q’ ha muitas nestas partes as quaes costumã vir darribação a esta costa, ã hũs tẽpos mais q’ outros, q’ sam aquelles em q’ assinaladamẽte sae o ambar q’ o mar de si lança fora ã diversas partes desta prouincia. E daqui vẽ a muitos terẽ pera si q’ nam he outra cousa este ambar, senão esterco de Baleas: & assi lho chamã os Indios da terra pela sua lingua, sem lhe saberẽ dar outro nome. Outros querẽ dizer, q’ he sem nenhũa falta o esperma da mesma Balea: mas o q’ se tẽ por certo (deixado estas & outras erradas opiniões a parte) he q’ nasce este licor no fundo do mar, nã geralmẽte ã todo; mas ã algũas partes delle, q’ a natureza acha dispostas pera o criar. E como o tal licor seja mãjar das Baleas, affirmase q’ come tãto delle, ate se embebedarẽ, & q’ este q’ sae nas prayas, he o sobejo q’ ellas arrebbessam. E se isto assi nam fora desta maneira, & elle procedãra das mesmas Baleas por qualq’r das outras vias q’ acima fica dito, de crer he, q’ tamẽ o ouera da mesma maneira ã qualq’r outra costa destes Reinos, pois ã toda parte do mar sam gêraes. Quãto mais q’ nesta prouincia de q’ trato, se fez ja experiẽcia ã muitas dellas q’ saíram á costa, & dẽtro das tripas de algũas, achãram muito ambar, cuja virtude hiã ja digerindo, por auer algũ espaço q’ o tinhão comido. E noutras lhe acharã no bucho outro ainda fresco & ã sua perfeçam, q’ parece q’ o acabaram de comer naq’lla hora antes q’ morressẽ. Pois o esterco naq’lla parte onde a natureza o despede, nã tẽ nhũa semelhãca de âmbar, nẽ se enxerga nelle ser menos digesto q’ o dosa outros animaes. Por onde se mostra claro, q’ a primeira opiniã nã fica verdadeira, nã a segũda tã pouco o pode ser: porq’ a esperma destas Baleas, he aquillo aq’ chama balso, de q’ ha por este mar grade quãtidade, o qual dizem q’ aproveita pera feridas & por tal he conhecido de toda a passoa q’ nauega. Este ambar todo quãdo logo sae, vẽ solto como sabão & q’ si sã nenhũ cheiro: mas dahi a poucos dias se endurece, & depois disso fica tã odorifero como todos sabemos” O Pe. Vasconcellos (S. de) (1668: 280) tamẽ escreveu sobre o assunto: “Reoulue a multidão destes peixes [baleias] o profundo das agoas, & lança a praia tã grande quantidade de ambar, que tem enriquecido a muitos. No Searã he a mdr abundancia; achase por arrobas, & fazem dele menos caso os Indios daquelas partes, & o dão por retornos mui leues. Tal houve, que deu por hũa vez arroba & meia de graça a certo Portuguez. Chamão os indios ao ambar pirapuama repoti [literalmente bosta de baleia], porque tem pera si, que serue de pasto da balea, & sae dela às praias por vomitos. Perto desta Bahia sahio à costa outro monstro, posto que de diferente especie, que deu proua a esta opinião dos Indios: porque trouxe no ventre não menos que dezaseis arrobas dele, parte corrupto, & parte saõ. Quando isto escreuo defronte desta cidade da Bahia, no principio da praia da ilha chamada Taparica, se descobre grande quantidade de ambar finissimo, a modo de mineral; porque à enxada andão cauando grande numero de escravos a praia, & quasi todos achão pedaços enterrados, quaes grandes, quaes pequens, alguns de muita consideração”.

Isto he tomado o ambar por ele-/tro como seacha enmuitos autores latinos; mas este/ nome verdadeira mente era metal composto de ou-/ro e prata a que davaõ grande estimasam; e entre os mo-/dernos tomace pelo Alambre; e Ambrosio Callepino<sup>1133</sup>/ chama eletro a resina do pao do pinho<sup>1134</sup>, deixados estes/ principios que todos sam fabullosos e nominações en-/que vareaõ os escriptores, he hoje chamada esta pre-/siosidade dos latinos Ambarum, ou Ambar, fasendoa/huns bostas de animaes marinhos<sup>1135</sup>, outros betume que/ sae das intranhas da terra, outros que sam ervas, ou-/tros que he parte de algum insecto; e ultima men-/te sahio o noso Portugues Jacob de Castro Sarmiento/

no seo//

## Fólio 398r

<sup>1136</sup> Referência à esplêndida obra de Sarmiento (1735: 258-265), onde esse autor assim discorreu sobre o “*Ambar grisea; Ambar grís*”: “Esta he huma das Drogas, em que tem diferido muito de opinim os Naturalistas, entre as varias que ainda hoje andam na Materia Medica, sem se saber a sua verdadeira origem, e natureza. As commuas opinões, com que todo o Mundo, ainda o Literario, se tem até agora entretido sam, de huma parte, que esta sustancia he producçam de algum insecto, como o *Mel*, a *Seda*, &c. E da outra (a mais geral e recebida) que he hum Betume, que sahe das entranhas da Terra; motivo, que nos obriga a falar do Ambar gris neste lugar, ainda que improprio, depois de seu ultimo descubrimto. No Anno 1724, remetteo o Dr. *Boylston de Boston*, Capital da *Nova Inglaterra*, á Real Sociedade de *Londres* huma descripçam do Ambar gris achado pelos Pescadores das Baleas, que foram os primeiros, que o descobriram, nas Baleas machas, chamadas *Sperma Ceti*, em bolças ou bexigas junto das partes genitaeas; e depois desta notticia,\* [\**Transact. Philosoph. Reg. Societ. Londin. No. 385 Tit. xi*] se tem confirmado o mesmo descubrimto de que o Ambar gris se acha no corpo da Balea chamada *Sperma Ceti*, e he producçam animal, analoga ás que se acham em outros Animaes da Terra, como o *Porco do Almiscar*, ou *Taiacu*, o *Viado do Almiscar*, o *Carneiro Bezoar*, e outros Animaes amphibios, que tem o seu estimavel aroma em hum particular sacco, ou bexiga: E de todas as relações sobre esta materia, na que apresentou o Nobre *Paulo Dudley* na mesma Sociedade, em huma coriosa Dissertaçam historica das Baleas, tras mais autenticado o descubrimto, e confirmaçam do Ambar gris achado nellas, do mesmo modo, que lho comunicou o Senhor *Atkins* morador em *Boston* na *Nova Inglaterra*, e que tem assestido doze annos na pescaria da Balea, donde se acha este segredo natural revelado, e descuberta a verdade, que he filha do tempo. E como he tam exacta, e coriosa ditta noticia, a transcrevo pelas mesmas palavras, que se podem ver nas nossas *Transacções Philosophicas*,† [† No. 387. Titul. ii] para informaçam, e inteira satisfaçam dos Naturalistas. ‘O Ambar gris se acha sómente nas Baleas *Sperma Ceti*, e consta de bolas, ou corpos globulosos de varia grandeza, des de tres polegadas ate doze de diametro; e pezáram des de arratel e meyo, ate vinte e dous; andam separados em huma oval, e grande bexiga, de tres, ou quatro fés de comprimento, e dous, ou tres de fundura, e largura, quazi na figura de huma bexiga de Boy, e so os extremos mais agudos a maneira dos folles de hum ferreiro com hum bico, que vay penetrando pelo *Penis* dentro, e por elle adiante, e hum canal, ou ducto que abre no outro fim da bexiga, e que vem da parte dos *Rins*; esta bexiga está exatamente sobre os *Testiculos*, que tem mais de hum pé de comprimento, e está posta a o comprido na raiz d *Penis* á roda de quatro ou sinco pes por baixo do *Embigo*, e tres, ou quatro por cima do *Anus*. Este sacco, ou bexiga está quazi cheo de hum Licor alaranjado subido, não tam grosso como azeite, e tem hum cheiro grande, e ainda mais forte, e da mesma casta, que as bolas do Ambar gris que nelle andam, e nadam soltas; a parte interna da bexiga está toda tingida com a mesma cor do Licor, a qual se pode tambem ver no canal do *Penis*, as bolas mostram ser muito duras, em quanto a Balea está viva; e tanto, que muitas vezes se tem achado, a o abrir da bexiga, grandes lascas concavas da mesma sustancia, e consistência, que saltáram dellas; e as mesmas bolas parecem ser compostas de diferentes cascos, que se incluem huns em outros, a semilhança dos cascos de cebola. Em quanto a o numero das bolas do Ambar gris, o Senhor *Atkins* nunca achou mais de quatro em huma bexiga, e na bexiga em que achou huma que pezou vinte e hum arrateis, (a mayor que já mais vio) não havia outra mais que essa. Diz mais, ‘Que donde há huma Balea *Sperma Ceti*, que tem algumas destas bolas, se acham duas, que não tem cousa alguma mais que o sobredito Licor cor de laranja nas bexigas. Esta observaçam, se confirma pelo que outro pescador das Baleas me dice; que o Ambar gris somente se achava na quellas Baleas *Sperma Ceti* que sam já grandes, e velhas. He opinim recbida entre Pescadores, que o Ambar gris somente o produz o macho ou Balea Touro [‘touro’ nesta passagem não é o nome comum da baleia, mas a tradução de ‘bull’ do inglês, que significa o macho de um mamífero qualquer] *Sperma Ceti*. No que respeita a esta parte o Senhor *Atkins* diz, que nunca vio em sua vida, ou ouviu com certeza que se apanhase huma so femea *Sperma Ceti*, por serem as Vacas [‘fêmeas’] da quella especie de Baleas muito mais medrosas, que os machos, ou Touros, e quazi impossivel o chegar a ellas, excepto quando por ventura as acham dormindo na Agoa, ou detidas pelas suas Vitelas, ou Baleatos’. Deve nottarse, que estas Baleas que dam o Ambar gris, conforme a mesma Dissertaçam da historia natural dellas, differem muito das outras; porque estas chamadas *Sperma Ceti* sam cinzentas, e as outras negras, estas, o que se não acha nas outras, tem dentes de marfim na boca; e o mesmo Autor nos apresentou hum dente, que se acha no nosso *Musaeum*, tirado de huma Balea desta especie, da cabeça da qual se tiráram doze pipas do azeite *Sperma Ceti*; e sendo que o *Sperma Ceti*, que usamos na Materia Medica, não he outra cousa, que este azeite das Baleas, (o qual ainda que negro, fervendo-o em cenrada, ou decoado o fazem branco); se tem observado, que estas Baleas que dam o Ambar gris, tambem do seu azeite se tira o mais puro, e melhor *Sperma Ceti*. Achase o Ambar gris pela mayor parte por a quella parte da Costa de *Africa*, e Ilhas visinhas, que sahem de *Moçambique* para o Mar Vermelho; na Ilha de *S. Maria*; na de *Diego* junto de *Madagascar*, e por toda a costa ate o *Cabo de boa esperança*: O Ambar gris das Indias Occidentaes comumente se acha sobre as Costas das Ilhas de *Barmudas*, lugar da pescaria das Baleas, nas Ilhas do *Simbal* junto da Peninsula de *Jucatan*, e nos: Estreitos de *Bahama*; e porque nestes lugares vam dar á costa as Baleas mortas ordinariamente, e se achava nas prayas o Ambar gris em grande quantidade, he muito provavel, como o Autor citado observa, que da qui nacesse a primira sospeita de que o Ambar gris seria producçam da Balea. Os Indios das Ilhas do *Simbal*, depes de alguma tormenta, parecendo-lhes provavel que viesse o Ambar á praya, correm com toda a pressa para apanhalo, antes que cheguem certos passaros a o sitio, que costumam devoralo. A sua guia he o contra vento para perceber o cheiro, e muitas vezes seguem os mesmos passaros, para poder achalo. O Ambar gris se distingue em cinzento, e negro, o melhor he o primeiro; e como ambos se costumam adulterar, se conhecera que he genuino pela fragancia do seu cheiro, e se, mergulhando dentro huma agulha, ou alfenete quente, se derreter, e resudar para fóra huma sustancia gorda, e oleaginosa; o que não fizer isto he sophisticatedo. A grande volatilidade do Ambar gris se prova da nimia quantidade de *Effluvia* que de si lança, quando exposto a o Ar, que o dissolve, e por mais infinidade de particulas, que o cheiro percebe, he inconsideravel a parte do pezo, que se lhe diminue. Como a natureza do Ambar gris he oleosa, os menstrosos que o dissolvem sam tambem os oleosos. Entra o Ambar gris a servir a Materia Medica em sustancia, e em forma de essencia, ou Tintura; he hum excellente Cephalico, e Stomachico, aproveita nos Achaques do Utero, quando as Mulheres podem sem offença soportar o cheiro; e como conforta o genero nervoso, he admiravel remedio para conservar a memoria a os Homens de estudo. O uso deste aroma, na opinim do Illustre *Restaurador* de todas as Artes, e Sciencias,\* [\**Baco Verulam. Histor. Vitae, & Mort. Edition. Anglie. Vol. iii. Pag. 372*] contribue em grande maneira para a prolongaçam da Vida humana. Em sustancia se dá raras vezes, excepto junto com outros ingredientes, como por exemplo na seguinte receita, que conforta os nervos, e inclina, e provoca a *Venus*. Rx. *Toma de Confeçam de Alchermes huma onça, de Ambar gris hum escrupulo, margaritas preparadas duas oitavas, assucar fino hum arratel forme em Talhadas S. A. ajuntando-lhe de Oleo de Canella quanto baste*. A melhor medicina, que se faz delle aroma, e está mais em pratica, he a sua Tintura, ou Essencia, a qual he hum perfeito Cardiaco, Cephalico, Stomachico, e o mais effectivo Antehysterico. Sua dose he de gt. iij até x. e se pode dar em mayor quantidade, pois pelo que alcançamos da sua historia, os Indios tomam huma onça sem se lhe seguir a menor offensa. Entra tambem este simples na composiçam Galenica do *Spec. Diamb*\* [\**Pharmac. Colleg. Regal. Medic. Londin. P. 71*] a qual pelo seu effeito está na nossa Pratica em grande uso. Entra tambem o Ambar gris na famosa composiçam das Pedras cordeaes de *Goa*, e como exceptos a Pedra Bazar, e Almiscar, tudo o mais de que se compoem, sam Pedras preciosas, que nam tem virtude medicinal alguma, ás duas onças de Ambar, que entram em cada receyta, deve huma grande parte do seu effeito esta decantada medicina”.

no seu reyno mineral com a novidade de que no anno de/ 1724 descobrião os pescadores das baleas da nova In-  
glaterra na Ilha Neufet, ser o ambar humas bolas que/ tem estes animais dentro enhumas bexigas cheas de oleo/  
semelhante ao esparmacete [sic], de hum e outro lado dos/ genitais; e que assim se averigóara, e asentara no reyal cole-  
/gio dos medicos de Londres adonde o dito autor escreveu<sup>1136</sup>./

Eu com lisensa dos mais velhos, e do/ senhor Jacob de Castro e mais academicos do reyal co-/legio dos medicos  
de Londres, digo que mais alcança-/raõ os nos [sic] Indios do Brasil, que todos elles. Hé/ como sem duvida, e he  
notorio abundar a capitania/ do Seará desta preciosa droga tirada pellos In-/dios naturais do fundo do mar adonde o vaõ  
buscar/ e vendem por commutasam de outras alfayas de que/ caresem; sendo os que mais seoccupaõ neste imprego/ os  
moradores da Aldeya da Baupába<sup>1137</sup>, perguntados/ estes que cousa he ambar, respondem todos uniforme/ mente: que  
sam humas arvores nascidas no fundo/ do mar com os troncos curtos e grosos esgalhados<sup>1138</sup>, que/ os mesmos brasos  
lhes servem de folhas; que brotaõ/ estas desi huma resina que despregada e sahida/ as prayas, he o ambargrí, e a que os  
peixes comem,/ e bosteão são os demais cores, e que quanto mais/ corrupto mais negro; e todas estas diferensas  
mostraõ os ditos Indios, ãõ esperando que sayão as prayas/ mas hindoas buscar nos mesmos hortos adonde nasce./  
Achace pellas prayas da costa da America desde o Se-/

ará//

## Fólio 398v

ará the a Virginia. Seguese o/

Balsamo, he este aroma decantado/ en divinas e humanas letras, impregandoce em seus elogios/ as mais remon-  
tadas penas; por curativo das chagas/ o aplica a escriptura sancta: Nunquid resina non/ est in galaab? aut medicus non  
est ibi? quare igitur/ non est obducta cicatrix filae populi mei! Gere-/mia Cap. 8. n. 22<sup>1139</sup>. Por expresam da riqueza o  
poem/ o profeta Ezequiel: primo Balsamum, et mel, et oleum, et resinam proposuerunt in mundinis tuis. Cap. 27 n.

<sup>1137</sup> Ibiapaba, no Ceará, na época designando uma vasta região onde havia missões dos Jesuítas. O Pe. Antônio Vieira fala diversas vezes sobre o âmbar do Ceará (Vieira, 1736: 12 (“Hiaõ os mais ladinos delles [os Tabajara] aos navios, que passavaõ de largo, promettiaõ grandes tesouros de ambar pelo resgate das mercadorias, que levavaõ, e quando shiaõ com ellas em terra os compradores, succedialhe o que nestes ultimos annos aconteceo a huma nao da Companhia da Bolsa, de que era Capitaõ Francisvo da Cunha, o qual debaixo destas p´romeesas de ambar mandou á terra trinta soldados, e sahindo da praya ao rolo do mar outros trinta Indios forçosos para os tirarem ás costas, assim atados comsigo os meteraõ pelo mato dentro, e os matareaõ, e cosinharaõ com grande festa, e os comeraõ a todos, ãõ vendo os que ficaraõ na nao, mais que o fumo dos companhewiros, que ãõ cheirava ao ambar, porque esperavaõ. Esta era a vida barbara dos Tobabajarás de Ibiapába...”), 18 (“Ajudou muito esta esperança hum novo intento do Governador André Vidal de Negreiros, o qual chegou no mesmo anno ao Maranhão, resolutio a levantar huma fortaleza na boca do rio Camucí, que he defronte das serras [de Ibiapaba], para segurança do commercio da [sic] pao Violetem, que se corta nas fraldas delas, e do resgate do ambar, que a tempos sahe em grande quantidade naquelas prayas”), 100 (“em nenhuma das ditas missoens entrou a fazenda Real com despeza de hum só vintem, exceto na da serra de Ibiapába, aonde o Governador mandou hum barco, que conduzio a gente, o qual barco ãõ foy só a este fim, senaõ tambem a resgatar ambar”), 222 (“Apoz esta jornada se fizeraõ duas, huma ao Pacajá pela cubiça do ouro, e outra ao Camucí pela do ambar”). Southey (1862: 230) também diz “Cortava-se o pau violeta nas fraldas da serra de Ibiapaba, onde estas montanhas mais se avizinhavaõ do mar, e nas praias se encontrava muito ambar”.

<sup>1138</sup> Compare-se este trecho de Sáa com o que escreveu Brandão ([1618] 1997b: 99-100): Affirmaram-se dois homens dignos de fé e credito pelo haverem visto com o olho, que nas praias do Rio Grande, no Cabo Negro, um morador da mesma capitania, por nome Diogo de Almeida, condestable da fortaleza, achára nella um páo do comprimento de um braço e case da mesma grossura, que o mar lançára à costa, o qual tinha dous esgalhos de rama na ponta, um delles já quebrado, e outro inteiro, que tinha algumas folhas já seccas, que semelhavam as de assipréste; e por este páo vinha pegado ao modo que se faz a rezina pellas arvores tres ou quatro onças [86,07 e 114,76 g, respectivamente] de ambar-gris, muito bom, que parece que no fundo das aguas se criam tambem arvores, da sorte daquelle páo, que dão o ambar por rezina. E se assim é, enganaram-se os que entenderam até agora que nascia como arrecifes, e deram no alvo os que queriam que fosse rezina, porque o páo achado dá nisso bastante prova. É porque o haver-se achado este páo ãõ é cousa em que possa haver dúvida, faço volta a tratar dos mariscos...”.

<sup>1139</sup> *Hieremias Propheta* 8, 22: “*nunquid resina non est in Galaad aut medicus non est ibi quare igitur non est obducta cicatrix filiae Populi*”.

<sup>1140</sup> *Hiezechiel Propheta* 27, 17: “*Juda et terra Israhel ipsi institores tui in fumento primo balsamum et mel et oleum et resinam proposuerunt in mundinis tuis*”.

<sup>1141</sup> *Liber Iesu Filii Sirax* 24, 20-21: “*sicut cinnamomum et aspaltum aromatizans odorem dedi quase murra electa dedi suavitatem odoris et quase storax et galbanus et úngula et gutta et quasi libanus non incises vaporavi habitationem meam et quasi balsamum non mixtum odor meus*”.

<sup>1142</sup> “*Balsama autem si pura fuerint, tantam vim habent ut, si sol exanderit, sustineri in manu non possint*” (Cf. Migne, 1859: 623; Lindsay, 1911: *Etymologiarvm Lib. XVII*, viii, ix). A frase vai ser repetida posteriormente por Rabanus Maurus (cf. Migne, 1864: 936).

17<sup>1140</sup>. Por symbolo da puresa: sicut sinamomum et balsamum aromatisans odorem dedi::/ et quasi Balsamum non mistum odor meus. Ecle-/siast. Cap. 24 n. 20:: 21<sup>1141</sup>. He a unsaõ de que usa/ a Igreja Santa por signal externo da grasa remi-/civa que enalgunos sacramentos se resebe. De suas/ propriedades escreveraõ muitos e famosos autores;/ Santo Isidoro que tocado/do sol sefas insuperavel:/ Balsama autem si pura fuerint tutam vim habent/ ut si sol excanderit substineri manu non posint./ lb. 17 Cap. 8<sup>1142</sup> Que conserva os cadaveres incorruptos:/ Balsamum autem odorissimum, corpora mortua, á/ corrupcione perservat<sup>1143</sup>. cap. supra./

Procurando a minha delligencia/ pela natural inclinasaõ que desde a puericia me acom-/panhou de saber das cousas do mundo e da natureza; qual/ era a forma da planta do Balsamo/de que trataõ todos/ eses escriptores, revolvendo humanistas, naturallistas, Far-/

ma-//

### Fólio 399r

macopeas, escriptura sacra, expositores, e historiadores;/ nunca pude achar sertesa da formallidade de tal planta/ por pintar cada hum delles o Balsamo de huma diver-/sa forma. Huns que he semelhante a pareira, outros/ comparaõno com a aruda, outros com o mastruso, outros/ que he arvore de mediano grandor como a que levou/ Tito Vespasiano no carro do triumpho na conquista da Pales-/tina como huma das mayores preciosidades daquella re-/gião. Huns ofasem apurado por arte, outros exallado/ da planta natural mente, outros que care [sic; carece] de ser a arvore/ ferida para brotar; outros que o Balsamo só secria na/ Palestina, outros que no Egipto. Nesta variedade ou a-/vemos de asentar que qual quer licor cheiroso cha-/maraõ Balsamo, ou que são fabullosos todos eses que/ sedescревem; e quer de huma forma quer de outra lhes/ leva ventagem o de minhas naturallidades, por singular,/ e por verdadeiro./

He este hum dos mais altos e fron-/dosos arvoredos que secriaõ nestas regioens, chamado/ dos naturaes Caboreuba<sup>1144</sup>, ingrosa o tronco the 25 pal-/mos de duas castas hum vermelho outro pardo, ambos/ bons de lavar e de eterna durasam por que só o fogo/ o pode anichillar; tem hum e outro as folhas do compri-/mento de hum dedo e largura de dous a casca do pao toda/ reigada com os seus intercascos, desta lansa o seo preci-/oso licor por natural impulso/nos meses de Junho, Ju-/lho e Agosto entanta abundancia que lava todo/ o tronco do arvoredo por fora e insopa a terra entodo/ aquelle circuito duas e tres brasas ao redor; en intrando as chuvas de Septembro, lavaõ todo o oleo e não/

brota//

### Fólio 399v

brota mais enquanto duraõ as agoas; para secolher ajuntasse/ com huma colher aos bocadinhos que he grosso como melado/ enponto de coalhar; ou tambem poemselhe humas bolas de/ algodão chegadas a casca para imbeber, estando insopa-/das, esprememse nas vasilhas; e quem quer destruir os/ troncos cortao decepalhe as ramas metelhe huma pon-/ta enhuma fogueira [sic] de fogo e na outra põem as vasilhas/ a parar [sic], adonde esta corendo enbica, e nesta forma/ podemse encher toneis nestes nosos sertoens. Se os Bal-/samos decantados pellos escriptores fasiaõ fasiaõ [sic] mila-/gres, mayores maravilhas seachão nestes nosos como as/ experiencias nostem mostrado./

Cupaúba<sup>1145</sup> he oleo preciosissimo para/ todo o curativo, externo, e interno, e para a pintura. He/ um tronco que ainda ingrosa mais que o Balsamo, de/ tres castas, hum chamado oleo pardo por ser a madeira/ desta cor, que he quasi exteril: os dous tem ambos a ma-/deira vermelhasa de grande durasam, hum de casca lisa/ outro sarabulhenta e intercascada as folhas de todos elles/ semelhantes as do Limoeiro; não tem o oleo na curtisa/ como o Balsamo, mas sim no sentro do madeiro para se-/colher hade ser nos meses de Junho the Septembro daselhe/ hum furo no tronco alto do cham seis ou septe palmos,/ que chegue ao sentro, com trado, ou machado por don-/de brota o oleo enmais ou menos

<sup>1143</sup> Só encontramos essa passagem em A Lapide (1745: 429): “*Balsamum autem odoratissimum, quod corpora male affecta sanat, et mortua a corruptione praeservat*”.

<sup>1144</sup> Caboreuba - Cabriúva. Árvore da família Fabaceae (*Myrocarpus frondosus*).

<sup>1145</sup> Cupaúba - Copaíba. Árvore frondosa da família Fabaceae (*Copaifera langsdorffii*). De acordo com Nunes, Silva, Resende & Siqueira (2003: 87), sob “Bálsamo”, serve para “tosse, bronquite, machucado”. Segundo Guarim Neto (2006: 80): “O banho ou chás preparados com a casca do caule são tidos como anti-inflamatórios, usados ainda no tratamento das ‘constipações’ e dores de dentes. Utilizada também sob a forma de gargarejos. O óleo é também utilizado e tem época certa de se coletar”.

quantidade conforme/ a arvore sendo nova de menos rendimento, quanto mais/ velhos os troncos mais abundantes, e melhor oleo. Da casca/ do pao socada cozida e esprimida, fase hum extracto tam/ bom para o curativo como o mesmo oleo. E humas castanhas/ que/brota tambem boas para todo o curativo./

Alme-//

#### Fólio 400r

Almesega<sup>1146</sup> não menos celebre na aroma-/tica republica, sam troncos medeanos de duas castas, huns/ que ingrosaõ the des ou dose palmos a madeira parda/ e branda as folhas de hum dedo largura de dous a casca rei-/gada por donde lansa o oleo a maneira de mel cor/ de alambre; lava o tronco insopa a terra ao redor isto/ hé de Junho thé Setembro intrando as chuvas naõ/ produs mais. A outra expecia desta planta que commun/ mente he dos campos, sam arvores mais pequenas a cas-/ca lisa as folhas mayores brota pellos troncos o seo licor/ e pegado aos mesmos coalha enpaens duros e brancos co-/mo alvayade sem que chegue a corer. Tem as arvores/ a propriedade de huma e de outra de seenchergarem/ no obscuro de noite sem lus por hum como claram que/ desi brota, e cortada a casca, ou pao batendo com hua/ na outra no obscuro exhalla lus como de hum fusil/ que bate enpederneira, e sendo o pao ja seco passado/ dos tempos, vese de noite no obscuro de longe aque-/lle vulto como huma fantasma. E esta propriedade/ do pao ja pasado escarnado dos tempos, veremse no os-/curo, acontese en outras quallidades de madeiras./

Bocuúba<sup>1147</sup> é madeiro grandioso, dos/ que mais resistem aos tempos, há de duas especies branca/ e vermelha, a madeira cortada he vermelhasa, brotaõ humas/ fructas como pesagos, abrem pello meyo quando madu-/ras e lansam desi, e lansaõ desi [sic] huma castanha que/ tem uma codea a maneira de polpa, moida esta fica hua/ preciosa masa oleosa e aromatica a que chamamos bocu-/úba proveitosa para muitas obras medicinaes; a castanha de/

dentro//

#### Fólio 400v

dentro que é semelhante a nos noscada<sup>1148</sup>, moída e espre-/mida lansa outra diferenca de oleo mais craso e aroma-/tico; tem nisto tanta fe os naturais que/tendo bocúuba/ encasa tem toda a botica para curar todos os males. He/ quente croborante./

Jatahy<sup>1149</sup> he hum arvoredado grandioso/ ingrosa the 30 palmos madeira vermelha e preciosi-/ssima lansa desi huma resina, que com a continuasaõ/ de cahir no chaõ vai ficando en paens, derretida ao fogo he semelhante ao breo porem de bom cheiro, e bom/ para escaldar feridas que cura m<sup>o</sup> bem, e não menos/ feito em po lansado sobre ellas; usaõ as gentes delle para/ callafetar embarcassoens mais do que para o curativo.

<sup>1146</sup> Almesega - Almecegueira, nome dado à *Hedwigia balsamifera*, da família das Burseráceas, e a várias espécies do gênero *Protium*, da mesma família. Guarim Neoto (2007: 77) cita-a como *Protium heptaphyllum* e acrescenta: “Da casca do caule prepara-se o xarope que é utilizado no tratamento das tosse, bronquites e coqueluches”.

<sup>1147</sup> Bocuúba - Bicuiba. Designação comum a várias espécies do gênero *Myristica*, da família das Miristicáceas.

<sup>1148</sup> nos noscada - Noz-moscada’ o fruto da Moscadeira (*Myristica fragrans*), família das Miristicáceas.

<sup>1149</sup> Jatahy - Jataí. Sinônimo de Jatobá. Nome comum às seguintes espécies da família Fabaceae: *Hymenaea altissima*, *Hymenaea martiana*, *Hymenaea splendida*. Há ainda o Jatobá-da-serra (*Hymenaea correana*), o Jatobá-do-campo (*Cassia blanchetti*, *Hymenaea chapadensis* e *Hymenaea stigonocarpa*), e o Jatobá-vermelho (*Hymenaea rubriflora*), além do Jatobazinho (*Hymenaea velutina*), todas igualmente das Fabaceae (Corrêa. 1984 (IV): 500-505). Segundo Ferreira (s/d: 804), há ainda a *Hymenaea courbaril*. Sob *Hymenaea stigonocarpa*, comentam Nunes, Silva, Resende & Siqueira (2003: 87) que serve para: “bronquite, tosse, dores pulmonares, inflamações na bexiga (cistite aguda), hemorragias” e Guarim Neto (2006: 81) que “A resina que desprende da casca do caule, quando moída, é aspirada e utilizada no tratamento da sinusite. Quando deixada de molho, serve para as dores de estômago, do peito e das costas. O chá da casca é utilizado nas machucaduras do corpo humano e nas fraturas. Também é preparado um vinho da seiva desta espécie, tido como fortificante”; e sob “Jatobá-da-mata ou Jatobá-mirim (*Hymenaea courbaril*) diz que tem uso semelhante à espécie anterior (*H. stigonocarpa*).

<sup>1150</sup> Umeri - Umiri. Arbusto ou árvore da família das Humiriáceas (*Humiria floribunda*).

<sup>1151</sup> Apuhy - Apuí ou Apuizeiro. Designação comum às espécies *Ficus fagifolia* e *Ficus nymphaefolia*, da família das Moráceas.

Umeri<sup>1150</sup> he oleo precioso que brota/ tambem seo tronco pella cortisa procurado pelas obras/ medicinais e de bom cheiro./

Apuhy<sup>1151</sup> he hua arvore como a la-/rangeira espinhosa, picado o tronco brota hum leyte/ de bom cheiro e admiravel solda para toda a que-/bradura, goardado indurese como pedra, e para o a-/moleser, he lansarlhe outro de novo e chegalo a quen-/tura do fogo que vai unindo hum com outro./

Incenso<sup>1152</sup> achase nestes nosos matos/ semelhante ao que vem da Asia, não tam suave, com o cheiro mais forte alguma couza, como que tira a breo/ as arvores medeannas nativas dos matos virgens./

Axú<sup>1153</sup> he madeiro grandioso, páo/ mole a cortisa grosa picada esta lansa hum oleo bran-/casento tirado a vermelho, coalhado fica hum grude que/

arde//

## Fólio 401r

arde como alcatram lansando hum cheiro forte sem/ suavidade que sesente de muito longe./

Xaxá<sup>1154</sup> he arvore tambem de bastante/ altura madeira mole a casca lisa, picada/ esta lansa hum leite deque formaõ os moradores do Maranhão e para/ huns foles que servem de seringas para lansar ajuda;/ fasem bolas para jogar a pella, formam figuras jarras, e ou-/tras mais cousas; a fabrica he esta: picado o pau tirado/ o leyte goardado de hum dia para outro que coalhe/ temse feitas de baro as formas que querem de seringa/ de boneco co [sic], pomba, ou jarra; metendoselhe hum cabo/ de pao que fique huma ponta cravada na figura, e a/ outra adonde sepegue, secas estas ao sol, levaõce adon-/de esta o oleo vaiselhe com huma palleta pondo por/ sima pegandoselhe pello cabo que na forma está cra-/vado, estando coberta allisase e poense ao sol que a/ vai induresendo e logo llevão imprimindo os lavores/ que querem; estando bem dura levase a agoa, arancacelhe o cabo, e com ele sevai desfasendo o braro [sic] de/ dentro que como foy seco ao sol custa pouco desfaser,/ fica a forma de fora que he o oleo coalhado, ver-/dadeira mente como hum fole sem mais buraco,/ que aquelle donde tinha o cabo; e he materia depois/ de seca tam rija que so o fogo/anichila./

<sup>1152</sup> Não identificada.

<sup>1153</sup> Axú - Não sabemos a qual espécie se refere o autor do manuscrito. Existe o Axuá (do tupi *axu'á*), que se refere a duas espécies: *Saccoglottis guianensis* e *Saccoglottis excelsa* e a Axuara (do tupi *acuá + rana*) *Vantanea cupularis*, todas da família Humiriaceae.

<sup>1154</sup> Xaxá - *Hevea elastica* (Euphorbiaceae). Segundo Kidder (1845: 281-284) (em tradução): “O europeu aprendeu o uso da goma elástica ou borracha com os omáguas, uma tribo de índios brasileiros. Com a borracha os selvagens fabricavam diversas vasilhas semelhantes a garrafas e seringas. Era hábito desse povo presentear os convivas com tais utensílios, no início de suas festas. Os colonizadores portugueses do Pará foram os primeiros a empregar a goma elástica para outros fins, fabricando com ela sapatos, botas, chapéus e roupas. A utilidade desse material ressaltou do fato de ser o país muito sujeito a chuvas e inundações. Entretanto, hoje em dia, o desenvolvimento dos processos de fabricação ampliou enormemente a aplicação da borracha, a ponto de se tornar um artigo indispensável para a saúde e conforto de todo mundo civilizado. O nome indígena dessa substância é *cahuchu*, cuja pronúncia se aproxima bastante da palavra “*cauthuc*”. No Pará o artigo é geralmente conhecido pelo nome de borracha. É extraída da *Siphila Elastica*, árvore que atinge até 25 a 30 metros. Em geral cresce perfeitamente até 12 ou 15 metros, sem ramagem. A copa alarga-se consideravelmente e ostenta vistosa folhagem. À menor incisão que se lhe faça corre a goma que, a princípio, tem a aparência de um creme amarelo, espesso. No geral os seringueiros ferem as árvores pela manhã e no decurso do dia retiram uma tigela de goma. Essas tigelinhas, de formato especial, são moldadas à mão, em barro. Quando se enchem, passa-se o seu conteúdo para uma jarra. Imediatamente depois de colhida a goma pode ser usada. Para isso já estão preparadas formas de barro com a configuração de garrafas, calçados, brinquedos etc. Quando se trata da fabricação de calçado, é mais econômico adotarem-se moldes de madeira. São eles primeiramente forrados com barro, para que depois se possa retirá-los facilmente do sapato. A fim de facilitar o trabalho, fincam na forma um cabo. A seguir derramam sobre ela a goma e uma camada fina adere imediatamente ao barro. É então exposta à ação da fumaça proveniente da palmeira babaçu. Essa fumigação tem a dupla finalidade de secar a borracha e dar-lhe uma cor escura. Seca a primeira camada, adiciona-se outra que é por sua vez defumada e assim sucessivamente até conseguir-se a espessura desejada. Raramente os calçados são feitos com menos de doze camadas. Terminado o trabalho, a peça é exposta ao sol. Por mais um dia ou dois a borracha se conserva mole a ponto de receber impressões permanentes e é durante esse período que os calçados recebem a configuração definitiva conforme a habilidade do artífice que, para tanto, usa varinhas pontiagudas. Conserva a borracha ainda por algum tempo a sua cor amarelada, mesmo depois de retirada da forma e ser considerada pronta para o mercado. De fato são esses calçados vendidos ainda tão frescos que precisam ser conservados separados uns dos outros. Daí verem-se sapatos aos pares, atados a longos paus. São comuns no Pará essas fiadas de calçados suspensas sobre as canoas que descem os rios ou transportadas aos ombros dos que as vão entregar às casas de comércio. Quando se destinam à exportação, os sapatos vão cheios de capim seco, para evitar que se deformem. Várias pessoas que moram nos arredores do Pará colhem a goma elástica e preparam-na em pequena escala, mas o mercado é principalmente abastecido pelas plantações de caráter industrial. Pode-se tirar a goma elástica durante o ano todo, mas a colheita é mais fácil e melhor quando feita durante a seca. A preparação do produto faz-se de preferência nos meses de maio, junho, julho e agosto. Além das grandes quantidades de goma elástica que o Pará exporta sob diversas formas, venderam-se, anualmente, para o exterior, cerca de trezentos mil pares de sapatos”.

<sup>1155</sup> Baonilha - Baunilha (do ant. *bainilha*, do esp. *vainilla*). Planta da família das Orquídeas (*Vanilla palmarum*). Segundo Guarim Neto (2006: 78): “As sementes em decoção são utilizadas para os problemas cardíacos. É tida como calmante”.

Baonilha<sup>1155</sup> he huma planta que nas-/ce na terra, e tambem sobre as arvores sempre em lu-/gares humedos, e estereis, a rama he hum sipo verde/ e mole que dobrandoce arebenta com facillidade, le-/va folhas do pe, the a ponta afastadas meyo palmo huas/ das outras, estas grosas, e vidrentas que dobrandoce/

arebentaõ//

#### Fólio 401v

arebentão tese isto pellos troncos, e ramas das arvores, bro-/ta junto as folhas as fructas do feitio de huma banana/ pequenita da grosura de hum dedo pollegar e meyo pal-/mo de comprimento, estando madura abre como hua/ fava e mostra dentro huma polpa sita cheya de huas/ sementinhas muito meudas, lansa desi tanto que ama-/durese tais fragancias que atrae todo o vivente, de/ aves, gafanhotos, abelhas, bestas, cobras e quanto/ mais innuncia ha, que a bocados a comem, e pori-/so custosa de colher; persebeselhe o cheiro de muito longe/ e de tanta durasam que se conserva sem corupsam go-/ardada em casa dous annos, e mais; he aromatica as-/borosa, quente, peitoral corroborante e muito bom/ cordeal, se fose planta capas de cultivar, ocupa-/raõce as/gentes só na sua cultura, mas he impo-/civel/ o fasello; achace de tres divercidades em-/toda America, huma que quase não frutifica./

Cravo<sup>1156</sup> semelhante no gosto, e cheiro ao/ que criaõ as Mallucas, achace em nosas regiaõ [sic] enmais/ abundancia e perfeisa [sic]; hum que he propria mente das/ Capitania do Pará e Maranhão: he huma arvore/ pequena e dellicada, a casca do tronco lisa e delgada/ tirada esta raspada a facia de fora e seca ao sol/ tem muito melhor gosto e cheiro que o cravo das Ma-/llucas. Há outro que são humas arvores muito/ mayores que larangeiras brotam humas fructas preta [sic]/ redondas como perdegotos quebrada a casquinha de/

fora//

#### Fólio 402r

fora he cravo singular no cheiro, e sabor produz esta planta/ nas Capitania do sul Rio de Janeiro e dahi para baixo/ não tem nome proprio chamaõlhe os naturais Uvauna e/ outros fructa de pomba, são custosas de colher pellas come-/rem as aves ahinda enverdes, que as não deixaõ ama-/durar, e he nesenario andalhas a espantar para as deixarem.

Pimenta tam boa no sabor como a que/ nasce na Asia, e ilhas adjacentes; achace entodos os nosos/ territorios sertoes e povoados em humas vages sitas como/ favinhas, sem nome nem estimasam alguma./

Canella achace principalmente nas/ vesinhansas da cidade de Sam Paullo, enhumas arvores/ rasteiras nascidas nos campos cuja casca do tronco perpa-/rada imita a canella de Seylam, não propria men-/te mas quasi./

Asafram de modo muito melhor que/ o da Europa de duas quallidades, hum de arvore avul-/tada chamada asaflor de cujas flores setira a tin-/tura; e outro de huma plantinha rasteira semelhante/ as tayobas cuja rais excede ao asagraõ pello gosto/ que tem picante como pimenta saboroso, e tintura quasi/ como cor de ouro, tambe [sic] sem nome nem estimasam./

Orucu<sup>1157</sup> he huma arvore que crese/ quatorze ou quinse palmos copada as folhas redondas/ o páo branco brota humas rozas vermelhas desmayadas mas/ fermosas, os fructos como huns ovitos espinhosos maduros/ [...] mostraõce cheyos de huns bagos incarnados de/ huma casta, e de outra amarells, cosido [...] lansa de/ si a tintura que apurada fas huma massa preciosa com/

muito//

#### Fólio 402v

<sup>1156</sup> Talvez o Craveiro-da-terra, designação comum a arbustos pequenos e ornamentais, da família das Mirtáceas (*Calyptanthes aromatica* e *Pseudocaryophyllus sericeus*).

<sup>1157</sup> Orucu - Urucu, fruto do Urucuzeiro, arvoreta da família das Bixáceas (*Bixa orellana*). Segundo Guarim Neto (2006: 84): "O chá das sementes é usado nos problemas cardíacos. As sementes colocadas em água têm uso nos problemas circulatórios".

<sup>1158</sup> Caobiuna - Cabiúna ou Caviúna, árvore da família Fabaceae (*Machaerium incorruptibile*).

Muito bom cheiro tinta finíssima para toda a pintura, muito/ bom cordeal, descogullante para desfazer postemas, e toda/ a opresam de sangue, e para adubar os guisados muito me-/lhor que o asafraõ, que este só lhedá a tintura, e elle/ muito bom sabor e proveito para a saúde; bom para/ os que lansaõ sangue pella boca, bebido fas estancar/ e para as cretinellas [?].

Caobiuna<sup>1158</sup> he madeira preta muito/ cheirosa lansada no fogo resende com mais fragancis/ que o selebre

<sup>1159</sup> Calambá - Árvore da família da fam. Thymelaeaceae (*Aquilaria agallocha*), da região Oriental, da qual se extrai, desde a mais remota antiguidade, precioso bálsamo. Garcia da Orta (1563) discorreu sobre essa planta no 'Colóquio Trigésimo' de seu *Colóquios dos simples e drogas da Índia*, sob o nome de Linaloes. O Conde de Ficalho, que anotou a edição de 1891 dos *Colóquios*, fez os seguintes extensos comentários sobre esse vegetal (cf. Orta, 1987(II):60-65): "Não tendo muito a dizer de novo sobre o *linaloes*, Orta fez o que hoje chamaríamos uma revista bibliográfica de tudo quanto conhecia e se havia escrito até ao seu tempo acerca d'aquelle celebrado perfume. Sem o acompanharmos n'essa revista, procuremos esclarecer tão brevemente quanto possível algumas das suas indicações. Identifica-se geralmente esta substancia, de que agora tratamos, com uns perfumes ou madeiras odoríferas, mencionados na Bíblia, no livro dos *Numeros*, no dos *Salmos*, no *Cantico dos Canticos* e em outros, pelos nomes de *ahalim* e *ahalot* (fórmãs do plural); e é também muito provavel que o *aloes* de que falla o Evangelho de S. João, conjuntamente com a *myrrha*, e que Nicodemo trouxe para embalsamar o corpo de Jesus, fosse esta mesma substancia, e não o outro *aloes* mais conhecido (...). Parece, que aquellas antigas designações hebraicas seriam a origem do nome de *aloes*, dado depois á madeira odorífera; e Sprengel cita mesmo uma fórmula arabica, que julga intermediaria, *alluat*, enquanto sir H. Yule e outros preferem uma derivação diversa, a que adiante nos referiremos. Seja como for, o certo é que esta madeira do extremo Oriente não tem a mais remota semelhança, nem nas propriedades, nem na procedencia, nem em qualquer outra circunstancia, com o *aloes*, extrahido de uma Liliacea [*Aloe abyssinica* e *Aloe perryi*], e hoje muito mais conhecido e usado, do qual, repito, Orta tratou largamente no Colóquio segundo. Para distinguirem as duas substancias tão diversas, e que casualmente vieram a ser designadas por nomes identicos, usaram os escriptores indicar a natureza lenhosa da primeira. chamando-lhe os que escreviam grego *ἀῶῆᾰῖῥ*, e os que escreviam em latim *Lignum aloés*, o que o nosso Orta contrahiou em *linaloes*. Como bem notaram 'os frades italianos' e Orta confirma 'xilaloes' e 'linaloes' eram, pois, exactamente o mesmo nome, applicado á mesma substancia. Esta substancia tinha por outro lado um nome sanscritico, citado por Ainslie na fórmula *aguru*, que os arabes converteram, alterando-o consideravelmente, em *agaladjin* ("agallugem" de Orta), e que parece ser a origem do nome empregado por Dioscorides. *āāāēēīīī* ('agaloc' de Orta). Aquelle nome sanscritico, simplificado nas linguas modernas da India, deu em hindi e deckani os nomes de *agar* e *aghir*: e deu talvez também o nome maláyalam de *agil*, como escreve Gundert - citado por Yule -, ou de *agila*, como escreve Royle. Estas palavras, adoptadas pelos portuguezes, foram por elles muito usadas nas fórmãs *aguila* e *pão de aguila*: e, convertida por engano *aguila* em *aguila*, deram depois os nomes modernos francez e inglez, *bois d'aigle* e *eagle wood*, sem que a madeira tenha a mais remota relação com as aguias, como não tem a mais remota relação com o verdadeiro *aloes*. Devemos ainda citar um nome muito usado pelos arabes, 'ud' ('haud' e 'ud' de Orta), a *madeira*, ou a madeira por excellencia, ao qual juntavam muitas vezes o qualificativo de procedencia - a *madeira da India*. D'este nome, ligado ao artigo, *al-'ud*, suppõe Yule que poderia provir a palavra *aloes*. Finalmente citaremos o nome malayo, *garu* ('garro' de Orta), que parece ser uma simplificação do sanscrito *aguru*; e o nome puramente malaio de *kalambag* ('calambac' de Orta [e o *calambá* de Sáa]), muito conhecido dos nossos portuguezes, e ainda usado no commercio relativamente moderno nas fórmãs *calambac*, *calambouc*, *calambourg* - aquelle *bois de calambourg*, que Victor Hugo introduziu no Ruy Blas para rimar com Neubourg, e que deu logar a varias discussões litterarias. D'esta longa e fastidiosa exposição de nomenclatura resulta, que o nosso Orta tinha, como era seu costume, a noção clara dos variadissimos nomes da substancia de que tratava (...). Todo o *linaloes* procedia da Indo-China, ou - para fallarmos a linguagem do tempo - da India para alem dos Ganges: e não estava então bem averiguada a sua procedencia botanica, como creio que ainda não está completamente hoje. Depois das investigações de Roxburgh e de outros exploradores e botanicos, é licito affirmar, que todo o *pão de aguila* ou *linaloes* da zona occidental da Indo-China procede de uma arvore pequena familia das *Aquilarinae*, a *Aquilaria Agallocha*, Roxb., cujo *habitat* se estende a península de Malaca, pelas florestas de Tenasserim e ilhas proximas de Mergui, até bastante ao norte, aos valles do Assam e de Silhet. É certo, porém, que muita d'aquella madeira vinha também das terras mais orientaes, de Sião e Cochinchina (...). Da longa exposição de Rumphius — na verdade um tanto confusa - resulta que este consciencioso observador considerava a *madeira de aloes*, ou *calambac*, como proveniente de mais de uma planta; e o exame detido das *madeiras de aloes* do commercio, feito por Guibourt e o seu continuador Planchon, mostrou existirem, entre aquellas madeiras, diversas e notaveis variedades. É verdade, que o antigo droguista Pomet, o qual obtivera algumas informações curiosas dos embaixadores do rei de Sião na cõrte de Luiz XIV, attribue essas variedades ás diversas camadas do tronco, ou diverso estado de conservação da madeira; mas esta opinião mal se póde sustentar em presença das observações minuciosas de Guibourt e Planchon. (...) parece-me poder concluir, que uma grande parte do *linaloes* procedia, e procede sem duvida alguma da *Aquilaria Agallocha*, e que ácerca da procedencia de outra parte ainda subsistem algumas duvidas. Qualquer que fosse a arvore a que pertencia, o verdadeiro e bom *linaloes* não consistia na madeira sã, e era o resultado de alterações morbidas, que determinavam uma produção e accumulção anormal de resina perfumada; Crawford, um excellent observador, é n'este ponto perfeitamente explicito, e o sr. Dymock partilha a mesma opinião. E também parece certo, que algumas vezes procuravam obter artificialmente essas alterações, enterrando os troncos, depois de colhidos, na terra humida, e deixando-os apodrecer parcialmente. (...) Orta esqueceu-se de nos fallar no emprego do *linaloes*, e comtudo esse emprego interessava-o, pois esta madeira figurava, e desde tempos muito remotos, na pharmacia e materia medica indiana, considerando-a ali estimulante, carminativa e tonica. Usava-se, porém, principalmente como perfume, e ainda n'este ponto o nosso informador é Duarte Barbosa, que diz assim: '...he a fina Aquila Calambua muy estimada entre hos Indios e Mouros, e val em Calecut ho arratel dela trinta e corenta pardaos; eles ho querem pera ho misturarem com sandalo, almisque, e agoa rosada, pera se untarem'. (...) E não era simplesmente procurada no Oriente, vinha também para a Europa, onde, durante muito tempo, figurou nas mais celebradas e complicadas composições da antiga pharmacia. O *lenho aloes* foi um ingrediente obrigado de quasi todas as *Confectionibus aromaticis*. Na cabeça do rol dos componentes do *Electarium de aromaticibus domini Mesues* figurava uma certa quantidade de *ligni Aloës crudi*, com a competente indicação, *sume electissimum*. Entrava igualmente na *Confectio ex moscho amara*, e *dulcis*, e nos famosos *Electarium de gemmis* e *Electarium Diambra*, não fallando de muitas outras composições, então de uso frequente e quotidiano. Fabricavam-se também com aquella madeira pequenos objectos, nomeadamente contas e rosários, que tinham a vantagem de serem perfumados, e que o botanico Clusius viu em Lisboa: *fiunt interdum ex eo sphaerulae, quae ad preces ad numerum recitandas idoneae, odoris jucunditate et pretii magnitudine commendabiles*. Hoje, o *lenho aloes*, como tantas outras substancias, desapareceu da circulação europêa; mas continúa a encontrar-se nos mercados orientaes, por exemplo, no de Bombaim".

<sup>1160</sup> Sassafras- Canela-sassafrás, Árvore da família das Lauráceas (*Ocotea preciosa*).

<sup>1161</sup> Caxixá foi registrado por Salomão, Rosa & Morais (2007: 136) como o nome popular de *Maprounea guianensis* (Euphorbiaceae).



Calambá<sup>1159</sup> da Asia./

Sassafras<sup>1160</sup> é madeira amarela/ e de muito bom cheiro proveitosa para muitos remédios/ medicinais, e para obras de estimasam./

Caxixá<sup>1161</sup> he huma arvore da altu-/ra de um homem as folhas compridas, amarellas pella/ parte debaixo, e verde obscuro por sima, tambem a cas-/ca desta imita canella no gosto, cheiro mui-/to pouco./

Canella preta<sup>1162</sup> he madeira das que/ chamamos de ley ha de duas castas, bem preta e parda,/ a casca e raizes desta lansa hum fectido que injoa a/ quem o persebe./

Corona Christi, ou esponja<sup>1163</sup> que/ sam humas flores; a rais da arvore tambem adonde/ está fas dahi fugir a gente por não aturar o fectido/ que injoa e provoca a vomitos./

Aroeira<sup>1164</sup> he arvoredos de mede-/ano grandor engrosa the oyto e nove palmos, aromati-/ca a folha e a madeira vermelha, e branda no lavar/ de que sefasem obras caseiras; a casca do tronco boa pa-/

ra//

### Fólio 403r

para os curtumes, curte os couros e falos incarnados, da mês-/ma casca socada tirace hum extracto apurado ao/ fogo que imita a trebentina aromático, e medicinal/ astringente desecativo./

Siciba<sup>1165</sup> he planta como/a dos quiabos/ cujas sementes são cheirosas, goardão-ce nas caixas entre/ as roupas a que communicão hũ agradável cheiro.

<sup>1162</sup> Canella preta - Designação comum a várias espécies: (i) Canela-baraúna, árvore das Lauráceas (*Ocotea diospyrifolia*); (ii) Canela-inhaíba, árvore da família das Lauráceas (*Nectandra globosa*); (iii) Canela-rajada, árvore de cerca de 8 a 13 m de altura, da família das Lauráceas (*Nectandra mesopotamica*, também conhecida como *Neetandra saligna* e *Nectandra tweediei*). Há ainda a Canela-preta-verdadeira, árvore da família das Lauráceas (*Nectandra reticulata*). É difícil saber a qual delas se refere o autor do manuscrito.

<sup>1163</sup> Esponja ou Corona Christi - É a Esponjeira (*Acacia farnesiana*), da família das Leguminosas (divisão Mimosacea). Esta espécie é chamada Corona Christi ou Coronacris (corruptela do primeiro nome) na Bahia; Coronha no Ceará; Esponja no Mato Grosso e no Pará; Espinilho no Rio Grande do Sul (Corrêa, 1984 (II): 603-606).

<sup>1164</sup> Aroeira - árvore ornamental, da família das Anacardiáceas (*Schinus molle*). Segundo Guarim Neto (2006: 77), *Myracrodruon urundeuva*; “da casca do caule é preparado o ‘emplastro’ utilizado em casos de fraturas”.

<sup>1165</sup> Não identificada.

<sup>1166</sup> Vide nota 203.

<sup>1167</sup> Alfavaca - Planta hortense da família Lamiaceae, do gênero *Ocimum*.

<sup>1168</sup> Mangericão - Manjericão, designação comum ao Manjericão-cheiroso (erva da família Lamiaceae (*Ocimum gratissimum*)) e ao Manjericão-dos-jardins (erva da família Lamiaceae (*Ocimum minimum*)).

<sup>1169</sup> Hortelam - Hortelã, erva rasteira da família Lamiaceae (*Mentha viridis*).

<sup>1170</sup> Poejo - Erva da família Lamiaceae (*Mentha pulegium*).

<sup>1171</sup> Salva - Erva da família Lamiaceae (*Salvia officinalis*).

<sup>1172</sup> Mangerona- Manjerona. Erva europeia da família Lamiaceae (*Origanum majorana*).

<sup>1173</sup> Mentastro - Pequena erva da família Lamiaceae (*Peltodon radicans*).

<sup>1174</sup> Não identificada.

<sup>1175</sup> Ixixú - Chuchu, trepadeira herbácea, da família das Cucurbitáceas (*Sechium edule*).

<sup>1176</sup> Erva-cidreira - Planta da família Lamiaceae (*Melissa officinalis*).

<sup>1177</sup> Betonica - Betônica. Arbusto tomentoso da família Lamiaceae (*Hyptis multiflora*).

<sup>1178</sup> Quitoco - Erva ruderal, da família Asteraceae (*Pluchea quitoc*).

Almiscar<sup>1166</sup> achace en nosos lugares/ tam bom ou melhor que o da Asia tirado dos Jacarés/ e preparado como deve ser que ja fica dicto./

Ervas aromaticas sam tantas que se/ não expresaõ com individuasam por anomalas e innume-/raveis semelhantes a Alfavaca<sup>1167</sup>, Mangericaõ<sup>1168</sup>, Hortelam<sup>1169</sup>, Po-/ejos<sup>1170</sup>, Salvas<sup>1171</sup>, Mangerona<sup>1172</sup>, Mentrastos<sup>1173</sup>, Cambaramerim<sup>1174</sup>, ixixú<sup>1175</sup>,/ erva cidreira<sup>1176</sup>, Betonica<sup>1177</sup>, quitoco<sup>1178</sup>, e outras sem numeros./

Estas sam as plantas destas natura-/llidades de que alcansei noticia, dos nomes, e de algumas/ virtudes por experiencias patrias, e algumas próprias, a-/chadas en diversos lugares des-/tas regioens que nem/ todas tem todas as cousas, nem alguma deixa de ter/ parte dellas: Non omnis fer [sic] omnia telus, e algu-/mas com diferentes formas de huns lugares para ou-/tros, segundo os climas e quallidades das terras; e isto mesmo afirma Galeno das que observou pellos/ lugares que andou na sua pharmacoepa lb. 2. Cap. 2/ e 3. E se alguns duvidarem da sertesa destas minhas/ observasoens, e quiserem tirarse da duvida, andem os/ lugares que andei, conversem com as gentes com quem/

con-//

### Fólio 403v

conversei, fasaõ as experiencias que fis, estudem o que es-/tudei, e não gastem o tempo en vans parlarias; tomem/ estes impregos que lhes não falta materia para imprego/ de seus discursos, que eu aos meus dou fim com hua oraçam.

## REFERÊNCIAS

- d'Acosta, J., 1792. *Historia natural y moral de las Indias, en que se tratan las cosas notables del cielo, elementos, metales, plantas y animales de ellas; y los ritos, ceremonias, leyes, gobierno y guerras de los Indios. Por el Padre Joseph de Acosta, de la extinguida Compañía de Jesus. Dada a luz en esta sexta edicion D. A. V. C. Tomo primero.* Pantaleon Aznar, Madrid.
- Aelianus, 1562. *Aeliani De Historia Animalivm Libri XVII. Quo ex integro ac veteri exemplari Graeco, Petrus Gillius vertit. Vnà cum elephantorvm descriptione. Item Demetriij de Cura accipitrum, & de Cura & medicina canum, eodem Petro Gillio interprete. Ad Reuerendissimum, & illustr. D. Georgium Cardinalem Armaignacum.* Apvd Gvliel. Rovuillivm, Lvgdvni.
- Aetius [Amidenus], 1560. *Aetii medici graeci Contractae ex Veteribvs Medicinae Tetrabibli, à Iano Cornario medici physico in latinum sermonem conuersae, Tomus quartus: Cum verborum & rerum singularium Indiae.* Apud Sebastianum de Honoratis, Lvgdvni.
- Aguirre, AC., 1971. *O mono, Brachyteles arachnoides (E. Geoffroy).* Academia Brasileira de Ciências, Rio de Janeiro.
- ALapide, C. C., 1845. *R. P. C. Cornelii a Lapide e Societate Jesu S. Scripturae olim Lovanii, postea Romae professoris Commentarii in Sacram Scripturam. Editio recens anturpiensi, omnium castigatissimae, collata. oTmus IV. Pars I. Complectens comentaria in Ecclesiasten, et Canticum Canticorum.* Tonna, Banchi & Soc., Melitae.
- ALapide, C. C., 1846. *R. P. C. Cornelii a Lapide e Societate Jesu S. Scripturae olim Lovanii, postea Romae professoris Commentarii in Sacram Scripturam. Editio recens antuerpiensi, omnium castigatissimae, collata. Tomus V. Pars I. Complectens comentaria in Ecclesiasticum.* Typis Societatis Bibliographicae, Melitae.
- Alciato, A., 1577. *Omnia Andreae Alciati V. C. Emblemata: Cvm commentariis, qvibus emblematum omnium aperta origine, mens auctoris explicatur, & obscura omnia dubiaque illustrantur: per Clavdivm Minoem diuionensem.* Ex officina Christophori Plantini, Architypographi Regij, Antverpiae.
- Alciato, A., 1614. *Andreae Alciati I. V. C. Emblemata. Elucidata doctissimis Claudij Minois commentarijs: Quibus additae sunt eiusdem auctoris notae posteriores: Quorum indagine aperta omnium Emblematum origine, sensuq' intimo eruto, mens auctoris detegitur & explicatur: atque/ apertèobscura omnia, quaeq' dubitationem aliquam prae se ferebant, illustrantur. Postrema hac editione à mendis quam plurimis, quibus superiores scatebant, omnia repurgata, atque in nitidiorum sensum reducta.* Apud haeredes Gulielmi Rouillij, Lvgdvni [= Lyon].
- Almada, M. de G.L. de, 1861. Descrição relativa ao rio Branco e seu território. Anno de 1787. *Revista Trimensal do Instituto Historico, Geographico e Ethnographico do Brasil* 24: 617-683.
- Almeida, A. F. de, 2009. A viagem de José Gonçalves da Fonseca e a cartografia do rio Madeira (1749-1752). *Anais do Muse Paulista*, São Paulo (n. s.) 17 (2): 215-235.
- Amaral, A do, 1978. *Serpentes do Brasil.* Edições Melhoramentos & Editora da Universidade de São Paulo, São Paulo.
- Ambrosius, S., 1845. Sancti Ambrosii mediolanensis episcopi Hexaameron Libri Sex, columnas 123-274, in Migne, ed., 1845a, q. v.

- Amorim, F. G. de, 1874. *Theatro de Francisco Gomes de Amorim. Socio da Academia real das sciencias de Lisboa. O Cedro Vermelho*, Vol. I. Imprensa Nacional, Lisboa.
- Amorim, F. G. de, 1874b. *Theatro de Francisco Gomes de Amorim. Socio da Academia real das sciencias de Lisboa. O Cedro Vermelho*, Vol. II [Notas e esclarecimentos]. Imprensa Nacional, Lisboa.
- Andrés, A., 1788. *Sermones panegiricos, su autor el M. R. P. Fr. Antonio Andrès, lector de sagrada theologia, escritor publico de su Orden, regente de estudios, calificador del Santo Oficio, y custodio que fue de su Provincia de Descalzos. Tomo I*. Benito Montfort, Valencia.
- Anôn., 1701. *Martyrologium Romanum, Gregorii XIII. Pont. Max. jussu editum, et Clementis PP. X. auctoritate recognitum. Accessit huic editioni eorum memoria, qui à summis Pontificibus, usque ad Innocentium XII. Pont. Max. in sanctorum numerum relati sunt*. Ex Typographia Plantiniana apud viduam Balthasar Moreti, Antverpiae.
- Anôn., 1729. *Martyrologium Romanum Gregorii XIII. jussu editum, et Clementis X. auctoritate recognitum. Accessit huic editioni eorum memoria, qui à summis Pontificibus, usque ad hanc diem in sanctorum numerum relati sunt*. Ex Typographia Balleoniana, Venetiis.
- Anôn., 1746. *Martyrologium Romanum, Gregorii XIII. Pont. Max. jussu editum, et Clementis PP. X. auctoritate recognitum. Accessit huic editioni eorum memoria, qui à summis Pontificibus, usque ad Clementem XII. Pont. Max. in sanctorum numerum relati sunt*. Ex Typographia Plantiniana, Antverpiae.
- Anôn., 1847. *Carmina Burana. Lateinische und Deutsche Lieder und Gedichte einer Handschrift des XIII. Jahrhunderts aus Benedictbeuern auf der K. Bibliothek zu München*. Literarischen Verein, Stuttgart.
- Anôn., 1862. *Compendium ritualis romani, ad usum Dioecesis Provinciae Baltimorensis, jussu Concilii Provincialis Baltimorensis III., approbante SS. D. N. Gregorio, PP. XVI., Editum*. Johannem Murphy, Typographum ac Bibliopolam, Baltimori.
- Anulus, B. [Barthélemy Aneau], 1552. *Picta Poesis. Vt Pictura Poesis erit*. Apud Mathiam Bonhomme, Lvgdvni.
- Archbishop of Baltimore, 1916. *The Roman Martyrology published by order of Gregory XIII. Revised by the authority of Urban VIII, and Clement X. Afterwards, in the year 1749, augmented and corrected by Benedict XIV. Last edition, according to the copy printed in Rome in 1914, translated from the Latin with an introduction by the most rev. Archbishop of Baltimore. Revised edition, with the imprimatur of his eminence Cardinal Gibbons..* John Murphy Company, Publishers, Baltimore.
- Arrais, D. M., 1642a. *Methodo de conhecer e cvrar o morbo gallico. Primeira parte. Propoemse definitivamente a essencia, species, causas, sinais, prognosticos, & cura do morbo gallico, & de todos seus affectos. E largamente se trata do azougue, salsa parrilha, guaiacaõ, pao Santo, raiz da China, & de todos os mais remedios desta enfermidade. A ElRey Nosso Senhor Dom Ioaõ IV. Pelo Doctor Duarte Madeira Atrrais Physico do pulso do mesmo Senhor*. Officina de Lourenço de Anueres, Lisboa.
- Arrais, D. M., 1642a. *Methodo de conhecer e cvrar o morbo gallico. Segvnda parte. Disputãose largamente por questões, & argumentos em forma a todas as duuidas, que se podẽ mouer sobre a essencia, species, causas, sinais, prognosticos, & cura do morbo gallico, & as que pode hauer sobre o azougue, guaiaco, pao santo, salsa parrilha, raiz da China, & mais remedios deste mal. Ao Principe Dom Thodosio Nosso Senhor. Pelo Doctor Duarte Madeira Arraiz Physico de pulso de Sua Magestade*. Antonio Alvarez Impressor DelRey, Lisboa.

- Arrais, D. M., 1674. *Methodo de conhecer e curar o morbo gallico. Primeira parte. Propoemse definitivamente a essencia, species, causas, sinais, prognosticos, & cura do morbo gallico, & de todos seus affectos. E largamente se trata do azougue, salsa parrilha, guaiacaõ, pao Santo, raiz da China, & de todos os mais remedios desta enfermidade. Pelo Doutor Duarte Madeira Arrais Physico do pulso del Rey D. Ioaõ IV.* Antonio Rodriguez d'Abrev, Lisboa.
- Arrais, D. M., 1683. *Methodo de conhecer e curar o morbo gallico. Primeira & segunda parte. Propoemse definitivamente a essencia, species, causas, sinais, prognosticos, & cura do morbo gallico, & de todos seus affectos. E largamente se trata do azougue, salsa parrilha, guayacaõ, pao santo, raiz da China, & de todos os mais remedios desta enfermidade. Pelo Doutor Duarte Madeira Arrais Phisico-mor de pulso DelRey Dom Joam IV.* Antio Craesbeck de Mello, Lisboa.
- Augustinus, A., 1556. *Qvintvs tomvs opervm divi Avrelii Avgvstini hipponensis episcopi, continens De Civitate Dei libros XXII, Ad Priscam Venerandaque uetustatis exemplaria denuò collatos, eruditissimisque insuper commentarijs per undequaque dictiss. Uirum Ioan. Lodouicum Viuem illustratos & recognitos.* Frobenius, Basileae.
- Augustinus, A., 1845. De Civitate Dei, columnas 13-804, in Migne, ed., 1845b, q. v.
- Azara, F. de, 1802. *Apuntamientos para la historia natural de los cuadrúpedos del Paragüay y Rio de La Plata*, 2 vols. Imprenta de la Viuda de Ibarra, Madrid.
- Baccio, A., 1598. *De Magna Bestia, a nonnullis Alce, germanice Ellend appellata, eiusq' occultis proprietatibus, Epilepsiae resistentibus, Varijs item diuersorum animalium generibus. Tractatus Andreae Bacci medici et philosophi romani, in italica lingua conscriptus, nunc verò publicae utilitatis gratia, in Latinum sermonem conuersus a Wolfgango Gabelchover, artium & medicinae doctore.* Marcus Fürsterus, Stvtgardiae [= Stuttgart].
- Badariotti, N., 1898. *Exploração do norte de Matto Grosso, região do Alto Paraguay e Planalto dos Parecis. Apontamentos de Historia Natural, Ethnographia, Geographia, e impressões.* São Paulo.
- Baena, A L. M., 1840. *Ensaio corographico da Provincia do Pará.* Typographia de Santos & menor, Para [= Belém].
- Baldus, H., 1954. *Bibliografia crítica da etnologia brasileira.* Editora São Nicolau, São Paulo.
- Barbosa, N. B. H., 1945. Exploração e levantamento dos rios Anarí e Machadinho. *Conselho de Proteção aos Indios, Publicação 48 (2ª ed.): 92 pp., 1 fig. [1ª ed., 1917].*
- Barbosa-Rodrigues, J., 1903. *Sertum Palmarum Brasiliensium, ou Relation des palmiers nouveaux du Brésil découverts, décrits et dessinés d'après nature par ...*, 2 vols. Imprimerie Typographique Veuve Monnom, Bruxelles.
- Barros, A. de, S. J., 1736. *Vozes saudosas, da eloquencia, do espirito, do zelo, e eminente sabedoria do Padre Antonio Vieira, da Companhia de Jesus, prégador de Sua Magestade, e principe dos oradores euangelicos: acompanhadas com hum fidelissimo echo, que sonoramente resulta do interior da obra Clavis Prophetarum. Concorda no fim a suavidade das musas em elogios raros. Tudo reverewnte dedica ao Principe Nosso Senhor o P. André de Barros, da Companhia de Jesus, acadêmico do numero da Academia Real da Historia Portugueza.* Officina de Miguel Rodrigues, Lisboa Occidental.
- Bartholomaeus Anglicus, 1483. *Incipit tituli libror et capitulorum venerabilis Bartholomei Anglici de Proprietatibus Rerum.* Anthonium Koburger, Nurembergae.

- Basilus, S., 1857. Του εν 'αγιος πατρος 'ημον Βασιλειου αρχιεπισκοπου Καισαρειας Καππαδοκιας 'Ομιλιαι Θ' εις την 'Εξαμερον. S. P. N. Basilii Caesareae Cappadociae archiepiscopi Homiliae IX in Hexaameron, in Migne, 1857.
- Basilus, S., 1888. Ερμηνεια εις προφητην Ησαιαν/ Enarratio in Prophetam Isaiam, columnas 148-468, in Migne, ed., 1888, q. v.
- Beaurepaire-Rohan, Visconde de, 1889. *Diccionario de vocabulos brasileiros*. Imprensa Nacional, Rio de Janeiro.
- Benedictine Monks, 2003. *The book of Saints*. Kessinger Publishing Company, Baltimore.
- Beolens, B., M. Watkins & M. Grayson, 2009. *The eponym dictionary of mammals*. Johns Hopkins University Press, Baltimore.
- Berchorius, P., 1731. *R. P. Petri Berchorii pictaviensis, Ordinis S. Benedicti Reductorium morale, sive tomus secundus, de Rerum proprietatibus in XIV. libros divisus. Quorum elenchum altera pagina indicat. Editio postrema correctata, à variis mendis recognita, ac locis tam S. Scriptura quàm Patrum aucta*. Petrum Pütz, Bibliopolam, Coloniae Agrippinae.
- Berthelet, T., 1535. *Bartholomeus de Proprietatibus Rerum*. Thomas Berthelet, London.
- Bluteau, R., Pe., 1712a. *Vocabulario portuguez, e latino, aulico, anatomico, architectonico, bellico, botanico, brasilico, comico, critico, chimico, dogmatico, dialectico, dendrologico, ecclesiatico, etymologico, economico, florifero, forense, fructifero, geographico, geometrico, gnomonico, hydrographico, homonymico, hierologico, ichthyologico, indico, isagogico, laconico, liturgico, lithologico, medico, musico, meteorologico, nautico, numerico, neoterico, orthographico, optico, ornithologico, poetico, philologico, pharmaceutico, quidditativo, qualitativo, quantitativo, rethorico, rustico, romano, symbolico, synonymico, syllabico, theologico, terapeutico, tecnologico, uranologico, xenophonico, zoologico, autorizado com exemplos dos melhores escritores portuguezes, e latinos, e offerecido a El Rey de Portugal, D. Joaõ V pelo padre D. Raphael Bluteau, clerigo regular, doutor na Sagrada Theologia, Prêgador da Raynha de Inglaterra, Henriqueta Maria de França & Calificador no sagrado Tribunal de Inquisição de Lisboa, [Vol. 1, A]. No Collegio das Artes da Companhia de Jesu, Coimbra.*
- Bluteau, R., Pe., 1712b. *Vocabulario portuguez, e latino, aulico, anatomico, architectonico, bellico, botanico, brasilico, comico, critico, chimico, dogmatico, dialectico, dendrologico, ecclesiatico, etymologico, economico, florifero, forense, fructifero, geographico, geometrico, gnomonico, hydrographico, homonymico, hierologico, ichthyologico, indico, isagogico, laconico, liturgico, lithologico, medico, musico, meteorologico, nautico, numerico, neoterico, orthographico, optico, ornithologico, poetico, philologico, pharmaceutico, quidditativo, qualitativo, quantitativo, rethorico, rustico, romano, symbolico, synonymico, syllabico, theologico, terapeutico, tecnologico, uranologico, xenophonico, zoologico, autorizado com exemplos dos melhores escritores portuguezes, e latinos, e offerecido a El Rey de Portugal, D. Joaõ V pelo padre D. Raphael Bluteau, clerigo regular, doutor na Sagrada Theologia, Prêgador da Raynha de Inglaterra, Henriqueta Maria de França & Calificador no sagrado Tribunal de Inquisição de Lisboa, [Vol. 2, B-C; B; pp. 1-216, C: 1-654]. No Collegio das Artes da Companhia de Jesu, Coimbra.*
- Bluteau, R., Pe., 1713. *Vocabulario portuguez, e latino, aulico, anatomico, architectonico, bellico, botanico, brasilico, comico, critico, chimico, dogmatico, dialectico, dendrologico, ecclesiatico, etymologico, economico, florifero, forense, fructifero, geographico, geometrico, gnomonico, hydrographico, homonymico, hierologico, ichthyologico, indico, isagogico, laconico, liturgico, lithologico, medico, musico, meteorologico, nautico, numerico, neoterico,*

*orthographico, optico, ornithologico, poetico, philologico, pharmaceutico, quidditativo, qualitativo, quantitativo, rethorico, rustico, romano, symbolico, synonymico, syllabico, theologico, terapeutico, tecnologico, uranologico, xenophonico, zoologico, autorizado com exemplos dos melhores escritores portuguezes, e latinos, e offerecido a El Rey de Portugal, D. Joaõ V pelo padre D. Raphael Bluteau, clérigo regular; doutor na Sagrada Theologia, Prègador da Raynha de Inglaterra, Henriqueta Maria de França & Calificador no Sagrado Tribunal de Inquisição de Lisboa, [Vol. 4, F-J]. No Collegio das Artes da Companhia de Jesu, Coimbra.*

Bluteau, R., Pe., 1716. *Vocabulario portuguez, e latino, aulico, anatomico, architectonico, bellico, botanico, brasilico, comico, critico, chimico, dogmatico, dialectico, dendrologico, ecclesiatico, etymologico, economico, florifero, forense, fructifero, geographico, geometrico, gnomonico, hydrographico, homonymico, hierologico, ichthyologico, indico, isagogico, laconico, liturgico, lithologico, medico, musico, meteorologico, nautico, numerico, neoterico, orthographico, optico, ornithologico, poetico, philologico, pharmaceutico, quidditativo, qualitativo, quantitativo, rethorico, rustico, romano, symbolico, synonymico, syllabico, theologico, terapeutico, tecnologico, uranologico, xenophonico, zoologico, autorizado com exemplos dos melhores escritores portuguezes, e latinos, e offerecido a El Rey de Portugal, D. Joam V pelo padre D. Raphael Bluteau, clérigo regular; doutor na Sagrada Theologia, Prègador da Raynha de Inglaterra, Henriqueta Maria de França, & Qualificador no sagrado Tribunal de Inquisição de Lisboa. [Vol. 5, K-N]. Officina de Pascoal da Sylva, Lisboa.*

Bluteau, R., Pe., 1720a. *Vocabulario portuguez, e latino, aulico, anatomico, architectonico, bellico, botanico, brasilico, comico, critico, chimico, dogmatico, dialectico, dendrologico, ecclesiatico, etymologico, economico, florifero, forense, fructifero, geographico, geometrico, gnomonico, hydrographico, homonymico, hierologico, ichthyologico, indico, isagogico, laconico, liturgico, lithologico, medico, musico, meteorologico, nautico, numerico, neoterico, orthographico, optico, ornithologico, poetico, philologico, pharmaceutico, quidditativo, qualitativo, quantitativo, rethorico, rustico, romano, symbolico, synonymico, syllabico, theologico, terapeutico, tecnologico, uranologico, xenophonico, zoologico, autorizado com exemplos dos melhores escritores portuguezes, e latinos, e offerecido a El Rey de Portugal, D. Joam V pelo padre D. Raphael Bluteau, clérigo regular; doutor na Sagrada Theologia, Prègador da Raynha de Inglaterra, Henriqueta Maria de França, & Qualificador no sagrado Tribunal de Inquisição de Lisboa. [Vol. 6, O-P]. Officina de Pascoal da Sylva, Lisboa.*

Bluteau, R., Pe., 1720b. *Vocabulario portuguez, e latino, aulico, anatomico, architectonico, bellico, botanico, brasilico, comico, critico, chimico, dogmatico, dialectico, dendrologico, ecclesiatico, etymologico, economico, florifero, forense, fructifero, geographico, geometrico, gnomonico, hydrographico, homonymico, hierologico, ichthyologico, indico, isagogico, laconico, liturgico, lithologico, medico, musico, meteorologico, nautico, numerico, neoterico, orthographico, optico, ornithologico, poetico, philologico, pharmaceutico, quidditativo, qualitativo, quantitativo, rethorico, rustico, romano, symbolico, synonymico, syllabico, theologico, terapeutico, tecnologico, uranologico, xenophonico, zoologico, autorizado com exemplos dos melhores escritores portuguezes, e latinos, e offerecido a El Rey de Portugal, D. Joam V pelo padre D. Raphael Bluteau, clérigo regular; doutor na Sagrada Theologia, Prègador da Raynha de Inglaterra, Henriqueta Maria de França, & Qualificador no sagrado Tribunal de Inquisição de Lisboa. [Vol. 7, Q-S]. Officina de Pascoal da Sylva, Lisboa.*

Bolzani, G. P. V., 1575. *Hieroglyphica, sive de sacris Aegyptiorvm, aliorvmqve gentivm literis commentarij Ioannis Pierii Valeriani Bolzanij vellunensis, a Caelio Avgvstino Curione duobus libris aucti, & multis imaginibus illustrati.* Thomam Guarinvm, Basileae.

Bolzani, G. P. V., 1678. *Joannis Pierii Valeriani Bellunensis Hieroglyphica, sive de sacris aegyptiorum aliarumque gentium literis, commentariorum libri lviii. duobus aliis ab eruditissimo viro annexis. Accesserunt loco auctarii, Hieroglyphicorum collectanea, ex veteribus & recentioribus auctoribus descripta, & in sex libros ordine alphabetico digesta; Horapollinis item Hieroglyphicorum libri duo ex postrema Davidis Hoeschelii correctione.*

*Praeterea ejusdem Pierii Declamatiuncula pro barbis sacerdotum; De infelicitate literatorum libri duo; denique Antiquitatum bellunensium sermones quatuor. Editio ad novissimas Germaniae composita, quibus & annotationes ad marginem atque necessarias indices debet. Sumptibus Christiano Kirchneri, Typis Wendelini Moewaldi, Francofurti ad Moenum.*

Bolzani, G. P. V., 1685. *Joannis Pierii Valeriani Bellvnensis Hieroglyphicas, sive de sacris aegyptiorum aliarvmque gentivm literis, commentariorvm libri lviii. cum duobus aliis ab eruditissimo viro annexis. Accesserunt loco auctarii, Hieroglyphicorum collectanea, ex veteribus & recentioribus auctoribus descripta, & in sex libros ordine alphabetico digesta: Horapollinis item Hieroglyphicorum libri duo ex postrema Davidis Hoeschelii correctione, praeterea eivsdem Pierii Declamativncvla pro barbis sacerdotum: & de infelicitate literatorum libri duo: deniqve Antiqvitavm bellvnensivm sermones quatvor ac varia ejusdem poemata & opuscula. Editio ad novissimas Germaniae composita, quibus & annotationes ad marginem atque necessarias indices debet. Apud Ioannem Wilhelmvm Friessem Bibliopolam, Coloniae Agrippinae.*

Borchardus, [B.], 1587. *Descriptio Terrae Sanctae, et regionvm finitimarvm, avctore Borchardo, monacho germano, familiae Dominicanae, quem vixisse accepimus circa annum Iesu Christi M.CC.XXCIII [1283]. Itinerarivm Hierosolymitanvm Bartholomei de Saligniaci, equitis et ic. Galli, idem argumentum pertractans. Qui ambo commentarij secundum literas sacras cum recentem Hierosolymitanam, tum reliquam Orientalem historiam mire illustrantes in Germania partim nunc primum: partim emendatius & locupletius eduntur. E Bibliotheca Aluenslebiana. Paulus Donatus, Impensis Ambrosij Kirchneri, Magdebvrgi.*

Bossi, B., 1863. *Viagen pintoresca por los rios Paraná, Paraguay, San Lorenzo, Cuyabá y el Arino, tributario del grande Amazonas, con la descripcion de la Provincia de Mato Grosso, bajo su aspecto físico, geográfico, mineralógico y sus producciones naturales. Paris.*

Bostock, J. & H. T. Riley, eds., 1855. *The Natural History of Pliny. Translated, with copious notes and illustrations by the late John Bostock, M. D., F. R. S. and H. T. Riley, Esq., B. A., late scholar of Clark Hall, Cambridge. Vol. II. Henry G. Bohn, London.*

Brandão, A. F., 1887a. Dialogo terceiro das grandezas do Brasil. Interlocutores – Brandonio e Alviano. *Revista do Instituto archeologico e geographico pernambuco*, Recife 32: 3-71.

Brandão, A. F., 1887b. [Dialogo das grandezas do Brasil] Dialogo Quinto. *Revista do Instituto archeologico e geographico pernambuco*, Recife 33: 83-120.

Brasil, Fundação Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística, 1981. *Mapa Etno-histórico de Curt Nimuendajú. Fundação Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística & Fundação Nacional Pró-Memória, Rio de Janeiro.*

Bunson, M., M. Bunson & S. Bunson, 2003. *Our Sunday's Visitors Encyclopaedia of Saints. Revised. Our Sunday's Visitors, Inc., Huntington, Indiana.*

Bustamante de la Cámara, J., 1620. *Ioannis Bustamantini Camaerensis apvd Complutensea Philosophiae & Medicinae primatia moderatoris publici, De reptilibvs verè animantibus S. Scripturae libri sex, duobus tomis comprehensis. Tomvs primvs. Opus cum theologis, maximè praedicatoribus, tum medicis, philosophis, & naturalis historiae studiosis perutile, ac eruditione plenum, ab innumeris mendis vindicatum. Com triplici indice; primo capitum, altero locorum S. Scripturae; tertio rerum & verborum. Antonii Pillehotte, Lvgdvni.*

Cabrera, A., 1960. Catalogo de los mamíferos de America del Sur. II: Sirenia, Perissodactyla, Artiodactyla, Lagomorpha,



- Rodentia, Cetacea. *Revista del Museo Argentino de Ciencias Naturales* 4 (2): 309-732.
- Cabrera, A. & Yepes, L., 1940. *Mamíferos sud-americanos, vida, costumbres y descripción*. Compañía Argentina de Editores, Buenos Aires.
- Caietanus, T. de V., 1639. *Opera omnia quotquot in Sacrae Scripturae expositionem reperiuntur*. Iacobi & Prtri Prost, Lugduni [= Lyon].
- Calepino, A., 1513. *Ambrosius Calepinus bergomates: professor Ordinis Eremitarū sancti Augustini: Dictionū latinarum e greco pariter diriuatiū: earūdemq' interpretationū collector studiosissimus: omnium ex Cornucopie vocabulorum insertos sagacissim': ita vt in vnū coegerit volumen Ponsiū marcellū, Festun, Pōpeium, M. Uarronē, Pentanū, Seruiū Donatus, Uallam: & Suide plrmū, Argiuo funct' officio. Ioh. Grōninger, Argentinae.*
- Calepino, A., 1522. *Ambrosii Calepini bergomatis ordinis Eremitar' obseruātium professoris deuotissimi vocabularius. thesaurus copiosissimus: ex Nicolai Perotti Cornucopie: ac M. Uarronis: Noniiq' Marcelli: Sexti etiam Pompeii: Seruii: Donati: Asconii: Uallensis: Jo. Aretini: doctorum deniq' omnium Graecorum pariter: ac Latinorum voluminibus accuratw decerptus: ac summa vigilantia castigatus*. In aedibus Alexandri Paganini, Thusculani apud Benacum.
- Calepino, A., 1535. *Dictionarivm Latinae Linguae, Ambrosii Calepini, et aliorvm hominum doctorum opera, ex optimorum scriptorum multa lectione accurataq' animaduersione in suum ordinem descriptum. De XII. item Romanorum natione, quomodo eis, praesertim in epistolis conscribendis, sit utendum*. Ex Officina Ioan. Valderi, Basileae.
- Calepino, A., 1551. *Em tibi opt. Lector Dictionarivm Linguae Latinae. Avtore primo Ambrosio Calepino, postea aitem à multis in utraque língua eruditis uiris, ex omnibus probatis scriptoribus ita emendatum & locupletatum, ut maiorem diligentiam nemo iure requirere possit. Accedit quoqve hvc Onomasticon Propriorum Nominum per D. Conradum Gesnerum ex uarijs Dictionarijs collectum: & nunc nouissimè ab eodem recognitum*. Basiliae.
- Calepino, A., 1566. *Latinae atqve adeo etiam Graecae Linguae Dictionarivm ab Ambrosio Calepino primum, deinde à doctissimis multis ex probatissimis quibusque authoribus collectum & perfectum ita, ut uix credi possit quantum omnibus nominibus excellat hactenus aediata dictionaria omnia quibuscunq' titulis prēdicentur. Nunc, ut etiam ijs quibus ob angustiozem rem hoc tanto thesauro carendum fuit consulatur, quidam solidè docti uiri nostris impensis ad praecium modumq' minorem magno labore, indústria, & iudicio redegerunt. Onomasricos propriorvm nominvm, virorvm, mvlirvm, sectarvm, populorum, idolorum, syderum, ventorum, vrbium, marium, fluuiorum, montium, & reliquorum, ut sunt uici, promontaria, stagna, paludes, &c. Nunc primum ex aliorum doctorm Dictionarijs partim à Conrado Gesneri tigurino, partim ab eius amicis congestum. Hieronymvm Cvrionem, Basileae.*
- Calepino, 1586. *Ambrosii Calepini Dictionarivm, quanta maxima fide ac diligentia fieri potuit accuratè emendatum, multisque partibus cumulatam. Adiectae svnt latinis dictionarijs, Hebraea, Graecae, Gallicae, Italicae, Hispanicae & Germanicae. Accesserunt insignis loquendi modi, lectiones etymologiae, opposita, translationes, adagia ex optimis quibusque auctoribus decerpta*. Apud Ioannem Macaeum, Lvtetiae.
- Calepino, A., 1654. *Ambrosius Calepinus passeratii, sive Lingvarvm novem. Romanae, Graecae, Ebraicae, Gallicae, Italicae, Germanicae, Hispanicae, Anglicae, Belgicae Dictionarivm. Acuratissima editio*. Ex Officina Francisci Hackii, Lvgdvn. Bat.
- Cardanus, H., 1551. *Hieronymi Cardani medici mediolanensis, De Svbtillitate Libri XXXXI. Ad illustr. Principem Ferrandum Gonzagam, mediolanensis prouinciae praefectum*. Gulielmum Rouillium, Lvgdvni.
- Carvalho, C. T., 1969. *Dicionário dos mamíferos do Brasil*. Fundação Parque Zoológico de São Paulo, São Paulo.

- Carvalho, J. M. de, 1765. *Diccionario portuguez das plantas, arbustos, matas, arvores, animaes quadrupedes, e reptis, aves, peixes, mariscos, insectos, gomas, metaes, pedras, terras, mineraes, &c. que a Divina Omnipotencia creou no globo terraqueo para utilidade dos viventes*. Officina de Miguel Manescal da Costa, Impressor do S. Officio, Lisboa.
- Castillo, F. del, 1621. *Migaias caydas de la mesa de los santos y doctores de la Iglesia. Colegadas y aplicadas a todos los Euangelios de la Quaresma. Por Fr. Francisco del Castillo de la Orden de S. Agustin en la Prouincia del Andaluzia, y natural de la Ciudad de Cadiz*. Antonio Alvarez, Impressor, y Mercador de Libros, Lisboa.
- Causey, N. B., 1960. A third luminous millipede, *Motyxia tiemanni*, n. sp. (Xystodesmidae, Polydesmida). *Wasmann Journal of Biology* 18: 131-135.
- Causey, N. B. & D. L. Tiemann, 1969. A revision of bioluminescent millipedes of the genus *Motyxia* (Xystodesmidae, Polydesmida). *Proceedings of the American Philosophical Society* 113 (1): 14-33.
- Constancio, F. S., 1839. *Historia do Brasil, desde o seu descobrimento por Pedro Alvares Cabral até a abdicação do Imperador D. Pedro I. Com hum mappa do Brasil. Tomo I*. Livaria Portugueza, Paris.
- Corrêa, M. P., 1984. *Dicionário das plantas úteis do Brasil e das exóticas cultivadas*, 5 vols. (Vol. I (A-CAP), Vol. II (CAR-E), Vol. III (F-G), Vol. IV (H-L), Vol. V (M-R), Vol. VI (S-Z)). Ministério da Agricultura, Instituto Brasileiro de Desenvolvimento Florestal, Rio de Janeiro.
- Costa, B., L. Frasson, I. Luisetto & P. Marangon, coords., 1979. *S. Antonii Patavini, O. Min. Doctoris Euangelici, Sermones Dominicales et Festiui, ad fidem codicum recogniti, curantibus Beniamino Costa, Leonardo Frasson, Ioanne Luisetto, coadiuvante Paulo Marangon, Patauini*, 3 vols. Centro Studi Antoniani, Basilica del Santo, Edizione Messaggero, Padova.
- Cresswell, R., 1862. *Aristotle's History of Animals. In ten books*. Henry G. Bohn, London.
- Cuba, J., 1491. [H]ortus sanitatis. *De herbis et plantis, de animalibus et reptilibus, de avibus et volatibus, de piscibus et natatilibus, de lapidibus & in terre venis nascentibus, de urinis et earū speciebus. Tabula medicinalis cum directorio generali per omnes tractatus*. Jacobus Meydenbach, Mogontia [=Mainz].
- Daniel, J., S. J., 1976. Tesouro descoberto no Rio Amazonas. 1ª, 2ª e 3ª partes. *Anais da Biblioteca Nacional*, Rio de Janeiro 95 (I): 1-437.
- Davenport, D., D. M. Wootton & J. E. Cushing, 1952. The biology of the Sierra luminous millipede, *Luminodesmus sequoia* Loomis and Davenport. *Biological Bulletin* 102: 100-110.
- Delforge, H., 1945. *Glossário dos nomes vulgares das plantas do herbário da Seção de Botânica*, 80 pp. Ministério da Agricultura, Serviço Florestal, Serviço de Documentação, Rio de Janeiro.
- Dellon, G., 1685. *Relation d'un voyage des Indes Orientales*. Claude Barbin, Paris.
- Diaz del Castillo, B., 1795. *Historia verdadera de la conquista de la Nueva España. Escrita por el Capitan Bernal Diaz del Castillo, uno de sus conquistadores. Tomo I*. Imprenta de Don Benito Cano, Madrid.
- Dioscorides [de Anazarba], P., 1552. *Pedanii Dioscoridis Anazarbei, de Medicinali materia libri sex, Ioanne Ruellio Suessionensi interprete. Cuilibet capiti huius secundae editionis additae annotationes, erudita & compendiariae*,

è selectiori medicorum promptuario: cum triginta iconibus stirpium nōdum delineatarū, quas huiusce libri finis dabit. Baltazarem Arnolletum, Lvgdvni.

Dioscorides [de Anazarba], P., 1695. *Pedacio Dioscorides anazarbeo acerca de la materia medicinal sobre los venenos mortíferos. Traducido de lengua griega en la vulgar castellana, è ilustrado con claras, y sustanciales anotaciones, y con las figuras de innumerables plantas exquisitas, y raras por el Doctor Andres Lagvna medico de Julio Tercero Pontífice Maximo. Va añadida una tabla para hallar remedio á todo genero de enfermedades, y otras cosas curiosas nunca antes impressa.* Benito Mace, Valencia.

Ducange, C. D., Seigneur, 1710. *Caroli Du Fresne domini Du Cange, regi à consiliis & Franciae apud ambianos quaestoris: Glossarium ad scriptores mediae & infimae latinitatis; in quo latina vocabula novatae significationis, aut usus rarioris, barbara & exotica explicantur, eorum notiones & originationes reteguntur: complures aevi medii ritus & mores, legum, consuetudinum municipalium, & jurisprudentiae recentioris formulae, & obsoletae voces; utriusque ordinis, ecclesiastici & laici, dignitates & officia, & quàm plurima alia observatione digna recensentur, enucleantur, illustrantur; E libris editis, ineditis, aliisque monumentis cùm publicis, tum privatis. Accedit Dissertatio de imperatorum Constantinopolitanorum, seu de inferioris aevi, vel imperii, uti vocant, numismatibus. Editio novissima insigniter aucta, ubi non solùm à glossario latinitatis, sed & greccitatis addita cuique parti supplementa, suis quaque locis inserta sunt. Tomi II. Pars I. Ex Officina Zunneriana apud Johannem Adamum Jungium, Francofurti ad Moenum.*

Du-Hamel, J. B., 1767. *Biblia Sacra Vulgatae editionis, Sixti V. & Clementis VIII. Pont. Mex. auctoritate recognita, cum annotationibus J. B. Du-Hamel, et vitreani exemplaris notis chronologicis atque historicis: Digesta, recensita, emendata studio atque operâ praepositi & sacerdotum Congregationis Oratorii Salvatoris. Pars prima.* Typis Joachimi de Ibarra, Matriti [= Madrid].

Durão, Fr. J. de Santa Rita, 1781. *Caramurú. Poema epico do descobrimento da Bahia, composto por Fr. José de Santa Rita Durão, da Ordem dos Eremitas de Santo Agostinho, natural da Cata-Preta nas Minas Geraes.* Regia Officina Typografica, Lisboa.

Ellis, M., 1969a. *A baleia no Brasil colonial.* Edições Melhoramentos & Editora da Universidade de São Paulo, São Paulo.

Epiphanius, S., 1864. Του εν αγιοις πατρος ημων Επιφανιου επισκοπου Κονσταντειας Κυπρου, εις τον Φυσιολογον τον διεξεληθοντα περι της 'εκαστου φυσεως των θηριων τε και των πετεινων. S. P. N. Epiphanii episcopi Constantiae Cyprii ad Physiologum, qui de uniuscujusque generis ferarum ac volucrum natura locutus est, columnas 517-534, in Migne, ed., 1864, q. v.

Erasmus, 1551. *Adagiorvm Chlliades Erasmi roterodami qvatvor cvm dimidia ex postrema avtoris recognitione. In hac aeditione, prioribus tribus indicibus subiunctus est quartus novuus, quo cuncta loca autorum in hoc opere sparsim citata, & ab ipso Erasmo uel restituta, lectori ob oculos quàm clarissimè posita.* Frobenius, Basileae.

Faustus Sabaeus, 1556. *Epigrammarum Fausti Sabaei brixiani custodis Bibliothecae Vaticanae libri quinque; ad Henricum regem Galliae, Primus de diis. Secundus de heroibus. Tertius de amicis. Quartus de amoribus. Quintus de miscellaneis.* Dorici, Roma.

Fernandes, R. M. R., 1984. O vento, as éguas da Lusitânia e os autores gregos e latinos. *Euphrosyne* 12: 53-77.

Ferreira, A B. de H., s/d. *Novo Dicionário da língua portuguesa* (1ª Ed., 2ª reimpr.). Editora Nova Fronteira, São Paulo.

- Ferreira, M. B., 2001. Variações lexicais, pp. 239-242, in Mateus, M. H. M., coord., *Caminhos do Português*. Biblioteca Nacional, Lisboa.
- Ferrer de Valdecebro, A., 1728. *Gobierno general, moral, y politico. Hallado en las aves mas generosas, y nobles. Sacado de sus naturales virtudes, y propiedades. Añadido en esta ultima impression en diferentes partes; y el Libro diez y nueve de las aves monstruosas. Corregido, y enmendado por el Santo Oficio de la Inquisicion. Le escribe el Padre Fray Andrés Ferrer de Valdecebro, Calificador de la Suprema Inquisicion, del Orden de Predicadores. Con quatro tablas diferentes; es la una para sermones varios de tempo, y de santos*. Francisco Medèl del Castillo, Mercader de Libros, Madrid.
- Ferreira, L. G., 1735. *Erario mineral dividido em doze tratados, dedicado, e offerecido á purissima, e serenissima Virgem Nossa Senhora da Conceição. Autor Luis Gomes Ferreyra, cirurgião approved, natural da Villa de S. Pedro de Rates, e assistente nas minas de ouro por discurso de vinte annos*. Officina de Miguel Rodrigues, Impressor do Senhor Patriarca, Lisboa Occidental.
- Ficalho, Conde de, 1895. *Coloquios dos simples e drogas da India por Garcia da Orta. Edição publicada por deliberação da Academia Real das Sciencias de Lisboa, dirigida e anotada pelo ...*, 2 vols. Imprensa Nacional, Lisboa. [Uma edição fac-similar foi publicada em 1987, também em 2 vols., pela Imprensa Nacional/Casa da Moeda, em Lisboa].
- Figueiredo, J. L., 1977. *Manual de peixes marinhos do Sudeste do Brasil. I. Introdução. Cações, raias e quimeras*. Museu de Zoologia, Universidade de São Paulo, São Paulo.
- Figueiredo, J. L. & N. A. Menezes, 1978. *Manual de peixes marinhos do Sudeste do Brasil. II. Teleostei (1)*. Museu de Zoologia, Universidade de São Paulo, São Paulo.
- Figueiredo, J. L. & N. A. Menezes, 1980. *Manual de peixes marinhos do Sudeste do Brasil. III. Teleostei (2)*. Museu de Zoologia, Universidade de São Paulo, São Paulo.
- Finger, S. & M. Piccolino, 2011. *The shocking history of electric fishes*. Oxford University Press, New York.
- Foesius, A. 1596. *Magni Hippocratis medicorum omnium facile principis, Opera omnia quae extant in VIII sectiones ex Erotiano mente distributa. Nunc recens latina interpretatione donata, ac denuò separatim in lucem edita, Anvto Foesio mediomattico medico authore: Adiecta sunt ad VI sectionem Palladij Scholia in lib. De Fracturis, nondum antea excusa, & nunc primùm è Graeco in Latinum conversa. Cum indice amplissimo & vtilissimo*. Apud her, And. Wecheli, Claud. Marn. & Io. Aubr., Francofurti.
- Forbes, T. R., 1972. Lapis Bufonis: The growth and decline of a medical superstition. *Yale Journal of Biology and Medicine* 45: 139-149.
- Foster, G. M., 1953. Relationships between Spanish and Spanish-American folk medicine. *The Journal of American Folklore* 66 (261): 201-217.
- Fuente la Peña, A. de, 1676. *El Ente dilucidado. Discurso vnico noviss<sup>o</sup>. q' muestra ay en natural<sup>o</sup>. Animal<sup>es</sup>. irracionales invisibles, y quale<sup>s</sup> sean. Por el R<sup>mo</sup>. P. F. Antonio de Fuete la peña ex provincial de Castilla. Dedicale al R<sup>mo</sup>. P. F<sup>o</sup>. Martí de Torrecilla Exlect. Calific<sup>or</sup> y Provincial de la misma Provincia de Capuchinos*. Emprenta Real, Madrid.
- Fulgentius, F. P., 1742. *Fabii Planciadis Fulgentii, viri clarissimi, Myrthologiarum ad Catum presbyterum*, pp. 595-734,

- in Staveren, A. van, ed., *Auctores Mythographi Latini. Cajus Julius Hyginus, Fab. Planciad. Fulgentius, Lactantius Placidus, Albricus Philosophus cum integris commentariis Jabobi Micylli. Joannis Schefferi, et Thomae Munckeri, quibus adcedunt Thomae Wopkensii emendationes ac conjecturae*. Samuelem Luchtman, Lugd. Bat. & J. Wetstenium et G. Smith, Amstelaed.
- Galenus, C., 1549. *Clavdii Galeni pergameni De Temperamentis Libri III. De inaequali intemperie liber vnus. Thoma Linacro algo interprete. Cum isagoge in eosdem libros, & scholijs marginalibus longè doctissimis, per Iacobum Syluium*. Apud Gulielmum Rouillium, Lvgdvni.
- Galenus, C., 1561. *Clavdii Galeni De Simplicivm Medicamentorum Facvltatibus, Libri XI. Theodorico Gerardo Gaudano interprete. Qui nunc tibi emendationes exeunt, locis compluribus suo nitori restitutis, ex Graeci exemplaris collatione*. Apvd Gulielmvm Rouillium, Lvgdvni.
- Galenus, C., 1633. *Cl. Galeni De Alimentorum Facvltatibus Libri III. Ex Martini Gregorii interpretatione; pluribus in locis, hac editione, emendata. Subjunctus est, alimentorum de quibus agit, index & Nomenclator Graecus, Latinus, Gallicus, Belgicus*. Apud Asingam de Fries, Lvgdvni Batavorum.
- Gallegos, M. de, 1635. *Templo da memoria. Poema epithalamico, nas felicissimas bodas do Excellentissimo senhor Duque de Bragança, & de Barcelos*. Lourenço Craesbeeck, Lisboa.
- Gandavo, P. de M., 1576. *Historia da prouincia sãcta Cruz a que vulgarmente chamamos Brasil feita por Pero de Magalhães de Gandavo, dirigida ao muito Ills. Sñor Dom Leonis Pra governador que foy de Malaca e das mais partes do Sul da India*. Officina de Antonio Gonsalvez, Lisboa.
- Garner, B. S., 1995. *Monster! A survey of the North American monster scene*. Hancock House Publishers, Blaine.
- [Gibb, G. D.], 1870. *Odd showers: Or, an explanation of the rain of insects, fishes, and lizards; soot, sand, and ashes; red rain and snow; meteoric stones; and other bodies; by Carribber. Intended chiefly for younf persons*. Kerby & Son, London.
- Gilmore, R.M., 1950. Fauna and ethnozoology of South America, pp. 345-464, in Steward, J. W., ed., *Handbook of South American Indians* (vol. 6). Smithsonian Institution, Washington, D. C.
- Goeldi, E. A., 1894. *As aves do Brasil*. Livraria Clássica Alves & Cia., Rio de Janeiro.
- Gómara, F.L. de, 1552-53. *Primera e segunda parte de la historia general de las Indias, con todo el descubrimiento y cosas notables que han acaescido dende que se ganaron asta el año de 1551, con la conquista de Mexico y de la Nueva España*. Augustín Millan, Saragoça.
- Gontier, P., 1668. *Petri Gontier roannaei consiliarii et medici regis ordinarii, Exercitationes hygiasticae, sive de sanitate tvenda et vita prodcvenda, libri xviii. Opus ex luculentissimis selectissimorum authorum monimentis nouâ methodo adornatum, omnibus suae valetudinis studiosis, cuiuslibet naturae, aetatis, sexus conditionis, gentis, non tantùm non iniucundum, sed vtile admodum, atque imprimir necessarium*. Antonii Ivllieron, Lvgdvni.
- Gorman, M. M., ed., 2009. *Isidorus episcopus Hispalienis, Expositio in Vetus Testamentum: Genesis. Textum ad fidem codicum antiquorum restituit Michael M. Gorman, fontes operis nunc primum detexernt Martine Dulaey et Michael M. Gorman*. Herder, Freiburg im Brisgau.
- Gregorius Nyssenus, 1863. Του αυτου εις την ‘ημεραν των φωτων, εν ‘η ‘εβαπτισθη ‘ο Κυριος ‘ ημου .

Ejusdem in diem luminum in quo baptizatus est Dominus noster, columnas 577-600, in Migne, 1863, q. v.

Grossinger, J. B., 1793. *Universa historia physica Regni Hungariae secundum tria regna naturae digesta. Tomus I. Regni animalis. Pars I. Zoologia, sive historia quadrupedum.* Sumptibus & Typis Simonis Petri Weber, Posenii et Comaromii.

Guarim Neto, G., 2006. O saber tradicional pantaneiro: As plantas medicinais e a educação ambiental. *Revista Eletrônica do Mestrado em Educação Ambiental*, Rio Grande 17: 71-89.

Hahn, S. F., 1726. *Simonis Friderici Hahnii, sacrae regiae maiestatis britannicae consilarii, eiusdemque, et vniversae domvs serenissimae brvnsvico-lyneb. historiographi, ac bibliothecae regiae hannov. Praefecti, Collectio monymentorvm vetervm et recentvm, ineditorvm, ad codicvm fidem restitvtorvm, selectorvm, et rariorvm, diplomatvm nempe, sigillorvm, litterarvm, chronicorvm, aliorvmqve insignivm scriptrorvm, antiqvitates, geographiam, historiam omnem, ac nobiliores ivris partes, havd mediocriter illvstrantivm. Tomvs II.* Officina Frid. Wilh. Meyeri, Brvnsvigae.

Hernandez, F., 1751. *Rervm medicarvm Novae Hispaniae Thesavrvs sev Plantarvm Animalivm Mineralivm Mexicanorvm historia ex Francischi Hernandez Noui Orbis medici primarij relationibus in ipsa mexicana vrbe conscriptis a Nardo Antonio Recchio Monte Coruinate Cath. Maiest. Medico et Neap. Regni Archiatro Generali iussu Philippi II Hisp. Ind. etc. Regis collecta ac in ordine digesta à Ioanne Terrentio lynceo Constantiense Germ. Phō. Ac Medico notis illustrate. Nunc primū in naturaliū rer. Studiosor, gratiā lucubrationibus Lynceorū publici iuris facta. Quibus jam excussis accessere demum alia quor omnium synopsis sequenti pagina ponitur. Opus dobus voliminibus diuisum.* Typographia Vitalis Mascardi, Romae.

Holkot, R., 1518. *Celeberrimi ac moralissimi sacre pagine doctoris magistri Roberti Holcot alemani/ diui predicatorum fratrum ordinis professi. Opus reuera insignissimum. in librum Sapiētie Salomonis editum/ Nouissime in hac portatili & commodiosi forma/ luculentissime extitit rempressum Anno incarnationis domini Millesimo quingentesimo. xviii.* Johannes Frellon, Parisiis.

Holkot, R., 1586. *M. Roberti Holcoth [sic] angli, Ordinis Praedicatorvm, Professoris Theologiae olim in Academia Oxoniensi celeberrimi & doctissimi: In Librvm Sapientiae Regis Salomonis Praelectoones CCXIII. Qvae hactenvs div latervnt, et à multis plurimū desiderata, nunc vetustissimorum exemplarium (quorum vnum ante ann. 208. Basileae scriptum est: alterum ante ann. 97. Reüttingae impressum) diligenti & fideli collatione habita, cum inserto Graeco & distichis adiectis argumenta capitum comprehenditibus: À multis mendis privum repvrgatae ad commodum & utilitatem omnium statuum Sapientiae sudientium in lucem prodeuntes. His etiam in calce libri eiusdem autoris, moralizationvm historiarum, siue moralium explicatuonum liber est adiectus: Ad cognitiones & informationem uitae humane non minus utilis quàm iucundus.* S.e., s.l.

Holland, P., 1848. *Pliny's Natural History. In thirty-seven books. A translation on the basis of that of Dr. Philemon Holland, ed. 1601. With critical and explanatory notes. Vol. III.* George Barclay, London.

Huber, J., 1902. Sobre os materiaes do ninho do japú, *Ostinops decumanus.* *Boletim do Museu Paraense* 3: 1 - 15.

Hugo de Sancto Charo, 1669. *Hvgonis de Sancto Charo, S. Romanae Ecclesiae Tituli S. Sabinae Cardinalis Primi Ordinis Praedicatorum Tomus Tertivs, in Libros Prouerbiorum, Ecclesiastae, Canticorum, Sapientiae, Ecclesiastici. Opvs admirabile, omnibvs concionatoribvs, ac Sacra Theologiae professoribus pernecessarium: In qvo declarantvr sensvs omnes, literalis scilicet, allegoricus, tropologicus, & anagogicus, maxima cursi studentium vtilitate. Editio vltima prae caeteris recognita et emendata.* Sumptibus Ioannis Antonii Hvgvetan & Gvillielmi Barbier, Lvgdvni.

- Husson, A. M., 1978. *The mammals of Suriname*. E. J. Brill, Leiden.
- Ihering, H. von & R. von Ihering, 1907. *As aves do Brazil*. Typographia do Diario Official, São Paulo.
- Ihering, R. von, 1940. *Dicionário dos animais do Brasil*. Diretoria de Publicidade Agrícola, São Paulo.
- Ihering, R. von, 1953. *Da vida dos nossos animais* (3a ed.), 320 pp., 629 figs. Rotermund & Co., São Leopoldo.
- Isidoro de Sevilha, Sto., 1993. *Etimologías. Traducción de J. O. Reta & M. A. N. Vasquero*. Biblioteca de Autores Cristianos, Sevilla.
- Isidorus Hispaliensis, 1862. Sancti Isidori Hispalensis episcopi Mysticotum expositiones sacramentorum seu Questiones in Vetus Testamentum. In Genesis, columnas 207-288, in Migne, ed., 1862, q. v.
- Jeanne, R. L., 1975. The adaptiveness of social wasp nest architecture. *Quarterly Review of Biology* 50: 267-283.
- Jentink, F. A., 1888. *Catalogue systématique des Mammifères (Rongeurs, Insectivores, Cheiroptères, Édentés et Marsupiaux)*. E. J. Brill, Leiden.
- Jentink, F. A., 1910. Description of a shrew from Suriname. *Notes from the Leyden Museum* 32 (2/3):
- Jimenez, M., 1826. *Nomenclatura farmacéutica, y sinonímia general de farmacia y materia médica*. Imprenta de Don Eusebio Alvarez, Madrid.
- Ker, W. C. A., trad., 1950. *Martial Epigrams*. Harvard University Press, Cambridge, Massachusetts & William Heinemann Ltd., London.
- Kidder, D. P., 1845. *Sketches of residence and travels in Brazil, embracing historical and geographical notices of the Empire and its several provinces. In two volumes – With illustrations. Vol. II*. Wiley & Putnam, London.
- Kircher, A, 1675. *Arca Noe in tres libros digesta*. Joannem Janssonium, Amstelodami.
- Klokov, K., 2007. Reindeer husbandry in Russia. *International Journal of Entrepreneurship and Small Business* 4 (6): 726-784.
- Koehler, P. J., S. Finger & M. Piccolino, 2009. The “eels” of South America: Mid-18th-century Dutch contributions to the theory of animal electricity. *Journal of the History of Biology* 42 (4): 715-763.
- Lactantius, 1548. *L. Coelii Lactantii Firmiani Divinarum Institutiones Lib. VIII. De Ira Dei Liber I. De Opificio Dei Liber I. Epitome in libros suos, Liber acephalos. Carmen de Phaenice, Ressurrectione Dominica, Passione Domini. Omnia ex castigatone Honorati Fasitelis veneti pristinae integritati restituta*. Ioan. Tornaesium, & Gulielmum Gazeium, Lvgdvni.
- Laurent. J. C. M., ed., 1864. *Peregrinatores medii aevi quatuor. Burchardus de Monte Sion. Ricoldus de Monte Crucis. Odoricus de Foro Julii. Wilbrandus de Oldenborg. Quorum duos nunc primum edidit duos ad fidem librorum manuscriptorum recensuit J. C. M. Laurent*. J. C. Hinrichs Bibliopola, Lipsiae.
- Lenko, K. & N. Papavero, 1997. *Insetos no folclore* (2ª. ed.). Editora Plêiade & Fundação de Amparo à Pesquisa do

Estado de São Paulo, São Paulo.

- Leonardi, c., 1750. *The mirror of stones: In which the nature, generation, properties, virtues and various species of more than 200 different jewels, precious and rare stones, are distinctly described. Also certain and infallible rules to know the good from the real from the counterfeits. Extracted from the works of Aristotle, Pliny, Isadorus, Dionysius Alexandrinus, Albertus Magnus, &c.* H. Freeman, London.
- Lewis, J. G. E., 1981. *The biology of centipedes.* Cambridge University Press, Cambridge.
- Lindsay, W. M., 1911. *Isidori Hispalensis episcopi Etymologiarvm sive Originvm Libri XX. Recognovit breuique adnotatione critica instruxit W. M. Lindsay in Vniuersitate Andreana litterarvm hvmniorvm professor. Tomvs I libros I-X continens.* E Typographeo Clarendoniano, Oxonii.
- Littre, É., 1853. ΠΕΡΙ ΕΠΙΚΥΗΣΙΟΣ/ De la superfétation, pp. 476-509, in seu *Oeuvres complètes d'Hippocrate, traduction nouvelle avec le texte grec en regard, collationné sur les manuscrits et toutes les éditions; accompagné d'une introduction. De commentaires médicaux, de variants et de notes philologiques, suivie d'une table générale des matières. Tome Huitième.* J. B. Bailliére, Paris.
- Loomis, H. F. & D. Davenport, 1951. A luminescent new xystodesmid millipede from California. *Journal of the Washington Academy of Sciences* 42: 270-272.
- López Medrano, D. D., 2010. Las garantías penales y procesales. La reforma constitucional de 2008. *Anuario giuridico dell'Università degli Studi di Perugia. Diritto e Processo* 5: 288-313.
- Maffei, I. P., 1605. *Ioan. Petri Maffei, bergomatis, e Societate Iesv, Historiarvm Indicarum Libri XVI. Selectarvm, item, ex India epistolarvm libri IV. Accessit liber recentionum epistolarum, à Ioanne Hayo Delgattiensi Scoto ex eadem societate nunc primùm exclusus, cum índice accurato. Dvobvs tomis distribvti. Omnia ab auctore recognbita, & emendata. In singula copiosus Index.* Officina Martini Nutij, Antverpiae.
- Magalhães, A C. de, 1951. Nomenclatura popular de peixes fluviaes, pp. 231-255, in sua *Monographia brazileira de peixes fluviaes*, 260 pp., 120 figs. Graphicars, Romiti, Lanzara & Zanin, São Paulo.
- Magalhães, J., 1969. A cobra e o folclore sertanejo. *Revista do Instituto do Ceará* 87: 113-123.
- Maio, A., 1931. *Classicorum auctorum e Vaticanis codicibus editorum. Tomus III. Complectens Mythographos tres, fabulas Phaedri ut aiunt novas, Boethii opuscula duo, Cassiodorii supplementum, epigrammata vetera, geographum veterem, Gargilii Martialis fragmentum De Pomis, Placidi glossas, et alia quaedam. Curante Angelo Maio, Vaticanae Bibliothecae Praefecto.* Typis Vaticanis, Romae.
- Maiolo, S., 1600. *Dies canicvlares hoc est Colloqvia tria et viginti physica, nova et penitvs ad miranda ac svmma ivcvnditate concinnata, per Simonem Maiolvm episcopum Vulturarieñ. Qvibus pleraqve natvrae admiranda, quae aut in athere fiunt, aut in Europa, Asia, atq, Africa, quin etiam in ipso orbe nouo, & apud omnes antipodas sunt, item mirabilia arte hominum confecta recensentur, ordine, quem sequens pagina tertia indicabit. Opvs collectvm est ex sacris litteris, sacris earum interpretibus, sacris, sanctorumqur historiis, philosophis, qui naturas rerum enarrarunt, profanarum historiarum omnifarum scriptoribus, attestationibus eorum qui orbem, tum mari, tum continenti peragrarunt, aliis auctoribus non paucis, qui sparsim, & obter de hoc argumento tradiderunt.* In Archiepiscopatus Moguntinensis, apud Cornelium Sutorium, impensis Ioannis Theobaldi Schönwetteri, Vrsellis [= Ursel, Bélgica].



- Malvenda, T., 1627. *Annalivm Sacri Ordinis Praedicatorum centuria prima. Auctore a R. P. F. Thoma Malvenda setabitano, eusdem instituti, sac. theol. magistro, prouinciae Aragoniae. Ivssv reverendissimi P. Fr. Seraphini Sicci magistri generalis in Ivce edita. Cum tribus locupletissimi indicibus; aucthorum, locorum S. Scripturae & rerum notabilium.* Ex Typographia Lazari Scorigij, Neapoli.
- Mañer, S. J., 1729. *Anti-Theatro Critico, sobre el primero, y segundo tomo del Theatro Critico Universal del Emo. P. M. Fr. Benito Feyjoð, maestro general de la religion de S. Benito, y cathedratico de visperas de teologia de la Universidad de Oviedo; en que se impugnan veinte y seis discursos, y se le notan setenta descuidos. Su autor D. Salvador Joseph Mañer, que lo dedica al serenissimo señor Guillermo Jacinto, Principe de Orange, y de Nassau-Siegen.* Juan de Moya, Madrid.
- March, F. A., 1874. *Latin hymns, with English notes. For use in schools and colleges.* Harper & Brothers, Publishers, New York.
- Marques, C. A., 1864. *Apontamentos para o Dicionario Historico, Geographico, Topographico e Estatistico da Provincia do Maranhão. Por Cezar Augusto Marques, Doutor em Medicina pela Faculdade da Bahia, Membro Honorário da Real Sociedade Humanitaria do Porto, e do Instituto Archeologico e Geographico Pernambucano, Correspondente da Sociedade de Sciencias Medicas de Lisboa, da Imperial Academia de Medicina, e da Auxiliadora da Industria Nacional do Rio de Janeiro, dos Institutos Historicos e Geographicos da Bahia e do Rio Grande Sul, etc. etc. etc.* José Maria Correa de Frias, Edivtor, Maranhão [= São Luís].
- Marques, J., 1764. *Novo dicionario das linguas portuguesa, e franceza, com os termos latinos, tirado dos melhores autores, e do Vocabulario Portuguez e Latino do P. D. Rafael Bluteau, dos Dicionarios da Academia Franceza, Universal de Trevoux, de Furetiere, de Tachard, de Richelet, de Danet, de Boyer, &c. Com os nomes proprios das naçoens, dos reinos, das provincias, das cidades, das comarcas, dos rios do mundo, &c. Pelo Padre Joseph Marques, Capellaõ Regente do Coro, e Mestre da Musica da Igreja de Nossa Senhora do Loreto. Primeira edição. Tomo segundo.* Officina Patriarcal de Francisco Luiz Ameno, Lisboa.
- Martins, R. de A. & L. A. P. Martins, 2007. Uma leitura biológica do 'De Anima' de Aristóteles. *Filosofia e História da Biologia* 2: 405-426.
- Martius, C. F. P. von, 1863. *Nomina animalium in lingua tupi, adjecta synonyma e multis linguis praesertim Brasiliae. Thiernamen in der Tupisprache, mit Synonymen aus anderen Sprachen und Dialekten, besonders Brasilien.* pp. 428-486, in seu *Beiträge zur Ethnographie und Sprachenkunde Brasiliens. Glossaria linguarum brasiliensium Glossarios de diversas lingoas, e dialectos, que fallao os indios no Imperio do Brazil. Wortersammlung brasilianischen Sprachen*, xxi + 548 pp. Junge & Sohn, Erlangen.
- Martius, C. F. P. von, 1863. *Nomina plantarum in Lingua Tupi. Pflanzennamen in der Tupisprache*, pp. 371-412, in seu *Beiträge zur Ethnographie und Sprachenkunde Brasiliens. Glossaria linguarum brasiliensium. Glossarios de diversas lingoas e dialectos, que fallão os indios no Imperio do Brazil. Wörterammlung brasilianischen Sprachen*, xxi + 548 pp. Junge & Sohn, Erlangen.
- Medina, J. T., 1889. *Cosas de la Colonia. Apuntes para la crónica del siglo XVIII en Chile.* Imprenta Ercilla, Santiago de Chile.
- Meireles, M. A. & L. Cabral, 1997. Documentos relativos ao Brasil existentes na Biblioteca Pública Municipal do Porto. *Acervo*, Rio de Janeiro 10 (1): 29-46.

- Menezes, N. A & J. L. Figueiredo, 1985. *Manual de peixes marinhos do Sudeste do Brasil. V. Teleostei (4)*. Museu de Zoologia, Universidade de São Paulo, São Paulo.
- Menezes, N. A & J. L. Figueiredo, 1980. *Manual de peixes marinhos do Sudeste do Brasil. IV. Teleostei (3)*. Museu de Zoologia, Universidade de São Paulo, São Paulo.
- Mercado, L., 1602. *De mvliervm affectionibvs libri quatvor. Primus, De communibus mulierum passionibus disserit, Secundus, De virginum, & viduarum morbis, Tertius, De steriliis, & pregnantium accidentibus, Quartus, De puerperarum, & nutricum regimine*. Avctore Lvdivico Mercato Doct. Med. Excel. et in Vallis Soletanae Academia primariae Cathedrae Professore. Cum indice capitum, tum rerum omnium locupletissimo. Apud Societatem Venetam, Venetiis.
- Mercado, L., 1609. *Dn. Lvd. Mercati Medici a cvbicvlo Philippi II. & III. Hispan. atque Indiarum Regum potentissimorum, eorundemque Protomedici: et in Vallesoletana Academia primariae Cathedrae Professoris Emeriti, Opera omnia, in tres tomos diuisa: quorum I. 1. De constitutione corporis humani. 2. De sanitatis conseruatione ac praecautione. 3. De morbis, eorum signis, causis, symptomatibus, differentijs ac curatione. II. 4. De capitis ac vicinarum partium. 5. De pectoris, pulmonis, & cordis. 6. De ventriculi & intestinorum. 7. De iecoris, splenis, renum & vesice; 8. De morbi gallici natura & curatione. 9. De morbis haereditariis. 10. De febrium essentia, causis, differentiis, & diagnotione. III. 11. De mulierum. 12. De virginum & viduarum. 13. De steriliis & pregnantium. 14. De puerperarum & nutricum. 15. De pulsus arte & harmonia. 16. De recto praesidiorum artis medicae vsu. Sedvlo accvrate relecta, emacvlata, brevibvs epitomis, ac indicibus locupletissimis donata*. Apud Bernardum Iuntam, Ioan. Bapt. Ciottum, & Socios, Venetiis.
- Migliaccio, M. I, E. Bechara & C. Costa, 1985. Cupinzeiros luminescentes. *Ciência Hoje*, Rio de Janeiro 3(16): 92-93, figs.
- Migne, J. P., ed., 1845a. *Patrologiae Cursus Completus sive bibliotheca universalis, integra, uniformis, commoda, oeconomica, omnium SS. Patrum, doctorum scriptorumque ecclesiasticorum qui ab aevo apostolico ab usque Innocentii III tempora floruerunt: Recusio chronologica omnium quae exstiterunt monumentorum catholicae traditionis per duodecim priora ecclesiae saecula, juxta editiones accuratissima, inter se cumque nonnullis codicibus manuscriptis collatas, perquam diligenter castigata; dissertationibus, commentariis lectionibusque variantibus continenter illustrata; omnibus operibus post amplissimas editiones quae tribus novissimis saeculis debentur absolutas detectis, aucta, indicibus particularibus analyticis, singulos sive tomos, sive autores alicujus momenti subsequentibus, donata; capitulis intra ipsum textum rite dispositis, necnon et titulis singularum paginarum marginem superiorem distinguuntibus subjectamque materiam significantibus, adornata; operibus cum dubiis tum apocryphis, alique vero auctoritate in ordine ad traditionem ecclesiasticam pollentibus, amplificata; duobus indicibus generalibus locupletata: altero scilicet rerum, quo consulto, quidquid unusquisque patrum in quodlibet thema scripserit uno intuitu conspiciatur; altero Scripturae Sacrae, ex quo lectori comperire sit obvium quinam patres et in quibus operum suorum locis singulos singulorum librorum scripturae textus commentati sint. Editio accuratissima, caeterisque omnibus facile anteposenda, si perpendantur: characterum nitiditas, chartae qualitas, integritas textus, perfectio correctionis, operum recursorum tum varietas tum numerus, forma voluminum perquam commoda sibi in toto operis decursu constanter similis, pretii exiguitas, praesertimque ista collectio, una, methodica et chronologica, sexcentorum fragmentorum opusculorumque hactenus hic illic sparsorum, primum autem in mostra bibliotheca, ex operibus ad omnes aetates, locos, linguas formasque pertinentibus, coadunatorum. Series Prima, in qua prodeunt patres, doctores scriptoresque ecclesiae latinae a Tertulliano ad Gregorium Magnum. Accurante J.-O. Migne, Cursuum Completorum in singulos scientiae ecclesiasticae ramos editore. Patrologiae Tomus XIV. S. Ambrosii Tomi Primi Pars Prior. J. P. Migne Editorem, Petit-Montrouge.*

- Migne, J. P., 1845b. Idem. *Patrologiae Latinae Tomus XLI. S. Aurelii Augustini. Tomus Septimus*. J. P. Migne Editorem. Petit-Montrouge.
- Migne, J. P., 1850. *Patorlogiae Latine Tomus LXXXII. Sancti Isidori hispalensis episcopi Opera Omnia. Tmi tertius et quartus*. J. P. Migne Editorem. Petit-Montrouge.
- Migne, J. P., 1853. *Patrologiae Latinae Tomus CXLIV. S. Petri Daminani Tomus Primus*. J. P. Migne Editorem, Petit-Montrouge.
- Migne, J. P., 1857. *Patrologiae Graecae Tomus XXIX. Saeculum IV. Του εν 'αγιος πατρος 'ημων Βασιλειου, αρχιεπισκοπου Καισαρειας Καππαδοκιας, τα ευρισκομενα παντα. S. P. N. Basilii, Caesareae Cappadociae archiepiscopi, Opera Omnia quae exstant. Tomus primus*. J. P. Migne Editorem. Petit-Montrouge.
- Migne, J. P., 1863. *Patrologiae Graecae Tomus XLVI. Traditio Catholica. Saecula IV-V, Annus 401. Του εν 'αγιος πατρος 'ημων Γρηγοριου επισκοπου Νυσσης τα ευρισκομενα παντα. S. P. N. Gregorii episcopi Nysseni Opera quae reperiri potuerunt omnia. Tomus tertius*. J. P. Migne Editorem. Petit-Montrouge.
- Migne, J. P., 1864a. Idem. *Patrologiae Graecae Tomus XLIII. S. Epiphanius constantiensis in Cypro episcopus*. J. P. Migne Editorem, Petit-Montrouge.
- Migne, J. P. 1864b. *Patrologiae Latine Tomus CIX. B. Rani Mauri fuldensis abbatis et moguntini archiepiscopi Opera Omnia. Tomus tertius*. J. P. Migne Editorem, Petit-Montrouge.
- Migne, J. P., ed., 1888. Idem.. *Series Graeca in qua prodeunt patres, doctores, scriptoresque ecclesiae graecae a S. Barnaba ad Bessarionem. Accurante J.-P. Migne, bibliothecae cleri universe sive Cursum Completorum in singulos scientiae ecclesasticae ramos editore. Patrologiae Graecae Tomus XXX. S. Basilius caesariensis episcopus*. Garnier Freres, Editores et J.-P. Migne Successores, Parisiis.
- Miranda, X., A. Reigosa & X. R. Cuba, 2007. *Diccionario de los seres míticos galegos*. Edicións Xerais de Galicia, Vigo.
- Monardes, N. B., 1580. *Primera y segvnda y tercera partes de la historia medicinal: de las cosas que se traen de nuestras Indias Occidentales, que siruen em Medicina. Tratado de la Piedra Bezaar, y de la yerua Ecurçonera. Dialogo de las grandezas del Hierro, y de sus virtudes medicinales. Tratado de la Nieuve, y del beuer frio. Hecho por el Doctor Monardes, Medico de Seuilla. Van en esta impression la terceira parte, y el dialogo del hierro, nueuamente hechos: que no ha sido impressos hasta agora. Do ay cosas grandes, y dignas de saber*. Em Casa de Fernando Diaz, Seuilla.
- Montoya, A. R. de, 1639. *Tesoro de la Lengva Gvarani. Compuesto por el Padre Antonio Ruiz, de la Compañia de Iesus, Dedicado a la Soberana Virgen Maria*. Iuan Sanchez, Madrid.
- Moraes, M., 1881. *Phytographia ou Botanica Brasileira applicada à medicina, às artes e à industria seguida de um suplemento de materia medica, inclusive as plantas conhecidas e applicadas pelos indios em suas enfermidades*. Livraria de B. L. Garnier, Rio de Janeiro.
- Moreira, N. J., 1870. *Vocabulario das arvores brazileiras que podem fornecer madeira para construcções civis, navaes e marcenaria*, 49 pp. Typographia Universal de Laemmert, Rio de Janeiro.
- Moura, C. F., 1992. *Mato-grossenses na Universidade de Coimbra nos séculos XVIII e XIX [Separata da Revista da*

*Universidade de Coimbra Vol. XXXVII – Ano 1992 – opag. 71-75J*. Imprensa da Coimbra, Coimbra.

- Negret, A. & Teixeira, D.M., 1983. O uso de termiteiros para a nidificação de algumas aves do Planalto Central. *In: Congresso Brasileiro de Zoologia 10, Belo Horizonte, 1983. Resumos ...* Belo Horizonte, Universidade Federal de Minas Gerais, p. 348-349.
- Nieremberg, J. E., 1635. *Ioannis Evsebii Nierembergii madritensis ex Societate Iesv in Academia Regia Madritensi physiologiae professoris Historia Natvrae, maxime peregrinae, libris XVI. distincta. In quibus rarissima naturae arcana, etiam astronomica, & ignota Indiarum animalia, quadrupedes, aues, pisces, reptilia, insecta, zoophyta, plantae, metalla, lapides, & alia mineralia, fluuiorumque & elementorum contitiones, etiam cum proprietatibus medicinalibus, describuntur; nouae & curiosissimae questiones disputantur, ac plura sacrae Scripturae eruditè enodantur. Accedunt de miris & miraculosis naturis in Europâ libri duo: item de iisdem in terra Hebraeis promissâ liber vnus*. Officina Plantiniana Balthasaris Moreti, Antverpiae.
- Nunes, G. P., M. F. da Silva, U. M. Resende & J. M. de Siqueira, 2003. Plantas medicinais comercializadas por raizeiros no centro de Campo Grande, Mato Grosso do Sul. *Revista Brasileira de Farmacognosia* 13 (2): 83-92.
- Ocampo López, J., 2006. *Folclor, costumbres y tradiciiones colombianas*. Editora Colombia, Bogotá.
- Orta, G. da. J 563. *Coloquios dos simples, e drogas he cousas mediçinais da India, e assi dalguas frutas achadas nella onde se tratam alguas cousas tocantes a mediçina, pratica, e outras cousas boas, pera saber cômposos pello Doutor garçia dona: fisico del Rey nosso senhor, vistos pello muyto Reuerendo senhor, ho liçenciado Alexos diz: falcam desenbargador da casa da supricao inquisidor nestas partes*. Ioannes de Endern, Goa.,
- Ortelius, A., 1579. *Theatrum Orbis Terrarum. Opus nund denuò ab ipso auctore recognitum, multisque castigatum, & quamplurimus nouis tabulis atquè commentarijs auctum*. Apud Christophorum Plantinum, Antwerpiae.
- Osorio, J., 1576. *Hieronimi Osorii lvsitani, silvensis in Algarbiis episcopi; De Rebus; Emmanvelis, Regis Lvsitaniae invictissimi virtute et avspicio, annis sex, et viginti, domi forisque gestis, libri duodecim. Ad Hericvm Principem, regius eius. F. Cardinalem. Adcessit hvic postremae editioni; Io. Metelli sequani I. C. Epistola ad Ant. Avgvstinvm, episcopum ilerdensem: qua repertam ab Hispanis & Lusitanis nauigationem, in Orientis & Occidentis Indiam, & populorum eius mores, ac ritus; paucis comprehendit. Porro; adiectus est, praeter marginis notationes, locupletissimus rerum & verborum index*. Apud Haeredes Arnoldi Birckmanni, Coloniae Agrippinae.
- Ovidius, 1826. *P. Ovidii Nasonis Opera, e textu Burmanni; cum botis Bentleii hactenus ineditis, necnon Harlesii, Gierigii, Burmanni, Lemairii, et aliorum selectissimis. Volumen tertium*. Impensis Talbaoy et Wheeler, Oxonii; et Gilielmi Pickering, Londini.
- Oviedo, G. F. de 1535. *Historia General y Natural de las Indias, Islas y Tierra-Firme*. Juan Cromberger, Sevilla.
- Oviedo, G. F. de, 1526. *Relacion sumaria de la Natural Historia de las Indias*. Ramón de Petras, Toledo.
- Papavero, N. & D. M. Teixeira, 2011. Os animais do Estado do Grão-Pará segundo um manuscrito do jesuíta Antônio Moreira (ca. 1750). *Arquivos de Zoologia, São Paulo* 42 (2): 83-131.
- Papavero, N., J. Llorente-Bousquets & D. Espinosa Organista, 1995. *Historia de la Biología Comparada. Volumen III. De Nicolás de Cusa a Francis Bacon*. Universidad Nacional Autónoma de México, México, D. F.

- Papavero, N., J. Llorente-Bousquets, D. Espinosa Organista & R. de C. S. Mascarenhas, 2000. *História da Biologia Comparada. I. Desde o Gênesis até o fim do Império Romano do Ocidente*. Holos Editora, Ribeirão Preto.
- Papavero, N., J. R. Pujol-Luz & J. Llorente-Bousquets, 2001. *Historia de la Biología Comparada. Volumen IV. De Descartes a Leibniz (1628-1716)*. Universidad Nacional Autónoma de México, México, D. F.
- Papavero, N. & D. M. Teixeira, 2000. A “Muhraida”, poema heróico de Henrique João Wilkens (1785) e seus impressionantes dados sobre o morticínio da tartaruga amazônica. *Contribuições avulsas sobre a História natural do Brasil (História da História natural)*, Seropédica 22: 1-5.
- Papavero, N., D. M. Teixeira, J. L. de Figueiredo, K. B. Barros-Cordeiro & J. R. Pujol-Luz, 2012. *A história natural da Região Centro-Oeste brasileira nos “Dialogos geográficos, chronologicos, politicos e naturaes” de Joseph Barbosa de Sáa (Século XVIII). O primeiro inventário da fauna, flora e recursos naturais do cerrado e do pantanal*. Technical Books, Rio de Janeiro.
- Papavero, N., D. M. Teixeira & J. Llorente-Bousquets, 1997. *História da biogeografia no período pré-evolutivo*. Editora Plêiade & Fundação de Amparo à Pesquisa do Estado de São Paulo, São Paulo.
- Papavero, N., D. M. Teixeira & M. de C. Ramos, 1997. *A “Protogea” de G. W. Leibniz (1749): uma teoria sobre a evolução da Terra e a origem dos fósseis*. Editora Plêiade & Fundação de Amparo à Pesquisa do Estado de São Paulo (FAPESP), São Paulo.
- Paré, A., 1652. *Les oeuvres d’Ambroise Paré. Conseillier et premier chirvrgien dv Roy. Onziesme edition. Reveve et corrigée en plvsivers endroits, & augmentée d’vn fort ample traicté des fièvres, tant en general qu’en particulier, & de la curation d’icelles, nouvellement troué dans les manuscrits de l’autheur. Auec les pourtraicts & figures, tant de l’anatomie que des instruments de chirurgie, & de plusieurs monstres*. Chez Pierre Rigavd, & Antoine Ivllieron, Lyon.
- Pasa, M. C., J. J. Soares & G. Guarim Neto, 2005. Estudo etnobotânico de Conceição-Açu (alto da bacia do rio Aricá Açu, MT, Brasil). *Acta botanica brasílica* 19 (2): 195-207.
- Peck, A. L., 1963. *Aristotle. Generation of animals. With an English translation*. William Heinemann Ltd., London & Harvard University Press, Cambridge.
- Peckolt, T. & G. Peckolt, 1888. *Historia das plantas medicinaes e uteis do Brazil contendo a descrição botanica, cultura, partes usadas, composição chimica, seu emprego em diversas molestias, doses, usos industriaes, etc., etc. [1º Fasciculo]*. Typographia Laemmert, Rio de Janeiro.
- Pereira, C., 1941. Sobre as ‘ratadas’ no sul do Brasil e o ciclo vegetativo das taquaras. *Arquivos do Instituto Biológico*, São Paulo 12: 175-196.
- Pigafetta, A., 1800. *Primo viaggio intorno al globo terracqueo ossia ragguaglio della navigazioni alle Indie Orientali per la via d’Occidente fatta dal cavaliere Antonio Pigafetta, patrizio vicentino, sulla squadra del Cap. Magaglianes negli anni 1519 - 1522. Ora pubblicato per la prima volta, tratto da un codice MS della Bibliotheca Ambrosiana di Milano e corredato di note da Carlo Amoretti, dottore de Collegio Ambrosiano, con un transunto del trattato di navigazione dello stesso autore*. Stamperia di Guisepe Galeazi, Milano.
- Pinto, A M., 1935. *Suplemento aos apontamentos para o Dicionario Geographico do Brazil (Com accrescimos e*

correções). A-Z. Imprensa Nacional, Rio de Janeiro.

Pinto, O. M. de O., 1938. Catálogo das aves do Brasil e lista dos exemplares que as representam no Museu Paulista Ia parte. Aves não Passeriformes e Passeriformes não Oscines, excluída a Fam[ília] Tyrannoidea. *Revista do Museu Paulista* 22: 1-566.

Piza, A. de T., 1899. Chronicas do Cuyabá. *Revista do Instituto Historico e Geographico de São Paulo* 4: 1-3.

Polo, M., 1992. *The Travels of Marco Polo. Translated by H. Yule and H. Cordier.* Dover Publications, New York.

Ponce de Leon, C., 1588. Του αγιου πατρος ημων Ηπιφανιου, επισκοπου Κουσταντειας, εις τον Φυσιολογον του αυτω εις τα βαλια λογοσ. *Sancti patris nostri Epiphanii, episcopi Constantiae Cypri, ad Physiologvm. Eiusdem in die sexto Palmarum sermo. D. Consali Ponce de Leon hispalensis, S. D. N. Sixti V. Cubicularij secreti, interpretis & scholiastae, bimestre otium.* Ex Officina Christophori Plantini, Architypographi Regij, Antverpiae.

Porto Alegre, A., 1980. *Popularium sul-rio-grandense (estudos de filologia e folclore)*. 2ª. ed. Editora da Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre.

Procter, F. & E. S. Dewick, eds., 1893. *The Martiloge in Englysshe after the See of the Church of Salisbury and as it is redde in Syon with addictyons. Printed by Mybkyn de Worde in 1526.* Henry Bradshaw Society, London.

Quaresmius, F., 1652. *De Sacratissimis D. N. Iesv Christi qvinqve vvlneribus, varia, pia, et luculenta tractatio, in qua eorum praedestinatione, causis, figuris, circumstantiis, prophetiis, effectibus et admirandis agitur. Opus in V. tomos distributum. Cum triplice indice.* Vol. 1 (Tomos I, II e III), Vol. 2 (Tomos IV e V). Sumptibus S. Combi et J. Lanou, Venetiis.

Rackham, H., ed., 1961. *Pliny. Natural Histort. With an English translation in ten volumes. Volume II. Libri III-VII.* Harvard University Press, Cambridge & William Heinemann Ltd., London.

Rackham, H., ed., 1967. *Pliny. Natural History. With an English translation in ten volumes. Volume III. Libri VIII-XI.* Harvard University Press, Cambridge & William Heinemann Ltd., London.

Ranneft, D.M., H. Eaker & R. W. Davis, 2001. A guide to the pronunciation and meaning of cetacean taxonomic names. *Aquatic Mammals* 27 (2): 183-195.

Rema, H. P., coord., 1970. *Santo António de Lisboa. Obras completas*, 3 vols. Sociedade de Língua Portuguesa, Lisboa.

Rema, H. P., coord., 1987. *Santo António de Lisboa. Obras completas: Sermões Dominicais e Festivos*, 2 vols. Lello Editores, Porto [Edição bilíngue, latim e português].

Resende, A. de, 1593. *Libri quatuor de Antiqvitatibvs Lvsitaniae à Lucio Andrea Resendio olim inchoati, & à Iacobo Menoetio Vasconcello recogniti, atq' absoluti. Accessit liber quintus de antiqvitate municipij Eborensis, ab eodem Vasconcello conscriptus, quo etiam auctore, secundus tomus quinque alios libros continens, cito, deo opt. max. fauente, in lucem prodibit.* Martinus Burgensis academiae typographus, Eborae [=Évora].

Resende, A. de, 2009. *As antiguidades da Lusitânia.* Imprensa da Universidade de Coimbra, Coimbra [Portvgaliae

Movmenta Neolatina Vol. III].

Restivo, P., S. J., 1893. *Lexicon Hispano-Guaranicum*. Guilielmi Kohlhammer, Stuttgartiae.

Ridgway, R., 1892. The humming birds. *Report of the [U. S.] National Museum for 1890*: 253-383.

Robinson, W. H., 2005. *Handbook of urban insects and arachnids*. Cambridge University Press, Cambridge.

Roma, 1753. *Luz da medicina, pratica racional, e methodica, guia de enfermeyros. Directorio de principiantes, e summario de remedios para poder acodir, e remediar os achaques do corpo humano, começando do mais alto da cabeça, e descendo athe o mais baixo das plantas dos pés; obra muito util, e necessaria, não so para os professores da arte de medicina, e cirurgia, mas tambem para todo o pay de familias; de q' se poderaõ aproveitar pobres, e ricos na falta de medicos doutos. Composto pelo doutor Francisco Morato Roma, Medico da Camara de Sua Magestade, e do Santo Oficio da Inquisiçaõ, Cavalleiro professo da Ordem de Christo: Accrescentado nesta ultima impressaõ com o Tractado unico das tersans perniciosas e malignas, e Compendio de varios remedios de cirurgia, recopilado do Thesouro dos Pobres, e outros Autores, por Gonçalo Rodrigues de Cabreyra*. Officina de Francisco de Oliveira, Coimbra.

Royds, T. F., 1922. *The Eclogues, Bucolics, or Pastorals of Virgil. A revised translation, with introduction, text, and notes*. Brasil Blackwell, Oxford.

Ruiz de Montoya, A., 1876. *Arte de la lengua guarani, ó mas bien Tupi*. Julio Platzmann, Leipzig.

Sá, J. B. de, 1904. Relação das povoaçoens do Cuyabá e Mato Grosso de seos principios thé os presentes tempos. *Anais da Bibliotheca Nacional*, Rio de Janeiro 13: 5-58.

[Sá, J. B. de], 1919a. Chronicas do Cuyabá (dos Annaes do Senado da Camara). *Revista do Instituto Historico do Mato Grosso*, Cuiabá 1: 49-69.

[Sá, J. B. de], 1919b. Chronicas do Cuyabá (dos Annaes do Senado da Camara). *Revista do Instituto Historico do Mato Grosso*, Cuiabá 2: 45-151.

[Sá, J. B. de], 1920a. Chronicas do Cuyabá (dos Annaes do Senado da Camara). *Revista do Instituto Historico do Mato Grosso*, Cuiabá 3: 69-76.

[Sá, J. B. de], 1920b. Chronicas do Cuyabá (dos Annaes do Senado da Camara). *Revista do Instituto Historico do Mato Grosso*, Cuiabá 4: 31.

[Sá, J. B. de], 1922. Chronicas do Cuyabá (dos Annaes do Senado da Camara). *Revista do Instituto Historico do Mato Grosso*, Cuiabá 5-6: 110-119.

[Sá, J. B. de], 1923a. Chronicas do Cuyabá (dos Annaes do Senado da Camara). *Revista do Instituto Historico do Mato Grosso*, Cuiabá 7: 105-112.

[Sá, J. B. de], 1923b. Chronicas do Cuyabá (dos Annaes do Senado da Camara). *Revista do Instituto Historico do Mato Grosso*, Cuiabá 8: 125-126.

[Sá, J. B. de], 1923c. Chronicas do Cuyabá (dos Annaes do Senado da Camara). *Revista do Instituto Historico do Mato*

- Grosso, Cuiabá 9-10: 137-146.
- [Sá, J. B. de], 1924. *Chronicas do Cuyabá (dos Annaes do Senado da Camara)*. *Revista do Instituto Historico do Mato Grosso*, Cuiabá 11-12: 123-128.
- [Sá, J. B. de], 1925a. *Chronicas do Cuyabá (dos Annaes do Senado da Camara)*. *Revista do Instituto Historico do Mato Grosso*, Cuiabá 13: 146-149.
- [Sá, J. B. de], 1925b. *Chronicas do Cuyabá (dos Annaes do Senado da Camara)*. *Revista do Instituto Historico do Mato Grosso*, Cuiabá 14: 86-118.
- [Sá, J. B. de], 1926. *Chronicas do Cuyabá (dos Annaes do Senado da Camara)*. *Revista do Instituto Historico do Mato Grosso*, Cuiabá 16: 59-160.
- [Sá, J. B. de], 1927. *Chronicas do Cuyabá (dos Annaes do Senado da Camara)*. *Revista do Instituto Historico do Mato Grosso*, Cuiabá 17-18: 93-97.
- [Sá, J. B. de], 1928. *Chronicas do Cuyabá (dos Annaes do Senado da Camara)*. *Revista do Instituto Historico do Mato Grosso*, Cuiabá 19: 134-155.
- [Sá, J. B. de], 1934. *Chronicas do Cuyabá (dos Annaes do Senado da Camara)*. *Revista do Instituto Historico do Mato Grosso*, Cuiabá 31-32: 181-188.
- [Sá, J. B. de], 1935. *Chronicas do Cuyabá (dos Annaes do Senado da Camara)*. *Revista do Instituto Historico do Mato Grosso*, Cuiabá 33-34: 215-219.
- [Sá, J. B. de], 1937. *Chronicas do Cuyabá (dos Annaes do Senado da Camara)*. *Revista do Instituto Historico do Mato Grosso*, Cuiabá 35-36: 199-201.
- Sá, J. B. de, 1975. *Relação das povoaçoens do Cuyabá e Mato Grosso, de seos princípios thé os presentes tempos*. Universidade Federal do Mato Grosso & Secretaria de Educação e Cultura, Cuiabá [Coleção Ouro ou Mel, no. 12].
- Salas y Tovar, J. P. de, 1630. *Lecciones solemnes a las obras de Don Lvis de Gongora y Argote, pindaro andalvz, principe de los poëtas liricos de España. Escrivialas Don Ioseph Pellicer de Salas y Tovar, señor de la casa de Pellicer, chronista de los reinos de Castilla. Dedicadas al serenissimo señor Cardenal Infante Don Fernando de Avstria*. Imprenta del Reino, Madrid.
- Salomão, R. P., N. A. Rosa & K. A. C. Morais, 2007. Dinâmica de regeneração natural de árvores em áreas mineradas na Amazônia. *Boletim do Museu Paraense Emílio Goeldi. Ciências Naturais*, Belém 2 (2): 85-139.
- Santos, E., 1945. *Entre o gambá e o macaco*. Editora F. Briguiet & Cia, Rio de Janeiro.
- Santos, E., 1962. *Peixes de água doce (Vida e costumes dos peixes do Brasil)*, 278 pp., 129 figs. F. Briguiet, Rio de Janeiro.
- Santos, E., 1984. O homem português perante a doença no século XVIII: Atitudes e costumes. *Revista da Faculdade de Letras e História* 2 (1): 187-201.



- Sarmiento, J. de C., 1735. *Materia medica physico-historico-mechanica, Reyno Mineral. Parte I. A que se ajuntam, os principaes remedios do prezente estado da materia medica; como sangria, sanguesugas, ventosas sarjadas, emeticos, purgantes, vesicatorios, diureticos, sudorificos, ptyalismicos, opiados, quina quina, e, em especial, as minhas agoas de Inglaterra. Como tambem, huma dissertação latina sobre a inoculação das bexigas*. Londres.
- Sauer, C. O. S., 1952. *Agricultural origins and dispersals*. American Geographical Society, New York.
- Savage, J. J., trad., 1961. *Saint Ambrose. Hexameron, Paradise and Cain and Abel*. Fathers of the Church, Inc., New York.
- Scaliger, I. C., 1557. *Ivlii Caesaris Scaligeri Exotericarvm exercitationvm liber qvintvs decimvs, De Subtilitate, ad Hieronymvm Cardanvm. In extremo sunt indices: prior breuisculus, continens sententias nobiliores: alter locuplentissimus, penè omnia complectens*. Officina typographica Michaelis Vascosani, Lvtetiae.
- Schmidel, D., 1599. *Vera historia Admirandae Cvivsdam navigationis, quam Huldericus Schmidel, Straubingensis, ab Anno 1534 usque ad annum 1554 in Americam vel nouum Mundum, iuxta Brasiliam & Rio della Plata, confecit. Quid per hosce annos 19 sunstinuerit, quam varias & quam mirandas regiones ac homines viderit. Ab ipso Schimidelio Germaníce descripta: Nunc vero, emendatis & correctis Vrbium, Regionum & Fluminum nomibus, Adiecta etiam tabula Geographica, figuris & aliis notationibus quibusdam in hanc formam reducta*. Impensis Levini Hulsij, Noribergae.
- Sequeira, G. C. de, 1626. *Thesovro de prv dentes, novamente tirado a lvz, por Gaspar Cardozo de Sequeira mathematico, natural da villa de Murça. Contem em si quatro livros cuja relação vay no seguinte prologo. Vay acrescentado de nouo nesta segunda impressã o pronostico, & lunario perpetuo, feyto pello mesmo author. Dirigido ao illustrissimo senhor D. Andre de Almada*. Impressão de Nicolao Carualho impressor del Rey, Coimbra.
- Shelley, R. M., 1997. A re-evaluation of the millipede genus *Motyxia* Chamberlin, with a re-diagnosis of the tribe Xystocheirini and remarks on the bioluminescence (Polydesmida: Xystodesmidae). *Insecta Mundi*, Gainesville 11 (3-4): 331-350.
- Sick, H., 1985. *Ornitologia brasileira. Uma introdução* (2 vol.). Editora Universidade de Brasília, Brasília.
- Sillig, I., ed., 1852. *C. Plini Secundi Naturalis Historiae libri xxxvii. Recensuit et commentariis criticis indicibusque instruxit Iulius Sillig. Volumen II. Sumptibus Friederici et Andreae Perthes, Hamburgi et Gothae*.
- Silva, A. de M., 1813a. *Diccionario da Lingua Portuguesa recopilado dos vocabulos impressos até agora, e nesta segunda edição novamente emendado, e muito acrescentado, por Antonio de Moraes Silva natural do Rio de Janeiro. Offerecido ao muito alto, e muito poderoso Principe Regente N. Senhor. Tomo primeiro. A-E*. Typographia Lacerdina, Lisboa.
- Silva, A. de M., 1813b. *Diccionario da Lingua Portuguesa recopilado dos vocabulos impressos até agora, e nesta segunda edição novamente emendado, e muito acrescentado, por Antonio de Moraes Silva natural do Rio de Janeiro. Offerecido ao muito alto, e muito poderoso Principe Regente N. Senhor. Tomo segundo. F-Z*. Typographia Lacerdina, Lisboa.
- Siqueira, J. da C., 1899. *Chronicas do Cuyabá ou Relação chronologica dos estabelecimentos, factos e sucessos mais notaveis que aconteceram nestas minas do Cuyabá, desde o seu estabelecimentos [sic] por ordem da Rainha Nossa Senhora [D. Maria I], expedida pelo seu Tribunal do Conselho Ultramarino em 20 de Julho de 1782, que se acha no archivo do Senado da Camara desta villa e registrado no Livro de Registro das Provisões, a fls. 196*

verso, sendo presidente deste mesmo Senado o doutor Diogo de Toledo Lara Ordonhes. *Revista do Instituto Historico e Geographico de São Paulo* 4: 4-217.

Smith, H. H., 1879. *Brazil: The Amazons and the coast*. Charles Scribner's Sons, New York.

Soares, M. de M., 1785. *Fabulas de Phedro, escravo forro de Augusto Cesar. Traduzidas em verso dramatico; augmentadas com cinco fabulas que não vem em outras muitas edições; e illustradas com varias notas. Offerecidas ao Serenissimo Senhor D. Joseph Principe do Brasil*. Officina Patr. de Francisco Luiz Ameno, Lisboa.

Solinus, C. J., 1847. *Polyhistor*. C. L. F. Pancoucke, Paris.

Southey, R., 1819. *Histoty of Brazil. Part the third*. Printed for Longman, Hurst, Rees, Orme, and Brown, London.

Southey, R., 1862. *Historia do Brazil traduzida do inglez de Roberto Southey pelo Dr. Luiz Joaquim de Oliveira e Castro e anotada pelo Conego Dr. J. C. Fernandes Pinheiro*. Livraria de B. L. Garnier, Rio de Janeiro.

Souza, G. S. de, 1851. *Tratado descriptivo do Brazil em 1587. Edição castigada pelo estudo e exame de muitos códices manuscriptos existentes no Brazil, em Portugal, Hespanha e França, e accrescentada de alguns comentarios à obra por Francisco Adolpho de Varnhagen*. Typographia Universal de Laemmert, Rio de Janeiro.

Stradelli, E., 1929. Vocabularios da lingua geral portugues-nheêngatu e nheêngatu-portugues, precedidos de um esboço da Grammatica nheênga-umbuê-sauá miri e seguidos de contos em lingua geral nheêngatu poranduba. *Revista do Instituto Historico e Geographico Brasileiro* 104 (158): 5-768.

Teixeira, D. M., 1995a. *Libri Principis. Volume I*. Editora Index, Rio de Janeiro.

Teixeira, D. M. (org.), 1995b. *Brasil holandês: Miscellanea Cleyeri, Libri Principis & Theatrom rerum naturalium Brasiliae*. (5 vols.). Editora Index, Rio de Janeiro & Lisboa.

Teixeira, D. M. (org.), 1997. *Brasil holandês: Documentos da Biblioteca Universitária de Leiden, o "Thierbuch" e a "Autobiografia" de Zacharias Wagener e os quadros do "Weinbergschlosschen" de Hoflossnitz* (3 vols.). Editora Index, Rio de Janeiro & Lisboa.

Teixeira, D. M. & Papavero, N., 1999. The problem of marsupial reproduction: a brief historical review. *Historia Naturalis* 2: 263-277, 2 figs.

Theophrastus, 1529. *Theophrasti De Historia, et Causis Plantarū, Libri Quindecim, Theodoro Gaza interpretete. Eiusdē, Tabulas duas capita librorū cōplectentes: quarū unam libris de historia, alteram de causis plantarū, unācū uocabulis quibusdam Graecorū & Latinorum nominum, praefixas inuenies lector. Theodoro Gaza interprete. Christianum VVechel, Parisiis*.

Theophrastus, 1818. *Θεοφραστου Ερεσιου τα Σωζομενα. Theophrasti Eresii quae svpersvnt opera et excerpta librorvm quator tomis comprehensa. Tomvs secvndvs. Versionem latinam librorvm De Historia et De Causis Plantarvm et plerorvmque libellorvm physicorvm continens. Cvm curis posterioribvs editoris Io. Gottlob Schneideri, saxonis. Svmtibvs Frid. Christ. Gvil. Vogelii, Lipsiae*.

Thevet, A., 1575. *La Cosmographie Vniverselle d'André Thevet Cosmographe dv Roy. Illustree de diverses figvres des choses plvs remarquables vevës par l'Autheur, & incogneuës de noz Anciens & Modernes. Tome Second*.

- Guillaume Chaudiere, Paris.
- Tostatus, A., 1596. *Alphonsi Tostati hispani, Episcopi Avlensis, philosophi, theologi, ac Pontificij Iuris, Caesareique consultissimi, necnon linguae Graecae, & Hebraicae peritissimi, Commentaria in Devteronomivm: Mendis nunc sanè quàm plurimis diligenter expurgata. Cvm indice copiosissimo. Ad Philippvm II. Catholicum & Inuictissimum Hispaniarum, & Indiarum Regem.* Apud Io. Baptistam, & Bernandum Sessam, fratres, Venetiis.
- Valentini, M. B., 1704. *Museum museorum, oder vollständige Schau-Bühne aller Materialien und Specereyen nebst deren natürlichen Beschreibung, Election, Nutzen und Gebrauch, aus andern Material-Kunst und Naturalien-Kammern Oost- und West-Indischen Reiss-Beschreibungen, curiosen Zeit- und Tag-Registern, Natur- und Arzney-Kündigen, wie auch selbst-eigenen Erfahrung, zum Vorschub der studierenden Jugend, Materialisten, Apotheker und deren Visitaroren, wie auch anderer Künstler, als Iubelirer, Mahler, Färber, u. s. w. also verfasst, und mit etlich hundert sauberen Kuppferstücken unter Augen gelegt von D. Michael Bernhard Valentini.* Johann David Zunner, Frankfurt am Mayn.
- Varnhagen, F. A. de, coord., 1851. *Tratado descriptivo do Brazil em 1587, obra de Gabriel Soares de Souza, senhor de engenho na Bahia, n'ella residente dezessete annos, seu vereador da Camara, etc. Edição castigada pelo estudo e exame de muitos codices manuscriptos existentes no Brazil, em Portugal, Hespanha e França, e accrescentada de alguns commentarios á obra por Francisco Adolpho de Varnhagen.* Typographia Universal de Laemmert, Rio de Janeiro.
- Vasconcellos, S. de, S. J., 1668. *Noticias cvriosas e necessarias da covsas do Brasil.* Officina de Ioam da Costa, Lisboa.
- Vasconcellos, S. de, S. J., 1977. *Crônica da Companhia de Jesus* (3ª ed., introdução de S. Leite). 2 vols. Editora Vozes & Instituto Nacional do Livro, Petrópolis. [1ª. ed., 1668].
- Vieira, A., S. J., 1736. Relação da missaõ da Serra de Ibiapaba, pp. 3-89, in Barros, q. v.
- Vieira, D., 1873. *Grande Diccionario Portuguez, ou Thesouro da Lingua Portuguesa, pelo Dr. frei Domingos Vieira, dos Eremitas Calçados de Santo Agostinho.* Vol. 4 (M-P). Ernesto Chardron & Bartolomeu H. de Moraes, Porto.
- Vitoria, B. de, 1702. *Segvnda parte del teatro de los dioses de la gentilidad. Avtor el padre Fray Baltasar de Vitoria, Predicador de San Francisco de Salamanca, y natural de la mesma ciudad.* Imprenta de Iuan Pablo Marti, por Francisco Barnola Impressor, Barcelona.
- Wendt, H., 1956. *Auf Noahs Spuren. Die Entdeckung der Tiere.* G. Grote Verlag, Hamm.
- Whitbread, L. G., 1971. *Fulgentius the Mythographer. Translated from the Latin, with introductions.* Ohio State University Press, Columbus.
- Ximenez, F., 1615. *Qvatro libros. De la natvraleza, y virtvdes de las plantas, y animales que estan receuidos en el vso de medicina en la Nueua España, y la methodo, y correccion, y preparacion, que para administrallas se requiere con lo que el Doctor Francisco Hernandez escriuio en la lengua latina. Mvy vtil para todo genero de gente q' viue en estãcias y pueblos, do no ay medicos, ni botica. Traduzido, y aumentados muchos simples, y compuestos y otros muchos secretos curativos, por Dr. Francisco Ximenez, hijo del Conuento de S. Domingo de Mexico, natural de la Villa de Luna del Reyno de Aragon.* Viuda de Diego Lopez Daulos, Mexico.
- Zeller, A., 1668. *Sermo panegyricus de encomiis et praerogativis sancti patris Dominici Ordinis FF. Praedicatorum*

*fundatoris a R. P. F. Alberto Zennero Sacri Praedicatoris Ordinis SS. Theologiae praesentato, ejusdemque, sicut et Sacrorum Canonum Professore Ordinario habitvs in Ecclesia FF. Praedicatorvm pridie nonas Augusti in quo assimilatus fuit Filio Hominis. Typis Joannis Jacobi Straub, Constantiae.*

Zmitrowicz, W., 2001. As estruturas territoriais dos insetos. *Estudos Avançados*, São Paulo 15 (41): 193-212.

**ÍNDICE DOS NOMES POPULARES DE ANIMAIS, PLANTAS E OUTROS PRODUTOS  
NATURAIS CONSTANTES DO MANUSCRITO**

**(mantida a grafia original)**

Abelha – 343r	Apuhy – 400v	Bacropari – 393v
Abobras – 392r	Aque - 396r	Bacuhi – 391r
Abotoado – 352v	Aquiquire – 344v	Bacuráo – 337v
Acara – 352v	Aranha – 318v	Bagres – 351v
Ade chover – 342v	Araquan – 330r	Bagres dos rios – 352v
Agoahy – 366v	Arara – 327v	Bailadeira – 342r
Agoasú – 396r	Arara una – 327v	Balea – 347v
Agriomens – 276v	Arara vermelha – 327v	Baleote – 350v
Airi – 396r	Arariba – 362r	Balsamo – 398v
Alcasas – 364r	Araribá – 362r	Banana – 385v
Alfavaca – 403r	Ararinha – 327v	Banana de santo Thomé – 387r
Algodam – 395r	Araruna – 327v	Baonilha – 401r
Algadoim – 395r	Arasa – 394r	Barbado – 290v
Almesega – 400r	Aratimbu – 366r	Barbado – 352v
Almiscar – 403r	Arcatras – 341v	Barbas de escullapio – 377v
Amará – 393v	Arebenta cavalo – 391v	Barbatimão – 370r
Ambar – 397r	Aricana – 396r	Basoura – 373v
Ambargri – 397v	Arire – 340r	Batata de purga – 376r
Amendoim – 389v	Ariticú – 391r	Batatas – 389v
Anacan – nota 344	Ariticú pitaya – 364r	Batatinhas – 368v
Ananá – 392v	Arminho – 296v	Bayacú – 352r
Andahe – 335v	Aroeira – 402v	Bayacú de espinho – 352r
Andaoasú – 396r	Arrans – nota 266	Bayacu merim – 352r
Andaya – 396r	Arrós – 389r	Bayacuará – 352r
Andaya merim – 396r	Artemige – 376r	Beijos – 383v
Andayorasú – 396r	Asafram – 402r	Beijupira – 352r
Andorinha – 332v	Asafroa – 381v	Beldroegas – 376v
Angelica – 365v	Asasarhy – 332r	Bem teconheso, bem teconheso – 342v
Angelica – 381r	Asucena – 380v	Bemtevi – 342v
Angelica domestica – 365v	Ave catinguenta – 340v	Bespa – 344v
Angelim – 361v	Avenca – 396v	Betonica – 374r
Angelim branco – 366r	Avetrus – 333v	Betonica – 403r
Angelina – 384r	Avinhado – 342r	Bicho [de tacoara] – 395v
Angico – 370v	Axi – 395r	Bicho cabeludo – 322v
Anil – 371v	Axú – 400v	Bicudo – 342r
Aniquin – 349v	Axuma – 392r	Bigoa legitimo – 339r
Anta – 289r	Aypo – 373r	Bigoa tinga – 339r
Anum – 330v	Azeda – 374v	Bocuúba – 362r
Anum asú – 330v		Bocuúba – 400 r
Anum legitimo – 330v	Babosa – 376r	Boepéba – 310v
Apépé – 394r	Bacalháo – 351r	Bogio – 290v
Apohy – 335v	Bacamarte – 351v	Bogio de cheiro – 291r
Apra – 295r	Bacori – 396r	Bogio vermelho cor de fogo – 291r

- Bogoari – 339r  
 Bogoari – 382v  
 Bojoim – 344v  
 Bolsa de cam – 372r  
 Bonina – 381v  
 Borá – 344v  
 Borá goasú – 344v  
 Borage – 378r  
 Borápitingoá – 344v  
 Borbolleta – 345r  
 Borici – 391v  
 Boriqui – 290v  
 Boriti – 396r  
 Botea – 396r  
 Boto – 349v  
 Botos dos rios – 352r  
 Boyrusanga – 311r  
 Butua – 367v  
  
 Cabasas – 395r  
 Cabore – 336r  
 Caboreuba – 399r  
 Caboreuna – 361v  
 Cacáo – 392v  
 Cachorrinhos – 351v  
 Cagados – 305v  
 Cagaeteira – 392r  
 Caga lume – 319r  
 Cahy – 291r  
 Cahy merim – 291r  
 Caixeta – 362r  
 Cajá – 390v  
 Cajarana – 361v  
 Cajú – 390v  
 Camambú – 372r  
 Camaroens – 354v  
 Cambara – 362r  
 Cambaramerim – 403r  
 Camboropi – 351v  
 Cameleão – 301v  
 Campeixe – 361r  
 Cana – 387r  
 Cana braba – 378r  
 Canafistola – 361v  
 Canario – 342r  
 Canella – 362r  
 Canella – 402r  
 Canella amarella – 362r  
  
 Canella branca – 362r  
 Canella parda – 362r  
 Canella preta – 402v  
 Cangaoha – 352r  
 Cangussú – notas 74 e 78  
 Caninanha – 310v  
 Caninde – 327v  
 Caobiuna – 361r  
 Caobiuna – 402v  
 Capeba – 366v  
 Capivara – 292v  
 Capoeira – 331v  
 Caporosóba – 376v  
 Cará – 390r  
 Caracará – 336r  
 Caracará goasú – 336v  
 Carám – 340r  
 Caramujos – 356v  
 Carandá – 396r  
 Caranguejeira – 318v  
 Caranguejos – 355r  
 Carapeba – 351v  
 Cardo – 369v  
 Cardos – 393r  
 Caregadeiras – 316r  
 Careúba – 363r  
 Caripicu – 352r  
 Caróba – 363r  
 Carurú vermelho – 376r  
 Casam branco – 349v  
 Casoens – 349v  
 Castisal – 396r  
 Cataya – 366v  
 Caurú – 376r  
 Causú – 371v  
 Cavalinho – 356v  
 Cavalla – 351v  
 Caxixá – 402v  
 Cayapia – 368r  
 Ceri – 355r  
 Chasim – 396v  
 Chipiti – 295r  
 Christa de galo – 378r  
 Coaty – 292v  
 Coaty ete – 292v  
 Coaty merim – 292v  
 Coaty mondeo – 292v  
 Cobra – 306v  
  
 Cobra cascavel – 310v  
 Cobra chata – 311 r  
 Cobra coral – 310v  
 Cobra de duas cabeças – 312r  
 Cobra fria – 311r  
 Cobra sippó – 311r  
 Cóca – 365r  
 Coco – 396r  
 Codornises – 329r  
 Coelho – 295r  
 Coleira – 342r  
 Colhereiro – 341r  
 Comari – 395r  
 Cominho – 376v  
 Como estais fermoso – sim sim por  
 serto – 342v  
 Condurú – 361v  
 Copauba – 361v  
 Coquilho – 396r  
 Cora [sic] christi – 384r  
 Coreisoens – 318r  
 Corica – 327v  
 Coricoli – nota 77  
 Cornuda – 349v  
 Corocoroca – 352r  
 Corona christi – 402v  
 Coros – 301v  
 Corós – nota 179  
 Coruja – 336v  
 Corumatan – 352v  
 Corvina – 352v  
 Corvo branco – 333r  
 Corvo dos grandes – 333r  
 Corvos – 333r  
 Corvos (os que andaõ enbandos) – 333r  
 Cotia – 295r  
 Courana – 375v  
 Coyúcuquí – 327v  
 Crabo de fogo – 383v  
 Cranguejeira – nota 291  
 Cravo – 401v  
 Cravo almirante – 383v  
 Cravo branco – 383v  
 Cravo da rochela – 383v  
 Cravo folhado – 383v  
 Cravorosa – 383v  
 Cravoroxo – 383v  
 Cravos – 383v

Cricri – 335v	Feijam amarelo – 389v	Grogotori – 335v
Cuipeúna – 372r	Feijam carrapato – 389v	Guanhamu – 355r
Cumbarú – 391v	Feijam de lastro – 389v	Guaracema – 352r
Cupaúba – 399v	Feijam de moita – 389v	Guaresá – 382v
Cupi – 318r	Feijam sererica – 389v	Guaxuma – 373v
Curiangú – 337v	Feijoens – 389v	Guayacam – 365r
Curucáca – 340v	Figos – 394v	Guiira – 328v
Curúcurú – 341r	Flor da paixam – 380r	Guraperitica – 339v
Curvina – 351v	Flor da quaresma – 384r	Guti – 394r
Cuyucuyúmerim – 327v	Flor gigante- 382r	
	Flor hiacintho – 381v	Hauti – 282r
Dende – 396r	Formiga – 315v	Hauti (cabeça redonda) – 292r
Dourado – 352v	Formiga (pintada de preto e branco) – 318r	Hauti (focinho comprido como cachorro) – 292r
	Fumo – 375v	Heliotropos – 382r
Ema – 333v	Funxo – 376v	Hortelam – 403r
Endro – 376v		Hortiga – 374v
Enxada – 351v	Gaevota – 341v	
Epiaba – 352v	Gallo – 351v	Iboyeira – 344v
Erva cidreira – 374v	Gamba – 294v	Ijújú – 352v
Erva cidreira – 403r	Gamelleira – 394v	Imbaúba – 373r
Erva de cobra – 370v	Garsa – 338v	Imbé – 377r
Erva de passarinho – 377r	Garsa (de cabeça azul) – 338v	Inambú – 329r
Erva de sancta maria – 371r	Gaturamo – 342r	Inambú asú – 329r
Erva do bicho – 366v	Gaviao – 335v	Ipé amarelo – 361v
Erva doce – 376v	Gengibre – 390r	Ipe branco – 361v
Erva dos olhos – 376v	Gergelim – 390v	Ipéquea – 361v
Erva fumaria – 375v	Getaiva – 392r	Iperoba – 361v
Erva jarrinha – 367v	Gia – 312v	Ipeuba – 361v
Erva lanceta – 371r	Giá – nota 267	Irára – 294r
Erva moura – 376v	Gibalte – 349v	Iratim – 344v
Erva pombinha – 366v	Giboya – 311r	Iriryo – 311r
Erva sancta – 375v	Girasol – 382r	Isá – 316r
Erva sencivel – 369v	Gisára – 396r	Itanha – 313r e nota 269
Erva tostaõ – 371r	Goabiroba – 391v	Itátá – 344v
Ervas aromaticas – 403r	Goabirú – 295v	Ixixú – 403r
Escorpião – 302v	Goandu – 389v	
Espadarte – 349v	Goará – 294v	Ja he dia – 342v
Esponja – 384r	Goara – 341r	Jaborandi – 375r
Esponja – 402v	Goaramixama – 393v	Jaboticába – 393v
Estrelas – 356v	Goariba – 290v	Jabotis – nota 221
	Goariroba – 396r	Jaburú – 339r
Favas – 389v	Goayabas – 394r	Jacaranda – 361r
Fecto – 396r	Goayaquiquira – 344v	Jacaranda tan – 361r
Fedegoso – 369r	Goivo – 381v	Jacaranda ubira – 361r
Fedegoso brabo – 369r	Golfo – 390r	Jacaré – 303r
Fedegoso legitimo – 369r	Gragoata – 393r	Jacaré comum – 303r
Fedegoso macho – 369r	Gralha – 332r	Jacaré do papo amarelo – 304v
Fedegoso mata pasto – 369r		

Jacaré merim – 305r	Jusarana – 392r	Manga – 393v
Jacaré pereri – nota 212	Jutahy – 400v	Mangaba – 394r
Jacaretinga – nota 210	Jutuahiba – 365v	Mangallo – 389v
Jacú – 329v		Manganga – 344v
Jacú asú – 329v	Kui – 295r	Mangará – 390r
Jacú pema – 329b		Mangarito – 390r
Jacú tinga – 329v	Lacraya – 303r	Mangericaõ – 403r
Jacundá – 352v	Lacraya (que de noite lançaõ desi huma	Mangerona – 403r
Jacurutu – 337r	luz como fogo de inoxofre) – 303r	Mangue – 375v
Jacutupe – 390r	Lagartixos – 301v	Mangue – 396r
Jagoacambéba – 294r	Lagarto – 300r	Mangue branco – 375v
Jagoapecanga – 363v	Lagostim – 354v	Mangue sapateiro – 375v
Jagoaxinim – 294r	Langosta – 354v	Mangue seriba – 375v
Jamantas – 352r	Laranja da china – 392r	Manjuba – 351v
Janipabo – 394r	Laranja da terra – 392r	Maracajá – nota 77
Jaó – 329r	Lavadeiras – 356r	Maracan oasú – 327v
Japarandi – 392r	Limas – 392v	Maracanan – 327v
Japi – 382v	Limoens azedos – 392v	Maracujá – 380r
Japú – 330v	Limoens doces – 392v	Maracujáguasú – 380v
Japú asú – 331r	Lingoa de vaca – 376v	Maracujamerim – 380v
Japu merim – 331r	Lingoados – 352r	Marecas – 340r
Jaracateá – 391r	Lirio roxo – 381v	Maria preta – 362
Jaraiva – 396r	Lobinho – 294v	Marimbondo tatú – 345r
Jararaca – 310r	Lobo (pernilongos, cor vermelhasa)	Marimbondos – 344v
Jararaca (vermelha ou de fogo) – 310r	– 294v	Mariquita – 342r
Jararacosú – 310r	Lobo (rasteiro, vermelho mais claro)	Marirosó – 368v
Jaratatáca – 294r	– 294v	Mariscos (agoas doces) – 355v
Jasmim – 383r	Lontra – 297r	Marmeladas – 394v
Jatihy – 344v	Louva Deos – 320v	Martim pescador – 341r
Jatihy merin – 344v	Lúla – 354v	Masaranduba – 362r
Jau – 352v		Masaranduba – 391v
Jaupeba – 352v	Macacos – 290v	Masaricos – 340v
Joagoapitanga – 287v	Macaoan – 335v	Mastriso – 371r
Joagoarasá – 352r	Macela – 375v	Matrinxan – 352v
João corta pao – 342v	Macúcu – 329r	Matuira – 340v
Joas – 391v	Madre silva – 383v	Melancia – 392r
Jundia – 352v	Maembé – 390r	Melloens – 392r
Jundiahiba – 361v	Maetaca – 327v	Melro – 341v
Juquiri – 376r	Malmequeres – 384r	Mentastro – 371v
Juramus – 392r	Malvaisco – 372v	Mentastro – 403r
Juriti – 328v	Mamaõ – 392r	Mergulhoens – 341v
Juriti piranga – 328v	Mamoaõ – 319r	Meri – 390r
Juropoca – 352v	Mamono – 367r	Mero – 351v
Juruasú – 327v	Mandagoahy – 344v	Mexueiro – 397r
Jurucoa – 327v	Mandasaya – 344v	Milho – 389r
Jurumbeba – 369r	Mandioca – 387r	Milho porurúca – 389r
Jurumerim – 327v	Mandorigoasú – 344v	Mil-home – 367v
Jurupense – 352v	Mandorimerim – 344v	Mirasol – 382r



Mixole – 352r	Palmeiras – 395v	Pica-flor – 342v
Mocó – 295r	Palmito – 352v	Picam – 372r
Mocohú – 393v	Pampano – 351v	Picapao – 331r
Mocuge- 393v	Pampano, 351v	Picapara – 340r
Modibirana – 375r	Pao brasil – 361r	Picuhý – 377r
Moleiro – nota 344	Páo de anta – 377r	Picuipeba – 328v
Mombuca – 344v	Páo de santa lusia – 362v	Picuipeirim – 328v
Monos – 290v	Pao ferro – 361v	Pimenta – 402r
Morángas – 392r	Papagayo – 327v	Pimentas – 395r
Morcego – 338r	Papeába – 394r	Pindóba – 396r
Moreya – 352r	Papoula – 382v	Pindobusú- 396r
Moroba – 352v	Paragoaya – 368v	Pinhão – 373r
Morum de christa – 331v	Parari – 328v	Pinhaõ – 394r
Mosqueta – 382v	Parati – 351v	Pinho – 362r
Mosum – 352v	Pareré – 390r	Pinho alvo – 362r
Motum – 331v	Paruuu - 352r	Pinho amarellaso – 362r
Mucayába – 396r	Patos – 340r	Pinho branco – 362r
Mússuãns – nota 222	Patos – 341r	Pinho vermelho- 362r
	Patý – 396r	Pintada – 287v
Narciso – 381v	Pavaõ – 330r	Pintasilvo – 342r
Nhambú – 374v	Pavó – 330r	Pira cambuco – 352v
Nhame – 390r	Peaba – 352v	Pira cambucu – 352v
Nhandaya – 327v	Peabanha – 352v	Pira catiara – 352v
Nhapopé – 329r	Peabosú – 352v	Piracica – 352v
Nhonoruna – 342r	Peasába – 396r	Piragereba – 351v
Nhuma – 339v	Pecirica – 371v	Piragoaya – 351v
	Pegador – 352v	Pirajoagoara – 352v
Ó rapás, ó rapás – 342v	Peixe anjo – 351r	Pirapitinga – 352v
Oacába – 396r	Peixe boy – 352r	Pirapotanga – 352v
Oacari – 352v	Peixe espada – 352r	Pirarára – 352v
Oapacani – 335v	Peixe noivo – 352v	Piratinga – 352r
Oaquica – 295	Peixe porco – 351r	Pita – 393r
Obarana – 352r	Peixe rey – 352r	Pitanga – 392r
Oleo pardo – 361v	Penó – 374v	Poaya – 368r
Olho de boy piranga – 351v	Penohy – 396r	Poeijo – 374r
Orelha de onça – 368r	Pepino – 390v	Poejos – 403r
Orincum – 320r	Pepino natural dos matos – 390v	Pólito [?] – nota 269
Oriso caxeiro – 297r	Pequihy – 393v	Polvo – 354r
Orisos – 355v	Pequira – 352v	Pomba – 328v
Ortelam – 373v	Perdis – 329r	Pomba trocal – 328v
Orucu – 402r	Perexixe – 342r	Poriso eu digo, poriso eu digo – 342v
	Perguiça – nota 114	Porquinho – 295r
Paca – 292v	Perixoes – 342r	Poxuri – 396r
Pacú – 352v	Perpetua – 383r	Pucasúete – 328v
Pacuasú – 352v	Perpexé – 383r	Pucasuira – 328v
Pacúpeba – 352v	Pes columbrinos – 367r	Pucuhy – 328v
Pacusúroba – 328v	Pescadas – 351v	Pulga – 322v
Pahiparába – 366v	Pescadinha – 352v	Pulgaõ – 355r

- Quandú – nota 159  
 Queixo branco – 340r  
 Quequem – 316r  
 Quiabo – 390v  
 Quina – 366r  
 Quisó – 377r  
 Quitoco – 372v  
 Quitoco – 403r  
  
 Rabo de bogio – 371r  
 Rabo de raposa – 371r  
 Raposa – 294v  
 Rato – 295v  
 Rato-espinho – 295v  
 Rayas – 352r  
 Rayas – 352v  
 Robalo – 351v  
 Rola – 328v  
 Roncador – 352r  
 Rosa branca – 382v  
 Rosa da maceno – 382v  
 Rosa de sam joão – 382v  
 Rosa de todo o ano – 382v  
 Rosmaninho – 374r  
 Roza – 382r  
  
 Saa legitimo – 291r  
 Saagoa ete – 291r  
 Saaguasu – 291r  
 Saamerim – 291r  
 Saatinga – 291r  
 Sabaco – 341r  
 Sabea branco – 341v  
 Sabea uma – 341v  
 Sabea vermelho – 341v  
 Sabeacica – 327v  
 Sacoatinga – 318r  
 Sacy – 337v  
 Sagoa – 352v  
 Sagui (cor de asafraão) – 291r  
 Sahy – 342v  
 Sairú – 352v  
 Salsa – 364r  
 Salsa parilha – 363v  
 Salsafra – 362r  
 Salva – 372v  
 Salva de folhas redondas – 372v  
  
 Salvas – 403r  
 Samambaya merim – 396v  
 Samora – 344r  
 Sanambú – 301r  
 Sanhasú – 342r  
 Santopeya – 303r  
 Sapé- 376v  
 Sapo – 312r  
 Sapocaya – 394r  
 Sapucaya – 362r  
 Saracura – 341r  
 Saracurusú – 341r  
 Sara-sara – 318r  
 Sarça – 333r  
 Sardinhas – 351v  
 Sardinhas – 352v  
 Sargo – 351v  
 Sariema – 335r  
 Sarigoea – 294v  
 Sariguéia – nota 139  
 Sassafras – 402v  
 Savelha – 352r  
 Sebola sencem – 381r  
 Sedro – 361v  
 Sedro macho – 361v  
 Sererica – 327v  
 Seriba – 396r  
 Serralha – 374v  
 Servo – 289v  
 Seucena – 383r  
 Siciba – 403r  
 Sipi – 378r  
 Sipó de chumbo – 377v  
 Sipó de chumbo – 377v  
 Socó – 341r  
 Socó asú – 341r  
 Soco merim – 341r  
 Socori – 311v  
 Soindara – 336v  
 Sopipira – 361r  
 Sorobá – 332r  
 Sorobi – 352v  
 Sorocohá – 330v  
 Sorocúcú – 310r  
 Sorocúcú legitimo – 310r  
 Sorocucú tinga – 310r  
 Sororoca – 351v  
 Suasua – 368v  
  
 Sucerana – 287v  
  
 Taan – 340r  
 Tabebuya – 362r  
 Taboyaya – 339v  
 Tacoara – 395v  
 Tacoarosú – 395v  
 Taetetu – 287r  
 Tainha – 351v  
 Talhamar – 341v  
 Tamandoa – 293r  
 Tamandoa (huns grandes) – 293r  
 Tamandoa (outros rasteiros) – 293r  
 Tamanduá – nota 121  
 Tamaru – 354v  
 Tanandú – 362r  
 Tangerinas – 392v  
 Tanhoróm – 375r  
 Tapema – 335v  
 Tapiaira – 344v  
 Tapinhoan – 361r  
 Tapiocaba – 344v  
 Tartaruga – 305r  
 Tartaruga fina – nota 217  
 Tatú – 293v  
 Tatú ahiba – 293v  
 Tatú asú – 293v  
 Tatuete – 203v  
 Tatuim – 354v  
 Tatumerim – 293v  
 Taubarana – 352v  
 Taubira – 352v  
 Tayabucú – 352v  
 Tayasú eté – 287r  
 Tayasuuuttirica – 287r  
 Tayoba – 390r  
 Tayobosú – 375r  
 Tayuyá – 370v  
 Terenteren – 327v  
 Teriba – 327v  
 Térotéro – 340r  
 Tigre – 187v  
 Tihe (incarnado) – 342v  
 Tihe (preto e pardo) – 342v  
 Timbó – 366r  
 Timbó – 377r  
 Timbo do campo – 373r

Timbó-peba – 377r	Tuyumerim – 344v	Ururahý – 304v
Timboúba – 362r	Tuyúyú – 339r	Urúrahý ou de papo amarelo – nota 204
Timboúba branco – 362r	Ubatinga – 362r	Urutao – 337r
Timboúba pardo – 362r	Umbú – 394r	Uva camuci – 392r
Timboúba preto – 362r	Umeri – 400v	Uva pitanga – 394v
Timboúba vermelho – 362r	Uracica – 361v	Uvapitanga – 392r
Tingui – 330v	Urahy – 327v	Uvapuranga – 392r
Tingui – 362v	Urajú – 362r	Uvauna – 392r
Tintoreira – 349v	Uramixá — 361v	
Titerica – nota 77	Urandi – 361r	Veado – 289r
Toató – 335v	Uranema – 365v	Veado (tirados a azues) – 289v
Tocanguira – 318r	Urapenim – 362r	Veado branco – 289v
Tocano – 332r	Urapenima – 361v	Veado pardo – 289v
Tocano su – 332r	Urapiapunha – 361v	Veado virá – 289v
Tocúm – 396r	Urapitanga – 361v	Veados (altos pernalongos) – 289v
Tocumasú – 396r	Urapoca – 361r	Vermelho – 352r
Tocumboca – 396r	Urapohy – 344v	Vinhatico – 362r
Toim – 327v	Uráponga – 330r	Violete – 361v
Tornasol – 382r	Uratahy – 361v	Violla – 349v
Tracajas – nota 220	Uratipoca – 339v	Virabosta – 342r
Traira – 352v	Urauna – 361r	Voadores – 352r
Tramelga – 353r	Uraxupé – 344v	
Trepouraba – 370r	Urú – 331v	Xá – 374r
Trinta reis – 341v	Urubú – 333r	Xarelletes – 351v
Triste dia – 342v	Urucurána – 363r	Xareo – 351v
Tubaram – 349v	Urucurúa – 336v	Xaxá – 401r
Tubuna – 344v	Urumbeba – 369v	
Tunga – 322v	Urupua – 344v	Xerelletoens – 351v
Tuyubusú – 344v		Zebele – 335v